ANAIS

CONFLUÊNCIAS 2024

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA

17 A 20 DE SETEMBRO | UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA | BELÉM (PA)

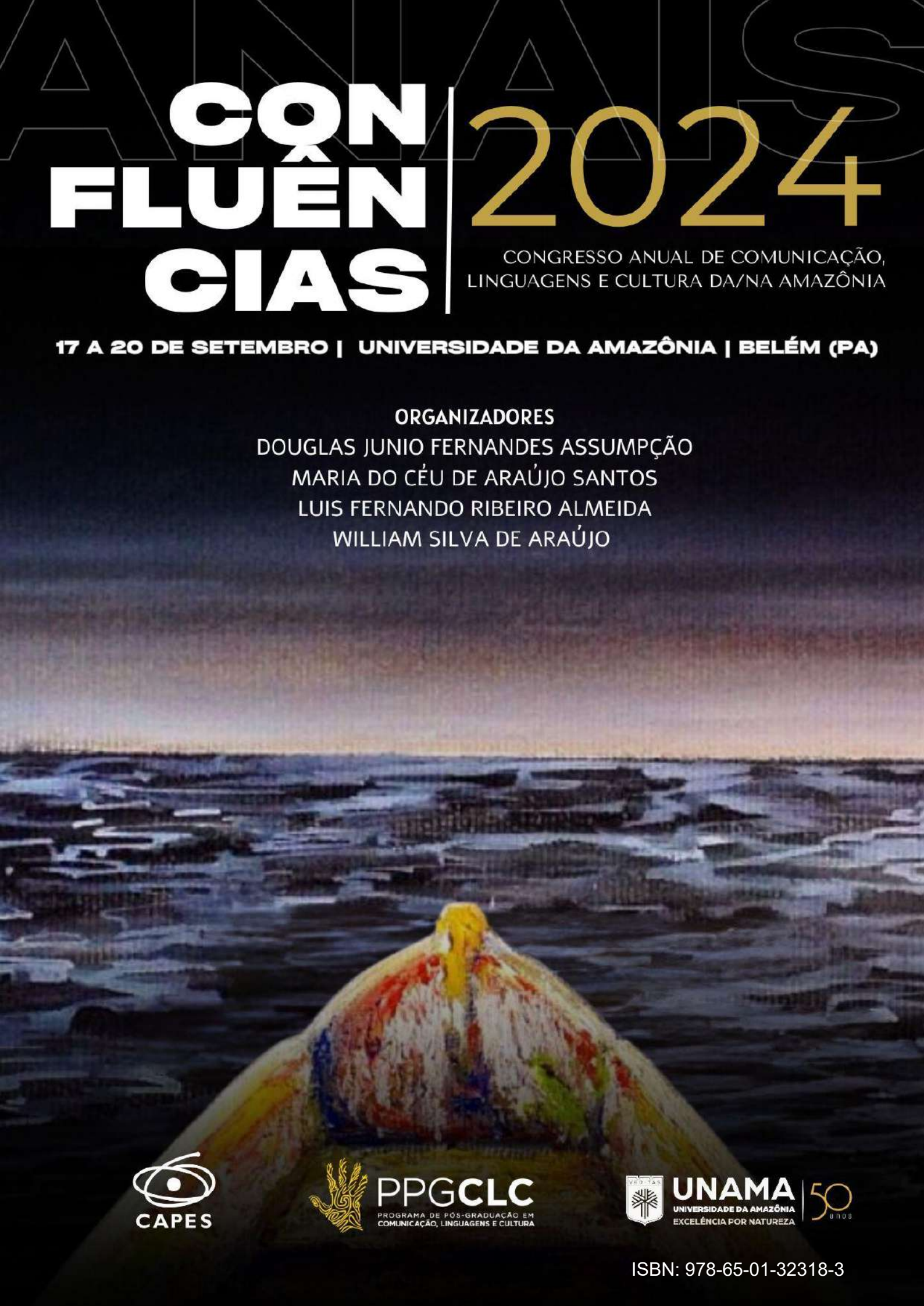
ORGANIZADORES

DOUGLAS JUNIO FERNANDES ASSUMPÇÃO

MARIA DO CÉU DE ARAÚJO SANTOS

LUIS FERNANDO RIBEIRO ALMEIDA

WILLIAM SILVA DE ARAÚJO



CAPES

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

UNAMA
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA
EXCELÊNCIA POR NATUREZA
50 anos

ISBN: 978-65-01-32318-3

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA

CONFLUÊNCIAS 2024

XI CONFLUÊNCIAS 2024

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA

17 a 20 de setembro de 2024
Universidade da Amazônia (UNAMA)
Belém (PA)

Organização

Douglas Junio Fernandes Assumpção
Maria do Céu de Araújo Santos
Luis Fernando Ribeiro Almeida
William Silva de Araujo

CAPES

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

UNAMA
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA
EXCELÊNCIA POR NATUREZA
50 anos

@2024 Universidade da Amazônia

COMISSÕES DO XI CONFLUÊNCIAS

COMITÊ ORGANIZADOR:

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Ivana Oliveira (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dra. Maria do Céu Santos (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Nathan Kabuenge (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros (PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO:

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Maria do Céu de Araújo Santos (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Me. Luis Fernando Ribeiro Almeida (Doutorando - PPGCLC/UNAMA)
William Silva de Araujo (Mestrando - PPGCLC/UNAMA)

ILUSTRAÇÃO
Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (UFPA)

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)
Edson Silva de Aquino Júnior (Mestrando – PPGCLC/UNAMA)
Prof. Me. Luis Fernando Ribeiro Almeida (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO:

Profa. Dra. Ivana Cláudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros (PPGCLC/UNAMA)
Lucas Matheus Santos Porto (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE APOIO/BOLSISTAS:

André Felipe da Costa Cunha
Cleuma Roberta de Souza Marinho
Edson Silva de Aquino Júnior
Juliana Salame de Lima Torres
Leonardo José Góes Oliveira
Lucas Matheus Santos Porto
Luis Fernando Ribeiro Almeida
Natália Cristina dos Santos Silva da Costa
Paulo Uiris da Silva Gomes
Raimunda Gomes Maciel
Walquíria Marcelina de Almeida
Willian Silva de Araujo
Yasmin Gomes

CAPES
PPGCLC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA
UNAMA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA EXCELÊNCIA POR NATUREZA 50 anos

EXPEDIENTE

Chanceler do GRUPO SER Educacional
Prof. Dr. José Janguiê Bezerra Diniz

Reitora
Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão
Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros

Conselho Editorial
Aldrin Moura de Figueiredo (UFPA)
Carlos Henrique Lopes de Almeida (UFPA)
Dirk Jurgen Oesselmann (Universidade Protestante de Freiburg)
Elisa Maria Pinheiro de Souza (UEPA)
Janio Roque Barros de Castro (UNEB)
José Alcides Ribeiro (USP)
José Guilherme de Oliveira Castro (UNAMA)
José Mariano Klautau de Araújo Filho (UNAMA)
José Ribamar Ferreira Júnior (UFMA)
Lívia Afonso de Aquino (FAAP)
Luciana Gonçalves de Carvalho (UFOPA)
Márcia Marques de Morais (PUC-MG)
Maria Adelina Amorim (ULisboa, Portugal)
Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (UEPA)
Paulo Jorge Martins Nunes (UNAMA)
Rafael José dos Santos (UCS)
Thiago Almeida Barros (UNAMA)
Valter do Carmo Cruz (UFF)
Valzeli Figueira Sampaio (UFPA)

Revisão
Autores e Orientadores
Editoração Eletrônica
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Me. Luis Fernando Ribeiro Almeida (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)
Prof. William Silva de Araujo (Mestrando – PPGCLC/UNAMA)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laurena Maria Moraes da Costa
CRB2/ 1519

Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia – Confluências (11.:2024: Belém)

Anais do XI Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia – Confluências. / organizado por: Douglas Junio Fernandes Assumpção; Maria do Céu de Araújo Santos; Luís Fernando Ribeiro Almeida; William Silva de Araújo. Belém: Unama, 2024.

532 p.
ISBN: 978-65-01-32318-3

1. Interdisciplinaridade. 2. Comunicação. 3. Linguagens. 4. Cultura. 5. Amazônia. I. Assumpção, Douglas Junio Fernades. II. Santos, Maria do Cèu de Araújo. III. Almeida, Luís Fernando Ribeiro. IV. Araújo, William Silva de. V. Título.
CDD: 401.4







CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA

CONFLUÊNCIAS 2024

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....10
Organizadores

ST1: INTERSEÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO AMAZÔNICO.....11

GRUPO VIVENCIAL NA ESCOLA: ENCONTROS, TROCAS E REFLEXÕES.....12
Jefferson Luis da Silva Cardoso
Rosângela Araújo Darwich

PATRIARCALISMO EM "A HORA E VEZ" DE AUGUSTO MATRAGA.....28
Luciléa dos Santos Albuquerque Baltazar
Douglas Junio Fernandes Assumpção

VIDAS PERIFÉRICAS: REGISTRO FOTOGRÁFICO AMAZÔNICO DE BRUNO CARACHESTI.....44
Ana Clara Solon Rufino
Rosângela Araújo Darwich

RESILIÊNCIA E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA REGIÃO AMAZÔNICA.....59
Marlene Silva de Moura
Rosângela Araújo Darwich

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: CIÊNCIA OU FICÇÃO?.....73
Paulo Uiris da Silva Gomes

MINDFULNESS E LEITURA PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA EXPERIÊNCIA TERAPÊUTICA.....92
Thainá Guimarães Durães Souza
Rosângela Araújo Darwich

A SELVA DESCONSTRUÍDA: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES AMAZÔNICAS NA OBRA DE FERREIRA DE CASTRO.....107
Ingrid Nascimento Batista
Cleuma Roberta de Souza Marinho
José Adnilton Oliveira Ferreira

EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA:
DIFERENTES SENTIDOS DO CONHECIMENTO.....121
Matheus Reichelt Flores
Rosângela Araújo Darwich

O PAPAGAIO E NEGO TINTA.....136
Ana Cláudia de Almeida Monteiro
José Guilherme de Oliveira Castro

ST2: DIVERSIDADE E INCLUSÃO EDUCACIONAL
E CORRELATAS EM SABERES E PRÁTICAS
DE PROTAGONISMO AMAZÔNIDA.....147

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)
NA AMAZÔNIA DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES NA BUSCAR
PELA SEGUNDA CHANCE EDUCACIONAL.....148
Ricardo Ribeiro
Jaqueline Bandeira

ENSINO COLABORATIVO: INCLUSÃO DOS ALUNOS COM AUTISMO
NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS.....164
Maria Rosa da Luz Lopes da Conceição
Dilma Terezinha da Silva Barreto

EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO,
UM REVELAR DE AÇÕES PARA A EFETIVA INCLUSÃO ESCOLAR.....177
Dilma Terezinha da Silva Barreto
Maria Rosa da Luz Lopes da Conceição

POLÍTICAS DE INCLUSÃO PARA REDE REGULAR
DE ENSINO EM MACAPÁ-AP: FORMAÇÃO DOCENTE.....190
Maria Rosa da Luz Lopes da Conceição
Ronaldo Manassés Rodrigues Campos

AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO ESTRUTURADO NA
PRÁTICA DOCENTE NA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA.....205
Cristina Picanço de Sousa Corrêa

EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: DESAFIOS E SOLUÇÕES
PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E CONTEXTUALIZADA.....220
Raimunda Gomes Maciel
Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo
Ana D'Arc Martins de Azevedo

DISLEXIA: FORMAÇÃO PARA FAMÍLIA E DESAFIOS ENFRENTADOS.....231
Walquíria Marcelina de Almeida
Alzira Maria Mendes Ferreira Passos
Rosângela Araújo Darwich

A EDUCAÇÃO INDÍGENA INTERCULTURAL PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA.....246
Ingrid Nascimento Batista
Cleuma Roberta de Souza Marinho
José Adnilton Oliveira Ferreira

ST3: NARRATIVAS, CIDADES E TECNOLOGIAS: UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA.....264

BELÉM NO CONTEXTO DAS CIDADES INTELIGENTES E MOBILIDADE URBANA.....265
Edson Silva de Aquino Júnior
Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes
Amanda Roberta Botelho Menezes

INFLUENCIADORES DIGITAIS: A REALIDADE INDÍGENA NARRADA NO INSTAGRAM DE NICE TUPINAMBÁ.....277
Lucas Matheus Santos Porto

ESTRATÉGIAS DE MARKETING UTILIZADAS PELO CLUBE DO REMO EM CAMPANHA SOCIOAMBIENTAL NO FUTEBOL.....291
Luann Victor Chermont de Oliveira
André Felipe da Costa Cunha
Douglas Junio Fernandes Assumpção
Izabela da Silva Jatene

CIDADES FLUTUANTES NA AMAZÔNIA: COISA DO PASSADO? OU A SOLUÇÃO PARA O FUTURO?.....311
Ana Maria Schuch Araújo
Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes
Daiane Regina Valentini

A CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA PARA A SEGURANÇA PÚBLICA NA AMAZÔNIA.....324
Juliana Salame de Lima Torres
Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

ST4: EXPRESSÕES DA DIVERSIDADE CULTURAL AMAZÔNICA E RESISTÊNCIA ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS.....336

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO A EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA.....337
Adrielle Silva Pinheiro
Thiago Almeida Barros

MEU PARÁ DO CURIMBÓ RITMADO AO ERUDITO CARIMBOLESCO DE SERGUEI FIRSANOV.....353
Natália Cristina dos Santos Silva da Costa
Eduardo Soares Neves de Oliveira

ST5: VOZES E ESCRITURAS NA AMAZÔNIA: CONEXÕES ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....368

DIVERSIDADE CULTURAL NAS VOZES DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS RIBEIRINHAS DE BELÉM/PA.....369
Jefferson Luis da Silva Cardoso
Rosângela Araújo Darwich

VOZES E ESCRITURAS NA AMAZÔNIA: O LEGADO DE DULCINÉIA PARAENSE PARA A LITERATURA.....384
Luci Mary Corrêa Lopes

ST6: AMAZÔNIA E SUAS TEMPORALIDADES: NARRATIVIZAÇÃO SOCIOCULTURAL DA REGIÃO COMO UM DEVIR SER.....397

CONEXÕES E CONTRASTES ENTRE A ACADEMIA DO PEIXE FRITO E O MOVIMENTO DO HIP-HOP EM BELÉM.....398
Andressa D'Angellis Silva Santos
Talita de Oliveira Mendes
Marcos Valério Reis

O DESENVOLVIMENTO URBANO E APAGAMENTO CULTURAL AMAZÔNICO.....413
Adrielle Silva Pinheiro
Antônio Darlan de Oliveira Holanda
Gisele Regina Corrêa dos Santos

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NOS JORNAIS DE BELÉM DO PARÁ: REPRESENTAÇÃO, CULTURA E DISCURSO.....426
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira
Luna Carvalho de Lucena

ST7: AMAZÔNIAS: (DIS)SIMULAÇÕES, (DES)LEITURAS E (DES)ENREDOS ENTRE LITERATURA, IMAGEM E ARTES VISUAIS.....443

A ALEGORIA DO URUBU EM CASTANHA DO PARÁ.....444
Ellen Aline da Silva de Sousa
Marina Ramos Neves de Castro

A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA: REPRESENTAÇÕES E DISCUSSÕES NAS OBRAS DE MARISE MAUÉS E DIAS JR......458
Leonardo José Góes Oliveira

ARTIVISMO: A EVOLUÇÃO DA ARTE COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E POLÍTICA.....473
Ana Luiza Cavallare Ferreira
Vera Maria Segurado Pimentel

UM OLHAR EM EIMAR TAVARES, COMUNICAÇÃO E IMAGEM COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA.....486
William Silva de Araújo
Paulo Jorge Martins Nunes
Natália Cristina dos Santos Silva da Costa

ENTRE O REAL E O SOBRENATURAL: ANÁLISE DO CONTO PROCISSÃO DAS ALMAS.....498
Claudio Guedes de Souza
Rafaella Contente Pereira da Costa

CORPOS EXPRESSIVOS: NARRATIVAS VISUAIS ENTRE AS OBRAS DE WILLEM DE KOONING E DINA DE OLIVEIRA.....509
Yasmin Gomes

PROGRAMAÇÃO COMPLETA.....521

APRESENTAÇÃO

O XI CONFLUÊNCIAS (Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia) aconteceu no período de 17 a 20 de setembro de 2024 na Universidade da Amazônia (UNAMA), na cidade de Belém (PA). O encontro foi promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), com o objetivo de proporcionar debates e reflexões entre pesquisas científicas que circundam a interdisciplinaridade de conhecimentos e de saberes nos campos social, comunicacional, linguístico, cultural e artístico.

Em 2024, o CONFLUÊNCIAS debateu o tema “Entre fronteiras e horizontes: diálogos e narrativas para o futuro amazônico”, refletindo sobre a interconexão entre mudanças climáticas e os aspectos culturais da região. A Amazônia, como um dos ecossistemas mais significativos do planeta, tem sido sistematicamente impactada pelas transformações climáticas globais. A percepção desse fenômeno não pode ser dissociada das comunidades locais e suas práticas culturais, moldadas ao longo de gerações pela relação simbiótica com a natureza. Nesse pormenor, o XI CONFLUÊNCIAS, portanto, buscou destacar a necessidade de compreendermos não apenas as implicações ambientais das mudanças climáticas na região, mas também como essas transformações afetam as tradições, o modo de vida e a identidade cultural dos povos das diferentes amazônias.

Na presente edição, o evento contou com 07 (sete) Simpósios de Trabalho (ST) para apresentação de artigos. ST1: Interseções entre Literatura e Psicologia na construção do futuro amazônico; ST2: Diversidade e inclusão educacional e correlatas em saberes e práticas de protagonismo amazônida; ST3: Narrativas, Cidades e Tecnologias: um olhar para a Amazônia; ST4: Expressões da diversidade cultural amazônica e resistência às mudanças climáticas; ST5: Vozes e escrituras na amazônia: conexões entre educação e comunicação; ST6: Amazônia e suas temporalidades: narrativização sociocultural da região como um devir ser; ST7: Amazônias: (dis)simulações, (des)leituras e (des)enredos entre literatura, imagem e artes visuais.

Em suma, os Simpósios Temáticos do XI CONFLUÊNCIAS contaram com um número significativo de trabalhos aprovados para apresentação em formato de Comunicação Oral. Os STs, além de contarem com a participação de discentes da Universidade da Amazônia (UNAMA, também receberam trabalhos de diversas instituições, a saber: UFRA, Universidade de Lisboa, UNB, UECE, UNIFAP, UEPA, Faculdade Meta, UFPA, UFFS, UNIR – RO, IFPA, PUC-RIO.

Belém, 12 dezembro de 2024.

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGCLC | PPAD | UNAMA)
Profa.Dra. Maria do Céu de Araújo Santos (PPGCLC | UNAMA)
Luis Fernando Ribeiro Almeida (Doutorando - PPGCLC | UNAMA)
William Silva de Araujo (Mestrando - PPGCLC | UNAMA)

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA
CONFLUÊNCIAS 2024

ST1
INTERSEÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO AMAZÔNICO

Coordenadores:
Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro.
Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich.
Prof. Me. Luis Fernando Ribeiro Almeida (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)

Resumo: O ST “Interseções entre literatura e psicologia na construção do futuro amazônico” acolheu contribuições que promoveram o diálogo entre literatura e psicologia, incentivando a reflexão crítica e a colaboração interdisciplinar para o entendimento e a promoção do futuro amazônico. O objetivo foi inter-relacionar perspectivas características das duas áreas de conhecimento no espaço amazônico, valorizando suas transformações constantes diante do entrelaçamento de fronteiras geográficas e culturais.

CAPES
PPGCLC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA
UNAMA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA EXCELÊNCIA POR NATUREZA 50 anos

GRUPO VIVENCIAL NA ESCOLA: ENCONTROS, TROCAS E REFLEXÕES[1]

GROUP AT SCHOOL: MEETINGS, EXCHANGES AND REFLECTIONS

GRUPO DE EXPERIENCIA EN LA ESCUELA: ENCUENTROS, INTERCAMBIOS Y REFLEXIONES

Jefferson Luis da Silva Cardoso[2]

Rosângela Araújo Darwich[3]

Resumo: O trabalho é um relato de experiência profissional, resultado de intervenção vivencial em uma escola pública do estado do Pará. O objetivo é refletir sobre a importância do trabalho psicomotivacional com crianças e pré-adolescentes no ambiente escolar, na direção do autocontrole emocional, autonomia e independência de ações coletivas. A metodologia tem abordagem qualitativa, intervenção vivencial com 42 alunos e faz análise interpretativa dos resultados. Em conclusão, as ações do grupo vivencial contribuíram para melhoria da realidade imediata, tanto dos profissionais envolvidos, quanto do público-alvo a partir de temas geradores, como respeito, compaixão e gentileza.

Palavras-chave: Abordagem vivencial, Psicologia educacional, Intervenção em ambiente escolar.

Abstract: The work is a report of professional experience, the result of an experiential intervention in a public school in the state of Pará. The objective is to reflect on the importance of psychomotivational work with children and pre-adolescents in the school environment, towards emotional self-control, autonomy and independence of collective actions. The methodology has a qualitative approach, experiential intervention with 42 students and interpretive analysis of the results. In conclusion, the actions of the experiential group contributed to improving the immediate reality, both of the professionals involved and the target audience based on generating themes, such as respect, compassion and kindness.

Keywords: Experiential approach, Educational psychology, Intervention in a school environment.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST1: Interseções entre Literatura e Psicologia na Construção do Futuro Amazônico do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA, Professor Assistente da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, jefferson.cardoso@ufra.edu.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7413-5467

[3] Doutora em Psicologia pela UFPA, professora titular do PPGCLC e do curso de Psicologia da UNAMA, rosangeladarwich@yahoo.com.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

Resumen: El trabajo es un relato de experiencia profesional, resultado de una intervención vivencial en una escuela pública del estado de Pará. El objetivo es reflexionar sobre la importancia del trabajo psicomotivacional con niños y preadolescentes en el ambiente escolar, hacia el yo emocional. -control, autonomía e independencia de las acciones colectivas. La metodología tiene un enfoque cualitativo, intervención experiencial con 42 estudiantes y análisis interpretativo de los resultados. En conclusión, las acciones del grupo experiencial contribuyeron a mejorar la realidad inmediata, tanto de los profesionales involucrados como del público objetivo, a partir de temas generadores, como el respeto, la compasión y la bondad.

Palavras clave: Enfoque experiencial, Psicología educativa, Intervención en el entorno escolar.

1. INTRODUÇÃO

O ambiente escolar congrega uma diversidade de conhecimentos, saberes e práticas sociais que traduz os diferentes tempos sociais, tendo participação ativa no processo de emancipação integral do ser humano, incluindo seus modos de ser e viver em coletividade. Nesse contexto, as relações estabelecidas nas escolas são literalmente repletas de simbolismo, anacronismos e horizontes possíveis para construção de uma sociedade mais justa, igualitária, equitativa e democrática. Embora o trabalho educacional realizado pelas instituições de ensino seja fundamental, a interação com seres humanos envolve divergências, desentendimentos, diferentes comportamentos, atitudes e sentimentos diversos, os quais têm sido transformados em um trabalho social de orientação por parte dos profissionais da educação.

Surgem, no contexto escolar, os profissionais que atuam na área da psicologia, no sentido de conduzir as situações que ocorrem na ambiência educativa. A psicopedagogia, por exemplo, atua na premissa de alinhar os saberes e práticas da pedagogia à psicologia, recebendo a influência direta de outras áreas, como medicina e neuropsicologia, com base em perspectivas como a humanística-existencial. Esta corrente filosófica aposta na visão de ser humano que é capaz de realizar suas próprias escolhas, o conduz ao reconhecimento de suas potencialidades e fraquezas, no sentido de lidar com suas emoções e buscar o autocontrole emocional (Rusu, 2019).

Dessa forma, o presente relato faz parte das ações do grupo de pesquisa que aborda temas relacionados a “Vivências e Resiliência”, vinculado a uma

Universidade particular em funcionamento no estado do Pará, que congrega pesquisadores, professores e alunos de graduação e da pós-graduação, além de profissionais da psicologia e de áreas correlatas, apresentando um trabalho em várias frentes de atuação que abrange de crianças a idosos, no sentido de contribuir para com o equilíbrio da saúde mental e física dos envolvidos.

Em linhas gerais, o presente texto é um relato de dois processos de formação e vivência, o primeiro organizado e sistematizado com alunos do curso de Psicologia da Universidade participante e o segundo, com crianças e jovens que são alunos do 6º ano e do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual. O objetivo é refletir sobre a importância do trabalho motivacional com crianças e pré-adolescentes no ambiente escolar, na direção do autocontrole emocional, autonomia e independência de ações coletivas.

2. ABORDAGEM VIVENCIAL NA ESCOLA: PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS EM DESTAQUE

A escola, como instância formadora de uma sociedade, tem papel fundamental para que os sujeitos lá inseridos, possam tornar-se independentes e autônomos de suas decisões. Nas considerações de Dubet (2011), a socialização por meio da escola, que possui seus valores e regras, possibilita aos educandos a formação e o desenvolvimento das suas subjetividades, permitindo assim, que o processo crítico-reflexivo seja alcançado, trabalhado e executado pelo homem escolarizado. Na mesma linha de raciocínio, a socialização é vista por Piletti (1986), como uma ambientação aos processos sociais de agir, pensar e sentir, para que seus desejos e sentimentos sejam permitidos socialmente.

Diante disso, a vida na coletividade exige seguir certos padrões sociais, para que a boa convivência seja experimentada e obtenha, mais reflexos positivos do que negativos na vida das pessoas, uma vez que “[...] para sua manutenção individual e sobrevivência como vida da espécie requer a companhia de outros.” já indica Arendt (2007, p. 40), sobre a necessidade humana de compartilhar experiências, saberes e práticas sociais. Nesse contexto, os papéis sociais devem ser delimitados pelas relações estabelecidas

na condição “Eu e o Outro” e vice-versa, no sentido de compreender que “[...] existem outros egos individuais de natureza psíquica, exteriores a nós, mas que somos incapazes de apreender de uma forma adequada naquilo que constitui a sua essência. Isto é algo absolutamente evidente” (Scheler, 1971, p. 353), sendo necessária à consciência coletiva.

No cotidiano escolar por exemplo, os sujeitos com suas subjetividades que inclui visões, ações e reflexões, estão imbricados na extensa relação social que demanda relacionamentos, cuidados, compaixão, alteridades e resiliências, fatores imprescindíveis para construção de um ambiente relacional saudável e permeado pelo respeito mútuo. Na observação de Honneth (1996), esse ambiente exige o exercício da vida social, que segundo o autor, é governada pelo reconhecimento de si e do outro, para que sejam legitimadas as necessidades dos sujeitos, até porque “[...] jamais pensamos sozinhos, mas sempre na corrente de um diálogo ou de um multidiálogo, real ou imaginado” (Lévy, 2000, p.97) que possui ressonância na realidade imediata.

Nesse convívio das trocas escolares coletivas, a figura de profissionais, formados na área da psicologia pode contribuir para que grandes mudanças ocorram na realidade escolar, como por exemplo, possibilitar aos envolvidos a capacidade de evolução psicossocial, no sentido do ser, pensar e agir. No ambiente escolar, costuma-se organizar da melhor maneira possível, as condições para que o ensino aconteça de forma satisfatória, tanto sobre os fatores da aprendizagem dos alunos, quanto da solução dos problemas oriundos da sala de aula (Weiss, 2001). Nos apontamentos de Castro (2014), o psicopedagogo institucional, além de preocupar-se com os processos de aprendizagem dos alunos, está também, focado em contribuir nas relações interpessoais entre alunos e professores, na medida em que, pretende revelar principalmente aos alunos, que cada sujeito possui sua personalidade, subjetividade e experiências próprias, o que torna a convivência mútua em um grande cenário de descobertas na relação - Eu e o Outro.

Na intenção máxima de contribuir para harmonia do ambiente escolar, pontua-se que

> não existe atuação psicopedagógica na escola sem a postura do ouvir, do falar e do propor. A intervenção do psicopedagogo tem

> que está regada do seu saber, da sua criatividade, da sua perspicácia, para que tenha condições de adaptar o trabalho a que se propõe, de acordo com as necessidades e possibilidades do contexto educacional em que está atuando (Pontes, 2010, p.426).

Apesar da inegável participação e contribuição dos psicopedagogos nas escolas, o ideal é que os psicólogos possam, cada vez mais, fazer-se presente neste local, haja vista sua oportuna visão para o processo de desenvolvimento das pessoas. No contexto escolar eles acompanham os processos de ensino e aprendizagem; contribuem com o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da comunidade escolar; destacam a função social da escola na promoção de cidadania e equilibram a saúde metal e física da comunidade escolar (Martínez, 2010; Cassins *et al*, 2007). O próprio Conselho Federal de Psicologia na Resolução nº 013/07, relaciona a Escola como campo de atuação e focado em três áreas correlacionadas: 1) Atua na elaboração do Projeto Pedagógico; 2) Desenvolvimento de novos procedimentos educacionais; e, 3) Intervenção no clima educacional (CFP, 2007).

Assim, Andrada (2005, p. 137) indica que,

> em meio a estas práticas centrais, o psicólogo escolar tenta solidificar sua atuação profissional e capacitar-se tecnicamente para atender as demandas peculiares da escola. Torna-se imprescindível, então, que ele adentre o universo dos mais variados diálogos da educação, [...] propostas de trabalho que visem a uma ressignificação de olhares sobre o aluno e à redução de rotulações e diagnósticos desprovidos de análises e observações convincentes.

O cenário aponta que o psicólogo no ambiente escolar tem a possibilidade de, em conjunto com a equipe pedagógica e professores, repassar o conhecimento da área para que o aluno seja observado na sua diversidade e, ao mesmo tempo, na sua unicidade. Patto (1997), adverte que este encaminhamento faz com que os professores otimizem as aprendizagens dos alunos com base na transposição reflexiva dos conteúdos trabalhados em sala de aula, no sentido de que seja útil para sua construção social, cultural e humana. No mesmo horizonte, Almeida (2006) enfatiza que a atuação dos psicólogos na escola, possui um caráter humanizador, na medida em que, atua para antecipar, reconhecer e solucionar problemas psicossociais que tem

impedido, por vezes, a autorrealização dos alunos e inibido suas potencialidades. Por tudo isso, tem sido cada vez necessária e oportuna, sua presença na escola pública.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho adotou a abordagem qualitativa, considerando as impressões pessoais, relações e experiências sociais que permitem reconhecer as especificidades dos fenômenos observados. Foi realizado um estudo descritivo de caráter bibliográfico, a fim de levantar publicações científicas que permitissem conhecer o que já foi produzido sobre o assunto em análise (Gil, 2008; Severino, 2013).

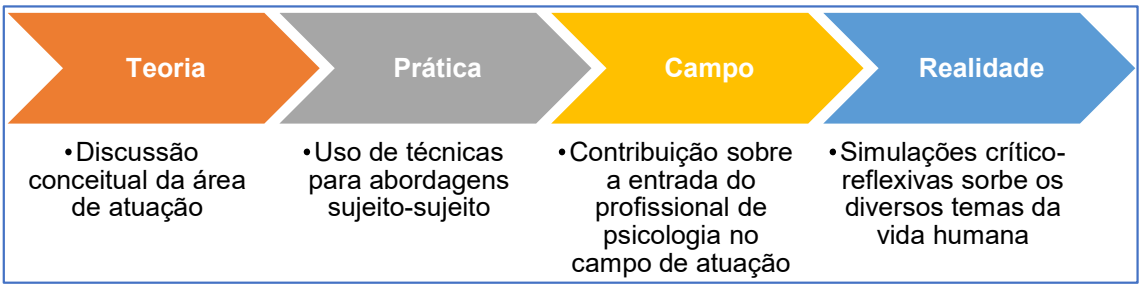
A pesquisa intervenção fez parte do itinerário da pesquisa, haja vista sua capacidade de investigar a vida coletiva na sua diversidade e caráter sociopolítico (Rocha, 2001). Por fim, realizou-se uma análise interpretativa dos autores que fazem parte do referencial teórico no sentido de evidenciar a importância da psicopedagogia no ambiente escolar e sua ressonância para o controle das emoções, do autorreconhecimento e da autonomia sentimental da comunidade escolar com foco no alunado (Flick, 2009).

4. A VIVÊNCIA EDUCACIONAL EM DOIS MOVIMENTOS

4.1. Primeiro encontro: formação com estudantes de Psicologia

As vivências vinculadas ao projeto, buscam, entre vários objetivos, fornecer repertório teórico-prático para condução de atividades com diversos públicos, crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos. O encontro com os estudantes de psicologia possui um caráter múltiplo, que pode ser melhor observado na ilustração a seguir, uma vez que busca a sólida formação profissional baseada em acontecimentos reais do cotidiano, para que compreendam seu papel na interação com o outro e assim, possam conduzir os sujeitos ao autocontrole de suas emoções, ações e deliberações no confronto com a diversidade social.

Imagem 1. Contribuição dos encontros vivenciais para os profissionais em formação



Fonte: produção dos autores (2024)

O encontro com os estudantes de Psicologia aconteceu nas dependências da instituição, que cursavam diferentes períodos, aconteceu no primeiro semestre de 2023, com o tema “Afetividade no trabalho com crianças: o papel do facilitador na condução das emoções” e contou com a participação de quinze alunos em três momentos: 1) Abordagem teórica do tema proposto e 2) Produção de material didático sobre o tema e 3) Exposição do material produzido.

Assim, no primeiro momento foi discutido os seguintes assuntos:

1) *Os diferentes espaços pelos quais os psicólogos atuam* – ambiente escolar, empresarial, organizações públicas, jurídicas, esporte e lazer, clínicas, hospitais, organizações não-governamentais e outras.
2) *A afetividade no trabalho com crianças* – foi abordada a perspectiva socioafetiva de Henri Wallon, baseada na visão sociocultural que estimula a autopercepção, desenvolvimento do pensamento infantil, o convívio criança-adultos, constituição da emoção como eixo central de seus estudos, a importância da educação como direcionadora das interações sociais e que conduzem as emoções dos sujeitos.
3) *As estratégias para mediar a inteligência emocional das crianças* – o foco na atividade com crianças é a ludicidade. A partir disso, é possível trabalhar a percepção das emoções de diversas formas, como por exemplo, arte e esporte, ajudar a identificar suas emoções em diferentes graus e intensidades, trabalhar a frustração e a resiliência a partir do autocontrole.

4) *A formação de mediadores* – o mediador é percebido como o agente que irá conduzir certas atividades e fazer as conexões necessárias entre os temas abordados com a criança e o universo infantil, no uso de diferentes técnicas e linguagens.
5) *Os diferentes papéis do facilitador* – foram trabalhadas quatro imagens fundamentais: a) Participante – com atuação ativa nas vivências; b) Aprendiz – captar, selecionar e catalogar as diferentes formas de abordagens sujeito-sujeito; c) Educador – com posição ativa no grupo e repassa conteúdos importantes sobre o tema trabalhado e, d) Mediador – conector das pontes entre os saberes, conhecimentos e práticas com as vivências reais do cotidiano.

Já no segundo instante, os alunos foram divididos em seis grupos para criação de mapas mentais como objetos didáticos diferentes e posterior apresentação. A atividade foi sistematizada conforme a imagem em tela.

Imagem 2. Mapas mentais sobre afetividade e controle das emoções

Quadro de Emoções	•elaborar um quadro para que as crianças possam apontar suas emoções
Conexão emoção - comportamento	•painel que mostra a emoção e o comporta-mento que ela produz
Check-in das emoções	•ilustrações que demonstram as emoções das crianças em diferentes situações
Espaço de Calma	•ambiente elaborado e pensado a partir de técnicas que visam o controle da respiração e paciência
Emoções em palavras	•relação de palavras e a respecitva emoção que ela representa
Exercícios de Paciência	•técnicas que permitam os sujeitos o autocontrole de suas emoções

Fonte: produção dos autores (2024)

Após a produção dos mapas mentais como destacado na imagem anterior, houve a exposição dialogada pelos participantes. Cada equipe teve dez minutos para falar sobre a atividade e a importância da técnica para o trabalho com crianças. Considerou-se a atividade um sucesso, haja vista a habilidade com que os alunos de graduação executaram seus mapas, a propriedade com que expuseram seu conhecimento sobre o assunto e a forma como pretendem

utilizar no momento em que estiveram no trabalho com o público infantil em ambientes escolares. É importante frisar o que diz Carpigiani (2000, p. 86), sobre o papel e contribuição da psicologia no contexto escolar,

> a Psicologia Educacional é uma fonte de informações que funcionam como um pano de fundo auxiliar para o educador adquirir e repensar suas ações, assim como para reformular e verificar hipóteses viáveis no contexto acadêmico, gerando pesquisa e ensinos férteis e úteis à sociedade.

Destaca-se ainda, a leveza com que os estudantes trataram do assunto, sua abordagem e firmeza nas apresentações, o que demonstra foco e determinação em seus processos de formação na universidade. Ao final, pontuaram a importância dos momentos de capacitação para sua profissão, uma vez que nessas oportunidades, podem demonstrar parte do que aprendem em sala de aula e relacionar a teoria com a prática de maneira mais efetiva para que possam trabalhar com intervenções no campo de atuação. Nessa relação, a teoria transforma de maneira consciente os fatos na sua materialização efetiva no mundo, o que dá vazão à prática, como forma do agir na realidade, na sua ação inter-humana e consciente (Candau, 2013; Vásquez, 2011).

4.2. Segundo encontro: vivência com alunos do ensino fundamental

Após o encontro com os futuros profissionais de Psicologia, a atuação se concentra em diversos grupos: crianças, jovens, adolescentes e idosos. Neste texto em especial, foca-se em dois encontros realizados em uma escola estadual de ensino fundamental e médio do bairro da Umarizal, Belém/PA. Está situada em perímetro urbano e de fácil acesso à comunidade escolar. A ação foi solicitada pela coordenação pedagógica da escola, que repassou a demanda sendo atendida posteriormente. O ambiente escolar, que pode ser considerado de grande porte, contava com 1050 matriculados àquela época, nos três turnos – manhã, tarde e noite –, que cursam entre o ensino fundamental maior e o ensino médio.

Um contexto escolar com instalações adequadas, permite uma convivência diferenciada entre os atores sociais. Quanto aos espaços, a unidade educacional visitada passava por um longo período de revitalização de todas as

suas instalações, desde o muro de entrada até os fundos. É um complexo que acomoda as salas da direção, coordenação pedagógica, secretaria escolar, sala dos professores, sala do Atendimento Educacional Especializado, Biblioteca, Sala de leitura, Laboratório de Ciências e Laboratório de informática equipado com 21 aparelhos. Ao centro a quadra coberta é circundada por 5 prédios que abrigam as dependências da comunidade escolar.

Foram duas intervenções junto a escola, a primeira classe visitada foi a do 6º ano do ensino fundamental com 20 alunos presentes na ação, que abrigava crianças e jovens com idades entre 10 e 15 anos. São 60% do gênero feminino e 40% do gênero masculino. Na percepção geral, haviam diferentes graus de aprendizagens, haja vista a série, por lei, indicar a presença de alunos com 10 anos no fluxo normal. Desse modo, a distorção série/idade é uma realidade na escola visitada. Esse primeiro encontro contou com a presença do palestrante e de uma graduanda de psicologia. O tema trabalhado foi “Atitudes” a partir do texto “Três faces da mesma moeda: respeito, gentileza e compaixão” e teve como objetivo principal sensibilizar os participantes sobre os sentimentos envolvidos que podem determinar a gratidão.

No início, foi dado as boas-vindas a todos, houve apresentação do palestrante – primeiro autor deste texto –, e da aluna de graduação que acompanhava a vivência. Em seguida, foi realizada uma dinâmica de grupo para interação e reconhecimento dos participantes visando uma aproximação com o universo infanto-juvenil. A dinâmica foi denominada como “Roda dos Conhecidos” que tem por objetivo analisar se os participantes de determinado coletivo, que mantém convivência diária, têm um bom relacionamento entre si. Tem duração média de vinte minutos e é indicada para um grupo de até 30 pessoas. A execução mostrou que os participantes, apesar de algumas pessoas apresentarem introversão, possuem conexão uns com os outros, haja vista todos os nomes terem sido lembrados e mencionados.

O segundo encontro aconteceu com a turma do 9º ano do ensino fundamental com 22 alunos presentes na ação, com adolescentes e jovens entre 14 e 17 anos. São 50% do gênero feminino e 50% do gênero masculino. Assim como na primeira turma, há a questão da distorção idade-série, haja vista que

por ordem, a turma abrigaria alunos com 14anos. Na percepção geral, a turma foi bem difícil de ser trabalha, uma vez que se tratavam mais de adolescentes do que jovens. Foi necessário, durante o encontro, ao menos três chamadas mais incisivas para que não se perdesse o foco do trabalho. Apesar disso, a atividade aconteceu e seguiu o mesmo fluxo da primeira turma, com o mesmo tema trabalhado e houve diferenças interessantes quanto as perguntas – que será apresentado no quadro mais a frente – pois, se tratam de pessoas que caminham para o início da fase adulta e possuem outro tipo de interação social.

Desta vez foram utilizadas duas dinâmicas, por conta da agitação da turma e da fácil dispersão que ocorreu. A primeira utilizada foi “Estabelecendo conexões” que consiste no uso de um pequeno bastão apoiado no dedo indicador dos participantes em que todos estejam de pé em formato de círculo. Há diversos comandos sem deixar o bastão cair como, “todos para direita”, “todos para esquerda”, “fechando o círculo”, “sobe”, “desce”, etc. para que se perceba o nível de concentração e entrosamento entre os participantes. A segunda dinâmica, realizada após 45minutos em relação a primeira, foi chamada de “Rede de apoio” em que os participantes, primeiro são separados aos pares e postos frente a frente. Nesta posição, o comando é braço direito no ombro do amigo e perna esquerda levantada. A missão é fazer o movimento para baixo sem cair. Na segunda parte, em formato de círculo, o braço direito segue para o colega do lado e a perna direita é erguida. Pede-se nesse momento que fiquem na posição de sentar sem que ninguém solte ou caia no chão. A proposta é perceber o quanto necessitamos do próximo para realizar diversas tarefas.

Logo após as dinâmicas, é dado início as rodas de conversa sobre o tema proposto. Houve explanação em forma de questionamentos – ora com aprofundamento do palestrante, ora com perguntas direcionadas aos participantes – e, observação atenta do comportamento dos envolvidos. Como se esperava, houve diferentes interessantes entre as turmas. A primeira, por exemplo, não externou tantos conflitos entre os participantes, pela forma como se tratavam, reagiam as perguntas, participavam da dinâmica e respondiam as questões. Já a segunda turma, foi possível perceber certo distanciamento entre

algumas pessoas, o que demanda um olhar mais cuidadoso por parte da escola, no sentido de manter a harmonia e bem-estar de todos.

No que se referem as perguntas, os resultados são apresentados no quadro a seguir.

Tabela 1. Posições sobre respeito, gentileza e compaixão

Perguntas	*1ª turma - 6º ano*			*2ª turma - 9º ano*		
	Sempre	Quase sempre	Nunca	Sempre	Quase sempre	Nunca
Sente que é respeitoso com o seu próximo?	90%	0%	10%	70%	30%	0%
Exercita a paciência com o colega de sala de aula?	70%	30%	0%	60%	40%	0%
Acredita ser gentil nas suas ações coletivas diárias?	80%	20%	0%	80%	10%	10%
Consegue perceber a sua autogentileza?	70%	20%	10%	50%	30%	20%
Consegue perceber sua compaixão pelo próximo?	90%	10%	0%	70%	30%	0%
Considera-se um bom amigo(a)?	100%	0%	0%	90%	10%	0%

Fonte: produção dos autores (2024)

Foram realizadas duas perguntas de cada subtema: respeito, gentileza e compaixão, evidenciadas em sequência no quadro apresentado. Assim, pode-se perceber algumas situações interessantes entre as duas turmas. Vale a lembrança de que as idades são diferentes, assim como a percepção de si mesmo, dado o grau de complexidade do ato reflexivo. Desse modo, sobre o respeito, enquanto na primeira turma marca-se 90% que sempre se acham respeitosas, esse percentual cai para 70% na segunda turma, porém, houve registro de 10% em nunca na primeira turma. Já em relação a paciência, pode-se perceber certa similaridade nos resultados, sempre e quase sempre estiveram bem próximos em ambas as turmas, 70% e 30% para primeira turma e 60% e 40% na segunda. Nas indicações de Freire (1996, p. 27) o respeito “[...] é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” e que deve sempre prevalecer nas relações sociais.

No que se refere a gentileza, a maioria dos participantes acha-se gentil, uma vez que não houve marcação de nunca para turma do 6º ano. Já o 9º ano, registrou 10% de nunca, revelando certa necessidade de mais abordagens sobre

o tema. Quando se pergunta sobre a autogetileza, que seria o fato do autocuidado, autoajuda e autocontrole de si, os resultados são interessantes. Enquanto no 6º ano, a percepção do sempre é de 70%, no 9º ano ela cai para 50%, no inverso, o 9º ano marca 20% em nunca e o 6º ano 10%. São dados que podem demonstrar um certo desprendimento do autoconhecimento de si com o avançar da idade, uma vez que a fase escolar é permeada por muitos desafios, incluído questões de aceitação pessoal e das diferentes formas de ser, pensar e agir das pessoas. Vallerine (2023), ressalta que a gentileza é praticada de forma intencional e voluntária, sendo necessária até quando não é fácil agir desta forma e, ainda uma ação de autocuidado consigo mesmo.

Para fechar, a compaixão também foi alvo da ação. Os resultados apontaram que o 6º ano marcou 90% sempre, enquanto o 9º ano 70% para sempre. Sobre ser um bom amigo, novamente a primeira turma tem maior índice, marcando 100% para sempre enquanto a segunda, indicou 90%. É valido o pensamento de que uma menor idade tem mais propensão à compaixão. Ainda assim, vale o registro de que nesta questão, não houve marcação de nunca pelas turmas, o que pode demonstrar certo esforço nos processos de cuidar do outro e ter a capacidade de pôr-se no lugar do próximo em determinadas situações da vida. Nas considerações de Schopenhauer (1995), a compaixão é um fenômeno cotidiano que visa compreender e considerar genuinamente, o sofrimento do outro, no sentido de contribuir para o retorno do bem-estar e da felicidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades do grupo vivencial de pesquisa, focadas em trabalhar com temas socialmente relevantes, como o respeito, a gentileza e a compaixão, tem um impacto altamente positivo nos grupos de trabalho, especialmente considerando a demanda crescente por profissionais da área da psicologia nos diversos ambientes que configuram a sociedade contemporânea. Por exemplo, nas escolas, é comum que a coordenação pedagógica incorpore os temas que foram trabalhados pelo grupo vivencial, ampliando as responsabilidades para além das tarefas habituais e envolvendo a área da psicologia escolar. Os profissionais ou pesquisadores da psicologia conseguem abordar esses temas

de forma diferenciada, identificando pontos fortes e fracos entre os alunos e repassando novas demandas à gestão escolar, para novas providências.

Quanto às aprendizagens oriundas das intervenções, estas são múltiplas e diversas. Para os profissionais convidados pelo grupo para serem facilitadores, há oportunidades de aplicar e desenvolver suas atividades acadêmicas e profissionais na relação com práticas sociais. Para os alunos de graduação que participam das capacitações, é uma chance de desenvolver competências e habilidades necessárias para sua formação profissional, tanto conceituais, aprofundando a teoria, quanto cognitivas, aprendendo efetivamente ao longo do processo de formação, e atitudinais, capacitando-os a agir de maneira técnico-reflexiva diante dos problemas sociais que demandam um olhar cuidadoso e atento por parte de todos.

6. REFERÊNCIAS

Almeida, S. F. C. *Psicologia Escolar: ética e competência na formação e atuação profissional.* Campinas, SP: Editora Alínea. 2006.

Andrada, E. G. C. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. Revista Psicologia: *Reflexão e Crítica*, v.18, n.2, 196-199. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/prc/a/fsyKnWZcGR78wdVGNVscVFF/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 26 mar. 2024.

Arendt, H. *A Condição Humana.* 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007.

Candau, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: Moreira, A. F.; Candau, V. M. (orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.* 10 ed. Petrópolis: Vozes. 2013.

Carpigiani, B. *Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira. 2000.

Cassins, A. M., *et al*. *Manual de psicologia escolar-educacional*. Gráfica e Editora Unificado. 2007.

Castro, M. L. G. O olhar psicopedagógico na instituição educacional: o psicopedagogo como agente de inclusão social. *Rev. Psicopedagogia*, v.65, n.21. 2004. Disponível em: http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/353/o-olhar-psicopedagogico-nainstituicao-educacional--o-psicopedagogo-como-agente-de-inclusao-social. Acesso em: 26 mar. 2024.

Conselho Federal De Psicologia. *Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro nº 013/07*. 2007. Disponível em:

http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2007_13.pdf. Acesso em: 26 mar. 2024.

Dubet, F. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. *Revista Brasileira de Educação.* Vol.16, no.47, p.289-305. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782011000200002&script=sci_arttext. Acesso em: 26 mar. 2024.

Flick, U. *Introdução à pesquisa qualitativa.* Porto Alegre: Artmed. 2009.

Freire, P. *Pedagogia da Autonomia.* 36ªed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

Gil, A. C*. Como elaborar projetos de pesquisa.* 4. ed. São Paulo: Atlas. 2008.

Honneth, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.* São Paulo: Editora 34. 1996.

Lévy, P. O que é virtual? Tradução: Neves, Paulo. São Paulo: Editora 34. 2000.

Martinez, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em Aberto*, v.23, n.83, pp. 39-56. 2010.

Patto, M. H. S. (Org.). Introdução à Psicologia escolar. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.

Piletti, N. *Sociologia da Educação.* 3ªed. São Paulo: Ática, 1986.

Pontes, I. A. M. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. *Rev. Psicopedagogia*. v.27(84):417-427. 2010. Disponível em: http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/196/atuacao-psicopedagogica-nocontexto-escolar--manipulacao--nao--contribuicao--sim. Acesso em: 26 mar. 2024.

Rocha, M. L. Formação e Prática Docente: Implicações com a Pesquisa Intervenção. Em I.M. Maciel (org.). *Psicologia e Educação: Novos Caminhos Para a Formação*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, pp. 175-191. 2001.

Rusu, M. *et al.* The process of self-realization—From the humanist psychology perspective. *Psychology,* v. 10, n. 08, p. 1095. 2019. Disponível em: https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=93327. Acesso em: 25 mar. 2024.

Scheler, M. *Nature et formes de la sympathie.* Paris: Payot. 1971.

Schopenhauer, A. *Sobre o fundamento da moral.* São Paulo: Martins Fontes. 1995.

Severino, A. J. Metodologia do trabalho científico. [Livro eletrônico] - 1. ed. - São Paulo: Cortez. 2013.

Vallerine, R. *Gentileza nas relações humanas!* O progresso digital. 2023. Disponível em: https://oprogressodetatui.com.br/gentileza-nas-relacoes-humanas/, acesso em: 28 mar. 2024.

Vázquez, A. S. *Filosofia da Práxis.* Trad. Maria Encarnación Moya. 2a ed. São Paulo: Expressão Popular. 2011.

Weiss, M. L. *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.* 8°. ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2001.

PATRIARCALISMO EM "A HORA E VEZ" DE AUGUSTO MATRAGA[1]

PATRIARCALISM IN "A HORA E VEZ" OF AUGUSTO MATRAGA

EL PATRIARCALISMO EN "A HORA E VEZ" DE AUGUSTO MATRAGA

Luciléa dos Santos Albuquerque Baltazar[2]
Silvio Augusto de Oliveira Holanda[3]
Douglas Junio Fernandes Assumpção[4]

Resumo: O tema da pesquisa é a influência do patriarcado nas desigualdades de gênero, focando na construção social da imagem feminina e seus papéis sociais, familiares e profissionais. O objetivo é examinar a configuração do patriarcado no conto "A Hora e Vez de Augusto Matraga", analisando como ele reflete as lutas feministas e a estrutura social da época. A metodologia utilizada é a análise literária, contextualizando o conto dentro do seu período histórico e das influências sociais predominantes. O principal resultado alcançado é a confirmação de que a literatura, conforme aponta Antonio Candido, não só reflete a sociedade, mas também serve como preâmbulo para práticas sociais, evidenciando as dinâmicas patriarcais presentes na obra e na sociedade em que foi produzida. Este estudo reafirma a relevância do conto como um espelho das questões de gênero e da luta feminista ao longo do tempo.

Palavras-chave: Matraga; patriarcado; patriarcalismo; desigualdade de gênero.

Abstract: The research theme is the influence of patriarchy on gender inequalities, focusing on the social construction of the female image and her

---

1 Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST1: Interseções entre Literatura e Psicologia na Construção do Futuro do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

2 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade da Amazônia (UNAMA), Mestre em Administração em Administração da Universidade da Amazônia (UNAMA). Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: lucilea08@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2469-3193

3 Pós-doutorado em Estudos Românicos pela Universidade de Lisboa. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Mestrado em Letras/Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará. *In Memoriam* ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3971-9007

4 Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade da Amazônia (UNAMA). Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) e do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutor em Comunicação e linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). E-mail: rp.douglas@hotmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5048-6692

social, familial, and professional roles. The objective is to examine the configuration of patriarchy in the short story "The Hour and Turn of Augusto Matraga," analyzing how it reflects feminist struggles and the social structure of the time. The methodology used is literary analysis, contextualizing the story within its historical period and the prevailing social influences. The main result achieved is the confirmation that literature, as pointed out by Antonio Candido, not only reflects society but also serves as a prelude to socially conditioned practices, highlighting the patriarchal dynamics present in the work and the society in which it was produced. This study reaffirms the relevance of the short story as a mirror of gender issues and the feminist struggle over time.

Keywords: Matraga, Patriarchy, Patriarchalism, Gender inequality.

Resumen: El tema de la investigación es la influencia del patriarcado en las desigualdades de género, centrándose en la construcción social de la imagen femenina y sus roles sociales, familiares y profesionales. El objetivo es examinar la configuración del patriarcado en el cuento "La Hora y Vez de Augusto Matraga", analizando cómo refleja las luchas feministas y la estructura social de la época. La metodología utilizada es el análisis literario, contextualizando el cuento dentro de su período histórico y las influencias sociales predominantes. El principal resultado alcanzado es la confirmación de que la literatura, como señala Antonio Candido, no solo refleja la sociedad, sino que también sirve como un preludio para prácticas socialmente condicionadas, evidenciando las dinámicas patriarcales presentes en la obra y en la sociedad en la que fue producida. Este estudio reafirma la relevancia del cuento como un espejo de las cuestiones de género y de la lucha feminista a lo largo del tiempo.

Palavras clave: Matraga, Patriarcado, Patriarcalismo, Desigualdad de género.

1. INTRODUÇÃO

As desigualdades de gênero, moldadas pelo patriarcado, têm profundo impacto na imagem feminina e nos papéis sociais, familiares e profissionais das mulheres. Esta pesquisa examina a influência do patriarcado no conto "A Hora e Vez de Augusto Matraga". A escolha do tema se justifica pela atualidade do debate sobre o patriarcado, reforçado pela luta feminista. A literatura, conforme Antonio Candido, reflete as necessidades de representação social de sua época, permitindo uma análise crítica do contexto social em que uma obra é criada.

A análise foca no machismo, violência, jaguncismo, religiosidade e prostituição, elementos que sustentam a tensão narrativa do conto e se relacionam com os conflitos do protagonista. A pesquisa dialoga com as ideias de Gerda Lerner, Lilia Schwarcz, Manuel Castells e Heleieth Saffioti, que

discutem a influência do patriarcado nas relações sociais e de gênero no Brasil. "A Hora e Vez de Augusto Matraga" foi escolhida por retratar personagens sertanejos e jagunços, imersos em uma visão patriarcalista, permitindo uma reflexão sobre essas relações sociais.

Para trazer uma perspectiva mais inovadora à discussão, esta pesquisa também explora como o conto de Guimarães Rosa, ao retratar a figura do jagunço e do coronel, não só reflete as dinâmicas patriarcais do sertão, mas também antecipa e problematiza práticas contemporâneas de masculinidade tóxica. Assim, a obra serve como um ponto de partida para compreender como essas dinâmicas continuam a influenciar a sociedade brasileira moderna.

O objetivo é analisar as marcas do patriarcado no conto, evidenciadas pelos comportamentos machistas do protagonista e dos outros personagens masculinos, e seu impacto na vida das mulheres, como D. Dionora e Mimita. Embora retratem uma época passada, esses comportamentos ainda reverberam na sociedade atual.

O patriarcalismo, considerado por alguns estudiosos como uma estrutura institucionalizada, ainda persiste, perpetuando desigualdades sociais e justificando hierarquias e violência. Observa-se que os padrões de masculinidade tóxica e o papel submisso atribuído às mulheres em "A Hora e Vez de Augusto Matraga" encontram eco em comportamentos e ideologias contemporâneas, particularmente nas discussões sobre gênero e poder no Brasil.

A pesquisa está estruturada em três partes: a primeira aborda a contextualização histórica do período de produção de "Sagarana"; a segunda analisa a recepção crítica da obra; e a terceira discute a teorização do patriarcado, suas origens, manifestação na sociedade brasileira e o impacto sobre a família e as mulheres, além de como a religiosidade tem sido usada para justificar a dominação masculina. O estudo examina como o patriarcado se manifesta no comportamento dos personagens masculinos e o papel das personagens femininas, seja como cúmplices ou vítimas do poder patriarcal.

2. CONTEXTO SOCIAL, HISTÓRICO E POLÍTICO

O início do século XX foi marcado pelas repercussões da disputa imperialista, iniciada no século XIX entre países europeus que competiam por territórios na África e na Ásia para sustentar o modo de vida pós-Revolução Industrial. Esse período, conhecido como neocolonialismo, desencadeou uma corrida armamentista na Europa, culminando em uma guerra de grandes proporções. Com o fim do conflito, o mundo enfrentou sérios problemas socioeconômicos, especialmente na Europa. Enquanto alguns países adotaram programas sociais, outros viram o surgimento de regimes totalitários, como o Nazismo na Alemanha e o Fascismo na Itália, que foram fatores para a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Nesse contexto turbulento, artistas continuaram a criar, refletindo a grandiosidade bélica e a destruição. As vanguardas europeias encontraram um ambiente fértil para novas técnicas e experimentações que influenciaram os artistas brasileiros. No Brasil, o início do século XX também foi instável. A Grande Depressão e a crise resultante da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque afetaram a nação, levando à Revolução de 1930. Segundo Alfredo Bosi, essas manifestações refletiam uma nação desestabilizada, com tentativas militares e a Coluna Prestes representando reações de um grupo reformista que buscava mudar o status quo político, alcançado com a Revolução de 1930.

A Primeira República terminou com o enfraquecimento da elite agrária devido à crise que comprometeu o comércio do café. A chamada República Velha (1894-1930) era sustentada pela hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e Minas Gerais, por meio da política dos governadores, conhecida como “café com leite”. O coronelismo, sistema que envolvia grandes proprietários de terras e jagunços, influenciou muitos autores da época e permitiu aos coronéis exercer um poder pessoal e patriarcal sobre a ordem social e política.

A crise econômica provocada pela queda nas exportações de café gerou insatisfação popular com o governo de Washington Luís. Nas eleições de 1930, Getúlio Vargas alegou fraude e assumiu o governo provisório, encerrando o ciclo da Velha República. O governo provisório de Vargas, marcado por protestos,

levou à promulgação de uma nova constituição e à sua continuidade no poder até 1937, quando instaurou a ditadura do Estado Novo.

Apesar do clima político conturbado, os anos iniciais do século XX foram também marcados por avanços culturais, como a Semana de Arte Moderna de 1922, que promoveu uma renovação estética e uma emancipação cultural no Brasil. O Modernismo, influenciado pelas vanguardas europeias, tornou-se um movimento artístico e intelectual, promovendo uma ruptura com o passado. Para Alfredo Bosi, o período sob o governo de Vargas foi uma época de grande inspiração regionalista para a prosa e maturidade para a poesia brasileira, com destaque para a ficção regionalista e a lírica moderna.

3. SOBRE *SAGARANA* E O CONTO DE MATRAGA

O conto “A hora e vez de Augusto Matraga” integra a coletânea *Sagarana*, uma das primeiras obras de Guimarães Rosa, publicada em 1946. Antes disso, o texto participou de um concurso literário em 1937, quando ainda era chamado simplesmente de “contos” (LEONEL, 2000, p. 18). O concurso, promovido pela Editora José Olympio, visava revelar novos talentos e cumpria papel fundamental na divulgação literária da década de 40 (CAMPOS, 2001, p. 32). Apesar de *Sagarana* não ter vencido o concurso, o evento marcou a estreia de Rosa na literatura brasileira.

A publicação oficial do livro ocorreu quase uma década após o concurso, em 1946, pela editora Universal, editora de pouco prestígio na época. A coletânea obteve uma tiragem significativa de três mil exemplares, o que foi notável para o período (CAMPOS, 2001, p. 34). O lançamento gerou um debate crítico intenso, evidenciando o impacto da obra na literatura da época (CAMPOS, 2001, p. 37).

Um dos temas mais debatidos é a relação entre regionalismo e universalismo na obra de Guimarães Rosa. Segundo Campos (2001), a crítica literária da década de 40 utilizou a dicotomia regional x universal para avaliar o trabalho de Rosa. A obra rompeu com as normas do regionalismo tradicional, promovendo uma nova forma de regionalismo que ultrapassava o pitoresco e a

caricatura. Bosi (1995, p. 481) observa que Rosa trouxe o regionalismo ao centro da ficção brasileira, promovendo uma metamorfose na forma como a literatura regional era abordada.

No período do romantismo, o regionalismo surgiu como uma tentativa de criar uma identidade nacional através da literatura, frequentemente refletindo o pitoresco e a caricatura dos tipos humanos (BOSI, 1995, p. 156). No entanto, Guimarães Rosa, com sua abordagem mais profunda e crítica das condições sociais e da miséria, transformou esse regionalismo, não apenas representando a realidade, mas explorando as dimensões filosóficas e antropológicas da vida sertaneja (BOSI, 1995, p. 491). Candido (2019, p. 334-335) destaca que Rosa construiu um regionalismo autêntico, integrando o pitoresco e o exótico em uma experiência total e expressiva. Ele também considera que Rosa alcança o universal por meio da síntese e da forma da linguagem (CANDIDO, 2006). A obra de Rosa é, portanto, descrita como universal devido à sua capacidade de explorar questões humanas em profundidade, apesar de estar enraizada na realidade regional (LEONEL & SEGATTO, 2008, p. 8).

O conto “A hora e vez de Augusto Matraga” é frequentemente citado como um exemplo de universalidade na obra de Rosa devido à sua representação dos valores culturais, crenças e aspectos metafísicos. O sucesso da obra gerou diversas adaptações cinematográficas. A primeira adaptação foi em 1965, dirigida por Roberto Santos, que teve reconhecimento significativo, mas acabou sendo esquecida com o tempo (LIMA, 2008). Em 2011, uma nova adaptação dirigida por Vinícius Coimbra foi lançada, mantendo a linguagem e a poética originais e recebendo prêmios no Festival do Rio (CAMPOS, 2001, p. 42).

Além das adaptações cinematográficas, *Sagarana* foi traduzida para vários idiomas, incluindo inglês, alemão e francês. Gregório (2010) aponta que a complexidade da linguagem de Rosa, com seus neologismos e estruturas sintáticas inovadoras, apresenta desafios significativos para os tradutores, dificultando a transposição de suas nuances para outros idiomas (GREGÓRIO, 2010, p. 184).

A obra de Guimarães Rosa continua a ser um desafio e uma fonte de estudo rica para críticos e leitores, representando um marco tanto no regionalismo quanto na literatura universal.

4. O PATRIARCALISMO E A PADRONIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO MASCULINO

O conceito de patriarcalismo refere-se a um sistema de dominação onde o homem exerce autoridade sobre as mulheres e os filhos, sendo um pilar fundamental de diversas sociedades. Originado das palavras gregas "pater" (pai) e "arkhe" (origem ou comando), o patriarcalismo não é apenas uma ideologia, mas uma estrutura social profundamente enraizada (CASTELLS, 2018, p. 135). Ele influencia todas as áreas da vida, desde a organização familiar até a política e a economia, estabelecendo uma hierarquia rígida entre os gêneros.

Alguns tradicionalistas utilizam argumentos religiosos para justificar a submissão feminina, alegando que a mulher foi criada para ser submissa ao homem (LERNER, 2019, p. 42). No entanto, essa visão ignora as evidências históricas de civilizações com relações de gênero mais igualitárias. Safiotti (2011, p.71) argumenta que a desigualdade de gênero é uma construção cultural e não uma condição natural. Ela é estabelecida e mantida por estruturas de poder e tradições culturais, não por uma suposta natureza inerente (SAFIOTTI, 2011, p. 71).

A ideia de que as desigualdades de gênero são resultado de uma divisão sexual do trabalho é equivocada. Lerner (2019) observa que o trabalho realizado por homens e mulheres varia amplamente entre diferentes culturas e contextos ecológicos. A divisão de trabalho no Período Neolítico, onde mulheres cuidavam da procriação e homens da caça, não deve ser vista como uma justificação para a inferioridade das mulheres (LERNER, 2019, p. 48-49). A afirmação de que as atividades femininas são eternas e imutáveis reflete um pensamento que destina as mulheres a uma posição inferior, ignorando o papel igualitário que poderiam ter desempenhado na sobrevivência da comunidade (LERNER, 2019, p. 47).

No Brasil, o patriarcalismo tem raízes profundas que remontam à colonização, quando o sistema escravocrata moldou a sociedade com base em hierarquias rígidas e paternalismo (SCHWARCZ, 2019, p. 27). A figura do senhor de engenho e, posteriormente, do coronel, exemplifica como a estrutura patriarcal se perpetuou através de diferentes períodos históricos. Mesmo após a República, o poder e a influência dos coronéis continuaram a regular a distribuição de poder e a hierarquia social (SCHWARCZ, 2019, p. 53).

Essa estrutura patriarcal não só moldou a organização social como também invisibilizou a contribuição feminina. Durante a República Velha, a educação das mulheres era limitada e voltada para funções domésticas, com poucas oportunidades de avanço em comparação com os homens (SCHWARCZ, 2019, p. 135-136). A história muitas vezes ignora as mulheres, apagando suas contribuições e perpetuando a ideia de que apenas os homens têm um papel significativo na construção da sociedade.

Gerda Lerner (2019) destaca que as mulheres sempre foram centrais na criação da sociedade e desempenharam papéis ativos na história, mesmo quando suas contribuições foram minimizadas ou ignoradas (LERNER, 2019, p. 29). No Brasil, ainda existem visões que consideram o patriarcado como uma condição natural e imutável, justificando desigualdades e a objetificação das mulheres.

O patriarcalismo também está associado à padronização do comportamento masculino. Características como valentia e violência são frequentemente vistas como traços essenciais da masculinidade, com a sociedade exigindo que os homens se conformem a esses estereótipos. Desde cedo, os meninos são incentivados a demonstrar virilidade e a seguir normas rígidas de comportamento para serem considerados "homens de verdade." Esses padrões sociais são resultado de séculos de construção cultural que moldam o comportamento masculino e penalizam qualquer desvio dos padrões estabelecidos.

Portanto, o patriarcalismo e a padronização do comportamento masculino são manifestações de um sistema que influencia profundamente a organização

social, perpetuando desigualdades e normas de gênero que têm raízes históricas e culturais profundas.

A obra "A hora e vez de Augusto Matraga", destaca marcas do patriarcalismo em uma história que se passa durante a Primeira República no Brasil, evidenciada pelos personagens típicos da época, como o Coronel, grande produtor rural, e o jagunço, seu capataz. Souza (1998, p. 24), citado por Galvão (2018, p. 26), afirma que não se pode dissociar o coronelismo da posse da terra e da presença dos jagunços, que formam uma estrutura semifeudal. Essa estrutura, refletida na obra, mostra a genialidade do autor em representar o patriarcado arraigado no nordeste brasileiro daquela época.

A compreensão do patriarcalismo em "A Hora e Vez de Augusto Matraga" vai além de uma simples representação de uma época passada. Rosa utiliza a figura de Nhô Augusto como um arquétipo do homem sertanejo, cuja identidade está profundamente enraizada em um sistema de poder patriarcal que não só molda suas interações com outros personagens, mas também justifica seus atos de violência e autoritarismo. A análise da obra revela como o autor critica esses padrões ao expor as contradições internas de seus personagens e a futilidade de suas buscas por redenção dentro de um sistema que perpetua a opressão.

Por exemplo, a cena do leilão, onde Nhô Augusto arremata uma mulher, não apenas exemplifica a objetificação das mulheres sob o patriarcado, mas também satiriza a pretensa "honra" que esses homens defendem. A humilhação subsequente de Nhô Augusto, ao perder sua posição de poder, expõe a fragilidade do sistema patriarcal que, ao se basear em hierarquias rígidas e violência, se desestabiliza facilmente quando suas fundações são questionadas.

A história gira em torno de um sertanejo, Nhô Augusto, filho de um coronel ausente e cujos princípios patriarcais ele herdou. Augusto é casado com D. Dionora e tem uma filha, Mimita, a quem não demonstra afeto, tratando a esposa apenas como um objeto de prazer (ROSA, 2019, p. 297-298). Apesar de sua natureza cruel e desinteressada pela família, ele busca se redimir e ser reconhecido como um santo.

No início do conto, o narrador realiza um jogo de afirmações e negações sobre o protagonista, indicando que Matraga pode não ser apenas um nome,

mas uma identidade em transformação (ROSA, 2019, p. 293). Para Queiroz (2019, p. 2), o nome Matraga simboliza a capacidade de transformação do personagem, de uma existência violenta para uma espiritualizada. DaMatta (1981, p. 245) considera que a mudança de nome reflete a transformação de identidade de Nhô Augusto, do coronel para Matraga.

O título e a identidade de Nhô Augusto, enquanto coronel, delineiam seu poder e respeito na comunidade, baseado na força e na cultura patriarcal (DE ALMEIDA & BARBOSA, 2015, p. 8). Na cena do leilão, a coisificação das mulheres e a exibição de poder de Nhô Augusto evidenciam a violência patriarcal. Lerner (2019, p. 174) explica que a prostituição tem raízes na escravidão e na dominação patriarcal, e a comercialização de mulheres como mercadorias reflete o controle masculino.

Nhô Augusto demonstra arrogância e poder ao arrematar uma mulher em um leilão, revelando seu domínio econômico e social. Apesar de sua religiosidade aparente, suas ações mostram contradições com os princípios cristãos (ROSA, 2019, p. 295). O narrador destaca que, com a morte do pai, Nhô Augusto enfrenta dificuldades financeiras e políticas, descuidando da esposa e filha (ROSA, 2019, p. 297-298).

D. Dionora, subordinada a Nhô Augusto, sofre com as humilhações do marido e acaba fugindo com outro homem, Ovídio Moura, buscando uma nova proteção (ROSA, 2019, p. 299-300). Nhô Augusto tenta vingar-se, comportamento que reflete a visão patriarcal de posse sobre as mulheres, um sentimento descrito por Saffioti (2011, p. 45-46) como persistente apesar das mudanças sociais.

Nesse momento da história Nhô Augusto também perde a lealdade dos jagunços, que mudam de lado, e marca o colapso do seu poder (ROSA, 2019, p. 301-302). Ele sofre uma emboscada e é derrotado, suas terras passam a ser controladas pelo Major Consilva (ROSA, 2019, p. 309).

Nhô Augusto sobrevive ao ser resgatado por um casal de pretos, mas sua condição de coronel torna-se uma mera lembrança. A obra, assim, reflete a decadência do poder coronelista e a transição para novos arranjos sociais e políticos.

Nesta fase da narrativa, o fator religioso ganha destaque, não apenas por meio dos princípios cristãos, mas como um período de transformação interna para o protagonista, Augusto Matraga. A perda de suas propriedades, família, prestígio social e saúde leva Matraga a se aproximar da religião, gerando dúvidas sobre sua dignidade para entrar no céu devido à sua falta de virilidade.

A insegurança dele decorre da cultura patriarcal, onde Deus é frequentemente associado à figura masculina e a masculinidade é considerada uma qualidade divina. Matraga expressa seu receio de que a perda de sua "homência" possa impedi-lo de alcançar a salvação (ROSA, 2019, p. 310).

Esse conceito patriarcal de Deus é reforçado por um sonho em que Matraga vê um Deus semelhante ao jagunço Joãozinho Bem-Bem, uma figura de força e valentia (ROSA, 2015, p. 320). A comparação de Matraga entre a morte do Quim e a figura feminina, lamentando a desonra que a morte representa, revela a perspectiva patriarcal onde a feminilidade é vista como uma forma de fraqueza (ROSA, 2019, p. 311). Segundo De Almeida e Barbosa (2014, p. 247), essa comparação ilustra como na sociedade patriarcal, a feminilidade é associada a menor poder e valor.

Além disso, Matraga, ao se ver agora em uma posição de igual entre os sertanejos, percebe Deus como uma figura de mando e proprietário, ao contrário de sua antiga posição de coronel, que lhe permitia justificar seus pecados pela manutenção do status coronelista. Inicialmente, ele implora pela morte como um meio de escapar de sua situação (ROSA, 2019, p. 304), mas com os conselhos do padre sobre a importância de rezar e trabalhar, ele reflete e aceita sua nova condição (ROSA, 2019, p. 306). No entanto, resíduos da educação patriarcal ainda persistem, evidentes em momentos em que ele modifica os conselhos do padre para se adequar a uma visão autoritária (ROSA, 2019, p. 307). Matraga continua a ver o trabalho sob a perspectiva de um proprietário, refletindo seu pensamento coronelista, mesmo enquanto começa a se adaptar à vida de sertanejo (ROSA, 2019, p. 308).

Ao se mudar para o povoado do Tombador, Matraga adota um modo de vida mais humilde e generoso, engajando-se em trabalho comunitário e ajudando os vizinhos sem esperar recompensa (ROSA, 2019, p. 308). Ele

começa a se adaptar ao novo estilo de vida, embora ainda revele traços de seu passado quando é reconhecido por um antigo conhecido, Tião da Thereza, e fica perturbado com as notícias sobre sua família e antigos aliados (ROSA, 2019, p. 310).

Apesar do desejo de vingança, Matraga decide seguir os conselhos de mãe Quitéria e se dedicar ao trabalho para alcançar o reino dos céus. A religiosidade se torna um hábito, mas ele ainda é tentado pelas lembranças de sua antiga vida de coronel (ROSA, 2019, p. 313). A chegada do bando de Joãozinho Bem-Bem ao povoado desperta em Matraga um fascínio pelo jaguncismo, refletindo sua identificação com o sistema coronelista e a expectativa de retorno a uma posição de poder (ROSA, 2019, p. 313).

A chegada dos jagunços provoca euforia em Matraga, que se oferece para hospedar o bando, revelando sua identificação com o sistema coronelista. O jagunço, personagem ambivalente da literatura de Guimarães Rosa, é descrito como uma figura que oscila entre a bravura e a violência (CANDIDO, 2004, p. 148). A descrição de Joãozinho Bem-Bem e seus capangas reflete uma cultura patriarcal que exalta a valentia e a força como virtudes masculinas essenciais (ROSA, 2019, p. 313; p. 317).

A valorização de características agressivas como parte da masculinidade é influenciada pelo patriarcalismo, que exige que os homens demonstrem sua virilidade constantemente (ALMEIDA E BARBOSA, 2014, p. 6). Joãozinho Bem-Bem revela que está no povoado para fazer justiça por um ataque injusto, o que ilustra o papel dos jagunços na manutenção do poder coronelista através da violência (ROSA, 2019, p. 315).

Matraga demonstra seu fascínio pelo bando, tentando assumir um papel de liderança e organização, mas recusa o convite para se juntar aos jagunços, optando por não perder o caminho de redenção que começou a trilhar (ROSA, 2019, p. 319). Quando os jagunços partem, Matraga parece acomodar-se na religiosidade, mas o desejo de retorno à sua antiga vida ainda persiste (ROSA, 2019, p. 321).

A recusa de Matraga ao convite de Joãozinho Bem-Bem para integrar o bando mostra sua luta interna entre o passado coronelista e o novo estilo de vida

sertanejo. A interação final entre Matraga e Joãozinho Bem-Bem culmina em um confronto decisivo, onde ambos personagens admiram a coragem um do outro, destacando a persistência dos valores patriarcais mesmo em sua morte (ROSA, 2019, p. 331). Antes de morrer, Matraga perdoa e abençoa sua filha, completando sua transformação de Augusto Matraga (ROSA, 2019, p. 332).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As desigualdades de gênero são reflexos de uma sociedade baseada em conceitos e ideologias em que há supremacia dos homens e dominação/subordinação das mulheres, estes são fenômenos próprios de sociedades patriarcais.

Neste trabalho analisamos as marcas do sistema patriarcal presentes no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, obra de Guimarães Rosa que como outras é uma obra coesa com vários aspectos determinados como: ambiente físico e social, e principalmente a época histórica, fato que norteou o trabalho, haja vista, evidenciar a ordem social e política da primeira república, período da história brasileira baseada em um modelo político comandado pelo aristocracia rural, e cujos princípios eram fundamentados no patriarcado. Outro aspecto importante da obra e que também foi usado como *corpus* para a pesquisa foram as abordagens como poder, violência, religião e família.

Considerando que a literatura presta uma importante função social em forma de ficção, nos debruçamos pela teoria e pelo conto a fim de atingir nosso objetivo, e no decorrer das seções que compuseram a pesquisa buscamos uma aproximação entre o mundo real e a literatura, fazendo um paralelo entre a História brasileira no que se refere ao coronelismo e seus mecanismos, vigentes na Primeira República e a estória de um fazendeiro em quem percebemos o modelo masculino ditado pelas normas patriarcais hegemônicas, que passa por um processo de transformação em uma experiência de quase morte, mas que, mesmo em meio às mudanças consideráveis pelas quais passa, continua reproduzindo esses conceitos como parte constituinte de sua masculinidade, que culmina em um duelo de honra em sua hora e vez.

Ao analisar o protagonista e outros personagens masculinos do conto, tornou-se evidente que suas condutas são baseadas nos princípios patriarcais, onde toda e qualquer atitude é passível de julgamento acerca do exercício de sua masculinidade, em que comportamentos violentos em defesa da honra, são de certo modo endeusados e incentivados por outros homens, como forma de serem aceitos na sociedade.

Durante a pesquisa constatamos que o patriarcado está presente no Brasil desde sua colonização, abrangendo toda a esfera social e política, adequando-se ao período histórico vigente. No entanto, é fundamental destacar que o patriarcalismo não é apenas um resquício histórico; ele continua a influenciar as dinâmicas de poder e as relações de gênero no Brasil contemporâneo. A persistência de estereótipos de masculinidade, a objetificação das mulheres e a violência de gênero refletem a continuidade das normas patriarcais, que, apesar de contestadas, ainda moldam profundamente a sociedade brasileira.

Como vimos, de um modo geral, o patriarcalismo é visto como algo natural e que não pode ser mudado, sendo perpetuado de geração em geração, intensificando as desigualdades. É um sistema que, além de oprimir as mulheres, também traz um grande fardo sobre os homens que, a todo custo, tentam se enquadrar em um perfil ditado pela sociedade, em que, para ser “homem de verdade”, deve sustentar um estereótipo machista que engloba tanto a aparência física quanto o modo de agir. Infelizmente, muitas mulheres, assim como homens, ainda não perceberam o grande prejuízo que este sistema impõe sobre as sociedades.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 32º ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMPOS, André Luis de. **A travessia crítica de Sagarana**. 2001. 276 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <HTTP://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270327>. Acesso em 09 nov.2020.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9º. ed. Rio de Janeiro. Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Jagunços mineiros de Claudio a Guimarães Rosa.** In: *Vários Escritos*. São Paulo, Rio de janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre azul, 2004.

CASTELLIS, Manoel. **O Poder da Identidade.** Vol.II, Cap.4. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 9º Ed. 2018

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de janeiro: Rocco, 1997.

DE ALMEIDA, Abilio Mendes; DE ABREU BARBOSA, Adriana Maria. A Honra Como Reafirmação da Identidade Masculina no Conto "A Hora e Vez de Augusto Matraga", de João Guimarães Rosa. **Revista Ártemis**, v. 18, n. 1, 2015

DUARTE, Adriano Luiz . **Literatura e política no Estado Novo**. Florianópolis : Editora da UFSC, 2019.

GALVÃO, André Luis Machado. **O coronelismo na literatura – Espaços de poder**. Bahia. Editora UFRB. 2018.

GREGÓRIO, Paulo H. S. O trágico em A hora e a vez de Augusto Matraga: uma leitura nietzschiana. **Pandaemonium germanicum**, n. 16, 2010/2, p. 184

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. O regional e o universal em Guimarães Rosa. In: **XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. USP, Brasil**. 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/052/MARIA_LEON EL.pdf >.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. **Guimarães Rosa: Magma e Gênese da Obra**. São Paulo. Editora UNESP. 2000.

LERNER, Gerdar. **A Criação do Patriarcado – História da Opressão das mulheres pelos homens.** São Paulo. Editora Cultrix. 2019

LIMA, Carla Santos Lobo. **Dois sertões: o universo roseano no filme "A Hora e a Vez de Augusto Matraga, de Roberto Santos"**. Dissertação de Mestrado. Orientador: Ismail Xavier. São Paulo. ECA – USP, 2008.

MOURÃO, Alexandre Guedes; DE MORAIS GUEDES, Maria Sebastiana. O Pós-Modernismo na literatura Brasileira: "Triângulo das Águas, de Caio Fernando Abreu. **Revista Decifrar**, Amazônas, v. 6, n. 11, p. 203-216, jul 2018.

Disponível em: http://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index. Acesso em 23 Nov 2020.

QUEIROZ, Carlos Eduardo Japiassú. A hora e a vez, no conto A hora e a vez de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa. ***Entheoria***: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada, 4 (1): 87-100, Jan./Dez. 2017.

REIS, Roberto. **A permanência do círculo:** hierarquia no romance brasileiro. Niterói, EDUFF; Brasília: INL, 1987.

ROSA, João Guimarães. ***Sagarana***. São Paulo: Global Editora, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2º Ed. 2011

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro.** São Paulo. Companhia das Letras, 2019

VIDAS PERIFÉRICAS: REGISTRO FOTOGRÁFICO AMAZÔNICO DE BRUNO CARACHESTI[1]

PERIPHERAL LIVES: AMAZON PHOTOGRAPHIC RECORD BY BRUNO CARACHESTI

VIDAS PERIFÉRICAS: REGISTRO FOTOGRÁFICO AMAZONICO DE BRUNO CARACHESTI

Ana Clara Solon Rufino[2]
Rosângela Araújo Darwich[3]

RESUMO

O objetivo deste artigo é instigar o leitor/espectador a construir a própria narrativa sobre a cultura amazônica, a partir da perspectiva fotográfica do paraense Bruno Carachesti. A metodologia adotada para a análise das fotografias que compõem este trabalho baseia-se no estudo de Barthes (1984), assim como na análise semiótica e semiológica de Joly (2007) e Perez (2016). Os resultados indicam que as fotografias analisadas são exemplos autênticos de leitura do espaço amazônico, evidenciando a sensibilidade dos flagrantes sociais que capturam e a abstração que cada imagem expressa. Desde então, conclui-se que registros fotográficos, quando realizados por quem compreende o contexto e o histórico sociocultural de determinado espaço, são capazes de transmitir realidades de forma objetiva, ao mesmo tempo em que carregam a subjetividade do olhar do fotógrafo, dada a expressividade humana e de outros seres, assim como a profundidade concreta dos artefatos registrados.

Palavras-Chave: flagrantes sociais; imagem; histórico sociocultural; artefatos.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 01: Interseções entre Literatura e Psicologia na Construção do Futuro Amazônico do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Professora licenciada em Artes Visuais pela Universidade da Amazônia desde 2007. Especialista em Metodologia do Ensino de Artes, também licenciada em Letras e Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura - PPGCLC/ UNAMA. Pedagoga, especialista em psicopedagogia. E-mail: clara.solon@hotmail.com. Orcid id: https://orcid.org/0000-0001-9366-003X.

[3] Psicóloga, psicoterapeuta e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC/UFPA) e especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (CENSUPEG), com estágio pós-doutoral na Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, na Alemanha. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”, certificado pelo CNPq, com estudos de campo presenciais e mediados pela internet. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

ABSTRACT

The objective of this article is to encourage the reader/viewer to build their own narrative about Amazonian culture, from the photographic perspective of Bruno Carachesti, a native of Pará. The methodology adopted for the analysis of the photographs in this work is based on Barthes' study (1984), as well as the semiotic and semiological analysis of Joly (2007) and Perez (2016). The results indicate that the photographs analyzed are authentic examples of reading the Amazonian space, highlighting the sensitivity of the social snapshots they capture and the abstraction that each image expresses. It is concluded that photographic records, when taken by those who understand the context and sociocultural history of a given space, are capable of transmitting realities objectively, while also carrying the subjectivity of the photographer's gaze, given the human expressiveness and that of other beings, as well as the concrete depth of the recorded artifacts.

Keywords: social flagrants; image; sociocultural history; artifacts.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es incentivar al lector/espectador a construir su propia narrativa sobre la cultura amazónica, desde la perspectiva fotográfica del paraense Bruno Carachesti. La metodología adoptada para analizar las fotografías que componen este trabajo se basa en el estudio de Barthes (1984), así como en el análisis semiótico y semiológico de Joly (2007) y Pérez (2016). Los resultados indican que las fotografías analizadas son auténticos ejemplos de lectura del espacio amazónico, destacando la sensibilidad de las escenas sociales que captan y la abstracción que expresa cada imagen. Se concluye que los registros fotográficos, cuando son realizados por quienes comprenden el contexto y la historia sociocultural de un espacio determinado, son capaces de transmitir realidades de manera objetiva, al mismo tiempo que portan la subjetividad de la mirada del fotógrafo, dada la expresividad humana y otros seres, así como la profundidad concreta de los artefactos registrados.

Palabras clave: flagrantes sociales; imagen; historia sociocultural; artefactos.

1 INTRODUÇÃO

O cenário amazônico possui peculiaridades jamais encontradas em quaisquer outras partes do planeta, seja do ponto de vista ambiental com sua fauna, flora e clima; da sua gente e da cultura que a isso tudo representa. Daí que, desde a passagem de Orellana pelo rio Amazonas e os relatos, disso resultante, com tom de exoticidade sobre a região, até o último turista

desavisado que buscou aqui as referências do que ouvira dizer que encontraria, quando cá estivesse: nada foi dito ou escrito comparável à riqueza de detalhes que só as pessoas naturais do lugar podem narrar por conhecê-las, sem dramaticidade ou exagero. Em razão disso, a peculiaridade do espaço amazônico, a partir da lente do fotógrafo paraense Bruno Carachesti é o tema explorado neste artigo, sendo a análise dos registros fotográficos deste profissional, o objeto da pesquisa.

A motivação que nos levou a esse estudo foi a necessidade de estabelecer narrativa mais pontual sobre elementos da cultura paraense, como recorte do grande espaço amazônico, a partir de registros fotográficos, na tentativa de desmistificar o que se fala e escreve sobre a região. Para isso utilizamos a fotografia do paraense Bruno Carachesti que através de sua câmera registra momentos, pessoas e objetos capazes de refletir aquilo que a cultura local da cidade de Belém, capital do Estado do Pará, pode mostrar.

Como narrativa construída a partir da lente do profissional e em construção, sob o ponto de vista do observador, o objetivo deste estudo é suscitar ao leitor/espectador a própria narrativa sobre a cultura amazônica, a partir da perspectiva fotográfica de Carachesti, partindo-se do seguinte questionamento: quais evidências se tem na fotografia de Bruno Carachesti só observadas na Amazônia paraense? Respeitadas aqui as hipóteses: é possível um registro fotográfico levantar informações objetivas e subjetivas sobre pessoas, lugares e artefatos? De que maneira registros fotográficos, recortes de determinada região, podem possibilitar a leitura de toda ela?

Para esse efeito serão analisados quatro registros fotográficos deste profissional, na ordem: 1. Peneiros do açaí; 2. Belém esquecida; 3. Trabalhadores do Pará; 4. Plena. Essas imagens têm como *locus* de produção o cenário do Ver-O-Peso, maior feira livre da América Latina, somado a um ponto qualquer, esquecido, da periferia da cidade (registro de nº 2: Belém esquecida).

A metodologia adotada para essa análise fotográfica foram os estudos de Barthes (1984), de Joly (2007) e de Perez (2016) dentro do exercício fenomenológico que o trabalho justifica. Paralelamente, para a elaboração

deste artigo contou-se com a colaboração de Gil (2007) a partir da definição do método exploratório e de Lakatos e Marconi (2017), com suas pesquisas sobre a análise qualitativa dos dados.

A contribuição deste estudo fica por conta da análise mais acurada que facilitará a tantos quantos desejarem conhecer sobre este recorte do espaço amazônico, registrado, como ideia da leitura de sua totalidade. Implicando afirmar o direcionamento do trabalho a estudantes, acadêmicos e professores das Artes, assim como de outras áreas, da mesma forma que turistas e de quantos mais a curiosidade acessar.

2 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Segundo Barthes (1984) a fotografia possui “gênio” próprio e somando-se a essa definição, para Cidade (2018), ela (fotografia) carrega consigo um texto codificado. Foi dentro desse horizonte de signos e interpretações que se desenvolveu o tema de nosso estudo com o objetivo de suscitar ao leitor/espectador narrativa própria sobre a cultura amazônica, mais especificamente, a paraense, a partir da perspectiva fotográfica de Bruno Carachesti.

Assim, para melhor compreensão desses registros fotográficos, sob os conceitos e definições dos autores já citados, omitidos os valores técnicos de captura de imagens, como iluminação, cor, foco e nitidez, entre outros, traremos a seguir, quatro fotografias deste profissional, intituladas: 1. Peneiros do açaí; 2. Belém esquecida; 3. Trabalhadores do Pará; 4. Plena.

Sob a organização de Abdalla (2019) o pensamento de Bourdieu, com seu foco em estruturas sociais e *habitus*, e Moscovici, com a ênfase em representações sociais, apresentam ideias que, unidas, possibilitam a análise mais profunda e multifacetada da realidade social que pode ser observada nesses registros fotográficos de Bruno Carachesti.

A fotografia de número 1, como já assinalado, tem como cenário o Complexo do Ver-O-Peso, ponto de maior referência turística de Belém do Pará.

Figura 1: Peneiros do açaí



Fonte: Carachesti (2020)

Em oposição ao corre-corre madrugueiro da Feira do Açaí (espaço componente do Complexo do Ver-O-Peso), quando o aglomerado humano disputa, desordenadamente, pelo fruto de melhor qualidade e menor preço, este é o momento de descanso para aqueles que transportam o fruto mais consumido dos paraenses: o açaí. Não se trata dos trabalhadores – esses ainda cumprirão horas em seus banhos (alguns desses na própria enseada da doca) para alívio do árduo trabalho e calor, e em deslocamentos até suas casas, num ponto qualquer da periferia da cidade – mas das peças coloridas, cingidas depois de mais um dia de grande movimentação, em que, nos ombros ou nas cabeças, participam do balé frenético das vendas e da logística dos transportes.

O plano de fundo não poderia ser outro: o Mercado de Ferro, ladeado por outro prédio, que funciona como restaurante, também tombado pelo patrimônio histórico, além do ancoradouro com suas barcaças.

Barthes (1984) com seu olhar analítico, alerta para subjetividade da interpretação fotográfica, quando cada observador pode divisar significados e emoções distintos. Este autor assegura que a leitura de uma fotografia não é

estática, mas hábil às múltiplas interpretações, uma opinião afim à ideia semiológica de polissemia, ou seja, aos múltiplos significados de um signo.

Paralelamente, Joly (2007) em sua análise semiótica defende o propósito de decodificar os signos e significados presentes na imagem, utilizando os conceitos de significante (forma) e significado (conteúdo), explorando como os signos visuais transmitem mensagens.

Por sua vez, Perez (2016) chama à atenção sobre a influência dos contextos sociais e culturais na comunicação da fotografia (aqui em substituição a marca[4]). Essa autora investiga o processo de semiotização, onde os signos da imagem podem ser interpretados e reinterpretados pelos observadores. Este processo dinâmico reflete como os significados da fotografia podem se modificar ao longo do tempo, parecer semelhante ao trato semiológico de Barthes (1984).

A fotografia de número 2 intitulada: “Belém esquecida”, traz como pano de fundo a vida periférica da capital, mais precisamente um recorte do canal do Tucunduba, extensão do rio de mesmo nome que atravessa a cidade.

Figura 2: Belém esquecida



Fonte: Carachesti (2016)

[4] A obra de Perez (2016) intitulada: “Signos da marca: expressividade e sensorialidade”, explora como as marcas utilizam signos para construir identidades expressivas e sensoriais.

Esse registro contemporâneo denuncia a insistência do ancorar, quase solitário, no leito de quem teima em sobreviver, como marca central daqueles que resistem em manter o seu habitat, no quintal dos arranha-céus da metrópole paraense – expulsos que vêm sendo de seu protagonismo, a partir do crescimento da cidade. Hoje confronte à desordem das casas ocupantes de um espaço irregular do ponto de vista legal, estético, ambiental e higiênico, rio e população concorrem entre si, rumo à desistência (BAUMAN, 2001; PEÇANHA, 2020).

Registro icônico, essa imagem de número 2 não apresenta um plano de fundo, como tradicionalmente se o percebe nos registros fotográficos. Contudo, assinala como pano de fundo[5] um contexto de miséria típico das grandes cidades, criadas sem ordenamento urbano, onde é possível observar, simultaneamente, no mesmo complexo, símbolos da riqueza e do desenvolvimento, junto a flagrantes da pobreza.

Bauman (2001) critica o que chama de liquidez da modernidade, posto que esta, aponta um ambiente onde as pessoas se sentem, permanentemente, pressionadas a competir e se adaptar, sem nenhuma garantia de estabilidade e segurança, o que de alguma forma fora possível nas sociedades anteriores. O autor denuncia essa tendência e chama à atenção para os impactos negativos em relação ao bem-estar individual e para a coesão social.

Peçanha (2020) relata histórias de experiências observadas nas periferias urbanas, a partir da reunião de depoimentos e textos que destacam as vivências e lutas do dia a dia e a riqueza cultural de pessoas e comunidades periféricas. Sob um olhar inclusivo e diversificado, a autora deseja dar voz a esses discursos invisibilizados pela sociedade, destacando-se a necessidade de valorizar e reconhecer as diferentes formas de resistência e construção de identidade que surgem dos espaços marginalizados.

No que tange às técnicas para a análise fotográfica, mais uma vez Barthes (1984) ao explanar sobre o referente fotográfico, assevera que a

[5] Diferente do plano de fundo em cuja fotografia permanece atrás do foco principal. O pano de fundo possui um caráter mais antropológico, visto que se refere à situação geral em que os eventos de uma história se desenrolam (Eagleton, 2019).

fotografia está enredada àquilo que retrata, ou seja, de seu referente, sendo extensão das ideias semiológicas que levanta. Ele enfatiza a imagem como um meio de "gênio" próprio, haja vista que o ente fotografado esteve imperiosamente presente no momento do registro. Esse aspecto documental da fotografia reflete a análise semiológica entre signo e referente.

A análise contextual de Joly (2007) apresenta a imagem dentro de seu contexto sócio-histórico e cultural. Nesse aspecto, considera o ambiente onde registrada e exibida, relacionando-a ao seu contexto de produção e recepção, a exemplo da análise de uma obra de arte: observados os eventos históricos da época de sua criação e o movimento artístico ao qual pertence.

Sob esse aspecto, as aproximações metodológicas entre Bourdieu e Moscovici desenvolvidas em Abdalla (2019), tal qual observado nos registros fotográficos de Carachesti, valorizam a importância do contexto social e cultural na formação de práticas e representações para oferecer abordagens mais robustas sobre estudos diversos.

A fotografia de número 3 cujo o título é: "Trabalhadores do Pará" volta ao panorama do Complexo do Ver-O-Peso para depreender sobre o cotidiano dos sem nome, sem registro, sem segurança, sem face (BAUMAN, 2001).

Figura 3: Trabalhadores do Pará



Fonte: Carachesti (2016)

A imagem dá conta do trabalhador que comercializa o estimulante das madrugadas e manhãs (o cafezinho), entre os companheiros de jornada em suas tarefas cotidianas. Indivíduo anônimo, sem reconhecimento legal e que na informalidade cumpre sua demanda diária da maior feira livre da América Latina: o Ver-O-Peso.

O personagem atravessa, com a tranquilidade da quietude do horário, a principal via de acesso do Complexo que daqui a poucas horas se tornará próximo de intransitável, tamanho o fluxo de veículos e pessoas dentro da logística do comércio local. A lateral do Mercado de Peixe, o quiosque e o Solar da Beira: prédios que juntos também compõem o Complexo, somando aproximadamente 35 mil metros quadrados, servem-lhe de plano de fundo, em companhia de um céu com o azul da manhã que se acerca, desta feita, sem prenúncio de chuva.

O título do registro fotográfico, obviamente, não se refere a exclusividade do personagem único, dentro da enorme informalidade que permeia o local, subjetivamente, dá conta da identidade sociocultural e econômica dos trabalhadores que ele representa (Bauman, 2001). Entre os quais, os vendedores de frutas, de peixes, de aromáticos, e grande quantidade de ambulantes para uma infinidade de outros produtos.

Um detalhe que nos acerca, ao observar essa imagem, é o estudo semiótico de Perez (2016), o qual amplia a discussão para inserir a dimensão sensorial. Ela explica como os signos das marcas (aqui substituídos pela fotografia) para além de visuais, são também olfativos, táteis, auditivos e gustativos, ajustando-se a experiência multissensorial.

Subsequentemente, Barthes (1984), ao explorar a significação e o sentido, explora como as fotografias podem carregar níveis múltiplos de significados e, em sua definição de *Studium* associa os significados mais superficiais e codificados culturalmente. Já dentro do conceito de *punctum* introduz uma ordem de sentido mais pessoal e emocional que podem não ser compreensíveis ou codificáveis, de imediato, diante de uma análise semiológica mais tradicional.

A análise descritiva de Joly (2007) do ponto de vista iconográfico avalia os temas e motivos que a imagem representa, com identificação de símbolos e significados mais clássicos. Já sob a perspectiva iconológica, o autor procura compreender o contexto social, cultural e histórico da imagem, além da intencionalidade do autor, ao registrá-la.

A fotografia de número 4 tem como título: “Plena”. Novamente dentro da maior paisagem turística da cidade, carrega um tanto de ousadia do olhar profissional, ao focalizar uma mulher na ambiência masculina de trabalho.

Figura 4: Plena



Fonte: Carachesti (2021)

Em meio ao trâmite do auge das vendas que corresponde ao momento de maior intensidade da feira, na disputa pelo melhor produto e preço mais razoável: ela soa perfeita. Aos que a veem distante, trata-se de uma “louca”, posto que só os loucos são capazes de se sobressair, ante o aglomerado dos mercados.

A Pedra do Peixe, *locus* do registro, destaca-se como um espaço de intensa vida social e comercial, onde as práticas trabalhistas tradicionais locais se emaranham ao intercâmbio cultural, repletas do simbólico. O plano de fundo está formado pelas barracas da venda de diversos que margeiam o

ancoradouro e se antecipam ao casario com seu comércio térreo, no teto dos quais aparecem os visitantes que, a essa altura, somente o olhar nativo é capaz de identificá-los: os urubus. Pessoas comercializam peixes e frutas e, como não poderia deixar de ocorrer, sobressai-se, uniformizado, o representante de um dos temas mais explorados no contexto da feira: o futebol.

Como nos tenta fazer compreender Cidade (2018): a fotografia reproduz por si própria o peso semântico e emocional impregnado por seu autor. E como linguagem narrativa é relacionada ao tempo, sobretudo às artes do tempo o qual incorpora, narrativa e fotografia se impõem interações constantes e insubstituíveis. Assim, a fotografia carrega consigo um texto codificado, não necessariamente um texto que se possa ler, ao rodapé da imagem ou a ela sobreposto, mas está ali e sob a interpretação de quem desejar assisti-lo.

Ao definir a fotografia como signo, Barthes (1984), a considera como um signo particular de relação direta com a realidade que representa. Porém, distinto de outros signos mais arbitrários, a fotografia é uma *emanation of the referent* (emanação do referente). Esse valor se afina à semiótica, quando o signo se constitui de um significado (conteúdo) e um significante (forma), mais imediatos e pouco convencionais na fotografia.

Por sua vez, ao aplicar a teoria da semiótica ao exame da imagem, Joly (2007) utiliza as definições de signos, significantes e significados. Ela explora a maneira pela qual as imagens funcionam como sistemas de signos e como estes podem ser decodificados para revelação de significados mais extensos.

Perez (2016) utiliza a semiótica e a semiologia como instrumentos fundamentais para entender e analisar a comunicação das marcas, no caso de nosso estudo, as mesmas ferramentas são utilizadas para compreensão e análise da fotografia. Para isso, a autora enfatiza a importância do contexto cultural na elaboração de significados e explica, também, como os signos podem evocar associações culturais, emocionais e simbólicas que fortalecem a identidade da marca. No caso da análise dos registros de Carachesti, como a fotografia pode acalorar o sentimento de amor e respeito pelo que é da região.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Da maneira como a concebemos neste estudo, a análise dos registros fotográficos de Bruno Carachesti implicou um campo interdisciplinar que envolveu aspectos teóricos que abrangem tanto a natureza semiótica quanto suas implicações estéticas, sociais e culturais, sem, contudo, considerá-los os valores técnicos (cor, foco, iluminação, outros), como já mencionado.

Roland Barthes, em "A câmara clara: notas sobre a fotografia", oferece abordagem filosófica e introspectiva sobre a fotografia, ressaltando conceitos como o ***punctum*** e o ***studium***. Barthes (1984) defende que a fotografia transcende apenas o registro visual para incorporar algo mais profundo, um detalhe que se reflete com o observador (*punctum*), em contraste aos aspectos culturais mais extensos (*studium*).

Martine Joly, em "Introdução à análise da imagem", complementa essa perspectiva ao oferecer instrumentos metodológicos para a decodificação das imagens. Joly (2007) enfatiza a importância da semiologia na análise visual da imagem e discute sobre as diversas significações e os questionamentos que esta demanda em relação à sua natureza de signo. Reconhece, ainda, cada imagem como um sistema de signos, devendo ser analisada em seu contexto social e cultural, explorando as resistências que ela (imagem) pode eclodir e as funções que ocasiona.

Simultaneamente, Clotilde Perez, em "Signos da marca: expressividade e sensorialidade", amplia a discussão ao incorporar a dimensão sensorial e expressiva das imagens. Perez (2016) explora como as imagens, especialmente em contextos publicitários e de marca, além de comunicar mensagens também evocam sensações e experiências sensoriais. Ela argumenta que a análise fotográfica deve considerar a maneira como as imagens afetam os sentidos e emoções do observador, criando uma conexão mais profunda.

Ao integrar essas três abordagens, podemos desenvolver uma análise fotográfica robusta que considera a profundidade filosófica de Barthes (1984), a metodologia semiótica de Joly (2007) e a sensorialidade expressiva de Perez (2016). Essa perspectiva holística permite a compreensão mais rica e

multifacetada do registro fotográfico de Bruno Carachesti, reconhecendo-o não somente como registros visuais, mas como artefatos culturais complexos que envolvem e influenciam os espectadores de várias maneiras.

A técnica de pesquisa e a análise de dados utilizadas para a elaboração deste trabalho ficaram por conta de Gil (2007) a partir da definição sobre o método exploratório e de Lakatos e Marconi (2017), com suas pesquisas sobre a análise qualitativa dos dados.

Gil (2007) considera que as pesquisas exploratórias por serem mais flexíveis permitem ao pesquisador adéque seu foco em acordo como o surgimento de informações e dados. Escreve também, este autor, que o objetivo deste método é familiarizar o fenômeno estudado ao pesquisador, ajudando a formular hipóteses, elucidar conceitos e elaborar perguntas mais específicas sobre a pesquisa.

Lakatos e Marconi (2017), por sua vez, ao tratarem da pesquisa qualitativa, apontam-lhe o enfoque do contexto onde ocorrem os fenômenos, atenta aos elementos históricos, sociais e culturais. Dentro dessa análise, a pesquisa qualitativa, cuja finalidade é encontrar padrões entre os dados coletados é naturalmente indutiva, e utiliza técnicas como a análise temática, análise de conteúdo e análise de discurso.

4 RESULTADOS FINAIS

Num processo subjetivo e com a ausência de um desenho lógico e sistematizado para melhor compreensao das variáveis envolvidas neste estudo, as análises se concentraram no contexto em que as fotografias foram criadas, observando-se as circunstâncias políticas, sociais e culturais, e os locais onde capturadas as imagens. Isso envolvendo a identificação dos elementos narrativos, como personagens, cenários, eventos e conflitos.

Inferiu-se de então que as fotografias de Bruno Carachesti são um exemplo da autenticidade da leitura amazônica – mais especificamente de Belém do Pará. Isso dado, não somente pela sensibilidade dos flagrantes sociais que revelam, como também pela expressividade humana e de outros seres que exibem, assim como, a profundidade concreta dos artefatos,

pertencentes a determinado ambiente, registrados pelo olhar profissional e aguçado do fotógrafo paraense.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento do nosso tema de estudo, com o objetivo de instigar o leitor/espectador para a construção da própria narrativa sobre a cultura amazônica, em particular a paraense, a partir da perspectiva fotográfica de Bruno Carachesti, buscamos destacar a subjetividade inerente a esse processo. Considerando-se que cada observador tem uma reação única a qualquer fotografia, baseada nas próprias experiências, emoções e contextos culturais que podem ser profundamente pessoais. Não há, portanto, uma regra estabelecida para essa interpretação.

Em todo o caso, é importante examinar a dinâmica entre o sujeito registrado, o observador e o fotógrafo, evidenciada nas fotografias de Bruno Carachesti, que capturam aspectos únicos da Amazônia paraense. Além disso, a ação fotográfica envolve uma relação complexa de olhar e poder, como sublinham os estudiosos do tema, algo que se reflete nos cinco registros analisados.

Também deve-se ressaltar as várias funções que a fotografia pode desempenhar, como expressar, persuadir ou informar, entre outras. É crucial observar como essas imagens são elaboradas e interpretadas, atentando-se à relação entre a realidade circunstancial e o registro fotográfico, e como este pode construir ou distorcer essa realidade.

Ao concluir esta investigação, reafirmamos a relevância da fotografia como poderoso meio de expressão objetiva e subjetiva da cultura. Haja vista, considerarmos que o estudo das imagens capturadas por Bruno Carachesti não só contribui para a compreensão mais profunda da cultura amazônica paraense, mas também abre caminhos para novas pesquisas que explorem a interação entre olhar, poder e identidade, nas artes visuais.

Convidamos, portanto, os leitores e futuros pesquisadores a continuarem essa exploração, refletindo sobre como as narrativas visuais podem moldar e

ser moldadas pelas percepções culturais, e como, em última análise, cada observador se torna coautor das histórias que as imagens refletem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa (org.). Bourdieu e Moscovici: fronteiras, interfaces e a aproximações. Santos-SP: Editora Universitária Leopoldianum, 2019.

BARTHES, Roland. A câmara clara: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 255p.

CIDADE, Daniela Mendes. Fotografia e construção narrativa: algumas reflexões a partir do projeto A Cara da Rua. Arco Design, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 74-84, jan. 2018. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/44064. Acesso em: 16.maio.2024.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: Uma Introdução. Edição padrão. São Paulo: Martins fontes, 2019.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo-SP: Atas, 2007

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Lisboa: Edições 70, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 8ª ed. (atualização João Bosco Medeiros). São Paulo: Atlas, 2017.

PEREZ, Clotilde. Signos da marca: expressividade e sensorialidade. 2ª ed. São Paulo: Cengage Brasil, 2016.

PEÇANHA, Érica (org.). Narrativas periféricas: entre pontes, conexões e saberes plurais. 1ª ed. São Paulo: Editora Amavisse, 2020.

SOBRINHO, Moisés Domingos. Habitus docente, *sens pratique* e representações sociais. *In*: ABDALLA, M. de F. B. (org.). Bourdieu e Moscovici: fronteiras, interfaces e a aproximações. Santos-SP: Editora Universitária Leopoldianum, 2019.

RESILIÊNCIA E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA REGIÃO AMAZÔNICA[1]

RESILIENCE AND CONTEMPORARY CHALLENGES OF THE AMAZON REGION

RESILIENCIA Y DESAFÍOS CONTEMPORÁNEO DE AMAZONÍA

Doutoranda Marlene Silva de Moura[2]
Profª Drª Rosângela Araújo Darwich [3]

Resumo: A região amazônica é a região de maior biodiversidade do planeta, com a maior floresta tropical do mundo e importante bioma para o equilíbrio ambiental. A região tem grandes desafios como o desmatamento, incêndios florestais, mudanças climáticas, exploração de recursos minerais, conflitos em terras indígenas, entre outros. Para enfrentar tais desafios, os povos da região precisam de resiliência, que, na Psicologia, se refere ao crescimento a partir da superação após pressão ou sofrimento. Objetivamos contribuir com o debate sobre a resiliência e os desafios contemporâneos na região amazônica. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura com pesquisa em livros e bases científicas de dados. Ao discorrer sobre o futuro da região amazônica, entende-se que os povos que vivem na região precisam ser resilientes na luta com políticas ambientais que promovam ações sustentáveis preservando o desenvolvimento da região.

Palavras-chave: Resiliência; Região Amazônica; Diversidade.

Abstract: The Amazon region is the region with the greatest biodiversity on the planet, with the largest tropical forest in the world and an important biome for environmental balance. The region faces major challenges such as deforestation, forest fires, climate change, exploitation of mineral resources, conflicts on indigenous lands, among others. To face these challenges, the people of the region need resilience, which in Psychology refers to growth from overcoming pressure or suffering. We aim to contribute to the debate on resilience and contemporary challenges in the Amazon region. The methodology used was a

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio 1: Interseções entre Literatura e Psicologia na construção do futuro Amazônico do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia. Psicóloga (UNAMA) e Logoterapeuta (GEIST-MA). Participante do Grupo de Pesquisa "Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais Resiliência". E-mail: pra.marlene@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8971-0989.

3 Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama). Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenadora do Grupo de Pesquisa "Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência (CNPq). E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

literature review with research in books and scientific databases. When discussing the future of the Amazon region, it is understood that the people of the region need to be resilient in the fight against environmental policies that promote sustainable actions preserving the development of the region that has the largest biome on the planet.

Keywords: Resilience; Amazon Region; Diversity.

Resumen: La región amazónica es la región con mayor biodiversidad del planeta, con el bosque tropical más grande del mundo y un bioma importante para el equilibrio ambiental. La región tiene grandes desafíos como la deforestación, los incendios forestales, el cambio climático, la exploración de recursos minerales, los conflictos en tierras indígenas, entre otros. Para enfrentar tales desafíos, los pueblos de la región necesitan resiliencia, que en Psicología se refiere al crecimiento a través de la superación de presiones o sufrimiento. Nuestro objetivo es contribuir al debate sobre la resiliencia y los desafíos contemporáneos en la región amazónica. La metodología utilizada fue una revisión de la literatura con búsquedas en libros y bases de datos científicas. Cuando se habla del futuro de la región amazónica, se entiende que los pueblos de la región necesitan ser resilientes en la lucha con políticas ambientales que promuevan acciones sustentables, preservando el desarrollo de la región que tiene el bioma más grande del planeta.

Palavras clave: Resiliencia; Región Amazónica; Diversidad.

1. INTRODUÇÃO

A região amazônica é um tesouro nacional que abrange os estados do Amazonas, Pará, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Tocantins e Maranhão, especialmente na porção oeste. Além do Brasil, que abriga a maior parte da floresta amazônica, a região amazônica compartilha sua riqueza natural com os seguintes países: Colômbia, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname, Peru e Venezuela. A região amazônica abriga a maior floresta tropical do mundo, verdadeiro tesouro de biodiversidade com uma incrível riqueza de espécies de anfíbios, répteis, aves, peixes e insetos. O bioma amazônico atua na regulação do clima, sendo de grande importância para todo o planeta, pois é incrivelmente diversificado e crucial para a manutenção do equilíbrio ambiental do mundo. Além disso, a heterogeneidade florística contém inúmeras espécies com relevante importância alimentícia e medicinal (OLIVEIRA JR, 2015).

A região amazônica, com sua vasta biodiversidade e importância ecológica, tem sofrido significativas ameaças tanto ao meio ambiente quanto as comunidades locais. Muitos pesquisadores estudam em como ajudar na preservação da região e dos povos que sofrem com a exploração da região. A resiliência, tanto a nível individual quanto institucional, emerge como uma estratégia crucial para enfrentar os desafios da região. O termo resiliência é originado da física e envolve o retorno de um objeto à sua estrutura original após um abalo que o deforme. O termo adquiriu um significado mais amplo na psicologia, que ressalta o crescimento a partir da superação do que gere pressão ou sofrimento. Por meio de resiliência, o ser humano, após sofrer um abalo emocional, pode não apenas se recuperar, como também se tornar mais forte e capaz de enfrentar desafios futuros (PINHEIRO, 2004).

A região amazônica enfrenta desafios complexos com profundas implicações tanto no meio ambiente quanto nas comunidades da região. Dentre os desafios estão o desmatamento, os incêndios florestais, as mudanças climáticas, a exploração de recursos minerais, além dos conflitos em terras indígenas e outros que afetam a preservação da região com a floresta tropical de maior diversidade do planeta (LIRA; CHAVES, 2015).

A resiliência não se limita apenas à sobrevivência imediata, mas ela está intrinsecamente ligada à busca por soluções sustentáveis como por exemplo os desafios ambientais da região amazônica. Superar desafios de modo apropriado, por seu turno, favorece a autoconfiança e outros fatores de resiliência, tornando verdadeiro o pressuposto de que, ao longo da vida, não é suficiente a aquisição de conhecimento teórico, mas vivências variadas, inclusive as dolorosas. (CARDOSO; MARTINS, 2013).

Objetivamos contribuir com o debate sobre a resiliência e os desafios contemporâneos na região amazônica. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura com pesquisa em livros e bases científicas de dados, como Scielo, MedLine, Lilacs e ISI. O trabalho é estruturado através de uma introdução, seguido dos tópicos: resiliência e região amazônica, desafios contemporâneos da região

amazônica, resiliência como estratégia de enfrentamento. Além disso, temos as considerações finais, e posteriormente, as referências utilizadas no trabalho.

2. RESILIÊNCIA E A REGIÃO AMAZÔNICA

O termo resiliência é originado da física e envolve o retorno de um objeto à sua estrutura original após um abalo que o deforme. O termo adquiriu um significado mais amplo na psicologia, que ressalta o crescimento a partir da superação do que gere pressão ou sofrimento. Por meio de resiliência, o ser humano, após sofrer um abalo emocional, pode não apenas se recuperar, como também se tornar mais forte e capaz de enfrentar desafios futuros. Assim sendo, teria desenvolvido a capacidade de enfrentar adversidades, ser transformado por elas e conseguir superá-las (PINHEIRO, 2004).

Por mais fundamental que seja manter o equilíbrio não apenas em situações que contribuem positivamente para isso, mas também nos momentos mais difíceis, a resiliência não pode ser treinada. Isso significa que ela não pode ser adquirida por meio de intervenções breves, pois ao invés de ser uma habilidade diretamente relacionada a ações específicas, ela corresponde à presença de diferentes capacidades, por exemplo, o ser humano, ao deparar-se com uma situação de crise, demonstra ter condição de reagir de modo resiliente tornando-se assertivo e empático, adquirindo autoestima positiva e autoconfiança. (FISCHER; FRÖHLICH-GILDHOFF, 2019).

Através de relações positivas (interações de qualidade, estabilidade, pessoas amorosas e competentes, boa comunicação, coesão, estabilidade, consistência) e as redes de apoio (ambiente tolerante aos conflitos, com reconhecimento e aceitação, mas também limites definidos e realistas) são de fundamental importância para o desenvolvimento da resiliência. Em linhas gerais, resiliência, sendo uma importante qualidade humana, está relacionada à flexibilidade, à variabilidade comportamental e à capacidade de adaptação, imprescindíveis diante de novos desafios (DARWICH; GARCIA, 2019).

A psicóloga Emmy Werner (1995) em seus estudos acerca da resiliência destacou a importância da capacidade humana, seja o indivíduo, a família, uma comunidade ou organização, de manifestar resultados esperados no desenvolvimento diário. Por exemplo, manter certas competências, mesmo na vigência de adversidades ou recuperar-se das adversidades que experiencia ao longo de sua trajetória vital apesar dos riscos do ambiente que podem comprometer esse processo. Além disso, estruturas coerentes e flexíveis; respeito, reconhecimento, garantia de privacidade, tolerância às mudanças, limites de comportamento definidos e realistas, comunicação aberta, tolerância aos conflitos, busca de reconciliação, sentido de comunidade; empatia são fundamentais para o indivíduo, a família, a comunidade ou uma organização resiliente.

A resiliência não se limita apenas à sobrevivência imediata, mas ela está intrinsecamente ligada à busca por soluções sustentáveis como por exemplo os desafios ambientais da região amazônica. Superar desafios de modo apropriado, por seu turno, favorece a autoconfiança e outros fatores de resiliência, tornando verdadeiro o pressuposto de que, ao longo da vida, não é suficiente a aquisição de conhecimento teórico, mas vivências variadas, inclusive as dolorosas. (CARDOSO; MARTINS, 2013).

Para Tavares (2001), a resiliência não deve ser apenas um atributo individual, mas também atributo das instituições/organizações, permitindo a existência de uma sociedade mais resiliente.

> uma organização resiliente é uma organização inteligente, reflexiva, onde todas as pessoas são inteligentes, livres, responsáveis, competentes, e funcionam numa relação de confiança, empatia, solidariedade. Trata-se de organizações vivas, dialéticas e dinâmicas cujo funcionamento tende a imitar o do próprio cérebro que é altamente democrático e resiliente (TAVARES, 2001, p.60).

Capaz de fortalecer múltiplas experiências, a resiliência também é considerada um atributo dos povos que vivem na região amazônica, sejam os

indígenas, ribeirinhos, quilombolas e, ainda, os pesquisadores. A região amazônica é um tesouro nacional que abrange os estados do Amazonas, Pará, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Tocantins e o Maranhão, especialmente na porção oeste. Além do Brasil, que abriga a maior parte da floresta amazônica, a região amazônica compartilha sua riqueza natural com os seguintes países: Colômbia, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname, Peru e Venezuela. A região amazônica abriga a maior floresta tropical do mundo, verdadeiro tesouro de biodiversidade com riqueza incrível de espécies de anfíbios, répteis, aves, peixes e insetos. O bioma amazônico atua na regulação do clima, sendo de grande importância para todo o planeta, pois é incrivelmente diversificado e crucial para a manutenção do equilíbrio ambiental do mundo. Além disso, a heterogeneidade florística contém inúmeras espécies com relevante importância alimentícia e medicinal (OLIVEIRA JR, 2015).

Vale destacar que a bacia amazônica é a maior bacia hidrográfica do mundo, com mais de mil afluentes, sendo o rio amazonas o maior rio em extensão detendo com volume de água de quase um terço da água doce do mundo. O clima é equatorial com temperaturas médias elevadas e chuvas abundantes. O relevo varia desde planícies de inundação até o planalto amazônico e os escudos cristalinos. A região amazônica ainda abriga cerca de 180 povos indígenas com uma população total de aproximadamente 208.000 mil indivíduos. “Além da extensão territorial e de suas riquezas naturais, a região amazônica apresenta uma pluralidade étnico-cultural (quilombolas, indígenas, ribeirinhos, caboclos, seringueiros, entre outros) advinda do processo de colonização e miscigenação” (FERNANDES, 2021, p.532).

A região amazônica sempre despertou grande interesse da humanidade, sendo que nas últimas décadas esse interesse aumentou devido as crescentes preocupações com a sustentabilidade ambiental e os riscos advindos das mudanças climáticas. Da mesma forma, o baixo nível socioeconômico da população amazônica, o reduzido aproveitamento do potencial produtivo local e a intensa depredação do meio ambiente requer a definição urgente de um

caminho possível de desenvolvimento mais sustentável para a região. A discussão sobre o futuro da região amazônica tem sido amplo nas últimas décadas sendo mister olhar para os povos indígenas, os ribeirinhos, os extrativistas, os quilombolas, os migrantes, entre outros (LIRA; CHAVES, 2015).

3.DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA REGIÃO AMAZÔNICA

A região amazônica enfrenta muitos desafios complexos com profundas implicações tanto no meio ambiente quanto nas comunidades da região. Dentre os desafios da região amazônica estão o desmatamento, os incêndios florestais, as mudanças climáticas, a exploração de recursos minerais, além dos conflitos em terras indígenas e outros que afetam a preservação da região com a floresta tropical de maior diversidade do planeta (LIRA; CHAVES, 2015).

Embora o Brasil possua diversas categorias de unidades de conservação, nos níveis federal, estadual e municipal, como a Lei Federal nº 9.985/00, também conhecida como Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), legislação para a proteção e gestão das áreas naturais no Brasil. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) aponta que o aumento das atividades econômicas sobre os recursos da Amazônia legal tem aumentado drasticamente a taxa de desmatamento. O avanço do desmatamento também está ligado às políticas de desenvolvimento na região amazônica através da especulação de terra ao longo das estradas, crescimento das cidades, aumento dramático da pecuária bovina, exploração madeireira e agricultura familiar (FEARNSIDE, 2003).

Para Gonçalves, Castro e Hacon (2012), o desmatamento é um dos principais fatores por trás dos incêndios florestais na Amazônia. A queimada é uma prática recorrente e antiga no país e se caracteriza como um dos principais contribuintes mundiais para a emissão de gases de efeito estufa. Grandes áreas da região amazônica são convertidas em plantações e pastagens através das queimadas que são responsáveis em preparar o terreno, mas também contribuem para o aumento do problema. O uso do fogo na região expõe parcelas maiores da

população aos seus efeitos, tornando-as vulneráveis aos poluentes atmosféricos, liberados pelas queimadas.

Gonçalves; Castro e Hacon (2012) destacam que na região amazônica, com circunstâncias geográficas e ambientais distintas do resto do país, aliadas a um processo histórico de ocupação do território, o uso do fogo expõe a cada ano, parcelas maiores da população tornando-as vulneráveis aos seus efeitos. A consciência global sobre os possíveis impactos das queimadas na natureza é relativamente recente sendo fundamental adotar medidas para prevenir e controlar os incêndios, especialmente na região amazônica.

> Os incêndios florestais e o uso do fogo em sistemas agrícolas afetam o equilíbrio dos ecossistemas, a saúde humana, e consequentemente, o planeta. Este equilíbrio é influenciado pelo acelerado crescimento populacional, mudanças no padrão de consumo e intensificação das atividades econômicas e tecnológicas, capazes de exercerem pressões sobre o nível de qualidade de vida das populações expostas (GONÇALVES; CASTRO; HACON, 2012, p. 1523).

O desmatamento exacerbado e as constantes queimadas na região amazônica contribuem para as mudanças climáticas afetando a evapotranspiração, a disponibilidade de água e a saúde dos ecossistemas. A perda de árvores reduz a capacidade da floresta de absorver carbono, agravando o aquecimento global. Além disso, as alterações nos padrões de chuva criam um ciclo de degradação do meio ambiente. A Amazônia depende das chuvas regulares para manter sua exuberante vegetação. As mudanças climáticas podem causar variações nos regimes de chuva, afetando a biodiversidade, a agricultura e os rios (OLIVEIRA JR, 2015).

Estudos de Anderson et al. (2005) utilizados para o monitoramento dos incêndios florestais mostraram que há duas linhas de pesquisa relacionadas à detecção das queimadas pela técnica de monitoramento: uma voltada à detecção dos focos de calor, importante para a definição da sazonalidade, frequência e variações anuais de queima; e a outra relacionada à espacialização

das queimadas, pela quantificação da extensão das áreas afetadas por este evento. A detecção de focos de calor na região do cerrado e floresta tropical do Brasil foi desenvolvida em 1981, com posterior implantação em 1991, da técnica de forma operacional no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O sistema operacional do INPE para detecção dos focos de calor envolve cinco etapas, a saber: recepção da imagem, seleção das queimadas na imagem, obtenção das coordenadas geográficas à medida que a imagem é analisada, elaboração e envio dos produtos.

A exploração de recursos minerais na região amazônica tem impactos significativos em muitas comunidades que habitam essas áreas. Sendo assim, a exploração naquela área exige um equilíbrio cuidadoso entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental, com foco na segurança e na sustentabilidade. Os povos indígenas têm uma relação profunda com a floresta, conhecendo seus caminhos, explorando recursos como frutos silvestres e praticando uma agricultura sustentável. Além dos povos indígenas, há também outras populações na região amazônica como os quilombolas, os ribeirinhos e muitos outros (DRUMMOND, 2020).

4.RESILIÊNCIA COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO

A região amazônica enfrenta um cenário complexo, onde a degradação ambiental e a busca por recursos naturais se entrelaçam. As queimadas, frequentemente causadas pelo desmatamento, têm impactos profundos na floresta e nas comunidades locais. Por outro lado, a exploração de recursos minerais também é uma realidade na região. A busca por um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental é crucial. Historicamente, a região amazônica foi palco de descobertas de jazidas de petróleo e outros minerais. No entanto, a decisão de explorar esses recursos envolve complexidades políticas e estratégicas sendo fundamental estabelecer um rigoroso processo de avaliação técnica e científica. Isso inclui considerar os impactos potenciais da mineração no ecossistema amazônico e nas comunidades locais (DRUMMOND, 2020).

A resiliência não é apenas uma resposta a crises; é também uma celebração da diversidade de conhecimentos e práticas que sustentam a vida na Amazônia. A região amazônica apresenta janelas de resiliência capazes de fortalecer as múltiplas experiências encaradas pelos povos que ali vivem, sejam os indígenas, ribeirinhos, quilombolas, e ainda, aqueles que se dedicam a pesquisas visando um melhor futuro para a região. Resiliência é um conceito importante que tem múltiplas possibilidades de aplicação, podendo contribuir para maior compreensão acerca de um processo saudável em meio a uma desorganização provocada, muitas vezes, pelas adversidades com as quais os seres humanos se deparam ao longo de sua existência (SILVA; ELSEN; LACHARITÉ, 2003).

Vale (2014) explica que o conceito de resiliência é uma prática cada vez mais empregada para vincular as preocupações com o desenvolvimento de uma comunidade e para uma teoria sobre como os sistemas podem se comportar em diferentes escalas. Resiliência também é uma prática ou abordagem proativa para sistemas de planejamento que se aplica a todos os espaços sociais e uma ferramenta analítica que permite aos pesquisadores examinar como e por que alguns sistemas são capazes de responder à disrupção.

Apesar da notável resiliência das comunidades amazônicas, a região enfrenta uma série de desafios complexos que testam constantemente a capacidade de adaptação e recuperação das pessoas que vivem em meio à floresta tropical. A reflexão sobre a importância da resiliência para o enfrentamento dos desafios contemporâneos na região amazônica é plurivalente de sentido, pois a região amazônica tem muitos desafios como o desmatamento, incêndios florestais, mudanças climáticas, exploração de recursos minerais, conflitos em terras indígenas, tráfico de animais silvestres, entre outros fatores que afetam todos os envolvidos na preservação da região com a floresta tropical de maior diversidade do planeta. Além disso, a região amazônica atrai olhares, radares e preocupações de muitos cientistas, além de organizações mundiais, empresas, artistas, etc. (TAVARES, 2001).

Para Athayde et al (2014), é necessário buscar soluções tanto individualmente como nas comunidades, e em todos os níveis governamentais. Os autores destacam a iniciativa pequena, liderada pela Universidade da Flórida envolvendo um grupo multistakeholder[4] de várias universidades, ONGs, órgãos governamentais e comunidades da Amazônia brasileira que trabalham com a avaliação da resiliência na fronteira Amazônica. O grupo visa analisar o sistema historicamente para avaliar possíveis diferentes cenários para o futuro.

> Acredita-se que um melhor entendimento da dinâmica do sistema pode contribuir para a governança adaptativa e a melhoria da gestão dos recursos naturais. Certamente, a promoção de liderança, comunicação e aprendizado social aumenta a resiliência e a capacidade de lidar com um futuro imprevisível. Tem-se muito a aprender e o contexto da Amazônia e do mundo é urgente (ATHAYDE et al., 2014, p. 21).

Em resumo, o debate sobre o futuro da região amazônica tem sido amplo nas últimas décadas e para o debate é mister olhar para os povos indígenas, os ribeirinhos, extrativistas, quilombolas, migrantes, dentre outros. Sabe-se que a região amazônica enfrenta eixos conflitantes, de um lado a visão paradisíaca criada pela magia dos mitos da região e sobre a região, e de outro lado, a violência cotidiana gestada pela permanente exploração da natureza e desencadeada pelos preconceitos em relação ao homem e a natureza. Diante disso, entendemos que um dos grandes desafios contemporâneos da região amazônica consiste na adoção de políticas ambientais capazes de promover ações sustentáveis que ajudem os diversos povos acolhidos pela região amazônica que tem se revelado bastante resilientes no interior de suas matas e beira dos rios (LOUREIRO, 2002).

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS

[4] Grupos de multi participantes.

A região amazônica, com sua vasta biodiversidade e importância ecológica, enfrenta desafios significativos que ameaçam tanto o meio ambiente quanto as comunidades locais. O desmatamento, os incêndios florestais, as mudanças climáticas, a exploração de recursos minerais e os conflitos em terras indígenas são apenas alguns dos problemas que precisam ser abordados de maneira urgente e eficaz.

A resiliência, tanto em nível individual quanto institucional, emerge como uma estratégia crucial para enfrentar esses desafios. A capacidade de se recuperar e crescer a partir de adversidades é uma característica não apenas dos indivíduos, mas também das comunidades e organizações que habitam e estudam a Amazônia. Os povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e pesquisadores desempenham um papel vital na preservação e no desenvolvimento sustentável da região.

Este trabalho buscou contribuir para o debate sobre a resiliência e os desafios contemporâneos na Amazônia, utilizando uma revisão de literatura abrangente. Através da análise de fontes científicas, foi possível destacar a importância da resiliência como uma ferramenta para a superação dos obstáculos enfrentados pela região. Entendemos que o objetivo foi alcançado embora o debate sobre a resiliência e os desafios contemporâneos na região amazônica não seja encerrado.

Ao discorrer sobre resiliência e os desafios contemporâneos da região amazônica, é imperativo que políticas públicas e iniciativas de conservação sejam implementadas e fortalecidas para garantir a proteção da Amazônia. Além da resiliência dos povos da região, a colaboração entre governos, organizações não-governamentais e comunidades locais é essencial para promover um futuro sustentável para esta região vital do planeta.

REFERÊNCIAS

ANDERSON et al. Detecção de cicatrizes de áreas queimadas baseada no modelo linear de mistura espectral e imagens índice de vegetação utilizando dados multitemporais do sensor MODIS/TERRA no estado do Mato Grosso, Amazônia brasileira. **Acta Amaz**; Manaus v. 35, n. 4, p. 445-456, 2005.

ATHAYDE et al. Aprendizagem colaborativa, transdisciplinaridade e gestão socioambiental na Amazônia: abordagens para a construção de conhecimento entre academia e sociedade. **Revista Brasileira de Pós-Graduação, [S. l.],** v. 10, n. 21, 2014. DOI: 10.21713/2358-2332.2013.v10.419. Disponível em: https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/419. Acesso em: 20 ago. 2024.

CARDOSO, Tabata; MARTINS, Maria Carmo Fernandes. **Escala dos Pilares de Resiliência (EPR)**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2013.

DARWICH, Araújo Darwich; GARCIA, Maria Lúcia Gaspar. Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. **Katálysis**, v. 22, n. 3, p. 558-565, 2019.

DRUMMOND, José. Augusto. Recursos naturais, meio ambiente e desenvolvimento na Amazônia brasileira: um debate multidimensional. **História, Ciências, Saúde-manguinhos.** v.6, p.1135–1177, 2000

FEARNSIDE, P. M. **A floresta Amazônia nas mudanças globais.** Manaus, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), 2003, 134 p.

FERNANDES, Joyce Sampaio Neves; MOSER, Liliane. Comunidades tradicionais: a formação social-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. **Katálysis**, v. *24, n.* 3, p. 532–541, 2021.

FISCHER, S.; FRÖHLICH-GILDHOFF, K. **Chancen-gleich**. Kulturelle Vielfalt als Ressource in frühkindlichen Bildungsprozessen. Manual zur Qualifizierung pädagogischer Fachkräfte. Stuttgart, Germany: Kohlhammer, 2019.

GONÇALVES, Karen dos Santos; CASTRO, Hermano Albuquerque de; HACON, Sandra de Souza. As queimadas na região amazônica e o adoecimento respiratório. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. *17, n.* 6, p. 1523–1532, 2012.

LIRA, Talita Melo; CHAVES, Maria Perpétuo Socorro Rodrigues. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações,** Campo Grande-MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, 2016.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. **Estudos Avançados,** v. 16, n. 45, p. 107–121, 2002.

OLIVEIRA JR. Antonio. Amazônia: paisagem e região na obra de Eidorfe Moreira. **Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Ciências Humanas, v. 10, n. 3, p. 569–581, 2015.

PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. A resiliência em discussão. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 1, p. 67-75. 2004.

SILVA, Mara Regina Santos da; ELSEN, Ingrid; Lacharité, Carl. Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. **Paidéia**, v. 13, n. 26, p. 147–156, 2003.

TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. In: Tavares José (org.) **Resiliência e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, p. 43-75; 2001.

VALE, Lawrence J. The politics of resilient cities: whose resilience and whose city? **Building Research & Information**, v. 42, n. 2, p. 191-201, 2014.

WERNER, Emmy E. Resilience in development. **Current Directions in Psychological Science**, v. *4, n.* 3, p. 81–85, 1995.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: CIÊNCIA OU FICÇÃO?[1]

ARTIFICIAL INTELLIGENCE: SCIENCE OR FICCTION?

INTELIGENCIA ARTIFICIAL: ¿CIENCIA O FICCÍON?

Paulo Uiris da Silva Gomes[2]

Resumo: Máquinas podem pensar? É uma indagação discutida pelos estudiosos da Inteligência Artificial desde os seus primórdios. A partir de uma breve contextualização histórica de formação do campo de estudo da Inteligência Artificial, levantamos as questões que compõe a temática desse trabalho: afinal, formou-se uma Ciência? Ou continua relegada ao plano da ficção científica? O que podemos esperar de suas supostas previsões? Nosso objetivo é esclarecer tais questões, e buscaremos fazê-lo recorrendo à filosofia da ciência do filósofo Karl Popper. Nossa conclusão é que a história da Inteligência Artificial é a história da tentativa de transformar uma ideia inicialmente restrita ao plano da literatura e da ficção, ou uma conjectura metafísica audaciosa – de que máquinas podem pensar – em uma ciência empírica. Nesse sentido, embora o campo de estudo da Inteligência Artificial possua diversos elementos de uma ciência, também continua a carregar elementos não científicos (metafísicos, ou mesmo ficcionais).

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Filosofia da Ciência; Karl Popper; Previsões Científicas.

Abstract: Can machines think? This is a question that has been debated by Artificial Intelligence scholars since the field's inception. Starting with a brief historical contextualization of the formation of the field of Artificial Intelligence, we raise the issues that make up the theme of this work: after all, has it become a Science? Or is it still relegated to the realm of science fiction? What can we expect from its supposed predictions? Our goal is to clarify these questions, and we will seek to do so by drawing on the philosophy of science of philosopher Karl Popper. Our conclusion is that the history of Artificial Intelligence is the history of the attempt to transform an idea initially confined to the realm of literature and fiction, or a bold metaphysical conjecture — that machines can think — into an empirical science. In this sense, although the field of Artificial Intelligence

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho "ST1: Interseções entre Literatura e Psicologia na construção do Futuro Amazônico" do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutorando em Comunicação, Linguagem e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. É Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: paulouiris@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0653-7816

contains various elements of a science, it also continues to carry non-scientific (metaphysical, or even fictional) elements.

Keywords: Artificial Intelligence; Philosophy of Science; Karl Popper; Scientific predictions.

Resumen: ¿Pueden las máquinas pensar? Es una cuestión debatida por los estudiosos de la Inteligencia Artificial desde sus inicios. Partiendo de una breve contextualización histórica de la formación del campo de estudio de la Inteligencia Artificial, planteamos las cuestiones que componen la temática de este trabajo: al fin y al cabo, ¿se ha formado una Ciencia? ¿O sigue relegada al plano de la ciencia ficción? ¿Qué podemos esperar de sus supuestas predicciones? Nuestro objetivo es aclarar tales cuestiones, y buscaremos hacerlo recurriendo a la filosofía de la ciencia del filósofo Karl Popper. Nuestra conclusión es que la historia de la Inteligencia Artificial es la historia del intento de transformar una idea inicialmente restringida al plano de la literatura y la ficción, o una audaz conjetura metafísica — de que las máquinas pueden pensar — en una ciencia empírica. En este sentido, aunque el campo de estudio de la Inteligencia Artificial posee diversos elementos de una ciencia, también sigue llevando elementos no científicos (metafísicos, o mismo ficticios).

Palavras clave: Inteligencia artificial; Filosofía de la Ciencia; Karl Popper; Predicciones científicas.

1. INTRODUÇÃO: MÁQUINAS PODEM PENSAR?

A questão sobre se as máquinas podem pensar tem sido um tema de debate desde os primórdios da inteligência artificial (IA). Esta questão, popularizada por Alan Turing em seu ensaio seminal "Computing Machinery and Intelligence", continua a ser discutida fervorosamente em diversos campos, desde a filosofia até a ciência da computação.

Os defensores da posição de que as máquinas podem pensar frequentemente baseiam seu argumento na capacidade das máquinas de realizar tarefas que, tradicionalmente, eram consideradas exclusivas da mente humana. Com os avanços na IA, vemos exemplos de sistemas que podem realizar tarefas complexas, como reconhecimento de fala, tradução automática, e até mesmo jogar xadrez ou Go em níveis que desafiam os melhores jogadores humanos. Esses feitos levam alguns a argumentar que as máquinas são

capazes de processar informações e tomar decisões de forma semelhante à mente humana, o que constituiria uma forma de pensamento.

No entanto, os críticos dessa visão frequentemente levantam a questão da natureza da consciência e da experiência subjetiva. Eles argumentam que, apesar de as máquinas poderem realizar tarefas complexas, isso não implica necessariamente que elas possuam consciência ou uma verdadeira compreensão do que estão fazendo. Por exemplo, um sistema de IA que joga xadrez pode ser extremamente habilidoso, mas não possui a experiência consciente do jogo ou a capacidade de apreciar sua beleza estética, como um ser humano faria.

Outro ponto de contenda é a questão da originalidade e da criatividade: os críticos argumentam que, mesmo que as máquinas sejam capazes de gerar resultados inovadores, como composições musicais ou obras de arte visual, essas criações são essencialmente imitações de padrões existentes e não refletem uma verdadeira capacidade de pensamento criativo. Além disso, a questão da intencionalidade é frequentemente levantada. As máquinas podem executar tarefas com eficiência, mas isso não implica que elas tenham intenções ou propósitos semelhantes aos humanos. Por exemplo, um robô que realiza tarefas domésticas não o faz por vontade própria ou por um desejo de ajudar, mas simplesmente porque foi programado para fazê-lo.

Essencialmente, a questão de se as máquinas podem pensar depende da definição de "pensamento" que estamos usando. Se “pensamento” for definido estritamente como a capacidade de processar informações e tomar decisões com base nessas informações, então é plausível argumentar que as máquinas podem, de fato, pensar. No entanto, se considerarmos o pensamento como algo mais abrangente, que inclui consciência, experiência subjetiva, originalidade e intencionalidade, então as máquinas ainda têm um longo caminho a percorrer antes de poderem ser consideradas verdadeiramente pensantes. Em última análise, o debate sobre se as máquinas podem pensar é multifacetado e complexo, e é improvável que haja uma resposta definitiva no futuro próximo. À medida que a tecnologia continua a avançar e nossa compreensão da mente

humana se aprofunda, é provável que novas perspectivas e insights surjam, enriquecendo ainda mais esse debate fascinante.

Talvez o leitor não tenha suspeitado, mas o texto acima foi escrito por uma máquina (mais especificamente, o chatbot ChatGPT 3.5): fato que, até pouquíssimo tempo atrás, deixaria perplexo qualquer pesquisador de Inteligência Artificial (IA doravante) ou qualquer indivíduo interessado no assunto. Um comando e alguns segundos foram o suficiente para que a máquina, em sua primeira tentativa, produzisse-o fluidamente. Convido o leitor a julgar a qualidade do texto e, também, a pensar o que seria necessário para que um de nós, humanos, escrevesse algo próximo a isto. Pode-se dizer, de modo geral, que é um texto bem estruturado, bem escrito, coeso, coerente e, essencialmente, correto acerca de seu conteúdo. Poder-se-ia até acreditar que fora escrito por algum especialista da área (como, talvez, alguns dos leitores tenham acreditado até a revelação deste parágrafo).

Máquinas que argumentam são impressionantes (e muito úteis) – o que é corroborado por sua rápida e crescente popularidade. Até menos de uma década atrás, pertenciam apenas aos intangíveis planos da especulação e da ficção: o que parecia impossível ou, no melhor dos casos, longínquo, está se tornando, em alguma medida, realidade. Mas, como saber se tais máquinas são, de fato, inteligentes ou se realmente pensam? Provavelmente o meio mais adequado para responder a essas questões seria utilizando as teorias, métodos e experimentos da ciência. No entanto, seria a IA, de fato, uma ciência? Ou suas práticas teriam mais proximidade da metafísica? É o que pretendemos investigar.

2. UM BREVE HISTÓRICO DO PROJETO DA MÁQUINAS PENSANTES

2.1 Máquinas de computação e inteligência

Historicamente, quem trata dessas questões relacionadas à Inteligência, ao Pensamento e seus correlatos são os campos de estudo da Filosofia (da mente), da Psicologia e das Ciências Cognitivas. Não obstante, um dos primeiros e mais notáveis teóricos a refletir seriamente sobre a aplicação destas às máquinas foi o matemático e cientista da computação inglês Alan Turing, “o primeiro a fazer

pesquisas substanciais no campo que hoje chamamos de Inteligência Artificial ou IA. [...] Turing pensava sobre inteligência das máquinas ao menos desde 1941" (COPELAND, 2004, p. 353, tradução nossa), sendo, por isso, considerado um dos pais da IA, com contribuições importantíssimas que repercutem até os dias atuais.

Uma delas é a investigação presente em seu artigo seminal intitulado "Computing Machinery and Intelligence", publicado na revista filosófica Mind em 1950, que trata da questão central do campo da Inteligência Artificial como um todo: "eu proponho que consideremos a questão: 'máquinas podem pensar?'" (TURING, 1950, p. 433, tradução nossa). Sua perspectiva era que tal questão "é por demais sem sentido para merecer uma discussão" (TURING, 1950, p. 442). e que seria "absurdo" debater os significados dos termos "máquina" e "pensamento", por isso, sugere substituir esta questão por outra, menos ambígua, a saber: o que aconteceria se uma máquina jogasse o "jogo da imitação" ? Ou seja, e se uma máquina fosse tão bem-sucedida na imitação de um ser humano a ponto de não ser possível diferenciá-los?

Para Turing, essa nova forma do problema tem como vantagem a sua clareza e delimitação, dessa forma, é possível inquirir a máquina sobre qualquer assunto dentro do âmbito intelectual humano e avaliar a sua inteligência a partir da sua resposta (o que foi sugerido ao leitor realizar acerca do texto do ChatGPT). Muitas objeções foram levantadas contra a proposição de Turing (e sobre o jogo da imitação) como parâmetro de avaliação da inteligência das máquinas e ele mesmo antecipou algumas dessas críticas e "visões contrárias" à sua (TURING, 1950, p. 442-454). Ainda assim, suas ideias seminais tiveram profundo impacto na formação do campo de estudo e continuam a reverberar nas práticas e reflexões presentes.

2.2 **Máquinas que simulam qualquer característica da inteligência**

Das reflexões iniciais de Turing até os dias atuais, muito aconteceu no campo da IA: muito foi teorizado, escrito, discutido, feito e testado – para muito além do que poderia enxergar e imaginar o eminente teórico britânico. Em toda essa trajetória multifacetada, instável, repleta de sonhos e fracassos igualmente

grandiosos, é preciso destacar como um de seus momentos mais importantes a Conferência de Dartmouth nos Estados Unidos em 1956.

Mais especificamente, a Conferência de Dartmouth (The Dartmouth Summer Research Project on Artificial Intelligence) marca a fundação da Inteligência Artificial enquanto campo de estudo distinto e característico – não meramente um subcampo de outra disciplina –, e é onde se estabelece o termo "Inteligência Artificial" para designar possíveis máquinas inteligentes. A proposta para tal conferência data de 1955 (MCCARTHY *et al.* 1955), tem autoria dos notáveis teóricos John McCarthy, Marvin Minsky, Nathaniel Rochester e Claude Shannon. A intenção era reunir pesquisadores interessados em autômatos, processamento de linguagem, redes neurais, aprendizado e inteligência de máquinas. A proposta, em si, é bem curta, mas contém ideias inovadoras e audaciosas que viriam a definir o futuro do campo de estudo, a exemplo da seguinte:

> O estudo terá como base *a conjectura que todo aspecto do aprendizado ou qualquer outra característica da inteligência pode em princípio ser tão bem precisamente descrito que uma máquina pode ser capaz de simulá-lo*. Será realizada uma tentativa de descobrir como fazer com que máquinas usem a linguagem, formem abstrações e conceitos e resolvam problemas, até então, reservado a humanos, e se aperfeiçoem (MCCARTHY *et al.* 1955, p. 13, tradução e grifos nossos).

A conferência de Dartmouth foi um importantíssimo marco para o campo de estudo. Não só por reunir alguns dos pesquisadores mais relevantes da época e facilitar o seu diálogo, mas, principalmente, por estabelecer as bases e perspectivas fundamentais – e diversas – que definiram os rumos da prática e pesquisa no campo pelas próximas décadas: a conferência "apresentou uns aos outros todos os personagens importantes da história. Nos 20 anos seguintes, o campo seria dominado por essas pessoas e por seus alunos e colegas do MIT, da CMU, de Stanford e da IBM." (RUSSELL; NORVIG, 2013, p. 17).

Nas décadas seguintes à conferência de Dartmouth, o campo de estudo em IA se ramificou ainda mais, em subcampos como processamento de linguagem natural, visão computacional, representação e racionalização de conhecimento, robótica, redes bayesianas, aprendizado de máquinas, entre

outros (NILSSON, 2009; MCCORDUCK, 2004). É importante ressaltar que, até pouco tempo atrás, esses subcampos de estudo não conversavam muito entre si e os seus progressos costumavam ser locais e não aplicáveis aos outros subcampos, devido a diferentes técnicas e práticas.

2.3 **Máquinas atentas**

Um ponto de inflexão para uma maior aproximação entre as subáreas foi o desenvolvimento e popularização dos Transformadores (Transformers), com a publicação e grande repercussão do artigo “Atenção é tudo o que você precisa” (VASWANI *et al.*, 2017), já considerado revolucionário e central para a IA moderna, com mais de 110.000 citações. Esse trabalho tornou-se fundamental para a IA porque o que parecia, a princípio, uma nova arquitetura para o subcampo específico de Processamento de Linguagem Natural (Natural Language Processing ou NLP), mostrou-se generalizável e aplicável também a diversos outros subcampos – fato imaginado pelos autores e que acabou por se mostrar realidade.

Os Transformadores possibilitaram uma maior integração entre os, até então, muito dispersos subcampos da IA: se, antes, as pesquisas e progressos nos subcampos da IA eram muito atomizadas e, quase sempre, restritas ao contexto específico do próprio subcampo, agora, com os Transformadores, essas fronteiras entre os subcampos têm progressivamente se abrandado e os progressos relacionados aos Transformadores costumam ter aplicações em diversos domínios da IA. Sendo assim, muito embora o campo de pesquisa da IA continue fragmentado sob diferentes domínios, os Transformadores são uma ponte de contato entre tais.

Por que é o caso? Qual o grande diferencial dessa arquitetura? Muito simplificadamente, as suas especificidades permitem a “tradução” e processamento de diferentes modalidades de inputs – texto, áudio, imagem, vídeo –, transformando tudo na mesma “linguagem” (tokens e vetores) e possibilitando também outputs em modalidades diferentes, de um modo relativamente rápido, paralelizado, escalável e eficiente. Desse modo, os Transformadores mostraram-se úteis e promissores em diferentes ramos da IA

(para muito além do Processamento de Linguagem) e, por isso, têm relação com boa parte das pesquisas e práticas do campo de estudo como um todo nos últimos anos (LIN *et al.*, 2022). Apesar de tudo, os Transformadores possuem diversas limitações e, devido a estas, há críticos que questionam se são realmente um modelo viável para atingir os fins determinados de certos subcampos ou, mesmo, para chegar a uma Inteligência Artificial Geral.

2.4 **Máquinas diversas**

Apesar da convergência de interesses de boa parte dos pesquisadores em IA acerca dos Transformadores – e do aprendizado de máquinas em geral - , o campo continua fragmentado em subcampos distintos: a alcunha "Inteligência Artificial" serve mais como uma denominação genérica (ou um hiperônimo) do que como a designação de uma ciência ou de um campo de estudo bem delimitado, estruturado e uniforme. Nesse sentido, "não há nenhuma definição amplamente aceita de Inteligência Artificial. Consequentemente, o termo 'IA' tem sido usado em diversos sentidos diferentes, tanto dentro do Campo de Estudo quanto fora dele" (WANG, 2019, p. 1, tradução nossa). Este era o caso quando o Campo foi fundado (na Conferência de Dartmouth) e continua a sê-lo (pós-Transformadores) mais de meio século depois.

A história da Inteligência Artificial é a história da ascensão e queda de paradigmas distintos, sempre muito promissores, mas nunca bons o suficiente. Nesse processo, o público em geral ganha aplicações novas, interessantes e úteis, mas nunca aquela Inteligência Artificial Geral tão prometida.

Sendo assim, em todos esses anos de progressos e conquistas no campo, várias questões e hipóteses sobre uma inteligência artificial geral ou próxima à humana foram levantadas, mas poucas foram realmente respondidas ou corroboradas, o foco do campo se concentrou em aplicações específicas ou expert systems. Há uma grande preocupação em publicar sucessos e inovações, mas pouquíssima em publicar insucessos, testes falseadores, reprodução de experimentos, ou mesmo críticas de publicações anteriores. Há um grande esforço para pesquisar, produzir e publicar a "melhor, maior e mais impressionante nova IA", e muito pouco em analisar, questionar e criticar as

atividades do Campo, o que seria essencial para a consolidação de uma ciência robusta. Sobre isto Marvin Minsky adverte: “a IA nunca poderá ser uma ciência enquanto não publicar tanto seus fracassos quanto seus sucessos” (MOOR, 2006, p. 87, tradução nossa). De modo geral, a prática da IA nas últimas décadas segue muito mais as demandas do mercado e das Big Techs do que as da ciência e da academia (e os pesquisadores de destaque da academia tendem a ser cooptados pelo mercado), isto é um grande problema caso se queira desenvolver uma IA robusta, segura e benéfica.

3. MÁQUINAS QUE PENSAM: CIÊNCIA, METAFÍSICA OU FICÇÃO?

3.1 **Sobre o status científico da inteligência artificial**

Afinal, seria a Inteligência Artificial uma ciência? A resposta dependerá do que considerarmos como “ciência” e o quão bem a IA se adeque nesses critérios. Avaliemos, então, a perspectivas do célebre filósofo da ciência Karl Popper (1902-1994) sobre as características fundamentais da ciência e apliquemos ao campo de estudo da IA.

Evidentemente, não é nosso intento afirmar que a filosofias de Karl Popper é a verdade absoluta sobre os critérios de cientificidade e que, caso o campo da Inteligência Artificial não se encaixe em seus parâmetros, não teria qualquer valor científico e todo o esforço de seus pesquisadores não passou de um colossal desperdício. Elegemos a filosofia da ciência de Popper para analisar o status científico do campo da Inteligência Artificial porque julgamos que seja - além de muito útil para descrevê-lo - pertinente e especialmente pontual quando aplicada às práticas da IA, uma vez que seus conceitos se adequam muito bem à história e às atividades da área.

O que define a prática científica na visão do filósofo Karl Popper? A característica fundamental da ciência é a atitude crítica (POPPER, 2006a, p. 80), seu método é o de “conjecturas e refutações” (POPPER, 1975, p. 84), e seu “critério de demarcação” que a distingue da não ciência é a falseabilidade (POPPER, 2013, p. 38). Isto é, para que uma teoria seja considerada científica deve ser possível, mediante um teste falseador, refutá-la. Sendo assim, a prática

da ciência é a de formular teorias audaciosas e investigá-las criticamente a fim de falseá-las. Nas palavras do próprio filósofo: “um cientista [...] formula hipóteses ou sistemas de teorias, e submete-os a teste, confrontando-os com a experiência, através de recursos de observação e experimentação” (POPPER, 2013, p. 27).

O campo de estudo da IA se adequa nessa descrição? É difícil responder assertivamente esta questão dada a diversidade e falta de unidade do campo: “qual parte da IA?”. A despeito disso, é possível afirmar algumas coisas: certamente, os seus pesquisadores formulam “teorias audaciosas” , a própria premissa do campo – máquinas pensantes ou inteligentes – evidencia isto; todavia, se buscam “investigá-las criticamente a fim de falseá-las” é algo discutível, pois a atitude do campo parece ser muito mais a de buscar “verificações” ou “confirmações” para as conjecturas (atitude, para Popper, não científica), até que, eventualmente, chegue-se a um ponto sem saída e a realidade demonstre as suas limitações, em vez de buscar ativamente refutá-las.

Também há uma questão de escopo da testabilidade: há, ao menos nos últimos anos, testes rigorosos e minuciosos quanto às capacidades de certas aplicações de IA, em um nível mais pragmático; mas não há a mesma criticidade e severidade acerca das premissas teóricas dessas aplicações, em um nível mais abstrato. Nesse sentido, fica a questão: vale a pena ser crítico apenas em um nível mais superficial e ignorar os possíveis problemas subjacentes? Dando um exemplo prático: os Modelos de Linguagem Grandes são rigorosamente testados segundo diferentes critérios (benchmarks) a fim de avaliar as suas capacidades; contudo, pouco se questiona (ou se testa) se, realmente, são uma boa arquitetura para se atingir níveis mais gerais de inteligência, havendo uma fé quase cega, por parte do campo, em sua efetividade e, cada vez mais, os esforços, pesquisas e investimentos nesses modelos aumentam.

À vista de tudo isso, o campo de estudo da Inteligência Artificial não se adequa plenamente à descrição de ciência empírica proposta pelo filósofo Karl Popper. Embora possua elementos vistos pelo filósofo como científicos (a formulação de conjecturas ousadas e a realização de testes), deixa a desejar quanto aos aspectos mais críticos da ciência, isto é, não tem como enfoque a

falseabilidade (pelo contrário, tem uma atitude muito mais verificacionista) e a sua "testabilidade" é muito concentrada em pontos mais superficiais e pragmáticos, que não têm o caráter de "testes falseadores" da teoria subjacente - se, por exemplo, um Modelo de Linguagem Grande falha em algum teste de benchmark (o que costuma acontecer frequentemente), isto não põe em cheque a hipótese de que através dessa arquitetura é possível chegar a uma Inteligência Artificial Geral.

Em nossa visão, o Campo da Inteligência Artificial se adequa muito mais ao conceito popperiano de "Programa Metafísico de Pesquisa" (*Metaphysical Research Programme*), uma vez que a sua prática parece estar na fronteira entre a Ciência, a Metafísica (ou mesmo a Ficção), possuindo elementos de ambos. Mas o que é um "Programa Metafísico de Pesquisa" ? Nas palavras do filósofo da ciência, "o nome 'programa metafísico de pesquisa' foi usado por mim para certos programas de pesquisa para a ciência; aqueles que ainda não são testáveis" (POPPER, 1982, p. 32, tradução nossa), tais programas, "moldam e determinam o curso e o desenvolvimento da pesquisa científica" (POPPER, 1982, p. 31, tradução nossa) e são "uma estrutura possível para teorias científicas testáveis" (POPPER, 1990, p. 168 tradução nossa). Ou seja, os Programas Metafísicos de Pesquisa são ideias norteadoras da prática científica, embora elas mesmas – ainda – não sejam científicas: são conjecturas metafísicas (irrefutáveis) audaciosas suficientemente poderosas para direcionar a curiosidade e o método científico em certos caminhos a fim de explorar novos horizontes e, eventualmente, caso haja robustez de pesquisa o suficiente, torná-la uma disciplina ou teoria científica. Os exemplos de Programas Metafísicos de Pesquisa dados por Popper são: o Darwinismo, a Teoria da Célula e o Atomismo.

Como o conceito de "Programas Metafísicos de Pesquisa" se aplica ao campo de estudo da Inteligência Artificial? Ora, desde seus primórdios, o campo foi norteado por algumas conjecturas audaciosas que direcionaram suas linhas de pesquisa. O próprio Alan Turing, ao explicitar as suas crenças acerca das máquinas inteligentes, corrobora tal ponto de vista:

> A concepção popular de que os cientistas procedem inexoravelmente de fatos bem estabelecidos para fatos bem estabelecidos, nunca sendo influenciados por nenhuma conjectura não provada, está muito equivocada. Desde que se deixe claro quais são os fatos provados e quais são as conjecturas, não há prejuízo algum. As conjecturas são de grande importância, pois sugerem linhas de pesquisa úteis (TURING, 1950, p. 442, tradução nossa).

De certo modo, o esforço do Campo, nesses últimos setenta anos desde a sua fundação, foi o de transformar essas conjecturas - a princípio – metafísicas ou ficcionais, em conhecimentos e práticas de uma ciência empírica séria. Tal esforço, até então, teve um grau de sucesso razoável (tendo em vista os pontos apresentados anteriormente) e, nos últimos anos, houve uma maior integração entre os subcampos da IA e uma maior coesão metodológica, principalmente em torno do aprendizado de máquinas e dos Transformardores: “A IA avançou mais rapidamente na última década, devido ao uso mais intenso do método científico nas experiências e na comparação entre as abordagens” (RUSSELL; NORVIG, 2013, p. 27).

3.2 **Máquinas de inteligência geral: previsões ou profecias?**

Não é preciso de uma apurada investigação histórica para atestar que muitas das promessas da Inteligência Artificial parecem ultrapassar os limites rigorosos das previsões científicas e adentrar o território fantasioso da ficção científica - ou do otimismo cego (*wishful thinking*). Nesse sentido, os pesquisadores do campo são famosos – ou infames – por suas “previsões” (ou, talvez, profecias) grandiosas que, muitas das vezes, após o infalível teste do tempo, mostram-se malogradas (até então).

Popper (2006b, p. 452-453) ressalta a distinção entre “previsões” e “profecias”, ideias muitas das vezes confundidas na prática cotidiana e científica. Para ele, a principal característica das previsões científicas é a sua condicionalidade, isto é, a delimitação de que se determinadas condições forem alcançadas, então determinada consequência ocorrerá, “se ocorrer X, então resultará Y”, se a temperatura da água numa chaleira ao nível do mar chegar à 100 graus celsius, então a água evaporará. Já as profecias têm como

característica principal a sua incondicionalidade, isto é, não são dadas condições testáveis para que um determinado evento ou fenômeno ocorra, só se enuncia que este ocorrerá ("Y ocorrerá") sem fundamentação teórica ou empírica exatas. Para o filósofo, a ciência deve ser caracterizar por fazer previsões, não profecias, muito embora, devido a falhas críticas e metodológicas, a realização de profecias seja relativamente comum em sua prática.

Dentro desse contexto, em nossa visão, muitas das promessas grandiosas na história da Inteligência Artificial soam mais como profecias do que como previsões, uma vez que, muitas das vezes, não há grandes preocupações em definir claramente os seus condicionantes, e a suntuosidade dessas alegações tende a extrapolar consideravelmente a plausibilidade de sua fundamentação empírico-teórica. Em outras palavras: promete-se, sem definir exatamente como, muito mais do que se demonstra poder cumprir.

Para dar alguns exemplos notórios: no início da década de sessenta, Hebert Simon (1960, p. 38), um dos pioneiros da pesquisa em IA e detentor de um prêmio Nobel e um prêmio Turing, afirmou que "as máquinas serão capazes, dentro de vinte anos, de fazer qualquer trabalho que um homem possa fazer [ou seja, até 1980]"; já em 1967, Marvin Minsky, outro pioneiro e grande nome da IA, alegou que "dentro de uma geração [...] o problema de criar uma inteligência artificial estará substancialmente solucionado" (MINSKY, 1967, p. 2, tradução nossa) e, em 1970, em uma entrevista à Life Magazine, é ainda mais audacioso ao afirmar que "daqui a três a oito anos, teremos uma máquina com a inteligência geral de um ser humano médio [entre 1973 e 1978]"; por sua vez, em 1977, o célebre cientista da computação e roboticista Hans Moravec afirmou que "máquinas que pensam tão bem quantos humanos começarão a aparecer em dez anos [ou seja, até 1987]" (MORAVEC, 1977, tradução nossa), contudo, onze anos depois (MORAVEC, 1988), refaz sua "previsão" dizendo que isto ocorrerá em trinta ou quarenta anos (até 2028); mais recentemente, Shane Legg, eminente pesquisador da área, cofundador e cientista chefe de uma das maiores empresas de IA do mundo (Google DeepMind), em uma entrevista concedida a Alexander Kruel (2011) sobre os riscos da IA, afirmou que há uma chance de

50% de até 2028, e 90% até 2050, de desenvolvermos uma inteligência artificial geral equiparável à humana (*human-level AI*).

De modo mais abrangente, para além de algumas alegações selecionadas, e levando em conta a diversidade de pontos de vista sobre o assunto , o panorama geral é: “as previsões sobre os desenvolvimentos futuros da inteligência artificial são tão confiantes quanto são diversas” (ARMSTRONG; SOTALA, 2012, p. 1, tradução nossa), que “não há consenso aparente entre os especialistas em IA sobre o futuro do campo” (GRACE et al., 2024, p. 2, tradução nossa). Isto é, “os especialistas discordam fortemente entre si no que se refere ao timing e a ordem de marcos chave” (BAUM et al. 2011, p. 1, tradução nossa) e, por isso, “a credibilidade geral no julgamento de especialistas sobre o futuro da IA mostrou-se pobre, um resultado que se adequa aos levantamentos anteriores” (ARMSTRONG et al. 2014, p. 1, tradução nossa).

À vista disso, cabe questionar: os pesquisadores do campo (e, por conseguinte, o público em geral) têm uma ideia realista das potencialidades e limites do campo? ou será que o imaginário que cerca a ideia de máquinas pensantes foi por demais contaminado (pela ficção e pela propaganda) a ponto de os próprios praticantes da área terem dificuldade de distinguir expectativas realistas daquelas fantasiosas?

Por, desde o princípio, a IA necessitar de significantes recursos para conduzir suas pesquisas e também ter se transformado em uma indústria, hoje, bilionária, é compreensível (porém, muito questionável) que seu discurso tenha se adaptado para atrair a atenção de investidores ou clientes e para vender projetos de pesquisa promissores e “novas e extraordinárias” aplicações. Igualmente, o apelo aos clichês da ficção científica é muito eficiente do ponto de vista comunicacional, dado que o público em geral tem muito mais familiaridade com a ficção do que com as especificidades técnicas da pesquisa. O grande problema dessas práticas é que o seu objetivo não é a verdade e tampouco o seu rigor é científico. Logo, o campo fica em uma ambiguidade entre os, muitas das vezes contraditórios, incentivos e pressões do mercado, que lhe geram financiamento, e os da ciência, que o desenvolvem.

Sem dúvida, é preciso um maior rigor e severidade no que se refere às alegações, promessas e previsões do campo. É preciso que seu discurso e prática sejam menos próximos daqueles da ludibriosa publicidade (que está mais preocupada com atrair a atenção do que com a verdade) e da fabulosa ficção científica (para a qual o deslumbramento é muito mais importante do que a fatualidade), e mais alinhado com os princípios da sóbria ciência, cuja característica fundamental é a atitude crítica e para a qual a verdade é a meta, por mais insípida que possa ser.

Por que as previsões dos pesquisadores da IA não são tão confiáveis quanto as de outras ciências estabelecidas? Na perspectiva de Karl Popper (2006b, p. 449-462) sobre as previsões científicas, é porque as previsões devem ser uma derivação das leis científicas, isto é, se temos uma lei científica fortemente corroborada, então as previsões sobre os fenômenos explicados por essa lei serão altamente confiáveis (e, caso falhem, podem ser usadas como falseadores potenciais da teoria). Sendo assim, "todas as ciências teóricas são ciências de previsão" (POPPER, 2006b, p. 452). Agora, se não há uma teoria científica robusta, não há como fazer boas previsões. Dentro desse contexto, não há, até hoje, uma teoria robusta sobre Inteligência Artificial Geral (Artificial General Intelligence, ou AGI), embora haja uma diversidade de perspectivas e hipóteses. Por conseguinte, é impossível fazer previsões precisas sobre o assunto, e o esperado é que não haja mesmo consenso entre os especialistas. O que há são boas teorias sobre aprendizado de máquinas e sobre outras técnicas e especificidades de sistemas especialistas (expert systems ou narrow AI), mas a lacuna entre estes e uma Inteligência Artificial Geral tão boa ou superior à humana é gigantesca.

O que, então, as previsões dos pesquisadores da IA podem nos dizer? É importante considerar tais previsões, por mais diversas e incertas que possam ser, porque - algo sobre o que não falta consenso é que - uma Inteligência Artificial Geral ou de um nível semelhante à inteligência humana pode ter impactos completamente transformadores em nossa sociedade, sejam eles positivos (ou, mesmo, utópicos) ou negativos (quiçá, catastróficos):

> Uma IA geral superinteligente pode usar sua vasta inteligência para resolver a maioria dos problemas humanos ou para destruir os seus criadores humanos. Sendo seus resultados bons ou ruins, a façanha de uma Inteligência Artificial Geral seria um dos eventos mais importantes da história humana (BAUM et al. 2011, p. 3, tradução nossa).

Nesse sentido, é do interesse público saber o quão razoáveis são as estimativas para essa superinteligência artificial, quais são seus riscos e como será o seu desenvolvimento, segundo Baum et al. (2011, p. 3, tradução nossa), "é de considerável importância e interesse fazer as melhores estimativas sobre quando e como uma IA geral ocorrerá". Por menor consenso que possa haver entre os seus especialistas e por mais superestimadas que sejam as previsões sobre o futuro do campo, ainda assim, esses mesmos especialistas são as pessoas mais bem informadas e mais bem indicadas para tentar fazer qualquer prognóstico acerca dessa tecnologia de gigantesco potencial, pois "sua familiaridade com a tecnologia e com a dinâmica de seus progressos passados os colocam em uma boa posição para realizar suposições instruídas sobre o futuro da IA" (GRACE *et al.*, 2024, p. 2, tradução nossa). O conjunto de perspectivas sobre o futuro do campo, embora não possa nos oferecer uma precisão científica sobre o seu desenvolvimento, pode nos oferecer uma ideia do sentimento geral de seus especialistas sobre o assunto e, a partir disso, uma ideia do quão urgente deve ser a nossa preocupação com os seus riscos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, máquinas podem pensar? Embora seja uma questão discutida desde a origem do campo de estudo da Inteligência Artificial, ela continua em aberto e alvo de interessantes discussões até hoje. A despeito da sua falta de resolução, tal indagação provocou importantes debates, ideias e projetos na história da Inteligência Artificial. Turing, um dos primeiros a formalmente discuti-la, propôs substituí-la por um teste objetivo (o "jogo da imitação") e, assim, estipulou um critério de inteligência que, para o bem ou para o mal, serviu de modelo para os futuros progressos do campo. Pouco tempo depois das especulações iniciais de Turing, os participantes da Conferência de Dartmouth propunham-se a simular "todo aspecto do aprendizado ou qualquer outra

característica da inteligência" (MCCARTHY et al. 1955, p. 13, tradução nossa), dividindo o campo em formação em projetos de pesquisa distintos. Mais recentemente, surgiu uma ponte entre os diferentes subcampos da IA: os Transformadores, que têm se mostrado muito úteis e promissores.

A partir desse contexto histórico de formação do campo de estudo da Inteligência Artificial, levantamos a questão: afinal, formou-se uma Ciência? Ou a Inteligência Artificial continua relegada ao plano da ficção científica? O que podemos esperar de suas supostas previsões? Recorremos à filosofia da ciência do eminente filósofo Karl Popper a fim esclarecer tais pontos e concluímos que a história da Inteligência Artificial é a história da tentativa de transformar uma ideia que se origina no plano da literatura e da ficção, ou uma conjectura metafísica audaciosa (de que máquinas podem pensar), em uma ciência empírica. Nesse sentido, embora o campo de estudo da Inteligência Artificial possua diversos elementos de uma ciência, também continua a carregar elementos não científicos (ou metafísicos, ou ficcionais), sendo a denominação popperiana de "Programa Metafísico de Pesquisa" mais adequada para descrevê-lo. Por ainda não haver uma teoria robusta acerca de uma Inteligência Artificial Geral ou de uma inteligência próxima à humana, também não é possível fazer boas previsões sobre se, como e quando as atingiremos, sendo assim, tentar fazê-lo equivale a fazer profecias. Finalmente, é importante que busquemos maior cientificidade nas práticas da Inteligência Artificial em razão das suas possíveis e grandiosas implicações e riscos: o nosso futuro depende disso.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Stuart; SOTALA, Kaj. "How We're Predicting AI—or Failing To." In: ROMPORTL et al. Beyond AI: Artificial Dreams. 52–75. Pilsen: University of West Bohemia. 2012.

ARMSTRONG, Stuart; SOTALA, Kaj; ÓHÉIGEARTAIGH, Séan. "The Errors, insights and lessons of famous AI predictions – and what they mean for the future". In: Journal of Experimental & Theoretical Artificial Intelligence. v. 26, n. 3, p. 317-342, 2014.

BAUM, Seth; GOERTZEL, Ben; GOERTZEL, Ted. How Long Until Human-Level AI? Results from an Expert Assessment. Technological Forecasting & Social Change. v.78, n. 1, p. 185-195, 2011.

COPELAND, Jack. The Essential Turing. Oxford: Oxford University Press, 2004.

LIN, Tianyang; WANG, Yuxin; LIU, Xiangyang; QIU, Xipeng. A survey of transformers. AI Open, v. 3, p. 111-132, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.aiopen.2022.10.001. 2022. Acesso em: 10 jan. 2024.

DIAS, Elizabeth de Assis. O papel dos programas de investigação metafísica no avanço da ciência no pensamento de Popper. Disputatio: Philosophical Research Bulletin. v.12, n. 24. p. 205-2225, 2023.

DREYFUS, Hubert L. What computers can't do. New York: Harper & Row, 1972.

GRACE, Katja et al. Thousands of AI Authors on the Future of AI. 2024. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2401.02843. Acesso em: 15 Abr. 2024. Data de acesso (dia/mês/ano)?

KRUEL, Alexandrer. Interview Series on Risks from AI. 2011. Disponível em: https://www.lesswrong.com/tag/interview-series-on-risks-from-ai. Acesso em: 15 Abr. 2024. Data de acesso (dia/mês/ano)?

MCCARTHY, J. et al. A Proposal for the Dartmouth Summer Research Project on Artificial Intelligence. 1955. In: AI Magazine. v. 27, n. 4. 2006.

MCCORDUCK, Pamela. Machines who think. Massachusetts: A K Peters Ltd., 2004.

MINSKY, Marvin. Computation: Finite and Infinite Machines. New Jersey: Englewood, 1967.

MOOR, J. The Dartmouth College Artificial Intelligence Conference: the next Fifty Years. AI Magazine, v. 27, n. 4, p. 87-91, 2006.

MORAVEC, Hans. Intelligente Machines: How to Get there From Here and What to Do Afterwards. Artigo não publicado. 1977.

MORAVEC, Hans. Mind Children: The Future of Robot and Human Intelligence. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

NEWELL, A.; SIMON, H. A. "Computer science as empirical inquiry: Symbols and search". In: Communications of the ACM, v. 19, n. 3, p. 113-126, 1976.

NILSSON, Nils. The Quest for Artificial Intelligence: a history of ideas and achievements. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

POPPER, Karl. A lógica da pesquisa científica. Tradução Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

POPPER, Karl. Conhecimento objetivo. Tradução de Milton Amado. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1975.

POPPER, Karl. Em busca de um mundo melhor. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins, 2006a.

POPPER, Karl. Conjecturas e Refutações. Tradução de Benedita Bittencourt. Coimbra: Almedina, 2006b.

POPPER, Karl. Quantum theory and the schism in physics. The Postscript to The logic of scientific discovery as edited by W. W. Bartley III. New Jersey: Rowman and Littlefield, 1982.

POPPER, Karl. Unended Quest: an intellectual autobiography. Illinois: Open Court, 1990.

RUSSELL, Stuart; NORVIG, Peter. Inteligência Artificial. Tradução da 3ª edição, feita por Regina Célia Simille. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SIMON, Herbert A. The New Science of Management Decision. New York: Harper & Row, 1960.

TURING, Alan. Computing Machinery and Intelligence. Mind, v. LIX, n. 236, p. 433-460, 1950.

VASWANI, Ashish et al. Attention is all you need. Proceedings of the 31st Conference on Neural Information Processing Systems, (NIPS' 17). p. 1–11. 2017.

WANG, Pei. On Defining Artificial Intelligence. Journal of Artificial General Intelligence. v. 10, n. 2, p. 2019.

MINDFULNESS E LEITURA PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA EXPERIÊNCIA TERAPÊUTICA[1]

MINDFULNESS AND READING FOR UNIVERSITY STUDENTS: A THERAPEUTIC EXPERIENCE

MINDFULNESS Y LECTURA PARA ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS: UNA EXPERIENCIA TERAPÉUTICA

Thainá Guimarães Durães Souza[2]

Rosangela Darwich Araújo[3]

Resumo: Os textos devem ser acompanhados de um resumo, formatado em espaçamento simples, com no mínimo 700 e máximo 1000 caracteres (com espaços), contendo tema, objetivos, metodologia e o principal resultado alcançado. O resumo deve ser traduzido para o inglês e o espanhol.
Problemas de saúde mental são prevalentes na população acadêmica sendo comum a presença de estresse e transtornos mentais. O presente estudo objetiva analisar as contribuições da leitura de textos literários, combinadas às práticas de *Mindfulness* como possibilidades de experiências terapêuticas no contexto da educação universitária. Essas práticas são avaliadas de modo individual e combinadas para entender seus efeitos em relação à saúde mental e bem-estar, conforme o contexto universitário e seus desafios. Por meio dos resultados deste estudo, percebe-se que a leitura consciente pode melhorar o bem-estar, a empatia e a saúde mental, bem como *Mindfulness* pode mediar esses efeitos e transformar a leitura em uma prática terapêutica, além dos benefícios da própria prática de *Mindfulness*. A exploração dessa associação em universitários apresenta-se como uma área promissora para futuras pesquisas devido aos benefícios da associação destas práticas e a escassez de estudos com este escopo.

Palavras-Chave: *Mindfulness*. Leitura. Estudantes. Universitários. Terapêutica.

Abstract: Mental health problems are prevalent in the academic population, with stress and mental disorders being common. This study aims to analyze the contributions of reading literary texts combined with Mindfulness practices as potential therapeutic experiences in the context of higher education. These

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Interseções entre Literatura e Psicologia na Construção do Futuro Amazônico do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) pela Universidade da Amazônia e graduanda em Psicologia (UNAMA). Pós-graduação em MBA em Gestão de Projetos (FGV) e graduada em Farmácia Bioquímica (UFVJM). E-mail: thainagduraes@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-1286-0984.

[3] Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento. Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

practices are evaluated individually and in combination to understand their effects on mental health and well-being, considering the university context and its challenges. The results of this study indicate that mindful reading can enhance well-being, empathy, and mental health, while Mindfulness can mediate these effects, transforming reading into a therapeutic practice, along with the benefits of the Mindfulness practice itself. Exploring this association among university students presents a promising area for future research due to the benefits of combining these practices and the scarcity of studies with this focus.

Keywords: Mindfulness. Reading. Students. University Students. Therapeutic.

Resumen: Problemas de salud mental son prevalentes en la población académica, siendo común la presencia de estrés y trastornos mentales. El presente estudio tiene como objetivo analizar las contribuciones de la lectura de textos literarios, combinadas con las prácticas de Mindfulness como posibilidades de experiencias terapéuticas en el contexto de la educación universitaria. Estas prácticas se evalúan de manera individual y combinada para comprender sus efectos en la salud mental y el bienestar, de acuerdo con el contexto universitario y sus desafíos. A través de los resultados de este estudio, se percibe que la lectura consciente puede mejorar el bienestar, la empatía y la salud mental, así como Mindfulness puede mediar estos efectos y transformar la lectura en una práctica terapéutica, además de los beneficios de la propia práctica de Mindfulness. La exploración de esta asociación en estudiantes universitarios se presenta como un área prometedora para futuras investigaciones debido a los beneficios de la asociación de estas prácticas y la escasez de estudios con este enfoque.

Palavras clave: Mindfulness. Lectura. Estudiantes. Universitarios. Terapéutica.

1. INTRODUÇÃO

Problemas de saúde mental são questões preocupantes na população acadêmica universitária, sobretudo no que tange aos estudantes de graduação, os quais são vulneráveis ao desenvolvimento de estresse e transtornos mentais como a ansiedade e depressão (Bohry, 2007). Alguns estudos nesta área vêm estimando uma alta prevalência desses transtornos entre universitários, a ponto de sugerir que cerca de 15 a 25% dos universitários poderão apresentar algum transtorno mental ao longo de sua graduação (Vasconcelos et al., 2015). Além disso, com tantas demandas e conhecimentos a adquirir, a etapa da graduação caracteriza-se por um período de busca pela identidade profissional e grandes mudanças, expectativas, tornando-os mais suscetíveis ao estresse e aos sintomas relacionados (Cerchiari, 2004).

O presente contexto vivenciado por estudantes universitários apresenta desafios para a manutenção do bem estar e promoção da saúde destes indivíduos, possibilitando impacto não apenas na esfera individual, mas também social, o que torna importante compreender e propor iniciativas de intervenções que auxiliem o estudante nesta fase de sua vida. Através deste panorama, o objetivo deste estudo visa compreender se as práticas de leitura e de Mindfulness poderiam ser propostas de experiências terapêuticas aos estudantes universitários adeptos a práticas regulares. Para esta análise, será necessário compreender as contribuições psicológicas e relacionadas a bem-estar para os leitores, bem como descrever as contribuições das práticas de Mindfulness em termos de saúde e qualidade de vida. Além disso, será importante compreender as perspectivas de saúde mental dentre os estudantes e como estas práticas estão inseridas neste contexto.

Inicialmente será descrito o panorama atual da educação superior, considerando, sobretudo, os desafios em termos de adoecimento/ saúde mental desta população. Em seguida, será necessário compreender conceitos, aspectos relevantes e princípios sobre Mindfulness, além de sua vivência na área educacional, considerando as perspectivas de abertura e presença às experiências e benefícios em termos da relação de Mindfulness como uma experiência terapêutica. Em seguida, será abordada a temática da leitura como experiência terapêutica, considerando as possibilidades de transformação de tal prática. Por fim, o presente estudo abordará a correlação entre leitura e Mindfulness e os efeitos terapêuticos de tais propostas, considerando três estudos na literatura mais alinhados à presente proposta, apresentando, ao final, as conclusões a respeito dos objetivos de tal pesquisa.

2. O CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

A fase universitária é uma experiência única na vida de um indivíduo. Um momento de grande importância para o desenvolvimento profissional do estudante, ampliando suas habilidades e competências para seu progresso profissional e, inclusive, pessoal. Por ser um período de transformações e novas demandas, o indivíduo necessita se adaptar na nova realidade e, muitas vezes, esse processo pode ser sentido como estressante e, com isso, um potencial fator

de adoecimento para o estudante (Bardagi, 2007). Nesta perspectiva, o potencial impacto na saúde mental e bem estar do universitário é alvo de preocupação não apenas a nível individual, mas também social. Na metanálise de Pacheco et al. (2017) sobre a saúde mental na população dos estudantes de cursos de medicina das universidades brasileiras, observou-se uma prevalência no índice de depressão de 30,6% dos universitários, dentre os 25 estudos analisados. Enquanto outros seis estudos apresentaram um índice de 32,9% na prevalência de ansiedade geral e quatro estudos demonstraram pouca qualidade de sono em 51,5% e sonolência diurna excessiva de 46,1% dos estudantes. Os universitários são, portanto, mais vulneráveis ao desenvolvimento de estresse e transtornos mentais, principalmente a ansiedade e depressão (Bohry, 2007). Tal cenário a necessidade de propostas de intervenções psicossociais para auxiliar essa população a preservar a saúde mental e qualidade de vida ao longo do curso.

3. MINDFULNESS

Mindfulness, ou sua tradução conhecida como atenção plena, é um tipo de estado mental (*Mindful*) no qual é possível estar atento ao que acontece no momento presente, com atitudes de aceitação e abertura. Segundo Santos (2012), *Mindfulness* é a capacidade de focar a atenção no momento presente, de modo a perceber tudo o que emerge externa ou internamente. De modo mais amplo, pode-se considerar como um estado de consciência plena às experiências vividas, evitando engajar-se em julgamentos ou nas tentativas de mudança das situações. Embora seja um estado mental presente em todos os indivíduos, ele pode ser treinado e melhor desenvolvido através de técnicas ou práticas meditativas e exercícios psicoeducativos.

De acordo com Jon Kabat-Zinn (2011), *Mindfulness* é “parar e estar presente, só isso”. Sua origem vem das práticas meditativas orientais, as quais foram formatadas em programas e pesquisadas inicialmente na clínica médica. Jon Kabat-Zinn é um dos pioneiros no uso clínico e em pesquisas experimentais com práticas de *Mindfulness*, além de ser o pesquisador responsável pela criação do Programa *Mindfulness-Based Stress Reduction* (MBSR) de 8

semanas, de modo que corpo e mente se relacionam e são instrumentos para o desenvolvimento e aprendizagem da atenção plena.

De acordo com O'Driscoll et al. (2017), intervenções baseadas em *Mindfulness* com estudantes universitários indicaram diversos efeitos positivos envolvendo o estresse, humor, ansiedade, habilidades de enfrentamento e promoção de bem estar.

3.1 *Mindfulness* na educação

Segundo Demarzo e Campayo (2015), a eficácia das práticas de atenção plena já foram comprovadas em diversos âmbitos, como o educacional. Em relação à educação, tais autores consideram que *Mindfulness* proporciona um aumento da capacidade de concentração e rendimento do aluno; melhoria das relações interpessoais e do ambiente nas salas de aula.

Embora a quantidade de estudos tem aumentado em relação a temática do treino do estado mental da atenção plena na educação, em diversos níveis, muitos estudos ainda precisam ser desenvolvidos para uma pesquisa cada vez mais sólida nesta área.

Entre alguns autores, Martí et al. (2016) considera que o estado *Mindfulness* pode ser trabalhado com alunos em todos os níveis da educação e, com isso, descreve várias iniciativas e programas promovidas em países como Estados Unidos e Espanha. Além disso, são descritos diversos estudos com populações submetidas a práticas de *Mindfulness* na educação, sobretudo estudantes universitários.

Já Resende et al. (2021), em seu estudo de revisão sistemática, conclui como eficazes as intervenções baseadas em *Mindfulness* empregadas em áreas como o ensino superior. Os resultados encontrados para este público, mostraram efeitos significativos na ansiedade, depressão e estresse, mostrando-se como propostas de intervenções promissoras na saúde mental, qualidade de vida de estudantes universitários e promoção de saúde no meio acadêmico. Além disso, é ressaltado que tal prática pode favorecer a excelência na formação profissional, já que trabalha as necessidades emocionais dos indivíduos e desenvolvimento das soft skills, aspectos relevantes no mundo contemporâneo.

Martí et al. (2016) defendem *Mindfulness* como um fenômeno experiencial já que há a necessidade da autoregulação da atenção e da adoção de uma orientação singular em relação às próprias experiências do momento presente, através de atitudes de curiosidade, abertura e aceitação. Desta forma, o treino de *Mindfulness* auxilia no maior contato e permanência do indivíduo com a experiência seja estética ou de outra natureza, por desenvolver a atenção no momento presente, bem como atitudes de aceitação, não julgamento e abertura, sendo tais aspectos necessários na vivência da experiência estética do indivíduo.

Demarzo e Campayo (2015) destacam que o *Mindfulness* vai além de simplesmente evitar a dor; ele educa os indivíduos a não reagirem de maneira impulsiva. Essa prática traz uma conscientização sobre como o sofrimento é intensificado pelas nossas reações adversas à dor, como resistência ou negação, ao invés de aceitar a dor no decorrer do momento.

3.2 ***Mindfulness*** **como experiência terapêutica**

Além de um fenômeno experiencial, *Mindfulness* apresenta vários efeitos terapêuticos. Segundo Demarzo e Campayo (2015), a eficácia das práticas de atenção plena já foram comprovadas na saúde. Nesta, as práticas de *Mindfulness* mostram-se eficazes no tratamento de doenças fisiológicas tais como dor crônica, câncer, dentre outras; no tratamento de transtornos psiquiátricos como ansiedade, dependência, depressão; bem como nos transtornos alimentares, de personalidade ou obsessivos.

Para compreender os efeitos terapêuticos de *Mindfulness* em relação a vários transtornos psicológicos, Martí et al. (2016) descrevem várias pesquisas que têm sido realizadas para elucidação dos mecanismos de ação de tais práticas em relação a aspectos neuropsicológicos e psicológicos. Dentre estas, é citada a pesquisa de Holzel et al. (2011), a qual descreve cinco mecanismos-chave para compreender como tais práticas afetam a saúde com efeitos terapêuticos, constituindo-se por: melhorias na regulação da atenção (sustentando a atenção em pontos direcionados); consciência corporal (maior sustentação da atenção nas sensações corporais); regulação emocional através da revalorização (com novas formas de reagir às emoções); regulação emocional por meio da

exposição, extinção e reconsolidação (pela exposição àquilo que experiencia na consciência); além de mudanças na perspectiva do "eu" (através do desapego de uma imagem fixa de si mesmo).

4. PRÁTICAS DE LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS

4.1 **Leitura nas universidades**

Infelizmente, são escassos os estudos que versam sobre os efeitos psicológicos na saúde mental ou bem estar da prática regular de leitura de obras literárias por estudantes em Universidades. Ao considerar os benefícios da leitura nestas, o estudo de Rizzolo et al. (2009) compara os efeitos de práticas de yoga e leitura no humor de estudantes de doutorado em fisioterapia e mestrado em terapia ocupacional. Os autores consideram que os programas de ciências da saúde são desafiadores por serem possíveis fontes de estresse aos alunos. Os resultados encontrados demonstraram que uma sessão de intervenção de 30 minutos de yoga e leitura proporcionou efeitos de diminuição do estresse agudo nos alunos.

Levine et al. (2022) abordam a significativa correlação entre a leitura recreativa e a redução do estresse psicológico em estudantes universitários. Os autores apontam que a motivação autônoma, ou seja, a escolha voluntária e pessoal por engajar-se na leitura por prazer, desempenha um papel crucial nesse processo, uma vez que não apenas impulsiona o indivíduo a ler, mas também potencializa os efeitos positivos da leitura sobre o bem-estar mental. Por meio da imersão em mundos fictícios e da exploração de diferentes perspectivas literárias, os estudantes encontram um alívio significativo para as tensões cotidianas, o que proporciona uma melhor saúde mental e bem estar. O estudo destaca a leitura recreativa como uma estratégia acessível e eficaz de autoatendimento psicológico, recomendando sua incorporação regular nas rotinas dos estudantes para mitigação do estresse.

4.2 **Leitura como proposta de experiência terapêutica**

Nell (1988) analisa em seu estudo denominado "A psicologia da leitura por prazer: Necessidades e gratificações" como os livros, sendo ferramentas portáteis e importantes da indústria do entretenimento, podem profundamente alterar a consciência do leitor. Ele considera que a satisfação com a leitura

começa com a habilidade de compreender textos de forma quase automática e tal habilidade é potencializada pelo controle que o leitor tem sobre a velocidade de leitura. Segundo este autor, “os leitores transformam medo em poder, tristeza em deleite e agitação em tranquilidade”, de modo que este autor consegue capturar a interface entre psicologia e leitura e a experiência terapêutica a que o leitor está exposto.

Segundo Djikic e Oatley (2014), a leitura de ficção pode induzir mudanças de personalidade nos leitores, com maiores habilidades de empatia e teoria da mente. Ao revisar diversos estudos e obras, eles propõem uma concepção psicológica da literatura artística como tendo aspectos contribuintes para tais mudanças: a ficção literária é uma simulação de si mesmo com outros indivíduos no mundo; participar dessa simulação pode produzir flutuações que são precursores de mudanças de personalidade e as mudanças ocorrem de maneiras próprias aos leitores.

Oatley (2020), na interseção entre psicologia e literatura, observa uma separação tradicional onde a psicologia é vista como redutora e com foco em comportamentos, enquanto a literatura explora a complexidade da experiência humana. No entanto, tal perspectiva é equivocada e precisa ser vista de modo mais integrativo e complexo, uma vez que tanto a psicologia quanto a literatura partilham o interesse comum pelas mentes e interações humanas. Segundo ele, a literatura, com suas narrativas ricas em padrões de configurações familiares comuns, permite explorar emoções e situações que refletem a complexidade das relações humanas e que, de alguma forma, são conhecidas pelas pessoas.

Na literatura, a narrativa não apenas reproduz a realidade, mas explora possibilidades, imaginando o que poderia acontecer em diversas situações sociais e pessoais. Essa capacidade de explorar cenários hipotéticos é crucial não apenas para o desenvolvimento pessoal, mas também para o entendimento mútuo, algo também explorado pela psicologia. Nesta perspectiva, os estudos demonstram que o envolvimento com narrativas literárias aprimora a capacidade de empatia e compreensão dos outros. Especialmente em relação à leitura de ficção, Oatley (2020) descreve que quanto mais as pessoas leem, melhores são as suas habilidades para empatizar e entender as demais. Por meio da citação

de algumas pesquisas, ele afirma que “descobertas de associações foram seguidas por experimentos que confirmam que a direção causal é da leitura para o aumento da empatia”.

Além da ficção, outros tipos de leitura como biografias e memórias apresentam como efeito o aumento da empatia, designando-as como “narrativas de vida”. Desta forma, a narrativa pode ser considerada como um tipo diferenciado de pensamento que possibilita a compreensão do outro e do próprio indivíduo, já que o assunto que tratam relaciona-se com as intenções humanas e, estas, provocam emoções, sejam em personagens, quanto ouvintes ou os próprios leitores.

5. *MINDFULNESS* E LEITURA COMO EXPERIÊNCIA TERAPÊUTICA

Estudos que correlacionam *Mindfulness* e a prática de leitura são escassos na literatura mundial. No presente artigo, serão abordadas três obras a respeito desta temática. O primeiro foi conduzido por Miyata (2016), o qual buscou tecer relações entre hábitos diários de leitura, e *Mindfulness* (atenção plena), considerando diversas variáveis psicológicas, incluindo indicadores de saúde mental. Neste caso, *Mindfulness* foi considerado como um estado mental presente nos seres humanos, de modo que buscou-se compreender seu papel de mediação nessa associação

Para tal, foi realizado um estudo de coorte com 881 indivíduos japoneses saudáveis, sem experiência prévia em práticas meditativas ou em treinamentos baseados em *Mindfulness*, os quais completaram escalas psicológicas online, além de fornecerem informações sobre seu tempo e velocidade de leitura diários. Os resultados obtidos por meio do estudo de Miyata (2016) sugerem uma correlação significativa entre o tempo de leitura diário e uma série de indicadores positivos relacionados à saúde mental, tais como: maior nível de estado *Mindfulness*, maior sensação de bem-estar, maior afeto positivo e sentimento de empatia, além de uma redução nos índices de depressão. Outro ponto interessante observado neste artigo foi que até a velocidade de leitura percebida pelos participantes foi associada a uma maior percepção de afeto positivo, mostrando ganhos além de apenas “ler”.

As análises das mediações efetuadas por Miyata (2016) sugerem um papel importante do *Mindfulness* nas relações entre o tempo de leitura e os indicadores de saúde mental. Com isso, o estudo demonstrou que o *Mindfulness* mediava totalmente a relação entre o tempo dedicado à leitura e os índices reduzidos de depressão e, parcialmente, as relações entre o tempo de leitura e melhorias no bem-estar subjetivo e no afeto positivo. Desta forma, tais resultados indicam que o estado de atenção plena ou *Mindfulness* pode ser um fator mediador importante nas relações entre a leitura diária e os resultados psicológicos desejáveis.

Esses resultados contribuem para um entendimento mais concreto da interação entre as atividades diárias, como a leitura, e o bem-estar psicológico, evidenciando o potencial da leitura como uma ferramenta acessível para o desenvolvimento pessoal e a promoção da saúde mental. No entanto, o estudo não avaliou diferentes estilos de leitura, como leitura em papel e online, e diferentes conteúdos de leitura, como romances, ensaios críticos e artigos, os quais poderiam ser objetos de estudo em pesquisas futuras.

De modo mais específico, no que tange ao tipo de leitura, Bennett (2018), em seu livro "Contemporary fictions of attention: Reading and distraction in the twenty-first century", explora a intersecção entre *Mindfulness* e a leitura de ficção contemporânea, de modo a oferecer uma perspectiva sobre como essa interação pode influenciar a percepção e a capacidade de concentração do leitor. Ao considerar um mundo moderno marcado por constantes distrações e fluxos de informações incessantes, este autor argumenta que a prática de *Mindfulness* pode enriquecer significativamente a experiência que a leitura proporciona, o que permitiria aos leitores uma imersão mais profunda e uma conexão maior com o texto.

Bennett (2018) propõe que, ao aplicar técnicas de *Mindfulness* durante a leitura, os indivíduos não apenas desenvolvem sua capacidade de foco, mas também intensificam a empatia e a compreensão, tanto de si mesmos quanto dos personagens da ficção. Esta abordagem transforma a leitura em uma atividade não apenas recreativa, mas sobretudo terapêutica, de modo a contribuir para o bem-estar psicológico e a saúde mental dos leitores.

O autor considera que a leitura consciente pode servir como uma oportunidade valiosa em relação às tendências de distração da vida moderna, promovendo uma maior consciência no momento presente e uma apreciação mais profunda das narrativas literárias. O diferencial do livro reside na combinação das teorias de *Mindfulness* com estudos literários, exatamente a proposta do presente artigo, contribuindo com as perspectivas sobre a importância da leitura na promoção da saúde mental e do bem-estar.

O último artigo a ser considerado será o de Kukkonen (2019). No estudo "Exploring Inner Perceptions: Interoception, Literature, And *Mindfulness*", o autor oferece uma análise detalhada sobre a interação sinérgica entre a leitura literária e a prática de atenção plena, frisando como essa integração pode potencializar a empatia e a autopercepção dos indivíduos. De modo específico, considerando o tipo de leitura, a pesquisa aponta que a imersão em textos ficcionais, aliada a um estado *Mindfulness*, pode intensificar a intercepção, ou seja, a maior capacidade de perceber e sentir estados internos do corpo, desenvolvendo, assim, uma maior consciência empática e emocional.

Kukkonen (2019) sugere que, o indivíduo, ao engajar com a leitura através do estado de atenção plena, não apenas melhora sua capacidade de foco e presença, mas também amplia sua habilidade de se conectar com as experiências e emoções dos personagens, o que proporciona uma compreensão mais rica sobre a natureza humana e sobre o leitor, internamente. Esse processo não só enaltece a experiência de leitura, tornando-a mais profunda e significativa, mas também contribui para o desenvolvimento de uma maior empatia, um aspecto fundamental para o bem-estar psicológico e a saúde mental. Este estudo lança luz sobre a importância de integrar práticas de *Mindfulness* ao hábito da leitura, buscando não apenas o entretenimento, como também o desenvolvimento de competências emocionais e cognitivas necessárias. Desta forma, Kukkonen (2019) oferece insights práticos sobre como podemos enriquecer nossa experiência leitora e, concomitantemente, nosso autoconhecimento e empatia.

Estudos relacionados à associação destas duas práticas com estudantes de universidades são escassos, tornando-se uma temática ainda não explorada.

Por meio dos achados presentes ao longo deste estudo, pode-se inferir que a união de tais práticas pode oferecer ótimos resultados em relação à saúde mental dos estudantes universitários, uma vez que há significativos benefícios, na literatura científica, das práticas propostas, mesmo de modo isolado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fase universitária é um período importante na vida dos estudantes, essencial para o desenvolvimento profissional e pessoal, por ser um tempo de grandes desafios e mudanças, os quais podem levar ao estresse e problemas relacionados à saúde mental. Este cenário não só impacta o indivíduo, mas também tem implicações sociais, exigindo propostas terapêuticas que os ajudem a manter a qualidade de vida durante a graduação. Por meio do presente estudo foi possível compreender se a leitura e *Mindfulness* poderiam ser propostas de experiências terapêuticas aos estudantes universitários adeptos a práticas regulares. Para tal, foi possível descrever as contribuições psicológicas advindas da prática de leitura regular, as contribuições de *Mindfulness* para a saúde mental e o contexto de saúde mental deste público.

Demarzo e Campayo (2015) destacam a eficácia das práticas de *Mindfulness* na melhora da dor crônica, câncer e transtornos psiquiátricos como ansiedade, dependência e depressão, além da prevenção do estresse, de modo a contribuir no bem-estar psicológico. Para os estudantes universitários, os benefícios de *Mindfulness* incluem melhoria na concentração e no rendimento acadêmico, redução de ansiedade, depressão e estresse, com a promoção da qualidade de vida, além do desenvolvimento de habilidades interpessoais e soft skills.

Em relação à leitura, especificamente a de ficção oferece benefícios significativos, sendo considerada uma experiência terapêutica relevante através da transformação de estados emocionais negativos em positivos e o aumento da empatia. Para os Universitários, os autores evidenciam que a leitura recreativa reduz o estresse e promove o bem-estar mental, sendo uma estratégia eficaz de autoatendimento psicológico e fuga saudável das pressões acadêmicas.

Observa-se nas intersecções entre *Mindfulness* e a prática de leitura, que os estudos são limitados e escassos, o que demonstra a necessidade de mais

pesquisas que avaliem a junção de tais práticas, sobretudo para universitários. Dentre os três artigos avaliados, percebe-se indicativos de impactos positivos na saúde mental e bem-estar. Miyata (2016) identificou uma correlação significativa entre o tempo de leitura diária e melhorias em variáveis psicológicas como bem-estar, empatia e redução da depressão, sugerindo que *Mindfulness* atua como mediador nesses efeitos. Bennett (2018) discutiu como o estado de *Mindfulness*, durante a leitura, pode enriquecer a experiência, promovendo maior foco e empatia, transformando a leitura de ficção contemporânea em uma prática terapêutica. Kukkonen (2019) complementou essa visão ao demonstrar como a leitura consciente intensifica a percepção interna e a empatia, contribuindo para o autoconhecimento e a saúde mental.

Por fim, esses achados sublinham a relevância de integrar práticas de *Mindfulness* ao hábito de leitura como propostas de experiências terapêuticas para universitários, desenvolvendo neles as competências emocionais e cognitivas essenciais para lidar com os desafios e maior disposição a doenças mentais, proporcionando uma base para futuras pesquisas sobre seus efeitos combinados e aplicação prática mais ampla.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDAGI, M. P. **Evasão e comportamento vocacional de universitários: estudos sobre o desenvolvimento de carreira na graduação**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BENNETT, Alice. **Contemporary fictions of attention: Reading and distraction in the twenty-first century**. Londres: Bloomsbury Academic, 2018.

BOHRY, S. **Crise Psicológica do Universitário e Trancamento Geral de Matrícula por motivos de Saúde**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CERCHIARI, E. A. N. **Saúde mental e qualidade de vida em estudantes universitários**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/313371. Acesso em: 10 mar. 2024.

DJIKIC, M.; OATLEY, K. The Art in Fiction: From Indirect Communication to Changes of the Self. **Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts**, v. 8, n. 4, p. 498, 2014. Disponível em: https://psycnet.apa.org/journals/aca/8/4/498/. Acesso em: 15 mar. 2024.

DEMARZO, M.; GARCIA-CAMPAYO, J. **Manual Prático de Mindfulness**: curiosidade e aceitação. São Paulo: Palas Athena, 2015.

KUKKONEN, Karin. Exploring Inner Perceptions: Interoception, Literature, And Mindfulness. **Journal of Consciousness Studies**, v. 26, n. 11-12, p. 107-132, 2019.

KABAT-ZINN, J. Some reflections on the origins of MBSR, skillful means, and the trouble with maps. **Contemporary Buddhism**, v. 12, n. 1, p. 281-306, 2011.

LEVINE, S. L.; CHERRIER, S.; HOLDING, A. C. et al. For the love of reading: Recreational reading reduces psychological distress in college students and autonomous motivation is the key. **Journal of American College Health**, 2022.

MIYATA, H. Impacts of reading habits on mindfulness and psychological status: A further analysis. **Waseda Rilas Journal**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: https://www.waseda.jp/flas/rilas/assets/uploads/2020/10/207-218_Hiromitsu-MIYATA.pdf. Acesso em: 3 mar. 2024.

NELL, V. The Psychology of Reading for Pleasure: Needs and Gratifications. **Reading Research Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 6-50, inverno 1988. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/747863. Acesso em: 25 fev. 2024.

OATLEY, K. Psychology and Narrative. **Academia Letters**, art. 110, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.20935/AL110. Acesso em: 7 abr. 2024.

O'DRISCOLL, M. et al. The effects of Mindfulness-based interventions for health and social care undergraduate students: A systematic review of the literature. **Psychology, Health & Medicine**, v. 22, n. 7, p. 851-865, 2017. DOI: 10.1080/13548506.2017.1280178.

PACHECO, J. P. et al. Mental health problems among medical students in Brazil: A systematic review and meta-analysis. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 39, n. 4, p. 369-378, 2017. DOI: 10.1590/1516-4446-2017-2223.

RESENDE, Kênia Izabel David Silva de et al. Os efeitos das Intervenções Baseadas em Mindfulness (IBM) na saúde mental de estudantes universitários: um estudo de revisão sistemática. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 17, n. 1, p. 2-15, 2021.

RIZZOLO, D.; ZIPP, G. P.; STISKAL, D.; SIMPKINS, S. Stress management strategies for students: The immediate effects of yoga, humor, and reading on stress. **Journal of College Teaching & Learning**, v. 6, p. 79-88, 2009.

SANTOS, Micheli Aparecida Gomes dos Santos**. Resenha**: A Prática da terapia cognitivo-comportamental baseada em Mindfulness e aceitação. Psicologia em Revista, v. 18, n. 3, p. 527-530, 2012.

VASCONCELOS, T. C. et al. **Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina**. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 39, n. 1, p. 135-142, 2015.

A SELVA DESCONSTRUÍDA: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES AMAZÔNICAS NA OBRA DE FERREIRA DE CASTRO[1]

THE DECONSTRUCTED JUNGLE: ANALYSIS OF AMAZONIAN REPRESENTATIONS IN THE WORK OF FERREIRA DE CASTRO

LA SELVA DECONSTRUIDA: ANÁLISIS DE LAS REPRESENTACIONES AMAZÓNICAS EN LA OBRA DE FERREIRA DE CASTRO

Ingrid Nascimento Batista [2]
Cleuma Roberta de Souza Marinho[3]
José Adnilton Oliveira Ferreira[4]

Resumo: Este estudo aborda a obra 'A Selva' de Ferreira de Castro e busca entender como esta narrativa expõe e contribui com estereótipos referentes à Amazônia e aos seus habitantes, influenciando de forma negativa a percepção sobre a região, deixando lacunas e impactando a construção de saberes acerca da Amazônia? Para responder a este questionamento, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com foco no acervo cultural e epistemológico existente sobre a obra. Os objetivos visam analisar os estereótipos apresentados sobre os nativos amazônicos e verificar se a obra retrata a região amazônica de forma fiel ou com impressões eurocêntricas. A análise foi realizada a partir das impressões do autor sobre a Amazônia e seus povos tradicionais (seringueiros). Objetivou-se com o resultado deste estudo entender a literatura sobre Amazônia no contexto de dentro e fora do eixo amazônico, buscando compreender como este lugar é apresentado aos estrangeiros e aos nativos que não conhecem a cultura da floresta. A base teórica é composta por Krenak (2009), com apontamentos sobre o homem da floresta, Durand (2004), conceituando imaginário e Santos (2010) que traça a discussão de colonialidade e padronização do homem amazônida.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST1: INTERSEÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO AMAZÔNICO do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Mestranda do Programa de Pós-graduação de Comunicação Linguagem e Cultura- UNAMA. <ingrid.nb1@gmail.com> orcid: 0009-0001-6683-1945

[3] Doutoranda do PPGLCL da Universidade pela Amazônia-UNAMA, Mestre em Comunicação, Linguagens e Culturas (UNAMA), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Diversidade e Inclusão - GEPIDI/UNAMA<cleumamarinho@yahoo.com> https://orcid.org/0000-0003-0837-275X

[4] Doutor em Educação pela Universidade de Brasília (UNB). Membro do grupo de pesquisa em Currículo: Concepções Teóricas e Práticas Educativas do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília – UNB<joseadnilton_ap@yahoo.com.br> https://orcid.org/0000-0003-1732-3300

Palavras-chave: Amazônia; Colonialidade; Cultura; Imaginário

Abstract: This study approaches the work The Jungle by Ferreira de Castro and seeks to understand how this narrative exposes and contributes to stereotypes related to the Amazon and its inhabitants, negatively influencing the perception of the region, leaving gaps and impacting the construction of knowledge about the Amazon? To answer this question, it is intended to carry out bibliographic research focusing on the existing cultural and epistemological collection about the work. The objectives are to analyze the stereotypes presented about the Amazonian natives and to verify whether the work portrays the Amazon region faithfully or with Eurocentric impressions. The analysis will be based on the author's impressions of the Amazon and its traditional peoples (rubber tappers). The objective of this study was to understand the literature on the Amazon in the context of inside and outside the Amazon axis, thus seeking to understand how this place is presented to foreigners and natives who do not know the culture of the forest. The theoretical basis is composed by Krenak (2009), with notes on the man of the forest, Durand (2004), conceptualizing imaginary and Santos (2010) who traces the discussion of coloniality and standardization of the Amazonian man.

Keywords: Amazon; Coloniality; Culture; Imaginary

Resumen: Este estudio aborda la obra de Ferreira de Castro La selva y busca comprender cómo esta narrativa expone y contribuye a los estereotipos sobre la Amazonía y sus habitantes, influyendo negativamente en la percepción de la región, dejando vacíos e impactando en la construcción de conocimiento sobre la Amazonía. Para responder a esta pregunta, se pretende realizar una investigación bibliográfica centrada en el acervo cultural y epistemológico existente sobre la obra. Los objetivos son analizar los estereotipos que se presentan sobre los indígenas amazónicos y verificar si la obra retrata la región amazónica de manera fiel o con impresiones eurocéntricas. El análisis se realizará a partir de las impresiones del autor sobre la Amazonía y sus pueblos tradicionales (caucheros). El objetivo de este estudio fue comprender la literatura sobre la Amazonía en el contexto del dentro y fuera del eje amazónico, buscando así comprender cómo se presenta este lugar a extranjeros y nativos que no conocen la cultura de la selva. La base teórica está compuesta por Krenak (2009), con notas sobre el hombre de la selva, Durand (2004), conceptualizando el imaginario y Santos (2010) quien traza la discusión sobre la colonialidad y estandarización del hombre amazónico.

Palavras clave: Amazona; Colonialidad; Cultura; Imaginario

1. INTRODUÇÃO

O romance A Selva, de Ferreira de Castro, foi uma das melhores obras deste autor português que viveu no Brasil durante uma boa parte de sua

juventude. Publicada em 1930, ela retrata uma Amazônia sob o olhar de um estrangeiro que viveu neste *lócus* por anos trabalhando como seringueiro. Trata-se de uma narrativa, que apresenta um personagem imbuído de falta de humanidade, causado pela vida na floresta, a qual ele denomina de cenário infernal. Existem, no entanto, algumas dúvidas sobre se o romance, seria literatura amazônica ou literatura portuguesa por ter sido escrito por um autor de português.

Embora este seja um aspecto relevante a se discutir, neste artigo o que se propõe é entender como a obra "A selva" de Ferreira de Castro expõe e contribui com estereótipos referentes à Amazônia e aos seus habitantes, influenciando de forma negativa a percepção sobre a região, deixando lacunas e impactando a construção de saberes acerca da Amazônia?

O problema elencado nos leva a diversas questões a se analisar, uma delas trata dos estereótipos apresentados sobre os nativos, pois apesar de ser ambientado na floresta amazônica, autor e personagem central da obra não são deste lugar, trazendo então uma impressão estrangeira a esta caracterização. Outra questão são os saberes sobre a região, há de se verificar se a obra retrata a região amazônica de forma fiel, com suas riquezas e belezas.

Com base nisso, o que se busca aqui é averiguar a partir de uma pesquisa bibliográfica, quais as contribuições da obra de Ferreira de Castro para a literatura amazônida, e qual sua influência para a disseminação do cenário da Amazônia e do imaginário, sobre seus aspectos, para quem não a conhece de perto. Para embasar as análises, foram fundamentais as ideias de Krenak (2009), sobre o homem da floresta, Durand (2004), sobre imaginário e Santos (2010) sobre a ideia de colonialidade e padronização do homem da floresta.

Algumas respostas podem ser vistas como críticas ao autor, mas a intenção aqui é buscar respostam que se alinhem ao que se vive hoje em comparação ao momento da produção da obra. A temporalidade não pode servir de base para justificar a defesa de Castro, de uma floresta caótica com base na comparação de padrões europeus como cerne. Quanto a representação que Alberto faz do nativo, esta apresenta indícios nítidos de um discurso colonialista,

que nas ideias de Krenak e Boaventura de Souza, que ilustram esse tema, ainda permanecem mesmo depois do seu fim anunciado.

2. A REPRESENTAÇÃO AMAZÔNICA NA OBRA 'A SELVA'

A representação que o romance de Ferreira de Castro traz sobre a Amazônia se estende por uma vasta faixa de significações e simbolismos que se entrelaçam com a ficção da obra. Apesar de se não se tratar de uma autobiografia, o romance A Selva pode ser considerada uma narrativa das experiências do autor na floresta amazônica. Quase uma denúncia à exploração dos seringueiros que viviam em regime de semiescravidão nos confins da Amazônia, para retirar a matéria prima de diversos produtos produzidos pelas indústrias, da recém revolução industrial inglesa, o látex.

A obra em análise que data de 1930, apresenta uma discussão em torno do reconhecimento da importância da Floresta Amazônica, suas riquezas e saberes. Era um momento em que quase não se sabia nada deste lugar, que era considerado inóspito e selvagem. Os leitores estrangeiros e até nacionais estavam acostumados a ler romances sobre a floresta com heróis e aventuras inimagináveis, se deparam, na obra de Ferreira de Castro, com um retrato diferente do seu imaginário, não é mais só a beleza e riquezas que se apresentam, mas as mazelas também.

No senso comum, o que é fictício, ou o que é diferente do real é dito como parte do imaginário de um povo. Sobre a ideia de imaginário "Durand desenvolve a ideia de que, essas atitudes resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano. Esse conjunto de elementos simbólicos formaria o imaginário". (COSTA APUD DURAND, 2004)

Com isso, pensar no que a floresta e seu povo, suas peculiaridades significam no romance A Selva, "a produção e circulação de uma dada representação, e suas apropriações simbólicas. O que significa repensar a representação, não como espelho, reflexo do real, mas como constituinte das práticas sociais. (GUILLEN APUD CASTORIADIS, 1986)

2.1 A Floresta Amazônica pelo autor

Há no romance de Ferreira de Castro muitas descrições da floresta, no qual apresenta ao leitor então, todo o conjunto geográfico, com seus animais, árvores, frutos, rios que ao mesmo tempo que encanta, assusta o personagem principal do romance, Alberto, que era português assim como o autor. No início de sua obra, em "pequena história de A Selva", o autor relata como foi seu processo de construção, de escrita desse romance, e qual seu objetivo ao descrever a floresta. Ferreira de Castro diz que este é:

> Um livro monótono porventura, se não pudesse dar-lhe colorido e vibração, mas honesto, onde o próprio cenário, em vez de nos impelir para o sonho aventuroso, nos induzisse ao exame e, mais do que um grande pano de fundo, fosse uma personagem de primeiro plano, viva e contraditória, ao mesmo tempo admirável e temível, como são as de carne, sangue e osso. A selva, os homens que nela viviam, o seu drama interdependente, uma plena autenticidade e nenhum efeito fácil — era essa a minha ambição. (pag. 10, 1955)

Assim, o que se observa é uma floresta tão protagonista quanto o personagem principal, pois a ela o autor dedica toda sua vivência acumulada em seus anos amazônicos e uma percepção de mundo com base humanista.

A preocupação de Ferreira de Castro está em apresentar as mazelas da real floresta, sem se limitar a um espaço de riquezas e belezas, palco de histórias de heróis surreais, e que estão marcadamente presentes no imaginário dos que não conhecem a floresta a fundo. Pois, o imaginário "se projeta nas imagens em que se espelha: imaginário da natureza, do corpo, da mente, das relações sociais." (SANTAELLA, 1999, s/r)

As culturas de povos amazônicos, há tempos refletem mitos, lendas e ritos que se transformam e se disseminam em imagens prosaicas. Mas como se cria um mito? Uma narrativa sobre um povo? Duran define imaginário como "[...] conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* [...]", a estrutura essencial na qual se constituem todos os processamentos do pensamento humano (DURAND, 1997. p. 14).

Assim, Durand propõe pensar o imaginário como um sistema, ligados pelas convenções culturais ou pelas semelhanças icônicas. Mas não somente isso, para ele é a imagem que produz a estrutura e não o contrário. Ele diz que:

> (...) se um dado da percepção ou a conclusão de um raciocínio considerar apenas as propostas "verdadeiras", a imagem, que não pode ser reduzida a um argumento "verdadeiro" ou "falso" formal, passa a ser desvalorizada, incerta, ambígua, tornando-se impossível extrair pela sua percepção (sua visão) uma única proposta "verdadeira" ou "falsa" formal. A imaginação, portanto (...) é suspeita de ser a amante do erro e da falsidade. (DURAND, 2004, p.10)

Em face disso, o romance de Ferreira de Castro, A selva, traz as experiências do autor pautadas na perspectiva do europeu, mas vista de dentro para fora, o que torna a obra peculiar. Assim, com base nas ideias de Duran, pode-se dizer que o que é apresentado pelo autor não somente é aquilo que ele vivenciou, mas foi construído com imagens e vivências, passando então a fazer uma interpretação literária com base nas experiências vividas, a partir de um exercício de memória. Isto sim, é apresentado de forma romanceada com a narrativa de um europeu que passou por uma experiência nos confins da floresta amazônica. Então, este lugar para Castro era visto pelo seguinte plano:

> A selva dominava tudo. Não era o segundo reino; era o primeiro em força e categoria, tudo abandonado a plano secundário. O homem, simples viandante no flanco do enigma, entregava sua vida à dominadora. O animal esfrangalhavase no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se lhe tomava vestir pele de fera. A árvore solitária que, na Europa, borda, melancolicamente, campos e regatos, perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietude, impunha-se como um inimigo. (...) Nada a assemelhava às últimas florestas do velho mundo, onde o espírito busca enlevo e o corpo frescura sobre os tapetes de relva; assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e com as suas eternas sombras, que davam às pernas nervoso anseio de fuga. (CASTRO, 1949, p.105)

A descrição feita acima aponta para o sentimento não só do personagem, mas do próprio autor, que enquanto europeu, apresenta postura de colonizador, de superior, comparando as paisagens e elevando uma em detrimento da outra.

Diz ele que a árvore na Europa tem certa melancolia enquanto na floresta era tida como assustadora, inimiga.

> Na esteira reflexiva de tais constatações, ao analisar o projeto romanesco de Ferreira de Castro (...) é possível destacar o entrechoque entre o imaginário (que versa sobre riquezas amazônicas) e o universo em desencanto (demarcado, entre outras peculiaridades, pelas experiências negativas vivenciadas também pelo próprio autor). (SANTOS, 2020, P.114)

Todo imaginário provém das vivências de quem cria um conceito sobre um lugar, de onde se olha, baseado no conhecimento de histórias reais ou míticas sobre algo ou um lugar, um povo. O autor português, traz consigo a carga de colonizador, mesmo se colocando entre os colonizados, mesmo estando na mesma situação que todos os outros seringueiros, ele se sente diferente, se sente superior, mencionando em muitos momentos de que ali não é o seu lugar, almejado sair daquele lugar que chama de inferno verde.

2.2 Nativos amazônidas na obra de Ferreira De Castro: visão do colonizador ou do colonizado?

Destaca-se nesta sessão a narrativa brilhante sobre Alberto, o personagem principal desta história. Ele se viu obrigado a exilar-se na Amazônia por seu posicionamento político, ele era monarquista, mas naquele momento tal regime foi preterido pela república. A chegada de Alberto ao seringal Paraíso, abre o momento da análise sobre como o autor e personagem descrevem os povos que lá estavam quando chegaram.

Algumas falas do autor chamam atenção como a seguinte: “Ah, bom tempo em que havia aparelho e tronco! Então, esta canalha andava mesmo metida na ordem! Hoje, não se prende ninguém por dívidas e dizem que já não há escravos”. (CASTRO, 2015, p. 14).

Nessa fala entre o proprietário de um dos seringais e um auxiliar, nota-se a presença de conteúdo saudosista do período escravocrata. Ferreira de Castro apresenta uma visão eurocêntrica sobre o homem amazônida, pois seu personagem principal, como fiel defensor da monarquia, via os trabalhadores dos seringais como pessoas inferiores, portanto incapazes de participar de um

regime “do povo”, como era a democracia. No decorrer da narrativa, o autor chama os povos amazônicos de “humanidade primária” que “atrasavam o mundo”.

Sobre essa visão eurocêntrica, Krenak questiona:

> Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século XXI ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes? (...) A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. (KRENAK, 2019, P. 28)

Tanto o narrador quanto o personagem sentiam-se donos legítimos das terras amazônicas. Para ambos o caboclo era alguém sem ambição, e a terra amazônica pertencia ao europeu, pois tinha internalizado nele a ideia de posse uma vez que seus ancestrais haviam “conquistados” aquele lugar no passado. Essa visão do colonizador, tão bem apresentado por Krenak no questionamento acima, ainda hoje permeia em nossas florestas, em nossos povos amazônidas. É como se o homem da floresta fosse aquele não civilizado, como Castro descreve em 1930, ainda em pleno século XXI.

> A visão de mundo de Ferreira de Castro está ligada a toda a sua história pessoal, como também ao momento histórico vivido pelo próprio escritor. Ligado ao Modernismo português, e brasileiro, por que não? Sua arte não foge da ideia de progresso contida no projeto ideológico da modernidade. (FRAGA, 2010, p. 65)

O protagonista de Ferreira de castro parece ver a injustiça social como algo natural, não há como afirmar qual a intenção do autor ao apresentar características antidemocráticas em Alberto, o fato é que seu personagem principal era um homem “alienado, que despreza a igualdade humana (...)” (FRAGA, 2010, p. 79). Isso reflete então na sua concepção do homem da floresta, principalmente quando se comparava a eles:

> A sua epiderme de civilizado contraía-se sob o asco que o convés imundo lhe insuflava; o seu espírito sentia-se estranho, quase inimigo daquelas vidas que o cercavam, resignadas ao destino e alheias a tudo que não fossem imposições do corpo. Magoava-o a facilidade com que

> outros recrutados se adaptavam e dormiam tranquilamente – um sono que era, para o egoísmo dele, quase uma afronta. (CASTRO, 1949, p.39)

É evidente que Alberto sentia-se superior aos seringueiros locais, por ser português, por ser branco e por acreditar na superioridade eurocêntrica. “O problema é que se criou um parâmetro de análise que não permite pensar o subalterno que não seja fora da sua sub- alternidade” (BRAGA E SILVA, 2010, p.144)

Para Santos, “o facto de o colonizador ter a vivência de ser colonizado não significa que se identifique mais ou melhor com o seu colonizado” (2010, p. 247). Portanto, pode-se afirmar que Alberto e seu criador ainda permanecem em posição de colonizador.

3. MÉTODO

Para realizar as análise dos dados foi utilizado a pesquisa com base qualitativa ancorada no referencial da literatura, história e antropologia interpretativa, a partir do levantamento bibliográfico. Foram utilizadas como fontes neste artigo a própria obra analisada, A Selva de Ferreira de Castro, assim como aportes teóricos relacionados ao colonialismo, decolonialismo e povos tradicionais da Amazônia, por entender que atendem aos objetivos definidos neste estudo que tem a intenção analisar.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa contextualização da obra no período em que foi escrita e na vida do autor pode ajudar a entender as influências e perspectivas que moldaram a representação da Amazônia na obra, dos personagens e ambientes que estão retratados. Ferreira de Castro (1898-1974) conhecido por suas obras que exploram temas como o colonialismo, a exploração e as disparidades sociais. Em especial nessa obra mais famosa "A Selva," em que retrata a vida na selva amazônica durante o ciclo da borracha. Ferreira de Castro, descreve a vida na Amazônia concentrando-se nas experiências de um protagonista europeu, Alberto.

Embora a obra tenha sido aclamada por sua abordagem realista e denúncia das condições de trabalho na região, algumas análises apontam para elementos de etnocentrismo presentes na narrativa. Principalmente em relação a visão da colonialidade, em que ressalta a estrutura social em uma relação de inferioridade da população amazônida, principalmente partindo da visão da cultura europeia que se sobrepõe aos povos conquistados e respalda-se nas discriminações sociais codificadas como étnicas e antropológicas constituindo uma estrutura de poder. Para Quijano (2005), essa colonialidade se refere a um padrão de poder que permeia as relações intersubjetivas entre colonizador e colonizado, e que reflete nas formas de valorização do conhecimento, na divisão racial do trabalho criada para justificar a hegemonia branca eurocêntrica.

Entende-se que o autor legitima a base etnocêntrica européia a partir da imposição de uma cultura que foi implantada nos dois primeiros séculos da colonialidade da monarquia portuguesa no período colonial, processada pela doutrina católica como forma de inferiorização étnica, religiosa e social das culturas que eram dominadas. Diante desse contexto histórico algumas inquietações precisam! nos mobilizar como desenvolve um processo de descolonização do pensamento contemporâneo? Quais as contribuições e reflexões que a obra repassa no processo de retomada da autonomia dos sujeitos que ainda são considerados inferiorizados, em que devemos colocando-os como protagonistas na busca da emancipação humana por meio da conscientização e subjetividade?

Na perspectiva da obra entende que o termo "etnocentrismo" refere-se à tendência de avaliar outras culturas com base nos valores e padrões da própria cultura, considerando-a como superior.

Algumas críticas a Ferreira de Castro apontam ‘A Selva’, que podem refletir uma visão eurocêntrica ou colonialista em relação às culturas não europeias, Algumas críticas sugerem que Ferreira de Castro pode ter utilizado estereótipos culturais em suas representações das populações indígenas da Amazônia. Isso poderia levar a uma visão simplista e distorcida dessas culturas, perpetuando ideias preconcebidas e, consequentemente, reforçando o etnocentrismo na representação dos personagens indígenas na obra. Se os indígenas são

retratados de maneira simplificada, exótica ou estereotipada, isso pode indicar uma perspectiva etnocêntrica que não reconhece a complexidade e diversidade das culturas locais.

Dessa forma, a perspectiva do colonizador, a crítica também pode se concentrar na perspectiva adotada pelo autor em que ele abordou as culturas não europeias da Amazônia a partir de uma perspectiva predominantemente eurocêntrica, isso poderia influenciar a representação dessas culturas, tornando-as subalternas ou exóticas aos olhos do leitor europeu. Importante salientar a simplificação das relações interculturais encontradas na obra, Ferreira de Castro pode ter simplificado as complexas dinâmicas culturais e sociais presentes nas regiões exploradas por ele. Essa simplificação pode contribuir para uma visão distorcida e superficial das relações entre colonizadores e povos colonizados.

> Dessa forma o capitalismo europeu controlou e explorou outras populações inclusive indígenas e que no processo de colonização foram atribuindo-lhes novos costumes, ritos e identidades (...). As hierarquias são consequências das diferenças" e sendo assim, as diferenças são veladas e naturalizadas a partir de uma escala baseada na inferiorização do que difere do padrão dominante, a supressão da diversidade cultural dos outros povos, pela exclusão e silenciamento de toda riqueza nela presente, visou atender aos interesses do capitalismo, fato que ocorreu por meio da dominação política, econômica e militar nas sociedades colonizadas (SANTOS, 2010).

É importante observar que essas críticas não negam o valor literário da obra de Ferreira de Castro ou a importância de abordar questões como o colonialismo e a exploração. No entanto, destacam a necessidade de uma análise crítica das representações culturais e a consciência das possíveis influências etnocêntricas que podem estar presentes em sua obra. Essa atribuição etnocêntrica da obra é outro elemento da segregação e homogeneização dos povos indígenas que foram os artifícios para inferiorizá-los.

A história é contada a partir da perspectiva de Alberto, um europeu que entra em contato com a cultura indígena e com os habitantes locais da

Amazônia, ao concentrar-se nas experiências e desafios enfrentados pelo protagonista europeu, a obra pode marginalizar as perspectivas dos personagens locais. Isso pode contribuir para uma visão unidimensional da cultura local, centrada nas preocupações e valores europeus.

A visão do autor é predominantemente centrada na experiência europeia, o que pode levar a uma representação distorcida e simplificada da vida e das tradições dos povos indígenas. Pode-se afirmar que o autor faz uma supervalorização da cultura europeia, em que a narrativa muitas vezes sublinha os padrões de vida europeus como superiores, comparando-os desfavoravelmente com as condições da Amazônia. Isso pode refletir uma tendência etnocêntrica ao considerar as práticas e valores europeus como normativos e ideais em comparação com as práticas locais. É importante reconhecer que Ferreira de Castro escreveu "A Selva" em um contexto histórico e cultural específico, refletindo as atitudes da época em relação ao colonialismo e à "missão civilizadora" europeia. Ao analisar a obra, é essencial considerar tanto suas qualidades literárias quanto as possíveis limitações derivadas de uma visão eurocêntrica ou etnocêntrica, promovendo uma leitura crítica e contextualizada.

5. CONCLUSÃO

A obra de Ferreira de Castro, A Selva apresenta o extrativismo da borracha como plano de fundo para a história contada, com um personagem principal, Alberto, com características bem definidas ao longo do contexto desta pesquisa. O trabalho pretendeu então, analisar a representação do imaginário presente na obra, identificando como esta contribui com estereótipos referentes à Amazônia e aos seus habitantes, influenciando de forma negativa a percepção sobre a região, e ainda deixando lacunas e impactando à construção de saberes acerca da Amazônia.

O que se percebeu durante a pesquisa foram perspectivas que levam a pensar numa obra que mostra uma Amazônia caótica, com muitas mazelas e necessidade de organização na sua estrutura política e física. O autor de A Selva não apresenta uma floresta com encantos, pelo contrário, o que se vê

nas linhas da obra é uma grande decepção e medo do infinito verde imponente da floresta amazônica.

Quanto ao segundo objetivo deste artigo, que trata dos estereótipos apresentados sobre os nativos, salienta-se que tanto autor quanto personagem, já que ambos se confundem em alguns momentos da obra, tem a visão de um homem da terra sem conhecimento, inferior e incapaz de perceber ou escolher o que é melhor pra si e para seu povo. O desdém com que o personagem de Ferreira de Castro, Alberto, português, antidemocrático e com visão eurocêntrica demonstra exatamente de que forma o eram vistos aqueles homens dentro dos seringais, como insignificantes. A visão então do autor, não é de colonizado, pois não existe sentimento de fazer parte daquele ambiente, pelo contrário, existe o desejo de fugir daquele lugar que ele chama de inferno, por acreditar que ali não é o seu lugar, que é merecedor de estar em lugares como as cidades portuguesas que descrevia como românticas e bucólicas.

É claro que não se pode cobrar de uma obra de 1930 postura pós-moderna,

> *A Selva* não é uma obra pós-moderna ou contemporânea, porém, como ressaltado por Foucault em *A Arqueologia do Saber,* o próprio sentido de enunciado velho e novo é questionável, porque todo enunciado é realizado no aqui e agora (BRAGA E SILVA APUD FOUCAULT, 2013, P.158).

Sendo assim, o que nos interessa, aqui neste estudo é pensar o que a obra diz hoje, embora Alberto não seja a representação do colonizador do século XVI, ainda apresenta resquícios deste mesmo homem branco que se sente superior. Para a leitura de A Selva na pós-modernidade existe então a necessidade de se fazer uma análise crítica das representações amazônicas presentes na obra de Ferreira de Castro, e ao longo deste estudo ficou evidente a visão tanto de lócus quanto do povo amazônida dentro da obra, que apresenta a floresta como um lugar caótico, do qual preferia não ter que lembrar, como disse em Pequena história da “Selva”, no início de seu romance.

Quanto a representação que Alberto faz do nativo, esta apresenta indícios nítidos de um discurso colonialista, que nas ideias de Krenak e Boaventura de Souza, que ilustram esse tema, ainda permanecem mesmo depois do seu fim

anunciado. Obra e autor por vezes se confundem, tanto que para muitos seria esta história uma espécie de biografia. Se em muitos momentos da narrativa a voz parece a de Ferreira de Castro, seria então Alberto o próprio autor? Esta é a imagem que se tem na leitura da obra, mas para Alberto ou para Ferreira de Castro as impressões de que se tem são as mesmas, de um nativo insolente e de uma floresta estereotipada como inferno verde.

REFERÊNCIAS

ANAZ, Sílvio, AGUIAR, Grazyella, LEMOS Lúcia, FREIRE. Norma e COSTA, Edwaldo, "Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin.," *Plataforma de Pesquisas - **A Casa Tombada***, acesso em 28 de dezembro de 2023, https://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1406.

BRAGA, D. R. F.; SILVA, A. M. L. A Selva, de Ferreira de Castro: representações das margens e das minorias. **Revista Literatura & Literatura**, v. 15, n. 24, p. 143-163, 2013.

CASTRO, Ferreira De. **A Selva**. Edição comemorativa. 1995.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad.: Renée Eve Levié. -3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

FRAGA, José Carlos Vieira. **Ferreira de Castro: duas narrativas e uma trajetória.** Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

QUIJANO, Aníbal 1999 **"Colonialidade de poder, cultura e conhecimento na América Latina"** em Castro-Gómez, S.; Guardiola-Rivera, O. e Millán de Benavides, C. (eds.) Pensando (nos) interstícios. Teoria e prática da crítica pós-colonial (Bogotá: CEJA). Rowe, William e Schelling, Vivian 19.

SANTOS. Boaventura de S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KRENAK, Ailton; NUNES, Alceu Chiesorin. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed — São. Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. (1999). **As três categorias peircianas e os três registros lacanianos.** Artigo disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65641999000200006&script=sci_arttext>. Acesso: 22 fev. 2012.

EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA: DIFERENTES SENTIDOS DO CONHECIMENTO1 [1]

EDUCATION IN THE AMAZON: DIFFERENT MEANINGS OF KNOWLEDGE

LA EDUCACIÓN EN LA AMAZONÍA: DIFERENTES SIGNIFICADOS DEL CONOCIMIENTO

Matheus Reichelt Flores[2]
Rosângela Araújo Darwich[3]

Resumo: Este trabalho explora os conceitos de "bom" e "útil" no contexto do conhecimento, destacando como a educação contemporânea tende a focar na formação técnica em detrimento da realização pessoal. Através do diálogo entre autores como Aristóteles, Platão e Csikszentmihalyi, ressalta-se a importância do autotelismo – busca pela excelência intrínseca – na vida humana. Propõe-se um equilíbrio entre formação técnica e conhecimento pelo próprio valor, sugerindo uma abordagem mais integral à educação. Além disso, foram elaborados formulários *online*, respondidos por estudantes da Amazônia de diversos níveis de ensino, com o objetivo de investigar se sua relação com o conhecimento era autotélica ou utilitária. Os formulários mostraram autotelismo proporcional ao nível de ensino e, consequentemente, à liberdade de escolha do objeto de estudo. Estratégias educativas que incentivem a curiosidade e o pensamento crítico desde cedo podem cultivar um amor pelo aprendizado ao longo da vida.

Palavras-chave: Educação; Amazônia; Tecnicismo; Literatura filosófica; Psicologia.

Abstract: This work explores the concepts of "good" and "useful" in the context of knowledge, highlighting how contemporary education tends to focus on technical training to the detriment of personal fulfillment. Through dialogue between authors such as Aristotle, Plato and Csikszentmihalyi, the importance of autotelism – the search for intrinsic excellence – in human life is highlighted. A balance is proposed between technical training and knowledge for its own sake, suggesting a more comprehensive approach to education. In addition, online forms were created, answered by students from the Amazon at different levels of education, with the aim of investigating whether their relationship with knowledge was autotelic or utilitarian. The forms showed autotelism proportional to the level

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho St1- INTERSEÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO AMAZÔNICO do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Graduando em Psicologia pela Universidade da Amazônia. E-mail: matheusflorespsi@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2483-3491.

[3] Doutora em Psicologia pela UFPA e professora titular do PPGCLC e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia. E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

of education and, consequently, the freedom to choose the object of study. Educational strategies that encourage curiosity and critical thinking from an early age can cultivate a lifelong love of learning.

Keywords: Education; Amazon; Technicality; Philosophical literature; Psychology.

Resumen: Este trabajo explora los conceptos de “bien” y “útil” en el contexto del conocimiento, destacando cómo la educación contemporánea tiende a centrarse en la formación técnica en detrimento de la realización personal. A través del diálogo entre autores como Aristóteles, Platón y Csikszentmihalyi, se destaca la importancia del autotelismo –la búsqueda de la excelencia intrínseca– en la vida humana. Se propone un equilibrio entre la formación técnica y el conocimiento por sí mismo, sugiriendo un enfoque más integral de la educación. Además, se crearon formularios en línea, respondidos por estudiantes amazónicos de diferentes niveles educativos, con el objetivo de indagar si su relación con el conocimiento era autotélica o utilitaria. Las formas mostraron autotelismo proporcional al nivel de educación y, en consecuencia, a la libertad de elegir el objeto de estudio. Las estrategias educativas que fomentan la curiosidad y el pensamiento crítico desde una edad temprana pueden cultivar un amor por el aprendizaje que durará toda la vida.

Palavras clave: Educación; Amazonas; Tecnicismo; Literatura filosófica; Psicología.

INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser livre e responsável, distinto dos demais seres, com a habilidade de moldar a si mesmo e determinar sua própria essência. Entretanto, nasce em um mundo já estruturado, o que o obriga a se adaptar e ser influenciado por ele. Através da educação, o indivíduo recebe a linguagem, as tradições e as expectativas de outros, adquirindo a capacidade de interagir, navegar no mundo e, a partir disso, autodeterminar-se. Assim, "a educação possui essa ambiguidade de libertar aprisionando e aprisionar libertando" (SEIBT; BRAÇO, 2021, p. 63), pois, ao restringir certas possibilidades, abre caminho para muitas outras.

O modo como a sociedade limita e atualiza essas possibilidades está intimamente ligado ao seu projeto de ser humano, ou seja, ao que ela deseja que seus membros se tornem. A condição dos adultos educados reflete, em grande parte, a estrutura desse projeto social. Segundo Han (2017), o projeto atual está levando as pessoas ao esgotamento e à depressão, resultando em indivíduos exaustos pela pressão de sempre produzir.

Nossa sociedade sofre de uma obsessão pelo útil, negligenciando o que é intrinsecamente bom e criando pessoas com essa mesma visão. Essa mentalidade permeia diversos campos, incluindo o conhecimento, fortemente ligado à educação formal e informal.

Este estudo tem como objetivo analisar o projeto de ser humano que orienta a educação, tanto formal quanto informal, na sociedade capitalista atual, especialmente no que diz respeito à relação com o conhecimento, destacando falhas em seus princípios e resultados. Identificamos que a educação pode estar excessivamente focada na utilidade do ser humano para a produção, deixando de lado valores como a bondade em si mesma e o aprimoramento da natureza humana (REALE, 2014). Além disso, propomos ajustes nesse projeto social em relação à conexão humana com o conhecimento. Com base em uma pesquisa de campo realizada com estudantes de diferentes níveis educacionais (ensino médio, superior e pós-graduação), buscamos investigar a relação dos estudantes da Amazônia com o conhecimento.

BEM EM SI E BEM ÚTIL

Conforme Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1096b), “podemos falar dos bens de duas maneiras, uma, os bens por si mesmos, outra, os bens em relação aos primeiros”. Em outras palavras, existem coisas que são intrinsecamente boas e outras que são valiosas por serem meios para alcançar essas primeiras. Como o útil é buscado apenas como um meio para chegar ao que é um bem em si, este último revela-se superior, pois “uma coisa perseguida como fim em si é mais perfeita do que aquela perseguida como um meio para uma coisa qualquer” (1097a). Quanto mais exclusivamente um objeto é buscado como fim, mais perfeito ele é:

> uma coisa não escolhida como meio para algo é mais perfeita do que as coisas escolhidas tanto como fins em si quanto como meio para esta coisa, e simplesmente chamamos perfeito o que é sempre desejável por si mesmo e nunca por outra coisa. (1097a)

Hildebrand (2020) argumenta que a palavra "útil" possui diferentes significados, desde a simples capacidade de algo servir como ferramenta para alcançar um objetivo, até seu papel como meio para certos fins específicos, que

ele chama de "bens objetivos" ou "bens elementares para a pessoa humana" (p. 71, tradução nossa). Esses bens seriam

> as coisas indispensáveis à nossa vida, assim como todas aquelas coisas que se referem ao nosso bem-estar físico e mental e segurança na medida em que somos indivíduos e membros da sociedade. Comida, vestimentas e abrigo; saúde, liberdade, paz e ordem são tais bens elementares. (p. 69; tradução nossa)

Apesar disso, o útil não se confunde com os bens mais elevados da pessoa humana, ainda que possa contribuir para alcançá-los. Portanto, poderíamos considerar que esses bens superiores, mais perfeitos, são "inúteis" no sentido de que não servem a outro propósito além de si mesmos. Deste modo, a felicidade, como o bem mais perfeito, é o fim último de todas as ações humanas, sempre desejada por si mesma e não como um meio para outra coisa.

A psicologia moderna corrobora essas ideias clássicas. Csikszentmihalyi (2020) estudou um tipo ideal de experiência, chamado "flow", caracterizado por alta fruição. Um dos requisitos para alcançar esse estado é o "autotelismo" da atividade, um termo derivado das palavras gregas *auto*, que significa próprio, e *télos*, que significa fim. Assim, algo é considerado "autotélico" quando é um fim em si mesmo.

A relevância do autotelismo para o estado de flow está no foco da atenção. Nessa experiência, a atenção do indivíduo está concentrada na atividade em si, enquanto em experiências exotélicas (atividades que têm um fim externo), a atenção se volta para as consequências, reduzindo a satisfação.

O conceito de autotelismo de Csikszentmihalyi pode diferir um pouco do que Aristóteles e Hildebrand descreveram. Enquanto estes últimos se referem a valores e bens que são objetivamente fins em si mesmos, Csikszentmihalyi foca na experiência subjetiva do autotelismo. Para ele, o crucial não é a atividade em si, mas como a pessoa a vivencia, ou seja, se a atenção e motivação estão nas consequências ou na própria atividade.

> Investir no mercado de ações para ganhar dinheiro não é uma experiência autotélica; mas investir para provar sua capacidade de prever futuras tendências é [...] O que transparece nas duas situações é ostensivamente idêntico; a diferença é que, quando a experiência é autotélica, a pessoa presta atenção na atividade em si; quando não é, sua atenção se concentra nas consequências. (CSIKSZENTIMIHALYI, 2020, p. 85)

Essa diferença entre os pensadores pode ser vista como complementar, em vez de contraditória. Se o que importa para o flow é a experiência subjetiva da atividade, as atividades que são objetivamente autotélicas certamente facilitam essa experiência, tornando-se mais perfeitas porque contribuem mais para a felicidade.

A ciência comportamental também aborda o conceito de autotelismo, embora não use esse termo, ao falar de valores. “Em ACT [Terapia de Aceitação e Compromisso], valores são consequências livremente escolhidas e verbalmente construídas de padrões de atividade contínuos, dinâmicos e em evolução que estabelecem reforçadores predominantes para essa atividade que são intrínsecos ao engajamento no próprio padrão comportamental valorizado.” (WILSON e DUFRENE, 2009, p. 64). Como os reforçadores de uma atividade são intrínsecos a ela, seu objetivo não é outro senão a própria atividade. Não se busca uma consequência externa positiva; a própria atividade é satisfatória porque realiza um valor. Assim, uma ação valorizada poderia ser considerada autotélica.

O CONHECIMENTO COMO BEM

O conhecimento é um exemplo claro de algo que possui valor intrínseco. Ele pode ter uma aplicação prática, como no caso da engenharia usada para construir uma ponte, ou pode não ter utilidade imediata, como os conhecimentos filosóficos ou metafísicos. No entanto, independentemente de sua utilidade, o conhecimento “é capaz de ser seu próprio fim. A constituição da mente humana é tal que qualquer tipo de conhecimento, se realmente o for, é sua própria recompensa.” (NEWMAN, 2008, p. 90, tradução nossa)

Entre os bens autotélicos, o conhecimento é o mais enaltecido pelos filósofos. Aristóteles, em sua obra "Ética a Nicômaco", afirma que a contemplação é a atividade mais elevada para o ser humano, sendo a base da melhor vida. Para ele, “se a felicidade é uma atividade conforme a virtude, é razoável que seja conforme a mais alta virtude e essa será a virtude da parte mais nobre de nós mesmos.” (1177a). Essa parte é o intelecto, e seu exercício virtuoso é a contemplação.

Platão ilustra isso no "Fedro", no mito do auriga. O autor compara a alma humana a um condutor de carruagem que guia dois cavalos, um obediente e outro rebelde. A missão do auriga é disciplinar o cavalo rebelde, que simboliza as paixões que desviam a alma. As almas que conseguem educar esse cavalo indisciplinado competem para alcançar a "planície da verdade". uma região superior onde a alma encontra seu verdadeiro alimento, essencial para sua elevação (PLATÃO, Fedro, 248b).

> Mas o que motiva a grande ansiedade em descortinar a planície da verdade é o fato de o pasto adequado para a melhor parte da alma estar no prado nela situado, sendo esse pasto que nutre a asa responsável pela ascensão da alma. (PLATÃO, *Fedro*, 248b)

Tomás de Aquino (ST, I, IIae, q. 3, a. 8) identifica na união com Deus a fonte da beatitude, da felicidade humana. Porém, seguindo Aristóteles, Tomás reconhece a importância do intelecto na bem-aventurança cristã, considerando que “para a felicidade perfeita é necessário o intelecto atingir a essência mesma da causa primeira. E assim, terá a sua perfeição pela união com Deus como o objeto em que só consiste a beatitude do homem (...)”. Apesar disso, ele valoriza o conhecimento nesta vida, ainda que de forma relativa: “pelos divinos efeitos somos levados à contemplação de Deus (...) A perfeição do intelecto humano é a verdade divina, ao passo que as outras verdades aperfeiçoam o intelecto em ordem à verdade divina” (ST, II, IIae, q. 180, a. 4).

Além disso, Frankl (2019) discute os valores vivenciais, que envolvem experiências enriquecedoras nas quais a pessoa recebe algo do mundo. A experiência da verdade, ou seja, o conhecimento, pode ser classificada dentro desta categoria de valores, segundo o criador da Logoterapia.

Portanto, todo conhecimento é valioso em si mesmo e contribui para o desenvolvimento humano, embora alguns tipos de conhecimento sejam mais elevados do que outros.

Tipos de conhecimento

Aristóteles, na "Metafísica", diferencia dois tipos de ciência, atribuindo-lhes uma hierarquia: "as ciências especulativas estão mais ligadas ao saber do que as produtivas" (981b-982a). Em outras partes de sua obra, ele reserva o

termo "ciência" (epistéme) para as especulativas, diferenciando-as da "arte" (téchne). “A distinção entre a arte e a ciência refere-se ao fato de que, enquanto a arte possui uma aplicação prática, a ciência desconhece esta dimensão pragmática.” (PUENTES, 1998, p. 131).

Embora esses termos tenham adquirido significados diferentes ao longo do tempo, e disciplinas como a medicina e a engenharia, que Aristóteles considerava artes, sejam agora vistas como ciências, é importante considerar tal distinção para entender a superioridade que ele atribuía à especulação em relação à produção.

Dada a superioridade atribuída por Aristóteles a tudo que é um fim em si mesmo, é fácil entender por que ele considera a ciência superior à arte: seu caráter autotélico. A arte é um tipo de conhecimento e, portanto, possui valor intrínseco, mas também é útil, pois visa a produção de algo, funcionando como um meio para um fim. As ciências especulativas, por outro lado, não têm essa função prática e são valorizadas apenas por si mesmas, o que as torna superiores. A dignidade da arte está relacionada à sua capacidade de criar coisas que facilitam a contemplação, a atividade intelectual mais elevada, que verdadeiramente aperfeiçoa o ser humano, tornando-o aquilo que ele realmente é (HAN, 2017; REALE, 2014).

CONTEMPLAÇÃO, PRODUÇÃO, FELICIDADE E EDUCAÇÃO

A sociedade capitalista atual encontra-se profundamente envolvida com a noção de utilidade, esquecendo-se do que é bom em si mesmo e da fonte de dignidade do que é útil. Reale (2014, p. 85) afirma que "o praxismo e o tecnologismo constituem as manifestações mais evidentes do mal-estar atual", onde "a práxis e a técnica tornaram-se 'verdadeiras', e todos os valores são absorvidos no fazer e no produzir." (p. 86). Neste contexto, tudo deve ter uma função, uma utilidade; nada é valorizado simplesmente por ser bom em si. Por outro lado, aquilo que é considerado "útil" torna-se desejável e prestigiado, apenas por essa característica.

Esse foco na utilidade afeta também a percepção que as pessoas têm de si mesmas. O valor pessoal passa a ser medido não pela dignidade intrínseca

de ser humano ou pelo conhecimento que se possui, mas pela utilidade que se oferece. A identidade da pessoa fica, então, vinculada à produção e ao desempenho. Galimberti (2006, pp. 639-640) observa que "o que conta não é o livre indivíduo que encontra sua identidade na própria alma, segundo a tradição greco-cristã, mas aquela máscara do indivíduo, essa sua personificação que é a sua profissionalidade." Essa situação leva ao que Han (2017) descreve como "violência neuronal," onde a pressão pelo desempenho, que é uma forma de autocobrança por utilidade, esgota e deprime as pessoas, que acabam esquecendo a contemplação e exagerando na valorização da vida ativa.

O modelo educacional dentro deste contexto capitalista produtivista tende a formar indivíduos obcecados pela produção e pela utilidade, sem considerar o verdadeiro fim último: a contemplação. Assim, o conhecimento é rebaixado de um fim em si mesmo a um mero meio, e o trabalho se converte “de meio em fim” (REALE, 2014, p. 103). O bem-estar material, que deveria ser apenas uma condição para viver bem, torna-se o objetivo principal. Como Pinheiro (2021, p. 109) aponta, isso leva à "barbárie da especialização," onde o ser humano moderno abandona um conhecimento mais amplo para se especializar em um campo muito restrito, perdendo o verdadeiro espírito científico e afastando-se da realidade.

Reale (2014) sugere que essa inversão de valores se origina no niilismo, que, cético em relação à felicidade, substitui a busca dela pela busca por poder. Han (2017) também destaca que essa busca por poder cansa e deprime o ser humano moderno. Contudo, a especialização não deve ser completamente eliminada, pois tem seu valor e promove a produção e não se pode negligenciar o ensino técnico que favorece a produção. Aristóteles, em "Ética a Nicômaco" (1178b), lembra que

> o homem feliz necessitará também de bens exteriores, já que ele é homem, pois a sua natureza não é suficiente para a atividade contemplativa, mas é preciso também que o corpo esteja em boa saúde, que ele receba alimentação e todos os cuidados.

A existência humana, segundo Han (2023, p. 150), realiza-se na "vita composita," ou seja, em uma vida que combina atividade e contemplação. Não é possível viver apenas contemplando. No entanto, os bens exteriores,

produzidos pela técnica, e a vida ativa em si devem estar subordinados à vida contemplativa, que "tem prioridade sobre a ativa, porque se aplica a um objeto superior e melhor" (TOMÁS DE AQUINO, ST, II, IIae, Q. 182, a. 4). Han (2023, p. 148) ainda reforça que "a vita activa sem a vita contemplativa é cega." Mas, como vimos, essa hierarquia de valores tem sido esquecida, e “a preocupação pelo bem viver [...] cede lugar cada vez mais à preocupação pelo sobreviver” (HAN, 2017, p. 33).

Essa confusão entre sobreviver e bem-viver leva o ser humano a idealizar a sobrevivência como se fosse o ideal de boa vida, comparando-se à "alma furada" descrita por Platão no diálogo "Górgias". Sócrates usa a imagem de um jarro furado para representar a alma daqueles que levam uma vida desregrada, dominados por suas paixões, sempre em busca de satisfação imediata que nunca os completa verdadeiramente. Esses indivíduos tratam os meios de sobrevivência, que deveriam ser instrumentos para alcançar a contemplação, como se fossem o próprio fim:

> carregarão água para o interior de seu jarro que vaza como uma peneira, que é uma coisa que também vaza. E por peneira, segundo declarou a mim quem contou a história, ele quer dizer a alma; e a alma dos destituídos de inteligência comparou a uma peneira, que, por ser perfurada, é incapaz de reter alguma coisa devido a sua descrença e esquecimento. (PLATÃO, *Górgias*, 493b-c)

Por outro lado, a contemplação é o que realmente completa o ser humano, proporcionando a verdadeira felicidade: "A felicidade, então, coexiste com a contemplação, e quanto mais se possui a faculdade de contemplar, mais também se é feliz não por acidente, mas em virtude da própria contemplação, pois essa é por si só um grande prêmio." (ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco, 1178b).

Han (2023, p. 142) também destaca que "a felicidade se deve à inatividade," que proporciona a oportunidade para a contemplação, permitindo um mergulho profundo nas coisas (HAN, 2017). Esse estado de atenção plena, desligado da utilidade imediata e das necessidades práticas, favorece a experiência de "flow," que surge não da dúvida cartesiana, que "dissolve o espanto" (p. 36), mas do "espanto a respeito do ser-assim das coisas" (p. 35) e do maravilhamento por um mundo belo e ordenado (PINHEIRO, 2021). A

contemplação "dignifica a vida inteira, não se reduzindo a um conhecimento técnico" (p. 233).

Assim, uma educação que ensina apenas o "fazer" sem contemplar a beleza e os meios do "saber" falha em contribuir para a plena realização da natureza humana, que só se alcança por meio da contemplação.

METODOLOGIA

Foram elaborados formulários com perguntas que foram respondidas por estudantes de diversos níveis de ensino em instituições da cidade de Belém, no Pará. Os formulários buscaram informações acerca da relação que os respondentes tinham com o conhecimento: se seria autotélica ou utilitária.

A análise de dados foi realizada a partir da metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Para isso, as perguntas foram divididas em duas categorias: as que analisam o autotelismo em diversas atividades (cujas respostas foram divididas em “autotelismo” e “utilidade/não-autotelismo) e as que analisam o senso de eficácia do ensino formal para a realização profissional ou pessoal (com as respostas divididas em “eficaz” e “não eficaz).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto aos participantes deste estudo, 60 respondentes compuseram os três grupos investigados, de estudantes do ensino médio, de graduação e de pós-graduação, tendo sido divididos entre eles em igual número de modo a possibilitar uma análise comparativa.

Os formulários foram acessados por 60 estudantes de três escolas privadas de ensino médio, os quais estavam cursando o segundo (15%) ou o terceiro (85%) ano, sendo 30% do gênero masculino e 70%, do feminino e na faixa estaria de 16 a 20 anos.

Também foram acessados por estudantes de graduação, sendo 80% de uma universidade particular e 20% de uma universidade pública, de quatro cursos (70% cursando Psicologia; 15%, Engenharia Civil; 10% Educação Física e 5% Cinema), entre o primeiro e décimo semestres, a grande maioria (30%) cursando o 9º, enquanto apenas 5% estavam no 1º semestre. 60% dos

participantes se identificaram com o gênero feminino enquanto apenas 40% se identificaram com o masculino. A idade desses participantes variou de 22 a 60 anos.

Além disso, formulários também foram respondidos por estudantes de pós-graduação strictu sensu, sendo 55% de uma universidade privada e 45% de uma pública, com 30% em um projeto de pós-graduação em ciências exatas e 70% divididos em pós-graduações em ciências humanas, sendo que 60% estavam cursando o mestrado e 40% o doutorado. Suas idades variaram entre 23 e 60 anos e 50% se identificaram com o gênero masculino e 50% com o feminino.

As respostas aos formulários, já divididas em suas respectivas categorias de análise, estão nos quadros a seguir.

Quadro 1 – Autotelismo ou utilidade/não-autotelismo

Questionamento	Ensino médio		Universidade		Pós-Graduação	
	Autotelismo	Utilidade/ não-autotelismo	Autotelismo	Utilidade/ não-autotelismo	Autotelismo	Utilidade/ não-autotelismo
Motivação acadêmica	30%	70%	55%	45%	95%	5%
Projetos extra-acadêmicos	80%	20%	60%	40%	70%	30%
Trabalho	85%	15%	95%	5%	95%	5%

Fonte: autoria própria

Como podemos observar, a quantidade de respostas do tipo que indica autotelismo no estudo cresce conforme aumenta o nível de ensino, quando o objeto de estudo é escolhido de forma mais livre. Tal dado parece ter relação com o conceito de valores da ACT, que devem ser "livremente escolhidos" (WILSON; DUFRENE, 2009).

Hayes, Strosahl e Wilson (2021, p. 241) ainda distinguem "escolha" de "decisão": decisão é a "seleção entre alternativas baseada em razões", [que são] "formulações verbais de causas e efeitos"; enquanto isso, "uma escolha é uma seleção entre alternativas que pode ser feita com razões (se houver razões disponíveis), mas não por razões". Dessa forma, em uma decisão, as razões causam uma solução, mas, em uma escolha, não.

A maioria dos estudantes do ensino médio que responderam ao questionário parece ter decidido estudar para tirar boas notas, para agradar os pais, para ter um emprego no futuro, enquanto a maioria dos graduandos e pós-

graduandos parece ter escolhido estudar certamente cientes de que tais estudos são necessários para obter boas notas e para um consequente destaque profissional (como também mostra o Quadro 2), mas não são levados por tais razões.

Quadro 2 – Eficácia do ensino formal para a realização do estudante

Questionamento	Ensino médio		Universidade		Pós-Graduação	
	Eficaz	Não eficaz	Eficaz	Não eficaz	Eficaz	Não eficaz
Realização Profissional	80%	20%	70%	30%	100%	
Realização Pessoal	75%	25%	75%	25%	100%	

Fonte: autoria própria

É interessante notar a relação entre a segurança que o curso/escola dá para o aperfeiçoamento profissional e a busca, por parte do estudante, por atividades extras que priorizem tal desenvolvimento. O grupo dos graduandos, que tem menos segurança (o que é caracterizado pelo tipo de resposta "ineficaz"), busca mais atividades extras que priorizem o desenvolvimento profissional ("utilidade", na pergunta sobre projetos extra-acadêmicos).

Ademais, pode-se perceber que o grupo do ensino médio, o que menos vive o autotelismo nos estudos, é o que mais busca atividades extras que tenham relação com seus projetos ou interesses pessoais. Tal fato talvez possa ser explicado pela sua necessidade de fugir do cansaço do útil de que fala Han (2017).

Contudo, os resultados parecem não se adequar ao que seria esperado após a revisão bibliográfica. Os autores que se propuseram a analisar a sociedade ocidental (PINHEIRO, 2021; HAN, 2017; REALE, 2014) se mostraram bastante pessimistas quanto ao autotelismo, observando uma sociedade marcada pelo utilitarismo, que se estenderia, também, à relação da pessoa com o conhecimento. Contudo, percebemos que uma pequena maioria dos que responderam aos formulários (levando em conta a soma dos três grupos) consegue ter uma relação autotélica com o estudo e mais ainda com atividades fora do contexto acadêmico.

Podemos pensar em algumas hipóteses para tal discrepância: a) os estudantes não foram totalmente sinceros ao responder o formulário e responderam de acordo com o que acharam ser a resposta mais "certa" (as que indicariam autotelismo); b) como os autores são europeus ou têm suas principais

referências em autores europeus, não fizeram uma análise que pudesse ser aplicada no contexto amazônico com a precisão esperada; c) o espaço amostral foi restrito demais para termos informações suficientemente precisas da relação dos estudantes amazônidas com o conhecimento.

Se a hipótese “a” for verdadeira, os estudantes aprenderam, necessariamente, que o autotelismo é algo bom e deve ser buscado. Tal fato implicaria na invalidade da hipótese de que o utilitarismo é sempre incentivado ou, ao menos, que ele não é incentivado explicitamente, e que o contexto social provoca uma dicotomia entre o pensar e o agir (sabe-se que o autotelismo do conhecer é bom e necessário, mas vive-se de forma utilitária).

A hipótese “b” estiver correta, haveria uma demonstração de que não vivemos em uma cultura europeia, apesar de nossa pretensão, e que isso tem, ao menos no tocante ao tema discutido, consequências positivas para os estudantes.

A hipótese “c”, infelizmente, também pode estar correta. Contudo, para que isso seja verificado, será necessária a realização de outro estudo, com um espaço amostral maior.

Ademais, embora os resultados da pesquisa de campo não estejam de acordo com o pessimismo dos autores, também não são os ideais. Enquanto 95% dos pós-graduandos vivem o autotelismo do conhecimento (o que seria, talvez, o número ideal), apenas uma pequena maioria de graduandos (55%) e uma parcela menor ainda de estudantes do ensino médio (25%) o vive. Dessa forma, sendo o autotelismo uma condição para a vivência do flow (CSIKSZENTIMIHALYI, 2020) e o flow um componente importante da felicidade, muitos estudantes, não vivendo o seu estudar como um fim em si mesmo, estão deixando de aproveitar uma oportunidade de ser feliz. E, se não aproveitam essa oportunidade em algo tão objetivamente autotélico quanto o conhecimento, é de se temer que não o façam em outras atividades.

Pelos dados obtidos, também podemos notar, em todos os níveis de ensino, um alto grau de satisfação dos estudantes com suas instituições. Assim, percebemos que não só o autotelismo cresce de acordo com o nível de ensino, mas também o valor dado a ele também cresce nessa medida. Isso se mostra

pelo fato de que, embora os níveis mais baixos de ensino (médio e superior) não vivam tanto autotelismo quanto o superior, a sua satisfação com a instituição não cai na mesma medida. Isso parece se dever ao fato de as pessoas da pós-graduação, presumivelmente, já estarem no mercado de trabalho, não sendo seus cursos absolutamente necessários para suas profissões, enquanto as dos outros níveis estarem cursando algo exigido pelos empregos almejados no futuro.

CONCLUSÃO

De acordo com a revisão bibliográfica, a sociedade contemporânea, orientada pela lógica da produção, desenvolveu um modelo de indivíduo que também se alinha a essa mentalidade produtivista. Consequentemente, o sistema educacional é direcionado a formar indivíduos com foco na maximização da sua produtividade. Isso impacta profundamente a relação do ser humano com o conhecimento, que passa a ser visto de maneira tecnicista e utilitarista. Nesse contexto, o valor do conhecimento é determinado por sua aplicação prática, ou seja, pelo que pode gerar ou produzir, em vez de ser valorizado como um fim em si mesmo.

Contudo, o verificado pela pesquisa de campo é que uma pequena maioria de estudantes consegue, de fato, viver o autotelismo do conhecimento, contrariando, talvez, a perspectiva extremamente pessimista dos autores revisados. Ainda assim, a proporção de estudantes que exercem o estudar como um fim em si mesmo não é a ideal (especialmente entre os de nível médio), desaproveitando uma oportunidade de realização pessoal.

Portanto, é essencial promover uma mudança de paradigma na maneira como o ser humano se relaciona com o conhecimento, cultivando uma abordagem mais autotélica. Isso implica em valorizar o conhecimento como um fim em si mesmo, voltado para o aperfeiçoamento pessoal e não apenas para a produção. Nesse contexto, a educação desempenha um papel fundamental em todos os seus níveis, desde o ensino básico, ao incentivar e promover a apreciação pelo valor intrínseco do conhecimento e a realização pessoal através do aprendizado.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. São Paulo: Martin Claret, 2015.
ARISTÓTELES. Metafísica. São Paulo: Edipro, 2012.
CSIKSZENTIMIHALYI, Mihaly. Flow: a psicologia do alto desempenho e da felicidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.
FRANKL, Viktor F. Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 2019.
GALIMBERTI, Umberto. Psiche e Techne: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006.
HILDEBRAND, Dietrich v. Ethics. Steubenville: Hildebrand Press, 2020.
HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017.
HAN, Byung-Chul. Vita contemplativa: ou sobre a inatividade. Petrópolis: Vozes, 2023.
HAYES, Steven C.; STROSAHL, Kirk D.; WILSON, Kelly G. Terapia de aceitação e compromisso: O Processo e a Prática da Mudança Consciente. Porto Alegre: Artmed, 2021.
NEWMAN, John H. The idea of a university defined and ilustrated. Project Gutenberg, 2008.
PINHEIRO, Victor Sales. A crise da cultura e a ordem do amor: ensaios filosóficos. São Paulo: É Realizações Editora, 2021.
PUENTES, Fernando R. A Techné em Aristóteles. Hypnos, v.3, n. 4, p. 129-135, 1998.
PLATÃO. Fedro (ou do Belo). São Paulo: Edipro, 2012.
PLATÃO. Górgias (ou da Retórica). In: PLATÃO. Diálogos II. São Paulo: Edipro, 2016. p. 41-170.
REALE, Giovanni. O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
SEIBT, Cezar Luís; BRAÇO, António Domingos. Aproximações à relação entre educação e ser humano. Revista Humanidade e Inovação, Palmas, v. 8, n. 55, p. 55-68, agosto, 2021.
TOMÁS DE AQUINO, Santo. Suma teológica: volume 2: Ia IIae. Campinas: Ecclesiae, 2020.
TOMÁS DE AQUINO, Santo. Suma teológica: volume 3: IIa IIae. Campinas: Ecclesiae, 2016.
WILSON, Kelly G.; DUFRENE, Troy. Mindfulness for two: an acceptance and commitment therapy approach to mindfulness in psychotherapy. Oakland, CA: New Harbinger, 2009.

O PAPAGAIO E NEGO TINTA[1]

THE PARROT AND NEGO INK

EL LORO Y LA TINTA NEGO

Ana Claudia de Almeida Monteiro[2]
José Guilherme de Oliveira Castro[3]

Resumo: Este trabalho consiste em uma análise sobre o conto de Benedicto Monteiro "O papagaio" o qual tem o objetivo de refletir sobre o comportamento humano além de demonstrar a influência deste comportamento em outras pessoas. Será analisado, através da psicanálise, o comportamento do coronel Laudemiro a partir das tomadas de decisão quanto à delegação de serviços ao Nego Tinta na fazenda. O conto "O Papagaio", do escritor paraense Benedicto Monteiro (1924-2008), é narrado em terceira pessoa para um outro amigo para o qual já havia contado outras estórias, contando uma experiência que havia se passado na fazenda do coronel Laudemiro. Era um empregado negro, feio, grande, muito forte, alcunhado de "Nego Tinta" em alusão ao folclórico Matinta-Pereira, tamanha a crueldade que trazia no coração. Todos tinham medo de se dirigir a Nego Tinta, menos um papagaio falante que havia na fazenda, que assoviava como Matinta-Pereira quando se referia ao nego. A metodologia utilizada será uma revisão bibliográfica e um estudo de caso.

Palavras-chave: Benedicto Monteiro; Papagaio, Nego Tinta; conto; psicanálise

Abstract: This work consists of an analysis of Benedicto Monteiro's short story "The Parrot", which aims to reflect on human behavior in addition to demonstrating the influence of this behavior on other people. Colonel Laudemiro behavior will be analyzed, through psychoanalysis, based on his decision-making regarding the delegation of services to Nego Tinta on the farm. The short story "O Papagaio", by the Pará writer Benedicto Monteiro (1924-2008), is narrated in the third person to another friend to whom he had already told other stories, recounting an experience that had taken place on Colonel Laudemiro's farm. He was a black employee, ugly, big, very strong, nicknamed "Nego Tinta" in allusion to the folkloric Matinta-Pereira, such was the cruelty he carried in his heart. Everyone was afraid to address Nego Tinta, except for a talking parrot that was on the farm, which whistled like Matinta-Pereira when referring to Nego. The methodology used will be a bibliographic review and a case study.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho **ENTRE FRONTEIRAS E HORIZONTES:** DIÁLOGOS E NARRATIVAS PARA O FUTURO AMAZÔNICO do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) – ST1 da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Mestranda do programa de pós graduação em Comunicação Linguagem e Cultura, UNAMA, anaclaudialameidamonteiro@gmail.com, https://orcid.org/0009-0000-4719-3856 .

[3] Prof. Orientador do programa de pós graduação em Comunicação Linguagem e Cultura, UNAMA, jgpsico.letras@gmail.com, https://orcid.org/0000-0003-3602-7734

Keywords: Benedicto Monteiro; Parrot, Nego Tinta; tale; psychoanalysis

Resumen: Este trabajo consiste en un análisis del cuento de Benedicto Monteiro "El Loro", que pretende reflexionar sobre el comportamiento humano además de demostrar la influencia de este comportamiento en otras personas. Se analizará, a través del psicoanálisis, la conducta del coronel Laudemiro a partir de su toma de decisiones respecto de la delegación de servicios a Nego Tinta en la finca. El cuento "O Papagaio", del escritor paraense Benedicto Monteiro (1924-2008), es narrado en tercera persona a otro amigo a quien ya le había contado otras historias, relatándole una experiencia vivida en la hacienda del coronel Laudemiro. Era un empleado negro, feo, grande, muy fuerte, apodado "Nego Tinta" en alusión al folclórico Matinta-Pereira, tal era la crueldad que llevaba en el corazón. Todos tenían miedo de dirigirse a Nego Tinta, excepto un loro parlante que estaba en la finca, que silbaba como Matinta-Pereira al referirse a Nego. La metodología utilizada será una revisión bibliográfica y un estudio de caso.

Palavras clave: Benedicto Monteiro; Loro, Nego Tinta; cuento; psicoanálisis

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é um estudo de um conto de Benedicto Monteiro intitulado "O papagaio". Este tem o objetivo de de refletir sobre o comportamento humano, além de demonstrar a influência deste comportamento em outras pessoas. Será analisado, através da psicanálise, o comportamento do coronel Laudemiro a partir das tomadas de decisão quanto à delegação de serviços ao Nego Tinta na fazenda.

Benedicto Wilfredo Monteiro, filho de Ludgero Burlamaqui Monteiro e Hiebertina Batista Monteiro, nasceu no baixo Amazonas, na cidade de Alenquer estado do Pará, em 1 de março de 1924 e veio a óbito no dia 15 de junho de 2008 em Belém-PA. Conhecido escritor brasileiro do século XX, reconhecido por sua habilidade de explorar a natureza humana e as relações sociais falando sempre da Amazônia de "dentro para fora", ou seja, com conhecimento de causa, pois era paraense. Benedicto Monteiro, publicou o seu primeiro livro de poesias "Bandeira Branca" em 1945. Casado Wanda Marques Monteiro, com a qual teve cinco filhos, dez netos e quatro bisnetos. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e exerceu os cargos de Promotor Público, Juiz de Direito e Secretário de Estado. Foi eleito Deputado Estadual, tendo sido cassado em 1964, pelo regime militar instalado.

Alguns estudiosos acreditam que o aparecimento do conto teria ocorrido alguns milhares anos antes do nascimento do Cristo. O conto é, do prisma de sua história e de sua essência, a matriz da novela e do romance, mas isso não significa que deva poder, necessariamente, transformar-se neles. O conto é provavelmente a mais flexível das formas literárias (Moises, 2012).

No conto “O papagaio” do escritor paraense Benedicto Monteiro (1924-2008), é narrado em terceira pessoa para um outro amigo para o qual já havia contado outras estórias, contando uma experiência que havia se passado na fazenda do coronel Laudemiro. “Foi com um negro retinto que já nem ele se lembrava do nome. Sabiam que o preto vivia sempre com íntima raiva da natureza. Tanto que não sabia lidar nem com os homens. E por isso maltratava qualquer ser vivente, mesmo que fosse a planta mais inofensiva” (O papagaio - Benedicto Monteiro). O conto narra no início, como os bichos e os homens se igualam. É contada uma estória que se passa em uma fazenda do coronel Laudemiro, onde tinha um empregado negro, feio, grande, muito forte, alcunhado de “Nego Tinta” em alusão ao folclórico Matinta-Pereira, tamanha a crueldade que trazia no coração.

Esta pesquisa, quanto a sua natureza, caracteriza-se como uma revisão bibliográfica e um estudo de caso. A revisão bibliográfica também é denominada revisão de literatura ou referencial teórico. A revisão bibliográfica é parte de um projeto de pesquisa que revela explicitamente o universo de contribuições cientificas de autores sobre um tema específico (Santos e Candeloro,2006, p.43).

Quanto ao estudo de caso, é um método de pesquisa ampla sobre um assunto específico que permite aprofundar o conhecimento sobre este assunto, oferecendo

subsídios para novas pesquisas. Neste sentido, Santos apud Brandalise (2001, p.77), complementa afirmando que “selecionar um objeto de pesquisa restrita, com o objetivo de aprofundar-lhe os aspectos característicos é o estudo de caso, cujo objeto pode ser qualquer fato/fenômeno individual ou um de seus aspectos”.

O estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN,2001, p.32).

Portanto, neste artigo, foi feita uma criteriosa leitura sobre o conto “O papagaio” de Benedicto Monteiro o qual será analisado através da psicanálise. O primeiro momento foi de estudo do conto. Já o segundo momento, constou da interpretação da narrativa das personagens, amparada em outras obras literárias escolhidas para a pesquisa, e o terceiro momento foi a redação final do trabalho de pesquisa.

2. DEFINIÇÃO DE CONTO

A história do conto mergulha num remoto passado, dificil de precisar, suscitando, por isso, toda a sorte de especulações. Tão antiga é a sua prática que nos autoriza imaginá-lo, em seu berço de origem, contemporâneo, ou mesmo precursor, das primeiras manifestações literárias, ao menos as de caráter narrativo.

Alguns estudiosos acreditam que o aparecimento do conto teria ocorrido alguns milhares de anos antes de Cristo. Apontam o conflito de Caim e Abel como um exemplar do gênero. O conto é, provavelmante, a mais flexível das formas literárias. Entretanto, a despeito das contínuas metamorfoses, não raro espelhando mudança de ordem cultural, manteve-se estruturalmente coeso, essencialmente idêntico, seja como “forma simples”, seja como “forma artística”: é uma estrutura de longa duração. De outro modo, nem se poderia falar em conto, se estamos dispostos a atribuir ao vocábulo um sentido próprio e, tanto quanto possível, consistente.

O conto é, do prisma de sua história e de sua essência, a matriz da novela e do romance, mas isso não significa que deva poder, necessariamente, transformar-se neles. Como a novela e o romance, o conto é irreversível: jamais deixa de ser conto uma narrativa que como conto se estrutura, e nenhum romance ou novela pode ser traduzido a um conto (Moisés, Massaud, 2012).

3. BENEDICTO MONTEIRO

Benedicto Wilfredo Monteiro filho de Ludgero Burlamaqui Monteiro e Hiebertina Batista Monteiro, nasceu no baixo Amazonas, na cidade de Alenquer. Estado do Pará, em 1 de março de 1924. Fez o curso primário no grupo escolar de Alenquer e o curso de Humanidades no Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, estado do Pará. Cursou o cientifico no Colégio Rabelo, iniciando também os seus estudos de Direito na Faculdade Nacional de Direito no Rio de Janeiro. Diplomou-se bacharel em Ciências Jurídicas Sociais pela Faculdade de Direito do Pará. Exerceu a magistratura e o Ministério Público. Foi eleito deputado estadual por duas legislaturas. Foi também, Secretário de Estado de Obras, Terras e Águas. Publicou em 1945 no Rio de Janeiro, pela editora Zélio Valverde, seu primeiro livro de poesia – Bandeira Branca. Era advogado militante, casado, pai de cinco filhos. Cassado em 1964 pelo golpe militar.

As obras de Benedicto Monteiro são dedicadas ao fabuloso Verde Vagomundo da Amazonia. Mas não a Amazonia "vista de fora", turística ou espetacular (embora, aqui ou ali, isso apareça sem intenção expressa), e sim, vista "por dentro" e revelada "de dentro", em sua realidade total, multifacética: ecológica, humana, psicológica, social, na linguagem e nos conceitos, na gente e nos bichos, no ar, na água, na selva, nas cidades, nos hábitos e tradições, no misticismo e na descrença, nas lendas e nos fatos, nos sons e nas cores. Sua trilogia – Verde Vagomundo, O Minossauro e Terceira Margem – e a novela O Carro dos Milagres, realizam um desbravamento no sentido inverso da progressão da já lendária estrada. É uma picada cultural transamazônica que nasce nos igarapés e atinge os centros urbanos deste país – continente. Sua primeira obra em prosa – Verde Vagomundo – foi definida por Jorge Amado como "uma beleza de romance" e por Benedicto Nunes, como "o primeiro romance contextual da realidade amazônica". Léo Gilson Ribeiro afirma: "o talento literário mais límpido e seguro que este ano explodiu na literatura brasileira". E Lucio Flávio Pinto – em ensaio sobre O Minossauro assinala: "ele é talvez o maior romancista deste mundo amazônico ainda não atingido pelas frentes de penetração, guiado pelos rios, marcado pelo tempo sem tempo, sem

indicadores “civilizatórios”, a página do Genesis ainda não escrita, na expressão de Euclides da Cunha.” (Monteiro 1924)

4. PSICANALISE

Em 1923, no seu trabalho Dois artigos de enciclopédia: psicanálise e teoria da libido, Freud define a psicanálise como um procedimento de investigação dos processos mentais, um método de tratamento e uma disciplina científica. Mais tarde em 1926, no trabalho “Podem os leigos exercer psicanálise?”, ele complementa sua definição afirmando que “deve existir uma união entre curar e investigar”, com o que até hoje todo psicanalista clínico há de concordar, portanto os três aspectos acima mencionados estão intimamente conectados, são simultâneos e indissociáveis entre si (Zimerman, 1999).

O termo psicanálise, por sua vez alude unicamente aquela modalidade de tratamento que se restringe aos referenciais e fundamentos da ciência psicanalítica tal como ela foi legada por Freud, isto é, o terapeuta trabalha essencialmente com a noção dos princípios e leis que regem o inconsciente dinâmico, e a prática clínica conservam uma obediência aos requisitos psicanalíticos básicos, tais como a instituição e a manutenção de um “setting” adequado, uma atenção prioritária na existência de um campo analítico, com as respectivas resistências, transferências, contra transferências, além de uma continuada atividade interpretativa (Zimerman, 1999).

Na psicanalise, diferente do que acontece em práticas clínicas fundamentadas por outras teorias o cliente é quem assume o papel central de organizar seus sintomas, chegar à origem dele, achar uma saída criativa para a energia dispendida na formação sintomática. Na psicanálise, tem-se como objetivo a busca e interpretação dos processos inconscientes, que veem à tona por meio do que a paciente expressa. O terapeuta não tem a pretensão de aliviar os sintomas manifestados pelo paciente com técnicas. A diminuição do sofrimento manifestado na queixa é uma aposta no porvir (Ulkowski e Pinheiro,2021).

A psicanálise torna-se um caminho obrigatório para quem quer estudar a memória. Sigmund Freud usou o termo psicanálise “para designar sua teoria da

mente, bem como um certo método de investigação e um certo modo terapêutico" (Abbagnano, 2000). Método este que compreende em uma relação construída entre o analista e o paciente, onde as resistências são paulatinamente vencidas trazendo ao consciente o teor inconsciente gerador de tensões. A memória, por aludir às experiências passadas (concretas ou abstratas) que influenciam a subjetividade humana, passou a ser um objeto de estudo constante nos escritos de Freud e na edificação da teoria psicanalítica (Maia, 2019).

5. COMPORTAMENTO HUMANO

O comportamento humano se refere a ações e reações das pessoas em relação ao ambiente. Ou seja, é a capacidade potencial e expressa do indivíduo em responder estímulos internos e externos ao longo da vida. Este comportamento vai se modificando com o decorrer do tempo a partir das experiencias vividas.

Para a psicanálise, a estrutura da personalidade se divide em três: o ID, o EGO e o SUPEREGO. Essa concepção ficou definida em 1923 por Freud.

O inconsciente é o responsável pelo comportamento humano involuntário.

Os comportamentos humanos, também conhecidos como temperamentos humanos, caracterizam-se por 4 categorias, abaixo especificadas. Conforme as nossas reações perante acontecimentos externos ou até mesmo pelos nossos próprios pensamentos.

- **Colérico**: se caracteriza pelo apetite irascível, são as pessoas que aparecem sempre com soluções para todos os aspectos da vida, com latente espírito de liderança. Porém, muitas vezes trazem temperamentos mais impulsivos e agressivos, com um orgulho predominante;
- **Sanguíneo**: geralmente prestativo e gentil, as pessoas com este temperamento costumam ser alegres, cativando a todos ao seu redor;
- **Melancólico**: são os mais profundos e sensíveis, e, em resultado, são introvertidos, com dificuldades ao expor seus sentimentos. Ainda mais, estes indivíduos tem propensão a serem resistentes e mais centrados em suas atividades;

- **Fleumático**: ao contrário do colérico, este não sente necessidade alguma de interação social, ainda que esteja em um ambiente com muitas pessoas. Desse modo, neste temperamento há uma supervalorização do silêncio, concentração e disciplina. (Comportamentos humanos, significados e tipos)

6. MATINTA PERERA

Matinta Perera é a personagem de uma lenda do folclore brasileiro, muito popular na região de abrangência da Floresta Amazônica. Existem dois tipos principais de Matintas, dependendo da versão da lenda, a Matinta com asas e a Matinta sem asas. Geralmente ela é representada na sua aparência humana como uma velha corcunda, semelhante a uma bruxa.

Em algumas versões, ela é associada ao pássaro martim-pererê, chamado também de saci. Já em outras, é associada à coruja-das-torres, chamada também de coruja-rasga-mortalha.

Segundo a crença popular, é possível construir armadilhas para capturar ou afugentar Matinta. A origem da lenda é geralmente associada aos povos indígenas. Ainda hoje a lenda de Matinta é contada no Brasil, inclusive em áreas urbanas. (Brasil Escola).

7. ANÁLISE E DISCUSSÃO: COMPORTAMENTO DO CORONEL LAUDEMIRO.

No conto "O papagaio" de Benedicto Monteiro, o comportamento do Coronel Laudemiro em relação ao personagem Nego Tinta pode ser analisado pela perspectiva psicanalítica. A psicanálise busca entender o comportamento humano por meio de processos mentais inconscientes. Nesse sentido, é possível inferir que o comportamento do Coronel Laudemiro em relação ao Nego Tinta pode revelar aspectos de sua personalidade e dos conflitos psíquicos que vivencia.

> Quando o coronel Laudemiro adquiriu os cães de raça lobo, pensou logo em Nego Tinta pra cuidar. Os nomes dos bichos foram escolhidos de acordo com a fama do tratador: Mete-Medo, Lúcifer, Quebra-Ferro e Rompe-Mato. Eram uns cães enormes e brabos que Nego Tinta só

> fazia enraivecer cada vez mais. Só ensinava maldade pros danados. Gado montado na mata, porco arisco amoitado no campo, era serviço que o coronel Laudemiro deixava a cargo de Nego Tinta com a matilha de cães. Nego Tinta só respeitava mesmo o gado que o coronel tanto recomendava.

O Coronel Laudemiro é descrito como uma figura autoritária e preconceituosa, que utiliza do poder de sua posição social para intimidar os outros personagens, incluindo o Nego Tinta. Essa postura autoritária pode ser interpretada como uma forma de defesa para ocultar possíveis inseguranças e vulnerabilidades internas.

Além disso, evidencia-se uma relação de superioridade e inferioridade entre o Coronel e o Nego Tinta, onde este último é tratado de forma desumana, sendo submetido a humilhações constantes. Essa relação assimétrica pode ser entendida como uma forma de projeção, em que o Coronel busca externalizar sua própria inquietação interna através da diminuição do outro.

> Sempre feio, sempre nego e sempre forte, Nego Tinta andou absoluto na fazenda até no dia da chegada do papagaio. Ainda mais, que tempos depois que o coronel recebeu de presente o papagaio, veio também uma jiboia muito grande que o coronel queria remeter vivinha pro museu. Tirada da caixa, a cobra enorme dava uma volta completa numa sala da fazenda. Doze a quinze metros de comprimento, ela media.

Outro aspecto relevante é a presença do papagaio, figura central do conto. O papagaio pode ser interpretado como uma representação simbólica do próprio Coronel Laudemiro, uma vez que ambos são chamativos. Mesmo o Coronel sabendo o quanto este incomodava Negro Tinta, fazia questão de mantê-lo na fazenda e protege-lo a todo custo.

> Quando se enroscava, o rolo da bicha ficava da altura de uma barrica que tinha num canto do armazém. Era uma bicha enorme, é o que contam. O alimento pra ela começou a ser problema desde o primeiro dia. Cutia, preá, toro, camaleão, guariba, mucura e até macaco, Nego Tinta jogava no meio do rolo. Fazia questão de botar os animais vivos, pra apreciar a cobra engolir um por um. Também levava pássaros. E ficava apreciando a jiboia atrair devagar as embiaras. Começavam voando alto. Voavam, voavam, voavam. Depois iam baixando, baixando, baixando, até ficar voando em círculo. O círculo ia se fechando, se fechando, se fechando até não poder se afastar do alcance do bote. Em dado momento, uma laçada certeira espalhava

> penas e gritos. A cobra fechava os olhos e engolia o voo no ar. Nego Tinta nunca encarava com a cobra porque tinha medo de ser atraído pela força dos olhos.

Mesmo tendo medo da cobra, Nego Tinta era obrigado pelo Coronel Laudemiro a cuidar pessoalmente da alimentação dela. O que demonstra claramente a submissão de Nego Tinta e o poder de Coronel Laudemiro.

8. CONCLUSÃO

Concluímos que, é importante destacar que a análise psicanalítica não pode ser conclusiva, uma vez que ela se baseia principalmente em inferências e interpretações subjetivas. A análise do comportamento do Coronel Laudemiro em relação ao Nego Tinta no conto "O papagaio" de Benedicto Monteiro é apenas uma possibilidade de leitura, podendo haver outras interpretações válidas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**, trad. 1ª edição brasileira Afleredo Bosi, Rev. da Trad. e Trad. dos novos textos, Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Pontes, 2000.

BRANDALISE, L. T**. A aplicação de um método de gerenciamento para identificar aspectos e impactos ambientais em um laboratório de análises clínicas**. 2001. 122f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BRASIL ESCOLA - https://brasilescola.uol.com.br/folclore/matinta-perera.htm. visitado em 20/08/2024.

Comportamentos humanos, significados e tipos https://www.psicanaliseclinica.com/comportamento-humano visitado em 27/08/2024.

FREUD. **Sigmund - Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

MAIA. Luís. Considerações sobre a memória e o silêncio do paciente. **Revista Diálogos**. Paraná, V.4. N.4 2019.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: poesia e prosa. São Paulo - SP. 1ª edição: Cultrix, 2012.

MONTEIRO, Benedicto. **O carro dos milagres por Benedicto Monteiro –** dados biográficos do autor **–** Rio de Janeiro-RJ. Editora Novacultura. 1975.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos**: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre/RS: AGE Ltda, 2006. P.149

ULKOWSKI, Iara del Padre Iarema. PINHEIRO, Nadja Nara Barbosa. **O silêncio na obra freudiana**: um estudo longitudinal. Revista Trieb. Paraná. V. 20. N 1. P. 69 a 80. 2021.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre-RS:
Bookman, 2001.

ZIMERMAN. David E. **Fundamentos Psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica **–** uma abordagem didática. Porto Alegre **–** RS. 1ª edição. Artmed, 1999 Trabalhos Acadêmicos: uma orientação para pesquisa e normas técnicas. / Vanice dos Santos; Rosa J. Candeloro **–** Porto Alegre-RS, AGE, 2006.

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA
CONFLUÊNCIAS 2024

ST2
DIVERSIDADE E INCLUSÃO EDUCACIONAL E CORRELATAS EM SABERES E PRÁTICAS DE PROTAGONISMO AMAZÔNIDA

Coordenadores:
Profa. Dra. Ana D'Arc Martins.
Profa. Dra. Betânia Fidalgo.
Profa. Me. Cleuma Marinho (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)

Resumo: O ST “Diversidade e Inclusão Educacional e Correlatas em Saberes e Práticas de Protagonismo Amazônida” buscou debater, na perspectiva interdisciplinar, correntes teórico-metodológicas de assuntos pertinentes sobre a Amazônia.

CAPES
PPGCLC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA
UNAMA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA EXCELÊNCIA POR NATUREZA 50 anos

Educação de Jovens e Adultos (EJA) NA Amazônia: Desafios e[1] Transformações na Busca pela Segunda Chance Educacional

"Education of Young People and Adults (EJA) in the Amazon: Challenges and Transformations in the Pursuit of Second Chance Education."

"Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en la Amazonía: Desafíos y Transformaciones en la Búsqueda de una Segunda Oportunidad Educativa."

Ricardo Ribeiro - Unama[2]

Jaqueline Bandeira -Unama[3]

RESUMO:

Há mais de um século, a universalização do direito à educação tem sido amplamente debatida e implementada no Brasil. O presente artigo tem como objetivo de refletir sobre os desafios enfrentados e as transformações ocorridas no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto Amazônico, e discutir a relação na busca pela segunda chance educacional. O referencial teórico adotado fundamenta-se nas contribuições de autores como Galvão e Di Piero (2012), Gadotti (2018), Romanelli (2014) e Braga (2015), que oferecem uma base sólida para a compreensão da temática abordada. Neste contexto, destacamos a educação como um princípio educacional essencial dentro da EJA. A educação, neste âmbito, emerge como um instrumento crucial para a superação de desafios, desempenhando um papel significativo na formação de indivíduos Amazônicos. É imperativo ressaltar que essas reflexões estão sujeitas a revisões e atualizações contínuas, dada a natureza dinâmica e em constante evolução da temática.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos. Desafios e Transformações. Segunda Chance Educacional.

For over a century, the universalization of the right to education has been widely debated and implemented in Brazil and the Amazon. This article aims to reflect on the challenges faced and the transformations that have occurred in the field

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [Diversidade e Inclusão Educacional e Correlatas em Saberes e Práticas de Protagonismo na Amazônia] do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia- (Unama). Matrícula: 04132880. Email: ricardo74ribeiro@outlook.com

[3] Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura. Graduada em Letras (UNAMA). Membro do grupo de estudo Academia do Peixe Frito (UNAM/UFPA/UEPA).Membro do grupo de estudos Narramazônia (UNAMA/UFPA/UEPA). Email: jaqueline26bandeira@gmail.com

of Youth and Adult Education (EJA) in the Amazonian context, with a specific focus on the pursuit of a second educational opportunity. The theoretical framework adopted is based on the contributions of authors such as Galvão and Di Piero (2012), Gadotti (2018), Romanelli (2014), and Braga (2015), which provide a solid foundation for understanding the topic. In this context, we highlight education as an essential educational principle within EJA. Education, in this realm, emerges as a crucial instrument for overcoming challenges, playing a significant role in the formation of Amazonian individuals. It is imperative to emphasize that these reflections are subject to continuous revisions and updates, given the dynamic and constantly evolving nature of the topic.

Keywords: Youth and Adult Education. Challenges and Transformations. Second Educational Opportunity.

Desde hace más de un siglo, la universalización del derecho a la educación ha sido ampliamente debatida e implementada en Brasil y en la Amazonía. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los desafíos enfrentados y las transformaciones ocurridas en el campo de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) en el contexto amazónico, con un enfoque específico en la búsqueda de una segunda oportunidad educativa. El marco teórico adoptado se basa en las contribuciones de autores como Galvão y Di Piero (2012), Gadotti (2018), Romanelli (2014) y Braga (2015), que ofrecen una base sólida para la comprensión del tema abordado. En este contexto, destacamos la educación como un principio educativo esencial dentro de la EJA. La educación, en este ámbito, emerge como un instrumento crucial para la superación de desafíos, desempeñando un papel significativo en la formación de los individuos amazónicos. Es imperativo resaltar que estas reflexiones están sujetas a revisiones y actualizaciones continuas, dada la naturaleza dinámica y en constante evolución de la temática.

Palabras clave: Educação de jovens e adultos. Desafíos y Transformaciones. Segunda Oportunidade Educativa.

Introdução

A universalização da educação como um direito para todos os brasileiros é um desenvolvimento relativamente recente. Ao longo da história, a maioria da população no Brasil foi privada de acesso à educação:

> A educação para a população teve um progresso limitado ao longo do Império e do século XIX, estendendo-se até uma grande parte do período republicano. Segundo o censo de 1890, a maioria esmagadora da população brasileira, 85,21%, era analfabeta (PAIVA, 1985, p. 6385).

Há um pouco mais de cem anos, o debate e a implementação da universalização da educação começaram no Brasil. Shiroma e Lima Filho (2011) concordam com essa visão, enfatizando que:

> historicamente, as políticas educacionais no país não favoreceram a educação abrangente dos alunos das classes trabalhadoras, negando-lhes o direito à educação básica completa. Pelo contrário, a história do Brasil é marcada por influências do passado colonial e escravocrata, bem como pelo desenvolvimento de um capitalismo tardio e submisso, onde a elite política e econômica se apropriou do Estado em benefício próprio, privatizando o setor público. Isso resultou em um aumento da desigualdade e exclusão social, com uma parcela significativa da população vivendo em situações de pobreza, sem concluir sua educação ou obter qualificações profissionais (Shiroma; Lima Filho, 2011, p. 727-728).

Lamentavelmente, mesmo atualmente, uma parte da população brasileira ainda não tem pleno acesso ao direito à educação. Conforme o censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 50,2% das pessoas não possuíam instrução ou não tinham concluído o ensino fundamental (IBGE, 2010). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014 mostrou que 13 milhões de brasileiros eram analfabetos, com taxas mais elevadas entre jovens, adultos e idosos em todas as regiões do país. Para indivíduos entre 20 e 59 anos, a taxa de analfabetismo era de 14%, enquanto para idosos com 60 anos ou mais, a taxa chegava a 23,9% (IBGE, 2014).

Curiosamente, em 2013, já se observou uma diminuição nas matrículas na educação básica, com uma redução de 1%, correspondente a 502.602 alunos. As matrículas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) também apresentaram queda, diminuindo em 3,4% e totalizando 3.772.670 matrículas. Dentre essas matrículas, 64,9% eram do ensino fundamental (incluindo a EJA integrada à educação profissional e o Projovem Urbano), enquanto 35,1% eram do ensino médio (incluindo a EJA integrada à educação profissional) (INEP, 2013). As razões para a evasão escolar na EJA são diversas e incluem dificuldades em conciliar trabalho e estudo, questões familiares, dificuldades de acesso à escola.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Amazônia enfrenta desafios únicos que demandam uma abordagem educacional adaptada às realidades culturais, sociais e ambientais da região. Segundo Maria José Braga (2015), a EJA deve ser sensível à rica diversidade cultural das populações amazônicas, como as comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, integrando saberes tradicionais nos currículos e práticas pedagógicas. Essa perspectiva reconhece

que uma educação efetiva na Amazônia não pode ser dissociada do contexto cultural dos educandos, pois a valorização de suas tradições e modos de vida é essencial para a construção de um processo educativo significativo.

Além disso, Braga (2015) enfatiza que a EJA na Amazônia deve contribuir para o desenvolvimento sustentável da região. Para a autora, a educação não se limita à transmissão de conhecimentos, mas deve formar cidadãos conscientes e responsáveis pela preservação ambiental. Nesse sentido, a EJA deve incluir em seus programas educativos temas relacionados ao manejo sustentável dos recursos naturais e à importância da conservação ambiental, articulando o conhecimento científico com os saberes ecológicos tradicionais das comunidades locais.

Em suma, a visão de Maria José Braga sobre a EJA na Amazônia sugere que essa modalidade de ensino deve ser um processo transformador, capaz de promover o desenvolvimento sustentável, a inclusão social e o respeito à diversidade cultural da região.

O artigo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, que envolveu uma análise minuciosa do corpo de conhecimento existente. Em seguida, foram selecionados autores de aprofundamento para a elaboração do estudo. Autores como Galvão e Di Piero (2012), Gadotti (2018), Romanelli (2014) e Maria José Braga (2015), que fala sobre a EJA na Amazônia, e sugere que essa modalidade de ensino deve ser um processo transformador, capaz de promover o desenvolvimento sustentável, a inclusão social e o respeito à diversidade cultural da região e outros que desempenharam um papel fundamental na construção do estudo, fornecendo subsídios valiosos para o processo de pesquisa.

Além disso, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, que permitiu uma análise profunda dos dados dentro de uma perspectiva exploratória, com o intuito de identificar nuances e detalhes subjacentes ao tema, contribuindo assim para a consecução dos objetivos do estudo. Nesse contexto, apoiamo-nos na afirmação de Gil (1999), que destaca o papel crucial do pesquisador na pesquisa, mas enfatizamos que, sem uma estrutura e direcionamento adequados, a pesquisa pode se tornar menos eficaz. Dessa

forma, a pesquisa baseada em fontes publicadas proporcionou acesso a descobertas que serviram como fontes confiáveis de informação.

Nesse contexto, este texto começa com um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, e em seguida, apresenta reflexões sobre os Desafios e Transformações na Busca pela Segunda Chance Educacional sobre essa modalidade de ensino na Amazônia.

A História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil sempre foi alvo de controvérsias e questionamentos, principalmente devido à forma como a sociedade e as escolas trataram essa modalidade de ensino desde o início. Os alunos que optam pela EJA para concluir seus estudos frequentemente foram estigmatizados, sofrendo preconceito social, sendo rotulados como aqueles que têm dificuldades de aprendizado, financeiramente desfavorecidos, com lacunas culturais, e muitas vezes considerados como tendo habilidades inadequadas para lidar em diferentes contextos, devido à falta de habilidades de leitura e escrita.

A EJA possui uma história de dominação da classe dominante sobre a classe menos privilegiada, muitas vezes sendo vista como uma forma de assistencialismo em vez de um direito institucional (CURY, 2016).

A cronologia da EJA no Brasil é complexa, uma vez que está intimamente relacionada com o desenvolvimento do sistema educacional do país. Começando desde os tempos coloniais, os Jesuítas desempenharam um papel importante na tentativa de educar os povos indígenas locais. No entanto, essa educação tinha o propósito de tornar os índios compatíveis com as necessidades dos colonizadores, incluindo sua conversão à fé católica e seu uso como força de trabalho. Essa abordagem também se estendeu aos escravos negros.

Ao longo do tempo, escolas foram estabelecidas para os colonizadores e seus descendentes, criando assim uma clara divisão entre as classes sociais. A EJA, historicamente, tem sido afetada por desigualdades e injustiças no sistema educacional do Brasil (BARRETO; BESERRA, 2014).

O interesse inicial em fornecer educação no Brasil surgiu da Igreja, representada pelo papado, e do Estado português. A motivação por trás disso

era consolidar o controle sobre a região, promover atividades comerciais e fortalecer suas posições. Eles reconheceram a importância de substituir os costumes, cultura e sistema educacional nativo para alcançar seus objetivos.

Embora o foco educacional predominante estivesse nas crianças, também viam a necessidade de oferecer educação para os adultos, a fim de que compreendessem e seguissem as diretrizes impostas pelos colonizadores. O ensino das crianças era considerado mais simples e estratégico, uma vez que permitiria moldar uma nova geração que aderiu às normas estabelecidas pela igreja e pelo Estado.

Os adultos, por outro lado, eram percebidos como tendo pouco ou nenhum conhecimento científico válido, e, como resultado, eram considerados inadequados para os planos da Coroa portuguesa. Portanto, os colonizadores ponderaram a ideia de separar as crianças de suas famílias, a fim de evitar que absorvam a cultura que os colonizadores consideravam "bárbara". (GALVÃO; DI PIERO, 2012).

Segundo Neto e Maciel (2018), quando o Marquês de Pombal expulsou os Jesuítas, a organização do sistema educacional ficou desordenada, resultando na falta de menção à educação de jovens e adultos até o período imperial. Mesmo com os tumultos que ocorriam na Europa no século XVIII e a expulsão dos Jesuítas por Pombal, a reforma promovida por ele não conseguiu eliminar a influência da igreja na educação dos colonizados.

A abordagem educacional proposta por Pombal incluía várias perspectivas, mas os preceptores não estavam preparados para adotar modelos educacionais mais modernos. Como resultado, a substituição completa dos Jesuítas levou cerca de treze anos. Isso levou à fragmentação do ensino, onde as disciplinas passaram a ser ensinadas de forma isolada. O ponto crítico da expulsão dos Jesuítas pareceu ser a efetivação de um sistema de ensino público no Brasil. A influência do ensino Jesuíta teve um impacto significativo tanto no período imperial quanto na república, pois transformou o sistema educacional em um sistema de classes, ampliando o acesso à educação para as camadas mais pobres. Apesar disso, houve uma notável falta de mudanças substanciais e reformulações no sistema ao longo do tempo (ROMANELLI, 2014, p. 36).

O sistema educacional implementado por Pombal se baseava nas aulas régias, e como resultado, a taxa de analfabetismo atingiu níveis alarmantes. De acordo com um censo demográfico realizado em 1872 no Brasil, a taxa de analfabetismo era superior a 80% entre os homens e chegava a 90% entre as mulheres (GALVÃO; DI PIERO, 2012). Essa situação preocupante evidenciou a necessidade de uma reformulação nacional capaz de proporcionar educação para todos.

Foi somente com a Constituição de 1824 que o ensino primário passou a ser oferecido a todas as pessoas, incluindo os adultos. Embora essa proposta parecesse interessante e legal em teoria, na prática ela enfrentou desafios significativos. Os profissionais da educação não recebiam formação adequada e frequentemente demonstravam falta de preparo. Além disso, havia escassez de professores e as escolas funcionavam precariamente, sem uma estrutura organizacional eficaz ou planos de ação coerentes (GALVÃO; DI PIERO, 2012).

Conforme enfatizado por Aranha (2016), somente em 1834, por meio de um Ato adicional, a educação passou a ser de responsabilidade das províncias no Brasil. No entanto, mesmo quando o ensino estava direcionado para jovens e adultos, os métodos utilizados eram inadequados e carentes de qualidade. Os professores que se dispunham a ensinar adultos o faziam por uma missão, sem a devida remuneração. A educação de jovens e adultos era vista como uma alternativa para "civilizar" uma camada social considerada degenerada ou perigosa.

Foi apenas em 1881, quando a Lei Saraiva foi promulgada, estabelecendo eleições diretas, que as camadas populares começaram a perceber a opressão dominante. Os analfabetos foram impedidos de votar e rotulados como incapazes e ignorantes (BRASIL, 1881). Em 1891, a educação passou a ser pública, mas os direitos ainda eram restritos à elite. Em 1915, surgiu a Liga Brasileira contra o Analfabetismo, um movimento que difundia ideias para combater a ignorância, com um discurso voltado para ideais republicanos (GALVÃO; DI PIERO, 2012).

Na década de 1920, mais de 70% da população ainda era analfabeta, e pouco foi feito para alterar essa situação. Foi nesse contexto que Olavo de Bilac se sensibilizou e lançou a campanha "pioneira da educação nova" contra o analfabetismo. Esse movimento ficou conhecido como o "movimento dos pioneiros da educação nova," tendo início em 1932. Os promotores dessa campanha acreditavam que somente a educação poderia modificar a estrutura que mantinha as pessoas ignorantes, à margem da sociedade, e incapazes de participar nas discussões sobre questões econômicas, sociais e políticas. Apesar de a educação de jovens e adultos não ser o foco principal dessa campanha, suas discussões desencadearam debates que, posteriormente, influenciaram positivamente a educação de adultos (GADOTTI, 2018).

Iniciaram-se, assim, diversos debates sobre a erradicação do analfabetismo, considerado um grave problema que afetava a sociedade. Durante a Primeira República, o Brasil passou por períodos de instabilidade, especialmente após a abolição da escravatura, e a nação estava em busca de crescimento e desenvolvimento. Nesse contexto, a educação básica enfrentava sérias deficiências, e mais uma vez, a educação para os jovens tornou-se uma questão secundária, adiada para o futuro.

Foi somente em 1934 que foi apresentado um plano nacional de educação acompanhado pelo governo federal, que propôs tornar o ensino primário obrigatório e gratuito, incluindo adultos. Esse marco representou a primeira oficialização da educação de jovens e adultos (STRELHOW, 2018).

No entanto, em 1937, ocorreu um golpe e as melhorias conquistadas foram interrompidas pelo governo centralizador, que buscava controlar a mão de obra e condicionar o ensino à formação profissional. Esse período durou até 1945 e, apesar de suas limitações, abriu portas para a educação de jovens e adultos, incluindo a criação de programas de ensino supletivo em vários estados (KANG, 2014).

Durante esse período, a educação das camadas populares ganhou destaque e se tornou uma questão central na política brasileira. Somente em 1946, os primeiros materiais pedagógicos foram impressos para uso dos professores em sala de aula. Campanhas de erradicação do analfabetismo

foram lançadas, embora não tenham tido sucesso, mas desempenharam um papel importante na educação brasileira. Foi somente no final da década de 1950 e início dos anos 1960 que os movimentos sociais trouxeram maior visibilidade à educação de jovens e adultos (STRELHOW, 2018).

Esses movimentos sociais inflamaram as camadas populares, com o objetivo de envolver essa classe na política. Nesse momento, o analfabeto passou a ser reconhecido como peça fundamental da educação popular, cuja realidade precisava ser compreendida para ser atendida e utilizada como apoio no processo de ensino e aprendizagem.

Foi por meio desses movimentos que a população começou a se envolver mais ativamente na educação, apesar de enfrentar desconhecimento ou ter seus direitos negados. Os discursos enfatizavam que, quando a população não se engaja e permanece analfabeta, uma sociedade desigual e injusta é construída (ROMANELLI, 2014).

Diversos movimentos foram inspirados nas ideias revolucionárias do renomado professor e pesquisador Paulo Reglus Neves Freire, que desenvolveu um método educacional baseado na dialogicidade, utilizando temas geradores e incorporando a cultura popular nas práticas escolares. Assim, compreender os movimentos das décadas de 1950-1960 é essencial, uma vez que eles tinham raízes no "Movimento de Democratização de Oportunidades de Escolarização Básica & Adultos" e visavam reformar significativamente o sistema educacional brasileiro, apesar de serem, em grande parte, uma luta política (FÁVERO; MOTTA, 2016).

Entre os movimentos relevantes, destacam-se o Movimento da Cultura Popular (MCP, 1961-1964), as campanhas promovidas pelo Ministério da Educação e Saúde (MES, 1947-1955), o Centro Popular de Cultura - CPC da UNE (1962-1964), o Movimento da Educação de Base (MEB, 1961-1967), a Campanha de Educação Popular da Paraíba (1962-1964), o "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler" (1961-1964) e o Programa Nacional de Alfabetização (PNA) do MEC (1963-1964). Paulo Freire desempenhou um papel direto ou indireto na maioria desses movimentos (VENTURA, 2011).

Entretanto, em 1964, com o golpe militar, a educação sofreu significativas intervenções para proibir a disseminação de ideias contrárias ao regime militar. Professores e intelectuais foram perseguidos, exilados e alguns desapareceram. O Plano Nacional de Alfabetização foi descontinuado, e as lideranças dos movimentos aceitaram propostas educacionais alinhadas aos princípios do conservadorismo.

Devido à opressão e às mudanças no sistema de ensino, houve uma queda no entusiasmo dos jovens e adultos, resultando no esvaziamento de muitas escolas. Em 1967, a Lei 5.379 criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização, conhecido como MOBRAL, que perdurou até 1980. Em seguida, surgiu o ensino supletivo como uma tentativa de alcançar a parte persistente de analfabetos.

Com o fim do regime militar, em 1988, o Brasil promulgou uma nova Constituição, que estabeleceu a educação como um direito universal no Artigo 205. O Estado passou a ser o responsável por promover a educação, enquanto a família deveria incentivá-la. Nesse período, a eliminação do analfabetismo tornou-se um objetivo, e a educação passou a ser percebida como uma qualificação para o trabalho. Ideias marxistas sobre educação ganharam destaque nesse contexto, desafiando a ideologia da classe dominante que usava a educação para manter o povo subordinado a seus interesses (VENTURA, 2011).

Em 1990, surgiu o Movimento de Alfabetização, conhecido como MOVA, que buscava organizar a sociedade no combate ao analfabetismo de jovens e adultos no Brasil. Esse movimento foi baseado nas diretrizes criadas por Paulo Freire durante seu período como Secretário Municipal de Educação de São Paulo entre 1989 e 1991. Também nesse período, o Brasil se comprometeu com a "Declaração Mundial sobre Educação para Todos", estabelecendo programas e projetos com o objetivo de melhorar o sistema educacional e fornecer novas oportunidades, acesso à informação e garantia dos direitos dos cidadãos.

No entanto, quando o presidente Fernando Collor de Mello assumiu o cargo, o foco da educação mudou para projetos de cunho liberal-corporativista,

distantes das ideias marxistas discutidas anteriormente. O presidente propôs o "Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC)", que foi posteriormente suspenso após o impeachment de Collor. Sob o governo de Fernando Henrique Cardoso em 1994, o "Plano Decimal" substituiu o PNAC, mas também não foi implementado (SALGADO; BARBOSA, 2012).

Nesse período, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) foi criada para se alinhar com a Constituição de 1988, conhecida como Lei 9394/96. Houve também discussões relacionadas à Declaração de Hamburgo, que influenciaram a educação brasileira.

Em 2003, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva apresentou o "Programa Brasil Alfabetizado" com o objetivo de superar o analfabetismo de jovens e adultos, promovendo a universalização do ensino no país. Durante o governo de Lula, os projetos de educação de jovens e adultos foram ampliados, abrindo espaço para maior inclusão social (COSTA, 2013).

Na perspectiva da Amazônia, o processo de introdução da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Amazônia foi marcado por desafios relacionados às características geográficas, culturais e sociais da região. A EJA começou a se consolidar na Amazônia nas décadas de 1960 e 1970, com a implementação de políticas públicas voltadas para o combate ao analfabetismo, como o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). No entanto, essas iniciativas enfrentaram dificuldades em adaptar-se às realidades amazônicas, devido à dispersão populacional, às grandes distâncias e às particularidades culturais das comunidades locais (CARNEIRO NETO, 2012).

A vastidão territorial da Amazônia e a dificuldade de acesso a muitas comunidades isoladas foram obstáculos significativos para a implementação da EJA. Os rios, frequentemente a única via de transporte, e a presença de comunidades ribeirinhas e indígenas dispersas tornaram necessária a criação de soluções específicas, como escolas itinerantes e barcos-escola, para alcançar essas populações (SILVA, 2011).

A diversidade cultural da Amazônia, que inclui comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e urbanas, exigiu que a EJA fosse culturalmente

sensível, respeitando e incorporando os saberes tradicionais e as línguas locais nos programas educacionais. A formação de educadores para a EJA na Amazônia também foi um desafio central, demandando que os professores fossem preparados não apenas em termos pedagógicos, mas também para compreender e valorizar as particularidades culturais e ambientais da região (LIMA, 2014).

Além das políticas públicas, iniciativas comunitárias e ONGs desempenharam papeis importantes na expansão da EJA na Amazônia, oferecendo educação em áreas onde o Estado tinha dificuldade de atuar. Essas iniciativas frequentemente focavam na alfabetização de adultos, na educação ambiental e na valorização das culturas locais (BRAGA, 2015). Nas últimas décadas, houve uma ampliação do foco da EJA na Amazônia, que passou a incluir a educação voltada para o desenvolvimento sustentável e a formação para o trabalho. A busca por oferecer uma "segunda chance" educacional para adultos e jovens que não tiveram acesso à educação formal na infância tornou-se um ponto central nas políticas educacionais atuais (BRAGA, 2015).

Desafios e Transformações Sociais da EJA na Amazônia

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Amazônia desempenha um papel crucial como uma "segunda chance" educacional, oferecendo oportunidades de aprendizado para aqueles que, por diversos motivos, não puderam concluir sua educação formal na idade convencional. O contexto amazônico, com suas peculiaridades geográficas, culturais e sociais, torna a implementação da EJA um desafio único, exigindo adaptações e abordagens específicas para atender às necessidades das populações locais.

A ideia de uma "segunda chance" educacional é especialmente relevante na Amazônia, onde as disparidades sociais e econômicas são acentuadas. Como observado por Braga (2015), a EJA tem um papel central na promoção da inclusão social, ao permitir que jovens e adultos retomem seus estudos e alcancem um nível de escolaridade que lhes permita participar de forma mais plena na sociedade. A educação, nesse sentido, não é apenas uma

ferramenta de aprendizado, mas um meio de empoderamento e transformação social.

Um dos aspectos centrais na discussão sobre a EJA na Amazônia é a sua relação com o desenvolvimento sustentável. Gadotti (2018) argumenta que a educação de jovens e adultos na Amazônia deve estar intrinsecamente ligada à promoção da sustentabilidade. Segundo o autor, a EJA não pode ser vista apenas como um mecanismo de inclusão social, mas também como um meio de fomentar a consciência ecológica e as práticas sustentáveis nas comunidades amazônicas. Gadotti destaca que, ao integrar conteúdos relacionados à preservação ambiental e ao uso sustentável dos recursos naturais, a EJA pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de uma região que enfrenta desafios ambientais críticos.

Em outra análise, das políticas públicas voltadas para a EJA na Amazônia também é abordada por autores como Soares (2016), que discute a importância de políticas educacionais que sejam sensíveis às especificidades regionais. Soares critica a falta de continuidade e a desarticulação das políticas públicas voltadas para a EJA, apontando que, muitas vezes, os programas implementados não consideram adequadamente as realidades locais. Para o autor, é fundamental que as políticas de EJA sejam planejadas e executadas com uma abordagem regionalizada, que leve em conta as características culturais, sociais e ambientais da Amazônia.

Romanelli (2014) contribui para o debate ao enfatizar a importância da EJA como um mecanismo de inclusão social e redução das desigualdades. Em seu estudo, a autora destaca que a EJA na Amazônia tem o potencial de promover a equidade educacional, especialmente entre grupos historicamente marginalizados, como as populações indígenas e quilombolas. Romanelli argumenta que a EJA pode ser um meio eficaz de romper com o ciclo de exclusão social que muitas dessas comunidades enfrentam, proporcionando-lhes acesso a uma educação de qualidade que respeite suas culturas e modos de vida.

É um campo que enfrenta múltiplos desafios, mas também oferece inúmeras oportunidades de transformação social e ambiental. Ao integrar a

educação com práticas de sustentabilidade, ao implementar políticas públicas mais eficazes e ao promover a inclusão social, a EJA pode desempenhar um papel central no desenvolvimento da Amazônia. E para a construção de uma EJA que seja capaz de responder às necessidades específicas da região e de seus habitantes.

Considerações Finais

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma valiosa oportunidade de aprendizado para aqueles que não puderam seguir os estudos no período regular. Destinada a um público que, em sua maioria, já está numa fase mais avançada da vida em relação à sua trajetória educacional, a EJA enfrenta desafios consideráveis, uma vez que muitos desses alunos precisam conciliar responsabilidades como trabalho, família e os compromissos escolares.

Nesse sentido, a EJA na Amazônia representa uma importante estratégia de inclusão e justiça social, funcionando como uma segunda chance educacional para muitos indivíduos. Apesar dos desafios impostos pelas condições geográficas e culturais da região, a EJA tem se mostrado uma ferramenta eficaz para promover a educação e a inclusão social. Ao adaptar-se às realidades locais e ao valorizar os saberes tradicionais, a EJA contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para enfrentar os desafios da vida na Amazônia.

Portanto, é viável estabelecer uma educação para jovens e adultos que integre de maneira eficaz que se adeque a localidade de pertencimento. Nesse contexto, é fundamental que o currículo não se limite a um conjunto de informações a serem simplesmente absorvidas pelo aluno, mas, ao contrário, deve originar-se dos desejos e exigências dos participantes do processo educacional, tendo como ponto de partida a realidade local.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna. 2016.

BARRETO, Maribel Oliveira; BESERRA, Valesca. **Trajetória da Educação de Jovens e Adultos:** histórico no Brasil, perspectivas atuais e conscientização na alfabetização de adultos. Cairu em Revista. Jul/Ago 2014, Ano 03, n° 04, p. 164-190. Disponível em:< 113 http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/10_TRAJETORIA_EDUCACAO_ JOVENS_ADULTOS.pdf> Acesso em: 18 out. 2023.

BRAGA, Maria José. **Educação de Jovens e Adultos na Amazônia**: Práticas Pedagógicas e Sustentabilidade. *Revista Amazônia: Ciência & Desenvolvimento*, v. 10, n. 2, p. 77-91, 2015.

CARNEIRO NETO, José. **A EJA na Amazônia Paraense**: Desafios e Perspectivas. *Revista de Educação Popular*, v. 11, n. 3, p. 45-60, 2012.

CASTILHO, Ana Paula Leite. **A Articulação entre o Mundo do Trabalho e a Educação de Jovens e Adultos:** reflexões sobre a incorporação dos saberes de alunos trabalhadores à prática pedagógica. Disponível on-line: www.anped.org.br/reuniões/28/textos/gt> . Acesso em 23.11.2023.

CURY, C. R. J. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais.** São Paulo: Cortez, 2016.

DI PIERRO, Maria Clara**. Um balanço da evolução recente da educação de jovens e adultos no Brasil.** edições MEC/UNESCO. 2012.

Fávero, O. Motta, E. (Orgs.). **Educação popular e educação de jovens e adultos.** 1. ed. Petrópolis: De Petrus et Alli; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

GADOTTI, Moacir**. Educação de jovens e adultos: correntes e tendências**. In: GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e propostas. 8.ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2018. (Guia da Escola Cidadã) GALVÃO, Ana Maria de Oliveira;

KANG, T. H. **Educando a Elite para garantir o Progresso Nacional: Políticas Educacionais e Ensino Primário no Brasil**, 1930-1964. Anais do XLI Encontro Nacional de Economia. No . 035. ANPEC- Associação Nacional dos Centros de Pós graduação em Economia, 2014. Disponível em:

https://www.anpec.org.br/encontro/2013/files_I/i3-246f81cc581efebd9a000b0b75e7578a.pdf . Acesso em 20 out 2023.

LIMA, Lourdes. **Formação de Professores para a EJA na Amazônia**: Desafios e Realidades. *Cadernos de Formação*, v. 5, n. 1, p. 105-120, 2014.

MUSIAL, Gilvanice Barbosa da Silva. **O Conceito de Trabalho na Educação de Jovens e Adultos.** Disponível online: www.pp.ufu.br/cobenge/2001/trabalhos/Ecoo Acessado em 23.11.2023.

NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro**: algumas discussões. Revista Educar. Editora UFPR Curitiba, n° 31, p. 169- 189, 2018.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da Educação no Brasil (1930/1973).** Petrópolis: Vozes, 37ed. 2014.

SALGADO, Edmée Nunes; BARBOSA, Paulo Corrêa. **Educação e os desafios do futuro – Jovens e Adultos: caminhos e perspectivas.**

SILVA, João. **Políticas Públicas e Educação de Jovens e Adultos no Pará**: Um Estudo de Caso. *Educação e Sociedade*, v. 32, n. 116, p. 889-905, 2011.Fundação CECIERJ – RJ. 2012.

STRELHOW, T. B. **Breve história sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas

ENSINO COLABORATIVO: INCLUSÃO DOS ALUNOS COM AUTISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS [1]

COLLABORATIVE TEACHING: INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM IN EARLY ELEMENTARY SCHOOL

ENSEÑANZA COLABORATIVA: INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES CON AUTISMO EN PRIMARIA TEMPRANA

Maria Rosa da Luz Lopes da Conceição[2]
Dilma Terezinha da Silva Barreto[3]

Resumo: O presente artigo tem como o título "Ensino Colaborativo para o processo de inclusão dos alunos com transtorno do espectro autista no Ensino Fundamental anos iniciais, com o objetivo de analisar e descrever a eficácia e os desafios do ensino colaborativo na inclusão de alunos com autismo no Ensino Fundamental dos anos iniciais na Escola Estadual Aracy Mont'alverne em Macapá-AP. Realizou-se a pesquisa bibliográfica, através da análise de livros, artigos científicos dissertações, teses, e revistas eletrônicas, encontrados nas bases eletrônicas do Scielo, periódicos da Capes, e-books. No que diz respeito aos meios de investigação, foram utilizados como instrumentos: a observação, a aplicação de questionários in lócus. Os resultados da pesquisa demonstraram que o ensino colaborativo utilizado no planejamento pedagógico entre os professores contribui no processo de ensino e aprendizagem dos alunos autistas, pois envolve um trabalho em equipe, específico.

Palavras-chave: Autismo; Ensino Colaborativo; Formação Docente.

Abstract: This article is entitled "Collaborative Teaching for the process of inclusion of students with autism spectrum disorder in elementary school, with the aim of analyzing and describing the effectiveness and challenges of collaborative teaching in the inclusion of students with autism in Elementary education in the early years at the Aracy Mont'alverne State School in Macapá-AP. Bibliographical research was carried out, through the analysis of books,

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Diversidade e Inclusão Educacional e Correlatas em Saberes e Práticas de Protagonismo Amazônida do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologia e Ciências Humanas (FATECH), especialista em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade Tecnologia do Amapá (FTA) , Especialista em Políticas Educacionais (UNIFAP); Mestra em Planejamento em Políticas Públicas (UECE), E-mail: rosallopes23@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2155-4195

[3] Mestra em Planejamento em Políticas Públicas (UECE); Especialista em Educação Especial Inclusiva (IESAP); Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos (UNIFAP); docente vinculada a Escola Estadual Aracy Miranda Mont'Alverne. E-mail: amlidbarreto@hotmai.com; ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0166-6480.

scientific articles, dissertations, theses, and electronic magazines, found in the Scielo electronic databases, Capes periodicals, and e-books. With regard to the means of investigation, the following instruments were used: observation, the application of questionnaires in situ. The research results demonstrated that collaborative teaching used in pedagogical planning between teachers contributes to the teaching and learning process of autistic students, as it involves specific teamwork.

Keywords: Autism; Collaborative Teaching; Teacher Training.

Resumen: Este artículo lleva por título “Enseñanza colaborativa para el proceso de inclusión de estudiantes con trastorno del espectro autista en la escuela primaria”, con el objetivo de analizar y describir la efectividad y los desafíos de la enseñanza colaborativa en la inclusión de estudiantes con autismo en la educación primaria en los primeros años. en la Escuela Estatal Aracy Mont'alverne de Macapá-AP. Se realizó investigación bibliográfica, a través del análisis de libros, artículos científicos, disertaciones, tesis y revistas electrónicas, encontrados en las bases de datos electrónicas Scielo, revistas Capes y libros electrónicos. En cuanto a los medios de investigación se utilizaron los siguientes instrumentos: la observación, la aplicación de cuestionarios in situ. Los resultados de la investigación demostraron que la enseñanza colaborativa utilizada en la planificación pedagógica entre docentes contribuye al proceso de enseñanza y aprendizaje de estudiantes autistas, ya que implica un trabajo en equipo específico.

Palavras clave: Autismo; Enseñanza Colaborativa; Formación de Profesores.

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre “Ensino Colaborativo: inclusão dos alunos com autismo no ensino fundamental anos iniciais”, tem o objetivo de analisar e descrever a eficácia e os desafios do ensino colaborativo na inclusão de alunos com autismo no Ensino Fundamental dos anos iniciais na Escola Estadual Aracy Mont’alverne em Macapá-AP. Mediante a esses aspectos é pertinente analisar de que forma o desenvolvimento do ensino colaborativo nas escolas regulares do ensino fundamental anos inciais do município de Macapá-AP, pode contribuir com a inclusão dos alunos autistas e quais os desafios e benefícios dessa prática de ensino que envolve os docentes na escola pública?

As barreiras e dificuldades encontradas pelos alunos com TEA em sua escolarização nos anos iniciais do ensino fundamental, principalmente nas práticas educativas, que em sua maioria não permitem acesso de qualidade ao currículo.

A pesquisa teve como objetivos específicos: examinar as estratégias pedagógicas e metodológicas específicas do ensino colaborativo aplicadas na Escola Estadual Aracy Mont'alverne para a inclusão de alunos com autismo no Ensino Fundamental dos anos iniciais; investigar como os professores regulares, professores do Atendimento Educacional Especializado, colaboram no processo de inclusão dos alunos com autismo na referida escola, e avaliar o impacto dessa colaboração na eficácia do ensino, identificar e descrever os principais desafios e barreiras enfrentados na implementação do ensino colaborativo na Escola Estadual Aracy Mont'alverne, incluindo questões relacionadas a recursos, formação de professores e adequações curriculares, Ddescrever os efeitos do modelo de ensino colaborativo sobre o desempenho acadêmico, social e emocional dos alunos com autismo na Escola Estadual Aracy Mont'alverne, analisando sua participação em sala de aula e interação com colegas.

A pesquisa possibilitou a ampliação de estudos maiores e mais específicos nas questões concernente a inclusão no contexto educacional, buscando possíveis soluções das dificuldades pedagógicas da escolarização dos alunos com TEA e comportará desta forma uma maior compreensão acerca do conhecimento que os docentes envolvidos nesse processo de ensino possuem sobre ensino colaborativo e autismo.

2. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa "Ensino Colaborativo: inclusão dos alunos com autismo no ensino fundamental anos iniciais", traz em sua estrutura a abordagem do trabalho colaborativo, que objetiva a cooperação entre os professores, dentro uma perspectiva de estratégia que possibilite a efetivação do direito à educação das pessoas com autismo, através de sua inclusão e escolarização nas escolas de ensino comum de forma equitativa.

O interesse pelo tema se dar pelo fato de conhecimento e prática das pesquisadoras acerca do Atendimento Educacional Individualizado-AEE e também por conhecer as nuances relacionadas a inclusão e escolarização desse alunado, como as barreiras e dificuldades encontradas pelos alunos com Transtorno do Espectro Autista-TEA em sua escolarização nos anos iniciais do ensino fundamental, principalmente nas práticas educativas, que em sua maioria não permitem acesso de qualidade ao currículo, trazendo prejuízos no processo de ensino e aprendizagem desses alunos

No desenvolvimento do estudo foi possível verificar as estratégias metodológicas do professor ensino comum sobre ensino colaborativo e também compreender do conceito de ensino colaborativo, que é um modelo de trabalho de coensino é baseado na abordagem social porque pressupõe que a escola deve ser modificada e que é preciso qualificar o ensino ministrado em classe comum, local onde o aluno passa a maior parte do tempo de sua jornada escolar. Assim, se o ensino na classe comum não responder as necessidades desse aluno e pouco favorecer sua participação e aprendizagem, de nada adiantará ampliar sua jornada em uma ou duas horas semanais para oferecer o AEE, como se o problema estivesse centrado no aluno com deficiência, não na escola. (MENDES; VILARONGA; ZERBATO, 2023, P.405).

Mediante a todos os pontos relevantes do trabalho, o estudo se apresenta importante pela necessidade de mais pesquisas especificas sobre o Ensino Colaborativo, os referenciais teóricos que citam esse tipo de ensino relacionados a percepção dos professores de AEE e também do professor do ensino comum ainda são incipientes, essa lacuna precisa ser pesquisada para a ampliar os conhecimentos pertinentes a essa temática no contexto educacional.

3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A história da pessoa com deficiência passou por vários momentos e mudanças no decorrer do tempo desde rejeição, segregação, caridade, assistencialismo, integração e no contexto atual a inclusão. Ao longo desse processo estás pessoas eram escondidas em asilos ou instituições especiais,

pois causavam certos constrangimentos por serem diferentes, tanto para a família como para sociedade.

Nesse contexto a escola passar a ter uma singular importância dentre as instituições sociais, através da educação inclusiva na busca por uma sociedade igualitária, onde os homens gozem de liberdade de expressão e de crença e possam desfrutar da condição de viverem de forma digna com respeito as suas peculiaridades, valorando características essenciais para todos. Torna-se clara a necessidade de uma educação voltada para os valores humanos, uma educação que permita a transformação da sociedade, consequentemente uma escola que acredite nas diferentes possibilidades e nos diferentes caminhos que cada um traça para sua aprendizagem, que possibilite a convivência e o reconhecimento do outro em todas as suas dimensões. (Mantoan, 2011)

A Organização das Nações Unidas e a Declaração de Salamanca (1994), da Unesco, destacam o compromisso em modificar a sociedade para atender às necessidades de todos.

> A declaração de Salamanca na Espanha em 1994 reafirma o compromisso de educação para todos, propondo uma escola inclusiva, essencial à dignidade humana e ao desfrute e exercício dos direitos humanos, para que os excluídos da escolaridade possam atingir o máximo de progresso educacional e a integração social. Orienta ainda, para o desenvolvimento comunitário que deveria vir além das atividades da escola: associação de bairro, de famílias, movimento de jovens voluntários. (Lira, 2006, p. 98)

A inclusão escolar da pessoa com deficiência no Brasil possui uma rica e extensa política para acesso e permanência nas instituições de ensino, sendo um dos países que possuem leis direcionadas aos direitos dessas pessoas. Na constituição 1988 mais especificamente no artigo 206, inciso I da ênfase a “[...] igualdade de condições e permanência na escola”. Posteriormente o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) instituído pela lei 8.069/90 também faz referência sobre a inclusão de todos sem distinção de nenhuma espécie. No âmbito educacional a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) com a lei 9.394/96 em seu artigo 58 dispõem sobre o acesso às pessoas com deficiência ao ensino regular e o Plano Nacional de Educação (PNE) lei

13005/2014 que é um instrumento de planejamento que orienta a execução e o aprimoramento de políticas públicas no Brasil especificamente na educação.

Nas leis específicas ao processo de inclusão, uma das mais atuais é a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) que se fundamentou na Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência de 2006, sendo o primeiro tratado internacional de direitos humanos a ser incorporado pelo ordenamento jurídico brasileiro como emenda constitucional. A LBI baseou-se na carência de serviços públicos existentes no Brasil e nas demandas da própria população, com a ideia de avançar nos direitos da pessoa com deficiência.

Outro disposto legal referente a inclusão é a Lei Berenice Piana nº 12.764/2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro autista e determinou o status de deficiência ao autismo, instituiu diretrizes, assegurando as pessoas com autismo os direitos à educação; diagnóstico precoce, atendimento multidisciplinar entre outras garantias.

Desde meados do século XX, o autismo vem sendo empregado para designar diferentes formas de alterações na comunicação social e nos comportamentos. Na tentativa de abarcar a diversidade de sinais característicos. Importante destacar que o termo “autismo” tem suas raízes na palavra grega “autos”, que significa “próprio” ou “isolado”, refletindo a tendência de indivíduos com essa condição a se retirarem do mundo social ao seu redor. O médico suíço Eugen Bleuler, que em 1911, primeiramente utilizou esse termo para descrever a tendência de isolamento social e forco interno observados em pessoas com esquizofrenia. No entanto com o passar do tempo, o termo evolui para abranger uma condução distinta.

Léo Kanner, em 1943, nos Estados Unidos e Hans Asperger (1944), na Áustria, descreveram as características sociais, linguísticas e comportamentais do autismo por meio de estudos de caso. Leo Kanner definiu o autismo como um mundo distante estranho e cheio de enigmas. O enigma refere-se, por um lado, ao próprio conceito de autismo e suas causas, explicações e remédios, dentre outros aspectos relacionados com o espectro. Essas pesquisas são bases para terminologia atual, pois provém desses estudos iniciais.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) em sua 5ª edição, utiliza atualmente o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), é define como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, adotando critérios para o diagnóstico como: interação social; comunicação; comportamento repetitivos e interesses restritos. (APA, 2014).

Inúmeras evidências já demonstraram comprovadamente a relação dos genes no TEA. As causas conhecidas para o autismo afetam diferentes funções cerebrais. E cada uma dessas disfunções causa algum tipo de prejuízo social e de comportamento restritos. Os fatores ambientais influenciam o organismo em períodos mais vulneráveis do desenvolvimento, no período gestacional. Outros fatores estão sendo estudados como correlacionados com o autismo, dentre eles estão: idade materna e paterna avançada; infecções que a mãe passa durante a gravidez, causando forte reação imunológica e cormobidades para o organismo; exposição a toxinas e a medicamentos (talidomida, misoprol e ácido valproico). (GAIATO, 2018).

Relevante ressaltar que as pesquisas ainda não fecharam totalmente especificando as causas do TEA, a ciência ainda continua os estudos para que possa detalhadamente através de evidenciais comprovadas estabelecer as reais causas do autismo. A falta de consistência nos resultados entre diferentes pesquisas, a complexidade na interpretação dos dados obtidos, são desafios a serem superados, os cientistas continuam a explorar a complexidade genética e ambiental do TEA, para que de fato cheguem a um consenso cientifico nós resultados, para que se defina as suas causas do autismo.

Nesse sentido deve-se considerar as dificuldades que podem ocorrer com cada aluno com autismo, por isso é relevante que o planejamento pedagógico considere às especificidades de desenvolvimento e aprendizado dos alunos com TEA dentro da escola na sala de ensino regular, sendo assim imperativo construir estratégias de ensino, que leve em conta todas as especificidades, existe ainda metodologias incoerentes e barreiras atitudinais, dentre outras que são empecilhos para inclusão. Assim o ensino colaborativo ou coensino, pode ser utilizado com uma estratégia que viabilize o desenvolvimento dos saberes destes alunos em seu processo de escolarização. É importante lembrar que além

de adaptar as estratégias de ensino e aprendizagem, também é importante considerar como os alunos autistas são incluídos e posicionados no espaço escolar.

Incluir acesso com recursos e suportes, bem como considerar que o ambiente físico pode ser adaptado para viabilizar às necessidades dos alunos. Assim, os professores também devem colaborar com os pais, especialistas e outros educadores para desenvolver estratégias eficazes de inclusão. Os autores Brites e Brites (2019, p.180) citam que nas escolas, pessoas com autismo necessitam de meios e modelos diferenciados e específicos que possam servir de base para uma boa condução de sua aprendizagem e de seu conforto no contato com os demais alunos e também para conseguirem permanecer na instituição.

Importante considerar o que as autoras Mendes, Vilaronga e Zerbato (2023, p, 59), pontuam, que o ensino colaborativo ou coensino é uma prestação de serviços, cuja a finalidade especifica é de apoio, onde os professores do AEE e do ensino comum dividem responsabilidades como planejar, ensinar e avaliar considerando as diferenças e no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência, respondendo assim as práticas educativas inclusivas para esse público, como também a todos os demais alunos, dessa forma o ensino alcança os alunos com ou sem deficiência e autismo.

As metodologias inclusivas que possibilite a escolarização dos alunos com TEA é de extrema importância, pois ainda percebe-se a prevalência de práticas esvaziadas de sentido, com inadequações de componentes curriculares, materiais didáticos pedagógicos sem adaptações, falta de acessibilidade, como também ausência de cursos de formação inicial e continuada para professores independente se estes atuam ou não com essa clientela.

A inclusão âmbito educacional de alunos com TEA impõe desafios grandiosos, principalmente para os professores, requerendo um processo educativo diferente e dinâmico do espaço escolar. No entanto os professores vivem no cotidiano de sala de aula uma solidão profissional, não conseguindo suporte, apoio, segurança e condições de trabalho para a escolarização com

qualidade desses alunos, consequentemente os baixos resultados e rendimentos desses discentes são reflexos da falta de consistência nas ações educativas. (RABELO, 2012).

A inclusão escolar na perspectiva do ensino colaborativo pressupõe parceria entre professor do AEE e do ensino comum de maneira coletiva e planejada, sem isolamento dos profissionais, mas sim a colaboração no processo de ensino e aprendizagem. Importante frisar que coensino ou ensino colaborativo surge com o intuito de desenvolver uma escolarização que alcance a todos, inclusive os alunos com autismo.

No Ensino Colaborativo não existe um modelo único para organização do ensino. A forma como o trabalho será implementado dependerá do contexto escolar em que os profissionais ensinam, da relação dos dois professores em sala de aula, das características da turma com que trabalham, dos recursos e do tempo disponível para o trabalho em conjunto. Os dois professores decidirão juntos, a melhor maneira de se trabalhar em conjunto, podendo sempre ser reavaliado o formato do trabalho, de acordo com os objetivos que buscam alcançar (CAPELLINI, ZERBATO, 2019).

As barreiras e dificuldades encontradas pelos alunos com TEA em sua escolarização nos anos iniciais do ensino fundamental, principalmente nas práticas educativas, que em sua maioria não permitem acesso de qualidade ao currículo, trazendo prejuízos no processo de ensino e aprendizagem desses alunos.

No processo de ensino e aprendizagem estar os atendimentos oferecidos pelos professores da educação especial nas salas do AEE e no contra turno nas salas do ensino comum. Pertinente avaliar e reavaliar os objetivos propostos nesses atendimentos e sua relação dentro das práticas educativas vivenciadas pelos alunos na sala do ensino comum, isso demanda ter a compreensão de que as dificuldades não estão centradas nos alunos com autismo, mas sim na própria escola que não acompanhou as modificações e as exigências que a inclusão no âmbito educacional requer para ser efetivada de fato e de direito.

Nesse sentido é relevante que os professores tenham conhecimentos específicos em suas metodologias que contribuam com o processo de

escolarização destes alunos. Segundo keef, Moore e Dulff (2004), propõem quatros saberes dentro da proposta de coensino, para estrutura sua docência na escolarização dos alunos com TEA e direcionar o trabalho docente, o primeiro é conhecer a s mesmo, que significa estar consciente de suas necessidades, potencialidade e admitir ideias estereotipadas sobre os aspectos que envolvam a educação inclusiva. O segundo saber é conhecer seu parceiro, isto é, ouvir sem julgar, colocar-se no lugar do outro e ter habilidades interpessoais e de comunicação.

Os outros dois saberes são conhecer os alunos, o que requer saber avaliar, elaborar planejamentos, identificar objetivos importantes, sonhos e valores, conhecer a sua profissão, que implica conhecer o currículo a flexibilizá-lo quando necessário, a fim de que todos os alunos tenham acesso ao conhecimento, saber intervir e mediar o processo de ensino e aprendizado.

Nesse contexto o ensino colaborativo implica responsabilidade de todos os atores educacionais (diretor, pedagogos, cuidadores, intérpretes, equipe escolar e família) no processo de inclusão escolar, necessita ser trabalhado, planejado, requerendo um período de adaptação entre os profissionais envolvidos, não se realiza rapidamente, mas necessita ser construído gradativamente, para que isso aconteça toda a escola tem que cumprir o que cabe de compromisso com este processo.

A pesquisa possibilitará estudos maiores e mais específicos nas questões concernente a inclusão no contexto educacional, buscando possíveis soluções das dificuldades pedagógicas da escolarização dos alunos com TEA e comportará desta forma uma maior compreensão acerca do conhecimento que os docentes envolvidos nesse processo de ensino possuem sobre ensino colaborativo e autismo.

A pesquisa realizou-se através de uma abordagem qualitativa para identificar temas e padrões relacionados às estratégias pedagógicas, colaboração entre professores, desafios enfrentados e efeitos do modelo de ensino colaborativo, com aspectos descritivos. Para conhecimento do estado da arte foi realizada a pesquisa bibliográfica, através da análise de livros, artigos científicos dissertações, teses, e revistas eletrônicas, encontrados nas bases

eletrônicas do Scielo, periódicos da Capes, e-books, que foram utilizados para o embasamento teórico e análise da investigação cientifica. No que diz respeito aos meios de investigação, foram utilizados como instrumentos: a observação, a aplicação de questionários in lócus.

Foram feitos levantamentos de documentos e materiais pedagógicos da escola, como plano educacional especializado, projeto político pedagógico, plano de ação, currículos e diretrizes de ensino colaborativo, para identificar as estratégias e metodologias aplicadas.

A observação direta teve com finalidade conhecer a estrutura física e funcional do espaço estudado. As aplicações de questionários destinaram-se aos professores da educação especial e do ensino comum, com o objetivo conhecer a formação inicial e continuada desses profissionais que atuam com alunos com Transtorno do Espectro Autista-TEA. As observações em sala de aula para analisar a aplicação das estratégias pedagógicas e metodológicas no contexto do ensino colaborativo. As observações foram registradas em um diário de campo, focando nas práticas específicas adotadas para a inclusão dos alunos com autismo.

Para uma maior analise e detalhamento do objeto de pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores regulares e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para obter informações sobre as práticas pedagógicas e metodológicas aplicadas, e suas percepções sobre a eficácia dessas estratégias.

4. RESULTADOS

Para análise dos resultados houve uma integração dos dados obtidos para formar uma visão abrangente sobre o impacto do ensino colaborativo na inclusão dos alunos com autismo. Elaborou-se um relatório detalhado com os achados da pesquisa, incluindo análises sobre as estratégias pedagógicas, colaboração entre professores, desafios identificados e efeitos observados na inclusão dos alunos com autismo.

Os resultados da pesquisa demonstraram que o ensino colaborativo utilizado no planejamento pedagógico entre os professores contribui no processo de ensino e aprendizagem dos alunos autistas, pois envolve um trabalho em equipe, específico, percebeu-se que os profissionais envolvidos conseguem com essa proposta de coensino ter segurança no momento de realizar suas atividades pedagógicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe mais dados consistentes e relevantes para análises da viabilidade do ensino colaborativo dentro do espaço das salas de aulas, podendo proporcionar as condições necessárias e com qualidade para os alunos com TEA, consequentemente uma melhora nos aspectos basilares de inclusão no contexto escolar, pois traz transformações na forma de ensinar e aprender. Importante pontuar que a apropriação dos conhecimentos sobre coensino propicia aos professores práticas pedagógicas mais condizentes e coerentes com os fundamentos da educação inclusiva, através de novas metodologias e estratégias que diversificam e enriquecem os componentes curriculares, propondo aprendizagens acolhedoras que despertam interesse, motivação e consequentemente o desenvolvimento desses alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APA. Associação Psiquiátrica Americana. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-V)**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

BRASIL, LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

_____, Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm > Acesso em 12 dez. 2022.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **Práticas educativas**: ensino colaborativo. Eliana Marques Zanata, Verônica Aparecida Pereira In: Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental / Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (org.). – Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

CAPELLINI, V. L. M. F.; ZERBATO, A. P. **O que é Ensino Colaborativo.** São Paulo: Edicon, 2019.

GAIATO, Mayra. **S.O.S. autismo:** guia completo para atender o Transtorno do Espectro Autista. – São Paulo: Versos, 2018.

KEEFE, Elizabeth. B; MOORE, Veronica.; DUFF, Frances. Thefour "knows" of collaborative teaching. **Teaching Exceptional Children**, Arlington, p.36-42, 2004.

LIRA, Bruno Carneiro. **O professore sociointeracionista e a inclusão escolar**. São Paulo: Paulinas, 2006.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MENDES, E. G.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar**: unindo esforços entre educação comum e especial. São Carlos – SP: EDUFSCar, 2023.

RABELO, Lucélia Cardoso Cavalcante. **Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão escolar**. São Carlos, 2012. 200 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos.

EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO, REVELAR DE AÇÕES PARA A INCLUSÃO ESCOLAR [1]

TEACHING EXPERIENCES IN COUNTRYSIDE EDUCATION, REVEALING ACTIONS FOR SCHOOL INCLUSION

EXPERIENCIAS DOCENTES EN EDUCACIÓN DEL CAMPO, ACCIONES REVELADORAS PARA LA INCLUSIÓN ESCOLAR

Dilma Terezinha da Silva Barreto[2]
Maria Rosa Lopes da Conceição[3]

Resumo: O presente artigo aborda sobre o conhecimento em educação do campo, educação Especial e Inclusiva e pedagogia da alternância. Tem-se como objetivo o relato de experiências das ações educativas-pedagógicas evidenciadas por educadores de uma escola do campo, das águas e das florestas sobre a inclusão de alunos/as público alvo da Educação Especial e Inclusiva na formação social, afetiva e cognitiva perante as transformações no contexto ambiental. Consiste em uma pesquisa de abordagem predominantemente qualitativa, com levantamento documental e bibliográfico e relato de experiências do campo. Os sujeitos da pesquisa foram os profissionais da educação lotados na escola do Município de Santana e estudantes da educação especial e inclusiva. Conclui-se que ainda são inúmeras as dificuldades para a realização da inclusão das pessoas com deficiência frente às questões de acesso e permanência nas escolas da educação do campo, mas com projetos e atuação adequada os objetivos serão alcançados.

Palavras-chave: Inclusão Escolar; Educação do Campo; Relato de experiência; Educação Básica; Ações Pedagógicas.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Diversidade e Inclusão Educacional e Correlatas em Saberes e Práticas de Protagonismo Amazônida do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Mestra em Planejamento e Políticas públicas (UECE); especialista em Educação Especial e Inclusiva (IESAP); Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos (UNIFAP); docente vinculada a Escola Estadual Aracy Miranda de Mont'Alverne. Email: amlidbarreto@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0166-6480

[3] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologia e Ciências Humanas (FATECH), especialista em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade Tecnologia do Amapá (FTA) , Especialista em Políticas Educacionais (UNIFAP); Mestra em Planejamento em Políticas Públicas (UECE), E-mail: rosallopes23@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2155-4195

Abstract: This article addresses knowledge in rural education, Special and Inclusive education and alternation pedagogy. The objective is to report experiences of educational-pedagogical actions evidenced by educators from a rural, water and forest school on the inclusion of students targeted by Special and Inclusive Education in social, affective and cognitive training in the face of transformations in the environmental context. It consists of research with a predominantly qualitative approach, with documentary and bibliographical research and reports of field experiences. The research subjects were education professionals working at the school in the Municipality of Santana and students in special and inclusive education. It is concluded that there are still numerous difficulties in achieving the inclusion of people with disabilities in the face of issues of access and permanence in rural education schools, but with projects and adequate action the objectives will be achieved.

Keywords: School Inclusion; Rural Education; Experience report; Basic Education; Pedagogical Actions.

Resumen: Este artículo aborda los conocimientos en educación rural, educación Especial e Inclusiva y pedagogía de la alternancia. El objetivo es relatar experiencias de acciones educativo-pedagógicas evidenciadas por educadores de una escuela rural, agua y bosque sobre la inclusión de estudiantes destinatarios de Educación Especial e Inclusiva en la formación social, afectiva y cognitiva frente a las transformaciones en el contexto ambiental. Consiste en una investigación con un enfoque predominantemente cualitativo, con investigaciones documentales, bibliográficas y relatos de experiencias de campo. Los sujetos de la investigación fueron profesionales de la educación que laboran en el colegio del Municipio de Santana y estudiantes de educación especial e inclusiva. Se concluye que aún existen numerosas dificultades para lograr la inclusión de personas con discapacidad ante los problemas de acceso y permanencia en las escuelas de educación rural, pero con proyectos y acciones adecuadas se lograrán los objetivos**.**

Palavras clave: Inclusión Escolar; Educación Rural; Informe de experiencia; Educación Básica; Acciones Pedagógicas.

1.INTRODUÇÃO

Esta pesquisa baseia-se a partir da necessidade de constantes novidades na aplicabilidade das atividades, no sentido de promover a ludicidade no âmbito da educação básica inclusiva, incorporando os saberes para a ativa emancipação das escolas do campo. Compreende-se que a educação do campo oferece particularidades inerentes à sua realidade e precisam ser consideradas

dentro das atividades pedagógicas e políticas educacionais, inclusive no que pulsa à inclusão de pessoas com deficiências.

O artigo dialoga com autores que são referências da educação do/para o campo em destaque Caldart (2009), Arroyo e Molina (2013), que abordam a temática de uma educação que priorize os povos enquanto protagonistas de suas vivências, este irá discorrer também a partir de documentos, que tange a lei 13.146/2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão – LBI, conhecida também como Estatuto da Pessoa com Deficiência, que tem por finalidade assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania e também apresenta discussões quanto à metodologias didáticas especificamente os arcabouços da educação especial tratando com as comunidades das águas, campos e florestas.

Dará relevância social, pois as análises e diálogos aqui efetivados contribuirão para aproximar os acadêmicos e docentes da educação básica, inclusiva e do campo, que ainda estão distantes de uma política de direitos e igualdades.

Acredita-se que com as atividades estruturadas e adaptadas e metodologias subsidiadas por estudos prévios os discentes obtiveram rendimentos satisfatórios. principalmente as barreiras atitudinais arraigadas em uma sociedade sendo a atuação dos docentes, juntamente com estudos acadêmicos elementos fundamentais para alcançar conquistas.

Primeiramente, abordou-se nesse trabalho uma breve caracterização da educação do campo como movimento social e político principalmente no estado do Amapá. Posteriormente, procurou-se entender sobre a Educação Especial e Inclusiva, e o que diz a Lei Brasileira de Inclusão-LBI, dentro das especificações professores da educação do campo, explicitando-se caminhos e atuações. Em seguida, analisou-se as ações dos docentes da uma escola de educação básica do município de Santana-AP, no contexto de atividades que corroboram para a inclusão de alunos com deficiência. Entre outros aspectos, conclui-se afirmando ser necessário pensar e agir tendo em vista possibilidades que nos levem a

refletir sobre as atividades voltadas a este alunado que sejam contínuas e adaptadas para viabilizar elementos identificadores da educação do campo.

2.APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Quanto a forma de abordagem, a pesquisa é predominantemente qualitativa, tendo em vista que realiza uma análise sobre as ações inclusivas desenvolvidas em uma escola de educação básica do campo, refletindo sobre as diferentes possibilidades de mediar, contou com levantamento documental e bibliográfico sobre o objeto de estudo, na análise dos dados obtidos foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores atuantes da educação básica.

O lócus da pesquisa foi uma escola de educação do campo, a coleta de dados ocorreu entre fevereiro/2024 a julho/2024. Os sujeitos foram 4 professores atuantes na escola sendo 2 das turmas de 1º ano e 2 das turmas de 2º ano do ensino fundamental, as entrevistas foram realizadas com roteiro semiestruturado de modo a obter outras informações e impressões e selecionar referências pontuais sobre o tema proposto.

Os sujeitos possuem entre 33 e 54 anos, atuam profissionalmente entre 15 a 25 anos de atuação na educação do campo. São 2 sujeitos do sexo masculino e dois do feminino.

Quadro 1 – Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa

Código	Idade	Sexo	Tempo de serviço docente	Nº de alunos com deficiência em sala/ deficiência	
Turma A-1	40	Feminino	16	1	-Transtorno do Espectro Autista (Nível 3 de suporte)
Turma B-1	54	Masculino	22	3	-Transtorno do Espectro Autista (Nível 2 de suporte) -Deficiência intelectual/ TDAH/ Transtorno Opositor desafiador-TOD
Turma C-2	42	Feminino	17	2	-Transtorno do Espectro Autista (Nível 3 de suporte) -Deficiência Intelectual (Em investigação)
Turma D-2	42	Masculino	22	2	-Transtorno do Espectro Autista (Nível 1 de suporte) -Deficiência Intelectual

Fonte: Elaboração própria

Neste sentido, com intuito de preservar a identidade dos sujeitos, para os mesmos foram colocados códigos de acordo com as turmas em que os professores atuam, sendo A-1 e B-1, as turmas de primeiro ano e C-2 e D2 correspondentes às turmas de segundo ano, acima o quadro identifica os sujeitos e os alunos os quais integram as turmas. Importante frisar que cada turma tem entre 18 a 25 alunos e dentre os professores, apenas o Turma B-1 e Turma C-2 possuem formação em Educação Especial e Inclusiva, em nível de pós-graduação.

3.REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1 Confluências entre educação do campo e educação inclusiva

Macapá é a capital do estado do Amapá localiza-se no extremo norte do Brasil, na faixa da fronteira da Amazônia oriental, nos dados do Censo 2010 apresentou uma população de 669.526 pessoas e em 2018 está estimada em 829.494 pessoas, possui 16 munícipios sendo eles: Macapá, Amapá, Mazagão, Santana, Laranjal do Jari, Calçoene, Oiapoque, Tartarugalzinho, Ferreira Gomes, Porto Grande, Pedra Branca do Amapari, Itaubal, Pracuúba, Cutias do Araguari, Serra do Navio e Vitoria do Jari.

Conforme Dias (2018), o Amapá foi desmembrado do Pará em 1943 quando foi criado o Território Federal do Amapá (TFA), pela Lei Provincial nº 281 de 6/12/1856 e como resultado a elevação da então comarca pertencente ao Grão-Pará e Maranhão hoje é a atual cidade de Belém do Pará este remonta os tempos do Império pelo Decreto nº87 datado em de abril de 1841. Em 1988, com a atual constituição Federal foi elevado a estado da Federação.

As duas mais importantes e maiores cidades do Estado do Amapá em terminações de dinâmica populacional e econômica, oferta de serviços e geração de emprego e renda, e para onde atraem contingentes populacionais de regiões mais próximas são Macapá e Santana. Ferreira (2018, p.33), afirma que esse contingente populacional continua a crescer apresentando desafios às entidades públicas sobre o qual as estruturas urbanas não acompanharam e (nem acompanham) este crescimento. Para as pessoas sem deficiência já ocasiona os problemas de infraestrutura, pessoas com deficiência (PcD) cuja barreiras estruturais estão diretamente ligadas à sua qualidade de vida,

deslocamento e sobretudo acesso aos meios de habilitação é extremamente desgastante o ir e vir.

> As cidades do Estado do Amapá constituem espaços urbanos altamente desestruturados, sem uma política eficaz, com um planejamento fragmentado, que ocorre mais por pressão social e política, com o surgimento de espaços urbanos informais que desemboca em assentamentos em condições desastrosas, sem a menor condição de serviços e equipamentos urbanos. (TOSTES, 2011, p. 94).

Verifica-se, portanto, que as escolas do campo desenvolvem um importante papel na vida da comunidade, sobretudo à parcela mais vulnerável em termos econômicos, trazendo para os seus alunos e familiares não só a possibilidade de uma melhor qualidade de vida, mas também parceria e apoio educacional. A atenção familiar é considerada importante porque traduz que o atendimento está coerente com o esperado, ou os resultados estão sendo atingidos, a socialização dos alunos, a inserção não somente no espaço educacional, mas em todos os âmbitos ao qual os sujeitos têm direito.

O atendimento escolar para uma educação especial no Brasil direcionado para pessoas com deficiência teve início em 12 de setembro de 1854 através do decreto Imperial nº 1428, onde D. Pedro II criou o Imperial Instituto de Meninos Cegos na cidade do Rio de Janeiro, atualmente denominado Instituto Benjamin Constant (IBC). Nesse período do Império também foi fundado pela lei nº 839 de 26 de setembro de 1857 o Imperial Instituto dos Surdos Mudos, hoje denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A fundação desses institutos possibilitou discussões acerca da educação das pessoas com deficiência. Assim tanto o IBC como INES são referências basilares para a história da Educação Especial no Brasil.

> Tanto os institutos do Império, voltados para a educação de cegos e surdos, quanto às organizações surgidas na República, direcionadas às pessoas com deficiência intelectual e à reabilitação, embora não tivessem nenhum cunho político claramente definido, propiciaram, mesmo que para poucos, espaços de convívio com seus pares e discussão de questões comuns. Nesse sentido, contribuíram para forjar uma identidade das pessoas com deficiência. Foram precursoras, naquele momento, da formulação do ser cego, surdo, deficiente

> intelectual e deficiente físico não apenas na denominação, mas em sua identificação como grupo social. (JUNIOR, 2010, P.28).

Relevante que se ressalte a criação de muitos estabelecimentos especializados de atendimento a pessoa com deficiência, como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do Rio de Janeiro, fundada em 1954. Essa instituição abriu caminho para a criação de outras APAEs em muitas capitais do país, isso proporcionou a viabilidade de ações pertinentes no processo de socialização e escolarização dessas pessoas, sendo também espaços institucionais promotoras de acolhimento e educação para essa parte da população brasileira que sempre esteve a margem do processo educacional sistematizado.

> A educação acaba por se tornar mediadora das ações e reflexões da vida e do mundo, e somente através dela que se pode desconstruir essas relações de poder que atingem o social, mas que afeta muito mais a minoria, e por meio dessas práticas educativas se libertar dessas amarras dessas relações que são construídas socialmente e sistematizam todo o conhecimento como uma forma maior de mandado e obediência. (FURTADO, 2019, p.100).

Ao desenvolver esse papel mediador de ações e reflexões socialmente construídos a educação neste viés evidencia práticas libertadoras, aonde a minoria que antes foi cruelmente discriminada, excluída da sociedade tem um a função de disseminar o oposto, atender aos anseios da qualidade de vida. Assim as atividades devem propiciar mudanças nas relações internas e externas da pessoa com deficiência.

A definição de deficiência para Maior (2018) é um conceito em evolução; possui caráter multidimensional e a interação da pessoa com deficiência na vida social depende se a sociedade vai assumir sua responsabilidade no que tange a inclusão; tendo por base que o processo é uma construção social e este novo conceito não contempla apenas os atributos biológicos; refere-se à interação entre a pessoa e as barreiras principalmente atitudinais socialmente impactadas.

Para a proposta deste tema, foi realizada uma revisão bibliográfica com foco em literaturas relevantes para a educação do campo que contrapõem à

lógica da hegemonia de currículos padronizados, com comprovações aplicadas na prática, a importância de currículos enquanto procedimentos libertadores.

Freire (2011) afirma que no processo de alfabetização não basta apenas aprender a repetir palavras, mas sim colocar a sua palavra, a nossa palavra nos ajuda a criar cultura, aprender a dizer a nossa palavra é toda a pedagogia, e também a antropologia, neste exato momento em que conseguimos enfrentar com a palavra e sobressair nossas ideias, o comportamento se constitui como "consciência de mundo".

Segundo Souza (2017); a primeira referência de Educação do campo como entendemos atualmente atendeu as expectativas da Conferencia Nacional por uma Educação Básica do campo, realizada em 1998 em Luiziânia-GO, com discussões de propostas importantes para melhoria das condições de trabalho, levando em consideração aspectos próprios do campo, como as festas populares, mística da terra; os ciclos da natureza dentre outros aspectos peculiares, observando que antes desse processo os sistemas de escolarização eram de total subserviência perante as empresas através de mão de obra barata; com o sustento à mercê das regras do poder público e com total exclusão de políticas públicas e educacionais para os povos da floresta.

A educação do campo do ponto de vista histórico, retrata marcas de desigualdades, esquecimentos, exclusão incontestáveis, cidadãos que foram cerceados do processo de sua própria história, e ou utilizados como mão de obra desqualificada, em prol de interesses e extermínio da natureza. Nesse interim, Freire (2014. p. 19) "[...] a relevância política da exclusão dos analfabetos é particularmente sensível naqueles Estados mais pobres do país, onde as classes populares se encontram em níveis de vida que mal atingem o limite da mera subsistência[...]".

As discussões e propostas para uma educação do campo emergiu com o inconformismo de grupos que conforme Arroyo (2012); tentaram assumir a função construtiva no campo das teorias pedagógicas e subsidiar uma educação popular em meados de 1960, interrogando as políticas e teorias pedagógicas e pressionando para outras pedagogias. Assim, vemos descritos nossos anseios atuais sobre uma educação libertadora:

> Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio "eu", submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus "achados". A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos (FREIRE, 2014, p. 90).

O cotidiano dos sujeitos do campo são peculiares e próprios de sua realidade, as águas, os campos, as florestas são emblemáticos e caracterizam aspectos enriquecedores para educadores e educadores, a observação e o conhecimento do seu lugar é uma prioridade para a sustentabilidade e reconhecimento das atitudes, contornam todas as ditas disciplinas prioritárias determinadas pelo sistema, perpassando por plantios, tempos de colheitas, o processo de aprendizagem poderia assim como o cotidiano das comunidades, dar condições libertadoras e ser um instrumento de construção dos conhecimentos.

4.RESULTADOS

4.1 Ações educacionais inclusivas realizadas pelos docentes da educação em escola do campo do município de Santana- Amapá.

As aulas são realizadas de segunda à sexta na escola das 13:00 até as 17:15, com intervalo, as crianças em geral utilizam transportes para chegar até a escola, sendo que os alunos com deficiência utilizam ônibus do ramal, da rodovia, vale ressaltar que na falta de transporte escolar, não tem como fazer o deslocamento desses alunos. Ressaltamos o capítulo IV do Direito à Educação, parágrafo único:

> É dever do Estado, **da família, da comunidade escolar** e **da sociedade** assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL,2015, p.55, grifo nosso).

Dentre as principais atividades citadas no intuito de garantir a inclusão, que são realizadas pelos professores a turma B-1 desenvolve atividades em

grupos, dinâmicas diversas, atividades práticas com materiais concretos, ; já nas turmas C-2 e D-2, do segundo ano, os docentes firmaram que disseram procuram realizar atividades planejadas juntas, tais como jogos educativos, dinâmicas de grupo para exercitar a consciência perante as barreiras atitudinais, atividades com gravuras, ilustrações, objetos sonoros e construção de materiais estruturados voltados para a rotina e alfabetização.

Quando indagados sobre a participação da família no processo de inclusão o discente da turma D-2 responde “Poucas famílias contribuem, a inclusão ainda é um desafio” concorda neste sentido o professor da turma B-1 que “raramente a família frequenta a escola e nem dá feedback das atividades para casa”, já na resposta da Turma C-2 as responsáveis são presentes na escola, atuando diretamente na educação dos filhos e quando falham na participação de alguns projetos, é imediatamente repassado para a coordenação e direção com o intuito de socializar e resolver a situação. O artigo 28, inciso VIII, da Lei Brasileira de Inclusão adverte sobre – “participação dos estudantes com deficiência e de suas famílias nas diversas instâncias de atuação da comunidade escolar” (BRASIL, 2015, p.59).

Neste viés, os relatos quanto a situações em que foram necessários a intervenção da família/escola a se saber: “O aluno autista, não verbal vive surtando em sala de aula, e com isso fica difícil a execução das atividades em alguns momentos do cotidiano das aulas” (TURMA B-1), ressalta ainda que a falta de apoio da Secretaria de Educação do Município, do Departamento de Educação do Campo, causam dificuldades pois concordam todos os entrevistados sobre a falta de suporte, de acesso à formação continuada para os professores do campo na temática da inclusão é pouca, escassez de cuidadores, tutores e outros profissionais que auxiliariam nesse processo.

Sobre a formação continuada legitima a Resolução nº 56/2017 do Conselho Estadual de Educação do Amapá –CEE, estabelece diretrizes complementares para o funcionamento da Educação do Campo, do povo das águas e das florestas, no âmbito da educação básica no Estado do Amapá, e assim apresenta políticas voltadas para a formação continuada dos profissionais dando as seguintes providências:

> Art. 20 - A formação inicial e continuada de professores que atuam nas escolas do campo deverá ser assegurada pelos sistemas de ensino e suas instituições formadoras e compreendida como componente primordial da profissionalização docente e estratégia de continuidade do processo formativo.
> Parágrafo único: O sistema educacional deverá garantir a formação continuada específica para os profissionais de educação lotados nas unidades de ensino do campo (AMAPÁ, 2017, p. 06).

O Atendimento Educacional Especializado existe na escola, no entanto, segundo informações ocorre um distanciamento, aos professores são cobrados apenas relatórios para serem entregues nos finais de cada semestre. Não há comunicação necessária no sentido de dinamizar e aproximar docentes de sala regular dos professores do AEE.

Outra dificuldade encontrada é a de acessibilidade para realização de terapias, as crianças com deficiência, são em maioria as diagnosticadas com transtorno do espectro do autismo e necessitam de atendimentos terapêuticos, no entanto, a precariedade e a falta de participação da Secretaria de Educação do Município dentro dos espaços educacionais do Campo, inviabilizam os atendimentos necessários para a qualidade de ensino.

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos com esta pesquisa, que é real e urgente refletir abordando os desafios que docentes e discentes da Educação do Campo na perspectiva da educação especial, ainda enfrentam, mesmo com diversas produções acadêmicas que discutem os processos educacionais arraigados em uma política colonialista, mas sobretudo a contribuição se dará pelas práticas pedagógicas apresentadas que são concernentes aos saberes dos alunos.

Considerando as leituras e os momentos de interação sobre alfabetização e letramento percebemos que não se pode separar esses dois momentos e que isso pode se tornar significativo para a criança, as propostas de projetos e atividades em grupo, perpassando pela conscientização de todas as crianças contra a discriminação e preconceito é essencial cotidianamente, nas escolas da terra, das águas e das florestas, as vivências, a realidade e o atuar do

profissional é voltado para práticas envolvendo saberes de sua realidade passa a ser prazeroso e significativo.

Percebemos no processo de inclusão das pessoas com deficiências nas escolas do campo, uma diversidade de possibilidades voltadas para o contexto interdisciplinar, o qual se entrelaça com contexto sociais, afetivos e cognitivos, presentes nos momentos de conversas nas histórias orais, nos objetos e materiais concretos, infelizmente a rotina ainda é uma dificuldade, uma vez que os transportes escolares costumeiramente falham, e as crianças apresentam faltas, quebrando o processo de rotina. Portanto, entendemos neste viés ser e ter a educação do campo subsídios de reflexão e aprendizados capazes de atingir currículos que atendam os sujeitos e possam promover gradativamente a inclusão, respeitando e ao mesmo tempo formando cidadãos para a sociedade.

6.REFERÊNCIAS

AMAPÁ. **Resolução nº 56/2017-CEE/AP**, estabelece diretrizes complementares para funcionamento das instituições da Educação do Campo, dos povos das águas e das florestas no âmbito da educação básica e superior no estado do Amapá e dá outras providências.

ARROYO, M.G. **Reinventar a política –** Reinventar o sistema de Educação. Educ. Soc.; Campinas, v.34, n.º 124, p.653-678, jul.-set. 2013.

ARROYO, M.G.; CALDART, R. S.; MOLINA, Mônica, C. (Orgs.). **Por uma Educação do Campo**. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal brasileira**. Brasília – DF, 1988.

_____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasilia: SEESP/MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024.

_____. Lei 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília,6 jul. 2015.

CALDART, R.S. **Por uma Educação do Campo**: traços de uma identidade em construção. *In*: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M.C (org). Por uma educação do campo.4ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009. P. 18-25.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, 2013.

LANNA JUNIOR, M.C.M. **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional da pessoa com deficiência, 2010.

MAIOR, I. **História, conceito e tipos de deficiência**. São Paulo:[s.n],2018.
SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 8. ed. São Paulo:[s.n],2010.

SOUZA, P.C. Educação do campo Amapaense: análise de sua trajetória legal e perspectivas-. In: BRITO, A.C.U; DIAS, A.S. **Educação e diversidade na Amazônia**: práticas, reflexões e pesquisas. (Orgs). Curitiba: CRV, 2017.

POLÍTICAS DE INCLUSÃO PARA REDE REGULAR DE ENSINO EM MACAPÁ-AP: FORMAÇÃO DOCENTE[1]

INCLUSION POLICIES FOR REGULAR EDUCATION NETWORK IN MACAPÁ-AP: TEACHER TRAINING

POLÍTICAS DE INCLUSIÓN PARA LA RED DE EDUCACIÓN REGULAR EN MACAPÁ-AP: FORMACIÓN DOCENTE

Maria Rosa da Luz Lopes da Conceição[2]
Ronaldo Manassés Rodrigues Campos[3]

Resumo: O presente artigo tem o objetivo analisar se a formação docente ofertada pelo município de Macapá-AP está fundamentada nas políticas inclusivas de formação de professor, implementadas pelo governo federal e se essas qualificações alcançam os docentes da rede regular de ensino. O estudo verificou as politicas públicas educacionais inclusivas e as de formações docentes em âmbito federal e estadual; como também a participação de docentes nos cursos de formação continuada realizados pela Secretaria de Educação através do Núcleo de Educação Especial (NEES). Os procedimentos metodológicos utilizados no estudo foram às análises de documental como: leis, pareceres e políticas de inclusão e formação docente. E ainda a pesquisa bibliografia com o intuito de averiguar o processo de inclusão no contexto educacional. Os resultados demonstraram que os professores ainda carecem de formação continuada para atuarem com os alunos com deficiência.

Palavras-chave: Inclusão. Política educacional. Formação docente.

Abstract: This article aims to analyze whether the teacher training offered by the municipality of Macapá-AP is based on inclusive teacher training policies implemented by the federal government and whether these qualifications reach

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Diversidade e Inclusão Educacional e Correlatas em Saberes e Práticas de Protagonismo Amazônida do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologia e Ciências Humanas (FATECH), especialista em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade Tecnologia do Amapá (FTA) , Especialista em Políticas Educacionais (UNIFAP); Mestra em Planejamento em Políticas Públicas (UECE), E-mail: rosallopes23@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2155-4195

[3] Orientador deste artigo. Doutor em sociologia (com a tese sob o título: Ecos do Silêncio: Culturas e Trajetórias de Surdos em Macapá). Mestre em direito ambiental e políticas públicas (Com dissertação discutindo a Apropriação da Legislação de Libras em Escolas Públicas de Macapá: entre a Letra da Lei e as Práticas Escolares). Professor no Curso de Letras Libras Português na Unifap, e no Curso de Especialização em Políticas Públicas também na Unifap. É Pesquisador e Líder do Grupo de Pesquisa Processos Linguísticos, Culturais, e Identitários Surdos. E-mail: r.manasses@unifap.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4655-4466.

.

teachers in the regular education network. The study verified inclusive educational public policies and teacher training at federal and state levels; as well as the participation of teachers in continuing training courses carried out by the Department of Education through the Special Education Center (NEES). The methodological procedures used in the study were document analyzes such as: laws, opinions and inclusion and teacher training policies. And also bibliographical research with the aim of investigating the process of inclusion in the educational context. The results demonstrated that teachers still lack continued training to work with students with disabilities.

Keyword: Inclusion. Educational politics. Teacher training

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar si la formación docente que ofrece el municipio de Macapá-AP se basa en políticas inclusivas de formación docente implementadas por el gobierno federal y si estas calificaciones llegan a los docentes de la red de educación regular. El estudio verificó políticas públicas educativas inclusivas y formación docente a nivel federal y estatal; así como la participación de docentes en cursos de formación continua que realiza el Departamento de Educación a través del Centro de Educación Especial (NEES). Los procedimientos metodológicos utilizados en el estudio fueron el análisis de documentos tales como: leyes, opiniones y políticas de inclusión y formación docente. Y también investigación bibliográfica con el objetivo de indagar en el proceso de inclusión en el contexto educativo. Los resultados demostraron que los docentes aún carecen de formación continua para trabajar con estudiantes con discapacidad.

Palavras clave: Inclusión. Política educativa. Formación docente.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa com o título Políticas de Inclusão para Rede Regular de Ensino em Macapá-AP: desafios na formação docente, buscou neste estudo analisar as formações docente realizadas no município de Macapá e as politicas a nível nacional e estadual referente à formação continuada de professores da rede regular de ensino que possuem alunos com deficiência, como também a participação dos docentes em cursos de formação.

A experiência de 15 anos trabalhando como professora de pessoas com deficiência na rede regular de ensino foi um dos motivos da pesquisa em relação à problemática deste trabalho. Percebe-se que a inclusão dos alunos com deficiência na rede regular de ensino é fato, necessitando de suporte e apoio principalmente na formação desse professorado que atua diretamente com essa

clientela. A formação continuada de professores necessita incluir a todos os alunos no processo de inclusão, precisa levar em conta princípios de base que os instrumentalizem para a organização do ensino e a gestão de classe, bem como princípios éticos, políticos e filosóficos. (FIGUEIREDO, 2011, P. 144).

A Resolução CNE/CEB, 04/2009, que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na Educação Básica, em seus artigos 09, 12 e 13 enfatizar as atribuições e os mecanismo de apoio ao professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Esse documento direciona o trabalho desses profissionais, porém não estabelece nada especificamente aos professores do ensino regular com alunos em inclusão.

A pesquisa se divide em um breve histórico da trajetória das pessoas com deficiência, como também aspectos da formação docente, enfatizando a formação continuada e o papel do professor frente à proposta da educação inclusiva, experiências e relatos do chão da sala de aula nas instituições de ensino da rede estadual de educação do Amapá.

1 A TRAJETÓRIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA

1.1 Educação Inclusiva

A educação inclusiva teve inicio nos Estados Unidos em 1970, assim como em outros países, limitando-se apenas a inclusão no aspecto físico das pessoas com deficiência na rede regular ensino, com os mesmos moldes da integração. No movimento da integração essas pessoas eram consideradas integradas quando conseguiam se adaptar as classes comuns sem que houvesse adequações ou adaptações no ambiente escolar. Segundo Sartoretto (2011, p.77) a inclusão só é possível mediante o respeito à diferença, com a adoção as práticas pedagógicas que permitam a pessoa com deficiência a aprender e ter reconhecido e valorizado os conhecimentos que são capazes de produzir, segundo seu ritmo e na medida de sua possibilidade.

Umas das primeiras medidas Internacionais que se refere à igualdade de condições nas sociedades mundiais foi a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 que representa um movimento internacional que propõe uma sociedade igualitária, por um mundo em que os homens gozem de liberdade de

expressão e de crença e possam desfrutar da condição de viverem a salvo da necessidade, por um mundo em quer o reconhecimento da dignidade inerente a todos os seres humanos e da igualdade de seus direitos inalienáveis e o fundamento da autonomia, da justiça e da paz mundial. (MELO; LIRA; FACION, 2009, p. 55).

O Brasil como muitos países do mundo tornou-se signatário desta declaração, usando como principio fundamental a serem considerados na elaboração da Constituição de 1988 os direitos e garantias individuais e coletivas do homem estabelecidos neste documento. É desse direito que as pessoas com deficiência também são titulares, pois não a nada no ordenamento jurídico que as exclua desse direito à educação, com o preenchimento de todos esses requisitos. Quando se fala em educação inclusiva, em direito de acesso à mesma sala de aula das demais crianças e adolescentes, o objetivo é simplesmente garantir às pessoas com deficiência o acesso a esse direito humano, comum e fundamental. (MANTOAN, 2011, 18).

Os vários dispositivos legais se intensificaram primordialmente com a Constituição Federal de 1988, na qual em seu Artigo 208 garante o direito dos alunos que possuem alguma deficiência adentrarem no sistema de ensino regular através de atendimento educacional especializado (BRASIL, 1988). A partir dos anos 1990 houve congressos, seminários que divulgaram o paradigma da inclusão, não somente no Brasil, mas em muitos lugares do mundo, dando ênfase a importância de incluir todas as pessoas, independente de terem ou não uma deficiência, esses eventos mundiais e nacionais corroboraram com a criação de muitas leis relacionadas aos direitos da pessoa com deficiência.

Um dos marcos internacionais que legitimaram o processo de inclusão, e foi reconhecido como ponto de partida. Ocorreu em 1994 foi a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade, em que culminou com a elaboração da Declaração de Salamanca, e traçou metas e objetivos para a eliminação da discriminação e segregação das pessoas com deficiência, reafirmando o compromisso de acesso à educação inclusiva para todos. A proposta inclusiva reconhece o direito incondicional à escolarização no ensino regular de todos os alunos com deficiência. Não existem, nessa proposta,

dois sistemas paralelos: o regular e o especial. Todos devem ser escolarizados nas salas comuns do ensino regular. (MACHADO, 2009, P.66).

A Declaração de Salamanca nesse sentido propõe uma escola inclusiva, essencial à dignidade humana e ao desfrute e exercício dos direitos humanos, para que os excluídos da escolaridade possam atingir o máximo de progresso educacional e a integração social. Orienta, ainda, para o envolvimento comunitário que deveria vir além das atividades da escola: associações de bairro, de famílias, movimentos de jovens e voluntários. (LIRA, p. 98, 2007).

No ano 1996 foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 que trouxe em seu artigo 58 uma discussão em relação à inclusão das pessoas com deficiência. Importante ressaltar que esta lei refere-se à Educação Especial como modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, proporcionando a esta clientela serviços de apoio especializado (BRASIL, 1996).

No art. 59 da mesma lei estabelece que os sistemas de ensino devam se adequar para acolher a população da educação especial e garantir currículos, métodos, técnicas e recursos educativos a fim de atender as pessoas com deficiência. Deverão também dispor de tempo adequado para atingir o nível de capacitação exigido aos educadores e fornecer apoio especializado com objetivo de suprir as peculiaridades dos educandos.

2.POLÍTICAS PÚBLICAS INCLUSIVAS

O processo de escolarização das pessoas com deficiência percorreu um extenso caminho, que nem sempre propiciou qualidades na aprendizagem destes alunos, ou muito menos direitos iguais aos demais educandos. O Brasil é um dos países com inúmeras leis, pareceres, decretos e outros meios legais que marcam a história da pessoa com deficiência nas instituições de ensino.

A constituição brasileira promulgada em 1988 foi de extrema importância na construção dos direitos sociais, pois retirou da esfera assistencialista a educação das pessoas com deficiência garantindo sua integração no sistema educacional brasileiro. Em seu artigo 208 e inciso III enfatiza que a partir daquele momento será realizado o atendimento educacional especializado as pessoas

com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Esse fundamento legal tornou-se base para a elaboração de outras leis direcionadas especificamente para essa parcela da população brasileira. (BRASIL, 1988)

Importante também foi a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) instituído pela lei federal 8069/90 que assegura o atendimento aos alunos com deficiência, como também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) que evidencia o acesso e permanência dessa clientela de alunos nas instituições de ensino, como também no seu artigo 59, inciso III, enfatiza que "Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, além de professores do ensino regular, capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns" (BRASIL, 1996).

Outro evento de relevância foi a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que ocorreu em 2006, de acordo com essa convenção entende-se que essas pessoas fazem parte de um público mais vulnerável, que ainda não tem direitos iguais. "Tem como propósito: promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente" (BRASIL, 2011).

No decorrer dos anos muitas politicas afirmativas foram elaboradas como: Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, aprovada em 1999, e a denominada Lei de Acessibilidade, sancionada em 2004 pelo Decreto nº 5.296; O Decreto nº 3.298/99, que aprova a percentagem obrigatória de preenchimento de cargos prevista na Lei nº 8.213/91, Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 que visa a cumprir os compromissos expostos na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, como acabar com a exclusão nas escolas. Uma de suas consequências é o fim do sistema paralelo de ensino segregado. (BRASIL, 2008).

Em 2015 foi criada a Lei brasileira de Inclusão (LBI – Lei 13. 146/2015), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência é um dos mais novos avanços na luta em favor da inclusão social e cidadania. A partir desta lei

o conceito de pessoa com deficiência foi alterado no sentido de ampliar quem são essas pessoas. Pertinente que se enfatize que a LBI é uma conquista não só das pessoas com deficiência, mas da democracia. Cada linha de sua redação representa os anseios da sociedade civil, que participou de todo a construção do texto. (GABRILLI, 2018, REVISTA DIGITAL)

3. FORMAÇÃO DOCENTE

3.1 O papel do professor no processo de inclusão

A proposta para a formação de professores para atuar com alunos com deficiência necessita ultrapassar a racionalidade técnica[4] e as constantes mudanças ocorridas no âmbito escolar, o docente não pode e nem deve restringir seu saber unicamente nas ações pedagógicas, ações que em muitos momentos tornam-se vazias de outros conhecimentos necessários e primordiais para qualidade de sua atuação em sala de aula, esses aspectos são validos para os professores da rede regular de ensino. Nessa perspectiva buscar-se compreender o professor como sujeito histórico, dotado de subjetividades e intencionalidades, assim o saber docente é analisado como importante no entendimento da cultura escolar e na prática pedagógica. (TEXEIRA, 2014, p. 16).

No processo de educação inclusiva é importante que se dê relevância ao papel do professor e sua atuação nas instituições de ensino, o que realmente compete a esses atores educacionais, tendo o conhecimento que o professor faz parte das discussões, da efetivação de educação de qualidade, do acolhimento dos alunos com ou sem deficiência, porém ele é uma parte dessa construção da inclusão na rede regular de ensino, existem outros aspectos relevantes que necessitam ser levados em conta para que realmente todos tenham acesso e

[4] A racionalidade técnica, conforme Giroux (1997), está calcada em ideologias instrumentais, que reduzem os professores a técnicos, de modo que, imerso na burocracia escolar, estejam incumbidos de “administrar e implementar A racionalidade técnica, está calcada em ideologias instrumentais, que reduzem os professores e técnicos, de modo que, imersos na burocracia escolar, estejam incumbidos de “ administrar e implementar programas curriculares, mais do desenvolver ou apropriar-se criticamente de currículos que satisfaçam objetivos pedagógicos específicos.” Contrapondo-se a esse modelo, Giroux reafirma a ideia de que a docência é um trabalho intelectual e não puramente técnico. Dessa forma, será preciso encarar os professores como “intelectuais transformadores”, o que significa conferir ao exercício da docência a dimensão política (GIROUX, 1997, p. 161)

permanência com igualdade de condições e isso vai além das atribuições do professorado.

Os professores são fundamentais sem duvida, são essenciais no processo de inclusão educacional, pois atuarão de forma direta junto aos alunos com deficiência. Em virtude da diversidade dos alunos, incluindo aqueles que apresentam necessidades educacionais especiais, os educadores são chamados a rever suas práticas educativas para ensinar um coletivo de sujeitos cujas características se apresentam mais heterogêneas que antes (OLIVEIRA, 2009, P.37)

Apesar de ter também responsabilidade na inclusão dos alunos com deficiência, o que se percebe é uma sobre carga direcionada aos professores tanto do ensino regular como do Atendimento Educacional especializado (AEE). A politica Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva criada em 2008 estabelece que, para atuar na educação especial, o professor deve ter em sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área de cada deficiência.

A formação continuada do professor deve ser um comprometimento dos sistemas de ensino, visando um processo aprendizagem pautado em uma educação de qualidade, nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder as características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com deficiência. (PRIETO, 2006, p. 57).

No que tange a pesquisa é de cunho qualitativa, por versar sobre as políticas de formação docente para professores do ensino regular e suas implicações, como também os cursos ofertados para esses profissionais especificamente para o atendimento de alunos com deficiência no ensino comum no município de Macapá-AP. No que se refere aos instrumentos usados para alcançar os objetivos propostos, usou-se os questionários e entrevistas.

O estudo foi desenvolvido em duas escolas estaduais do município de Macapá com três professores do ensino regular que possuem alunos com deficiência inclusos em suas turmas. Foi usado como estratégia metodológica, entrevistas semiestruturadas individuais com os professores, dois do 4° ano e

um do 1° ano do ensino fundamental I e também com uma técnica do Núcleo de Educação Especial da Secretaria Estadual de Educação do Amapá (NEES/SEED) que ministra cursos de qualificações na área da educação especial para os professores da rede estadual de ensino.

A formação continuada dos professores perpassa por redefinições das competências, habilidades e das principais funções atribuídas a esse profissional, nesse sentido o professor necessita de uma formação continuada que ressignifique o espaço da sala de aula, que seja capaz de organizar as situações de aprendizagem considerando a diversidade de seus alunos, levando em conta a multiplicidade de diferenças que existe nas instituições escolares. Diante das indagações pertinentes a respeito da qualificação dos professores do ensino regular para desenvolvimento de sua prática pedagógica com os alunos com deficiência os participantes da pesquisa através de suas respostas na entrevista não se sentem ou não possuem nenhuma formação continuada que colabore com sua ação no processo de inclusão.

. A falta de conhecimento a respeito do processo de inclusão ocasiona aos professores sérios comprometimentos em sua prática escolar. Importante abalizar que a formação continuada tem por finalidade promover, entre os professores, discussões sobre as aprendizagens de alunos com deficiência e também novas maneiras de ensinar e de encarar os diferentes caminhos da aprendizagem, diante das diferentes respostas que os alunos podem apresentar sobre um dado tema/conteúdo de estudo. (MACHADO, 2009, P.95)

A Resolução CNE/CEB, 04/2009, que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na Educação Básica. Esse documento especifica com detalhes as atribuições dos professores do AEE, no entanto não estabelece esse mesmo suporte de apoio aos professores do ensino regular. (BRASIL, 2009).

As políticas de formação docente em educação especial no contexto nacional oferecem mecanismos para formação continuada dos professores do AEE através dos núcleos estaduais direcionados a inclusão das pessoas com deficiência, deixando uma lacuna no processo de inclusão por não ofertar esses recursos e qualificações para os professores do ensino regular.

Segundo Mantoan (2006, p. 95) os conhecimentos das estratégias e as formações continuadas sobre o ensino aprendizagem das pessoas com deficiência não podem ser de domínio apenas de alguns ”especialistas”, e sim apropriados pelo maior número possível de profissionais da educação, idealmente por todos. Todavia, se considerarmos que o atendimento do referido alunado em classes comuns do ensino regular é a determinação privilegiada nos últimos anos, podemos afirmar que ainda há muitos professores dos sistemas de ensino com pouca familiaridade teórica e prática, necessário expandi-los

O conhecimento dos domínios teóricos e práticos dos professores é essencial para subsidiar a formulação de políticas para sua formação continuada pelos sistemas de ensino. Isso impõe a necessidade de levantar informações sobre esses para, pelo menos, identificar seu perfil acadêmico e sua experiência com alunos com deficiência e projetar formas de lhes prover conhecimento, aproximando desta forma o conteúdo das qualificações de sua formação às suas expectativas e necessidades dentro das salas aulas. (PRIETO, 2006, p. 59).

Além dos professores do ensino regular pesquisados neste estudo, houve também dentro do contexto da pesquisa uma técnica do Núcleo de Educação Especial da Secretaria Educação do Estado do Amapá. As contribuições de seus relatos e dos professores com suas respectivas respostas as entrevistas trouxe reflexões em relação à formação continuada dos professores do ensino regular que atuam nas escolas da rede regular de ensino do 1º ao 4º ano da educação básica. No decorrer da coleta de dados, importante salientar o relato da técnica que diz:

Na fala da participante do NEES percebe-se que houve uma preocupação em fornecer suporte as escolas através de projetos para a qualificação de alguns profissionais da rede estadual de ensino. No entanto observa-se também que os professores do ensino regular não participaram diretamente desse projeto que foi específico para gestores, secretários escolares e técnicos pedagógicos. Com certeza essas qualificações são relevantes e necessárias, também a participação dos professores do AEE. No entanto, o professor do ensino regular

é o eixo principal, pois é ele que atua diretamente com os alunos em processo de inclusão escolar dentro das salas de aulas comuns.

A formação inicial do professor que está hoje em escolas regulares nas salas de aula acolhendo os alunos em inclusão não o qualificou para isso. Entretanto é imperativo que sua formação continuada possibilite o seu desenvolvimento pessoal e profissional, assim se faz necessário que as políticas de formação o alcance. Segundo Figueiredo (2011, p.144) a formação continuada considera a formulação dos conhecimentos do professor, sua prática pedagógica, seu contexto social, sua história de vida, suas singularidades e os demais fatores que favorecem a prática pedagógica acolhedora diante da inclusão de alunos com deficiência.

Nas análises dos relatos das respostas dos participantes da pesquisa tornou-se evidente que os cursos de formação de professores ofertados pelo poder público em nível estadual de responsabilidade da Secretaria Estadual de Educação do Amapá, especificamente do Núcleo de Educação Especial, ainda não contemplam as necessidades dos professores do ensino regular, pois nas falas percebeu-se que esses profissionais possuem muita dificuldade em virtude da falta de um acompanhamento mais eficaz no processo de ensino aprendizagem dos alunos inclusos em sala de aula do ensino comum. Quando ainda está em planejamento para 2019 ações especificas para esses professores.

CONSIDERAÕES FINAIS

O estudo analisou quais as qualificações em formação docente ofertada para os professores da rede regular de ensino pelo estado através da Secretaria Estadual de Educação do Amapá especificamente pelo Núcleo de Educação Especial e se estás formações estão em consonância com as políticas públicas em educação especial implementada pelo governo federal, se as mesmas alcançam os professores da rede regular de ensino que possuem alunos com deficiência inclusos em sala de aula.

Diante desse panorama a pesquisa buscou informações pertinentes relacionadas à formação continuada dos professores da rede regular de ensino do estado que atuam com alunos em processo de inclusão nas escolas, como

também a existência de politicas públicas em nível nacional e estadual, referentes a essa formação. A pesquisa mostrou que os professores da rede pública do estado sentem dificuldades no processo de inclusão em virtude de não estarem preparados segundo seus relatos para atuar de forma eficaz com essa clientela que está inserida nas redes regulares do ensino comum. Também relatarão que não participam de nenhum curso realizado pelos órgãos que ministram essas formações, enfatizando sempre em suas falas que esses cursos são direcionados especificamente para os professores do AEE.

Com base na análise dos resultados obtidos com a pesquisa compreendeu-se que os professores público alvo deste trabalho além da experiência de suas atividades pedagógicas que exercem em sala de aula, necessitam de apoio e acompanhamento por parte do poder público através de formações que atendam suas expectativas, anseios e indagações, que esses profissionais relataram no decorrer da pesquisa em relação ao seu trabalho com alunos com deficiência. Relevante salientar que de acordo com as informações colhidas no estudo, esses professores são pouco assistidos pelo NEES, pois na fala de uma técnica percebe-se que existe um interesse que se revela através de projetos e ações para o ano de 2019 especificamente para esses profissionais, porém se encontra em fase de planejamento.

Isso mostra também dois aspectos importantes observados no estudo, um negativo, pois o paradigma da inclusão há décadas vem propondo mudanças, durante esse período foram implementadas leis que ratificam os direitos das pessoas com deficiência usufruírem os espaços escolares sem discriminação ou qualquer forma de exclusão, no entanto no estado ainda está a passos lentos essa concepção inclusiva em se tratando de formação docente para professores do ensino regular. O outro aspecto tem caráter positivo quando se observa certa preocupação com esses profissionais através da criação de programas e estratégias que proporcione suporte para o seu trabalho com esses alunos.

Por fim compreender que o professorado necessita de uma formação permanente desses aspectos que são fundamentais para o avanço da inclusão no contexto escolar, isso possibilitará um profissional seguro em seu ambiente

de trabalho e em sua prática pedagógica. Esses fatores são essenciais para que se efetive a inclusão no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, F. Inclusive education: school cultures, teaching and learning. In: RICHARDS, G.; ; ARMSTRONG, F. (Ed.) Teaching and Learning in Diverse and Inclusive Classrooms. London: Routledge, 2011. BRASIL.

BRASIL. **Lei n.º 9.394**, que instituiu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 20 de Dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. 27 jan. 2018

BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República/casa civil/subchefia para Assuntos Jurídicos, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituiçãoCompilado.htm. Acesso em: 12 jan. 2018.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos; Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2007). **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência:** Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: decreto legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. -- 4. ed., rev. e atual. – Brasília:, 2011.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília. MEC/SEESP. 2008

BRASIL. **Resolução nº 04/2009**, que instituiu as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília. MEC/CNE/CEB, 2009. Disponível em: <peei.mec.gov.br/arquivo/Resol_4_2009_CNE_CEB.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FERNANDES, Lorena Barolo; SCHLESENER, Anita; MOSQUERA, Carlos. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia. Curitiba v.2, p.132 –144. 2011.

FIGUEIREDO, R. Vieira de. **A formação de professores para a inclusão dos alunos no espaço pedagógico da diversidade**. In: MANTOAN, M. T. Eglér (Org.). O desafio das diferenças nas escolas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997. Não achei esta referência no corpo do texto reveja.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado:** uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016.

LIRA, Bruno Carneiro. O professore sociointeracionista e a inclusão escolar. São Paulo: Paulinas, 2007.

FACION, J. Raimundo. **Inclusão escolar e suas implicações**. - [et al.].2.ed.rev. e atual. – Curitiba: Ibpex, 2009.

MACHADO, Rosangela. **Educação especial na escola inclusiva:** políticas paradigmas e práticas. – 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Igualdade e diferenças na escola:** como andar no fio da navalha. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **O desafio das diferenças nas escolas.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARA GABRILLI É GENT QUE FAZ.| POLÍTICA & NEGÓCIOS: disponível em http://www.revistadiaria.com/mara-gabrilli-e-gente-que-faz/. Acesso em 10 de agosto 2018

MOURA, Margarida Seabra de. **Revisando Conceitos**: o necessário exercício da construção da identidade a partir das diferenças. In: MANTOAN, Maria Tereza Eglér (Org.). O desafio das diferenças nas escolas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MELO, S. Cordeiro de; LIRA, Solange Maria de; FACION, J. Raimundo. **Políticas inclusivas e possíveis implicações no ambiente escolar**. In: FACION, J. Raimundo (Org.). Inclusão escolar e suas implicações s. - [et al.].2.ed.rev. e atual. – Curitiba: Ibpex, 2009.

MINETTO, Maria de Fatima. **Currículo na educação inclusiva:** entendo esse desafio. -2. ed. rev. atual. ampl. / Curitiba: Ibpex, 2008.

OLIVEIRA, Luzia de Fatima Medeiros de. **Formação docente na escola inclusiva:** diálogo como fio tecedor. Porto Alegre: Mediação, 2009.

PRIETO, Rosângela Gavioli. **Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, Olga Maria Piazentin Rolim; MARANHE, Elisandra André. **Educação especial**: história, etiologia, conceitos e legislação vigente In: Vera

Lúcia Messias Fialho Capellini (org.). Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental – Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

ROSA, Ângela Coronel. O sujeito com deficiência e a escola inclusiva. In: KLEIN, R. Ramos; HATTGE, M. Domênica (Orgs.). **Inclusão escolar**: implicações para o currículo. São Paulo: Paulinas, 2010.

SARTORETTO, Mara Lúcia. **Inclusão**: da concepção à ação. In: MANTOAN, Maria Tereza Eglér (Org.). O desafio das diferenças nas escolas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TEXEIRA, G. F. Melo**. Formação de professores para o atendimento educacional especializado**: uma necessidade, um direito. In: SILVA, L. C. ; MOURÃO, M. R. ; SILVA, W. F (Orgs.). Atendimento Educacional de surdos: tons e cores da formação continuada de professores no exercício profissional. Uberlândia: EDUFU, 2014).

AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO ESTRUTURADO NA PRÁTICA DOCENTE PARA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA[1]

Cristina Picanço de Sousa Corrêa[2]

RESUMO

O artigo tem como tema "As contribuições do Ensino Estruturado na prática docente para a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista", o estudo é um relato de experiência sobre o trabalho desenvolvido de uma professora-pesquisadora do Atendimento Educacional Especializado-AEE, no Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues, no estado do Amapá, do período de 2015 a 2024. O estudo tem como objetivo descrever através de análise as contribuições do Ensino Estruturado, nos atendimentos educacionais especializados efetivados com alunos autistas nesse período. A metodologia abordou o estudo bibliográfico, qualitativo, descritivo e com registros diários. Os resultados comprovaram através das práticas pedagógicas da professora-pesquisadora, ambientes estáveis e organizados, com acolhimento, com intervenções pedagógicas estruturadas, contribuem para equilíbrio e desenvolvimento nos déficits cognitivos, sensoriais, sociais, comunicativos e comportamentais presentes no autismo.

Palavras-Chave: Autismo. Ensino Estruturado. Inclusão.

ABSTRACT

The article has as its theme "The contributions of Structured Teaching in teaching practice for the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder", the study is an experience report on the work carried out by a teacher-researcher of Specialized Educational Service-AEE, in Raimundo Nonato Dias Rodrigues Educational Center, in the state of Amapá, from 2015 to 2024. The study aims to describe, through analysis, the contributions of Structured Education, in specialized educational services provided to autistic students during this period. The methodology covered bibliographical, qualitative, descriptive study and daily records. The results demonstrated, through the teacher-researcher's pedagogical

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Diversidade e Inclusão Educacional e Correlatas em Saberes e Práticas de Protagonismo Amazônida do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Pedagoga, especialista em Educação Especial e Inclusiva, Neuropsicopedagogia, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Autismo: A prática do Ensino Estruturado Aplicado à Pessoa com TEA e Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI) – UNIFAP, e-mail: cristina.correa1@hotmail.com, ORCID: https://orcid.org/0009-0008-6125-4350

practices, stable and organized environments, with welcoming, structured pedagogical interventions, contribute to balance and development in the cognitive, sensory, social, communicative and behavioral deficits present in autism.

Keywords: Autism. Structured Teaching. Inclusion.

RESUMEN

El artículo tiene como tema “Los aportes de la Enseñanza Estructurada en la práctica docente para la inclusión de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista”, el estudio es un relato de experiencia sobre el trabajo realizado por una docente-investigadora del Servicio Educativo Especializado-AEE, en Centro Educativo Raimundo Nonato Dias Rodrigues, en el estado de Amapá, de 2015 a 2024. El estudio tiene como objetivo describir, a través del análisis, las contribuciones de la Educación Estructurada, en los servicios educativos especializados brindados a estudiantes autistas durante este período. La metodología abarcó estudio bibliográfico, cualitativo, descriptivo y registros diarios. Los resultados demostraron que, a través de las prácticas pedagógicas del docente-investigador, ambientes estables y organizados, con intervenciones pedagógicas estructuradas y acogedoras, contribuyen al equilibrio y desarrollo de los déficits cognitivos, sensoriales, sociales, comunicativos y conductuales presentes en el autismo.

Palabras clave: Autismo. Enseñanza estructurada. Inclusión.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de um relato de experiência sobre o trabalho desenvolvido de uma professora-pesquisadora do Atendimento Educacional Especializado-AEE, que utiliza o Ensino Estruturado como prática pedagógica no processo de ensino e aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista-TEA no Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues no estado do Amapá, no período de 2015 a 2024, com alunos com idade de 06 a 10 anos. O interesse no estudo surgiu em virtude, da docente realizar um trabalho específico de atendimento com alunos autista, utilizando a estratégia do Ensino Estruturado como suporte em suas aulas.

O estudo tem como objetivo descrever através de análise as contribuições do Ensino Estruturado nos atendimentos educacionais especializados efetivados com alunos autistas nesse período. Para detalhamento do objeto de estudo

houve a necessidade de conhecer os elementos fundamentais, princípios e características do ensino estruturado, como também verificar sua utilização aplicabilidade e adaptação nas práticas pedagógicas, considerando os aspectos de construção que envolvem a aprendizagem desses alunos.

1. O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DOS ALUNOS COM TEA

Desde a definição de Léo Kanner, em 1943, o autismo tem sido apresentado como um mundo distante estranho e cheio de enigmas. O enigma refere-se, por um lado, ao próprio conceito de autismo e suas causas, explicações e remédios dessa forma de desenvolvimento humano. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) em sua 5ª edição, utiliza atualmente o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), e o define como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, adotando critérios para o diagnóstico como: interação social; comunicação; comportamento repetitivos e interesses restritos. (APA, 2014)

Leon (2020), nos afirma que o transtorno é caracterizado por comprometimentos globais severos em diversas áreas do desenvolvimento relacionadas às habilidades de interação social recíproca e às habilidades de comunicação ou relativas à presença de comportamentos, interesses e atividades restritas e/ou estereotipadas.

Diante desse contexto, o processo de inclusão desse público precisa considerar a diversidade e complexidade do caso concreto, para assegurar a permanência e o avanço da aquisição de habilidades que possibilitem ao individuo o pleno exercício social, com isso as estratégias de ensino precisam considerar as singularidades do transtorno desveladas no individuo, para um ensino eficaz.

Com essa perspectiva, o Ensino Estruturado surge como alternativa de um ensino que pondera as características do quadro, uma vez que seus princípios contemplam um trabalho marcado com ênfase nas principais disfunções cognitivas que em regra são evidenciadas no transtorno, propiciando uma metodologia que se ampara em um ambiente de aprendizagem previsível,

organizado e adaptado as demandas do educando com o distúrbio, tendo como escopo a promoção da sua independência, socialização e comunicação.

Assim, o modelo se ampara no entendimento que de cada pessoa é única, tem diferentes potencialidades que precisam ser estimuladas para facilitar o processo inclusivo, melhorar o desempenho acadêmico, reduzir a ansiedade e estimular a autonomia, para tanto, a estratégia se materializa com a apresentação das demandas tendo como base o suporte visual, eliminando elementos distratores, partindo da área de interesse do discentes e considerando suas habilidades já instaladas para progressão na aquisição de novas.

Em face a essa conjuntura, o Ensino Estruturado surge como alternativa de ensino, defendendo a organização das informações do ambiente e das demandas, visando facilitar a compreensão através das entradas sensoriais, uma vez que adquirimos conhecimento por meio dos sentidos e essa percepção, que nos permiti conhecer através da experiência, influencia diretamente na aprendizagem, com isso, a presente perspectiva ajuda em uma melhor resposta aos estímulos propostos e na melhora das performances.

> O Ensino Estruturado trabalha com os princípios da organização, rotina, tarefas estruturadas, material visualmente mediado, ensino de relações causa e efeito, comunicação alternativa, espaço com suas funções, delimitações físicas, eliminação de estímulos concorrentes e controle do comportamento. (LEON & FONSECA, 2013, p.18)

2. EDUCACIONAL RAIMUNDO NONATO DIAS RODRIGUES

O presente trabalho de pesquisa, se desenvolveu no Centro Especializado Raimundo Nonato Dias Rodrigues - CERNDR, situado na Avenida Barão de Mauá, nº 52, no bairro Buritizal, na cidade de Macapá, Estado do Amapá. A instituição atende 461 alunos público-alvo da educação especial, desses 266 são alunos com Tea. A Unidade Educacional oferece apoio e serviços clínicos e educacionais os alunos com deficiências, visando proporcionar um ambiente de ensino inclusivo e adaptado, com a oferta de suporte educacional individualizado, atendendo as necessidades dos educandos.

> O CERNDR tem como missão oferecer Atendimento Educacional Especializado (AEE), atendimento com os especialistas em educação nas áreas da psicologia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, fisioterapia e assistência social; conta ainda com uma equipe de formação continuada que realiza o serviço de apoio pedagógico e acompanhamento aos educandos com deficiências, ofertando cursos de formação continuada para professores da rede pública de ensino, realiza ainda o serviço de avaliação multiprofissional, subsidiando a permanência na escola comum, habilitando-os para o exercício da cidadania e inserção na sociedade.(PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2024, p. 10).

O Centro implementa a educação inclusiva para um público diverso, na faixa etária de 0 à 56 anos, nas Deficiências Auditiva, Intelectual, Múltipla, Síndrome de Down, Síndrome de West, Síndrome de rett, Síndrome de Goldenhar, Síndrome de Rubstein, Síndrome de Moebius, Sindrome de Lennoux-gastaut, Transtorno do Espectro do Autismo, Paralisia Cerebral, Hidrocefalia, Difuculdades na fala, Mielomeningocele, Atraso Neuropsicomotor do Desenv., Microcefalia, T.D.A.H e Transtorno mental/psiquiátrico. Desse público, o maior grupo são os que apresentam TEA 266, evidenciando a importância de trabalho especializado com esse grupo, pois Garcia nos diz que o termo espectro implica na variabilidade dos casos, denotando que cada pessoa dentro do transtorno apresenta um conjunto particular de habilidades, desafios e necessidades. (GARCIA, 2020)

2.1 O Ensino Estruturado nos atendimentos dos alunos com TEA: como tudo aconteceu

O Ensino Estruturado foi implantado em 2013 no CERNDR, com a primeira sala organizada para atendimento de autistas utilizando o Programa TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children* (Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Perturbações da Comunicação). Relevante salientar que neste período tornou-se primordial planejar metodologias e estratégias pontuais para o processo de ensino aprendizagem, com ações que atendesse as especificidades dos alunos com TEA e de suas famílias, buscando assim, respostas mais efetivas e concretas.

Com esse prisma, começamos a ir em busca de Práticas baseadas em evidências científicas que pudessem melhorar o desenvolvimento do trabalho e com isso implementamos práticas com o uso do ensino estruturado, que nos apresentou uma perspectiva de ensino com uso de metodologias que tinham como base o uso do visual para um suporte ao comportamento, enfatizando a previsibilidade no meio de aprendizagem, com pistas materiais, fatiamento das ações e organização ambiental para comunicar de modo eficaz as demandas e ajudar a reduzir ansiedade.

Para realizar um trabalho que realmente garantisse a aplicabilidade do método, foram necessárias mudanças estruturais em todas as salas, possibilitando um direcionamento com qualidade, principalmente das atividades e o resultado do processo de desenvolvimento do público, foi perceptível de acordo com as etapas de ensino proposta.

Nesse atendimento especializado para TEA, deu-se ênfase ao objetivo primário do Ensino Estruturado, que é o de ajudar a pessoa com autismo a se desenvolver de modo a atingir o máximo de autonomia ao longo da vida. Para isso, busca-se organizar o ensino visando possibilitar o acesso ao conhecimento e a adaptação a convenções sociais, utilizando-se de estratégias que valorizem a individualidade do atendido, buscando compensar os déficits cognitivos, sensoriais, sociais, comunicativos e comportamentais presentes no TEA (FONSECA & CIOLA, 2016).

As autoras pontuam que o Ensino Estruturado é um recurso de apoio na aprendizagem das crianças com TEA, através de estratégias visuais; utilizando figuras, objetos e pistas escritas, que possibilitam os alunos com TEA a comunicação e o desenvolvimento do autocontrole, contribuindo com sua regulação, organização e previsibilidade nas atividades. As escritoras enfatizam que esses alunos demonstram mais compreensão nas relações viso espaciais.

Nesse contexto, as estratégias desenvolvidas no atendimento foram aplicadas considerando as características individuais, as preferências, interesses, o potencial, experiências e competências, dos alunos, sempre valorizando seus pontos fortes, pois percebemos que as necessidades decorrentes do TEA na vida escolar demandam estratégias articuladas com as

experiências do cotidiano para que promovam aprendizado significativo e possam ser generalizadas pelo aluno para outros ambientes sociais e de intervenção.

Desta feita, os atendimentos ocorriam de forma individual (um professor e um aluno) ou em grupo com 3 (três) e no máximo 4 (quatro) alunos de acordo com o estágio de desenvolvimento ou a condição de interação em que estes se encontravam, priorizando as idades próximas, comportamento e desenvolvimento cognitivo, e tinham a duração de dois horários seguidos ou alternados no decurso da semana, com duas professoras.

A estrutura para os atendimentos funciona de acordo com o quadro do espectro, todavia, em regra há a oferta de quatro ambientes de trabalho: área do aprender, área do trabalho autônomo/individual, área do trabalho em grupo e área do brincar, mas podem surgir outros conforme a necessidade do caso. Nessas, são desenvolvidas atividades voltadas para o desenvolvimento da autonomia, o convívio social, a partilha, a imaginação e imitação, bem como o ensino de novas habilidades.

Cada área representa uma função, pois essa perspectiva compreende que a organização do ambiente deve ser a primeira estratégia de intervenção, pois preconiza-se que o meio interfere nas ações do sujeito e com isso a disposição dos moveis podem contribuir para o êxito ou insucesso do funcionamento do educando, para tanto, alega-se que esse ambiente precisa ser planejado, organizado para favorecer o uso com compreensão clara e previsível e assim influenciar na possiblidade da pessoa com TEA se envolver com o que está sendo proposto e responder aos estímulos.

Nesse contexto, o trabalho pedagógico da docente, dá-se início com a construção do Plano de Ação, onde são considerados documentos como Projeto Político Pedagógico (PPP) para a organização das atividades comuns do currículo, após ocorre o levantamento dos documentos dos discentes e análise dos laudos, relatórios escolares dos estudantes com TEA e se pesa as recomendações dos demais profissionais que atenderam o aluno. O escopo da apreciação documental é levantar indicativos das especificidades necessárias para embasamento e detalhamento do trabalho. Posteriormente, se realiza uma

anamnese com os pais, ambicionando ampliar a investigação e averiguar junto a família quais pontos o CERNDR e a docente, poderiam ajudar no desenvolvimento do educando para auxiliar na dinâmica social e familiar.

Com essa perspectiva, se realiza observação dos comportamentos e habilidades que o discente possui, quais estão em déficit e quais estão emergindo. Há a aplicação de um protocolo que contém os principais eixos sintomáticos encontrados no quadro do distúrbio e assim, realiza-se um checklist dos sintomas comportamentais e do estilo de aprendizagem.

Essa observação, resulta na intervenção, que é resultado de como esse indivíduo funciona. Com esses dados, se levanta as estratégias metodológicas mais adequadas ao caso, considerando os aspectos psicoeducativos e assim fornece-se um ensino que considera as peculiaridades discente.

Esse passo é imprescindível, pois daí decorrerá o currículo base e as áreas que serão abordadas no processo de ensino e que repercutirão em toda cadeia educativa, inclusive na organização física do ambiente, uma vez que o Ensino Estruturado considera que a disposição de móveis influência no comportamento do indivíduo, sendo essa uma das primeiras estratégias de intervenção. Com isso, o local é estruturado, organizado e pensado para favorecer a utilização daquele espaço de modo claro e previsível, com espaços definidos para os trabalhos específicos, sempre se valendo do uso de pistas (sinais ou símbolos) visuais para indicar onde cada atividade ocorrerá e com isso, favorecer a uma maior possibilidade de o educando engajar ao que está sendo proposto, uma vez que compreende para além da informação oral ofertada pela professora, o que o ambiente o propõe.

Para organizar esse ambiente, a professora desenha a organização desse espaço considerando a localização dos itens estruturantes do local (porta, janela, armários etc.); idade e outras especificidades do aluno. Faz-se importante ressaltar, que na prática realizada na instituição, em regra, os casos em sua maioria, demandam a sala com os seguintes espaços: área de transição (agenda), área do Aprender, área Individual, Grupo, Brincar e Esperar, entretanto, o modelo sugere que possam existir outras, mas, os espaços são pensados considerando o caso, e há um protocolo que ajuda a mensurar qual

melhor forma de organizar o ambiente, com base na peculiaridades necessárias, o que faz com que nem todos os alunos tenham as mesmas áreas ofertadas no seu currículo.

Desse modo, uma das áreas que habitualmente se desvelam no atendimento aos discentes é a do aprender, pois nesse ambiente o aluno é apresentado a uma atividade de uma habilidade que ele ainda não possui ou está em desenvolvimento. Nesse local, há da parte do educador uma atenção exclusiva para o discente, nos moldes 1 para 1, onde a professora ensina usando-se de níveis graduais de ajuda, que vão desde um auxílio total, com a condução motora do aluno na execução da tarefa, até a regressão dessa ajuda, para meras dicas visuais ou orais, até posterior ausência, quando se evidencia o aprendizado da habilidade.

Outra área que pode estar presente no currículo, é a Individual, onde o aluno é exposto a atividades que sabidamente o educando consegue executar sozinho, se estimulando o trabalho independente, sem apoio docente. As atividades ali propostas, são construídas com instruções claras, visuais e objetivas, muitas vezes segmentadas, para ajudar o aluno a compreender a demanda exigida. No local, o aluno segue um sistema de trabalho, que é a sequência que favorece a realização do que está sendo proposto, e esse indica o que ele vai fazer, como irá executá-lo e o que deverá realizar depois. Esse ambiente tem um local reservado para o armazenamento das atividades propostas, outro para execução e um onde se colocará as atividades conclusas.

Há o espaço do brincar, nesse o discente recreia ou aprender a entreter-se com brinquedos e a interagir com colega. É um momento de lazer, onde são ofertados objetos lúdicos do universo infantil, que em regra o discente escolhe, salvo quando há uma necessidade específica, não há a possibilidade de escolha, e assim, almeja-se que se aprenda a manusear e interagir com item e ou o colega de modo recreativo. No espaço, incentivamos e observamos a espontaneidade, imaginação, criatividade, a utilidade dada ao objeto escolhido, a exploração e experimentação de outras formas de interação.

Outro ambiente que é disponibilizado no currículo é a área do grupo, onde se apresentam atividades que impulsionam a colaboração, com escopo de haver

um trabalho em conjunto, compartilhando ideias e materiais. Nesse local, incentivamos a comunicação para expressão dos sentimentos e também a escuta, além do incentivo ao respeito, a empatia, consideração das opiniões e sentimentos dos colegas; se propõe a resolução de problemas ou desafios, para estimular soluções criativas, o pensamento crítico e a troca de conhecimento na aprendizagem com o outro; estimulamos a gestão de possíveis de conflitos e busca de soluções pacíficas que promovam autoconfiança; valoramos as ideias e o trabalho em equipe.

De acordo com Gaiato (2018, p. 89), em relação ao Ensino Estruturado, ela enfatiza que podem ser utilizados apoios visuais para ensinar comportamentos, como também considera pertinente a compreensão que toda pessoa com autismo tem capacidade de aprender, porém de maneira diferente. Analisa que esse ensino pode ser utilizado com outros programas e estratégias de modificações de comportamento.

Para o cumprimento desse currículo, há uma indicação visual que mostra ao discente as atividades que vão ocorrer e sua sequência. Esse instrumento chamado de agenda, favorece a organização e compreensão do tempo, estimulando a redução do processo ansioso, muito comum em quadros com TEA. Esse item é fundamental, pois é recorrente que pessoas dentro do espectro, diante de mudanças inesperadas ou transições desencadeiem comportamentos disruptivos. Assim, essa ferramenta serve para apresentar o planejamento, estimular a previsibilidade, ajudar na transição, impulsionar a motivação e auxilia na compreensão do fim de uma atividade.

Importante ressaltar que esse item precisa ser individualizado, pois aspectos como forma, extensão, local disposto etc., variam de acordo com o aluno. Entretanto, para o uso eficaz desse instrumento é imprescindível, entender o funcionamento da pessoa que irá usar a agenda, sendo preponderante ajustar essa ferramenta as necessidades do ensino e ao estilo visual e cognitivo do educando. Nesse contexto, precisa-se entender o tipo de discriminação que essa pessoa faz, seu nível de compreensão, o modo de comunicação que ela responde e qual percepção ela faz do ambiente, esses dados, são a base para que se possa compreender que ações serão propostas,

quais atividades devem ser ofertadas e os materiais que são benéficos para o ensino do está sendo ofertado. Sob esse prisma, o tipo de agenda, as atividades e os materiais usados, variam de acordo com a condição cognitiva do indivíduo, não podendo ser um único modelo utilizado para todos.

Todo esse trabalho, parte da observação do indivíduo, para compreender como ele opera cognitivamente, como ele discrimina e se ele já tem essa habilidade, pois a capacidade de percepção influencia na aprendizagem e a ausência dessa aptidão denota imaturidade do pensamento ou fase inicial do processo cognitivo. Identificar a fase do desenvolvimento humano que o discente se encontra, determina se a agenda ou as atividades serão com objetos, com fotos reais, pictogramas, com pictogramas mais a representação da palavra escrita, se só será com palavras impressas, se o aluno irá escrever as ações e também a dimensão (planificação) dessas.

No decurso dos atendimentos os acontecimentos e evolução dos alunos são registrados e com isso se constrói o PDI, sempre em parceria com demais atendimentos ofertados e no final do período letivo, se constrói um relatório que permite a documentação do progresso e desenvolvimento ao longo do processo do ensino, garantindo o monitoramento, a personalização e a definição de metas eficazes. Segundo Leitão (2016), o Ensino Estruturado promove uma inclusão efetiva do aluno, fazendo o uso de: recursos visuais, ambientes mais limpos que proporcionem autonomia e considera-se os saberes que o discente já apresenta, para a partir dessas estimular o desenvolvimento de novos saberes.

Quando o aluno consegue a promoção da independência/autonomia, podendo se estruturar sozinho nas áreas propostas para sua vivência, quando já é considerado autossuficiente nas habilidades psicoeducacionais que ele necessita e sugeridas pelo programa, ele recebe alta ou passa por uma randomização[3], isto é, troca de turma e professora, para verificar se está realmente preparado, pois essa independência deve ser constante, em todo lugar, com todas as pessoas, generalizando o comportamento aprendido para outras situações e espaços.

[3] A randomização é uma estratégia de pesquisa utilizada para aumentar a validade de ensaios clínicos que avaliam o efeito de determinadas intervenções (FERREIRA; PATINO, 2016)

Pierangelo e Giuliani, 2012 abordam o ambiente, citando que um espaço com muita informação, prejudica aprendizagem implícita, pois o aluno tem dificuldade em centrar-se no que está sendo proposto a ele e seu pensamento fica confuso ao extremo. Por isso à necessidade de modificações dos ambientes diferentes garante, menos comportamentos inadequados e maior desenvolvimento de habilidades.

Ressalta-se, que de acordo com o PPP da instituição não há a obrigatoriedade de o aluno permanecer no atendimento até os 14 anos, podendo ficar no programa até adquirir os requisitos elencados no seu PDI ou até findar o tempo ofertado pelo programa. Se for considerado apto, receberá o encaminhamento para permanecer apenas no AEE (Atendimento Educacional Especializado) da sua escola ou nos demais atendimentos clínicos, se houver necessidade.

Moraes (2020), estabelece a necessidade de o Ensino Estruturado ser flexível e dinâmico, respeitando o tempo, ritmo, diferenças, preferências, potencialidades e aptidões dos indivíduos. Para Bonome-Vanzelli et al., (2021), que fala sobre importância das evidências que comprovam a eficácia do uso do Ensino Estruturado na aprendizagem dos alunos com TEA. Na escolarização dos alunos com autismo, um dos maiores obstáculos é o processo de ensino e aprendizagem, pois uma pessoa com esse transtorno processa as informações de forma peculiar, de maneira específica, com características individualizadas, independentemente do nível de suporte que necessite, sendo primordial propostas e estratégias pedagógicas que utilizem metodologias diferenciadas, para que os alunos com TEA consigam eliminar ou diminuir comportamentos inadequados, potencializando comportamentos funcionais, independência no desenvolvimento de habilidades e autonomia.

3. METODOLOGIA

A metodologia abordou o estudo bibliográfico, qualitativo e descritivo, com registros diários que permitiram que a professora-pesquisadora realizasse todas as etapas do processo de estudo em sua experiência com Ensino Estruturado e a inclusão dos discentes com TEA. A pesquisa bibliográfica, se realizou com base em fontes disponíveis, como documentos impressos e digitais referentes

ao objeto de estudo, como suporte na metodologia foi utilizado referências como a de Marconi e Lakatos (2022).

O lócus da pesquisa foi o Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues é reconhecido como instituição de utilidade pública no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para o refinamento da pesquisa foram feitos estudos sobre a importância e aplicação do ensino estruturado no período de 2015 a 2024, com alunos autistas com idade de 06 a 10 anos de usam o ensino estruturado em seu processo de escolarização.

A pesquisa foi conduzida com uma abordagem descritiva e qualitativa, focando na análise das contribuições do Ensino Estruturado para os atendimentos educacionais especializados de alunos autistas. A metodologia foi dividida em etapas principais para atingir os objetivos propostos, através da revisão bibliográfica, que possibilitou identificar e entender os elementos fundamentais, princípios e características do Ensino Estruturado.

Houve a necessidade de realizar uma revisão extensiva da literatura acadêmica e especializada sobre Ensino Estruturado, com foco em suas definições, teorias subjacentes e práticas recomendadas. A revisão incluiu livros, artigos científicos, e estudos de caso relevantes que discutem a aplicação e a eficácia do Ensino Estruturado com alunos autistas.

Segundo momento foi feito uma análise das contribuições do ensino estruturado, descrevendo e analisando como o Ensino Estruturado contribui para os atendimentos educacionais especializados de alunos autistas. Foram utilizados os procedimentos, como coleta de dados, a partir de observações diretas em ambientes educacionais onde o Ensino Estruturado é implementado. Utilizou-se registros diários e relatórios de práticas pedagógicas para capturar detalhes das estratégias e técnicas aplicadas.

Realizou-se entrevistas e questionários com professores e profissionais especializados que utilizam o Ensino Estruturado, para coletar opiniões e experiências sobre as contribuições dessa prática no atendimento de alunos autistas e como eram avaliados a aplicados o Ensino Estruturado nas práticas pedagógicas.

Foram feitas também observações participativas em salas de aula e ambientes educacionais para examinar como o Ensino Estruturado é aplicado e ajustado conforme a evolução da aprendizagem dos alunos. Após todas essas etapas houve a codificação e análise os dados qualitativos coletados das observações, entrevistas e questionários.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa trouxeram informações importantes relacionadas a aprendizagem dos alunos com TEA e a utilização do Ensino Estruturado, pois foi possível comprovar através das práticas pedagógicas da professora-pesquisadora, ambientes estáveis e organizados, com acolhimento, com intervenções pedagógicas estruturadas, contribuem para flexibilização de comportamentos, rotinas e atividades propostas, oportunizando assim, um trabalho que estabeleça uma rotina de atividades individualizadas, possibilitando também, equilíbrio e desenvolvimento nos déficits cognitivos, sensoriais, sociais, comunicativos e comportamentais presentes no TEA.

As principais descobertas sobre como o Ensino Estruturado contribui para os atendimentos educacionais especializados e suas práticas pedagógicas adaptativas. Importante ressaltar que através dos resultados a professora desenvolveu recomendações para melhorar a aplicação do Ensino Estruturado, com foco na adaptação às necessidades dos alunos autistas e na otimização das práticas pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o estudo evidencia que o uso do Ensino Estruturado é benéfico na aprendizagem dos alunos com autismo, pois melhora sua autonomia através de capacidades adaptativas, agindo como fator de organização e previsibilidade da rotina, proporcionando ao aluno com TEA a compreensão que necessita para se ajustar no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

APA. Associação Psiquiátrica Americana. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-V).** Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

BONOME-VANZELLI, Sílvia R. Cassan; FELIPPE, Aline C.T.; PALEARI, Ana P. G.; VERDIANI, Carlos E. S.; ALVES, Janaína G. de S.; OLIVEIRA, Rebeca dos Santos. **Contribuições do Programa TEACCH à educação regular**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.11, p. 103837-103851 nov. 2021.

FERREIRA, Juliana Carvalho Ferreira; PATINO, Cecilia Maria Patino. **Randomização**: mais do que o lançamento de uma moeda. Educação continuada: metodologia científica. Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia, 2016

FONSECA, Maria Elisa Granchi; CIOLA, Juliana de Cássia Baptistella. **Vejo e Aprendo**: Fundamentos do Programa TEACCH – O ensino Estruturado para Pessoas com Autismo. 2 ed. Ribeirão Preto: Book Toy, 2016.

GAIATO, Mayra. **S.O.S. autismo:** guia completo para atender o Transtorno do Espectro Autista. – São Paulo: Versos, 2018.

GARCIA, Gilberto. Diagnostico do Transtorno do Espectro do Auitsmo. In: LEON, Viviane Costa de (org.). **Autismo:** como o transtorno do implícito e seus possíveis desdobramentos terapêuticos**.** 1. Ed. Curitiba, PR: editora Pólis Civitas, 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. – 9. ed. – São Paulo: Atlas, 2022.

LEON, Viviane Costa de. **Práticas baseadas em experiências para aplicação do TEACCH nos Transtornos do Espectro do Autismo**. Memnon, 2013.

LEON, Viviane Costa de. **Autismo:** como o transtorno do implícito e seus possíveis desdobramentos terapêuticos**.** 1. Ed. Curitiba, PR: editora Pólis Civitas, 2020.

LEITÃO, Patrícia Batista. **Transtorno do Espectro do Autismo na Perspectiva do Ensino Estruturado.** Pedagogia em Ação, v. 8, n. 2, 2016.

MORAES, Cláudia Coelho de. Recursos Educacionais Adaptados e Estruturados. In: **Autismo**: Caminhos para a Inclusão, 2020, p.100-117.

PIERANGELO, R., GIULIANI, G. **Teaching Students with autismo espectrum disordem**. N: skhorse publishines. 2012.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CERNDR, revisitado para atender o Parecer Técnico nº 007/2024 UOEP/NATEP/CODNOPE/CEBEP/SAPE/ SEED. 2024

EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E CONTEXTUALIZADA[1]

RIVERINE EDUCATION: CHALLENGES AND SOLUTIONS FOR INCLUSIVE AND CONTEXTUALIZED EDUCATION

EDUCACIÓN RIVERINA: RETOS Y SOLUCIONES PARA UNA EDUCACIÓN INCLUSIVA Y CONTEXTUALIZADA

Raimunda Gomes Maciel[2]
Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo[3]
Ana D'Arc Martins de Azevedo[4]

Resumo: A região amazônica apresenta uma notável diversidade cultural e étnica, destacando-se entre os grupos habitantes os povos ribeirinhos, cuja subsistência está intrinsecamente ligada aos recursos naturais disponíveis. O presente estudo visa investigar os desafios enfrentados na educação formal dessas comunidades. A pesquisa, fundamentada em uma revisão de literatura, busca soluções para superar os obstáculos à educação de povos ribeirinhos, a partir da promoção de uma abordagem inclusiva que valorize suas culturas. A partir das informações que forma o arcabouço teórico da pesquisa foram identificados desafios que vão desde a extrema pobreza até a carência de educadores qualificados, o que compromete o processo educativo nessas regiões, resultando em um ensino de baixa qualidade e, consequentemente, lacunas no aprendizado dos alunos. Ao abordar essas questões, pretende-se

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST2 - Diversidade e inclusão educacional e correlatas em saberes e práticas de protagonismo Amazônida do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestra em Gestão de Recursos Naturais pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Graduada em Letras com habilitação em Português, Inglês, as literaturas, pela Universidade da Amazônia (UNAMA) .Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinar em Diversidade e Inclusão (UNAMA/CNPq).: ORCID: orcid.org/0000-0002. Lates: http://lattes.cnpq.br/0256269292991992 Orcid -0418-7285 | E-mail: raimunda_gonalves@yahoo.com.br

[3] Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Administração - PPAD pela Universidade da Amazônia (UNAMA), Professora Titular do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Linguagens e Culturas – PPGCLC na Universidade da Amazônia – UNAMA, E-mail: betania.fidalgo@unama.br, Lattes: http://lattes.cnpq.br/6652286587435605, ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7745-6394.

[4] Doutora em Educação/Currículo PUC/SP. Professora da Universidade da Amazônia (UNAMA) e da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E- mail: azevedoanadarc@gmail.com http://lattes.cnpq.br/0257982352792085. https://orcid.org/0000-0003-4240-9579

garantir uma educação de qualidade, inclusiva e contextualizada, essencial para a promoção da equidade e do empoderamento dos povos ribeirinhos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Povos ribeirinhos; Desafios socioeconômicos. Diversidade cultural; Formação de professores.

Abstract: The Amazon region presents a notable cultural and ethnic diversity, with riverside peoples standing out among the inhabitants, whose subsistence is intrinsically linked to the natural resources available. The present study aims to investigate the challenges faced in the formal education of these communities. The research, based on a literature review, seeks solutions to overcome obstacles to the education of riverside peoples, by promoting an inclusive approach that values their cultures. Based on the information that forms the theoretical framework of the research, challenges were identified ranging from extreme poverty to the lack of qualified educators, which compromises the educational process in these regions, resulting in low quality teaching and, consequently, gaps in learning. of students. By addressing these issues, the aim is to guarantee quality, inclusive and contextualized education, essential for promoting equity and empowerment of riverside people.

Keywords: Inclusive Education; Riverside people; Socioeconomic challenges. Cultural diversity; Teacher training.

Resumen: La región amazónica presenta una notable diversidad cultural y étnica, destacando entre sus habitantes los pueblos ribereños, cuya subsistencia está intrínsecamente ligada a los recursos naturales disponibles. El presente estudio tiene como objetivo investigar los desafíos que enfrentan en la educación formal de estas comunidades. La investigación, basada en una revisión de la literatura, busca soluciones para superar obstáculos a la educación de los pueblos ribereños, promoviendo un enfoque inclusivo que valore sus culturas. A partir de la información que conforma el marco teórico de la investigación, se identificaron desafíos que van desde la pobreza extrema hasta la falta de educadores calificados, que compromete el proceso educativo en estas regiones, derivando en una enseñanza de baja calidad y, en consecuencia, brechas en los aprendizajes. estudiantes. Al abordar estas cuestiones se pretende garantizar una educación de calidad, inclusiva y contextualizada, fundamental para promover la equidad y el empoderamiento de las poblaciones ribereñas.

Palavras clave: Educación Inclusiva; Gente ribereña; Retos socioeconómicos. Diversidad cultural; Formación docente.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação da pesquisa

De acordo com Mercês; Oliveira (2018), a região amazônica é lar de uma impressionante diversidade cultural e étnica, destacando-se entre seus habitantes os povos ribeirinhos, cujas comunidades mantêm uma relação intrínseca com os rios e florestas, dependendo desses recursos naturais para sua subsistência e a preservação de suas culturas. Todavia, Nozu; Sá; Damasceno (2019) sinalizam que, embora essas comunidades possuam um rico patrimônio cultural e conhecimento tradicional, enfrentam desafios significativos no acesso à educação formal e na formação de professores qualificados para atender suas necessidades específicas.

Nesse contexto, a educação inclusiva e contextualizada é fundamental para promover a equidade e o empoderamento dessas populações, reconhecendo e valorizando sua identidade cultural e suas formas de conhecimento. Uma educação que considere a realidade local torna-se uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento sustentável, a preservação ambiental e a construção de uma sociedade mais justa.

É por isso que esse estudo tem objetiva analisar os desafios enfrentados na educação dos povos ribeirinhos da Amazônia e apresentar soluções para promover uma educação inclusiva e contextualizada nessas comunidades. Ressalte-se que tal objetivo é subsidiado pelos seguintes objetivos específicos: investigar as dificuldades no acesso à educação formal, considerando barreiras geográficas, de infraestrutura, socioeconômicas e culturais; analisar os obstáculos relacionados à formação de professores, levando em conta a escassez de profissionais qualificados e as dificuldades de acesso à formação; e propor soluções que promovam uma educação inclusiva, destacando a importância da parceria entre escolas e comunidades, a valorização da cultura ribeirinha no currículo escolar e a utilização de tecnologias educacionais para superar barreiras geográficas.

Diante disso, se torna imperativo responder à seguinte questão: como superar os desafios enfrentados na educação dos povos ribeirinhos na Amazônia, considerando as dificuldades de acesso à educação formal, a escassez de formação de professores e a necessidade de uma abordagem inclusiva que valorize a cultura e as particularidades dessas comunidades?

Importante mencionar que para responder à problemática é necessário considerar a premissa de que os povos ribeirinhos vivem às margens dos rios na região amazônica e possuem uma relação profunda com o ambiente natural, dependendo dos recursos fluviais e florestais para suas atividades de pesca, agricultura, extrativismo e transporte, o que torna evidente que possuem um vasto conhecimento tradicional.

No entanto, as comunidades ribeirinhas enfrentam desafios significativos no acesso à educação formal, especialmente devido à sua localização remota e à falta de infraestrutura adequada, razão pela qual a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva e contextualizada é essencial para garantir que os povos ribeirinhos tenham acesso a uma educação de qualidade que respeite e valorize sua cultura e conhecimento tradicional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Mercês; Oliveira (2018) e Carmo; Cunha; Prazeres (2020) sinalizam que os povos ribeirinhos da Amazônia enfrentam sérias dificuldades no acesso à educação formal, principalmente devido à localização remota e à falta de escolas nas proximidades.

Com isso, afirmam que a necessidade de percorrer longas distâncias, muitas vezes em rios perigosos, compromete a frequência escolar e o progresso e, como consequência, observa-se a precariedade da infraestrutura educacional e a falta de investimento governamental que perpetuam a exclusão educacional, dificultando o acesso a oportunidades de aprendizado.

Da mesma forma, Cardoso; Darwich (2023) e Silva; Rodrigues (2021) reiteram que a complexidade geográfica da região amazônica, caracterizada por rios extensos e florestas densas, deve ser considerada, haja vista que agrava as dificuldades de acesso à educação.

Como consequência, tem-se a ausência de infraestrutura adequada, como estradas e transporte regular, que limita o deslocamento e o transporte de materiais educacionais, prejudicando o desenvolvimento educacional das comunidades ribeirinhas, de modo que essas barreiras também dificultam não

apenas o acesso às escolas, mas também a disponibilidade de recursos necessários para uma educação de qualidade.

Além disso, Santos; Molina (2020) destacam que as comunidades ribeirinhas enfrentam condições de pobreza e dificuldades socioeconômicas, como a falta de emprego e serviços básicos, sendo essas circunstâncias as principais causas que levam muitos estudantes a trabalharem desde cedo, comprometendo sua permanência na escola. E mais, os autores citados apontam as diferenças culturais entre os povos ribeirinhos e o sistema educacional predominante, que segundo eles, geram alienação e desinteresse pelos estudos, pois a educação formal frequentemente não valoriza o conhecimento tradicional e as práticas culturais locais.

Para Nozu; Sá; Damasceno (2019) e Santos (2021), há grande prejuízo para a formação de professores nas comunidades ribeirinhas, pois a formação continuada e a atualização pedagógica dos educadores é, na maioria das vezes, esquecida, devendo-se mencionar ainda, a escassez de incentivos financeiros e a precariedade das condições de trabalho, que desestimulam a atração de novos professores, resultando em baixa qualidade educacional e aumento da evasão escolar. O que é grave, pois a falta de valorização da diversidade cultural nas formações pedagógicas pode levar à perda da identidade cultural dos estudantes.

Diante disso, percebe-se que os povos ribeirinhos da Amazônia enfrentam múltiplas barreiras que limitam seu acesso à educação, incluindo a falta de escolas, desafios geográficos, problemas socioeconômicos e a escassez de professores qualificados, por isso, superar essas dificuldades requer um esforço conjunto de governos, instituições educacionais e comunidades para garantir uma educação de qualidade, inclusiva e que respeite a diversidade cultural.

2.1 Método da pesquisa

A presente pesquisa utilizou o método de revisão de literatura para analisar os desafios enfrentados na educação dos povos ribeirinhos da Amazônia e propor soluções que promovam uma educação inclusiva e contextualizada. Segundo Gil (2017), a revisão de literatura é uma abordagem sistemática que

visa compilar, avaliar e sintetizar estudos anteriores sobre um tema específico, permitindo uma compreensão abrangente do estado atual da pesquisa e das lacunas existentes.

Assim, a revisão de literatura foi sustentada por autores que discutem a importância da educação contextualizada e inclusiva e que enfatizam a relevância da educação que respeite a cultura local, analisando as condições socioeconômicas das comunidades ribeirinhas e suas implicações educacionais.

3. RESULTADOS

Os obstáculos à implementação de uma educação inclusiva e contextualizada nas comunidades ribeirinhas são variados e impactam diretamente o acesso à educação. Cardoso; Darwich (2023) destacam que muitas dessas comunidades se encontram em situações de pobreza extrema, com acesso restrito a serviços essenciais como saúde e saneamento. Essa realidade resulta em uma escassez de recursos financeiros, dificultando o investimento das famílias ribeirinhas na educação de seus filhos. Em muitos casos, as crianças são forçadas a trabalhar desde cedo, seja para auxiliar nas tarefas domésticas ou para contribuir com o sustento familiar, o que compromete sua frequência escolar regular.

Além disso, Santos (2021) destaca que a carência de infraestrutura econômica nas regiões ribeirinhas restringe as oportunidades de emprego e a geração de renda para os residentes, gerando um ciclo de pobreza que dificulta o investimento em educação e perpetua a exclusão social. Essa situação é agravada pela escassez de oportunidades educacionais, manifestando-se em questões como a falta de acesso a recursos educacionais adequados, livros didáticos e materiais escolares, problemas que decorrem da precariedade socioeconômica dessas comunidades.

Entretanto, uma das principais dificuldades continua sendo a escassez de professores qualificados nas comunidades ribeirinhas. Santos; Molina (2020) ressaltam que a ausência de educadores capacitados na Amazônia impacta de maneira direta e significativa o desempenho dos alunos. Nessa linha, Nozu, Sá; Damasceno (2019) afirmam que a baixa qualidade do ensino se deve à falta de formação adequada e à insuficiente atualização pedagógica dos professores, o

que dificulta a oferta de um ensino de qualidade. Assim, esses educadores podem ter conhecimentos limitados sobre métodos de ensino eficazes, estratégias de avaliação e o uso de recursos educacionais apropriados, resultando em aulas menos envolventes e eficazes, com menor aproveitamento por parte dos alunos.

Uma consequência imediata dessa situação é a criação de lacunas no aprendizado dos alunos, uma vez que, como destacam Pinheiro; Borges (2020), professores sem a devida formação podem não conseguir abordar todos os conteúdos curriculares de maneira apropriada, resultando em deficiências em áreas específicas. Isso pode comprometer o avanço acadêmico dos estudantes e dificultar sua preparação para fases posteriores da educação.

Cavalcante *et. al.,* (2021) ressaltam que professores qualificados conseguem identificar as necessidades individuais dos alunos e oferecer suporte personalizado. Contudo, a escassez de educadores capacitados nas comunidades ribeirinhas dificulta essa atenção individualizada, prejudicando alunos que precisam de apoio adicional ou têm diferentes estilos de aprendizagem. Além disso, conforme Maciel (2020), professores competentes são essenciais para promover a autoestima e valorizar a identidade cultural dos alunos, ao integrar saberes tradicionais no currículo, permitindo que se sintam representados e valorizados na escola.

A ausência de professores que entendam e valorizem a cultura ribeirinha pode resultar em uma perda gradual da identidade cultural dos alunos, afetando negativamente sua autoestima e senso de pertencimento. Assim, a falta de educadores qualificados não prejudica apenas os alunos individualmente, mas também impacta as comunidades ribeirinhas como um todo, uma vez que uma educação de qualidade é fundamental para o desenvolvimento social, econômico e cultural. A escassez de professores capacitados perpetua um ciclo de desigualdade, limitando as oportunidades de crescimento e avanço.

Além disso, essa combinação de desafios contribui para altas taxas de evasão escolar entre os povos ribeirinhos. As barreiras de acesso, geográficas e socioeconômicas, somadas às diferenças culturais, levam muitos estudantes a abandonarem os estudos precocemente ou a frequentarem a escola de forma

irregular. Como resultado, a evasão escolar compromete o desenvolvimento educacional dessas comunidades, restringindo suas oportunidades de aprendizado e empoderamento (Carmo; Cunha; Prazeres, 2020).

Dessa forma, é crucial que haja um investimento significativo na formação de professores que não apenas compreendam a realidade local, mas também integrem a cultura ribeirinha ao currículo. Isso não apenas fortaleceria a identidade cultural dos alunos, mas também contribuiria para um futuro mais justo e equitativo para as comunidades ribeirinhas.

As dificuldades enfrentadas pelos povos ribeirinhos na Amazônia evidenciam a urgência de abordagens educacionais que sejam inclusivas e contextualizadas. É essencial superar as barreiras geográficas e de infraestrutura, além de reconhecer e valorizar a cultura e o conhecimento tradicional dessas comunidades. Ao adotar essas práticas, será possível promover uma educação mais acessível, relevante e significativa, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento cultural dos ribeirinhos.

No entanto, para enfrentar esses desafios, é imprescindível que governos e instituições educacionais se comprometam de maneira efetiva a garantir o acesso equitativo à educação formal para os povos ribeirinhos. Isso pode ser alcançado por meio de ações como a construção de escolas nas áreas ribeirinhas e a disponibilização de recursos educacionais adequados. Também é crucial desenvolver estratégias de transporte seguro e confiável, assegurando que os estudantes consigam frequentar a escola regularmente (Nozu; Sá; Damasceno, 2019).

Nessa perspectiva, a implementação dessas medidas não apenas melhoraria a qualidade da educação, mas também fortaleceria o vínculo das comunidades ribeirinhas com sua identidade cultural. Investir na educação dessas populações é uma forma de promover justiça social e igualdade de oportunidades, essenciais para um futuro mais equitativo.

Para enfrentar esses desafios, é fundamental realizar investimentos significativos em infraestrutura, incluindo a construção de estradas, pontes e escolas nas áreas ribeirinhas. Além disso, garantir o acesso a recursos educacionais modernos é essencial para promover a equidade educacional e

oferecer oportunidades adequadas de aprendizado aos povos ribeirinhos na Amazônia.

Logo, a implementação de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento socioeconômico dessas áreas é crucial e envolve investimentos em infraestrutura, geração de renda e apoio financeiro às famílias mais vulneráveis. É igualmente importante que o sistema educacional respeite e valorize as tradições culturais dos povos ribeirinhos, incorporando seus conhecimentos e línguas no currículo.

Portanto, a inclusão das culturas locais no sistema educacional não apenas enriquece a experiência de aprendizado, mas também fortalece a identidade cultural e o pertencimento dos alunos. Investir de maneira integrada em infraestrutura e educação pode levar a um futuro mais justo e sustentável para as comunidades ribeirinhas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia brasileira abriga uma rica diversidade cultural, especialmente entre as comunidades ribeirinhas, que possuem vastos conhecimentos que devem ser valorizados por meio da educação formal. No entanto, essas comunidades enfrentam barreiras significativas para acessar a educação formal, como a localização remota das escolas, comprometendo o desenvolvimento dos estudantes e o progresso educacional dessas áreas.

Diante desse cenário, é fundamental reconhecer que a educação dos povos ribeirinhos apresenta desafios únicos que demandam abordagens inclusivas e contextualizadas. A falta de professores qualificados tem implicações diretas no aprendizado dos alunos, e é crucial identificar soluções que promovam uma educação efetiva e significativa.

Uma solução viável é investir na formação e capacitação de educadores que compreendam as realidades e culturas dos povos ribeirinhos. Isso pode ser realizado por meio de programas de formação inicial e contínua, que preparem os professores para atuar de maneira sensível e eficiente. Além disso, é essencial desenvolver estratégias pedagógicas que integrem conteúdos curriculares adaptados à realidade local, incorporando elementos da cultura e

práticas sustentáveis da região, o que tornará a educação mais relevante e valorizadora da identidade cultural dos alunos.

A implementação dessas soluções requer um compromisso constante de governos, instituições educacionais e da sociedade, pois a educação dos povos ribeirinhos é uma questão fundamental para construir uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Superar esses desafios permitirá garantir uma educação de qualidade, capacitando esses povos a enfrentarem as dificuldades atuais e futuras.

Portanto, na minha opinião, é vital que as políticas educacionais considerem não apenas a infraestrutura, mas também a valorização da cultura local. Essa abordagem não apenas promove a igualdade de oportunidades, mas também fortalece a identidade cultural, essencial para o desenvolvimento sustentável das comunidades ribeirinhas. Assim, a educação deve ser vista como um direito fundamental, que deve ser acessível a todos, independentemente de sua localização geográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO , Jefferson Luis da Silva; DARWICH , Rosângela Araújo. O espaço da escola do campo ribeirinha na cidade de Belém do Pará: direções das pesquisas acadêmicas em educação. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 8, p. e14836, 2023. DOI: 10.20873/uft.rbec.e14836. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/14836. Acesso em: 28 ago. 2024.

CARMO, Eraldo Souza do; CUNHA, Franciely Farias da; PRAZERES, Maria Sueli Corrêa dos. Transporte escolar na Amazônia: uma análise dos condicionantes de acesso de estudantes ribeirinhos à escola do campo**. Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 5, p. e6897, 2020. DOI: 10.20873/uft.rbec.e6897. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/6897. Acesso em: 27 ago. 2024.

CAVALCANTE, A. C. A.; DE OLIVEIRA, L. G. N. M.; CORRÊA, C. da S.; SAMPAIO, M. de O.; ORLET, M. J. A importância das brincadeiras para o desenvolvimento cultural e formativo de crianças ribeirinhas na Ilha do Combú em Belém do Pará. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 31106–31119, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n3-707. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/27123. Acesso em: 28 ago. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 14 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MACIEL, Raimunda Gomes. Aplicação de Metodologias Ativas como instrumentos de divulgação sobre plantas medicinais no município de Igarapé-Miri. 2020. 60f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

MERCÊS, Ronielson Santos das; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A educação inclusiva em escolas multisseriadas do campo na Amazônia Paraense. **Interfaces da Educação**, [S. l.], v. 9, n. 27, p. 418–442, 2018. DOI: 10.26514/inter.v9i27.2956. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/2956. Acesso em: 27 ago. 2024.

NOZU, Washington Cesar Shoiti; SÁ, Michele Aparecida de; DAMASCENO, Allan Rocha. Educação especial em escolas do campo e indígenas. RTPS - **Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 4, n. 7, p. p. 51-64, 2019. Disponível em: https://costalima.ufrrj.br/index.php/RTPS/article/view/256 Acesso em: 29 ago. 2024.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Reflexão sobre currículo nos anos finais do ensino fundamental em uma escola do campo ribeirinho na Amazônia paraense. **Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 16, 2020. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2865 Acesso em: 27 ago. 2024.

SANTOS, Jenijunio dos; MOLINA, Mônica Castagna. O protagonismo e as práticas pedagógicas dos egressos da Licenciatura em Educação do Campo no contexto do território ribeirinho da Amazônia paraense tocantina. **Revista Kiri-Kerê Pesquisa em Ensino**, v. 1, n. 4, p. 32-45, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/31839 Acesso em: 27 ago. 2024.

SANTOS, Adriano Fernandes dos. Formação continuada de professores ribeirinhos em uma escola do Rio Mamuru, no município de Juruti - Pará: desafios e perspectivas. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação - Ciências Humanas. ICSEZ - Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Parintins). 2021. Disponível em: https://www.riu.ufam.edu.br/handle/prefix/6872 Acesso em: 28 ago. 2024.

SILVA, Maria Graça; RODRIGUES, Marinês de Maria Ribeiro. Educação e ambiente: saberes que informam ações do Movimento dos Ribeirinhos de Abaetetuba - Moriva/Pa. Ambiente e Educação: **Revista de Educação Ambiental**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 138–166, 2021. DOI: 10.14295/ambeduc.v26i1.13119. Disponível em: https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/13119. Acesso em: 27 ago. 2024.

DISLEXIA: FORMAÇÃO PARA FAMÍLIA E DESAFIOS ENFRENTADOS[1]

DYSLEXIA: TRAINING FOR THE FAMILY AND CHALLENGES FACED

DISLEXIA: FORMACIÓN FAMILIAR Y DESAFÍOS AFRONTADO

Walquíria Marcelina de Almeida[2]
Alzira Maria Mendes Ferreira Passos[3]
Rosangela Araújo Darwich[4]

RESUMO: A sociedade contemporânea, com sua rápida disseminação de informações e avanços tecnológicos, intensificada pela pandemia de 2019, impõe desafios complexos a famílias e crianças. A pressão por desempenho escolar reflete um ideal de perfeição que dificulta a elaboração subjetiva, evidenciando a necessidade de entender profundamente esses desafios. Este artigo explora a importância do suporte pedagógico na formação familiar e sua influência no presente, passado e futuro dos indivíduos, destacando a relevância de uma abordagem investigativa fundamentada em pesquisa bibliográfica. A família, como construção social, evolui em resposta às mudanças sociais. Conclui-se que há uma carência de informações sobre dislexia em contextos educacionais e familiares, o que compromete o diagnóstico e o suporte eficaz, dificultando o trabalho dos professores em associar os sintomas à dislexia.

Palavras-chave: Dislexia, Prática formativa familiar, Informação e Formação.

ABSTRACT: Contemporary society, with its rapid dissemination of information and technological advances, intensified by the 2019 pandemic, imposes complex challenges on families and children. The pressure to perform at school reflects an ideal

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho **ST2: DIVERSIDADE E INCLUSAO EDUCACIONAL E CORRELATAS EM SABERES E PRÁTICAS DE PROTAGONISMO AMAZÔNIA** do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC); Neuropsicopedagoga e Pedagoga pela Universidade da Amazônia (Unama). Integrante dos grupos de pesquisa “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência” e “Interfaces do Texto Amazônico” (GITA) marcelina.pedagogia@gmail.com. ORCID 0000-0002-2845-5440.

[3]Especialista em Neuropsicopedagogia pela faculdade Brasil e Amazônia (FIBRA) e Pedagoga (UNIP). alziraamendes@gmail.com. ORCID 0009-0005-1661-7763

[4] Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama). Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência (CNPq). E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

of perfection that hinders subjective development, highlighting the need to understand these challenges in depth. This article explores the importance of pedagogical support in family formation and its influence on the present, past and future of individuals, highlighting the relevance of an investigative approach based on bibliographical research. The family, as a social construct, evolves in response to social changes. The conclusion is that there is a lack of information on dyslexia in educational and family contexts, which compromises diagnosis and effective support, making it difficult for teachers to associate symptoms with dyslexia.

Key words: Dyslexia, Family training practice, Information and Training.

RESUMEN: La sociedad contemporánea, con su rápida difusión de la información y los avances tecnológicos, intensificada por la pandemia de 2019, impone retos complejos a las familias y los niños. La presión por el rendimiento escolar refleja un ideal de perfección que dificulta el desarrollo subjetivo, lo que pone de relieve la necesidad de comprender en profundidad estos desafíos. Este artículo explora la importancia del apoyo pedagógico en la formación de la familia y su influencia en el presente, pasado y futuro de los individuos, destacando la relevancia de un enfoque investigativo basado en la búsqueda bibliográfica. La familia, como construcción social, evoluciona en respuesta a los cambios sociales. La conclusión es que existe una falta de información sobre la dislexia en los contextos educativo y familiar, lo que pone en peligro el diagnóstico y el apoyo eficaz, dificultando que los profesores asocien los síntomas con la dislexia.

Palavras clave: Dislexia, Práctica de formación familiar, Información y Formación.

INTRODUÇÃO

A dinâmica social, marcada por relações e correlações de forças, molda o núcleo familiar e a formação dos indivíduos. As transformações rápidas no tempo e espaço, especialmente após a pandemia, resultaram em rupturas significativas no processo de ensino-aprendizagem, impactando crianças com transtornos de aprendizagem, como a dislexia.

Assim, a família desempenha um papel relevante na compreensão e no apoio de crianças disléxicas. Segundo Amorim e Oliveira (2016), é essencial que a família organize seu tempo e analise seus conceitos sobre a dislexia para evitar discriminação e danos ao desenvolvimento da criança. A análise das interações entre fatores neurobiológicos, psicológicos e pedagógicos, e a escuta ativa das famílias, permitem uma intervenção mais precisa e contextualizada.

Conforme o Instituto ABCD (2023) e os autores Shaywitz e Shaywitz (2023), a dislexia é um transtorno complexo ligado aos sistemas cerebrais responsáveis pela

linguagem. A família, como agente integrador, tem um papel fundamental na promoção da integração e do sucesso acadêmico de filhos com dislexia, influenciando o processo educativo desde o núcleo familiar até a escola.

Essa visão pelos autores acima assume as intenções e crenças das diferentes formas de lidar com a dislexia graças aos avanços das neurociências e suas aplicabilidades no campo da educação, comunicação e da psicopedagogia. Dito de modo simples, o papel da família trata como agente integrador e articulador das relações e valores ações encaminhadas com objetivos pedagógicos e sociais que serão depois implicados posteriormente pelo segundo núcleo, que se realizará na escola. O crescente interesse pela temática é evidenciado não apenas pela diversidade de pesquisas e publicações recentes, mas também pela sua crescente relevância nas discussões globais e nacionais

Este artigo explora a importância da prática pedagógica familiar no sucesso acadêmico de crianças disléxicas, com o objetivo de promover a integração e o desenvolvimento acadêmico, emocional e social dessas crianças. Dessa forma, o método de pesquisa considerado mais apropriado para responder à questão foi um o estudo bibliográfico de caráter descritiva e exploratório utilizando uma abordagem qualitativa proposto por Severino (2018) sendo uma pesquisa realizada nas bases google acadêmico, Scielo, livros e indexados partir de autores que examinam e compreendem dentro da educação e saúde sobre a família, dislexia no período de 2020 a 2021 fase crítica da pandemia globalizante pela crescente discussão a respeito de ambos os assuntos no Brasil.

Por último fizemos análise e interpretação dos dados coletados para respondermos a revisão da literatura. Desse modo, justifica-se um estudo que possibilitara olhares interdisciplinares de conhecer subsídios para o exercício da prática educativa, ampliando nossos conhecimentos buscando alternativas para as necessidades de cada realidade da família na compreensão de seu próprio papel e do papel do contexto para que ele venha a ter uma inserção total sem segregação.

A FAMÍLIA E A DISLEXIA A PARCERIA DE SUCESSO.

O ambiente familiar é o primeiro ambiente social da criança, o qual deve ser rico em estimulação para com as primeiras experiências, dentre elas as que

potencializam o desenvolvimento da linguagem, permitindo que a criança se comunique mais ativamente e com maior complexidade. No entanto, a questão é que a família se transforma e se modifica mediante o contexto social, histórico e econômico (CAETANO, YAEGASHI, 2024) pensando na abordagem dos autores acima essas variáveis não apenas influenciam os recursos e o suporte disponíveis, mas também afetam a forma como as famílias se ajustam e adaptam suas abordagens ao longo do tempo. Reconhecer essas influências é essencial para oferecer um suporte mais eficaz e compreensivo para famílias que enfrentam desafios relacionados à dislexia.

Todavia, o transtorno da dislexia exige da família amigos e pessoas envolvidas um comprometimento diferenciado e multidisciplinar para que o indivíduo disléxico não sofra no seu desenvolvimento, sendo assim, a grande parte central familiar nem vê isso como um problema o *"falar errado*", acanhando ser coisa de criança, e que *"depois passa".* Por isso, muitos diagnósticos se atrasam e a só perceberão de que seus/suas filhos (as) podem ter diagnostico de dislexia chega tarde demais. Winnicott (1982 p.6) ressalta que:

> [...] os pais, especialmente a mãe, auxiliam determinantemente na transição e relação da criança do seu mundo interno com o externo, mediando experiências, apresentando o mundo, primeiros objetos ou símbolos funcionais do ambiente familiar, do contexto social no qual está inserida [...]

É através das dificuldades escolares persistentes, o buscar pelo diagnostico e pelos tratamentos necessários são parte de uma jornada solitária e silenciosa trocada pelos familiares de crianças com dislexia durante a anamnese muitas vezes acompanhado por sentimento de culpa esse longo trajeto torna-se mais leve quando podem contar com grupos de apoio.

Por isso, é substancial conhecer e entender as causas, os tipos e as características desse transtorno. Logo, a dislexia não é uma doença, ou seja, por motivo genético ou por distúrbios adquiridos nos primeiros anos de vida esses circuitos e essas conexões existentes no cérebro não conseguem se desenvolver, levando a uma insuficiência de ligações entre as áreas responsáveis pela formação da competência e habilidades para leitura e escrita, ou seja, o aluno passa a ter uma dificuldade maior de raciocinar, compreender, memorizar conteúdos vinculados à leitura, escrita e soletração, entre outros (SILVA; CONCEIÇÃO; TAVARES, 2016).

É indispensável, que se abram caminhos para que as pessoas que não conhecem possam perceber e interpretar como se manifesta essa dificuldade de aprendizagem, a falta de conhecimento sobre a dislexia é um fator muito preocupante. Sob esse prisma é possível perceber na literatura e estudos a respeito da temática o sistema familiar tem grande fator de risco para mal funcionamento do diagnostico ocasionado através dos estímulos precários na primeira infância, problemas pedagógicos em séries iniciais e fatores afetivo-emocionais na escola e na família estão entre as principais causas dos problemas no desenvolvimento psicossocial, cognitivo e de transtornos na aprendizagem.

Em acepção, o DSM 5 (2014) explica que indivíduos com dificuldades de aprendizado específicas aqui a dislexia e uma delas apresentam níveis normais de inteligência, sendo comuns pontuações de QI acima da média sendo o seu (CID-11 6A03.1) atribuído a distúrbio de aprendizagem do desenvolvimento com deficiência na expressão escrita. Para um maior entendimento, buscamos em Mantoan **(**2016, p.10) a seguinte reflexão:

> [,] como então, compreender o sentido do diagnostico, se a diferença ao contrário do diverso, não é a repetição do mesmo. Está sempre se diferenciando. Somos seres singulares, ao tempo, mutantes. Portanto, escapamos de toda e qualquer possibilidade de nos encaixarmos em categorizações, classificações, qualidades que possam nos representar e nos definir por meio de uma identidade fixada e estável.

Segundo a autora, a compreensão do diagnóstico torna-se desafiadora nesse contexto, uma vez que a natureza humana escapa das categorizações e classificações, não podendo ser facilmente representada ou definida por meio de uma identidade fixada e estável. Neste sentido entra a anamnese o termo grego "*anamenésis"* que significa "*lembranças "ou* referência é marcada pela "escuta" p que contribui para uma avaliação mais abrangente. Para determinar a influência do histórico familiar na saúde das crianças disléxicas, seja necessário e importante realizar uma pesquisa minuciosa e formular perguntas pertinentes para uma identificação precisa.

Neste contexto, uma anamnese cuidadosa torna-se indispensável permitindo ao profissional identificar padrões, entender a natureza das dificuldades e estabelecer um plano de intervenção personalizado. Todavia, o ato de ouvir uma história sem

julgamentos morais desempenha um papel crucial na prática clínica, especialmente ao se avaliar a história do paciente e compreender seus vínculos familiares e comportamento interpessoal. Ou seja, este momento delicado possibilita que a família revele informações significativas, resgatando narrativas relacionadas a eventos emocionais como gravidez, nascimento e experiências marcantes na infância. Cria-se um ambiente de confiança, mas também permite que o paciente e a própria família se sintam ouvida e compreendida.

Neste panorama o método de escuta ativa permite ao multiprofissionais obter insights que transcende a esfera genética, desempenhando igualmente um papel crucial na compreensão dos hábitos de saúde, estilos de vida e fatores ambientais mais profundos sobre a dinâmica familiar, os padrões de interação e os fatores que podem contribuir para a saúde mental do paciente (filhos) com dislexia

É ideal que a família aprenda a lidar com a perturbação da aprendizagem específica, uma vez que afeta o cotidiano do seu filho. Contudo, a comunicação efetiva entre a família e a escola é essencial.

Logo, o núcleo parental deve estar envolvido no processo educacional de seus filhos, compartilhando informações sobre o seu diagnóstico e trabalhando em conjunto com os educadores para desenvolver estratégias de ensino personalizadas abrirá uma conexão emocional para um impacto significativo no engajamento dos seus filhos no tratamento da dislexia, contribuindo para melhores resultados. De acordo com Smith e Strick (2007, p.216):

> As dificuldades de aprendizagem são problemas fisiológicos que podem ocorrer em qualquer tipo de família. Elas não são um reflexo de seu estilo de vida, de sua inteligência, de suas habilidades como pai e mãe, ou de valor como ser humano.

Por isso, dentro do contexto da dislexia, a anamnese desempenha um papel crucial para compreender a história do indivíduo, os sinais precoces de dificuldades na leitura e as experiências ao longo do tempo. Oliveira (2020, p.18), aponta que:

> a dislexia não é igual para todos, pois [...] ela tem impactos diferentes. A dislexia possui sintomas variados que diferem de acordo com os níveis de gravidade, e ficam mais claros durante a alfabetização. O primeiro indício do distúrbio é a dificuldade em conectar a palavra escrita ao som da fala.

Isto significa dizer que ao realizarmos a escuta com a família para avaliação de dislexia, traremos alguns aspectos importantes que podem ser considerados como marco importante do desenvolvimento de sua criança assim se aplica para: *O desenvolvimento da linguagem* na infância são marcos importantes que incluem a aquisição da fala e o início da leitura. *A história familiar* também desempenha um papel relevante, uma vez que a dislexia e outras dificuldades de aprendizado podem ter componentes hereditários. Investigar a presença de tais dificuldades em membros da família pode oferecer pistas valiosas para a compreensão dos desafios enfrentados pelo indivíduo. Nessa fase, *o feedback dos professores e as intervenções pedagógicas* tornam-se essenciais. A identificação precoce de dificuldades, como a dislexia, é frequentemente acompanhada por estratégias de suporte educacional específicas, que podem variar em eficácia dependendo de cada caso. Do ponto de vista *emocional e social*, as dificuldades na leitura podem ter um impacto significativo. Crianças e adolescentes que enfrentam essas barreiras frequentemente experimentam desafios na autoestima e na autoconfiança.

É interessante notar a existência *das relações sociais* também podem ser afetadas, pois a frustração com o desempenho escolar pode levar ao isolamento ou a problemas de interação com os colegas. Quanto às intervenções anteriores, é relevante documentar as abordagens terapêuticas e educacionais já empregadas, bem como avaliar a eficácia percebida dessas intervenções. Essa análise ajuda a direcionar futuras estratégias de suporte. Por fim, *a exploração de comorbidades* uma vez que dificuldades na leitura como a dislexia podem coexistir com outras condições, como transtornos de atenção e hiperatividade (TDAH) ou dificuldades específicas em outras áreas acadêmicas. Identificar essas condições associadas é fundamental para um tratamento abrangente e eficaz

Com essa ideia, os pais precisam entender que para seu filho a dislexia é uma luta constante, que pode levar a problemas sociais, emocionais e comportamentais. Portanto, quanto mais amplo for contexto de análise e observação da dislexia, melhor poderemos entender suas causas e assim contribuir para o diagnóstico e um atendimento pedagógico mais eficaz a família e seus dirigentes que irá cuidar e selar pelo bom resultado.

A argumentação de Shaywitz e Shaywitz (2023) sobre a necessidade de estabelecer conexões entre as avaliações da diagnostico e sucesso escolar de que as crianças identificadas como disléxicas recebem uma intervenção baseada em evidências sobre quais elementos são necessários para ensinar as crianças a lerem.

Por outro lado, a dimensão de novos conhecimentos científicos a respeito da temática está pouco orientada para a prática formativa pedagógica familiar, havendo inclusive um longo período de atraso entre a produção e difusão, e a sua integração a prática de serviços de saúde nos quais só foi possível com notoriedade durante a pandemia. O que se observa é que a família com filhos disléxicos não tem clareza de seu papel no tocante aos objetivos a serem alcançados durante as terapias e nas atividades práticas escolares. Esse desconhecimento faz com que os conteúdos sejam determinados por aquilo que pode emergir da evolução clínica dos seus filhos/pacientes assistidos em cada cenário, não levando em conta quais os conhecimentos prévios, tampouco as oportunidades desenvolverem as habilidades e/ou competências básicas ao exercício escolar. Içam Tiba (2012, p116) diz que:

> [...] Os pais sabem de suas responsabilidades quanto ao futuro de seus filhos. Quando se sentem incapazes-incluindo aqui um certo conforto-, tendem a delegar a educação de seus filhos a terceiros: escola, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, babás, funcionários, avós tios dos filhos etc.

É preciso admitir suas próprias lacunas de conhecimento e, ao mesmo tempo, mostrar-se disposto a participar do processo de aprendizagem dos e com os filhos e reconhecê-los em diferentes períodos do seu desenvolvimento para que a criança aprenda a gostar de ler. Entende-se que:

> [...] frequentemente, a leitura é a chave para a realização dos sonhos que um pai (família-grifo meu) tem para seu filho. Desde muito cedo, as crianças são monitoradas, de modo que seu futuro constantemente se determina no ambiente escolar. (SHAYWITZ & SHAYWITZ, 2023 p.8/9)

Além de que “a experiência de processos coletivos e significante na construção do conhecimento e para elaboração de novas estratégias de autoconhecimento”. (MARADEI; MAIA; SEABRA, 2020, p.51). Na perspectiva dos autores mencionados anteriormente, o engajamento no processo de comunicação é considerado fundamental, permitindo que os filhos compartilhem informações sobre seu progresso.

Outro ponto que merece atenção está numa estratégia eficaz para alcançar esse objetivo consiste na promoção de encontros entre pais e filhos, nos quais podem relatar suas realizações e metas pendentes.

A intervenção na formação pedagógica familiar neste contexto nos leva a ter certas esperanças para que a realidade mude ou pelo menos, minimize as diversas interferencias na falta de inclusão. Hoje, em nosso país, intensifica-se a mobilização de todos os segmentos da a sociedade nas resistências as políticas voltadas para a educação especial e inclusiva, para que haja mais visibilidade na questão formativa a família esta é uma luta de todos nós.

Percebe-se então, que esses momentos proporcionam a oportunidade de assumirem responsabilidade por seu próprio sucesso e se motivarem para o desenvolvimento de um trabalho produtivo assegurando o presente é, sem dúvida, cuidar do futuro destes jovens cidadãos.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Em uma perspectiva de oportunizar aprendizagem de forma flexível e objetiva as revisões de literatura foram pontuais para autora Macedo (2022, p. 39) em sua dissertação de mestrado, “Funções Neuropsicológicas de Escolares Com Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem e dislexia do desenvolvimento” menciona que: “[...] depreende-se que a avaliação interdisciplinar, especialmente da Psicologia e Fonoaudiologia, é necessária para um diagnóstico mais preciso e direcionamento das condutas terapêuticas a partir do perfil do indivíduo.”, o que nos leva estamos atento à família de origem genética na somatória do desenvolvimento da criança na qual, por si só, aumentou o grau de atenção durante esse período pandêmico.

Para Zanatto at al. (2020), em seu artigo “A Reorganização do Convívio Familiar com Criança com Pandemia Pela Covid-19 no Brasil”, onde as famílias que apresentavam casos de transtornos de aprendizagem e dislexia, puderam apresentar um olhar mais atento aos seus filhos em seus domicílios e seus descritores de aprendizagem deram salto de atenção para este tema, o que ficou muito recorrente nos artigos pesquisados e nas queixa relatadas das família, foi o hiperfoco em telas, leitura deficitária, e autoestima baixa com ampliação de tempo diário para tarefas domésticas e escolares aumentaram os cuidados formativos a essa família que tinha

que se prepara para conhecer as dificuldades e sobrepor desafios para superar e amenizar o desconforto de seus filho.

Uma outra constatação importante com a relação à família, exposta pelo autor Toniolo (2020) através do artigo “Medicalização da Educação: Os Sentidos Atribuídos por Familiares de Crianças Com Queixa Escolar que Frequentam Uma Clínica Escola perpassa em primeiro lugar “está presente na educação familiar que impacta diretamente no desenvolvimento das crianças, considerando que elas fortalecem sua autonomia a partir da orientação de um adulto.

Se a família tem acesso ao conhecimento das fases de seu filho ficará mais fácil ajuda-lo, como aponta Maradeira et al. (2020), ao atribuírem ao autoconhecimento, que norteou vários trabalhos após a pandemia em nível de alerta máximo de atenção a temática de pesquisa, como ponto principal na ajuda familiar destinada ao púbere, por isso, foi proveitoso observar a complexidade da organização familiar e seus correlatos dentro das características fundamentais através da anamnese clínica em terapias com essas crianças com dislexias, os laços de afeição, e potencial cognitivo entre os sons, símbolo e linguagem em seus respectivos reportórios in natura como salienta Toniolo (2020), mais uma vez, vem corroborar para que somado com outros recursos, como a família e o olhar para o espaço escolar como um lugar de potência, possibilitem compreender a singularidade da criança.

Desta forma, as autoras Freitas e Costas (2020), a dislexia, à docência e o êxito acadêmico/profissional nos dão possibilidades de entendimento na questão subjetividade no processo de aceitação do diagnóstico e a forma como essa professora/família convive com a dislexia, pois, é mediante estas aproximações que desmoronam as barreiras já citadas” na formação pedagógica”, bem como a escola em sua complexidade, se ramifica, multifacetada no concreto do contexto social. Por isso, acredita-se que muitas famílias, entregues arduamente ao trabalho de transformação, esqueceram aspectos importantes de si mesmos, fundamentais para sustentá-las nessa luta necessária e inadiável.

Todavia, nos artigos e periódicos aqui consultados, são relevantes no que tangem a informação sobre essas diferentes concepções, fazendo com que nos perguntemos: Como a formação adequada para famílias pode influenciar a eficácia das estratégias de apoio e intervenção para crianças com dislexia, e quais são os

principais desafios enfrentados pelas famílias ao implementar essas estratégias no cotidiano?

Nesse sentido, pontuamos, de partida, a adoção da formação coletiva em relação a essa questão: os embates atuais se dão no campo das conceções da neurociência em relação a dislexia, escola e de formação da família. Conforme o Livro "Entendo a dislexia" (Shaywitz & Shaywitz, 2023 p. 178) os autores falam que: "No caso da dislexia, contudo, nosso conhecimento da definição fonológica e de seu impacto ao longo da vida agora nos permite fazer um julgamento clínico informado e com alto grau de confiança", por isso, vivemos no fim das incertezas já temos um prognostico mais seguro e intervenções mais precisas através da escuta humanizada.

A seguir Oliveira (2020) em seu artigo intitulado "Transtornos, distúrbios e dificuldades de aprendizagem: como atender na sala de aula comum" coloca algumas atitudes que podem facilitar a interação dos pais com seus filhos disléxicos.

ATITUDES DOS FAMILIARES PARA COM OS DISLÉXICOS

Aos familiares
Em primeiro lugar informe-se. A informação vai ajudar a entender o disléxico e suas dificuldades**.**
Acolha o disléxico. Entenda que se trata de um distúrbio e que pouco controle ele tem sobre esta diferença.
Aceite a diferença. Não tente encobrir, supervalorizar ou desvalorizar está dificuldade. Ela existe está ali, atrapalhada sim, merece atenção, mas não é o fim do mundo. A intervenção a ser feita.
Estimule o disléxico a ir em frente, a enfrentar as dificuldades, a pedir ajuda se for necessária, a encarar o mundo.
Acredite que o disléxico tem habilidades e potencial para exercer uma profissão, ter um lar, uma família, pois é uma pessoa como todos nós (com habilidades e dificuldades). Acredite e faça com que ele também acredite.
Tenha paciência. Há momentos em que ele parece desistir, não acredita em si mesmo e nesses momentos devemos ter paciência e mostrar aquilo de bom que ele tem ou apenas o ouça.
Auxilie para que a intervenção recomendada seja realizada, como acompanhamento fonoaudiológico, psicopedagógico ou terapia psicológica.
Dê tempo. O disléxico apresenta uma lentificação no processamento de informações. Se ele tiver o tempo de que necessita vai conseguir processar adequadamente.

Fonte: Oliveira (2020, p. 34)

Ao realizar a comparação entre os resultados das avaliações dos textos foi possível notar quase que, de maneira geral, os familiares apresentaram maior quantidade de acertos das lacunas de desinformação o que pode ser destacado na

ênfase dialógica pelos autores médicos na área de fonologia, apesar do amplo entendimento sobre as características Martins e Carnio (2020, p. 2) destacam, em seu periódico da scielo, com o tema “Compreensão de leitura em disléxicos” que após o programa de intervenção, observada nessa população, poucos são os estudos publicados voltados para a elaboração de programas específicos que visem estimular a compreensão de leitura textual dos indivíduos disléxicos.

Sendo assim, os autores Rodrigues e Kosloski (2020, p.20), vem unir e reforçar a questão dentro de seu artigo científico internacional: “*Análise De Material Informativo Sobre Dislexia no Contexto da Educação Inclusiva”.* Em que ressalta nas falas das autoras que “[...] apesar da existência de dados robustos sobre a dislexia, seu desconhecimento ainda prevalece na família e na escola”.

Ao concluir esta análise sobre a dislexia e sua relevância na sociedade contemporânea, torna-se importante a necessidade de um olhar aprofundado por parte das famílias, dos profissionais multidisciplinares e da escola. Contudo, a compreensão da dislexia, após, pandemia como um elemento crucial nas relações cotidianas de ensino/aprendizagem, revela a importância de redimensionar tanto o prazer da leitura, quanto as obrigações associadas a esse contexto. Portanto, descobrir o potencial do cérebro/mente humano, muitas vezes subestimado em contextos disléxicos, deve ser reconhecido e explorado, promovendo um ambiente propício ao desenvolvimento pleno das capacidades individuais.

CONCLUSÃO

Conclui-se que ainda há uma significativa falta de informação e formação sobre dislexia nos espaços educacionais e familiares, o que compromete a capacidade dos profissionais em lidar adequadamente com esse desafio. Consequentemente, muitos professores podem não associar os sintomas apresentados pelos alunos à dislexia, dificultando o diagnóstico e o apoio necessários.

Outro ponto crucial é a falta de investimento das escolas em cursos de capacitação para professores e demais funcionários, incluindo a família, para que possam utilizar e expandir seus conhecimentos em prol de um cuidado efetivo e de uma prática educacional libertadora e formadora. Essa situação gera uma

preocupação considerável, pois educar é uma ação política, não apenas um trabalho técnico, exigindo um projeto de sociedade.

Com o tempo cada vez mais limitado que pais e responsáveis têm para educar seus filhos, as famílias atualmente depositam maiores expectativas na escola, o que pode obscurecer o papel crucial da interação familiar como elemento central para a capacidade associativa e a aquisição de valores pelas crianças, como destacado por Wieczorkievicz e Baade (2020). Nesse sentido, o presente trabalho levanta uma nova questão, focada na lacuna deixada pela escola e/ou pela família ao atender as necessidades dos alunos disléxicos.

Entende-se que esses aspectos são fundamentais para que as pessoas possam construir sua história, potencializando suas habilidades e impulsionando seu desenvolvimento. Trata-se de assumir a multiplicidade que nos constitui como seres (nossa genuína identidade), como sujeitos singulares (Orrú, 2017, p. 3).

REFERÊNCIAS

AMORIM, E. B. de O. S.; OLIVEIRA, G. F. Dislexia em perspectiva: Contribuições da psicopedagogia e da Psicologia. Rev. Psic., v. 10(31), supl. 2, 2016.

CAETANO. Luciana Maria, FRANCI. Solange, YAEGASHI. Raimundo. A relação escola e família: reflexões teóricas In: Relações escola e família: diálogos

INSTITUTO ABCD- Instituto Referência No Brasil https://institutoabcd.org.br/acessado em 28 de dezembro de 2023.

MANTOAN, M. T. E. In: **Políticas de inclusão escolar e estratégias pedagógicas no atendimento educacional especializado**. Organizado por: Roberia Vieira Barreto Gomes, Rita Vieira de Figueiredo, Selene Maria Penaforte Silveira, Ana Maria Faccioli – Fortaleza: UFCE; Brasília: MC&C, 2016.p.: 192 il..

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: **DSM-5** [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARADEI, A. P. P. C.; MAIA, G. S. A.; SEABRA M. A. B. Dislexia: das dificuldades ao desenvolvimento de potencialidades. In: SEABRA M. A. B. (org.). **Distúrbios e transtornos de aprendizagem**: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais. Curitiba, PR: Bagai, 2020. p.49-57

MARTINS, L. Z.; CÁRNIO, M. S. **Compreensão de leitura em disléxicos após programa de intervenção**. Codas, 32(1) (2020). e20180156. https://doi.org/10.1590/2317-1782/2019201815

OLIVEIRA, P.; ZUTIÃO, P.; MAHL, E. Transtornos, distúrbios e dificuldades de aprendizagem: como atender na sala de aula comum. In: SEABRA M. A. B. (org.). Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais. Curitiba, PR: Bagai, 2020. p.8-19

ORRÚ, S. E. **O Re-Inventar da Inclusão**: Os Desafios da Diferença no Processo de Ensinar e Aprender. Petrópolis, Rj: Vozes, 2017 Pessoa, P. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6872/1/DM_Adriana%20Mello.pdf. 2018. Acesso em 28 de dezembro 2023.

RODRIGUES, M. E.; KOSLOSKI, P. E. B. Análise de material informativo sobre dislexia no contexto da educação inclusiva. **Revista Thêma et Scientia**, v. 10, n. 1, p. 37-60, 2020.

SEVERINO A.J. **Metodologia do trabalho científico** 24ª. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SHAYWITZ, S. **Entendendo a dislexia:** um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: penso 2 ed, 2023 553p.

SIGNOR, R. Dislexia: uma análise histórica e social. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 15, n. 4, Belo Horizonte, 2015, p. 971-999 Disponível em: scielo.br/pdf/rbla/v15n4/1984-6398-rbla-15-04-00971.pdf. Acesso em 12 de janeiro de 2020.

SILVA, C. A., CONCEIÇÃO, S. S. J. e TAVARES, L. I. (2016). Um novo olhar sobre o aluno com dislexia, o papel da família e do Professor no processo de aprendizagem. **Revista Madre Ciência- Educação,** 1(2), 15-19.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z:** Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TIBA, I. **Pais e Educadores de alta Performance**. - 2ª Edição. São Paulo: **Integrare Editora**,, 2012.

TONIOLO, G. D. **Medicalização da educação**: os sentidos atribuídos por familiares de crianças com queixa escolar que frequentam uma clínica escola. Psicologia-Pedra Branca, 2020. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2014.

WIECZORKIEVICZ, A. K.; BAADE, J. H. Família e escola como instituições sociais fundamentais no processo de socialização e preparação para a vivência em sociedade. **Revista Educação Pública,** v. 20, nº 20, 2 de junho de 2020. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/19/familia-e-escola-como-

instituicoes sociais-fundamentais-no-processo-de-socializacao-e-preparacao-para-a-vivência-em sociedade

WINNICOTT, D. **A criança e o seu mundo**. 6. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

ZANOTTO**,** L., SOMMERHALDER, A. e PENTINI, A.A (2021). **A reorganização da vida familiar com crianças em pandemia de covid-19 no brasil**. Em Pré-impressões SciELO. https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2776

A EDUCAÇÃO INDÍGENA INTERCULTURAL PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA[1]

THE INDIGENOUS EDUCATION INTERCULTURAL FOR VALUING ETHNIC IDENTITY

LA EDUCACIÓN INDÍGENA INTERCULTURAL PARA VALORAR LA IDENTIDAD ÉTNICA

Ingrid Nascimento Batista [2]
Cleuma Roberta de Souza Marinho[3]
José Adnilton Oliveira Ferreira[4]

Resumo: A educação indígena intercultural para valorização da identidade étnica tem o objetivo analisar a educação indígena ainda assentada ao modelo integrador e o modelo intercultural como valorização da identidade étnica. Visto na pesquisa bibliográfica com foco no acervo cultural e epistemológico sobre a educação indígena. A questão problema: como se dá uma educação indígena que rompe como o modelo integrador e institui uma educação de formação intercultural necessária para valorização da identidade étnica. Partindo da égide da fenomenologia e demonstraram nos resultados prévios da pesquisa, o engessamento da educação indígena no padrão hegemônico da perspectiva integradora que impossibilita a construção de uma educação indígena intercultural, tais como: a falta de uma educação verdadeiramente indígena nas escolas indígenas que seja específica e comunitária, esses argumentos são alguns dos desafios que limita uma educação dos povos indígenas e o enfoque da interculturalidade.

Palavras-chave: Educação indígena; Interculturalidade; Identidade Étnica.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho - ST2: Diversidade e Inclusão Educacional e Correlatas em Saberes e Práticas de Protagonismo Amazônida do XI Confluências do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Mestranda do Programa de Pós-graduação de Comunicação Linguagem e Cultura- UNAMA. <ingrid.nb1@gmail.com> orcid: 0009-0001-6683-1945

[3] Doutoranda do PPGLCL da Universidade pela Amazônia-UNAMA, Mestre em Comunicação, Linguagens e Culturas (UNAMA), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Diversidade e Inclusão - GEPIDI/UNAMA<cleumamarinho@yahoo.com> https://orcid.org/0000-0003-0837-275X

[4] Doutor em Educação pela Universidade de Brasília (UNB). Membro do grupo de pesquisa em Currículo: Concepções Teóricas e Práticas Educativas do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília – UNB<joseadnilton_ap@yahoo.com.br> https://orcid.org/0000-0003-1732-3300

Abstract: Intercultural indigenous education for the valorization of ethnic identity aims to analyze indigenous education still based on the integrative model and the intercultural model as an valorization of ethnic identity. Seen in the bibliographic research focusing on the cultural and epistemological collection on indigenous education. The problem question: how does an indigenous education take place that breaks with the integrative model and institutes an education of intercultural formation necessary for the valorization of ethnic identity. Starting from the aegis of phenomenology and demonstrated in the previous results of the research, the rigidity of indigenous education in the hegemonic pattern of the integrative perspective that makes it impossible to build an intercultural indigenous education, such as: the lack of a truly indigenous education in indigenous schools that is specific and communitarian, these arguments are some of the challenges that limit the education of indigenous peoples and the focus of interculturality.

Keywords: As mesmas regras valem para as palavras-chave em inglês.

Resumen: La educación indígena intercultural para la valorización de la identidad étnica tiene como objetivo analizar la educación indígena aún basada en el modelo integrador y el modelo intercultural como valorización de la identidad étnica. Visto en la investigación bibliográfica centrada en el acervo cultural y epistemológico sobre la educación indígena. La pregunta problemática es: ¿cómo se lleva a cabo una educación indígena que rompa con el modelo integrador e instituya una educación de formación intercultural necesaria para la valorización de la identidad étnica? Partiendo de la égida de la fenomenología y demostrada en los resultados previos de la investigación, la rigidez de la educación indígena en el patrón hegemónico de la perspectiva integradora que imposibilita la construcción de una educación indígena intercultural, tales como: la falta de una educación verdaderamente indígena en las escuelas indígenas que sea específica y comunitaria, estos argumentos son algunos de los desafíos que limitan la educación de los pueblos indígenas y el enfoque de la interculturalidad.

Palavras clave: Educación indígena; Interculturalidad; Identidad étnica.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho perpassa o processo escolar indígena no Brasil, a partir do contexto da colonização, apresentando algumas interfaces do processo de inferiorização dos povos indígenas que se deu principalmente por meio da hegemonia branca europeia através do modelo integrador e civilizatório, que engendrou relações culturais, sociais, econômicas e da educação. Dessa forma, o instrumento de controle mais eficaz da colonialidade foi a educação.

> Para que os indígenas participassem da mão de obra, os mesmos deveriam ser civilizados a partir da educação. Isto é, O 'selvagem' deveria ser 'civilizado' para aceitar a situação de exploração e submissão a que estava sendo sujeitado. Nesse projeto, a educação escolar exerceu um papel fundamental. Acreditava-se que, por meio da instrução e catequese, os índios abandonariam sua forma 'primitiva' de viver e se integrariam à 'civilização. (FAUSTINO, 2010, p. 31)

Partindo-se de autores que trazem uma abordagem crítica sobre a temática indígena, que ainda consiste no modelo da cultura dominante, e *versus* a esta perspectiva, apresentou-se o modelo intercultural para valorização da identidade étnica. As argumentações relacionadas ao questionamento foram enquadradas nas seguintes categorias teóricas desta pesquisa: educação indígena, interculturalidade e identidade étnica. O objetivo geral foi analisar a educação indígena ainda assentada ao modelo integrador e o modelo intercultural como valorização da identidade étnica.

Nesse contexto, pensa-se que é válida a imersão no estudo e nas reflexões sobre os aspectos identitários dos povos indígenas que são construídos em sua coletividade e nas tomadas de decisões da comunidade a partir da cultura local, impregnada em toda sua organização social, e a escola constitui-se como um espaço dessas interações.

Tem-se a partir dos autores reafirmar ainda que o processo educacional para o atendimento aos indígenas ocorreu de maneira com que os mesmos fossem educados na fé cristã com o intuito de fazer da cultura europeia a referência a ser seguida. O estudo, nos direciona para com às obras pesquisadas, a partir da pesquisa qualitativa que optou por uma metodologia da análise através da pesquisa bibliográfica, fez-se uma melhor análise compreensivo- interpretativa.

Deste modo, na amalgama dessa análise a seguinte problemática: como se dá uma educação indígena que rompe como o modelo integrador e institui uma educação de formação intercultural necessária para valorização da identidade étnica? E entende-se que a colonialidade mostra uma estrutura social em uma relação de inferioridade com uma cultura europeia cristã que se sobrepõe a outras culturas respaldada nas discriminações sociais codificadas

como étnicas e antropológicas, constituindo uma estrutura de poder. Para Quijano (2005, p. 121), “essa colonialidade se refere a um padrão de poder que permeia as relações intersubjetivas entre colonizador e colonizado, e que reflete nas formas de valorização do conhecimento, na divisão racial do trabalho criada para justificar a hegemonia branca eurocêntrica.”

O referido estudo está estruturado da seguinte forma: 1. Introdução que apresenta o tema, sua importância, justificativa, o objetivo e o problema referente ao objeto de estudo em questão. O desenvolvimento teórico inicia-se com a seção 2.1. A colonialidade integracionista sobre os povos indígenas, dissertando sobre o processo de colonização portuguesa implementada pelo meio de uma educação integracionista, e na seção 2.2. A necessidade de ruptura com o modelo integrador da cultura dominante para uma educação indígena verdadeiramente intercultural. Logo depois, o tópico 3. método da pesquisa que estrutura a pesquisa bibliográfica em tela, com foco na literatura em questão temos a seção 4. resultados da pesquisa que se problematiza às referidas obras e, por fim, apresentam-se as conclusões do estudo.

2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

2.1 A colonialidade integracionista sobre os povos indígenas

A pesquisa demonstra que a educação então foi uma das principais formas que o colonizador buscou para dominar os povos indígenas, já colocados em uma escala inferior da sociedade. Cabe reiterar que essa dominação não ocorre por meio passivo ou romântico, mas sim pela violenta segregação e inferiorização dos indígenas e pelo extermínio de muitos povos originários, com suas línguas e culturas.

Godelier (1981, p.186), ao reportar-se à legitimidade da classe dominante, afirma que, “[...] todo poder de dominação se compõe de dois elementos indissoluvelmente entrelaçados que lhes dão força: a violência e o consentimento.”

Dessa forma, entende Rocha e Deusdará (2005) que a história do conhecimento não pode ser contada em uma trajetória linear (...),

dimensionando a relação homem-mundo por intermédio do mero acúmulo progressivo de saberes (....) demonstram irregularidades e rupturas, em vez de um movimento contínuo e retilíneo. Nessas tessituras, é oportuno entender o contexto das investigações de Eni Orlandi (1990), que institui os paradigmas do velho e o novo na educação indígena, diz que os aspectos institucionais contribuem para o apagamento ideológico na produção desses discursos.

A ciência, a política social e a religião, legitimadas pelo Estado, apresentam - se como três modos de abolir a identidade indígena, como cultura diferente e constitutiva da identidade nacional. É pertinente que a referida autora admite que “o apagamento do indígena existe como pressuposto na "consciência nacional". Dessa forma a educação indígena não foi verdadeiramente legitimada no modelo educacional brasileiro. Perdurou por um processo de educação colonialista que constituiu em um aparato político e pedagógico com a finalidade de extinguir as línguas e a negação das culturas dos povos indígenas, bem como a aprendizagem da língua e da cultura europeia obrigatória a todo o continente dominado pelo europeu (GROSFOGUEL, 2008). O texto enseja primordialmente o colonialismo com o intuito de boicotar a cultura dos povos indígenas e empregar o modo de vida do homem europeu, moldando o indígena na cultura portuguesa.

A escola serviu como mecanismo de aculturação dos povos indígenas. Quando a escola foi implantada em área indígena, as línguas, a tradição oral, o saber e a arte dos povos indígenas foram discriminados e excluídos da sala de aula. A função da escola era fazer com que estudantes indígenas desaprendessem suas culturas e deixassem de serem indivíduos indígenas. Historicamente, a escola pode ter sido o instrumento de execução de uma política que contribuiu para a extinção de mais de mil línguas. (FREIRE, 2004). “A escola, organizada com um modelo pedagógico alheio as cosmologias indígenas, foi imposta com o explícito intuito colonizador, integracionista e civilizador.” (BANIWA, 2013, p. 12).

A violência foi um dos componentes utilizados para o alcance de tais objetivos. Como afirma Godelier (1981), que dentre os componentes do poder o mais forte não é a violência, e sim, o consentimento do dominado em relação a sua

dominação e sujeição. Outro elemento da educação colonizadora foi a segregação. Para isso criou-se todo um aparato escolar, composto pelos colégios e as escolas-internato.

Por meio da força e do poder emanados pela metrópole, as crianças indígenas foram retiradas das aldeias e enclausuradas nos colégios com o fito de se tornar mais fácil a missão de destruir suas identidades e subjetividades, pois os ameríndios não conceberam a escola como parte de seu cotidiano, sendo ela totalmente estranha à sua cultura. Entende-se que a busca por uma Para Aranha (1996, p.78), “essa ação contribui para que haja um choque entre os valores pregados pela cultura nativa e os do colonizador.”

O sociólogo Gilberto Freire, na obra *Casa-grande e senzala*, afirma que os primeiros missionários substituíram as ‘cantigas lascivas’, entoadas pelos índios, por hinos à Virgem e cantos devotos. Segundo Aranha (1999, p. 20), “não raro os padres ridicularizam a figura do pajé e os ensinamentos da tribo e condenam a poligamia, pregando a forma cristã de casamento, e dessa maneira começam a abalar o sistema comunal primitivo.”

Aqui se percebem algumas das ações missionárias com o intuito de boicotar a cultura dos povos indígenas e empregar o modo de vida do branco europeu cristão, moldando o nativo segundo a civilização ocidental cristã, mais especificadamente a cultura portuguesa.

Diante disso, é importante a leitura da obra de Orlandi. Terra à vista, discurso do: confronto: velho e novo inundo. São Paulo: Cortez, 1990, que:

> Esclarecer como os discursos do missionário e do colonizador produzem sentido, silenciando aspectos cruciais da nossa história; de que forma produzem e reproduzem uma visão da nossa origem e da nossa formação, conveniente a um grupo social hegemônico. Mas, ao introduzi-los, em parágrafos recheados de detalhes sobre as práticas indígenas, seus mitos, sua luta como minoria e a discriminação a que são submetidos.

Partindo dessa perspectiva a chegada das primeiras missões composta por missionários da Companhia de Jesus. Faustino (2010, p.98) salienta que o início do processo de colonização, como expansão do sistema mercantil português utilizaram a mão de obra escrava dos indígenas. O colonialismo

português não somente discriminou todos os povos indígenas que aqui se encontravam, mais de forma cruel e desumana impuseram suas vertentes de dominação política, administrativa e econômica.

Configura-se, assim, uma relação política e econômica na qual uma nação é subjugada por outra. Dessa forma todo o cabedal cultural, social e religioso dos indígenas era considerado como abominável para uma sociedade que se pressupunha pura e cristã, ocorrendo assim um processo civilizatório e de aculturação que objetivava construir um novo padrão de comportamento para os indígenas: o ser dócil e submisso. Dessa forma, o instrumento de controle mais eficaz da colonialidade foi a educação.

2.2 A necessidade de ruptura com o modelo integrador da cultura dominante para uma educação indígena verdadeiramente intercultural

Nessa perspectiva, deve-se enfatizar o contexto da colonialidade integracionista como modelo civilizatório que foi implantado pela via educacional para colonizar e subalternizar os povos indígenas através da cultura dominante europeia, que é evidenciado na história da educação no Brasil que tem ainda no seu bojo uma perspectiva tradicional de padrões culturais, identitários e sociais, arraigados no processo de colonização, vindo da ocidentalização decorrente da forte influência europeia, e posteriormente americana.

Partindo desses contextos é necessário examinar os processos de aculturação e assimilação que ainda persistem no modelo de ensino curricular conservador. A questão da educação, a partir daí é considerada como parte desse projeto integracionista do Estado, foi introduzida entre as populações indígenas no modelo do saber hegemônico colonizador.

> É evidente que a educação oferecida era uma educação funcional, distante de uma educação intercultural que daria oportunidade a eles de construírem uma postura crítica a partir da realidade vivida. Torna-se imperativo, nesta linha reflexiva desta seção, discutir sobre essa perspectiva curricular colonialista e integradora, e refletir sobre o currículo escolar e as escolas como espaços de política cultural e de identidade na contemporaneidade educacional, para que assim se possa

> balizar as relações entre cultura, conhecimento e identidade, através do diálogo intercultural, sem a negação ou sobreposição de suas diferenças, seus conhecimentos e suas cosmovisões (WALSH, 2016, p. 29).

Dessa forma, a implantação da cultura dominante europeia deu-se inicialmente pela missão educacional e civilizatória sobre a responsabilidade dos missionários, teve como foco a submissão dos indígenas às normas da metrópole portuguesa, “domesticando-os” e disponibilizando-os no mercado de trabalho braçal. A sobreposição da cultura eurocêntrica em relação a indígena era o principal foco da escolarização, ou seja, civilizar o povo para torná-lo cristão, um cidadão a serviço da coroa portuguesa (FAUSTINO, 2010). A escola foi um dos "instrumentos privilegiados" utilizados pela cultura europeia para que fosse considerada superior aos saberes particulares e locais dos povos indígenas.

Nessa perspectiva esse modelo escolar baseava-se na cultura dominante, de imposição e o controle social e intelectual estava dentro de uma estrutura tradicional. comunidades indígenas fossem rapidamente integradas economicamente à sociedade brasileira como contingente de reserva de mão-de-obra para o trabalho (DAVIS, 1978). Entretanto, esses modelos educacionais foram extremamente criticados pelo movimento de reconceptualização da educação e do currículo nos Estados Unidos; pela “nova sociologia da educação”, na Inglaterra; pela sociologia crítica de Pierre Bourdieu, na França; no Brasil, pelas obras de Paulo Freire. A intenção da pesquisa e mostrar a importância da ruptura com esse modelo integrador de cultura dominante que ainda é preponderante na educação dos povos indígenas.

Visto que, esses teóricos citados na pesquisa, tais como Meliá (1979), Faustino (2010), Menardi (2010), Orlandi (1990), Baron, (2004), Silva, (2011), Baniwa (2013), demonstram que se tratando dos modelos educacionais, sempre temos que reconhecer às potencialidades e diferenças das culturas envolvidas, e a necessidade de ruptura para um modelo intercultural que valorize e respeite todas às cosmologias indígenas, e torna-se imperativa a crítica ao modelo educacional integrador implementado desde o processo de

colonização aos indígenas que eram submetidos à transmissão dos conhecimentos elaborados pela ciência moderna na europa.

Entende-se que esse contexto de escola, tal como foi concebida na modernidade, tende espontaneamente ao monoculturalismo, sendo que a transmissão de saberes com pretensão de universalidade "[...] reduz a autonomia das culturas populares e converte a cultura dominante em cultura de referência, em cultura padrão" (GRIGNON, 1995. p. 180). Busca-se, constitui-se em reflexão crítica sobre a experiência concreta em educação vivida e acumulada das identidades colonizadas, subjugadas na educação indígena, e o modelo curricular hegemônico que vem exacerbando as desigualdades sociais e econômicas.

Vislumbra-se citar em Said (1995) que corrobora ao dizer que “as histórias estão no cerne daquilo que os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo; elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma própria história deles” (p. 13).

Observa-se que os pressupostos de pesquisa e das categorias elencadas desse referido artigo, busca-se no estudo analisar a educação indígena que ainda consiste no modelo integrador da cultura dominante e *versus* ao modelo intercultural para valorização da identidade étnica.

Enfatiza-se que as argumentações relacionadas ao questionamento da pesquisa foram enquadradas e estruturadas nas categorias teóricas que surgem do levantamento bibliográfico desta pesquisa: educação intercultural indígena e identidade étnica, como a abordagem teórica anteriormente relatada sobre a educação indígena, que assentada ao modelo integrador que deve ser superado para que o modelo intercultural assuma o compromisso como o processo de valorização da identidade étnica.

3. MÉTODO

A pesquisa qualitativa apoiada no referencial da educação indígena nos moldes integracionista e necessidade de mudança para o modelo intercultural

existente na literatura sobre a temática pesquisada através do levantamento bibliográfico. Visto que a análise compreensivo-interpretativa das obras investigadas em diferentes fontes, e aproximando-o modelo dos aportes teórico-epistemológicos que dentre os tipos de pesquisa que preferencialmente optou-se por uma metodologia utilizada bibliográfica, que consistiu em identificar as semelhanças e as diferenças entre as obras que foram selecionadas, levando em conta os aspectos formais, temáticos e contextuais dos textos e autores pesquisados.

A pesquisa qualitativa está estruturada a partir do método fenomenológico (GIORGI, 2008). Entende-se a fenomenologia para a consciência e a corporeidade humana intencional que estão na origem dos sentidos da realidade, que é o ponto de vista fenomenológico sobre o homem como se vê como "conjunto comportamental, corporeidade e centro de significação" (FONTANELLA, 1995).

Visto na pesquisa bibliográfica com foco no acervo cultural e epistemológico sobre a educação indígena que ainda sedimentada no padrão de poder do modelo integrador que foi instituído pela cultura dominante e permeado pelas relações intersubjetivas entre colonizador europeu e o (colonizado) povos indígenas. da identidade étnica indígena no currículo escolar, que almeja a valorização dos saberes indígenas e consequentemente da identificação desses povos. Visto que, foram utilizados na investigação da bibliografia pertinente ao tema e dos autores que trouxeram uma abordagem crítica sobre a temática. Tendo por base, atenta-se para os descritores da pesquisa bibliográfica na guisa da educação indígena, interculturalidade e identidade étnica. A pesquisa tem o entendimento da educação como cultura do "ser-no-mundo" e a pesquisa educacional como instrumento de descoberta dos sentidos que circulam na cultura (REZENDE, 1978).

As fontes utilizadas neste trabalho foram as próprias obras analisadas dos autores elencados na perspectiva cultural e epistemológico existente sobre o objeto de estudo, já que uma pesquisa bibliográfica consiste em ser também descritiva, podendo ser definida como aquela que "observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los" (JARDILINO,

ROSSI, SANTOS, 2000).

A pesquisa bibliográfica implica em que os dados e informações necessárias sejam obtidos a partir do levantamento de autores especializados através de livros, artigos científicos e revistas especializadas, entre outras fontes. “A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos” (CERVO; BERVIAN, 1996). Em outras palavras, quando os dados coletados são oriundos da “própria bibliografia”, significa que a técnica utilizada para elaboração do tema em desenvolvimento é a pesquisa quantitativa (TOZONI-REIS, 2009).

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A luta em prol de uma educação intercultural para os povos indígenas

O estudo em tela buscou estabelecer um eixo necessário de ruptura entre o modelo integrador e a necessidade de implantação para a educação indígena do modelo intercultural, esse movimento foi iniciado pelos povos indígenas e não-indígenas organizado na sociedade civil tornou-se crescente por meio de projetos educacionais específicos às realidades socioculturais e históricas de cada etnia, com princípios interculturais e bilíngues voltados para as necessidades e visões de mundo. Na década de 1980, período de intensa luta pela redemocratização do país, os movimentos indígenas começaram a pressionar o poder legislativo para a garantia de mudanças legais (ANTUNES, 2003), a partir de articulações com organizações da sociedade civil, igreja e universidades.

Acredita-se na urgência da ruptura do paradigma da integração e implantação do modelo educacional intercultural para a educação indígena que é necessário para garantia do respeito e valorização dos povos indígenas e de suas línguas, modos de vida, crenças, tradições e costumes preconizam-se na constituição de 1988, que legalmente enfatiza que: “[...] a educação escolar indígena deverá ser diferenciada, específica, intercultural e bilíngue/multilíngue e comunitária” (BRASIL, 1988).

Visto que, o estudo apresentou que o objetivo do paradigma da integração

dos povos indígenas no processo de colonização, ainda perdura nos dias de hoje, é imperativo e necessário a mudança de paradigma que possa considerar os povos étnicos diferenciados, com direito a manter sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. Para que tais princípios se materializem, a educação escolar precisa reconhecer e valorizar os saberes indígenas, bem como oferecer conhecimentos necessários para fazer valer seus direitos conquistados. Antunes (2003, p. 59), ao fazer uma análise da atual Constituição Federal, afirma que:

> O direito constitucional indigenista está baseado nos princípios do reconhecimento: da proteção do Estado à organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos índios originários e existentes no território nacional; dos direitos originários dos indígenas sobre as terras que tradicionalmente ocupam e proteção de sua posse permanente em usufruto exclusivo para os índios; do princípio da igualdade de direitos e da igual proteção legal.

A pesquisa apresentada enfatiza que a ruptura para uma educação indígena no modelo da interculturalidade, justifica-se pelas políticas de educação escolar indígena que consistem em objeto de estudo e problema de pesquisa deste artigo, a qual elenca a identidade étnica na educação escolar indígena. A partir desses fatores, propõe-se que averiguar a política de educação brasileira para os povos indígenas. Aqui algumas questões concernentes à legislação e a normas que regulamentam a educação escolar indígena serão explicitadas (SILVA, 2002).

Os autores nessa investigação abordam esses temas de maneiras distintas, mas complementares, proporcionando uma visão mais ampla, como por exemplo citado por Orlandi, (1990) em seu livro Terra à vista relata que:

> Elaborações relativas à identidade do brasileiro, produzidas ao longo de nossa história, nos relatos dos descobridores, colonizadores e missionários, utilizados como fontes documentais, não passam de construções ideológicas. Apoiada na teoria da Análise do Discurso, faz-nos pensar, à luz de seus pressupostos, o processo responsável pela formação dessa brasilidade mítica. "Terra à vista" - a primeira fala sobre o Brasil, inicia um discurso de apropriação pelo europeu que silencia a

> nossa origem e nos estabelece como sujeito cultural, negando-nos o estatuto de sujeito histórico e político.

Seguindo esta linha de raciocínio, Eni Orlandi passa a propor a compreensão de como esses sentidos se originaram e se deram por evidentes e definidos, contém ingredientes de uma análise da trama discursiva que se deu em um certo período da nossa história - séculos XVI, XVII e XVIII cujas falas a autora considera responsáveis pela produção de sentidos que definiram a nação brasileira.

Dessa forma, pode-se entender que a construção da educação indígena foi alicerçada no processo do colonialismo europeu que marcadamente foi integracionista e civilizatório e moldou corpos e mentes dos povos indígenas e consequentemente a sociedade brasileira, e busca-se no estudo afirmar que a mudança da educação indígena para o modelo intercultural é a possibilidade para que a identidade indígena não pode ser concebida como uma construção estática, mas como cultural e social, em que o processo educativo é preponderante para a afirmação, ou não, da identidade étnica no contexto da educação escolar indígena. Trata-se de percebê-la como processo identitário (NÓVOA, 1992; HALL, 1997 e outros), e Guattari, Rolnick (1986) corrobora como um "[...] processos de singularização". Nesse sentido, não há um momento de definição, as identidades são sempre construídas, devendo por isso serem definidas historicamente, e não biologicamente.

Nesse contexto, o aporte sobre a identidade étnica para educação indígena, o cabedal teórico e literário inscrito na cultura indígena deve ser prescrita no currículo escolar oficial, presente em vários estudiosos, como Silva (1996, 2000), Moreira (2006) e Sacristán (2000), entre outros. O modelo intercultural no estudo reivindicado para educação indígena se expressa no currículo escolar é deve ser usada para designar o programa de uma disciplina, conjunto de atividades educativas, as metodologias e os materiais usados no processo ensino-aprendizagem. Observa-se que esse estudo denuncia uma concepção de educação indígena que não foi verdadeiramente legitimada no modelo educacional brasileiro. Perdurou por um processo de educação

colonialista que constituiu em um aparato político e pedagógico com a finalidade de extinguir as línguas e a negação das culturas dos povos indígenas, bem como a aprendizagem da língua e da cultura europeia obrigatória a todo o continente dominado pelo europeu (GROSFOGUEL, 2008).

Então, como resultados da pesquisa torna-se válida a imersão no estudo e nas reflexões sobre o modelo de educação indígena intercultural a partir dos aspectos identitários nos processos educacionais escolares em ambientes indígenas. “A história das diversas etnias foi, dessa forma, gradualmente desprovida de juízos de valor próprios aos sentimentos cristãos, que são específicos da cultura ocidental, e não universais ou naturais” (FERREIRA NETO, 1997, p. 322). Somente pela via da interculturalidade teremos o respeito da educação escolar indígena que reconheça e relacione com as reais identidades, necessidades e valores desses povos se insere no sentido de que a educação indígena a partir da nova perspectiva intercultural.

5. CONCLUSÃO

A partir do estudo exposto, observou-se que a cultura indígena mostra-se como aspecto relevante para a identidade étnica que só pode ocorrer pela via do modelo educacional intercultural que se estabelecem na realidade escolar indígena. De acordo com os autores citados há necessidade de ruptura com o modelo educacional integrador que foi implantado desde o período colonial, e somente a implantação do modelo intercultural na educação indígena poderá fortalecer a identidade étnica dos povos indígenas.

Quanto à contribuição da pesquisa, acredita-se que a abordagem no contexto de uma educação indígena, justifica a necessidade do modelo escolar intercultural na educação indígena, para contrapor o modelo integrador dominante que acabam por negar os saberes oriundos da cultura indígena e ignoram os saberes culturais das comunidades indígenas, que são silenciados e não são dignos ou legitimados para serem usados em na sala de aula, o que caracteriza uma colonialidade do saber do modelo integrador ainda existente e essa forma de ensino e método se encontra como um dos mais arcaicos, que

inviabiliza uma prática pedagógica intercultural para o processo de construção de saberes e experiencias culturais.

Dessa forma, aponta-se essas configurações problemáticas que estão incutidas nos objetivos desta pesquisa, que a mudança do modelo visa contribuir e valorizar a produção da identidade étnica dos povos indígenas no âmbito intercultural. É imperativo e indispensável à ruptura com o modelo ainda integrador, e torna-se um grande desafio a mudança para o modelo intercultural na educação indígena com o compromisso de construir uma escola digna na perspectiva de uma escola indígena específica, diferenciada, intercultural, bilíngue e de qualidade (BRASIL, 2012). Dentro da realidade educacional da Amazônia Amapaense Indígena, como uma política de formação intercultural em atendimento à educação escolar indígena como construção/afirmação das identidades étnicas das diferentes populações indígenas.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. Filosofia da educação. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BANIWA, L. G. J. dos S. Educação para manejo e domesticação do mundo: entre a escola ideal e a escola real. Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. 2013. 370 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARON, D. Alfabetização cultural: a luta íntima por uma nova humanidade. São Paulo: Alfarrabio, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP 5/2012 de 22 de junho de 2012. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 22 jun. 2012.

BRASI. CONSTITUIÇÃO: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Brasília: Ministério da Educação. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 13 de fevereiro de 2013, às 19h52min.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 1996.

DAVIS, S. Vítimas do milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FAUSTINO, R. C. Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia. São Paulo: Edusp, 2010.

FERREIRA NETO, E. História e Etnia. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FONTANELLA, F. C. O corpo no limiar da subjetividade. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação: Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

FREIRE, J. R. B. Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos. In: Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis - tempo de novo descobrimento. Rio de Janeiro: Ibase, 2004. P. 11-31.

GUATTARI, F.; ROLNICK, S. Micropolítica: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In Vários autores, A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos (p. 386- 409., A. Cristina, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008 (Trabalho original publicado em 1997).

GODELIER, M. A parte ideal do real. In: CARVALHO, E. (org.) Godelier: antropologia, São Paulo: Editora Ática, 1981 (pp. 185-203).

GRIGNON, S. O pensamento mestiço. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

GROSFOGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, n 80, 2008, p. 115-147.

HALL, Stuart. New Ethinicites. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (org.). Stuart Hall. Critical Dialogues in Cultural Studies. New York: Routlegde, 1997.

JARDILINO, José Rubens; ROSSI, Gisele; Santos, Gérson Tenório. Orientações Metodológicas para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos. São Paulo: Gion, 2000.

MENARDI. Theodoro Mascarenhas: O problema indígena perante o ordenamento jurídico das Américas. In: Revista da OAB, ano XXII, v. XX, n.55, 2010.

MELIÀ, B. Educação indígena e alfabetização. São Paulo: Loyola,1979.

MOREIRA, A. F. B; SACRISTÁN, J. G. (Org.). Territórios contestados. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

ORLANDI, Eni. P. Terra, à Vista. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas. Colección Sur, Clacso, Buenos Aires – Argentina, setembro 2005.

REZENDE A. M. Educação no ser-no-mundo. 1978. Tese (Livre Docência) – Programa de Pós-graduação: Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1978.

ROCHA, Décio.; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Alea: Estudos Neolatinos,v. 7, n. 2, p. 305–322, jul. 2005.

SAID, N. Três contribuições de Emílio Goeldi (1859- 1917) à arqueologia e etnologia amazônica. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas. Belém, v. 4, n. 1, p. 95-133, jan.-abr., 1995.

SILVA, Rosa Helena Dias. O Estado brasileiro e a Educação (Escolar) Indígena: um olhar no Plano Nacional de Educação. Tellus, UCDB, ano 2, nº 2. Campo Grande: UCDB, 2002. DOI: https://doi.org/10.20435/tellus.v0i2.15.

SILVA, T. T. da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.

SILVA, T. T. da. Documentos de identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TOZONI-REIS, M. Educação ambiental: natureza, razão e história. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

WALSH, C. Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais. In: CANDAU, V. M. (Org.). Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”? Rio de Janeiro. 7 Letras, 2016. p. 64 – 75.

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA
CONFLUÊNCIAS 2024

ST3
NARRATIVAS, CIDADES E TECNOLOGIAS: UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA

Coordenadores:
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa.
Profa. Dra. Marcia Nunes.
Lucas Porto (Doutorando – PPGCLC).

Resumo: A região Amazônica possui o bioma mais extenso do Brasil, com aproximadamente cinco milhões de km², correspondendo a cerca de 58% do território brasileiro (IBGE, 2022). De modo que há muitas Amazônias dentro desta região, de pequenas cidades até metrópoles, que geram as mais diversas narrativas. O papel da tecnologia deve ser empregado como meio para que as cidades se tornem inteligentes e progridam social e ambientalmente. O uso estratégico das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e de recursos como sensores, dispositivos e sistemas capturam dados e integram o sistema com eficiência. Com foco nas intersecções entre narrativas, cidades amazônicas e tecnologias, este ST abarcou pesquisas teóricas e empíricas que trataram de narrativas midiáticas e do uso de tecnologias nas cidades da Amazônia, com o propósito de assegurar a qualidade de vida de seus moradores.

CAPES
PPGCLC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA
UNAMA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA EXCELÊNCIA POR NATUREZA 50 anos

BELÉM NO CONTEXTO DAS CIDADES INTELIGENTES E MOBILIDADE URBANA[1]

BELÉM IN THE CONTEXT OF SMART CITIES AND URBAN MOBILITY

BELÉM EN EL CONTEXTO DE LAS CIUDADES INTELIGENTES Y LA MOVILIDAD URBANA

Edson Silva de Aquino Júnior[2]
Prof. Dra. Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes[3]
Prof. Ma. Amanda Roberta Botelho Menezes[4]

Resumo: Posicionando Belém do Pará no contexto das cidades inteligentes (*smart cities*), é importante perceber de que maneira ela aplica tecnologias digitais e a participação cidadã para promover qualidade de vida, sustentabilidade e governança urbana inclusiva, assim como os desafios enfrentados sobre mobilidade urbana deficiente, infraestrutura limitada e questões ambientais. O "Programa Belém Inteligente" como uma iniciativa estratégica que integra tecnologia, inovação e políticas públicas e promove inclusão digital, capacitação da população em habilidades digitais e maior participação nos processos de tomada de decisão. Com isso, fica evidente a importância de um planejamento urbano sustentável e conectado, com foco em infraestrutura adequada, eficiência no transporte público e gestão de recursos, posicionando Belém como um modelo de desenvolvimento urbano inteligente e inovador na Amazônia, capaz de atrair investimentos e melhorar significativamente a qualidade de vida de seus habitantes.

Palavras-chave: Cidades inteligentes; Mobilidade urbana; Acessibilidade; Tecnologia; Belém.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Narrativas, Cidades e Tecnologias: Um olhar para a Amazônia do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Arquiteto e urbanista pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Zootecnista pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Email: edsonaquinojr@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0008-0603-606X.

[3] Pós-Doutoranda da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (ULISBOA); Pós-Doutoranda da Universidade do Porto (UP). Doutora em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail:marcianunes2011@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8345-3528.

[4] Arquiteta e Urbanista pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Doutoranda em Teoria e Prática de Projeto em Arquitetura pela Universidade de Lisboa (ULISBOA); Professora de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: arcbotelho@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0786-0551.

Abstract: Positioning Belém do Pará within the context of smart cities, it is crucial to understand how the city applies digital technologies and citizen participation to promote quality of life, sustainability, and inclusive urban governance, while also addressing challenges related to deficient urban mobility, limited infrastructure, and environmental issues. The "Belém Intelligent Program" serves as a strategic initiative that integrates technology, innovation, and public policies, promoting digital inclusion, capacity-building in digital skills, and greater participation in decision-making processes. This highlights the importance of sustainable and connected urban planning, focusing on adequate infrastructure, public transport efficiency, and resource management, positioning Belém as a model of smart and innovative urban development in the Amazon, capable of attracting investments and significantly improving the quality of life for its inhabitants.

Keywords: Smart Cities; Urban Mobility; Accessibility; Technology; Belém.

Resumen: Posicionando a Belém do Pará en el contexto de las ciudades inteligentes (*smart cities*), es importante comprender cómo aplica tecnologías digitales y la participación ciudadana para promover la calidad de vida, la sostenibilidad y una gobernanza urbana inclusiva, así como los desafíos enfrentados debido a la movilidad urbana deficiente, la infraestructura limitada y las cuestiones ambientales. El "Programa Belém Inteligente" actúa como una iniciativa estratégica que integra tecnología, innovación y políticas públicas, promoviendo la inclusión digital, la capacitación de la población en habilidades digitales y una mayor participación en los procesos de toma de decisiones. Con esto, se hace evidente la importancia de un planeamiento urbano sostenible y conectado, centrado en una infraestructura adecuada, eficiencia en el transporte público y gestión de recursos, posicionando a Belém como un modelo de desarrollo urbano inteligente e innovador en la Amazonía, capaz de atraer inversiones y mejorar significativamente la calidad de vida de sus habitantes.

Palavras clave: Ciudades inteligentes; Movilidad urbana; Accesibilidad; Tecnología; Belém.

1. INTRODUÇÃO

As cidades inteligentes emergem como uma resposta aos avanços da urbanização e à necessidade de otimizar recursos, interferir sobre a mobilidade, melhorar a qualidade de vida de seus habitantes e enfrentar desafios complexos nas áreas urbanas. Belém, capital do Pará, no contexto da Amazônia, não fica à margem desse movimento. É fundamental destacar que esse processo exige a superação de desafios e mudanças sobre os próprios direcionamentos da gestão da cidade nessa busca em torná-la mais conectada, sustentável e inteligente.

Belém é conhecida por ser, também, um centro econômico forte para o Norte do Brasil, sendo assim, potencializá-la como uma cidade inteligente pode transformar a vida de sua população aproveitando seu tecido social rico e diversificado onde haja a participação cidadã nas tomadas de processos de governança. Uso de aplicativos móveis para acompanhamento e *feedback* sobre políticas públicas se mostram importantes ferramentas capazes de rapidamente compreender os anseios e, caso necessário, redirecionar medidas e recursos para pontos mais sensíveis para essa população. A comunicação direta entre cidadãos e gestores pode contribuir significativamente a incluir uma maior diversidade de vozes na gestão urbana da cidade de Belém.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Investigar como a cidade de Belém se localiza dentro do contexto das cidades inteligentes e suas nuances que permeiam tecnologia, população, mobilidade e acessibilidade.

2.2. Objetivos específicos

- Buscar os conceitos e definições sobre cidades inteligentes e suas características;
- Investigar quais medidas estão sendo implementadas na busca de potencializar Belém como uma cidade inteligente.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Cidades inteligentes

A cidade inteligente (*smart city*, em inglês) consiste em uma área urbanizada onde, por meio de tecnologias digitais e conectividade, se busca oferecer uma melhor qualidade de vida de seus habitantes, assim como a otimização de serviços públicos, promoção de medidas de sustentabilidade e aumento da participação social. A ideia de cidade inteligente está, também, ligada ao uso de soluções tecnológicas que visem a promoção ou mesmo a facilitação de tomadas de decisão e podem abranger internet das coisas (IoT), inteligência artificial (IA), bancos de dados e mesmo redes de comunicação

capazes de coletar, analisar e utilizar esses dados para se obter uma gestão urbana mais eficaz.

As noções sobre a cidade inteligente permeiam essa busca de inserir a população de maneira mais próxima ao que se faz ou se planeja para o desenvolver dessa cidade. Nesse sentido, Komninos (2008) define a cidade inteligente como:

> Cidades (inteligentes) como territórios com alta capacidade de aprendizagem e inovação, que está embutida na criatividade de sua população, suas instituições de criação de conhecimento e sua infraestrutura digital de comunicação e gestão do conhecimento (Komninos, 2008, pág. 6).

Essa definição mostra a como a cidade inteligente está intimamente interligada ao seu território e população, logo, a reconfiguração de uma cidade precisa ser baseada em aspectos que incluam as características e potenciais de seus habitantes. Essa cidade precisa buscar maneiras de potencializar a qualidade de vida de sua população de modo a enfrentar, de maneira inteligente, os diversos desafios em diversas áreas. Sobre cidades inteligentes, Guan (2008) diz que:

> Uma cidade inteligente, segundo o ICLEI – *Local Governments for Sustainability*, é uma cidade preparada para oferecer condições para uma comunidade saudável e feliz nas condições desafiadoras que as tendências globais, ambientais, econômicas e sociais podem trazer (Guan, 2012).

Algumas outras características de cidades inteligentes que podem ser destacadas são: A) Infraestrutura tecnológica integrada: uso de sistemas de monitoramento com câmeras e outros sensores conectados (IoT) onde é possível reorganizar a cidade em tempo real por meio de mudança de tempo em semáforos ou identificar problemas de iluminação pública ou de fornecimento de água e energia elétrica. B) Busca pela sustentabilidade ambiental: medidas que considerem as mudanças climáticas, melhor gerenciamento de resíduos da cidade, promoção do uso de energias renováveis. C) Mobilidade urbana mais inteligente: semáforos que sejam adaptáveis, maior eficiência do transporte público, interação e comunicação entre as linhas de transporte público, aplicativos que auxiliem usuários diariamente ao usar o transporte público. D) Participação da população: uso de meios digitais para proporcionar que o cidadão participe das tomadas de decisão sobre a cidade, resposta direta à

população sobre políticas públicas implementadas pela gestão, uso otimizado de redes sociais. E) Segurança e saúde: uso de câmeras de segurança inteligentes, monitoramento remoto de pacientes, dados sobre a saúde sempre claros e colocados de modo informativo. F) Uso eficiente de recursos: melhor gerenciamento de tráfego, coleta de lixo nas vias, melhorar o fornecimento de água na cidade. G) Promoção da inovação e desenvolvimento econômico: estimular na cidade o empreendedorismo e criação de novos negócios, principalmente os focados em sustentabilidade e tecnologia.

Com isso, fica mais claro como a ideia de cidade inteligente não permeia apenas medidas que sejam imediatamente ligadas à tecnologia, mas em otimizar a cidade para que todos essas medidas sejam capazes de inserir a população no organismo vivo da cidade e, consequentemente, fornecer para essa população uma relação muito mais participativa no desenvolver desse espaço ao longo do tempo.

Logo, uma cidade inteligente é aquela que, por meio do uso estratégico de tecnologia e inovação, busca enfrentar os problemas e desafios urbanos de forma mais integrada e de modo sustentável, priorizando as necessidades e o melhor viver de seus cidadãos. Essa abordagem holística não apenas promove uma gestão mais eficiente dos recursos e serviços públicos, como também fortalece a participação de mais habitantes, contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e resiliente, e estabelece novos paradigmas de desenvolvimento urbano para o futuro dessa cidade.

3.2 Mobilidade urbana nas cidades inteligentes

A mobilidade urbana é um dos grandes temas das cidades inteligentes por influenciar diretamente a qualidade de vida de seus habitantes. Os deslocamentos precisam ser mais eficientes e sustentáveis, o que contribui para o desenvolvimento social e econômico dessa cidade. O uso de tecnologias como aplicativos de transporte, plataformas de carona compartilhada, maior utilização de veículos elétricos, aplicativos de acompanhamento de linhas de ônibus e sistemas integrados de transporte público, pode ser eficaz na redução de emissão de poluentes, diminuição de congestionamentos e promoção de transporte mais acessível e seguro. Essa integração pode transformar a maneira como a população se relaciona ao transporte público local, por exemplo, e levar

a mudanças significativas na mobilidade urbana, proporcionando deslocamentos dignos, acessíveis, conectados e sustentáveis.

Belém, por outro lado, enfrenta desafios como a expansão desordenada, que dificulta o planejamento de um sistema de mobilidade organizado, questões socioeconômicas que interferem diretamente na dificuldade da população em ter acesso ao transporte público, falta de manutenção de vias e má qualidade de calçamentos, transporte público ineficiente e com superlotação, além de questões ambientais como alagamentos e ineficiência do sistema de drenagem, que impactam diretamente a mobilidade.

Na última década, a cidade avançou significativamente na implementação de ciclovias e ciclofaixas, mas essas medidas ainda insuficientes para incentivar plenamente seu uso, principalmente à falta de educação no trânsito entre ciclistas e motoristas, além de ciclovias e ciclofaixas que não se comunicam de maneira efetiva e segura. Exemplos interessantes da implementação e expansão dessas ciclovias e ciclofaixas estão no entorno de obras recentes da cidade, como é o caso do Parque Urbano Belém Porto Futuro, na Imagem 1.

Imagem 1 – Ciclofaixa na Rua Belém, entorno do Parque Urbano Belém Porto Futuro.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Apesar de alguns calçamentos oferecerem trepidação incômoda para cadeirantes, por exemplo, o espaço possui acessibilidade, internet gratuita sem fio e lazer gratuito com segurança e boa relação com a natureza e o entorno da antiga área portuária da cidade.

3.3 Belém como cidade inteligente

Segundo dados prévios divulgados pelo IBGE (2024), Belém possui cerca de 1.398.531 habitantes ocupando o 11º lugar das cidades mais populosas do Brasil. Esse número é capaz de mostrar a importância de se preocupar constantemente com os desafios significativos que a cidade enfrenta. Problemas de alagamento, infraestrutura viária limitada, congestionamentos, vias de entrada e saída da cidade insuficientes, manutenção de ruas e calçamentos assim como falta de medidas que garantam acessibilidade em vias públicas são alguns dos exemplos desses desafios que Belém, assim como outras grandes cidades, enfrentam atualmente. Além disso, ela enfrenta problemas que se estendem à sua área metropolitana onde trânsito, alagamentos e monitoramento ambiental podem ser melhor estudados e combatidos com o uso de tecnologia e da busca constante em compreender os anseios e necessidades dos cidadãos e, assim, executar medidas para sanar cada uma dessas problemáticas.

Sobre mobilidade, Belém enfrenta os desafios do aumento significativo da frota de veículos particulares. A cidade oferece um transporte público composto basicamente por ônibus e que recebe críticas constantes sobre disponibilidade, pontualidade, qualidade e segurança. A implementação do Sistema BRT (*bus rapid transit*), até o momento, parece não atender aos anseios da população, principalmente devido ao tempo de obras que se prolongam e transformam negativamente a experiência de quem transita por essas áreas, oferecendo insegurança além pouca ou insuficiente iluminação pública durante o decorrer dessa execução. A cidade sinaliza novas perspectivas por meio da compra de ônibus elétricos que ofereçam ar condicionado e internet, contudo, a medida mostra dificuldade em ser implementada por questões de disputas políticas que afetam diretamente o usuário comum desse tipo de transporte. Todas essas dificuldades no transporte público também acabam incentivando o transporte público irregular e alternativo, contribuindo para problemas com fiscalização e insegurança.

Contudo, em 2021, Belém sediou o *Encontro Regional Connected Smart Cities & Mobility* onde foi apresentado o Plano de Desenvolvimento de Cidades Inteligentes. O evento reuniu gestores, especialistas e profissionais de áreas afins para discutir como Belém se posiciona em relação ao cenário das cidades

inteligentes e, durante o evento, foi apresentado o Plano de Desenvolvimento de Cidades Inteligentes para a cidade.

Esse plano de desenvolvimento é focado em três pilares principais, sendo eles a inovação tecnológica, políticas públicas de inclusão social e desenvolvimento sustentável. Desde junho de 2022 o chamado “Programa Belém Inteligente” vem sendo aplicado em parcerias com empresas, universidades assim como a participação de *startups*. Partindo do princípio de que a tecnologia deve ser acessível a todos, o programa visa promover a inclusão digital e capacitar a população em habilidades digitais. Sobre isso, a Agência Belém destaca que:

> O Belém Inteligente é a tecnologia voltada à produção da justiça social, do desenvolvimento com equilíbrio ecológico, com respeito à natureza e com participação social. A tecnologia em si é importante, mas ela perde totalmente a importância se for apenas um instrumento tecnológico sem substrato social (Agência Belém, 2022).

Isso indica uma busca em promover Belém como cidade inteligente, mas que, em seus meandros, haja participação popular e consideração das questões ambientais de maneira equilibrada. Como uma capital na Amazônia, Belém pode ser capaz de se destacar, ainda mais, no contexto das *smart cities* e servir de incentivo para implementações futuras em cidades da região.

Outro ponto importante é buscar compreender como Belém se comporta como cidade inteligente na busca de promover espaços públicos acessíveis. Há de se oferecer condições para que pessoas com deficiência visual, auditiva ou mobilidade reduzida consigam permear espaços diversos. Espaços acessíveis só são possíveis quando existe uma sequência de outras implementações como transporte adaptado e sinalização inteligente, além de medidas que deveriam ser comuns como calçadas adequadas, piso tátil, rampas com inclinação de acordo com a legislação e pisos que não ofereçam perigo para circulação de pedestres.

Segundo o *Ranking Connected Smart Cities*, dentro das cidades pesquisadas, Belém ocupava a 7ª posição em Mobilidade e Acessibilidade, 20º lugar em Empreendedorismo e a 34ª posição em Tecnologia e Inovação. Segundo o próprio *Connected Smart Cities*, Belém destaca-se por

> A iniciativa reunirá especialistas em smart cities e acontece ao vivo, em formato virtual, com destaque para a programação, com a apresentação do Plano de Desenvolvimento de Cidades Inteligentes

> para Belém e dos indicadores de desenvolvimento, no contexto do Ranking Connected Smart Cities. A cidade é a 7ª colocada em Mobilidade e Acessibilidade, 20ª posição em Empreendedorismo, e 34ª em Tecnologia e Inovação (Connected Smart Cities, 2021).

Isso contribuiu para inserir Belém em outra etapa de estudos sobre cidades inteligentes em um âmbito ainda maior. Em 2023, no Brasil, o Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF) e o Consórcio Latina América *Smart Cities* promovem um programa de cooperação técnica de transformação digital de cidades brasileiras que foi auxiliado pela consultoria da Plataforma *Connected Smart Cities* (CSC). Isso mostra a potencialidade de Belém, além de possibilitar o surgimento de dados sobre a cidade.

Ainda sobre o Programa Belém Inteligente, segundo a Agência Belém, Belém já usa tecnologia integrada ao processo de programas como o Programa Municipal Terra da Gente onde o levantamento de imagens das áreas mapeadas já conta com esse auxílio para identificação de imóveis irregulares. O programa busca oferecer o título à terra em diversos bairros da capital e sua área metropolitana. Em outras ações da gestão da cidade já acontece a implementação de tecnologia. Na Agência Belém (2022) é dito que:

> Na área da saúde, a Unidade Básica de Saúde (UBS) Portal da Amazônia desenvolve o atendimento de telemedicina à população com especialistas do Hospital Israelita Albert Einstein, de São Paulo. A participação cidadã é um grande marco na inovação tecnológica para o município, com o Fórum Permanente de Participação Cidadã Tá Selado, implantado desde 2021. Os programas Donas de Si e Bora Belém, que inauguram no Brasil um modelo de renda cidadã para mulheres da periferia, na sua maioria, visando capacitação e geração de redes de empreendimentos populares para as beneficiárias, também são exemplos do uso tecnológico para inclusão social e combate à pobreza (Agência Belém, 2022).

Outro exemplo é o uso de totens (Imagem 2) que visam o monitoramento e que foram implementados pelo governo do Pará. A ação é ligada à segurança pública de cidades como Marabá, Santarém, Ananindeua, Altamira e própria Belém. O totem oferece comunicação rápida e imediata com o sistema de urgência e emergência da cidade.

Imagem 2 – Totem de urgência e emergência da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Pará.



Fonte: Agência Pará, 2024.
Disponível em: agenciapara.com.br/noticia/51629/para-instala-totens-de-seguranca-para-atender-chamados-de-urgencia-e-emergencia-da-populacao. Acesso em: 28 ago. 2024.

No site da Agência Pará é reforçado como a medida é faz partes do projeto “Cidades Inteligentes” e busca, por meio de tecnologia, videomonitoramento e inteligência artificial, um incremento nas ações de busca por mais segurança em diversos pontos da cidade. Segundo a Agência Pará (2024):

> A iniciativa faz parte do projeto "Cidades Inteligentes", e tem como objetivo fortalecer a parceria com os municípios, com o principal objetivo de potencializar as ações preventivas de segurança pública, com o uso intensivo de tecnologia, incluindo recursos de videomonitoramento e inteligência artificial (Agência Pará, 2024).

Todos esses exemplos ajudam a nortear e compreender como a cidade implementa ações de uso da tecnologia aos moldes das *smart cities*. Novos e correntes obras como o Parque da Cidade e Sistema BRT precisam de projetos capazes de seguir oferecendo melhorias para a população, mas sem deixar de lado a importância da participação popular em todas as suas fases.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Belém se mostra muito promissora no caminhar como uma cidade inteligente, ainda mais no contexto da Amazônia. O próprio interesse do Encontro Regional *Connected Smart Cities & Mobility* em acontecer na capital é um marco importante nesse sentido. Com o desenvolver do Programa Belém Inteligente a expectativa é que as medidas implementadas sejam capazes de buscar experiências mais dignas para o dia a dia de seus habitantes. A capital do Pará pode continuar usando tecnologia para a busca de problemas já históricos como a arborização precária na maioria dos bairros e desigual entre periferia e centro, gerenciamento de tráfego, mais equipamentos acessíveis como faixa de pedestres com auxílio de botão de acionamento do sistema sonoro, renovação da frota de transporte público, aumento das áreas de infraestrutura sustentável como calçadas adequadas e ciclovias, promover educação ambiental, aumento e maior integração dos sistemas de monitoramento, assim como mais parcerias entre setor público e privado para investimentos em infraestrutura e tecnologia. Com essas implementações já seria possível observar uma melhora significativa em questões como congestionamento, qualidade do ar, melhor eficiência no deslocamento diário dos habitantes além de um aumento significativo na qualidade de vida dessas pessoas. Além disso, esse conjunto de medidas ajuda a posicionar Belém como um exemplo de inovação na região Norte, atraindo ainda mais investimentos para um desenvolvimento sustentável, sendo o planejamento estratégico que envolva todos os setores da sociedade fundamental para alcançar cada um desses objetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BELÉM. **Programa Belém Inteligente é um marco na inovação para o desenvolvimento social de Belém**. Agência Belém, 6 jun. 2022. Disponível em: <https://agenciabelem.com.br/Noticia/225593/programa-belem-inteligente-e-um-marco-na-inovacao-para-o-desenvolvimento-social-de-belem>. Acesso em: 28 ago. 2024.

AGÊNCIA PARÁ. **Pará instala Totens de segurança para atender chamados de urgência e emergência da população**. Agência Pará, 21 fev. 2024. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/51629/para-instala-totens-de-seguranca-para-atender-chamados-de-urgencia-e-emergencia-da-populacao>. Acesso em: 28 ago. 2024.

CONNECTED SMART CITIES. **PA recebe evento para debater plano de cidade inteligente de Belém**. Connected Smart Cities, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://portal.connectedsmartcities.com.br/2021/03/05/pa-recebe-evento-para-debater-plano-de-cidade-inteligente-de-belem/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GUAN, L. Smart Steps To A Battery City. **Government News**, 2012.

IBGE. **População estimada do país chega a 212,6 milhões de habitantes em 2024**. Agência de Notícias do IBGE, 29 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41111-populacao-estimada-do-pais-chega-a-212-6-milhoes-de-habitantes-em-2024>. Acesso em: 30 ago. 2024.

KOMNINOS, N. **Cidades Inteligentes - Sistemas de Inovação e Tecnologias da Informação ao serviço do Desenvolvimento das Cidades**. 2008, pág. 6. Disponível em: <http://repositorio.enap.gov.br/handle/1/7001> Acesso em: jul. 2024.

INFLUENCIADORES DIGITAIS: ANCESTRALIDADE NARRADA NO INSTAGRAM DE NICE TUPINAMBÁ[1]

DIGITAL INFLUENCERS: ANCESTRY NARRATED ON NICE TUPINAMBÁ'S INSTAGRAM

INFLUENCERS DIGITALES: ASCENDENCIA NARRADA EN EL INSTAGRAM DE NICE TUPINAMBÁ

Lucas Matheus Santos Porto[2]

Resumo: O objetivo geral desta pesquisa é analisar as publicações do perfil da influenciadora digital indígena Nice Tupinambá no *Instagram*. Os objetivos específicos são: (1) mapear as postagens da influenciadora no perfil da plataforma de rede social *Instagram*; (2) identificar o conteúdo publicado no *feed* do *Instagram*. Esta pesquisa é uma Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), que combina técnicas de caráter qualitativo e quantitativo de forma complementar. A coleta do conteúdo aconteceu durante 31 dias, entre o primeiro e último dia de julho de 2024, totalizando em 35 publicações. Como resultado é indicado que os conteúdos mais abordados pela criadora de conteúdo são a ancestralidade e política.

Palavras-chave: Influenciadores digitais; Plataformas de redes sociais; Amazônia.

Abstract:The general objective of this research is analyze the publications of the profile of the indigenous digital influencer Nice Tupinambá on Instagram. The specific objectives are: (1) to map the influencer's posts on the profile of the social network platform Instagram; (2) identify the content published on the Instagram feed. This research is a Content Analysis proposed by Bardin (2011), which combines qualitative and quantitative techniques in a complementary way. The content collection took place for 31 days, between the first and last day of July 2024, totaling in 35 posts. As a result, it is indicated that the contents most addressed by the content creator are ancestry and politics.

Keywords: Digital influencers; Social media plataforms; Amazon.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Narrativas, Cidades e Tecnologias: um olhar para a Amazônia" do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), mestre pela mesma Instituição. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (Capes). Integrante do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação (UbiCom/CNPq). Email: lucas.porto.pesquisa@gmail.com. ORCID 0009 – 0000 – 3163 – 0011.

Resumen: El objetivo general de esta investigación es analizar las publicaciones del perfil de la influencer digital indígena Nice Tupinambá en Instagram. Los objetivos específicos son: (1) mapear las publicaciones de la influencer en el perfil de la plataforma de redes sociales Instagram; (2) identificar el contenido publicado en el feed de Instagram. Esta investigación es un Análisis de Contenido propuesto por Bardin (2011), que combina técnicas de carácter cualitativo y cuantitativo de forma complementaria. La recopilación del contenido tuvo lugar durante 31 días, entre el primer y el último día de julio de 2024, totalizando em 35 publicaciones. Como resultado, se indica que los contenidos más abordados por el creador de contenido son la ascendencia y la política.

Palavras clave: Influencers digitales; Plataformas de redes sociales; Amazonía.

1. INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, é notável o aumento do consumo de informações a partir de plataforma de redes sociais, como o *Instagram*, *X*, *Facebook* e *Tiktok*. Estas são capaz de narrar o cenário de um determinado tempo e espaço a partir do conteúdo publicado.

Reis e Porto (2023) acreditam que durante muito tempo, a região amazônica foi narrada pela construção de estereótipos, uma realidade que pode ser mudada a partir de conteúdos publicados por influenciadores digitais. Os discursos frequentemente retratam a região como atrasada, necessitando de um desenvolvimento baseado em paradigmas internacionais, desconsiderando a verdadeira vivência amazônica, que se baseia nos conhecimentos tradicionais e no manejo florestal dos grupos que ali habitam.

Para Loureiro (2022), a presença de diversos grupos gera narrativas que tentam subalternizá-los, desvalorizando seus modos de vida sob a justificativa do desenvolvimento e da suposta necessidade de "inclusão" no estilo de vida predominante na sociedade.

Com o surgimento de novas tecnologias e a comunicação nas plataformas de redes sociais, o ativismo amazônico ganha força. Influenciadores utilizam as plataformas para mostrar a realidade local e construir um discurso alternativo, que combate as visões equivocadas propagadas internacionalmente.

As plataformas de redes sociais são responsáveis por narrar realidades, dar voz e visibilidade aqueles que produzem conteúdos voltados para estes

espaços, como os influenciadores digitais. Abidin (2021) define influenciadores digitais como um “tipo muito específico de celebridades da internet que buscam transformar essa visibilidade on-line em uma carreira digital remunerável”.

Existem os megainfluenciaodores, macroinfluenciadores, influenciadores intermediários, microinfluenciadores e nanoinfluenciadores. Microinfluenciadores digitais, que são os usuários entre 10 mil e 100 mil seguidores nas plataformas de redes sociais, de acordo com o Influency Me (2023).

A microinfluenciadora Nice Tupinambá é indígena, jornalista, mãe solo e ambientalista, que possui mais de 15 mil seguidores somente na plataforma de rede social *Instagram*, onde compartilha conteúdo diariamente. Sendo assim, este artigo buscar responder a seguinte questão problema: “qual o conteúdo do *Instagram* da influenciadora digital Nice Tupinambá?”. A pesquisa é uma análise de conteúdo a partir de Bardin (2011). A metodologia da pesquisa é moldada a partir de postagens do *feed* do Instagram coletadas no mês de julho de 2024, totalizando em 35 publicações.

Desta forma, o objetivo geral deste artigo é analisar as publicações do perfil da influenciadora digital indígena Nice Tupinambá no *Instagram*. Os objetivos específicos são: (1) mapear as postagens da influenciadora no perfil da plataforma de rede social *Instagram*; (2) identificar o conteúdo publicado no *feed* do *Instagram*. Esta pesquisa combina técnicas de caráter qualitativo e quantitativo de forma complementar. Os conceitos de influenciadores digitais (Abidin, 2021; Karhawi, 2017; Primo; Matos; Monteiro, 2021), plataformas de redes sociais (Boyd; Elisson, 2013; Recuero, 2009) e narrativa e realidade Amazônica (Loureiro, 2022; Reis e Porto, 2023) são a base para a discussão realizada.

2. PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS

As plataformas de redes sociais são consideradas aplicativos ou sites que dão a permissão de um usuário usufruir de perfis, criar conteúdo e fazer conexão com outros indivíduos. Para Boyd e Ellison (2013), o usuário pode construir um perfil público ou semi-público, articular uma listra de outros usuários e visualizar a sua lista de conexões, nas redes.

> Um site de rede social é uma plataforma de comunicação em rede na qual os participantes 1) possuem perfis de identificação única que consistem em conteúdos produzidos pelo usuário, conteúdos fornecidos por outros usuários, e/ou dados fornecidos pelo sistema; 2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e cruzadas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado por usuários fornecidos por suas conexões no site (Ellison; Boyd, 2013, p. 158)

As ferramentas disponíveis nestes espaços são responsáveis por criar uma comunicação, que pode variar na publicação do conteúdo, como: textos, fotos vídeos e informações.

> Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (Recuero, 2009, pág 24)

A interação do indivíduo com as plataformas de redes sociais permite que exista troca de informações com outros usuários do espaço. Para Recuero (2009), a definição da plataforma de rede social é composta por atores sociais, que podem ser grupos indivíduos e organizações que se conectam por laços sociais, de alguma forma, como familiares, amigos, trabalho ou algum outro ponto de ligação em comum.

> O ciberespaço e as ferramentas de comunicação possuem particularidades a respeito dos processos de interação. Há uma série de fatores diferenciais. O primeiro deles é que os atores não se dão imediatamente a conhecer. Não há pistas da linguagem não verbal e da interpretação do contexto da interação. É tudo construído pela mediação do computador. O segundo fator relevante é a influência das possibilidades de comunicação das ferramentas utilizadas pelos atores. Há multiplicidade de ferramentas que suportam essa interação e o fato de permitirem que a interação permaneça mesmo depois do ator estar desconectado do ciberespaço. (Recuero, 2009, pág 30)

Assim como Recuero (2009), as autoras Boyd e Ellison (2013) citam que as plataformas de redes sociais permitem que os usuários encontrem conexões que já existem fora do espaço virtual, mas também permite o surgimento de novos laços que podem não existo além das fronteiras do mundo digital. Um exemplo muito comum de interações com pessoas nos espaços virtuais

acontece no universo das profissões que surgem na internet, como os influenciadores digitais.

2.1 Influenciadores Digitais

O termo passa a ser conhecido no Brasil somente em 2015, como afirma Karhawi (2017). Os influenciadores digitais são usuários das plataformas de redes sociais que estão cronicamente on-line, produzindo conteúdo e monetizando o trabalho exposto, independentemente do número de pessoas que estão acompanhando.

Abidin (2021) relata que influenciadores digitais não são somente uma extensão dos serviços de propagando ofertados nas redes, são responsáveis por construir laços e narrar histórias que atraem engajamento para o seu trabalho, a partir da conexão emocional.

Essa profissão pode ser conhecida por diferentes termos, que foram evoluindo conforme os estudos sobre influenciadores digitais se aprofundaram. Esses termos incluem: vloggers, youtubers, blogueiros, formadores de opinião, influenciadores digitais e *creators*, conforme aponta Issaaf Karhawi (2017).

Os *creators*[3] são capazes de influenciar opiniões e decisões de quem acompanha o conteúdo publicado das redes. Karhawi (2017) cita que os influenciadores digitais ou criadores de conteúdo, são agentes que exercem a função de mediação cultural, social e econômica.

> Os influenciadores digitais são pessoas que publicam conteúdo na internet, por meio de um blog ou de redes sociais on-line, como o Twitter, Facebook, Instagram, Tik Tok e entre outros. Eles são responsáveis por produzir conteúdo para um público-alvo se identificar. Influenciamos e somos influenciados a todo momento. Quando sugerimos um médico, ou quando alguém compra algo, ou visita um museu a partir do relato positivo de um amigo, o poder da influência é exercido. Para que se possa avançar a discussão sobre quem são os influenciadores digitais, como trabalham e que impacto potencial podem oferecer aos anunciantes, é preciso, antes de mais nada, acompanhar, ainda que brevemente, os estudos sobre influência, mais especificamente na esfera midiática. (PRIMO, MATOS, MONTEIRO. 2021, p. 46)

Abidin (2021) acredita que os *creators* são o centro da cultura digital, responsáveis por criar além das práticas de consumo, como na criação de laços

[3] Em tradução para o português, o termo *creator* é usado para se referir aos criadores de conteúdo das plataformas de redes sociais, também denominados por influenciadores digitais.

afetivos com todos que acompanham o trabalho publicado pelos influenciadores digitais.

Sendo assim, dentro dos diversos nichos dos influenciadores digitais, como: moda, mundo *fitness*, *geek*, *lifestyle*, gastronomia e entre outros, estão os influenciadores ligados à militância em prol da ancestralidade, como a jornalista Nice Tupinambá.

2.2 A criadora de conteúdo e jornalista Nice Tupinambá

Influenciadora digital, indígena, jornalista, mãe solo e ambientalista, a criadora de conteúdo Nice Tupinambá possui mais de 15 mil seguidores somente na plataforma de rede social *Instagram*. Ela compartilha diariamente conteúdo voltado principalmente às suas origens indígenas.

Figura 1 – Nice Tupinambá



Fonte: Captura de Tela.

Nice é indígena do Povo Kamuta Tupinambá, nascida no Rio Tocantins, Guajará de Baixo, Porto Grande / Cametá. Se mudou para Belém aos 14 anos, para estudar e trabalhar. Já trabalhou como colunista no Belém Trânsito, onde denunciou crimes contra a Amazônia e seus povos[4].

[4] Informações sobre Nice Tupinambá. Disponível em: https://www.parlaindiobrasil.com.br/nice-tupinamba. Acesso em: 25 ago 2024.

2.3 Metodologia

Este artigo é uma pesquisa qualitativa e quantitativa de forma complementar, que aborda as publicações do perfil do *Instagram*[5] na conta da criadora de conteúdo Nice Tupinambá. A pesquisa analisa somente as publicações do *feed*, totalizando 35 publicações do mês sete (julho) de 2024.

A pesquisa é uma análise de conteúdo proposta a partir de Bardin (2011) e buscar responder a seguinte questão problema: "Qual o conteúdo do *feed* do perfil do *Instagram* da influenciadora digital Nice Tupinambá?".

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as publicações do perfil da influenciadora digital indígena Nice Tupinambá no *Instagram*. Os objetivos específicos são: (1) mapear as postagens da influenciadora no perfil da plataforma de rede social *Instagram*; (2) identificar o conteúdo publicado no *feed* do *Instagram*.

A influenciadora foi selecionada por ser uma das referências na produção de conteúdo sobre a ancestralidade indígena. Após selecionar o perfil e o período de análise, foram feitas as capturas de telas na conta no perfil no *Instagram* da produtora de conteúdo. Após isso, baseado no que foi capturado, foram criadas categorias de análise sobre a temática do conteúdo produzida por Nice Tupinambá.

2.4 Descrição

A metodologia usada é a Análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), onde o material coletado posteriormente foi classificado por temas ou categorias para responder ao objetivo geral e objetivos específicos desta pesquisa. Baseando-se no que foi observado das capturas de tela foram criadas estas categorias:

[5] O *Instagram* é uma plataforma de rede social lançada em 2010, inicialmente disponível apenas para dispositivos com o sistema iOS. Em 2012, a empresa *Facebook*, atualmente chamada *Meta*, expandiu o aplicativo para dispositivos Android. Na plataforma, é possível publicar fotos e vídeos no *feed* de notícias e também compartilhar conteúdos na seção *Reels*.

Tabela 1 – Categorias de análise (temas)

Ancestralidade	**Conteúdo relacionado à origem indígena, costumes e cultura ancestral**
Marco Temporal	**Conteúdo relacionado ao Marco Temporal**
Política	**Conteúdo relacionado à política**
Memes	**Conteúdo de humor**
Assuntos pessoais	**Conteúdo relacionado à família e datas comemorativas**
Publicidades	**Conteúdo relacionado à propagandas e divulgação**

Fonte: Elaboração própria.

2.5 Análise

A análise desenvolvida nesta pesquisa revelou que o conteúdo mais abordada pela influenciadora digital Nice Tupinambá é a ancestralidade e política, como mostram os resultados abaixo.

Tabela 2 – Resultados com o número de postagens sobre os temas

Ancestralidade	**11**
Marco Temporal	**2**
Política	**11**
Memes	**3**
Assuntos pessoais	**5**
Publicidades	**3**
Total:	**35 publicações**

Fonte: Elaboração própria.

É necessário ressaltar que a pesquisa foi desenvolvida em ano de eleição para vereadores e a produtora de conteúdo é candidata.

Figura 2 – Exemplo de publicação sobre política



Fonte: Captura de tela.

Figura 3 – Exemplo de publicação sobre ancestralidade

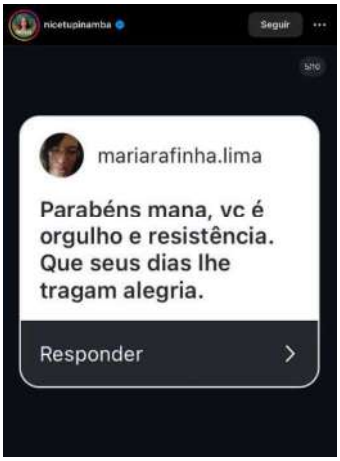


Fonte: Captura de tela.

As publicações sobre ancestralidade são presentes no conteúdo da *creator*, onde ela sempre celebra as raízes e cultura indígena. A partir da análise,

foi possível perceber que o conteúdo sobre ancestralidade conecta o presente e passada, dando a oportunidade de compreensão mais profunda sobre a construção da identidade amazônica e indígena.

Figura 4 – Exemplo de publicação sobre assuntos pessoais



Fonte: Captura de tela.

Em segundo lugar, o tema mais abordada são os assuntos pessoais, que são os conteúdo relacionados à família e datas comemorativas, totalizando cinco publicações. É importante ressaltar que muitos dos posts que se encaixaram nessa categoria eram colaborativos, com outro usuário desejando feliz aniversário para a criadora de conteúdo. Por ser uma colaboração, também fica disponível no perfil de Nice, se tornando parte do conteúdo analisado.

Figura 5 – Exemplo de publicação sobre memes



Fonte: Captura de tela.

O terceiro tema mais abordado por Nice são memes (três publicações) e publicidades (três publicações). O conteúdo de humor que levam leveza e humor para o *feed* do *Instagram*, e apesar do formato, eles são relacionado à política e ancestralidade, mas foi necessário uma categoria somente desse conteúdo, pois é uma forma de relevar o formato da comunicação digital abordada por Nice Tupinambá. Já as publicidades, por se tratar de uma influenciadora digital, necessariamente, a categoria é obrigatória, pois todo produtor de conteúdo divulga publicidades, como a divulgação de eventos, produtos, serviços e entre outros.

Figura 6 – Exemplo de publicação sobre publicidades



Fonte: Captura de tela.

O conteúdo menos abordado no perfil dentro do período analisado foram as publicações referentes ao Marco Temporal[6], totalizando duas publicações em que onde Nice se posiciona contra.

Figura 7 – Exemplo de publicação sobre Marco Temporal



Fonte: Captura de tela.

As publicações mostram a importância da atuação da influenciadora digital em conservar a ancestralidade e não deixar a cultura indígena se esquecida pelas gerações futuras.

[6] O tema gera grandes debates no Brasil. A tese jurídica estabelece que apenas as terras que estivessem sob posse efetiva dos povos indígenas na data da promulgação da Constituição Federal de 1988 são passíveis de serem reivindicadas. O Marco Temporal influencia diretamente a política de proteção e reconhecimento das terras indígenas no país. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/966618-o-que-e-marco-temporal-e-quais-os-argumentos-favoraveis-e-contrarios/. Acesso em 26 ago 2024.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de identificar o conteúdo das publicações da influenciadora digital Nice Tupinambá no *feed* do *Instagram*, em julho de 2024. Durante a investigação, observou-se que o assunto mais abordado pela criadora de conteúdo são a ancestralidade e política.

Os criadores de conteúdo, como cita Karhawi (2017) têm a responsabilidade de criar conteúdo de qualidade e responsável, pois a partir das plataformas de redes sociais, eles podem influenciar todos que acompanham o trabalho publicado. Quando Nice Tupinambá compartilha conteúdo sobre ancestralidade, é uma forma de manter viva a cultura e tradição dos povos indígenas, levando mais conhecimento para o público.

No cenário de estereótipos sobre determinadas regiões criados, quando um influenciador digital compartilha o conteúdo a partir do próprio olhar, ele pode ajudar no combate ao cenário imaginário que generaliza e estereotipa a diversidade cultural e a desigualdade social vivenciada na região. Sendo assim, eles se tornam figuras essenciais para contar realidades além das tradicionais contadas pelas grandes mídias. Eles se tornam porta-vozes das especificidades da região, ajuda a combater a desmistificação dos discursos generalizados e difundido a verdadeira realidade amazônica, com um olhar de quem reside e vive na região.

Nesse contexto, esta pesquisa busca contribuir para o avanço dos estudos sobre narrativas, cidades e tecnologias: um olhar para a Amazônia, destacando a importância da atuação de *creators* no que diz respeito ao conteúdo sobre ancestralidade indígena.

REFERÊNCIAS:

Abidin, Crystal e Karhawi, Issaaf. Influenciadores digitais, celebridades da internet e “blogueirinhas”: uma entrevista com Crystal Abidin. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação [online]. 2021, v. 44, n. 1 [Acessado 13 Junho 2024], pp. 289-301. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-58442021114>. Epub 19 Mar 2021. ISSN 1980-3508.https://doi.org/10.1590/1809-58442021114. Acesso em: 16 jul 2024.

BARDIN, L.(2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. Disponível

em:https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardinlaurence-analise-de-conteudo.pdf. Acesso em: 26 jul 2024.

Ellison, N. B. & boyd, d. (2013). Sociality through Social Network Sites. In Dutton, W. H. (Ed.),The Oxford Handbook of Internet Studies. Oxford: Oxford University Press, pp. 151-172. Disponível em: https://www.academia.edu/7731305/Ellison_N_B_and_boyd_d_2013_Sociality_through_Social_Network_Sites_In_Dutton_W_H_Ed_The_Oxford_Handbook_of_Internet_Studies_Oxford_Oxford_University_Press_pp_151_172. Acesso em:22 jul 2024.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. Revista Communicare, v. 17, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34664305/Influenciadores_digitais_conceitos_e_práticas_em_discussão. Acesso em: 15 jul 2024.

LOUREIRO, Violeta. Amazônia: colônia do Brasil. São Paulo: Editora Valer, 2022. LOUREIRO, V. R. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. Estudos Avançados, [S. 1.], v. 16, n. 45, p. 107-121, 2002. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9872. Acesso em: 17 ago 2024.

PRIMO, Alê; MATOS, Ludimila; MONTEIRO, Maria. Dimensões para o estudo de influenciadores digitais. Salvador: EDUFBA, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/34395. Acesso em: 12 jul 2024.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Cibercultura. 191p. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Recuero/publication/259328435_Redes_Sociais_na_Internet/links/0c96052b036ed28f4d000000/Redes-Sociais-na-Internet.pdf. Acesso em: 02 ago 2024.

REIS, ROBERTA CAROLINA ARAUJO DOS; PORTO, Lucas Matheus Santos. INFLUENCIADORES DIGITAIS: A AMAZÔNIA NARRADA PELA INDÍGENA TXAI SURU.. In: Anais do VI Encontro de Pesquisa em Comunicação na Amazônia. Anais...Belém(PA) PPGCOM UFPA, 2023. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/epca2023/801907-INFLUENCIADORES DIGITAIS--A-AMAZONIA-NARRADA-PELA-INDIGENA-TXAI-SURU. Acesso em: 04 ago 2024.

ESTRATÉGIAS DE MARKETING AMBIENTAL UTILIZADAS PELO CLUBE DO REMO, BELÉM-PA, EM CAMPANHA POR UM FUTEBOL COM RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL[1]

ENVIRONMENTAL MARKETING STRATEGIES USED BY CLUBE DO REMO, BELÉM-PA, IN CAMPAIGN FOR FOOTBALL WITH SOCIAL AND ENVIRONMENTAL RESPONSIBILITY

ESTRATEGIAS DE MARKETING AMBIENTAL UTILIZADAS POR EL CLUBE DO REMO, BELÉM-PA, EN LA CAMPAÑA POR UN FÚTBOL CON RESPONSABILIDAD SOCIAL Y AMBIENTAL

Luann Victor Chermont de Oliveira[2]
André Felipe da Costa Cunha[3]
Douglas Junio Fernandes Assumpção[4]
Izabela da Silva Jatene[5]

Resumo: Este artigo discute sobre a relação entre as constantes transformações que o mundo digital, estratégias de *marketing,* questões socioambientais e o futebol na Amazônia, especificamente o Clube do Remo, um time de futebol com uma das maiores torcidas do Norte do Brasil, proveniente do estado do Pará. O objetivo deste estudo é analisar as estratégias multicanais de *marketing* utilizadas pelo Clube do Remo para promover a campanha ambiental "Sinta a Amazônia" e a relação com a responsabilidade socioambiental, além da análise da diversidade social das concepções das "Amazônias", apontando para o futebol como importante ferramenta de lutas e ativismos sociais, principalmente por ter grande quantidade de torcedores e ter apelo da mídia e

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho St3: Narrativas, Cidades e Tecnologias: um olhar para a Amazônia do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: victor.chermont.ad@gmail.com Lattes: http://lattes.cnpq.br/2418641175740934

[3] Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA) Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Pedagogo e Diretor Pedagógico da Pró-Reitoria de Ensino do IFPA. E-mail: andre.cunha@ifpa.edu.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6660-8428

[4] Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutor em Comunicação, Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Líder do Grupo de Pesquisa "Capital Social e Cultural" (UNAMA/CNPq). E-mail: rp.douglas@hotmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5048-6692

[5] Professora do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública (PPGSP/UFPA). Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ). Mestre em Antropologia e Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Diretora da Faculdade de Ciências Sociais (FACS/UFPA). E-mail: izabelajatene@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0009- 0000-7999-0067

do comércio, podendo realizar estratégias de *marketing* com outras organizações e para consumo.

Palavras-chave: Amazônias; *marketing* ambiental; Clube do Remo; ativismo no futebol.

Abstract: This article discusses the relationship between the constant transformations that the digital world, marketing strategies, socio-environmental issues and football in the Amazon, specifically Clube do Remo, a football team with one of the biggest fans in the North of Brazil, coming from the state of Pará. The objective of this study is to analyze the multichannel marketing strategies used by Clube do Remo to promote the environmental campaign "Feel the Amazon" and the relationship with socio-environmental responsibility, in addition to analyzing the social diversity of conceptions of the "Amazonias", pointing to football as an important tool for struggles and social activism, mainly because it has a large number of fans and appeal from the media and commerce, being able to carry out marketing strategies with other organizations and for consumption.

Keywords: Amazônias; environmental marketing; Clube do Remo; activism in football.

Resumen: Este artículo analiza la relación entre las constantes transformaciones que vive el mundo digital, las estrategias de marketing, las cuestiones socioambientales y el fútbol en la Amazonía, específicamente el Clube do Remo, equipo de fútbol con una de las mayores aficiones del Norte de Brasil, proveniente del estado de Pará El objetivo de este estudio es analizar las estrategias de marketing multicanal utilizadas por el Clube do Remo para promover la campaña ambiental "Siente la Amazonia" y la relación con la responsabilidad socioambiental, además de analizar la diversidad social de concepciones de la misma. las "Amazonias", señalando al fútbol como una importante herramienta de lucha y activismo social, principalmente porque cuenta con gran cantidad de aficionados y atractivo de los medios de comunicación y el comercio, pudiendo realizar estrategias de marketing con otras organizaciones y de consumo.

Palavras clave: Amazônias; marketing ambiental; Club de Remo; Activismo en el fútbol.

INTRODUÇÃO

Em um mundo de constante mutação, caracterizado pela velocidade com que novas tecnologias tornam obsoletas aquelas que antes eram inovadoras, é fundamental reconhecer a importância de criar marcas fortes e, acima de tudo, de mantê-las e adaptá-las às mudanças de comportamento e valores das novas

gerações. Em um cenário em que os debates sociais têm lugar de destaque, impulsionados pela disseminação das mídias digitais, essa capacidade de adaptação e relevância torna-se ainda mais essencial (MALAGRINO, 2011).

O futebol, como uma indústria estabelecida que movimenta vultosas quantias de dinheiro em âmbito local e global, não fica imune a essas transformações. Os clubes de futebol, longe de serem entidades isoladas, têm se mostrado cada vez mais engajados em questões sociais por meio de seus canais de comunicação (LESLIE-WALKER; MULVENNA, 2022).

Mesmo que esse engajamento possua uma motivação comercial subjacente, como demonstrado por Feitosa e Câmara (2020), é cada vez mais comum observar clubes posicionando-se contra a homofobia, o racismo, xenofobia, misoginia e diversas outras causas sociais.

Callies (2023) em seu estudo identificou que no futebol podem ser utilizados diversos canais de comunicação para diversas questões, como satirizar um time rival, conscientização, protestos e outros fins. Este autor também identificou a importância de dar atenção a estes canais, sejam eles banners, canções, faixas, slogans, etc.

Nesse contexto, é interessante observar o caso do Clube do Remo, sediado na região norte do Brasil, mais especificamente na cidade de Belém, capital do estado do Pará. Em uma parceria conjunta com as ONG ‘s SOS Amazônia, Akatu, Instituto Peabiru, 100% Amazônia e Da Tribu, o clube lançou em 20 de agosto de 2020 a campanha institucional intitulada “Sinta a Amazônia”. O principal objetivo dessa iniciativa era chamar a atenção para a proteção e conservação da Floresta Amazônica, bem como ressaltar os impactos socioambientais negativos decorrentes de sua destruição (REMO, 2020).

Para promover essa causa, o clube adotou uma abordagem multicanal, utilizando redes sociais, sites, produtos, faixas e banners. Primeiramente, lançou a hashtag da campanha em uma postagem nas redes sociais convocando os torcedores para a partida. Além disso, os jogadores entraram em campo ostentando patchs (emblemas) com a arte e o slogan “Sinta a Amazônia” estampados em suas camisas. A ênfase na conscientização sobre a importância da floresta também foi reforçada pela presença de uma faixa com os dizeres

“Sinta a Amazônia” carregada pelos jogadores durante o jogo contra o Castanhal Esporte Clube, válido pela semifinal do campeonato paraense de futebol de 2020.

Tendo em vista a relevância do futebol como elemento identitário intrínseco à cultura brasileira (DA MATTA, 1986), a incorporação de estratégias de marketing e, especialmente, a localização geográfica privilegiada do clube em uma das principais capitais da região norte do Brasil, a decisão do Clube do Remo de se posicionar de forma ativa e engajada nesse contexto assume um valor ainda mais significativo. Isso se deve, em grande medida, ao preocupante aumento do desmatamento da floresta para dar lugar a médias e grandes propriedades rurais no sul do estado do Pará (FEARNSIDE, 2006).

Segundo os dados recentes disponibilizados pelo site do IMAZON, o estado do Pará ocupa a segunda posição no ranking de áreas derrubadas, no total de 63km² de vegetação nativa destruída, sendo mais evidente nos municípios de Altamira, o maior município em área de extensão do Brasil e São Félix do Xingu, ambos no sul do Pará, onde juntos somam 44% das áreas afetadas no Pará, o equivalente a 28km² (Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, 2023).

Próximo a este cenário da exploração de territórios amazônicos está a exploração social das Amazônias, no plural por se tratar das múltiplas concepções sociais do que significa o território amazônico para cada povo distinto, seja os povos inseridos dentro do espaço, indígenas, ribeirinhos, seringueiros, latifundiários, pequenos produtores em suas plantações ou moradores de suas metrópoles e cidades, seja dos povos que conceberam uma visão eurocêntrica de Amazônia sem ocupação demográfica ou a ser explorada, possuindo diferenças físicas em seu espaço geológico, com incomensurável biodiversidade e sociedade (GONÇALVES, 2005; RAMOS & CUNHA, 2020; CORTEZÃO, 2021).

Dessa forma, com o intuito de despertar a devida atenção para essa causa de enorme relevância, o Clube do Remo uniu forças com o movimento socioambientalista. Esse movimento, cujas raízes remontam aos anos 50, como apontado por Alonso, Costa e Maciel (2007), ganhou força e notoriedade durante

o processo de redemocratização do Brasil, especialmente na década de 80, após o assassinato de Chico Mendes.

Foi nesse momento que os conceitos de desenvolvimento sustentável e a importância da preservação dos povos da floresta alcançaram uma consolidação notável. Pois foi com os ideais de Chico Mendes que foi possível a criação de dezenas de reservas extrativistas no Brasil, onde há uso dos recursos naturais com o mínimo ou zero degradação ambiental, sendo seringueiros, castanheiros, coletores de crustáceos e tantos outros os responsáveis atuais por essa preservação (ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010; ALMEIDA et al., 2018; FREITAS et al., 2020).

Este trabalho buscou fazer um levantamento bibliográfico sobre a relação do marketing e futebol e a interação das “Amazônias” com a responsabilidade socioambiental dos povos que nela vivem, além de avaliar de forma qualitativa as estratégias de marketing utilizadas pelo Clube do Remo – PA em sua campanha “Sinta a Amazônia”, descrevendo as mesmas e suas posteriores ações depois do lançamento da campanha.

O presente trabalho está dividido em três momentos: No primeiro, abordou-se a correlação intrincada entre marketing e futebol, buscando reunir na literatura elementos iniciais desta interação e discutindo as características peculiares dessa dinâmica para fundamentar o contexto; no segundo explorou-se as múltiplas facetas das “Amazônias”, debatendo a partir da literatura suas dimensões socioambientais, levando em conta questões de preservação e sustentabilidade; e no terceiro momento, descreveu-se a campanha “Sinta a Amazônia” realizada pelo Clube do Remo (Pará) analisando: o lançamento da campanha; a publicação de um texto e um vídeo sobre conscientização da preservação da floresta amazônica; a entrada dos jogadores em campo com um faixa escrita “Sinta a Amazônia”; e as postagens nas suas redes sociais alertando as consequências da destruição da floresta e sobre o uso consciente dos recursos no bioma.

Considerando esse cenário complexo e multifacetado, o presente artigo debruçou-se nas postagens do Clube do Remo nas redes sociais relacionadas à campanha "Sinta a Amazônia". Este trabalho propôs uma conexão entre as

ciências sociais, comunicação e o futebol, com o objetivo de refletir sobre a relação entre futebol e *marketing*; pensar sobre as "Amazonias" e suas postagens como estratégias de posicionamento de marca no contexto do *marketing* esportivo, estabelecendo as conexões entre a gestão e o posicionamento da marca com a responsabilidade socioambiental.

A RELAÇÃO ENTRE FUTEBOL E MARKETING

Atualmente, seja qual for o continente, país, região, estado, cidade ou mesmo clube, temos observado a presença de diversos grupos de torcedores nas arquibancadas dos estádios de futebol com *banners*, cartazes, trapos de pano e outras formas de comunicação imediata que criticam o futebol atual, associações, times rivais ou questões sociais (CALLIES, 2023).

No entanto, estes grupos iam para muito além de simples expressões de nostalgia do "futebol romântico", referindo-se a uma era do futebol mais puro e autêntico, com maior ênfase na paixão e identificação com clubes e tradições desportivas. Aliás, "Ódio Eterno ao Futebol Moderno" representa um verdadeiro mote contra o fenômeno do hipermercantilismo, caracterizado pela crescente influência do dinheiro e dos interesses comerciais sobre a própria natureza do jogo que se enraizou profundamente no esporte (LOPES; HOLLANDA, 2018).

A partir desse movimento de resistência surgiram críticas à busca desenfreada do lucro e à apropriação comercial do futebol, sobretudo por seu prejuízo aos valores que historicamente nortearam o futebol, como: presença de bandas de fanfarra, faixas e uniformes de torcidas organizadas, feiras de produtos baratos em frente aos estádios, uso de confetes, assistir os jogos em pé, entre outros. Onde foram cada vez mais proibidos, mudando para ver futebol sentado e parado, cheio de restrições ao ponto do antigo público ser substituído por uma classe social mais rica e gerando a expressão "futebol moderno" (LOPES; HOLLANDA, 2018; PINHEIRO, 2021; VON AH, 2021).

É preciso ressaltar, no entanto, que apesar dessa resistência, o *marketing* desempenha um papel importante na profissionalização da gestão esportiva e no desenvolvimento das economias dos clubes. O uso estratégico do *marketing* pode proporcionar maior visibilidade, atrair parceiros de negócios e novos

públicos, contribuindo assim para a sustentabilidade financeira das organizações esportivas, o que Kotler e Amrstrong (2007) definem como “relacionamentos lucrativos e de valor”.

E dentro desta atual lógica de hipermercantilização do futebol, percebemos uma tendência crescente de buscar a profissionalização da gestão esportiva nos clubes brasileiros também. No entanto, é importante reconhecer que essa profissionalização ainda enfrenta desafios e deficiências como apontado por Costa e Oliveira (2017).

> No Brasil numa simples ilustração, muitos clubes não exploram o direcionamento das empresas brasileiras em suas cotas publicitárias, onde dados apontam a falta de credibilidade nos clubes, estão entre as razões do baixo interesse do setor publicitário nos clubes de futebol no Brasil. No ano de 2016, dos quase R$130 bilhões investidos pelo setor publicitário no país em 2016, apenas 0,4% (ou R$ 550 milhões) foram aplicados diretamente em times de futebol, sem contar os aportes em televisão e nos torneios. Isso significa que os clubes não conseguem tirar proveito deste relevante mercado da publicidade na indústria esportiva. Muito deste baixo aproveitamento por parte dos clubes está diretamente ligado ao baixo uso do *marketing* de estratégia e de gestão tornando incapaz adotar um olhar estratégico e que se alinhe a gestão de marca, pois todos os clubes são uma marca (COSTA; OLIVEIRA, 2017, p.107).

Portanto, ainda que a especialização da gestão esportiva no Brasil seja incipiente, ela caminha. E uma das ferramentas fundamentais neste processo é o já referido *marketing*, conceituado por Kotler e Armstrong (2007) como uma forma de gerir relacionamentos rentáveis com os clientes, com o objetivo de atrair novos consumidores e fidelizar os já existentes, proporcionando-lhes satisfação, e, se usado corretamente, pode desempenhar um papel importante na transformação de um clube em uma organização mais profissional e voltada para o mercado, ajudando os clubes a buscar novas fontes de renda.

Dentro do conceito de *marketing*, podemos identificar dois importantes subcampos: B2C (*business-to-consumer*) é um modelo de negócios em que uma empresa vende produtos diretamente aos consumidores finais e B2B (*business-to-business*) é um modelo de negócios no qual as empresas vendem produtos

ou serviços para outras empresas, em vez de consumidores finais (ROCHA; LUCE, 2006; CARTWRIGHT *et al.,* 2021). Posto isso então, é possível comparar empresas a clubes de futebol, aplicando os conceitos de B2C e B2B ao campo esportivo.

No cenário futebolístico, os clubes possuem grandes torcidas que podem ser consideradas como consumidores no modelo B2C. Eles compram produtos, como ingressos para jogos e mercadorias do clube, ou consomem experiências relacionadas ao time. Assim como o modelo B2B se faz presente, visto que, também é possível observar uma abordagem semelhante dentro do futebol, pois é comum envolver parcerias comerciais e contratos com corporações.

Os clubes se posicionam como empresas que oferecem benefícios e prestígio aos seus parceiros comerciais. Ao construir um valor de marca forte, os clubes podem atrair parceiros de negócios que desejam se conectar com a imagem do clube assim como usufruir da base de aficionados que carregam. Essas parcerias são mutuamente benéficas, permitindo que ambas as partes compartilhem valores e prestígio. O patrocínio da marca em clubes, além de promover confiança, gera lembrança, ou, *brand awareness*[6]*,* é o nível de reconhecimento e familiaridade que os consumidores têm com determinada uma marca, gerando simpatia entre os torcedores, enquanto que para os clubes existem os retornos financeiros desejáveis (SCHARF, 2010).

2.2. BELÉM-PA E SUA CULTURA DE FUTEBOL

Belém, capital do estado do Pará, carrega consigo uma das maiores rivalidades do Brasil, o clássico *Rei da Amazônia*, talvez um título apropriado visto Clube do Remo e Paysandu Sport Club são os titãs do norte brasileiro, carregando consigo os maiores feitos esportivos dos clubes da região - as maiores torcidas, e sendo os clubes mais reconhecidos pelo restante do país, não à toa o clássico RE x PA é patrimônio cultural imaterial do Pará, lei N° 8.358 homologada no dia 4 de maio de 2016 pelo então governador do estado Simão

[6] Como tal marca é lembrada por seu público consumidor e possíveis parceiros comerciais.

Robison Oliveira Jatene (PARÁ,2016), o que mostra a sua importância para a identidade de um povo.

Disputado desde o dia 14 de junho de 1914 com vitória azulina por 2x1 no antigo campo da firma Ferreira & Comandita atual Estádio Leônidas Sodré de Castro, popularmente conhecido como Estádio da Curuzú e casa do Paysandu Sport Club, tornou-se cada vez maior com o passar do tempo ao ponto de mudar o ritmo da cidade nos dias das disputas, sendo comum a imprensa tratar os jogos com seis dias de antecedência e chamado “semana de Re-Pa”, algo pouco usual em outras cidades com clubes de massa estão sediados como relata Marcone Barbosa, ex-executivo de marketing do Paysandu Sport Club em entrevista ao canal “Bora Pra Resenha Podcast” em 2022.

> [...] a vivência que eu tenho tido no Pará né, eu conheço não assim de vivenciar, de estar próximo né, mas de acompanhar por já ter ido algumas vezes jogar contra tanto o Grêmio contra o Inter né. E passar alguns dias em Porto Alegre acompanhando ali aquela rivalidade do torcedor, mas talvez a maior rivalidade do Brasil esteja na dupla Re-Pa. É impressionante como a cidade se movimenta e se mobiliza para um jogo de Paysandu e Remo Quando os dois se encontram então é a semana inteira, cidade só fala disso, todos os telejornais repercutem, as rádios, os jornais, o porteiro do prédio, o motorista do ônibus, as pessoas vão às ruas com a roupa do Paysandu, com roupa do Remo, é um tempo inteiro um colocando pilha no outro é impressionante como essas duas torcidas movimentam a cidade em dias de jogo do Paysandu e do Remo e especialmente em dia de Re-Pa, situações que eu não vivia aqui em Belo Horizonte no Cruzeiro e Atlético que eu vivenciei anos e anos e anos e anos, aquela atmosfera que a gente encontra ali próximo do Mineirão num dia de Cruzeiro e Atlético é mais ou menos a atmosfera, é um pouco abaixo né que você percebe na cidade de Belém no dia de Re-Pa [...] (BARBOSA, 2022).

No contexto esportivo do estado do Pará e no cenário nacional da terceira divisão do Campeonato Brasileiro, tanto o Campeonato Paraense quanto a competição nacional continuam a despertar grande entusiasmo nos torcedores. Esses campeonatos conseguem atrair uma base sólida de fãs, como evidenciado pelas médias de público impressionantes. Surpreendentemente, em

alguns casos, essas médias superam até mesmo as registradas por clubes da primeira divisão.

Um exemplo que evidencia este panorama é o ranking das médias de torcedores presentes no ano de 2023, divulgado pelo site O Liberal em setembro. Nesse ranking, o Clube do Remo, ocupava a 19ª posição entre os 20 clubes listados, com uma média muito boa de 12.407 torcedores por partida (LIBERAL, 2023). Essa colocação merece destaque especial ao ressaltar que o Clube do Remo é o único representante da terceira divisão presente na lista, demonstrando a força que o futebol causa entre os paraenses.

Ainda que esta força vista nas arquibancadas seja enorme, o futebol apresentado não se mostra tão bem-sucedido como o desempenho de seus torcedores, e em 2014 o cenário era bem pior, Remo foi eliminado nas oitavas de final da quarta divisão e o Paysandu disputava a terceira divisão após ter sido rebaixado em 2013, e este ano em particular era especial para o futebol no Brasil com a disputa da Copa do Mundo 64 anos após sediar pela primeira vez o evento.

AS “AMAZÔNIAS” E A QUESTÃO SOCIOAMBIENTAL

O conceito de Amazônias está relacionado com as múltiplas concepções mais voltadas para como cada povo ou sociedade compreende e categoriza o território amazônico (CANTO *et al.,* 2018; FILHO; MARTINS, 2019; FERREIRA *et al*., 2020). Estes autores indicam que as concepções voltadas mais para o campo espacial, onde foi analisado que muitos conceitos de Amazônia deserta de povoamento é de origem eurocêntrica, contudo perpetuada até hoje como um grande mito.

Os estudos apresentam significativa diversidade social, cultural e linguística na Amazônia, sendo uma enorme extensão territorial que abriga dezenas de povos distintos e com grande dependência de um meio ambiente estável para suas sobrevivências (GONÇALVES, 2005; FILHO & MARTINS, 2019; RAMOS & CUNHA, 2020; CAMARGO *et al.*, 2022). Filho e Martins (2019) relatam sobre os viajantes que adentraram na região, com o intuito de desbravá-

la, dentre eles, vale ressaltar Curt Nimuendajú, um dos maiores etnográfos do Brasil, que registrou 45 grupos indígenas em 1400 tribos e trouxe à luz conhecimentos espaço-temporais sobre linguística, migrações e distribuição desses povos amazônicos, tentando afastar dessa forma o pensamento desértico demográfico na Amazônia.

Contudo, mesmo diante de todas as tentativas globais para um desenvolvimento sustentável, ainda prevalece a lógica de exploração a partir de uma matriz extrativista, que deixa para região amazônica consequências extremante negativas, com profundas desigualdades.

Para uma gama de problemas tão diversos e complexos, consequentes dos diferentes usos e ocupações do território. É importante trabalhar ações de conscientização para o enfrentamento dos problemas da região, para que as pessoas que aqui vivem possam propor alternativas para melhorar sua qualidade de vida, enfrentando os problemas como desmatamento, ocupação ilegal de terras indígenas, garimpos, tráfico de drogas, desigualdades sociais, entre tantos outros problemas.

A CAMPANHA "SINTA A AMAZÔNIA"

O Clube do Remo sediado[7] na cidade de Belém-PA possui uma das maiores torcidas e visibilidade do futebol do Norte do Brasil. O clube possui algumas alcunhas que demonstram uma forte ligação com a Amazônia, como: "Rei da Amazônia" e "Maior do Norte". A responsabilidade que essas alcunhas trouxeram junto com tal visibilidade, proporcionaram a parceria com instituições que visam a conscientização para problemas ambientais na Amazônia (REMO, 2020).

As instituições SOS Amazônia, Akatu, Instituto Peabiru, 100% Amazônia e Da Tribu juntamente com o Clube do Remo anunciaram a campanha "Sinta a Amazônia", divulgada no dia 20/08/2020 até o dia 06/12/2020. Usando a *hashtag*

[7] Av. Nazaré 962, Belém-PA, 66035-145.

com a frase que dá nome a campanha e uma imagem com os dizeres “Não basta olhar para a Amazônia. É preciso senti-la.”

Os pontos abordados pela campanha foram a entrada em campo com os patches[8] da campanha e inserção deles nos produtos do clube (Figura 1 A-B) e a publicação nas plataformas sociais do clube de informações ambientais de conscientização e educação ambiental. Observa-se na Figura 01 e Figura 02 (abaixo) as imagens que ilustram tais ações.

Figura 1 **- Jogadores em campo com o símbolo da campanha “Sinta a Amazônia”**



Fonte: **Kevin Albuquerque, 2020.**

. Figura 2 - **Produtos com a campanha de conscientização**.



Fonte: **Kevin Albuquerque, 2020**.

As postagens tiveram como intenção aos seguidores sentirem os impactos da destruição ambiental e se conscientizarem que os problemas

[8] Emblema colado normalmente na manga ou centro da camisa que referenciam um campeonato, um título ou ação.

referentes ao desmatamento, queimadas, poluição, entre outros afetam toda a sociedade, não somente a população amazônica. Outras publicações tiveram objetivo de ensinar conceitos de educação ambiental. As figuras 03 e 04 (abaixo) ilustram tais informações.

Figura 3 **– Publicações da campanha de caráter conscientizador**



Fonte: **Instagram Clube do Remo, 2020**.

Figura 4 **– Publicação compartilhada por seguidores do clube.**



Fonte: **Instagram Clube do Remo, 2020.**

As postagens em redes sociais tiveram intuito de chocar e fazer os torcedores sentirem o quanto a Amazônia está sofrendo com os impactos ambientais. As publicações foram compartilhadas e curtidas não só por

torcedores e seguidores do Clube do Remo (Figura 2B), haja visto que os problemas ambientais também não são exclusivamente de um único determinado povo. Dessa forma, a campanha também utilizou redes sociais para ensinar e promover ações educativas de cunho ambiental, para que os seguidores pudessem aumentar seus conhecimentos sobre questões pertinentes da campanha (Figura 4 e 5, abaixo).

Figura 4 **– Publicação de caráter educativo feita pelo Clube do Remo;**



Fonte: Instagram Clube do Remo, 2020.

Figura 5 - **Informações ambientais de conscientização publicadas pelo clube**.



Fonte: **Instagram Clube do Remo, 2020.**

É importante que os clubes e associações esportivas tomem estas atitudes, afinal questões ambientais são de interesse coletivo para todas as gerações. O próprio Clube do Remo mesmo um ano após término da campanha continuou com ações em prol do meio ambiente na Amazônia, mostrando que não basta somente conscientizar os torcedores e que devem ser realizadas campanhas em que inclua os fãs em atitudes benéficas para o meio ambiente. Essas ações envolvem estratégias de *marketing* B2B (*business-to-business*), envolvendo o clube com outras instituições, sejam comerciais ou não, onde as interações entre eles buscam o mesmo objetivo ambiental e educativo, e *marketing* B2C (*business-to-consumer*), onde a instituição inclui a sua torcida, destinando ao seu público desconto em ingressos de jogos em Belém, baseando-se na destinação correta de resíduos recicláveis e oferecendo pontos de destinação correta (Figura 6).

Figura 6 – Campanha de arrecadação de garrafas PET realizada pelo Clube do Remo e parceiros.



Fonte: Twitter Clube do Remo, 2020.

A literatura mostra que ações ativistas estão presentes em muitos esportes, seja por parte dos jogadores, dos clubes e até mesmo dos torcedores, dessa forma é imprescindível que essas ações sejam pesquisadas, para que mais ações conscientizadoras se perpetuem dentro de todos os esportes (LOPES *et al.,* 2022; CALLIES, 2023; DIXON *et al.,* 2033).

Ehrenberg (2020) traz em seu estudo um histórico de ativismo racial nos esportes, onde cita diversos atletas como Tommie Smith e John Carlos, atletismo, que em 1968, perderam suas medalhas e foram banidos do esporte por protestarem contra a morte de Martin Luther King; Muhammad Ali, em 1967 protestou contra a guerra no Vietnã e perdeu seu título de campeão mundial obtido em 1964 e impedido de lutar por anos; cita ainda Colin Kaepernick atleta de futebol americano que em 2016 protestou contra a morte de jovens negros, irritando o presidente Donald Trump, o jogador não teve mais contratação alguma no esporte desde então.

Contudo o estudo aborda os protestos realizados pelos atletas da NBA, liga norte-americana de basquete, LeBron James, Kobe Bryant e Derrick Rose em 2020 em apoio ao movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) entraram em quadra com camisetas com os dizeres "*I can't breath*" (eu não consigo respirar), esta frase foi dita por Eric Garner antes de ser assassinado por policiais em 2014. Após estas manifestações muitos outros times e atletas também aderiram ao movimento e paralisaram os jogos de um dos maiores campeonatos esportivos mundiais para que houvesse ações verdadeiras no combate à violência policial. Estes atletas e times não foram punidos como seus antecessores (EHRENBERG, 2020).

Desta forma, ressalta-se a importância do esporte em gerar ações de protesto e conscientização, onde muitas tendências podem ser influenciadas de forma positiva, seja em questões ambientais, raciais, políticas, desigualdades sociais e de gênero como mostram as literaturas citadas. Estas ações devem ser notadas e descritas pelos acadêmicos, para que possam ser a base de novas lutas e aumentar o alcance das mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs uma conexão entre as ciências sociais, comunicação e o futebol, com o objetivo de refletir sobre a relação entre futebol e *marketing*; pensar sobre as "Amazonias" e suas postagens como estratégias de posicionamento de marca no contexto do *marketing* esportivo, estabelecendo

as conexões entre a gestão e o posicionamento da marca com a responsabilidade socioambiental.

Sabe-se que o futebol a nível nacional e, neste caso, estadual tem um grande poder social e midiático, com uma grande capacidade de impulsionar debates e trazer foco para discussões de cunho sociais, políticos e ambientais. Apesar de ser em prol de uma indústria que movimenta milhões, não se nega a sua importância em âmbito local a possibilidades de transformações por meio do *marketing* uma vez que a localização geográfica privilegiada do clube, em uma das principais capitais da região norte do Brasil, a decisão do Clube do Remo de se posicionar de forma ativa e engajada nesse contexto assume um valor ainda mais significativo.

Muitas lutas podem ser travadas utilizando *marketing*, ainda mais com o avanço da tecnologia e meios de comunicação. Torna-se crucial que entidades com grande visibilidade na mídia tomem partido de questões tão importantes como a preservação ambiental. O futebol paraense move milhares de pessoas para os estádios e um número muito maior de torcedores em redes sociais, digitais e telespectadores.

O mercado futebolístico obtém a capacidade de mover os apaixonados por este esporte e pautas importantes de forma uníssona, uma vez que o apoio ao time transcende as quatro linhas. Os clubes do Norte, com amplo destaque ao Clube de Remo, utilizam este apoio para promover causas regionais que importam, como já visto em diversos esportes ao redor do mundo, com pautas raciais e LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binárias).

Esta união frutífera do futebol moderno, apesar de trazer divergências aos apaixonados pela gestão de futebol tradicional, proporciona apresentar ao resto do país que o futebol paraense em conjunto com o *marketing* tem capacidades e qualidades únicas adquiridas por sua localização, diversidade e cultura, permitindo que o conceito de Amazônia seja modificado e excluído a

ideia de um vazio demográfico ou uma Amazônia deserta de povoamento que ainda paira no imaginário da população nacional e internacionais.

Desta forma fica claro ao longo desta pesquisa que o esporte, o *marketing* e os times do Norte, como o Clube do Remo, podem promover um engajamento social de forma positiva, desmistificar um ideário demográfico e cultural da Amazônia, trazer a luz questões de cunho ambiental e social das múltiplas Amazônias. Este movimento nos incita a refletir, questionar e buscar soluções tangíveis para abranger toda a diversidade cultural e ambiental e os diferentes usos e ocupações do território.

A alta visibilidade que os grandes clubes de futebol possuem pode ser de crucial importância para ações de ativismo e lutas sociais pertinentes. Na Amazônia essas lutas são cruciais para preservação ambiental e social, por ser a morada de espécies animais e vegetais conhecidas e desconhecidas e por ser o lar de centenas de tribos indígenas e comunidades tradicionais que dependem de um meio ambiente estável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. W. B. ; ALLEGRETTI, M. H.; POSTIGO, A. O legado de Chico Mendes: êxitos e entraves das Reservas Extrativistas. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 48, 2018.

ALONSO, Angela; COSTA, Valeriano; MACIEL, Débora. Identidade e estratégia na formação do movimento ambientalista brasileiro. **Novos estudos CEBRAP**, p. 151-167, 2007.

CALLIES, M. Politics and fan communication in football stadia in Germany–a multimodal linguistic analysis of protest banners. **Soccer & Society**, p. 1-16, 2023.

CANTO, O. *et* al. Conflitos socioambientais e gestão do território em unidades de conservação na zona costeira do Estado do Pará-Amazônia-Brasil. In: **Perspectivas e análises do espaço geográfico: dinâmicas ambientais e uso dos recursos naturais**. 1ed.Belém (PA): GAPTA/UFPA, v. 1, p. 87-114. 2018.

CAMARGO, L. M. *et al.* Diversidade sociocultural e currículo nas Amazônias: Desafios no enfrentamento à monocultura das mentes. **Revista e-Curriculum**, v. 20, n. 1, p. 238-261, 2022.

CARTWRIGHT, S.; LIU, H.; RADDATS, C. Strategic use of social media within business-to-business (B2B) marketing: A systematic literature review. **Industrial Marketing Management**, v. 97, p. 35-58, 2021.

CORTEZÃO, R. H. **Amazônias em rede: representações em disputa no Twitter acerca da questão indígena na Amazônia**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - Universidade Federal do Amazonas. 2021.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DIXON, K.; CASHMORE, E.; CLELAND, J. 'A little less conversation': an exploration of soccer fan attitudes towards 'the knee'protest and the anti-racism message. **Soccer & Society**, v. 24, n. 5, p. 698-711, 2023.

EHRENBERG, K. C. Ativismo Racial de Atletas e *Marketing* Social: Associações e Reflexões. **43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –** VIRTUAL. 2020.

FEARNSIDE, Philip M. Desmatamento na Amazônia: dinâmica, impactos e controle. **Acta amazônica**, v. 36, p. 395-400, 2006.

FEITOSA, Anselmo Penha; CÂMARA, Marco Túlio Pena. "Futebol moderno": o posicionamento de times de futebol contra a homofobia. **Pós-Limiar**, v. 3, p. 1-14, 2020.

FERREIRA, L. R. *et al*. Conflitos socioambientais e limites da gestão compartilhada em Unidade de Conservação na zona costeira amazônica. Redes. **Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 25, p. 1528-1552, 2020.

FILHO, J. M. & MARTINS, F. Amazônias viajantes. Os viajantes ea reflexão sobre a Amazônia nos últimos cem anos. **Revista de Estudios Brasileños**, v. 6, n. 11, p. 13-31, 2019.

FREITAS, Josimar Silva et al. A insustentabilidade das Reservas Extrativistas na Amazônia: demandas socioeconômicas versus conservação ambiental. **Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 9, n. 1, p. 09-27, 2020.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, amazônias**. Editora Contexto, 2005.

IMAZON. **Desmatamento na Amazônia cresce 7% e tem o pior fevereiro em 16 anos**. 15 de março de 2023. Disponível em: <<https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-7-e-tem-o-pior-fevereiro-em-16-anos/#:~:text=No%20Pará%2C%20foram%20perdidos%2063,o%20desmatamento%20registrado%20no%20estado.>>. Último acesso em: 23/09/2023.

MALAGRINO, Fernando de Andrade Franco. **Gestão das marcas dos clubes de futebol: como o marketing esportivo potencializa o consumo do torcedor**. 152 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

LESLIE-WALKER, A. & MULVENNA, C. The Football Association's Women's Super League and female soccer fans: fan engagement and the importance of supporter clubs. **Soccer & Society**, v. 23, n. 3, p. 314-327, 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes; DIAS, Camila Caldeira Nunes; DE CAMARGO PENTEADO, Claudio Luís. Torcedores de futebol e ativismo esportivo: Uma análise da agenda política e das formas de atuação do bloco tricolor antifa. Recorde: **Revista de História do Esporte**, v. 15, n. 2, 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes; DE HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. "Futebol moderno": ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. **Revista de Estudios Brasileños**, v. 5, n. 10, p. 159-175, 2018.

LIBERAL. **Remo aparece entre as 20 melhores médias de público do Brasil; veja mais.** Disponível em: https://www.oliberal.com/esportes/remo/remo-aparece-entre-as-20-melhores-medias-de-publico-do-brasil-veja-mais-1.724848. Último acesso em: 12/11/2023.

PARÁ. Lei Ordinária nª 8.358, de 2 de maio de 2016, declara como patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado do Pará o clássico de futebol RE x PA. Governo do Estado do Pará. Disponível em: https://www.sistemas.pa.gov.br/sisleis/legislacao/3096. Último acesso em: 12/11/2023.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas. **Locus: Revista de História**, v. 27, n. 1, p. 338-364, 2021.

RAMOS, J. R. .; CUNHA, K. S. A EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO POLÍTICA CURRICULAR NAS "AMAZÔNIAS": territórios, insurgências e re(existências). **Revista Teias**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 61, p. 183-200, abr. 2020.

REMO. **CLUBE DO REMO LANÇA A CAMPANHA 'SINTA A AMAZÔNIA'**. Clube do Remo. 20/08/2020. Disponível em: https://www.clubedoremo.com.br/ler-noticia.php?id=1619>>. Último acesso em: 23/09/2023.

SCHARF, Edson Roberto. O patrocínio do futebol como ferramenta do marketing esportivo para a construção de brand awareness 10.5752/P. 1984-6606.2010 v10n23p80. **Revista Economia & Gestão**, v. 10, n. 23, p. 80-99, 2010.

VON AH, Gustavo Henrique Silva. **Efeitos de sentido no discurso sobre o "futebol moderno**. Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura (UFFS), Campus Chapecó – RS. 2021.

ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens. Conflitos ambientais. **Publicação do Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais da Universidade Federal de Minas Gerais–GESTA/UFMG**, 2010.

Cidades flutuantes na Amazônia: Coisa do passado? Ou a solução para o futuro? [1]

Floating cities in the Amazon: A thing of the past? Or the solution for the future?

Ciudades flotantes en la Amazonía: ¿cosa del pasado? ¿O la solución para el futuro?

Ana Maria Schuch Araujo[2]
Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes[3]
Daiane Regina Valentini[4]

Resumo: Partindo da temática do evento "Entre fronteiras e horizontes: diálogos e narrativas para o futuro amazônico" e do Simpósio de Trabalho "ST3: Narrativas, Cidades e Tecnologias: Um Olhar para a Amazônia", objetiva-se analisar, ao olhar para o passado, como a cidade flutuante de Manaus com seu papel cultural e econômico pode servir de reflexão a respeito das temáticas atuais relativas ao desenvolvimento sustentável, sobretudo frente às mudanças climáticas. O método estrutura-se num estudo exploratório: levantamento bibliográfico e documental sobre a "cidade flutuante de Manaus". A investigação focará nas técnicas construtivas que eram usadas no passado e que incorporam os elementos pertencentes à ancestralidade dos povos originários do Amazonas. A análise contribuirá para a discussão da área da arquitetura e urbanismo com vistas à reflexão sobre soluções frente às problemáticas ambientais presente e futuras.

Palavras-chave: Cidades Flutuantes; Técnicas Construtivas; Arquiteturas Vernaculares; Amazonas.

Abstract: Based on the theme of the event "Between borders and horizons: dialogues and narratives for the future of the Amazon" and the Working Symposium "ST3: Narratives, Cities and Technologies: A Look at the Amazon", the objective is to analyze, by looking at the past, how the floating city of Manaus, with its cultural and economic role, can be a response to the seasonality of its

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho **ST3: NARRATIVAS, CIDADES E TECNOLOGIAS: UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA** do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia – Unama, Mestra em Engenharia Civil, Universidade Federal da fronteira Sul, Campus Erechim, e-mail: ana.araujo@uffs.edu.br e ORCID: http://orcid.org/0000-0001-9455-5071.

[3] Doutora em História da Amazônia, Universidade da Amazônia – UNAMA, e-mail: marcianunes2011@gmail.com e ORCID: https://orcid.org/0000-00028345-3528

[4] Doutora em Arquitetura, Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, e-mail: daiane.valentini@uffs.edu.br e ORCID: http://orcid.org/0000-0002-3137-8386.

rivers in the present and, mainly, for the future of Manaus. The method is structured in an exploratory study: a bibliographic and documentary survey of what has already been done about the "floating city of Manaus". The investigation will focus on the construction techniques that were used in the past and that incorporate elements belonging to the ancestry of the original peoples of the Amazon and understand how to combine them with what is available on the market. The analysis will contribute to the discussion of an architecture that responds to the current needs of the population, but that envisions solutions to the current and future environmental problems.

Keywords: Floating Cities; Construction Technologies; Vernacular Architectures; Amazonas.

Resumen: A partir del tema del evento "Entre fronteras y horizontes: diálogos y narrativas para el futuro amazónico" y del Simposio de Trabajo "ST3: Narrativas, Ciudades y Tecnologías: Una mirada a la Amazonia", se pretende analizar, a partir de del pasado, como la ciudad flotante de Manaus con su papel cultural y económico puede ser una respuesta a la estacionalidad de sus ríos en el presente y, principalmente, al futuro de Manaus. El método se estructura en un estudio exploratorio: levantamiento bibliográfico y documental de lo ya elaborado sobre la "ciudad flotante de Manaus". La investigación se centrará en las técnicas constructivas que se utilizaron en el pasado y que incorporan elementos pertenecientes a la ascendencia del pueblo originario de Amazonas y entender cómo combinarlas con lo disponible en el mercado. El análisis contribuirá a la discusión de una arquitectura que responda a las necesidades actuales de la población, pero que aporte soluciones a los problemas ambientales actuales y futuros.

Palavras clave: Ciudades Flotantes; Tecnologías de la Construcción; Arquitecturas vernáculas; Amazonas.

INTRODUÇÃO

Hoje, o presente e o futuro estão à mercê das mudanças climáticas que ocasionam catástrofes ambientais e humanitárias.

Segundo a Nota Técnica nº 1/2023/SADJ-VI/SAM/CC/PR que trata da atualização dos critérios e indicadores para a identificação dos municípios mais suscetíveis à ocorrência de deslizamentos, enxurradas e inundações emitida pelo Governo dos 62 municípios do estado do Amazonas, 59 estão expostos aos riscos hidrogeológicos. No entanto, dos outros estados que compõe a região Norte do país, os demais estados não ficam em situação melhor: Acre dos 22

municípios 17 estão expostos, Amapá, dos 16 municípios 14 estão expostos, Pará dos 144 municípios 82 estão expostos, Rondônia dos 52 municípios 13 estão expostos, Roraima dos 15 municípios 5 estão expostos e Tocantins dos 139 municípios 18 estão expostos. O que se leva a ver que apenas os estados de RO e TO serão menos afetados dentro da região Norte. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2023, p.5)

Tendo em vista esta realidade, é urgente a necessidade de pensar quais estratégias podem ser usadas para que sejam amenizadas as problemáticas a situações de alagamentos e inundações.

Como muitos municípios do Norte do país estão organizados em função dos rios, essa discussão tem ainda mais relevância. Em março de 2024, por exemplo, as fortes chuvas associadas à maré alta fizeram que o nível das águas em Belém subisse quase 3 metros, ocasionando vários alagamentos pela cidade.

Segundo Gattupalli para Expresso.arq, (2022), no mundo, “a elevação do nível do mar preocupa mais de 410 milhões de pessoas em risco de perder seus meios de subsistência”. No entanto, a catástrofe de 2024 no estado do Rio Grande do Sul mostrou que as águas das chuvas associadas às ocupações inadequadas podem causar desastres humanitários.

Gattupalli (2022) ainda comenta que “os primeiros assentamentos humanos floresceram próximo de corpos d'água – rios, lagos, pântanos e mares”, pois “os nômades precisavam de água para beber e caçar, e [...] para a agricultura” uma vez que “a terra também era mais fértil onde poderia ser facilmente nutrida por uma fonte de água”. Assim sendo os povos foram se estabelecendo nos territórios próximos a massas de água.

Exemplos ao longo da nossa história tal como “*Kampong Ayer* em Brunei, Makoko em Lagos, *Ganvie* em Benin, os pântanos da Mesopotâmia”, as ilhas flutuantes no Lago Titicaca na região de Puno, sul do Peru onde moram os Uros, primeiros povos a habitarem essa região ou a “cidade flutuante” de Manaus, mostram que, viver sobre as águas muitas vezes é uma condição necessária frente às questões culturais e desigualdades socioeconômicas.

Sem dúvida, o conhecimento que os povos originários tinham de seu território e dos materiais disponíveis para construir seus abrigos e habitações, são importantes para que se possa refletir sobre as problemáticas atuais.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo analisar, ao olhar para o passado, como a “cidade flutuante” de Manaus com seu papel cultural e econômico pode servir de reflexão a respeito das temáticas atuais relativas ao desenvolvimento sustentável, sobretudo frente às mudanças climáticas.

O método estrutura-se num estudo exploratório: levantamento bibliográfico e documental sobre a “cidade flutuante de Manaus”. A investigação focará nas técnicas construtivas que eram usadas no passado e que incorporam os elementos pertencentes à ancestralidade dos povos originários do Amazonas. A análise contribuirá para a discussão da área da arquitetura e urbanismo com vistas à reflexão sobre soluções frente às problemáticas ambientais presente e futuras.

AS CIDADES E AS ÁGUAS

Apesar de existirem casos de comunidades e cidades sobre as águas em todo o mundo, ainda é muito forte a desconfiança quanto às “cidades flutuantes" serem uma resposta viável à ocupação urbana.

Segundo o Instituto de Economia e Paz, mais de 1 bilhão de pessoas estarão localizadas em áreas de infraestrutura insuficiente para suportar a elevação do nível do mar até 2050” dessa forma “seriam necessárias mais de 9.000 cidades *Oceanix* para realocar os refugiados climáticos”. Gattupalli (2022).

Existem muitas dúvidas sobre a sua viabilidade ao analisar os custos necessários à sua implantação e manutenção, além da existência de mão de obra com experiência para construir essas estruturas e dos possíveis impactos ambientais que esse tipo de ocupação pode causar ao ambiente.

Ao construir esses espaços tem-se que ter o cuidado de não interferir severamente nos ecossistemas aquáticos e isso acabar causando outros problemas, até mesmo aumentando as inundações.

Por isso que Gattupalli (2022) fala que “o futuro da vida urbana pode imitar de perto seu passado menos conhecido” ao dizer que “estudos de casos de arquitetura tradicional e sistemas de culturas indígenas podem oferecer oportunidades de aprendizado”.

No entanto, sabe-se que essa não é a única opção para os eventos causados pela mudança climática, mas podem ser um primeiro passo. Para Souza (2016) “esta mudança exigirá uma reavaliação dos padrões de vida, das estruturas legais e dos ecossistemas criados pelo homem”.

Diversas regiões no globo terrestre possuem “cidades flutuantes” assim como outras soluções para as áreas próximas a rios e seus afluentes, como é o caso de:

- Roterdã, na Holanda: em função de algumas das grandes cidades do país estarem abaixo do nível do mar foi preciso construir um sistema especial, através de diques e lagos que represam a água do mar, a fim de poder receber navios no maior porto da Europa e ao mesmo estar protegida contra maré alta.
- Veneza: segundo Amorim (2024) para resolver as inundações cada vez mais frequentes “em 2021, Veneza inaugurou um sistema com diques submergíveis que são erguidos em marés excepcionalmente altas [...] e tem como objetivo separar temporariamente a Lagoa de Veneza do Mar Adriático”.
- Nova York: sofre com a combinação de fortes chuvas e maré alta, por isso que tem investido em grandes jardins alagáveis com plantas com grande capacidade de absorção de água, a fim de tornar-se uma “cidade esponja”.
- China: o conceito de “cidade esponja” tem sido uma forma de renovação urbana uma vez que possui grandes cidades em planícies que são alagáveis, como é o caso de Jinhua.
- Tóquio: tem um sistema de túneis e câmaras subterrâneas que desembocam numa enorme estrutura conhecida como "catedral". Para Amorim (2024) “é uma proteção essencial para uma cidade localizada na confluência de dezenas de rios e exposta a furacões e maré alta”.
- Singapura: por ser uma cidade-estado cercada por água tem vários tipos de proteção contra cheias: barreiras marítimas, sistemas de drenagem, reservatório e treinamento cívico para abandono rápido de áreas ameaçadas. Amorim (2024)

comenta que Singapura tem “um projeto futurista batizado de Green Float” cuja “ideia é construir um enorme condomínio para 50 mil pessoas que flutue na superfície e seja autossuficiente em comida e energia. E que, claro, possa se adaptar ao avanço do nível dos oceanos”.

A CIDADE FLUTUANTE DE MANAUS

A cidade de Manaus no passado já teve comunidades flutuantes, por exemplo a que se localizava na frente da escadaria da Igreja dos Remédios chegou a ter 881 habitações.

Para se ter ideia dessa “invisibilidade” da “cidade flutuante” de Manaus, os administradores dormiam enquanto ela nasceu e cresceu para serem despertados 20 anos depois. E só acordaram pela curiosidade dos turistas e pelas reportagens das grandes revistas nacionais que passaram a explorar o inédito e pitoresco desse lugar. Comenta Souza (2016, p. 4 e 5) “sempre nos surpreendeu a “invisibilidade” histórica das mais de 2 mil casas flutuantes com seus 12 mil moradores”, uma população que superava a maioria dos bairros de Manaus e até municípios do Amazonas.

Souza (2016, p. 4) comenta que foi a partir do final da década de cinquenta que “vários dos sentidos culturais [...] vão começar a ser experenciados sobre as águas urbanas da cidade, nomeadamente na orla-sul do Rio Negro, Centro, “frente da cidade” e nos igarapés que [...] sobem Manaus adentro” fazendo com que “um modelo de ocupação dos espaços fluviais que se avolumou em Manaus” ficasse conhecido como “cidade flutuante”.

Com isso em 1957 a “cidade flutuante” passa a ter visibilidade para além do território do Amazonas tornando-se um problema a ser combatido de forma mais enfática pelos governos locais. Amazônia DC Lens (2024) expõe que para as autoridades oficiais a notoriedade que a “cidade flutuante” ganhou provocou arrepios e eles tiveram que lidar com críticas muito pesadas sobre a sua tradicional historiografia.

A remoção da “cidade flutuante” foi divulgada tanto no Brasil quanto no exterior e ainda hoje é motivo de controvérsias entre si. De um lado os cientistas políticos e sociais acusam de ser parte de uma política pública excludente e de uma assepsia social. Por outro lado, em termos urbanísticos e ambientais é inegável que a decisão do poder público foi certa ao implementá-la antes que a situação tomasse proporções incontroláveis.

Souza (2016, p. 4) ainda explica que nessas cidades houve “o adensamento de casas flutuantes, o aumento populacional e a dinamização comercial”, uma vez “que além de reconfigurarem o lugar, passam a determinar novas formas de sociabilidades arraigadas a um cotidiano próprio, com uma estrutura de prestação de serviços, atividades comerciais, industriais e culturais”.

Segundo Amazônia DC Lens (2024) “de modo geral o aglomerante assemelhava-se a um bairro qualquer da cidade, com posto de saúde, policiamento e energia elétrica”. Ainda na questão da energia elétrica Amazônia DC Lens (2024) comenta “que algumas moradias possuíam de maneira regular fornecidas pela companhia, outras obtidas através de geradores” e “também algumas casas que tinham energia elétrica por meio dos chamados gatos, ligações ilegais, puxadas a partir de um comércio em terra firme”.

No aglomerado de flutuantes tinha de tudo, ou seja, tudo que tinha em terra tinha na “cidade flutuante” tal como: estivas, ferragens, restaurantes, gabinetes de dentistas, consultórios médicos, cinema, drogarias, postos de vacinação, oficinas mecânicas de consertos de motores marítimos, vendas de borracha, castanhas, jutas, couros e peles de animais, posto de combustível.

Uma questão que deve ser sempre mantida em mente é que no caso de Manaus a “cidade flutuante” surgiu e cresceu sobre as águas da área central da capital amazonense enquanto em outros locais ela acabava ficando em regiões mais suburbanas, periféricas.

Amazônia DC Lens (2024) comenta que através “das imagens circuladas em revistas ilustradas nacionais da época, da produção fotográfica em âmbito local, sobretudo em cartão postal demonstravam quão precária era a qualidade de vida das pessoas que ali moravam”. E isso não foi bem visto por “aqueles que achavam que Manaus deveria ser recuperada pela sua requintada e civilizada

Arquitetura Art Nouveau da Manaus da Borracha, cujo maior símbolo é o teatro Amazonas”.

Para desespero dessas pessoas a “cidade flutuante” acabou recebendo internacionalmente a mesma notoriedade e fama do Teatro Amazonas. Amazônia DC Lens (2024) reflete que a “cidade flutuante” e o Teatro Amazonas são símbolos “de duas eras que se distanciam no tempo, mas que se confundem nas suas raízes e origens”.

Amazônia DC Lens (2024) fala que a “cidade flutuante” de Manaus passou a ser “conhecida como uma espécie de Veneza selvagem e tropical, título dado pela Revista Manchete; a favela veneziana ou a Veneza brasileira pela Revista O Cruzeiro ou ainda a Petit Venezi pela revista suíça Amazonini”.

Souza (2016, p. 8), comenta que o geógrafo francês Pierre Gourou fez um neologismo as ruas da “cidade flutuante” de Manaus chamando-as de “rias” (rios + ruas) e que Gourou:

> [...] identificou apenas as cinco principais “*rias*” de Manaus: Igarapé da Cachoeira Grande (ou São Raimundo), Igarapé de Manaus, Igarapé do Mestre Chico, Igarapé da Cachoeirinha (ou Educandos) e a maior de todas as “*rias*”, o Rio Negro. (Souza, 2016, p. 8)

Souza (2016, p. 8) também comenta que a cartografia de Gourou;

> [...] visava os grandes cursos fluviais de Manaus, eram eles que justificavam e animavam as suas “*rias*” e não a infinidade de subafluentes que se perdiam (e ainda se perdem) Manaus adentro, propiciando os mais diferentes nomes e limites para um mesmo curso de água, dúvidas que também se estenderam aos livros e aos levantamentos e mapas oficiais desde sempre. (SOUZA, 2016, p. 8)

Então porque não podemos reativar as “cidades flutuantes” no estado do Amazonas? Se no passado elas foram extintas por estarem no acesso a Manaus e não serem o belo cartão postal, agora elas podem integrar a sabedoria vernacular as necessidades da vida moderna, melhorando a mobilidade entre as edificações, e preverem um crescimento de forma ordenada.

Ou mesmo pensarmos em outras soluções, como é o exemplo do projeto "Pontes Flutuantes" no MUSA do Colectivo Aqua Alta que foi apresentado no Núcleo Arquitetura Moderna na Amazônia – NAMA. Segundo ArchDaily (2024) o projeto "proporciona reflexões aos visitantes sobre a necessidade de ampliar as investigações sobre as arquiteturas flutuantes na Amazônia" e "também de reduzir os gastos públicos em situações emergenciais - recorrentes pela sazonalidade dos nossos rios".

Figura 1, 2 e 3: "Pontes Flutuantes" no MUSA do Colectivo Aqua Alta



Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/967074/pontes-flutuantes-em-manaus-colectivo-aqua-alta

Uma pergunta que deveria estar na mente dos profissionais da construção civil é: Como arquiteturas adequadas à sazonalidade das águas podem ajudar as cidades amazônicas para que elas não sejam mais vítimas das enchentes?

Como diz ArchDaily (2024) "acreditamos que os problemas estruturais de uma sociedade e de um país se resolvem com propostas capazes de gerar "soluções" concretas e duradouras" para tanto "arquitetos e demais profissionais devem se comprometer, [...] trabalhando com comunidades inteiras" a fim de "provar que apesar dos recursos econômicos escassos, é possível realizar ações que parecem improváveis".

Técnicas Construtivas da “cidade flutuante”

Antes de explicar sobre as técnicas e materiais utilizados na construção da “cidade flutuante” é necessário lembrar que ela surgiu a partir da ausência de políticas públicas, principalmente a questão da habitação. Amazônia DC Lens (2024) reforça que mesmo quando a cidade passou a ser roteiro turístico aos estrangeiros que vinham a Manaus, “a “cidade flutuante” nunca recebeu contrapartidas em serviços públicos de infraestrutura”.

Segundo Amazônia DC Lens (2024) as primeiras casas eram “de madeira e cobertas por palha de buçu, fibra leve e resistente” e “posteriormente foram substituídas por folhas de zinco sustentadas por caibros de andiroba, madeira muito usada pelos ribeirinhos, provavelmente usadas por causa do seu odor capaz de repelir os caapanhãs”.

Figura 4 e 5: Construção das habitações flutuantes



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=06WksyV638c

Além disso, Amazônia DC Lens (2024) comenta que também era usada a “acariquara, madeira pesada usada para construção de parapeitos e varandas” e o “louro vermelho destinado a assoalhos e laterais”. O autor ainda comenta que “toda e estrutura da casa (cobertura, paredes, piso e varanda) era sobreposta por toras de madeira assentadas sobre boias de açacu” e que “o peso fazia com que as boias afundassem aproximadamente 1m, deixando a casa mais ou menos 50cm da água” e “garantiam a segurança, a funcionalidade e a condição flutuante da casa”.

Figura 6 e 7: Construção das habitações flutuantes



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=06WksyV638c

Na parte de mobilidade Amazônia DC Lens (2024) relata que “as principais ruas de acesso eram feitas por tábuas de samaumeiras enormes e grossas”, que “as larguras variavam entre mais ou menos 50cm” e “uma tábua por exemplo com um pouco mais de 2m era suficiente para interligar os flutuantes quando o rio enchia”.

Figura 8 e 9: Vias e caminhos da “cidade flutuante” de Manaus



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=06WksyV638c

Amazônia DC Lens (2024) discorre que “eram as águas do Rio Negro que marcavam o nível e o ritmo da cidade na Orla dos Remédios” uma vez que “a cidade subia atingindo o mesmo nível de Manaus, quando vazava ela descia”. O autor ainda aborda que “a água limpa e corrente servia para beber, cozinhar, navegar, tomar banho e importante instrumento de trabalho para centenas de lavadeiras que tiravam o seu sustento lavando roupas para fora”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de políticas públicas e efetivas ações na área da habitação e do planejamento territorial agravam a situação das populações vulneráveis às situações de catástrofes climáticas.

É urgente a necessidade de que a ciência e as experiências do passado, bem como o conhecimento intercultural possam ser revisitados, como feito com o caso da “cidade flutuante” de Manaus.

A partir dessas reflexões é possível investigar e analisar quais estratégias podem ser usadas para que sejam amenizadas as problemáticas ambientais e urbanas atuais e futuras e assim produzir soluções não só arquitetônicas (habitações) e urbanísticas (áreas de lazer, vias, bairros), mas também soluções estéticas para que esses locais também sejam admirados pelas pessoas pela sua beleza e pelo sentimento de acolhimento, aconchego e pertencimento e não só pelo ser inédito ou exótico.

REFERÊNCIAS

A CIDADE FLUTUANTE DE MANAUS • Época marcante da História do Amazonas das gerações dos anos 50 e 60. Edição especial do Canal Amazônia DC Lens no YouTube. 18 de mai. de 2024 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=06WksyV638c Acesso em: 22 ago. 24.

ArchDaily. Projetos. Estruturas E Instalações. Brasil. Colectivo Aqua Alta. **Pontes Flutuantes em Manaus.** Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/967074/pontes-flutuantes-em-manaus-colectivo-aqua-alta. Acesso em: 25 maio 24.

Expresso.arq. Ankitha Gattupalli. Rafaella Bisineli (*trad*). O passado e o futuro vistos sob o prisma das cidades flutuantes. 2022. Disponível em: https://expresso.arq.br/11/12/2022/o-passado-e-o-futuro-vistos-sob-o-prisma-das-cidades-flutuantes/. Acesso em: 25 maio 24.

Exame. Mundo. Lucas Amorim. Diques, esponjas, prédios flutuantes: 5 cidades pelo mundo com lições na proteção contra enchentes**.** Publicado em 13 de maio de 2024 às 15h51. Disponível em:<https://exame.com/mundo/diques-esponjas-predios-flutuantes-5-cidades-pelo-mundo-com-licoes-na-protecao-contra-enchentes/>. Acesso em: 25 maio 24.

Presidência da República. Casa Civil, Secretaria Especial de Articulação e Monitoramento, Secretaria Adjunta VI - Recursos Hídricos. Nota Técnica nº 1/2023/SADJ-VI/SAM/CC/PR. Atualização dos critérios e indicadores para a identificação dos municípios mais suscetíveis à ocorrência de deslizamentos, enxurradas e inundações para serem priorizados nas ações da União em gestão de risco e de desastres naturais. Referência: Processo 00042.000497/2023-74.

SOUZA, Leno Barata. CIDADE FLUTUANTE: UMA MANAUS SOBRE AS ÁGUAS. (c) Urbana: Rev. Eletrônica Cent. Interdiscip. Estud. Cid Campinas (SP) v.8, mai/ago (2016) n.2 [13] p.115-146 ISSN 1982-056. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/13222. Acesso em: 25 maio 24.

A CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA PARA A SEGURANÇA PÚBLICA NA AMAZÔNIA[1]

THE CONTRIBUTION OF TECHNOLOGY TO PUBLIC SAFETY IN THE AMAZON

EL APORTE DE LA TECNOLOGÍA A LA SEGURIDAD PUBLICA EN LA AMAZONÍA

Juliana Salame de Lima Torres[2]
Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes[3]

Resumo: O presente artigo objetiva compreender como a tecnologia contribui no desenvolvimento de cidades inteligentes e, consequentemente, na geração de espaços urbanos mais seguros, colaborando com a segurança pública, sob a ótica da realidade da Amazônia. Como metodologia, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e qualitativa, com a coleta do material teórico e de dados através de artigos, livros, legislação e sites de notícias, todos disponibilizados na rede mundial de computadores. Para tanto, o artigo abordará acerca do conceito de cidades inteligentes, segurança pública e analisará alguns desafios e conquistas da implementação da tecnologia em prol da segurança pública na Amazônia. Como resultado tem-se que, em que pese os desafios ainda experimentados na região amazônica, alguns avanços tecnológicos já vêm sendo implementados em busca do desenvolvimento e da melhora da segurança pública e da qualidade de vida dos moradores da região.

Palavras-chave: Tecnologia; Cidades Inteligentes; Segurança Pública; Amazônia.

Abstract: This article aims to understand how technology contributes to the development of smart cities and, consequently, to the generation of safer urban spaces, collaborating with public security, from the perspective of the reality of the Amazon. As a methodology, bibliographic and qualitative research was used, with the collection of theoretical material and data through articles, books, legislation and news sites, all available on the world wide web. To this end, the article will address the concept of smart cities, public security and analyze some challenges and achievements of the implementation of technology in favor of

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Narrativas, Cidades e Tecnologias: Um Olhar para a Amazônia do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Advogada Criminalista. Bacharel em Direito pelo Centro Universitário do Pará (CESUPA). Pós-graduada em Direito Penal Econômico pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). julianasalame@hotmail.com.

[3] Arquiteta e Urbanista pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutora em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora Stricto Sensu da Universidade da Amazônia (UNAMA) no Programa de Pós-graduação em Comunicação Linguagens e Cultura e no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

public security in the Amazon. As a result, despite the challenges still experienced in the Amazon region, some technological advances have already been implemented in search of development and improvement of public safety and quality of life of the region's residents.

Keywords: Technology; Smart Cities; Public Security; Amazon.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender cómo la tecnología contribuye al desarrollo de ciudades inteligentes y, en consecuencia, a la generación de espacios urbanos más seguros, colaborando con la seguridad pública, desde la perspectiva de la realidad de la Amazonía. Como metodología se utilizó la investigación bibliográfica y cualitativa, con la recopilación de material teórico y datos a través de artículos, libros, legislación y sitios de noticias, todos disponibles en la red mundial. Para ello, el artículo abordará el concepto de ciudades inteligentes, seguridad pública y analizará algunos retos y logros de la implementación de tecnología a favor de la seguridad pública en la Amazonía. Como resultado, a pesar de los desafíos que aún se experimentan en la región amazónica, ya se han implementado algunos avances tecnológicos en busca del desarrollo y la mejora de la seguridad pública y la calidad de vida de los habitantes de la región.

Palavras clave: Tecnología; Ciudades Inteligentes; Seguridad Pública; Amazonía.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar, dentro do contexto da região amazônica, a importância crucial e inquestionável da tecnologia na construção de cidades inteligentes e, consequentemente, na contribuição com a segurança pública.

O foco recai nas dificuldades e avanços já experimentados até aqui na implementação das tecnologias nessa região com território tão extenso e deficiente de infraestrutura e políticas públicas adequadas.

O cenário atual demonstra a necessidade imprescindível de adoção de ações preventivas eficazes, com investimentos robustos em infraestrutura moderna e adequada e o fortalecimento do policiamento e da fiscalização com a aquisição e utilização de equipamentos de tecnologias de última geração para as forças de segurança.

Para Melo et al. (2021), “o investimento em infraestrutura e tecnologia é fundamental para fortalecer as ações das forças de segurança e garantir a efetividade do combate ao crime”.

Afinal, a prevenção da criminalidade deve ser considerada como pilar fundamental para a construção de uma sociedade mais segura (SANTOS; OLIVEIRA, 2022).

1. CIDADES INTELIGENTES

O século XXI apresentou ao mundo desafios novos e complexos como a urbanização acelerada, as mudanças climáticas, os recursos limitados, o crescimento populacional e, com isso, o aumento das necessidades e das demandas dos indivíduos. E, foi nesse cenário que as cidades inteligentes ou "smart cities" ganharam destaque, prometendo ser uma solução para esses desafios.

Nas palavras de Bria *et. al.* (2019):

> A "smart city" é certamente um dos conceitos "smart" mais proeminentes a conquistar a imaginação pública na última década. Também é um dos termos que traz mais consequências e é da maior importância política ao informar e moldar o trabalho de planejadores urbanos, arquitetos, operadores de infraestrutura, incorporações imobiliárias, secretários de transporte, prefeitos e indústrias inteiras. Como a maioria das coisas smart, a "smart city" não pode ser reduzida a uma única definição. O que para alguns se refere em essência ao uso sensato e ecologicamente sustentável dos recursos da cidade, para outros significa a instalação de dispositivos inteligentes e interativos que prometem uma experiencia urbana livre de inconveniências e ajudam a tornar as cidades ambientes ainda mais atraentes.

Nesse sentido, Bencke *et. al.* (2019) definiu que uma cidade é considerada inteligente quando os investimentos em capital humano e social, bem como em infraestrutura de comunicação tradicional e moderna impulsionam o crescimento econômico sustentável e uma alta qualidade de vida, atrelado a uma gestão inteligente dos recursos naturais, por meio de governança participativa.

Porém, Bencke *et. al.* (2019) ressalta ainda que a maioria das iniciativas de cidades inteligentes é impulsionada pelos governos, mas alavancada pelo uso das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) para melhor servir aos cidadãos. Dessa forma, uma cidade na qual as TICs se fundem com as infraestruturas tradicionais, coordenadas e integradas usando novas tecnologias digitais, são consideradas cidades inteligentes.

Uma cidade inteligente, portanto, utiliza tecnologia da informação e comunicação (TIC) para melhorar a eficiência operacional como um todo, compartilhar informações com a população e fornecer uma melhor qualidade de serviços e, por conseguinte, de vida aos seus moradores. Para tanto, se faz necessária a integração com os sistemas dos serviços de transporte, de energia, de saúde, de infraestrutura e de segurança para que enfim se crie um ambiente urbano mais sustentável e eficiente.

Como leciona Ferreira *et. al.* (2023), uma cidade inteligente encontra-se monitorada e integrada por inovações tecnológicas. E, para habilitar serviços inteligentes e proporcionar melhor qualidade de vida aos cidadãos, se faz necessária a utilização de técnicas para o controle em tempo real, os quais auxiliam na detecção e aplicação de mudanças físicas na cidade inteligente.

Dentro desse contexto, a segurança pública é uma área essencial ao regular funcionamento de qualquer sociedade e já vem sendo amplamente beneficiada com o uso de tecnologias de informação e comunicação. Portanto, a aplicação de soluções tecnológicas na segurança pública, se bem utilizadas e extensivas a todo o território das cidades, pode contribuir com o aumento da eficiência das forças de segurança minimizando danos, já que os agentes não conseguem estar em todos os locais ao mesmo tempo, bem como melhorar a qualidade e rapidez das respostas à incidentes e emergências, promovendo assim um ambiente mais seguro de se viver.

A vigilância por câmeras inteligentes é um grande exemplo das tecnologias integradas e aplicadas em prol da segurança pública. Hoje em dia, é comum vermos as grandes cidades utilizando câmeras de vigilância em alta definição espalhadas em pontos estratégicos das cidades para monitorarem continuamente o fluxo do ambiente urbano, capturando imagens e dados em tempo real. Além disso, o uso de tecnologias de inteligência artificial pode ajudar a detectar comportamentos suspeitos nos vídeos capturados pelas câmeras e até a possibilitar o reconhecimento facial de pessoas foragidas e procuradas pela polícia.

Dias e Souza (2019) ressalta que o uso de inovações tecnológicas direcionadas à segurança pública favorece a troca de informações entre

instituições, cidadão e governo, além de proporcionar melhorias nas gestões operacional e administrativa, potencializando a eficiência dos instrumentos usados pelos agentes de segurança pública e contribuindo com resultados benéficos à população, particularmente no controle da criminalidade.

Desse modo, todo o exposto traz à tona a importância e a necessidade de se refletir sobre as cidades inteligentes no contexto da Amazônia, sob o aspecto da implementação de tecnologias no setor da segurança pública.

1.1. Os desafios e avanços na implementação das tecnologias das cidades inteligentes na Amazônia

Para Bartoli (2018), com a aceleração do povoamento regional, ocorreu na região amazônica a formação de novos meios de comunicação e transporte que conectam cidades em diferentes meios de acessos às redes que, como preceitua Monte-Mór (2009), para “além dos rios”, constituem novas centralidades urbanas, extrapolando os limites das cidades e expressando um amplo processo econômico-espacial que o autor denomina de urbanização extensiva (Monte-Mór, 1994).

Dessa forma, o desenvolvimento das cidades, o encurtamento das distâncias e o crescimento populacional foram responsáveis pelo aumento da criminalidade e da violência e, com isso, pela necessidade de acompanhar as inovações tecnológicas e buscar a implementação das tecnologias das cidades inteligentes em prol da segurança pública e da qualidade de vida na região.

Ocorre que algumas dificuldades sempre se fizeram presentes neste território extenso como a infraestrutura limitada, a falta de conectividade e inclusão digital em muitas áreas que são mais remotas, dificultando e limitando o acesso à internet e às tecnologias, além, claro, da falta de políticas públicas e de um olhar mais atencioso para os problemas reais e estruturais de grande parte dos estados da região amazônica. Porém, apesar dos obstáculos, alguns avanços já são notáveis e merecem destaque. Aqui, abordaremos acerca do Estado do Pará e das tecnologias empregadas a favor da segurança pública.

No que se refere à área urbana, em fevereiro de 2024, buscando acompanhar a vigilância empregada nas cidades ao redor do país e do mundo,

o Governo do Estado do Pará instalou 50 totens de segurança, para atender chamados de urgência e emergência da população, os quais foram distribuídos nos municípios de Belém, Ananindeua, Altamira, Marabá e Santarém. A iniciativa faz parte do projeto “Cidades Inteligentes” e tem como objetivo fortalecer a parceria com os municípios, com o objetivo principal de potencializar as ações preventivas de segurança pública, com o uso intensivo de tecnologia, incluindo recursos de videomonitoramento e inteligência artificial (LOPES, 2024).

Figura 01 - Totem de Segurança



Fonte - Pará implanta Totens de segurança para atender chamados de urgência e emergência da população | SEGUP

Lopes (2024) esclarece o funcionamento do totem. O equipamento de videomonitoramento possui quatro câmeras fixas que permitem a visualização em 360° de toda a área onde está localizado. Uma câmera dome que permite ao operador do sistema efetuar zoom nas ações de maior interesse para a segurança pública na região, além de uma câmera frontal junto ao botão de emergência que permite ao usuário interagir, em tempo real, com o agente de segurança que está respondendo pelo chamado no Centro de Operações

Integradas da SEGUP, o Ciop. O Totem conta ainda, com alarme sonoro, alto-falante de grande alcance e localizador em tempo real.

O Sistema do Totem de videomonitoramento funciona por meio de um botão de emergência, que quando acionado, transmitirá a ligação diretamente para o agente que estiver operando as câmeras de dentro do Ciop[4]. A ocorrência será registrada, e imediatamente uma equipe de policiais será deslocada até o local indicado pela vítima para o atendimento imediato (LOPES, 2024).

Além disso, o totem funciona com tecnologia de inteligência artificial embarcada, com reconhecimento facial e de placas veiculares, com possibilidade de direcionar as mensagens de acordo com o reconhecimento que as câmeras capturam, e assim auxiliar na busca de foragidos da justiça, bem como de carros roubados. Ele possui ainda um dispositivo antivandalismo, com o acionamento de alarme a qualquer tentativa de depredação do equipamento, que também é blindado, e irá operar 24 horas por dia (LOPES, 2024).

É a facilidade que a implementação das tecnologias das cidades inteligentes traz para a interação e aproximação da população com os agentes de segurança pública, já que inviável que estes estejam distribuídos ao redor das cidades em todos os pontos necessários, além de contribuir com as equipes policiais nas investigações.

Noutro giro, há que ser destacada ainda a detectação de desmatamentos por corte raso e degradação progressiva por imagens de satélites Landsat. O desmatamento é um problema grave que atinge a região amazônica há anos ante a gravidade das consequências que essa prática causa não só em âmbito local, mas mundial, como as mudanças climáticas.

[4] Centro Integrado de Operações.

Figura 02 - Satélite Landsat



Fonte - imagens de satelites landsat e desmatamento - Pesquisar Imagens (bing.com)

Recentemente, diversos veículos de comunicação têm divulgado notícias de incêndios atingindo todo o território brasileiro. De acordo com o portal do Globo Rural, em 2024, em notícia veiculada em 27/08/24, o Brasil registrou mais de 109 mil focos de incêndio em 2024, com um alta de 78% em relação aos doze meses de 2023, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Globo Rural, 2024).

Ainda de acordo com a notícia, o calor excessivo e o tempo seco de agosto contribuíram para a formação de uma onda de incêndios em todo o país. Entre as cidades mais atingidas no mês de agosto estão São Félix do Xingu, Altamira, Novo Progressos e Itaituba, todas situadas no Estado do Pará (Globo Rural, 2024). Tal cenário, de acordo com os cientistas, pode ser atribuído ao desmatamento e às mudanças climáticas (O Globo, 2024). Portanto, o desmatamento, como se vê, não deixa de ser um problema de segurança pública, já que se trata de um crime praticado e que gera consequências irreparáveis à toda a população.

De acordo com a SEMAS (2024), o Pará apresentou uma redução de 863 km² de área desmatada na comparação entre 2022 e 2023, segundo dados oficiais do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). No ano de 2022, a área total era de 4.162 km² e em 2023 é de 3.299 km², a menor área desmatada

registrada pelo Inpe no estado desde 2019. Os dados garantem uma queda de 21% no desmatamento, conforme o Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (Prodes). Os índices são referentes ao desmatamento verificado por satélite no ano Prodes 2023, que vai de agosto de 2022 a julho de 2023. É a tecnologia sendo utilizada em prol da preservação do meio ambiente, da Amazônia e na detectação e combate aos crimes ambientais.

Dessa forma, eventos como a Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP 30), que será realizada em Belém do Pará, em novembro de 2025, se mostra o cenário ideal para que se discuta a temática e se busque soluções para o futuro aliadas às tecnologias e políticas públicas de prevenção e combate ao desmatamento e, consequentemente, para o aumento da segurança pública, em especial quando se aborda o tema dentro da própria Amazônia, tendo a proximidade necessária com a realidade e cultura local.

2. SEGURANÇA PÚBLICA

A Constituição Federal de 1988, que inaugurou o Estado Democrático de Direito no Brasil, trouxe um amplo rol de direitos e garantias individuais ao cidadão, além de prever responsabilidades ao Estado e à sociedade para a efetivação destes direitos, de modo que reconheceu a segurança pública como direito individual e coletivo.

Nesse sentido, o artigo 144 da Constituição Federal prevê que: “A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, sob a égide dos valores da cidadania e dos direitos humanos, através dos órgãos instituídos pela União e pelos Estados” (BRASIL, 1988).

Na definição de Vette *et. al.* (2024), a segurança pública é um conjunto de ações e políticas que visam garantir a ordem e a proteção dos cidadãos, promovendo assim uma convivência pacífica e livre de crimes. Essas ações envolvem desde o patrulhamento e a investigação de delitos até a implementação de políticas de prevenção e repressão ao crime.

Vette *et. al.* (2024) ainda defende que a segurança pública desempenha um papel fundamental na sociedade, pois contribui para o bem-estar e a qualidade de vida da população. Quando a segurança é garantida, as pessoas se sentem protegidas e têm mais liberdade para exercer suas atividades cotidianas. Além disso, a segurança pública é essencial para a manutenção da ordem social e o fortalecimento do Estado de Direito. A ausência de segurança pode gerar medo e até mesmo impactos negativos na economia de um país.

Portanto, a segurança pública é dever do Estado, o qual precisa assegurá-la à sociedade, cumprindo seu papel de maneira constante e satisfatória. Para tanto, Vette *et. al.* (2024) sustenta que as instituições de segurança pública têm como objetivo primordial evitar a ocorrência de infrações penais, utilizando estratégias multifacetadas e ações assertivas voltadas para a redução e neutralização dos fatores que contribuem para a criminalidade de todos os tipos e magnitudes. É exatamente nesse contexto que as tecnologias como as acima expostas aparecem como grandes aliadas na efetivação desse direito individual e coletivo.

Considerações Finais

A importância da tecnologia para a construção de cidades inteligentes e, consequentemente, como aliada da segurança pública na Amazônia é inquestionável.

Sua capacidade em contribuir com sistemas de vigilância que proporcionam uma interação mais rápida entre a população e os agentes de segurança são essenciais e indispensáveis, em especial quando se trata de território tão extenso que impossibilita a presença dos agentes públicos em tempo integral em todos os locais necessários para atuar na prevenção e repressão de crimes.

As tecnologias até aqui já implementadas e os avanços conquistados, mesmo diante das dificuldades da região amazônica, demonstram a necessidade de se avançar cada vez mais na pauta em busca da efetivação de um direito individual e coletivo tão essencial para a melhora da qualidade de vida e da preservação das cidades como é o direito à segurança pública.

Referências Bibliográficas

BARTOLI, Estevan. **Cidades na Amazônica, Sistemas Territoriais e a Rede Urbana. 17 de dezembro de 2018.** Disponível em: https://www.scielo.br/j/mercator/a/QfDVytxTswq5FJSW6sKBtFx/. **Acesso em 31 jul. 2024.**

BENCKE, Fernando; LAZZARETTI, Kelem; MACHADO, Hilka; SEHNEM, Simone. **Cidades Inteligentes: insights e contribuições das pesquisas brasileiras.** 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/urbe/a/3LscvBK8vN86Q3fyFvzx7Fw/. Acesso em 13 jun. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, SF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao.htm. Acesso em 20 mai. 2024.

DIAS, Y. O. R.; SOUZA, G. B. C. (2019). **Uso da tecnologia na atividade policial**. Biblioteca Digital de Segurança Pública, pp. 1-16. Disponível em: https://www.hindawi.com/journals/scn/2021/9999398/. Acesso em: 13 jun 2023.

FERREIRA, Danielly; NOVAES, Sueli; MACEDO, Francisco. **Cidades inteligentes e inovação: a videovigilância na segurança pública de Recife, PE, Brasil**. 2023. Disponível em: https://www.scielo..br/j/cm/a/BgjpbJwnDqq3wNzVFPsJ8Zz/. Acesso em 13 jun. 2024.

GIMENEZ, Isabel. Globo Rural. **Mapa das queimadas: veja as cidades afetadas pelos incêndios no Brasil.** In.: Globo.com. Disponível em: https://globorural.globo.com/previsao-do-tempo/noticia/2024/08/mapa-das-queimadas-veja-as-cidades-afetadas-pelos-incendios-no-brasil.ghtml. Acesso em: 28 ago. 2024.

LOPES, Walena. **Pará instala Totens de segurança para atender chamados de urgência e emergência da população**. 2024. Disponível em: https://www.agenciapara.com.br/noticia/51629/para-instala-totens-de-seguranca-para-atender-chamados-de-urgencia-e-emergencia-da-populacao Acesso em 20 mai. 2024.

MELO, João; SOUSA, Maria; SANTOS, Pedro. O impacto dos investimentos em segurança pública na redução da criminalidade: um estudo de caso no Brasil. Revista Brasileira de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, p. 432-450, abr./jun. 2021.

MONTE-MÓR, R.L. A relação urbano-rural no Brasil contemporâneo. Trabalho apresentado no "**I seminário Internacional Sobre Desenvolvimento Regional**". Santa Cruz do Sul - RS, UNISC, Out. 2004.

MONTE-MÓR, R.L. As Redes Para Além dos Rios. in: **Nova Economia** - Belo Horizonte: 19 (1), 11-39, jan-abr. 2009.

MONTE-MÓR, R.L. A Urbanização Extensiva e Lógica de Povoamento. SANTOS, Milton et. al. (orgs.) **Território, globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994 (pp. 169-181).

NEW YORK TIMES. **Jaguares, antas e papagaios: queimadas no Pantanal provocam a morte de dezenas de animais raros.** 2024. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/08/28/jaguares-antas-e-papagaios-queimadas-no-pantanal-provocam-a-morte-de-dezenas-de-animais-raros.ghtml. Acesso em: 28 ago. 2024.

SANTOS, Ana; OLIVEIRA, Bruno. **A prevenção da criminalidade como pilar fundamental para a construção de uma sociedade mais segura.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 37, n. 110, p. 123-142, abr. 2022.

SEMAS. **Pará registra 21% de redução no desmatamento e tem menor área desmatada desde 2019.** 2024. Disponível em: https://www.semas.pa.gov.br/2024/05/15/para-registra-21-reducao-no-desmatamento-e-tem-menor-area-desmatada-desde-2019/. Acesso em 28 ago. 2024.

VETTE, Junior; SOUZA, Francisco. **Segurança Pública e seu papel na prevenção e redução da criminalidade.** 2024. Disponível em: https://revistaft.com.br/seguranca-publica-e-seu-papel-na-prevencao-e-reducao-da-criminalidade. Acesso em 13 jun. 2024.

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA
CONFLUÊNCIAS 2024
ANAIS

ST4
EXPRESSÕES DA DIVERSIDADE CULTURAL AMAZÔNICA E RESISTÊNCIA ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Coordenadores:
Prof. Dr. Thiago Barros.
Prof. Dr. Edgar Chagas Jr.
Lícia Mara da Silva Oliveira (Doutoranda – PPGCLC).

Resumo: Neste Simpósio Temático, pretendeu-se estimular o debate teórico-empírico acerca da relação entre manifestações culturais amazônicas e mudanças climáticas. Partiu-se do pressuposto que alterações em biomas e territórios, especialmente as provocadas pela intensificação neoextrativista e outras fontes de emissão de gases do efeito estufa, impactam fortemente diferentes campos sociais, entre eles o da cultura, provocando movimentos de expressão artístico-culturais, de resistência e de sociabilidades. Foram recebidos trabalhos que estudaram representações da (des)conexão sociedade-natureza e evidenciem a diversidade socioambiental e cultural da região a partir das artes visuais, produções audiovisuais, música, teatro, cortejos, festejos, performances, entre outras atividades e manifestações de cunho artístico. Em consonância com o tema central, abriu-se para o recebimento de trabalhos com abordagens que contemplassem a interface clima e experiências nas áreas de saberes tradicionais, cultura oral, memória, identidade, preservação de patrimônio material e imaterial, midiatização da cultura e resistência cultural nas periferias urbanas. Assim, objetivou-se a discussão que contribuíram para uma reflexão interdisciplinar sobre a maneira pela qual as mudanças climáticas estão afetando a dinâmica cultural na Amazônia e como a cultura pode ser um vetor de resistência frente a escalada de destruição que assola a região no período atual.

CAPES
PPGCLC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA
UNAMA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA EXCELÊNCIA POR NATUREZA 50 ANOS

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: A EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA[1]

EDUCATION AND COMMUNICATION: THE AUDIOVISUAL EXPERIENCE AS A LEARNING TOOL IN PUBLIC SCHOOLS.

EDUCACIÓN Y COMUNICACIÓN: LA EXPERIENCIA AUDIOVISUAL COMO HERRAMIENTA DE APRENDIZAJE EN LA ESCUELA PÚBLICA.

Adrielle Silva Pinheiro[2]
Thiago Almeida Barros[3]

Resumo: Este trabalho aborda a relação entre os campos da comunicação e da educação ao refletir a análise dos recursos audiovisuais em seu contexto histórico-cultural realizada na Escola Estadual de Ensino Médio “Enedina Sampaio Melo”, na cidade de Igarapé-Miri/Pará. O educador contemporâneo, ao precisar aproximar as mídias da educação, se é desafiado frente a produção audiovisual na escola pública. A inclusão social insere tais práticas em contextos históricos e culturais, e à medida que a identidade é reconhecida como algo a ser aprendido, os indivíduos são construídos como imagens e representações, facilitadas e promovidas através de tecnologias digitais como intermediários pedagógicos ampliados. Por fim, além da parte tecnológica, foi pensado junto ao professor responsável pela dinâmica da prática pedagógica, o desenvolvimento das subjetividades, o planejamento dos participantes ao produzir o vídeo, a interdisciplinaridade na redação dos roteiros, entre outras iniciativas foram complementos importantes no desenvolvimento da atividade. Pesquisas embasadas através do suporte teórico direcionado por Freire (2016), Jensen (2010), Moran (2015), Wolton (2006) e outros.

Palavras-chave: Educação e comunicação; audiovisual; histórico-cultural; escola pública.

Abstract: This paper addresses the relationship between the fields of communication and education by reflecting on the analysis of audiovisual resources in their historical and cultural context, carried out at the Enedina Sampaio Melo State High School in the city of Igarapé-Miri/Pará. Contemporary educators, when needing to bring media closer to education, are challenged by audiovisual production in public schools. Social inclusion inserts such practices into historical and cultural contexts, and as identity is

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST4: Expressões da Diversidade Cultural Amazônica e Resistência às Mudanças Climáticas do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura Universidade da Amazônia do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA - PPGCLC). Av. Alcindo Cacela, 287, Bloco E, 3º andar, Umarizal, Belém - PA, CEP: 66060-902. E-mail:adriellesp84@gmail.com

[3] Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia (UNAMA/2021). Av. Alcindo Cacela, 287, Bloco E, 3º andar, Umarizal, Belém - PA, CEP: 66060-902. E-mail: thiago.barros@unama.br

recognized as something to be learned, individuals are constructed as images and representations, facilitated and promoted through digital technologies as expanded pedagogical intermediaries. Finally, in addition to the technological part, the development of subjectivities, planning of participants when producing the video, interdisciplinarity in writing scripts, among other initiatives were considered together with the teacher responsible for the dynamics of the pedagogical practice. Research based on theoretical support directed by Freire (2016), Jensen (2010), Morán (2015), Wolton (2006) and others.

Keywords: Education and communication; audiovisual; historical-cultural; public school**.**

Resumen: Este trabajo aborda la relación entre los campos de la comunicación y la educación reflejando el análisis de los recursos audiovisuales en su contexto histórico-cultural realizado en la Escuela Secundaria Estadual “Enedina Sampaio Melo”, en la ciudad de Igarapé-Miri/Pará. El educador contemporáneo, cuando necesita acercar los medios a la educación, se ve desafiado por la producción audiovisual en las escuelas públicas. La inclusión social inserta tales prácticas en contextos históricos y culturales y, a medida que se reconoce la identidad como algo que debe aprenderse, los individuos se construyen como imágenes y representaciones, facilitadas y promovidas a través de tecnologías digitales como intermediarios pedagógicos ampliados. Finalmente, además de la parte tecnológica, junto al docente responsable de la dinámica de la práctica pedagógica, el desarrollo de subjetividades, la planificación de los participantes en la producción del video, la interdisciplinariedad en la redacción de los guiones, entre otras iniciativas, fueron complementos importantes en el desarrollo. de la actividad. Investigación basada en sustento teórico dirigida por Freire (2016), Jensen (2010), Morán (2015), Wolton (2006) y otros.

Palabras clave: Educación y comunicación; audiovisual; histórico-cultural; escuela pública.

1. INTRODUÇÃO

O advento do vídeo na década de 1960 causou uma ruptura sem precedentes no mundo da imagem técnica devido às formas de experimentação e apropriação que este meio possibilitou. A partir da escrita eletrônica do vídeo, foi implementada uma nova forma de linguagem e estética típica de imagens pós-cinemáticas híbridas (eletrônicas e digitais). Refere-se a imagens tecnológicas que sempre tiveram um problema de identidade desde o seu surgimento temporário e marginal entre o cinema e as imagens infográficas, um mundo de imagens poderosas e distintas. Logo, essa nova invenção, a escrita eletrônica do vídeo, perpassa entre distintos segmentos, tais como: a ficção e a realidade, o cinema e a televisão, a arte e a comunicação.

A combinação dos domínios artístico e midiático permitiu a exploração da forma por artistas (videoarte) e espaços domésticos (vídeos de família, vídeos privados, documentários etc.). Se olharmos para ela como objeto e como processo constante de ensaio, estudo, experimentação, inovação, é também uma ferramenta pública e privada, mas não uma ou outra ou ambas, mas sim pintura e televisão.

O vídeo oferece uma oportunidade de visualizar conflitos entre si e os outros, e é uma importante ferramenta educacional para os alunos devido à sua ludicidade e formalidade, e porque permite a participação de todos, mesmo quando protegidos por trás das ferramentas e recursos. O choque psicológico causado pelo confronto direto com outras pessoas e suas culturas. Pode parecer contraditório, mas também é um acontecimento que pode se transformar em uma porta para outros. Ou seja, dentro de uma comunicação discursiva, a observação do mundo por si e pelo outro ocorre sob diferentes perspectivas. Isto não significa que sejam incomunicáveis, mas permite uma combinação permanente da produção sonora na experiência audiovisual a partir de diferentes locais e através da mediação da câmera.

Moran (2015) explica que os alunos se sentem motivados quando a aprendizagem é mais significativa, e analisamos as suas motivações profundas para ajudar os alunos a envolverem-se em atividades e criações sugeridas a encontrarem significado em projetos significativos e socialmente relevantes. O autor enfatiza a importância de contextualizar os alunos, no sentido de propor atividades que venham do mundo dos alunos e estejam em diálogo com seus interesses e realidade.

Nesse sentido, colocar os alunos no centro do processo de construção do conhecimento que possibilite a aprendizagem colaborativa e sua participação ativa nesse processo remete à produção audiovisual nas escolas. Esta produção baseia-se nos interesses e motivações dos alunos, uma vez que o seu cotidiano é ocupado por uma aprendizagem baseada na criação de sentido através destas disciplinas no mundo da produção cinematográfica e audiovisual.

Como objetivo geral a experiência buscou desenvolver uma possibilidade de aprendizagem, utilizando a ferramenta audiovisual na produção da edição de vídeo acerca do reconhecimento ao histórico-cultural da cidade de Igarapé-Miri/PA com alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio “Enedina Sampaio Melo”. Tendo em vista, à medida que trabalhávamos na sua formulação, percebemos que a tecnologia está a dar um grande contributo para o reconhecimento

da cultura da cidade nas áreas da educação e da comunicação que norteiam este esforço. O mundo de hoje está, sem dúvida, rodeado de tecnologia digital.

Neste contexto, acredito que este estudo é válido. Este estudo destaca a importância de combinar a produção audiovisual na escola pública com essas práticas culturais mais familiares e sugere que devemos ver a mídia eletrônica como porque me fez pensar sobre momentos históricos. Fatos culturais que expressam nossas complexidades, contradições e formas de conhecimento.

Portanto, o processo de ensino e aprendizagem é facilitado e qualificado por meio de obras audiovisuais, tornando esse processo mais significativo. No momento, o tratamento do tema proposto centra-se na análise do recurso audiovisual em seu contexto histórico-cultural, e inclui questionamentos e discussões a respeito do uso da pedagogia midiática em função da produção audiovisual, o caso em estudo.

Este estudo incluiu áreas como o exame da relação entre os campos da comunicação e da educação. Numa aventura com câmera e vídeo, buscou-se traçar objetivos, como abordar a relação entre os campos de comunicação e educação; refletir a partir da análise do recurso audiovisual na escola pública; compreender como a ferramenta audiovisual é apropriada para a aprendizagem dos alunos; relacionar os resultados obtidos pela produção do recurso audiovisual com os objetivos apresentados pela metodologia.

Portanto, esta experiência foi realizada na escola pública de ensino médio “Enedina Sampaio Melo” localizada na região Centro do município de Igarapé-Miri/Pará. No qual, este estudo correlacionou os resultados com as análises de possibilidades de aprimoramento das produções audiovisuais investigadas. Dado que a escola pública em questão acredita nesta tecnologia de informação e comunicação, considerando necessário envolver o professor do 2º ano e componentes do currículo Português e Arte através deste recurso audiovisual, a fim de alcançar a consciência histórica e cultural da cidade. Uma vez que, desenvolve a linguagem, a criatividade, a imaginação e permite que os alunos se comuniquem.

Nesse panorama, a transversalidade dos meios audiovisuais foi ponto de desafio relevante a partir da discussão que proporcionou a relação entre os campos da comunicação e da educação por meio da experiência audiovisual na comunidade escolar. Moran (2015) enfatiza que por meio da educação se tem um interesse mais intenso através da preservação pela mídia e sua linguagem. Desse modo, Freire

(2016) afirma que a comunicação, principalmente quando aliada às práticas pedagógicas, é um elemento que transforma pessoas em sujeitos.

Para o autor, compreender a produção da subjetividade contemporânea requer elementos relacionados à produção de imagens, à cultura popular e à reprodutibilidade da arte.

2. RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

As abordagens que se multiplicam acerca dos estudos que contemplam a relação entre os dois campos, Educação e Comunicação, são as mais diversas. Em vista disso, o que se intenciona destacar entre as duas é a relevância que se concede a cada uma delas, em reconhecimento ao que se abriga no sentido polissêmico sob essas duas expressões, mas especificamente dizer sobre cada uma delas em particular, como fator de construção, de autonomia dos sujeitos.

Nessa linha do trabalho, a concepção de educação está voltada para um processo intencional, consciente, no reconhecimento dos outros como diversos e como base para o autodomínio, uma vez que se busca a orientação das pessoas para o conhecimento das mesmas e a fundamentação na valorização da vida. O processo social básico remete à concepção de comunicação, por sua parte, expressa uma relação de transmissão e de potencialização de sentimentos entre as pessoas, no sentido de ideias e de valores perante um interminável acervo de signos, assim organizados pela linguagem. Embora as concepções de educação e comunicação sejam distintas, elas são indissociáveis.

Dessarte, para Moran (2007), no que se refere a um espaço de troca e de desenvolvimento de todas as maneiras de comunicação, a educação é compreendida como um processo comunicacional:

> A educação é um processo que facilita a comunicação em níveis cada vez mais profundos e ricos entre todos os participantes, fundamentalmente professores e alunos. [...]. A escola pode transformar-se em um espaço privilegiado da comunicação profunda, rica, aberta, inovadora, crítica; em um espaço de organizar, num clima de confiança, o caos informativo, de ideias, de avaliações que precisamos enfrentar diariamente (MORAN, 2007, p. 59-60).

Martín-Barbero (2014, p. 78), compartilha da mesma ideia de que Moran (2007), contempla a reflexão de que esta teia comunicacional é o lugar em que a educação faz parte. Para isso, a escola é entendida como o espaço de troca de conversação e troca de saberes e narrativas. Para o autor, "se comunicar é compartilhar a significação, participar é compartilhar a ação".

Nesse panorama, para Jensen (2010), "A comunicação não é nem um sonho nem um pesadelo, mas uma prática no mundo real – um recurso peculiar para produzir e contestar o conhecimento humano, antes de ser traduzido em ação social". Reafirmando o que Durkheim e Dewey tinham antecipado há um século, quando pretenderam fazer a relação entre métodos de ensino cooperativos e promotores da democracia e o desempenho escolar.

No que lhe concerne, diante dessa reflexão referente à ideia de comunicação, comparada à ideia de educação, em que ambas expressam uma variedade de sentidos, exige o que se pode elucidar sobre o entendimento por comunicação. Assim, o que há de mais próximo da comunicação, é a educação. É na reciprocidade que a Educação e a Comunicação se fazem em partilhas, em função de um melhoramento de suas relações, no alto de impulsionar o olhar, com efeito de uma experiência de comunicação autêntica, reconhecendo as alteridades, de forma haja uma maior igualdade social e que a comunicação contribua para uma emancipação.

> Comunicar é ser, isto é, buscar sua identidade e sua autonomia. É também fazer, ou seja, reconhecer a importância do outro, ir ao encontro dele. Comunicar é também agir. Mas igualmente admitir a importância do outro, portanto, aceitar nossa dependência em relação a ele e a incerteza de ser compreendido por ele. (WOLTON, 2006, p. 15)

Segundo o autor, ao definir a comunicação, é preciso que haja interação em reconhecimento a alteridade para que haja intercompreensão entre o eu e o outro. Ainda em suas reflexões, Wolton (2006, p. 12) reafirma: "No fundo, "a comunicação coloca em questão da relação entre o indivíduo e o outro, entre o indivíduo e o mundo, o que a torna indissociável da sociedade aberta, da modernidade e da democracia". É na relação entre o mensageiro e o outro, que se faz valer a comunicação.

Em apropriação da teoria dos meios, Jensen (2010) pondera acerca da convergência na relação entre a concretude e a ação dos indivíduos. Nesse ângulo, para Jensen (2010), os meios de primeiro grau estão relacionados aos definidos

utensílios e instrumentos e corpos dos seres humanos assim considerados como meios de comunicação, a partir de um princípio da comunicação e de uma perspectiva histórica.

> Em si, o corpo humano é uma condição material de comunicação necessária e suficiente; nossos corpos se tornam meios de comunicação produtivos e receptivos através da socialização e da aculturação. Em comparação, às ferramentas – utensílios de escrita ou instrumentos musicais – não são necessários nem suficientes, mas estendem, de maneira significativa, o corpo humano e suas capacidades comunicativas. (JENSEN, 2010, p. 66).

Jensen (2010) afirma que as pessoas são habilitadas através dos meios de primeiro grau os quais externam mundos atuais e possíveis, sendo que se comunicam umas com as outras sobre esses mundos para propósitos reflexivos e instrumentais. Já como meios de segundo grau, Jensen (2010) concebe todos os modelos de instituições midiáticas e práticas comunicacionais baseadas no modelo um-todos, no parâmetro dos meios de massa, tais como os livros impressos, os jornais, os filmes, o rádio e a televisão. O autor enfatiza a definição de Walter Benjamin nos seus termos de reprodução e propagação técnica, a expressão “meios de massa”, designadamente no campo das artes, todavia com inferências no campo das comunicações.

No cenário da educação para as mídias, a produção não se define como um fim em si. Os estudantes, para que expressem suas ideias e sentimentos de forma criativa ou até mesmo por meio da Arte, eles se apropriam da linguagem midiática. Pois, a comunicação é veiculada através da mídia, sendo que professor e aluno possuem uma relação dialógica numa forma de negociação sem que se reduza essa produção a um treinamento técnico. É válido considerar que o recurso audiovisual deve ser compreendido como um sistema processual, e não fechado, desse modo é uma linguagem onde acontecem interações nos quais são construídas as representações que se englobam num espaço aberto a múltiplas leituras. A visão de sujeito histórico, social e cultural, remete ao educando uma posição de espectador de sua própria mensagem e num contexto de produtor, criativo e transformador.

A comunicação com seu papel de propor um conhecimento amplo no que se refere à aprendizagem audiovisual, está cada vez mais se expandindo. Para o estudioso Martín-Barbero, salienta que além de existir um preconceito com relação à oralidade cultural, é também certo que há a respeito da cultura audiovisual, estes no

âmbito escolar: no sentido de manifestar outra cultura, direcionada a novos modelos de ler, ver, pensar e aprender, é que se reconheça uma posição de defesa a fim de desafiar um novo ecossistema comunicativo. (MARTIN-BARBERO, 2000, apud PIRES, 2010, p. 283).

Em abrangência a todos os níveis da Educação, os educadores estão se reinventando a partir de um novo papel de ensino no uso dos novos meios de comunicação, na intenção de uma aprendizagem significativa em proporcionar aos estudantes.

3. AUDIOVISUAL NA ESCOLA

Desde a década de 60, a escola brasileira do século XXI vem enfrentando uma crise. Num contexto geral, a transmissão de conteúdos e conhecimentos é fundamento como prática docente. Ainda que se tenha toda a revolução das tecnologias de informação e comunicação, a educação continua, em grande medida, atuando segundo o modelo que Freire (1983) nomeou de bancário e instrucionista, no qual o aluno é depósito de conteúdos e o mestre, seu depositário. Dessa forma, os estudantes acabam sendo privados da própria história e da trajetória de existência enquanto sujeitos, uma vez que a escola não é capaz de gerar nos educandos o autoconhecimento necessário como fonte criadora e gestora da vida.

É admissível acreditar que o professor não pode continuar sendo detentor do conhecimento, com postura tendenciosa e comportamento autoritário. Sendo que é possível pensar que vai muito além do espaço físico da “sala de aula” quando se conceitua “aula”. Nesse viés, Moran (2008) afirma no que condiz à criação de um programa de rádio ou a elaboração de um material audiovisual, resultado da combinação de pesquisas escritas com atividades em modelos atuais, seria relevante a escola proporcionar aos alunos oportunidades de utilizar as novas linguagens da comunicação. A capacidade dos estudantes seria estimulada por essas diferenciadas atividades a fim de que os alunos possam fazer uso crítico e criativo do intelecto durante o processo de aprendizagem, além de apresentar uma postura mediadora do conhecimento por parte de exigência aos docentes.

Nesse panorama, o educando no perfil de autor de conhecimentos, em seu papel ativo, passa a ser ator do registro da memória da sociedade, contribuindo para discussões no presente e no futuro, através da consolidação da produção audiovisual no âmbito escolar.

Ainda nessa linha, a ruptura de antigos paradigmas que ainda são fluentes na escola pública, é resultado da contribuição referente à produção audiovisual. Se tratando daquele educador unilateral e autoritário, a ferramenta digital é uma proposta pedagógica que exige desse professor um novo olhar sobre as relações de ensino e aprendizagem. A construção de significados e conhecimentos é fruto de uma relação entre o aluno e o professor, na prática da elaboração de um vídeo, no qual enriquece no que se refere à troca e ao intercâmbio de experiências.

Vale ressaltar, que a revolução digital da comunicação, atualmente, se dá pela transformação aos caminhos da formação da vontade pública, também, pelas formas de formação e manutenção de relações privadas, de uma maneira duradoura. Pois, em ritmo acelerado, a internet faz surgir hoje diversas esferas públicas na rede, das quais fronteiras externas e temas estão em fluxo incessante, sendo que esta rede está colocando o indivíduo em situações de ampliar os limites de suas interações e de acelerá-las (Honneth, 2011, p. 560-567). Decerto os estudantes são preparados para fazerem uso dessa nova mídia no papel que o ensino escolar deve prepará-los de forma técnica e socialmente, porém não deve se esgotar esse enfrentamento acerca do conjunto de suas consequências históricas.

Na elaboração da subjetividade, a percepção em discordâncias e conflitos são necessários ao processo de construção do conhecimento, o que advém da incorporação da cultura midiática no processo pedagógico, uma vez que reduz as resistências ao diálogo das instituições tradicionais. A expressão do aluno é fundamental quando se é apresentado à experiência com câmera e vídeo. Além disso, a oportunidade de fazer com que o estudante elabore sua própria narrativa, é considerado um ato político, e que também, na reinvenção de uma escritura do mundo, vem ser um ato poético, numa linguagem multimidiatizada por parte de sua exploração e experimentação.

No que concerne à função ilustrativa, é destaque na produção de um vídeo. O contexto referente ao material audiovisual, em formato de filme ou documentário, pode estar relacionado a situações do cotidiano do aluno ou assuntos evidenciando

conteúdos programáticos. Todavia, o vídeo pode retratar um instrumento muito eficaz no processo de ensino e aprendizagem, quando se é feita uma análise e um bom planejamento do material em pesquisa assim selecionado pelo docente. Como afirma Moran (2009, p. 34):

> A força da linguagem audiovisual está em que consegue dizer muito mais do que captamos, chegar simultaneamente por muitos mais caminhos do que conscientemente percebemos e encontra dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos ou que se relacionam conosco de alguma forma.

Esse cenário, caracterizado como palco de uma comunidade de investigação, é compreendido como a sala de aula, na materialidade de se transformar os programas previstos às necessidades dos alunos, assim criando conexões com o cotidiano, ou seja, o inesperado.

4. ABORDAGEM METODOLÓGICA: EXPERIÊNCIA COM A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

A pesquisa é de abordagem qualitativa, a qual foi pertinente o percurso metodológico de cunho empírico e teórico. Compreende-se por pesquisa qualitativa:

> A pesquisa qualitativa [...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21).

Em linhas gerais, a possibilidade para medir o levantamento de informações coletadas em campo, foi executada a partir do processo de planejamento referente ao trabalho com o recurso audiovisual, na escola pública.

A produção audiovisual com estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio “Enedina Sampaio Melo”, na cidade de Igarapé-Miri/Pará, vislumbrou a possibilidade de experimentar uma situação de troca e intercâmbio de vivências no que diz respeito à cultura da cidade, através da relação entre professor

e alunos envolvidos no cenário. Esse trabalho ocorreu no primeiro semestre do ano letivo de 2023, envolvendo o professor mestre José João Quaresma Pena, o qual elaborou a produção sob as orientações da área de conhecimento Linguagens e suas Tecnologias-Componente Curricular: Língua Portuguesa e suas Literaturas/Arte-Cultura Regional, direcionada pelo Projeto Integrado de Ensino (PIE), e os alunos do período matutino.

Vale ressaltar que diálogos sobre a linguagem audiovisual, já se realizavam em sala de aula. Desse modo, surgiram questionamentos à aprendizagem no sentido de evidenciar as vantagens pedagógicas a partir da utilização da ferramenta digital na produção de vídeo pelos estudantes na escola.

Todo o processo de planejamento e produção do vídeo ocorreu em sala de aula seguido de diversas situações também externas, sendo que a produção do vídeo foi direcionada a espaços estratégicos da cidade. No decorrer de três semanas, se deu a extensão do processo de elaboração e ação do vídeo. Nas duas primeiras semanas os alunos foram apresentados ao tema proposto pelo docente acerca do reconhecimento da cultura da cidade de Igarapé-Miri. Durante o processo de planejamento, foi necessário explanar à turma o procedimento de criação de roteiros e salientar sobre as questões relacionadas à linguagem audiovisual. As discussões em sala de aula foram de extrema importância para que se pudesse elencar as etapas do roteiro, tais como: ideia central, entrevistas, personagens, tempo. Ademais, o diálogo pontuou a seleção referente aos estudantes os quais seriam os protagonistas da ação, no momento da filmagem e documentário.

A abordagem ao tema proposto para a produção do audiovisual foi relacionado a umas das manifestações culturais que ocorrem anualmente na cidade de Igarapé-Miri, conhecido como “Festival do Camarão”, pois os estudantes envolvidos foram Ana Carolina, Evilly, Robenilson, Fabrício Araújo e Diego Moura. Este evento é resultado de grandes projetos temáticos elaborados por pesquisadores mirienses, o qual recebeu o nome de Educação e Arte. O festival, que costuma ter duração de três dias seguidos em decorrência de programações diferenciadas, é recheado com inúmeras apresentações como: grupos folclóricos, cordão do camarão, lenda do Jatuíra, shows com artistas regionais, entre outros. Diversas linguagens artísticas para a construção do repertório cultural do aluno dentro de sua municipalidade. Entretanto, o curta-metragem contou com a participação da saudosa professora Benoca, assim

conhecida na região. A professora é referência na área da cultura no município, que cedeu entrevista aos alunos a respostas voltadas para a representação do evento.

No que concerne à edição do vídeo, esta foi a segunda etapa do processo. Alunos, professor e a equipe da coordenação pedagógica organizaram o momento da ação do vídeo em lugares estratégicos, com ambientes específicos para a gravação do documentário. A praça principal da cidade, conhecida como Praça da Prefeitura e a Casa da Cultura, serviram de cenário para a gravação do vídeo.

Cabe ressaltar, que durante todo o processo de planejamento à produção do audiovisual, não só os estudantes que foram protagonistas da edição, bem como os demais alunos da turma, também participaram de todas as etapas do processo.

Na próxima etapa, a divulgação do vídeo nas salas de aula foi feita pelos demais alunos, na qual gerou uma satisfatória mobilização, também por parte dos professores, acerca do conteúdo explorado na ferramenta.

É de suma importância destacar que o Projeto Integrado de Ensino (PIE), o que impulsionou a experiência com a produção do vídeo no ano de 2023, culminou na continuidade das atividades com mídia e comunicação na Escola Estadual de Ensino Médio “Enedina Sampaio Melo”. É de interesse que as mídias possam ser utilizadas com bom senso e competência no âmbito escolar, a fim de romper com as barreiras da exclusividade da informação e comunicação atuantes no Brasil, assim também, como meio favorável de comunicação entre docentes e estudantes.

O projeto voltado para a prática da Educação e Comunicação, foi pensado na possibilidade de facilidade e praticidade na realização do vídeo e no equipamento que os alunos já possuíam. O estímulo ao interesse acerca dos conhecimentos teóricos e práticos, foram intencionados por meio do desenvolvimento das habilidades motoras, habilidades sociais, habilidades intelectuais e habilidades perceptivas.

Para um melhor direcionamento, foi observado que o processo de ensino e aprendizagem por parte da relevância na visão de professores e alunos do âmbito escolar, é importante considerar que a produção audiovisual desperta motivo de reflexão acerca da importância da extensão do projeto.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No que concerne ao resultado da produção audiovisual, proporcionou e considerou o processo de aprendizagem, tornando-o mais significativo. O vídeo constituiu uma ferramenta importante para os adolescentes por sua capacidade de viabilizar a ludicidade e tecnicidade e por permitir a participação dos envolvidos na edição.

Os dados coletados por meio das entrevistas a respeito da experiência na produção do audiovisual, contaram com a participação de professores e alunos acerca da estratégia ao elencar alguns pontos importantes os quais foram abordados, com direcionamento a perguntas voltadas à aprendizagem que ocorreu na produção do vídeo, à principal importância ao se planejar e produzir o vídeo no ambiente escolar e possíveis sugestões para a melhoria do trabalho.

Os discentes afirmaram, que o conhecimento adquirido durante a produção do vídeo pode ser usado para enriquecer trabalhos em outros componentes curriculares posteriormente e que eles se percebem capazes de fazer coisas que não imaginavam.

Nesse parâmetro, os professores acentuaram durante a entrevista que a oportunidade que os educandos tiveram foi de intensa relevância na prática da produção audiovisual, no que se associa a uma rotina diferenciada em planejamentos de sala de aula no contexto escolar. Tal observação foi satisfatória para se pensar naquele professor que se acha detentor da palavra e o transmissor do conhecimento. Então, é válido dizer que o estudante ao ser protagonista da situação, ele acaba se sentindo numa posição ativa e criadora por intervenção de uma temática ou de uma proposta de trabalho. Também pode-se evidenciar na fala de um dos estudantes quando disse “para se produzir um vídeo é necessário saber como montar um cenário, organizar a captação de som, a iluminação e tem que pesquisar, não é simplesmente ligar uma câmera e começar a gravar". A partir desse comentário constata-se que Moraes (2001) acentua como aprender a aprender, visto que para a preparação em começar a gravar o vídeo, o aluno sentiu a necessidade para essa execução. Para isso, o educando se colocou numa postura ativa ao deslocar-se em busca de informações e organização da filmagem.

O corpo docente da escola concordou acerca da prerrogativa no sentido de troca de experiências e conhecimentos com os alunos, a partir da produção de material audiovisual no âmbito escolar quando se tem parceria no planejamento e desenvolvimento dos vídeos, enfatizando a importância do trabalho.

Na ótica dos professores, ao desenvolverem a produção audiovisual, a boa convivência entre professor e aluno é consolidada através da liberdade que os estudantes sentem ao criarem suas produções assim permitindo-lhes autonomia. Desse modo, o aluno se sentiu estimulado em dialogar com as situações que foram discutidas sobre tecnologias da informação em sala de aula, na oportunidade de produzir o vídeo.

Portanto, o professor José João Quaresma Pena, responsável pelo planejamento da produção audiovisual, pontuou sobre a ousadia que as tecnologias em mídias dispõem no desenvolver de suas práticas, com projetos que requer disponibilidade e vontade do docente, uma vez que deve haver adequação às condições reais e espaço adequado, no sentido de ações conjuntas. O professor também destacou a relevância a despeito do reconhecimento à manifestação cultural da cidade de Igarapé-Miri, no formato do contexto histórico que os alunos passaram a ter conhecimento de sua própria cultura local.

Uma realidade que se deve levar em consideração é a presença das tecnologias no cotidiano dos estudantes, afirma o docente José João Quaresma. Ainda, o docente ressalta sobre a importância de se trabalhar com as Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs, em adaptação às escolas para que se garanta um mundo virtual com um tempo destinado à sala de aula. Assim, para o rompimento do modelo unilateral de educação, é preciso que o trabalho com a produção audiovisual seja pensado em fortalecer a postura de colaboração e cooperação entre o ensinar e o aprender dos alunos, num modelo ativo perante o universo de conhecimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face das proposições apresentadas acerca da relação entre Educação e Comunicação, que culmina na utilização da ferramenta pedagógica audiovisual, o processo de desenvolvimento deste artigo foi embasado nas concepções de teóricos que salientam as afirmações sobre o gênero digital como elemento da comunicação em virtude de ensino e aprendizagem na escola pública.

Nesse panorama, a produção audiovisual feita pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio “Enedina Sampaio Melo” da cidade

de Igarapé-Miri/Pará, me fez refletir a partir do entendimento em que a mídia eletrônica deve ser considerada como fato cultural, uma vez que, o momento histórico sobre no qual vivemos, é o meio digital que exprime nossas complexidades, contradições e formas de conhecimento.

A experiência audiovisual como ferramenta de aprendizagem na escola pública, evidenciou o conhecimento teórico e prático na percepção dos estudantes em consonância à temática desenvolvida pelo professor mestre José João Quaresma Pena, o qual elaborou a produção sob as orientações da área de conhecimento Linguagens e suas Tecnologias-Componente Curricular: Língua Portuguesa e suas Literaturas/Arte-Cultura Regional, direcionada pelo Projeto Integrado de Ensino (PIE), para o processo de produção do vídeo em abrangência ao conjunto de discussões em sala de aula, elaboração de roteiro, preparação para a filmagem, escolha dos cenários.

Isto posto, que o docente proporcionou aos educandos a liberdade de criação e a interação entre as partes envolvidas, dando visibilidade ao trabalho significativo com as Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs, com ênfase em desenvolver no aluno o senso crítico e a postura questionadora de possíveis concepções e divergências da sociedade. A escola pública tem papel importante como mediadora sociocultural nos processos de apropriação da linguagem audiovisual e dos usos destas, como suporte para a expressão e comunicação de novas ideias.

REFERÊNCIAS

AQUINO, M. C. Interatividade e participação em contexto de convergência midiática. In: RIBEIRO, J.C., FALCÃO, T., and SILVA, T. orgs. Mídias sociais: saberes e representações [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 11-30. ISBN 978-85-232-1734-1. Availablefrom: doi: 10.7476/9788523217341.002. Also available in ePUB from: http://books.scielo.org/id/hcmrr/epub/ribeiro-9788523217341.epub

BARROS, G. M. M.; BARROS, THIAGO ALMEIDA. Experiências com rádio escola: mediações e práticas educomunicativas no ensino público. FOCO (FACULDADE NOVO MILÊNIO), v. 16, p. 1-12, 2023. Qualis (ISSN: 1981-223X)

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.
HONNETH, Axel. *Das Recht der Freiheit:* Grundriss einer demokratischen Sittlichkeit. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2011.

HONNETH, Axel. Educação e esfera pública democrática: Um capítulo negligenciado da filosofia política. Civitas - Revista de Ciências Sociais, v. 13, n. 3, p. 544–562, set. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/civitas/a/x4s6gLr4drp6WrdPGJSH8ph/?lang=pt#. Acesso em: 8 fev. 2024.

JENSEN, Klaus Bruhn. Media Convergence: the three degrees of network, mass, and interpersonal communication. New York: Routledge, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A comunicação na educação. Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente. 13ª ed. São Paulo: Papirus, 2001.

Moran, J. M., Masetto, M. T., & Behrens, M. A. (2009). Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, José Manuel. As mídias na educação. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm Acesso em: 5 ago. 2024.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In BACICH, Lilian et al. (Orgs). Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-45.

PIRES, E. G. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, jan./abr. 2010.

WOLTON, Dominique. É preciso salvar a comunicação. São Paulo: Paulus, 2006.

MEU PARÁ: DO CURIMBÓ RITMADO AO ERUDITO CARIMBOLESCO DE SERGUEI FIRSANOV[1]

MEU PARÁ: FROM THE RHYTHMIC CURIMBÓ TO THE CARIMBOLESQUE ERUDITE OF SERGUEI FIRSANOV

MEU PARÁ: DE LA CURIMBÓ RÍTMICO AL ERUDICIÓN CARIMBOLESCA DE SERGUEI FIRSANOV

Natália Cristina dos Santos Silva da Costa[2]
Eduardo Soares Neves de Oliveira[3]

Resumo: Na história da música do Pará, grandes nomes de artistas e compositores foram destacados, evidenciando um legado artístico musical no estado, não apenas na música erudita, mas na música popular. Quando falamos em cultura musical, podemos rever alguns conceitos para entendermos sua trajetória social e política. Para isso, Autores como Salles (1990), Salles e Salles (1969), Staden (1930), Andrade (1942), Budd (2003) e Castagna (2003) nos ajudam nessa investigação, no processo de análise da canção “Meu Pará”, na qual observamos a cultura local, paisagens do lugar e a mistura de gêneros musicais da cultura local urbana da Amazônia paraense. Os procedimentos metodológicos baseiam-se na pesquisa etnográfica na qual foram catalogados registros de entrevistas, fotos e partitura, como base de dados. Concluímos que a cultural musical da Amazônia urbana paraense adapta elementos gerados pelo contexto político e social contemporâneos da região.

Palavras-chave: Cultura local da Amazônia urbana paraense. Serguei Firsanov. Carimbó. Grupo Quorum. Música erudita

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL AMAZÔNICA E RESISTÊNCIA ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA); Técnica em Música/ Habilitação em violino pela Escola de Música da Universidade Federal do Pará – EMUFPA; Graduada em Licenciatura em Letras/Português/Inglês pela Universidade Paulista (UNIP); Especialista em Língua Inglesa e suas literaturas, pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA), Pós-Graduanda em Língua Portuguesa e sua Literaturas, pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI); Estudante do Grupo de Pesquisa em Patrimônio Cultural e Representações do Lugar (Batuques) e do Grupo de Pesquisa Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (Narramazônia). E-mail: nataliabaiorin@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0003-2595-0336

[3] Graduado em Relações Internacionais pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Gestão de Conhecimentos para o Desenvolvimento Socioambiental (UNAMA); E-mail: eo139990@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0002-6600-4023

Abstract: In the history of music in Pará, great artists and composers have stood out, highlighting an artistic musical legacy in the state, not in classical music only, but also in popular music. When discussing musical culture, we can review some concepts to understand it social and political trajectory. For this, authors such as Salles (1990), Salles e Salles (1969), Staden (1930), Andrade (1942), Budd (2003) e Castagna (2003) have helped us in this investigation, in the process of analyzing the song “Meu Pará”, which we observe the local culture, landscapes of the place and the mixture of musical genres of the local urban culture of the Pará Amazon. The methodological procedures are based on ethnographic research in which records of interviews, photos and scores were catalogued as a database. We conclude that the musical culture of the urban Amazon of Pará adapts elements generated by the region’s contemporary political and social context.

Keywords: Local culture in the urban Amazon of Pará. Serguei Firsanov. Carimbó. Grupo Quorum. Classical music.

Resumen: En la historia de la música en Pará, grandes artistas y compositores han sido reconocidos, destacando un legado artístico musical en el estado, no sólo en la música clásica, sino también en la música popular. Cuando hablamos de cultura musical, podemos revisar algunos conceptos para entender su trayectoria social y política. Autores como Salles (1990), Salles e Salles (1969), Staden (1930), Andrade (1942), Budd (2003) e Castagna (2003) nos ayudan en esta investigación, en el proceso de análisis de la canción «Meu Pará», en la que observamos la cultura local, los paisajes del lugar y la mezcla de géneros musicales de la cultura urbana local de la Amazonia paranaense. Los procedimientos metodológicos se basan en una investigación etnográfica en la que se catalogaron registros de entrevistas, fotos y partituras a modo de base de datos. Concluimos que la cultura musical de la Amazonia urbana de Pará adapta elementos generados por el contexto político y social contemporáneo de la región.

Palavras clave: Cultura local en la Amazonia urbana de Pará. Serguei Firsanov. Carimbó. Grupo Quorum. Música clássica.

INTRODUÇÃO

Esta investigação está direcionada a destacar o encontro entre culturas decorrente do processo de colonização na região Amazônica, especificamente na capital paraense. Considerando que três raças fazem parte da formação do

povo brasileiro a indígena, branca e africana, a cultura musical da Amazônia paraense também é igualmente influenciada com a prática de instrumentos europeus e a prática coral, porém, há a uma suposição que o ritmado veio da cultura africana. Em 2005, na cidade de Belém, uma obra musical composta por Sérgio Lobato, Gabriel Lima e Serguei Firsanov, intitulada Meu Pará, mostra a mistura de dois gêneros musicais, o carimbó e a música erudita, no qual não sabemos como denominá-lo se carimbó clássico ou erudito carimbolesco. Nosso objetivo é mostrar o processo evolutivo da música no Brasil e posteriormente no Pará, com o intuito de entender o fenômeno cultural característico na música na capital paraense. Para isso, autores que concentraram suas pesquisas na evolução da música como Salles (1990), Salles e Salles (1969), Andrade (1942), Budd (2003), Castagna (2003) e Staden (1930), nos ajudaram a trilhar um caminho de entendimento e lucidez quanto às transformações. Fica claro que no território amazônico, seja no âmbito social, econômico ou político, a cultura do lugar foi sendo construída sob grande resiliência, lutas, dores, alegrias e muita música.

1. A MÚSICA NO PARÁ

Ao longo da história do Brasil, podemos observar a forte presença da música, “país do samba”, patrimônio cultural do país. Sabemos que não apenas o samba faz parte do grande leque de gêneros musicais existente no lugar, no entanto, a modernidade gerou tal título a ele. Desde o período colonial foram mencionados, por meio de registros dos estrangeiros e colonizadores que estiveram nas terras brasileiras, pôde-se observar a presença da música entre os nativos da região. Um bom exemplo é o alemão Hanz Staden, em sua obra intitulada ‘Viagem ao Brasil’ escrita em 1557, publicada somente em 1930, revelando-nos o que experimentou no lugar:

> Os homens iam com flexas e arcos para suas casas e me recommendaram ás mulheres que me levassem comsigo, indo algumas adiante, outras atráz de mim. Cantavam e dançavam uníssonos os cantos que costumam, como canta sua gente quando está para devorar alguém. (Staden 1930, p. 67)

Assim como Staden, outros estrangeiros tiveram semelhante percepção da presença musical entre os nativos do lugar, porém, não houve algum interesse em fazer seu registro. Com o aumento do domínio lusitano e a presença da cultura africana, dança e música dos muitos escravos, as práticas cotidianas e costumes simples como vestimenta, maneira de se alimentar, práticas religiosas portuguesas, foram transformando-se na região, adaptando-se ao que lhes era imposto.

Salles (1990) revela-nos que a trajetória rumo ao norte do país, começa quando Francisco Caldeira de Castelo Branco, capitão-mor português, após estar com o domínio total das terras litorâneas, em decorrência da expulsão dos franceses do local, avança em seu navio rumo às áreas mais internas, com a intenção de dar seguimento a seus planos políticos, estabelecer moradia permanente, marcando o território. Desembarca, pois, no lugar que atualmente é a cidade de Belém do Pará.

> A jornada de Francisco Caldeira Castelo Branco, que partiu do Maranhão no dia 25 de dezembro de 1615 e desembarcou numa ponta de terra, na Baía de Guajará, no dia 12 de janeiro de 1616, lugar escolhido para a construção de um forte e dar início a uma povoação que se denominaria Nossa Senhora de Belém. (Salles, 1990, p.34)

O início das novas práticas sociais e econômicas na “nova terra” estava sob um caráter modesto, crescendo a cada dia num processo natural de adaptação. A música igualmente tímida, foi sendo utilizada como veículo político e pedagógico pelos missionários, que começaram a ministrar aulas de canto e a ensinar os nativos a tocarem instrumentos musicais, ignorava-se a dança e a música dos nativos e escravos, optando majoritariamente pela música europeia. A história da música no Pará começa a partir do séc. XVII, “Deveríamos considerar a história da cultura musical na Amazônia, especialmente no Grão-Pará, a partir de 1616 – quando aqui se instalaram os primeiros portugueses” (Salles, 1990, p.35). O papel desempenhado pela música era essencialmente didático e político.

Evidentemente a música nativa não foi considerada relevante a ponto de ser registrada pelos estrangeiros, seja por falta de interesse ou por recursos, não

se sabe. Nenhum só registro, nem mesmo do que lhes era ensinado fora encontrado, somente a partir de 1818, em Santa Catarina, longe das terras amazônicas, é que se tem o primeiro registro da música produzida em solo brasileiro, a modinha[4], escrita pelo alemão Langsdorff[5], intitulada *Brasiliaansche Aria* (Ária Brasileira), Castagna (2003).

Salles (1990) ao revelar a realidade do ensino de música no norte do Brasil, feita pelos religiosos portugueses, também ressalta a falta de registros musicais. O musicólogo Mário de Andrade[6] em sua obra 'Pequena história da música' de 1942, ao mostrar sua perspectiva sobre a possível resposta para o não interesse da música nativa, tenta, talvez, justificar a falta de registros:

> Entre as poesias rituais colhidas dos índios do Brasil, algumas são entoadas sobre um som só, de princípio a fim, a-pesar-de muitas vezes atravessarem a noite. Embora o ritmo esteja quase sempre bem desenvolvido e principalmente bastante complexo, penso que não se pode ainda chamar uma coisa dessas de "música". Não passa duma dicção, horizontalizada dentro de um valor sonoro mais ou menos definido. (Andrade, 1942, p.13, reedição, 2015.)

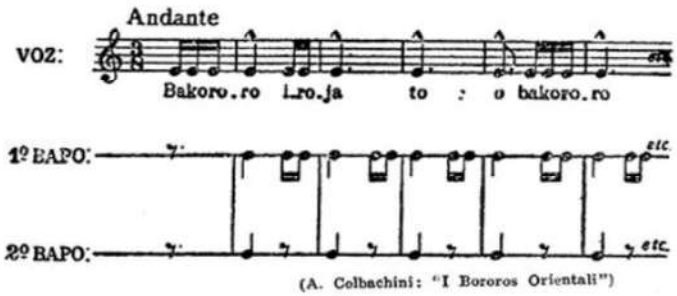
Três séculos se passaram após a chegada dos colonizadores, e só aí Mario de Andrade dá início a análise das poesias rituais indígenas do Brasil, e suas observações o levam a criticar negativamente suas produções: "mesmo em uma só nota por muitas vezes, ela atravessava a noite".

[4] Novo estilo de canção camerística a uma ou mais vozes que surgiu na segunda metade do século XVIII na Europa, em Portugal foi chamada de modinha. Site: musicabrasilis.com.br

[5] Georg Heinrich von Langsdorff foi um físico, explorador e naturalista alemão, foi um diplomata russo mais conhecido pelo nome Grigori Ivanovich Langsdorf. (8 abril 1774 – 9 junho 1852)

[6] Mário Raul de Moraes Andrade Nasceu em São Paulo, é considerado uma figura de referência na literatura brasileira. Era musicólogo, poeta, ensaísta, historiador e crítico da arte, fotógrafo e um dos principais expoentes do movimento modernista no país. (9 outubro 1893 – 25 fevereiro 1945). Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

Figura I – Melodia e ritmo da canção indígena

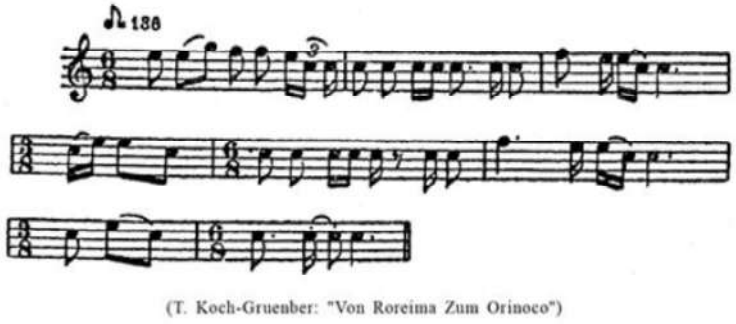


Fonte: Pequena história da música brasileira – Mario de Andrade (1942)

Em sua análise, percebe que os ritmos são bem mais marcantes do que a melodia, que por sua vez, pobre e inexpressiva. Assim como esta, outras canções foram analisadas, percebe-se um número pequeno de compassos, porém com muita repetição, algumas mais agradáveis que outras, porém sempre consideradas pobres, segundo Andrade (1942).

A "dansa tucui, colhida entre os índios macuxis e vapichanas, do extremo-norte amazônico" é um exemplo:

Figura 2 – canto feminino da dança tucui



Fonte: Pequena história da música brasileira – Mario de Andrade (1942)

Para o historiador fica evidente que as figuras rítmicas presentes na música nativa, são mais relevantes e por esta razão busca entender seu significado:

> Várias causas levam os chamados "primitivos" a essa música pouco melodiosa e predominantemente rítmica. Em primeiro lugar vem a própria circunstância do ritmo ser mais dinamogênico que a melodia em si. [...] Ora, o ritmo interessa

> muito mais ao corpo que o som. O ritmo “mexe” com a gente. E si, por um lado, era portanto mais apto para aguçar as faculdades do corpo, ainda pelos seus valores dinamogênicos, produzia a absorção do indivíduo pela coletividade, socializando-o, lhe determinando o movimento coletivo. Embora os primitivos não atinjam grande variedade rítmica consciente, o certo é que, em suas manifestações musicais, dão predominância enorme ao ritmo. (Andrade, 2015, p.16)

Sabemos, por meio de muitos documentos históricos, que três raças fazem parte da formação do povo brasileiro, a “branca, negra e vermelha “, como afirma Mariz (2005). Em seu contexto musical, sabemos que os ameríndios não foram os que influenciaram expressivamente sua essência, na busca para substituir a mão de obra escrava dos rebeldes nativos os portugueses iniciaram com veemência o tráfico de negros africanos trazendo para o país uma quantidade numerosa de escravos, que juntamente com sua bagagem cultural, crenças, música e danças ritmadas.

> Não exageramos ao afirmar que o elemento ameríndio teve, relativamente, pouca interferência na concretização da música nacional brasileira. Influência poderosa foi a negra.
> A influência branca, ou seja, portuguesa, espanhola, francesa e italiana, foi a mais relevante. Disse Mário de Andrade: “os portugueses fixaram o nosso tonalismo harmônico, nos deram a quadratura estrófica; provavelmente a síncopa, que nos encarregamos de desenvolver ao contato da pererequice rítmica do africano. De Portugal vieram os instrumentos e literatura musical europeus.” (Mariz, 2005, p. 25)

O crescimento da música no Brasil e especificamente no Pará conta com uma variedade de estilos e ritmos, construídos num árduo processo de adaptação cultural e social. O final do séc. XIX revela, portanto, o resultado de toda essa variedade musical e é com o nacionalismo do compositor Heitor Villa-Lobos, que acontece um marco na história da música no país, o nascimento das primeiras manifestações eruditas da música brasileira. O Romantismo brasileiro destacou os costumes e tradições regionais, o amor a nação, a natureza como fonte de inspiração, grandes compositores e literatos utilizaram esse modelo de criação. (Mariz, 2005).

1.1 Ritmo na música paraense

Quanto ao norte do Brasil, as consequências geradas pela mistura de raças resultaram nas mais diversas maneiras de expressar a arte, o Carimbó, por exemplo, nasceu da miscigenação entre as três raças, branca, indígena e africana. Ele é um gênero de música e dança, nascido dentro da cultura popular das regiões do nordeste paraense dentro da amazônica brasileira, suas características envolvem os ritmos marcantes da cultura africana, tanto na dança quanto na música, e na poesia popular cabocla e ribeirinha. Chagas (2019), assim o define: “O Carimbó é um gênero de música e dança popular do norte do Brasil, cuja origem vem da fusão entre as culturas indígena, africana e ibérica” (Chagas, 2019, p. 2).

Sobre sua procedência ele diz:

> Poucos são os registros históricos sobre a trajetória do Carimbó. Sabe-se que o nome se deu, de acordo com Salles e Salles (1969), através do instrumento de percussão indígena, o curimbó, feito com tronco de madeira escavado e encoberto com pele de animal. É mais comum na zona atlântica do estado no Pará, não sendo, no entanto, ausente das demais regiões. (Chagas, 2019, p. 2)

Definida por Salles e Salles (1969, p. 278) como “dança de roda reunindo homens e mulheres, na qual os pares se destacam, um a um, e dançam soltos, aparecendo então configurações coreográficas solistas”, é uma forma de expressão central da cultura local.

“O povo paraense sempre foi musical” e mesmo sob influência europeia no ensino do canto e da prática de instrumentos havia, paralelamente, nas áreas mais afastadas dos grandes centros, nos interiores da cidade, festejos com músicas e danças ritmadas. Por tratar de temas cotidianos, em uma linguagem informal, surge assim a música regional, segundo Salles (1969):

> O folclore, para Vicente Salles, pode ser entendido como o produto da cultura, em um sentido geral, uma vez que, para o intelectual, a sociedade como um todo participa na criação e na manutenção do folclore, embora afirme que somente o “povo” – isto é, as camadas populares – dele se sirva (Salles, 1969, p. 882).

1.2 A paisagem natural como inspiração composicional

A paisagem natural da nação sempre despertou inspiração aos artistas tanto da literatura quanto da música, os sentimentos gerados pela fauna, flora, céu, rios, fisiologia características da raça presente no país, foram combustíveis para as almas artísticas no processo de sua criação artística. Na arte musical, os diferentes gêneros nasceram de diferentes contextos, regiões, classes sociais, porém, o contato com a natureza como fonte de inspiração faz parte da experiência de muitos compositores: Jaime Ovalle, Waldemar Henrique, Gentil Puget, Altino Pimenta, Wilson Fonseca, Serguei Firsanov, entre outros. Não apenas na música erudita, mas na música popular como Paulo André Barata, Aldo Sena, Ronaldo Silva e Billy Blanco.

É importante entendermos que dentro do processo composicional há os elementos básicos (ritmo, harmonia, melodia) considerados em Bennett (1990), no entanto, a inspiração para o compositor é fundamental e geralmente está relacionada a uma paisagem, um sentimento, um propósito. Budd (2003), ao afirmar, "*it is only when he hears and understands the work that the value of the music can be realised in his experience"* (Budd, 2023, p.151), ou seja, que é somente quando o ouvinte escuta e entende a obra é que o valor da música pode ser percebido, ele confirma a importância da contextualização a qual ela foi construída, assim, também, sua representatividade para aquela cultura.

Em uma experiência vivida em uma das aulas da disciplina 'Tópicos Especiais em Comunicação, linguagem e Cultura', ministrada em março de 2023, na Universidade da Amazônia, na turma do PPGCLC, recebemos um dos grandes compositores da música paraense, Ronaldo Silva, músico e um dos fundadores do grupo Arraial do Pavulagem, de Belém. Para nossa surpresa e reflexão ele nos revelou que sua busca por inspirações composicionais remetia na prática da contemplação da natureza, ele simplesmente afastava-se do meio urbano, do barulho da cidade, para ficar em sua casa no interior, apreciando o rio, as árvores, o nascer do sol isso o inspirava a escrevendo novas músicas. Seu relato nos remeteu a uma entrevista com o compositor Waldemar Henrique,

disponibilizada pelo Programa Argumento, na plataforma Youtube[7], na qual o artista revela que uma de suas composições “a melhor coisa que há”, a ‘Valsinha do Marajó’, foi composta em umas de suas viagens à praia do Mata Fome, no Marajó, e lá, com o violão na mão, “final de tarde, pôr-do-sol e os olhos verdes da menina que o observava tocar.” Ele compôs sua música mais estimada no meio artístico. Ali, entregue a natureza foi sua principal inspiração.

Outro exemplo de composição da música local e da mistura de gêneros presentes na capital da Amazônia paraense está o carimbó de Sérgio Lobato[8] em parceria com Gabriel Lima e Serguei Firsanov[9]. Sua obra revela em seu poema as peculiaridades da região norte como lugares e costumes culinários próprios, mostrando, mais uma vez a importância que a natureza representa para o artista e sua inspiração composicional. Analisaremos com mais detalhes esta canção.

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada na pesquisa está baseada na pesquisa documental, de campo e de entrevista, por meio da história oral. Foi necessário um levantamento histórico sobre a música no Brasil até chegarmos no Pará para entendermos sua trajetória e consolidação no meio popular, urbano e rural, do estado; focamos principalmente na música que transita na capital e seus arredores considerando dois gêneros musicais latentes na cidade, o Carimbó e música erudita. Contamos com o registro de partituras e entrevistas, a fim de, conhecermos ainda mais o processo composicional e inspirador da música na região e sua representatividade na cidade de Belém do Pará e na cultura local da Amazônia paraense.

3. “MEU PARÁ” COM CURIMBÓ, CORDAS E SOPRANO

[7] https://youtu.be/Xue4KncsSgc?si=Fr8HxPmpsCbnmvt7 Entrevista do canal do Programa Argumento de 1994.
[8] Mestre em psicologia, é compositor, violista e vocalista do Grupo Quorum, orquestra de câmara, de Belém do Pará.
[9] Nascido em Moscou em 10 de setembro de 1952, Rússia, foi naturalizado brasileiro no ano de 2004, era compositor, arranjador e professor de música dos conservatórios de música de Belém. Faleceu no dia 22 de outubro de 2016.

No ano de 2005, o Grupo Quorum lançou seu segundo álbum musical intitulado ‘Para N’américa’, nele canções mostram em seu poema, melodia e ritmos, parte da cultura local expressada entre a música popular e erudita. O compositor e vocalista Sérgio Lobato, inspirou-se por reunir elementos das músicas das quais estava imerso, misturando assim a música popular e a erudita.

Suas vivências das festividades populares presenciadas quando criança, prática coral na igreja e sua inicialização na classe de viola do professor Serguei, foram definitivas para sua criação. Mesmo sendo apaixonado pela psicologia, sua área de formação, ele inicia seu projeto musical de composições, contando com parceiros, seu amigo de naipe Gabriel Lima, violista nascido em Boas Vista, município de Roraima, seu professor e grande incentivador, Serguei Firsanov, russo naturalizado brasileiro e 12 músicos, integrantes da orquestra.

Lobato, paraense nascido no dia 17 de dezembro de 1971, na cidade de Belém, filho de Maria Lúcia Lobato, que foi uma advogada e professora de língua portuguesa, muito conhecida e querida no bairro do Guamá, pelas aulas de reforço, deixa sua marca na cidade ao realizar um projeto ousado e que mostra claramente a mistura entre duas culturas tão latentes na capital paraense.

Entre as 11 faixas do álbum Pará N’américa está a música “Meu Pará” composta no ano de 2005, a relevância desta obra está na sua estrutura composicional e em sua execução peculiar, trata-se de uma Carimbó tocado por instrumentos da música erudita, violino, viola, violoncelo e contrabaixo, além de, teclado, violão, curimbó e uma soprano, lírica.

Em entrevista, Lobato fala a respeito de sua vida e de sua parceria com o compositor Serguei Firsanov e sua representatividade para a realização de suas músicas e vida musical.

> Desmembrar o Serguei do Quorum é difícil, tudo bem que nós temos as nossas independências e nossas identidade, e isso pertence a cada um, mas ele está intimamente ligado. [...] No momento, em que nós precisávamos de arranjos mais sólidos, mais profissionais, o professor Serguei se prestou a ser um colaborador, remunerado, claro, um colaborador da atuação do músico. Ele vem como uma pedra fundamental para que a gente pudesse desenvolver um trabalho fincado na área profissional de música. (Lobato, 2024, entrevista)

O Álbum musical do Grupo Quorum foi destaque nas revistas L'OFFICIEL Brasil em 2007, Casamentos Daqui, Amazônia Viva em 2012, tv Globo em 2008. O grupo participou de vários eventos culturais, nacionais e internacionais.

Figura 4 – Grupo Quorum em Museu do Estado 2012



Fonte: O Liberal, Revista Amazônia Viva Nº 9 Ano I

O carimbó estilizado, digamos assim, nasce na capital paraense e junta dois marcantes gêneros na cidade, um fato indissolúvel que vem desde 1616. Abaixo podemos observar o poema da obra:

Meu Pará

Meu Pará tem um cheiro que emana do patchouli (voz popular)
(Meu Pará, meu Pará!) (soprano)
E as mais belas matas e rios que só têm aqui (voz popular)
(Meu Pará, meu Pará) (soprano)
O jeitinho caboclo da morena ao se requebrar (voz popular)
(Meu Pará, meu Pará) (soprano)
A beleza e a força, a cultura do meu Pará. (voz popular)

Tem uxí, biribá
Os segredos do meu Pará.
Maniçoba, tacacá
As delícias do meu Pará.

Viajei pra Algodoal
Praia linda não há outra igual
Viajei pra Algodoal
Praia linda não há outra igual

Alenquer, Cametá
As cidades do meu Pará
Carimbó, Siriá

São os ritmos do meu Pará

E a ilha do Marajó?!
É tão bela como ela só!
E a ilha do Marajó?!
É tão bela como ela só!

Meu Pará tem um cheiro que emana do patchouli (voz popular)
(Meu Pará, meu Pará!) (soprano)
E as mais belas matas e rios que só têm aqui (voz popular)
(Meu Pará, meu Pará) (soprano)
O jeitinho caboclo da morena ao se requebrar (voz popular)
(Meu Pará, meu Pará) (soprano)
A beleza e a força, a cultura do meu Pará. (voz popular)

(ah, meu Pará, meu Pará) (soprano) e (voz popular)

A arte literária, presente no poema, revela as peculiaridades do estado do Pará, fazendo menção a matas e rios da Amazônia, a dança e a cultura do lugar, a variedade de frutos típicos da região e de lugares apreciados pelo autor. A análise melódica é baseada nas teorias de Benett (1990).

A canção começa em andamento tranquilo ou adagio (55-65bpm), compasso quaternário e armadura na clave de sol, na tonalidade de Lá Maior (A). A introdução, os oito primeiros compassos, apresenta uma introdução somente com os instrumentos de cordas, a partir do 9º as vozes os versos que são intercalados entre voz popular e lírica na primeira estrofe. No 17º compasso, estrofe dois do poema, “tem uxí, biribá”, começa o ritmo marcante e dançante do carimbó, marcado pelas batidas do instrumento percussivo, curimbó, característico e fundamental do gênero; juntamente com as cordas, também em compasso quatro por quatro (4/4), o andamento fica mais acelerado indo para moderato (108-139bpm). A presença da voz soprano cria melismas (enfeites) nas estrofes 2, 3 e 4 e na 6 imita o primeiro. A intensão dos compositores pode ser compreendida no relato do entrevistado:

> Eu fiz um arranjo, fiz a letra, compus a melodia, e dei o título, “Do meu Pará”, umas das faixas do CD Pará N’América, aí eu disse: - professor queria que o senhor, por favor, nos ajudasse eu não estou gostando do arranjo, poderia ser alguma coisa mais trabalhada? Ele prontamente: - vou ajudar você! O que é que eu posso lhe ajudar? Eu entreguei para ele as partes calas, todas. Quando ele ouviu a música, ele passou 7 ou 8 dias com

> a música e não me dava resposta até que, eu liguei pra ele, eu deixei ele trabalhar para dar espaço, e eu disse que queria saber da música, ele responde: - já está pronta! E eu disse que bom! Então a gente se encontra no conservatório. Fui até ao conservatório, à noite, ele encontrou comigo na porta do conservatório e disse: Sérgio, eu coloquei uma soprano para cantar com você. Eu perguntei: o que ela vai cantar? Ele virou para mim, me olhou, sorriu e solfejou: Meu Pará, meu Pará! Quando ele fez isso automaticamente, na minha cabeça, o título da música mudou. Então, o título que era "Do meu Pará" se chamou "Meu Pará." A música foi a primeira de todas que eu conheça, foi a primeira vez que uma soprano dividiu com uma orquestra de câmara, um carimbó. (Lobato, 2024, entrevista)

Na maioria das vezes que a música 'Meu Pará' é executada, um casal de bailarinos, parceiros do grupo, participam dançando o carimbó. Esta obra pode ser considerada uma das mais relevantes do álbum, um exemplo de registro de composições contemporâneas da cultura urbana da Amazônia paraense.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que a contribuição dos compositores da obra musical 'Meu Pará', é o reflexo na evolução musical que vem sendo desenvolvida desde o período colonial nas terras brasileiras. A variação do carimbó paraense executado com instrumentos eruditos inseridos na região pela influência europeia, somam os dois estilos popular e erudito, gêneros musicais presentes e indissolúveis da cultura paraense. Após essa observação, surgiu uma nova perspectiva sobre a música do Pará, mas que acima de tudo, tem em comum o amor pela região, a apreciação pela natureza e paisagem do lugar, e isso é combustível para as inspirações composicionais de artistas. A obra escrita por Sérgio Lobato, musicada por Gabriel Lima e revisada por Serguei Firsanov agrega, não apenas instrumentos eruditos no carimbó popular, mas também insere na música clássica o ritmo "carimbolesco" e único da cultura popular do lugar. Uma permeabilidade de gêneros distintos que há tempos sabemos que existe e que agora podemos vê-la e ouvi-la nessa obra. Trata-se de um trabalho que mostra o encontro das diferentes culturas musicais presente na Amazônia paraense desde o séc. XVII. Um registro importante para a pesquisa em música no Pará.

REFERÊNCIAS

REVISTA AMAZÔNIA VIVA – Jornal O Liberal. Ed. 9 ano I, maio 2012.

ALVIM, Luíza Beatriz. Amazonas, Amazonas de Glauber Rocha e a música de Villa-Lobos: representações entre passado, presente e futuro. Intercom – RBCC, São Paulo, v. 44, n. 3, p.69-82, set./dez. 2021.

ANDRADE, Mário Vieira de Moraes. Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

BENNET, Roy. Elementos Básicos da Música. Tradução: Maria Tereza de Resende Costa, Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 1990.

BUSS, Malcolm. *Music end the emotions: the philosophical theories*. 3rd ed.Taylor & Francis Group, London and New York, 2003.

CHAGAS, Edgar, AZEVEDO, Ana D'Arc Martins de, NEIVA, Camila Rodrigues, ARROYO, Maria Betânia de Carvalho Fidalgo. O CORPO EM MOVIMENTO NO CARIMBÓ: uma contribuição no Desenvolvimento Sensório-Motor em Educação Física na Educação Infantil em Belém (PA)

CASTAGNA, Paulo. Apostilas do curso de História da Música Brasileira IA/UNESP. São Paulo, 2003. 15v.

STADEN, Hans. Viagem ao Brasil. Versão de Marpurgo, 1557, revista por Theodoro Sampaio, Academia Brazileira, 1930.

MARIZ, Vasco, 1921. História da Música no Brasil, 6.ed. ampl. e atual. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005.

SALLES, Vicente. A música e o tempo no Grão-Pará. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

SALLES, Vicente, SALLES, Marena Isdebski. Carimbó: trabalho e lazer do caboclo. Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, v. 9, n. 25, p. 257-282, set./ dez. 1969.

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA
CONFLUÊNCIAS 2024

ST5
VOZES E ESCRITURAS NA AMAZÔNIA: CONEXÕES ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Coordenadores:
Profa. Dra. Maria do Céu de Araújo Santos.
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção.
André Felipe da Costa Cunha (Doutorando – PPGCLC).

Resumo: Buscou-se explorar interseções entre Comunicação, Educação, Linguagens, Formação de Professores, Tecnologias e Práticas Pedagógicas, com foco especial no contexto amazônico. Diante do tema do congresso, "Entre Fronteiras e Horizontes: Diálogos e Narrativas para o Futuro Amazônico", com o objetivo de estabelecer diálogos colaborativos e narrativas que transcendam fronteiras geográficas e interdisciplinares.

CAPES
PPGCLC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA
UNAMA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA EXCELÊNCIA POR NATUREZA 50 anos

DIVERSIDADE CULTURAL NAS VOZES DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS RIBEIRINHAS DE BELÉM/PA[1]

CULTURAL DIVERSITY IN THE VOICES OF TEACHERS FROM RIVERSIDE SCHOOLS IN BELÉM/PA

DIVERSIDAD CULTURAL EN LAS VOCES DE PROFESORES DE ESCUELAS RIVERSIDERAS DE BELÉM/PA

Jefferson Luis da Silva Cardoso[2]

Rosângela Araújo Darwich[3]

Resumo: Este estudo aborda a diversidade cultural presente nas escolas ribeirinhas, a partir da prática docente nas escolas situadas nas ilhas da cidade de Belém, no Pará. O objetivo é analisar as narrativas de professores ribeirinhos sobre o tema da diversidade cultural e seus impactos na educação básica em Belém. A metodologia segue uma abordagem qualitativa, com pesquisa de campo baseada em entrevistas temáticas e análise de narrativas. Os principais resultados apontam para o respeito às diferenças, a valorização das práticas sociais dos moradores das ilhas, a prática docente enraizada na vivência com a comunidade local, o acolhimento da história oral dos alunos e da comunidade, além do reconhecimento da cultura, identidade e saberes locais como pontos de partida e chegada para reflexões sobre a diversidade universal.

Palavras-chave: Diversidade Cultural; Educação Ribeirinha; Narrativas Amazônicas.

Abstract: This study addresses the cultural diversity present in riverside schools, focusing on the teaching practices in schools located on the islands of Belém, Pará. The objective is to analyze the narratives of riverside teachers on the topic of cultural diversity and its impacts on basic education in Belém. The methodology follows a qualitative approach, with field research based on thematic interviews and narrative analysis. The main results highlight respect for differences, the appreciation of the social practices of the island residents, teaching practices rooted in the experience with the local community, the embrace of the oral history of students and the community, and the recognition

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST5: Vozes e Escrituras na Amazônia: conexões entre educação e comunicação do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA, Professor Assistente da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, jefferson.cardoso@ufra.edu.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7413-5467

[3] Doutora em Psicologia pela PPGP/UFPA, Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura – PPGCLC/UNAMA, rosangeladarwich@yahoo.com.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7325-9097.

of local culture, identity, and knowledge as both the starting point and the goal for reflections on universal diversity.

Keywords: Cultural Diversity; Riverside Education; Amazonian narratives.

Resumen: Este estudio aborda la diversidad cultural presente en las escuelas ribereñas, a partir de la práctica docente en las escuelas situadas en las islas de la ciudad de Belém, en Pará. El objetivo es analizar las narrativas de los maestros ribereños sobre el tema de la diversidad cultural y sus impactos en la educación básica en Belém. La metodología sigue un enfoque cualitativo, con investigación de campo basada en entrevistas temáticas y análisis de narrativas. Los principales resultados apuntan al respeto por las diferencias, la valoración de las prácticas sociales de los residentes de las islas, la práctica docente arraigada en la experiencia con la comunidad local, la acogida de la historia oral de los estudiantes y la comunidad, y el reconocimiento de la cultura, la identidad y los conocimientos locales como puntos de partida y llegada para reflexiones sobre la diversidad universal.

Palavras clave: As mesmas regras valem para as palavras-chave em espanhol.

1. INTRODUÇÃO

A educação como um catalizador dos elementos socioculturais de uma sociedade, precisa estar atenta a essa diversidade e assim, promover o debate amplo sobre os processos históricos e de evolução humana. Assim, caberá ao professor em sala de aula a tarefa de resguardar as singularidades de seus alunos, bem como discutir a diversidade cultural como um componente social que permite a construção dos mais variados conhecimentos, de suas formas de inter-relacionamento e da necessidade de respeito às diferenças.

Nesse sentido, a formação de professores necessita de atenção por parte das autoridades educacionais do país, pois é nas formações que o profissional se vê diante dos conhecimentos, saberes e práticas que em conjunto com a vivência dos alunos e da comunidade escolar, promovem o processo de instrução cidadão na escola pública. A diversidade cultural como tema presente nos momentos de formação, permite uma reflexão do próprio processo de constituição da sociedade brasileira, bem como valoriza os diversos atores sociais que se fazem presente na educação escolarizada no sentido da participação efetiva em sua realidade local, seja na cidade ou no campo.

Assim, o presente estudo faz a seguinte pergunta: como os professores conduzem na sala de aula o tema diversidade cultural na escola ribeirinha do

município de Belém no Estado do Pará? Tem como objetivo analisar a narrativa de professores ribeirinhos sobre o tema diversidade cultural e seus impactos para educação básica da cidade de Belém no Pará.

2. FORMAÇÃO DOCENTE, DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: ALGUNS ENTRELAÇAMENTOS

A reflexão sobre a formação docente para educação do campo e sua contribuição no contexto ribeirinho, é oportuna para demarcar que a prática pedagógica é imersa no processo de elaboração, sistematização e efetivação de ações que promovam uma educação de qualidade no contexto brasileiro. Fato este, que converge para a compreensão de que seja fundamental a discussão constante sobre as políticas educacionais no sentido da formação docente do país, especialmente para este estudo, voltadas à educação do campo e ribeirinha Amazônica de Belém, no Estado do Pará.

Cabe ressaltar que o município de Belém–PA é composto por uma coletânea de 43 ilhas (Meireles Filho, 2014), das quais, segundo os estudos de Pojo e Vilhena (2012, p. 3) “a oferta educacional pela Secretaria Municipal de Belém está em oito (08) ilhas que estão sob a égide das águas e do modo cultural ribeirinho, abrangendo 14 Unidades Pedagógicas — anexos de escolas-sede”, que necessitam de profissionais da educação habilitados e capacitados para atuar no cotidiano da educação do campo e ribeirinha.

Em estudo realizado por Cardoso e Marinho (2020) sobre as escolas ribeirinhas e a formação de professores para atender à necessidade local, foi possível perceber que apesar das grandes divergências observadas na formação de professores em cenário nacional, que ela se encontra de acordo com a LDB 9.394/96 (nível superior), tendo sua práxis pedagógica voltada para realidade das ilhas no sentido de valorizar as experiências e saberes resguardados. Contudo, há necessidade latente de fortalecimento das políticas públicas para Educação do Campo a nível nacional. Os autores ainda destacam que “[...] a Semec–Belém ainda consegue ofertar o direito adquirido pelos sujeitos do campo à educação pública e assim, manter e fortalecer a educação ribeirinha das ilhas da cidade” (Cardoso; Marinho, 2020, p. 135).

Essa educação exerce no contexto social Amazônico forte influência, haja vista valorizar de forma marcante a constituição de novos conhecimentos, valores, saberes e práticas educativas, que somados aos saberes científicos do professor, convergem para novos horizontes de conhecimento sócio-político e cultural, formadores da sociedade em que vivemos. Dessa forma, direcionados pela formação de professores vigentes, é clarividente que os atores dessa produção social sejam apreciados e possuam a noção de seus papéis como seres autônomos, portadores de informações e que lhes possibilitem intervir de maneira reflexiva na realidade em que vivem.

É importante demarcar o personagem ribeirinho da Amazônia Paraense. Dentre as várias formas de conceituação desses atores locais trabalhados na literatura da área, concordamos com Gonçalves (2012, p. 154) ao indicar que

> o Caboclo ribeirinho é, sem dúvida, o mais característico personagem amazônico. Em suas práticas estão presentes as culturas mais diversas que vêm dos mais diferentes povos indígenas, do imigrante português, de imigrantes nordestinos e de populações negras. Habitando as várzeas desenvolveu todo um saber na convivência com os rios e com a floresta.

E que, a partir da visão de um sujeito que interagi com o ambiente em que vive e se desenvolve, é possível sinalizar que

> [...] a valorização da identidade ribeirinha ocorre através da proliferação de imagens da alteridade, imagens do 'outro' aprisionadas a um conjunto de significados subalternos transvertidos de uma aparente positivação dos 'índios inocentes' aos 'caboclos exóticos', mas que, na verdade, trata-se de uma valorização da estética da alteridade, uma estética hoje transformada em mercadoria. Trata-se da venda de imagens espetaculares do 'outro' e não da valorização da voz e da vida do 'outro' (Cruz, 2008, p. 67).

Apesar da "venda" da imagem do ribeirinho como aponta o autor, são eles que dão vida e desenvolvimento as várias comunidades aos longos dos rios da Amazônia, por seus modos de *ser* e *fazer* a vida acontecer. São as crianças, filhos e filhas das ilhas que povoam as escolas sob a égide das águas. Escolas que estão presentes nas ilhas à frente da cidade urbanizada banhada pelas águas da baía do Guajará e que trazem experiências múltiplas, tanto para os alunos, quanto para os professores.

São crianças e adolescentes que participam ativamente dos modos produtivos de suas comunidades, aprendem no dia a dia, as habilidades necessárias para perpetuação de seus costumes e crenças, tendo como primeiros educadores seus pais e avós (Almeida, 2009). Não obstante, nas observações de Loureiro (2001) ao tempo que é preciso atender as demandas do mundo ribeirinho, é oportuna a contribuição da cultura urbana a partir dos conhecimentos trazidos para sala de aula pelos professores efetivamente formados nos grandes centros urbanos.

Nessa perspectiva, é imperativo que a formação docente, seja ela inicial e continuada, esteja conectada com a diversidade populacional dos mais diferentes territórios ocupados no Brasil. Nele, destacamos o contexto Amazônico Paraense da cidade de Belém, como constituinte singular no País, que precisa de formações especificas para o atendimento das necessidades dos atores nele pertencentes, até porque a educação voltada a percepção dessa diversidade permitirá aos sujeitos, novas aprendizagens e saberes, uma vez que

> ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais. Por meio do convívio escolar possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar — e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas (Brasil, 1997, p. 39).

A educação nacional em sentido amplo, que carrega a premissa da instrução, de ser portadora do conhecimento científico e dos avanços tecnológicos, tem vivido grandes transformações no Brasil nas últimas décadas. A educação do campo, por sua vez e valor, tem sido palco de grandes debates e ações educacionais a partir da década de 1990, quando há mudanças no cenário nacional sobre a realidade do meio rural: sua constituição, diversidade, meio de reprodução da vida, sustentabilidade, contribuição social, cultural, educacional e democrática no estado nação.

No entanto, longe de prevalecer uma educação pautada nas suas peculiaridades, ainda se vê grandes desafios em relação: a qualidade da escola

pública; do acesso e permanência; de professores com formação adequada; de infraestrutura e de adequação do currículo, que em sua magnitude é um espelho do aplicado nas áreas urbanas. É necessário compreender que o campo, assim como a cidade urbanizada, deve ser respeitado e protegido, acolhido e compreendido, valorizado e fortalecido no cenário nacional. Contribui nesta questão, Hage (2011, p. 108) ao afirmar que se deve

> [...] repensar as práticas e formular novas propostas sintonizadas com a realidade dos sujeitos do campo, ou seja, do lugar dos sujeitos do campo, sem apartá-los do mundo global e do contexto urbano, com os quais o território do campo interage continuamente, constituindo-se sua identidade/subjetividade a partir dessa interação.

Diante da realidade nacional da educação do campo, a região Amazônica merece destaque por sua importância e multidimensional política, econômica, social, cultural e educacional. Nesse território, é crescente a atuação dos movimentos sociais do campo como os agricultores familiares, extrativistas, ribeirinhos, quilombolas, pescadores, indígenas, assentados, seringueiros, etc. no sentido do diálogo sobre as questões teóricas e políticas de sua realidade, já alerta Alencar (2010) na busca por direitos, dignidade e seguridade de sua população.

Em consequência disso, o cenário atual da formação docente na região norte do Brasil, em especial no Estado do Pará, tenta adequar-se as discussões da educação do campo Amazônica, na busca por saberes, teorias, conhecimentos e metodologias educativas que privilegiem a diversidade local e possam contribuir de forma concreta para práxis pedagógica dos professores. Desse modo, os movimentos sociais até o golpe político de 2016, permaneciam fortalecidos e em constante discussão com os gestores públicos no sentido de:

> [...] exigir a definição de critérios que responsabilizem o Estado, as políticas e as instituições públicas com a formação específica de profissionais para a garantia do direito público à educação dos povos isolados, para configurar políticas de Estado que assumam a especificidade da formação de educadoras e educadores do campo (Arroyo, 2007, p. 165).

Cabe nesta análise, o entendimento de que a formação docente para educação do campo e ribeirinha da Amazônia é latente, desafiante e demanda urgência por parte das autoridades educacionais locais. Não obstante, as

instituições públicas de formação de professores da capital do Estado do Pará, tem buscado “timidamente” a abrangência de um currículo universitário que contemple a diversidade da escola do campo, articulam como podem ações efetivas de extensão e assistência aos educadores e educandos do meio rural.

Nas observações de Brasil (2005) o Estado brasileiro se omitiu em pelo menos três pontos importantes sobre a educação do campo: a) indicar as diretrizes políticas e pedagógicas e de que forma a escola do campo deveria se organizar e funcionar; b) repasses financeiros que permitam uma educação pública de qualidade no meio rural; e, c) efetivação da formação inicial, continuada e valorização docente do campo. São ações que têm impacto direto na realidade escolar e que trariam novos horizontes à educação dos povos do campo.

No que tange o objeto aqui tratado — diversidade cultural — a formação e valorização do docente teria uma ressonância substancial para o debate sobre as diferenças, haja vista que é na relação professor-aluno-sala de aula que as vivências e experiências locais são evidenciadas e ganham novos contornos no enlace com os conhecimentos científicos trazidos pelos professores para educação escolarizada na comunidade ribeirinha. A profissionalização docente é fundamental em qualquer contexto, enquanto a instrução de cidadãos reflexivos exige conhecimentos, saberes e práticas que lhes direcione a participação ativa na comunidade em que vivem.

Assim, questão da formação de professores para educação do campo e ribeirinha, precisa de fato, contribuir para que a práxis pedagógica dos professores na Amazônia Paraense, fortaleça as marcas culturais, os saberes e as práticas cotidianas da escola e do povo do campo, e desse modo “reconhecer que os processos educativos, ou melhor, que a educação básica tem que prestar especial atenção às matrizes culturais do homem, da mulher, do povo do campo” (Arroyo; Fernandes, 1999, p. 22), sem deixar de lado a construção de conhecimentos científicos e os ensinamentos da educação básica institucionalizada à que todos têm direito no Estado democrático brasileiro.

3. METODOLOGIA

A metodologia do trabalho conta com abordagem qualitativa, haja vista priorizar as impressões pessoais, subjetividades e características singulares dos fenômenos sociais. A pesquisa de campo é utilizada uma vez que, o pesquisador observa os fatos sociais no local em que ocorrem, permitindo assim, uma melhor percepção dos fatos e acontecimentos na realidade em que acontecem (Flick, 2009; Gil, 2008).

Na escola ribeirinha do município de Belém no Pará, localizadas nas ilhas de Cotijuba, Jutuba e Jamaci, foram realizadas as entrevistas para posterior análise das narrativas dos professores ribeirinhos (Motta, 2013). A entrevista[4], cujo tema central foi "diversidade cultural", foi conduzia com dez professoras que atuam no ensino fundamental, entre os meses de novembro e dezembro de 2023, no ambiente escolar em dias previamente agendados para este fim.

4. PROFESSORES E DIVERSIDADE CULTURAL: VOZES DO CONTEXTO ESCOLAR RIBEIRINHO

A fim de conhecer melhor quem são as professoras selecionadas para pesquisa, montou-se o quadro abaixo que indica as principais características de cada participante. Por conta do anonimato necessário às pesquisas científicas, optou-se por trocar os nomes das participantes por flores, que acompanham a análise final.

Quadro 1. Identificação dos participantes da pesquisa

Participante*	Idade	Local de trabalho	Formação Acadêmica	Tempo de atividade docente (anos)
Amarílis	33	Escola Bosque	Licenciatura e Mestrado	10
Lírio	44	Up Jutuba	Licenciatura e Especialização	15
Hortênsia	45	Up Jutuba	Licenciatura e Especialização	15
Magnólia	48	Up Flexeira	Licenciatura e Mestrado	15
Gardênia	56	Up Faveira	Licenciatura e Especialização	20

[4] Registra-se que o presente estudo foi originado a partir da tese doutorado defendida em agosto de 2024, que abordou o tema da formação de professores voltada às escolas do campo ribeirinhas do município de Belém no Pará. O roteiro das entrevistas, organizado por categorias, contem doze questões.

Calêndula	42	Up Faveira	Licenciatura e Mestrado	21
Camélia	55	Up Jamaci	Licenciatura e Especialização	23
Girassol	66	Up Jamaci	Licenciatura, Especialização e Mestrado (cursando)	23
Violeta	45	Up Faveira	Licenciatura, Mestrado e Doutorado	24
Azaleia	60	Up Flexeira	Licenciatura e Especialização	26

Fonte: elaborado pelos autores (2023)

No intuito de sistematizar as narrativas para que se possa realizar a análise final, foram elaborados quadros em que constam: 1) Unidade de Contexto — referente a seleção das passagens de maior aderência às questões do roteiro de entrevista e, 2) Unidade de Registro — refere-se as palavras ou locuções de maior impacto conforme os objetivos da pesquisa. A sistematização das análises seguiu o esquema.

Quadro 2. Como trabalha o tema diversidade cultural com os alunos ribeirinhos

PARTICIPANTES	UNIDADE DE CONTEXTO	UNIDADE DE REGISTRO
Amarílis	Esse tema da diversidade cultural sempre existiu, [...] A diversidade sabemos que na prática é outra coisa, mas assim de modo geral, esse tema eu sempre busco trabalhar, porquê? Porque dentro de sala de aula a gente vê diversas culturas, diversos costumes, o meu aluno de cotijuba convive com várias sub-ilhas, então muitos alunos que eu recebo não são só daqui da ilha de cotijuba, tem da ilha de Paquetá, da ilha do seringal, da ilha da pedra branca, então cada uma delas e cada localidade, eles têm o costume, eles têm o ritmo, então os meus alunos eles vêm, cada um, com costume diferente, essa diversidade ela imensa [...] então eu sempre busco trabalhar essa diversidade e trazer a sala de aula essa diversidade a partir da comunidade em que eles estão inseridos, para que eles possam visualizar eles dentro de um todo, [...] É mostrar que temos diferentes realidades e que a gente sempre tem que [...] respeitar uns aos outros.	Incorporado às aulas.
Lírio	Este é um tema em que a palavra de ordem é respeito. Respeito com aquele tempo, respeito com aquela cultura, respeito de olhar entender que tudo tem a sua beleza, respeito no sentido de que “eu tenho direitos, mas no outro também tem” entender que eu preciso colocar no lugar desse outro, [...] é cultura e é diferente, é louvável, é incrível, é respeitoso, eu acho que essa que a palavra: honrar! É ter honra a esse tipo de	Por meio da sensibilização.

	respeito, [...] essa troca de informação é que faz quando a diferença, essa diversidade precisa ser destacada, ela precisa ser vista com carinho, com olha generoso, [...] eu vejo essa diversidade como uma oportunidade de crescimento, uma oportunidade de entender que as pessoas sociedade tem o seu lugar e o seu valor.	
Hortênsia	Ai eu acho bem legal, [...] a gente costuma falar, ou pelo menos eu como professora deles eu costumo mostrar! Mostro vídeo, mostro diversas fotos, eu mostro que existem pessoas diferentes, que existe cultura diferente, eu mostro no mapa do Brasil vários lugares, eu mostro através de histórias livros de histórias contadas de pessoas, que foram consideradas né mártir da história e tento passar ali de uma forma simples para que eles não fiquem assustados e que eles entendam que existe, até porque ele mesmo conhece, [...] a gente tenta passar que é uma coisa que a gente tem no conteúdo, e parte do currículo escolar trabalhar diversidade com alunos.	Incorporado às aulas; Atividades variadas; diversos recursos
Magnólia	Olha a questão.... primeiro urbano e campo, segundo a questão racial que eu não deixo de trabalhar por conta da característica da nossa pele, questão de tons de pele, com característica de indígenas e, enfatizo muito a questão dos objetos, dos elementos que já fizeram parte da nossa cultura, dos avós, dos tios, enfim, de todos esses objetos como símbolo assim, marcantes da cultura Amazônica, então eu busco muito isso porque não se deixa de lado a cultura tecnologia, porque é necessário estar acrescentando, mas não deixar perder a de raízes Amazônicas.	Por meio da sensibilização.
Gardênia	Eu costumo trabalhar com meus alunos, em geral, sempre mostrando a igualdade, sempre trabalhando em igualdade e sempre mostrando que nós não temos que ter preconceito que nós vivemos num mundo para todos, que tem espaço para todos, que todos são tem se amados, respeito né esse respeito é fundamental, [...] então a gente sempre fala dessa Liberdade, desse respeito dessa aceitação, de tudo como sempre colocando a palavra a respeito, sem respeito a gente não consegue trabalhar do tipo de situação.	Por meio da sensibilização.
Calêndula	Ai é muito importante muito [...] a formação no povo brasileiro, de objetivo era exatamente isso resgate da ancestralidade dos alunos, imagina [...] uma ilha que foi povoada por indígenas tupinambás, [...] a gente descobriu que tinha aluno que era neto de indígena lá do Oiapoque, por exemplo, descobriu que tinha, não que era descendente de indígena Tupinambá, mas tinha pele Clara, todo esse debate sobre a diversidade, étnico, racial e cultural, a gente explora muito, eu particularmente sou uma mulher que veio de quilombo né, minha história né e eu faço questão de que eles vivam isso todos os dias.	Incorporado às aulas.
Camélia	Primeiramente com a inclusão de todos, sem distinção e, em seguida, precisamos conscientizar nossos alunos da importância do respeito em primeiro lugar no trato com todas as pessoas.	Por meio da sensibilização.

Girassol	A diversidade cultural tem que ser trabalhada muito mais ainda com o nosso aluno, porque é um assunto muito útil, então eu estou conseguindo levar isso para eles já, da diversidade falando sobre cultura, raça, cor, etnia...o mundo como um todo para eles.	Incorporado às aulas.
Violeta	[...] a partir dos temas transversais, é nesse sentido [...] essa diversidade cultural que eu posso trazer para a sala de aula, [...] essa transversalidade que eu posso pegar em qualquer tema que eles te jogam que são diversos e eu tenho como mostrar meu aluno essa diversidade cultural que existe fora do mundo, [...] mas eu tenho que mostrar para eles que não é só aquela cultura aquela realidade que eles têm aqui, que eles podem ir além [...] dessa multidisciplinaridade para essa diversidade cultural, até por que tem que estar junto eu não posso usar porque eu estou com uma escola ribeirinhas só vou tratar somente os assuntos que tem aqui? eu jamais posso fazer isso!	Incorporado às aulas;
Azaleia	A diversidade cultural a gente trabalha de diversas formas, da forma mais dinâmica possível. A diversidade cultural são as próprias raízes familiares deles, onde eles cultuam a religiosidade, a cultura diversa [...] então eu questiono meu aluno sobre, por exemplo a quantidade de peixe que os pais deles trouxeram do rio, então meu aluno conhecia mais nome de peixes do que eu, então essa é a cultura deles essa é a diversidade cultural, é para explicar para a turma e para os alunos, que podemos trabalhar todo e qualquer conteúdo sem desmistificar a vivência deles.	Atividades variadas.

Fonte: elaboração dos autores (2024)

A partir da entrevista narrativa, captou-se como os professores organizam seus conteúdos, temas e atividades no planejamento docente. Finaliza com a observação sobre o tema diversidade cultural e como as participantes incorporam em suas aulas. Desse modo, e com muita tranquilidade, as professoras dizem incorporar às aulas, na questão do respeito às diferenças e acolhimento do conhecimento e dos saberes locais dos alunos. Quatro das participantes evidenciam esta relação por meio da sensibilização na exposição do tema, haja vista os diferentes grupos sociais que compõem o Brasil. Vale ressaltar que apontaram a diversidade cultural como possibilidade de crescimento social e, ao mesmo tempo, para poderem compreender seu lugar, sua identidade e sua ancestralidade.

Não obstante, usam atividades e recursos variados para demonstrar o sincretismo que há no país, tanto no interior como fora da sala de aula, ao valorizar os conhecimentos locais dos alunos. O respeito é um ponto importante

a ser destacado, enquanto as professoras se mostram abertas às possibilidades de articulação do tema com os conteúdos e as atividades de ensino executadas. Ao se posicionarem desta forma, as docentes, além de "validar" a contribuição dos alunos, permitem-se conhecer, compreender e alargar seus próprios conhecimentos sobre a realidade local, confluindo para um ensino e uma ancoragem das aprendizagens de forma significativa e progressista.

Retomam-se neste ponto, os estudos de Maia, Caldeira e Tosta (2008), Fleuri (2006) e Ferreira (2004) já mencionados, que indicaram a necessidade de dialogar com o tema da diversidade cultural e da diferença, uma vez que a própria constituição da sociedade brasileira é multifacetada e com diferentes identidades que formam o coletivo populacional no Brasil. Gomes (2008), ao abordar o tema da diversidade cultural, solicita a compreensão dos processos de construção histórica das sociedades, haja vista ser constituída por movimentos de poder e do imaginário humano, resultando em práticas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos sociais.

A partir disso, o autor indica que é oportuno rever conceitos centrais sobre cultura, povos tradicionais e grupos sociais na sua singularidade para que a construção da democracia de fato aconteça. Nesse caminho, afirma ainda que desde 2003, há uma escalada no sentido de levar a diversidade para o campo educacional, atendendo aos diversos grupos sociais existentes no Brasil. Isso aconteceu em importantes movimentos da política educacional, como o caso da Conferência Nacional de Educação Básica em 2008 e a Conferência Nacional de Educação em 2010. Esses movimentos revelam um esforço da sociedade civil organizada de levar ao MEC as demandas mais urgentes de nossa sociedade (Gomes, 2008).

A partir disso, foi pensado no conceito de diversidade que aparece nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que segundo Abreu; Cordiolli (2005) deve ser o reflexo da construção histórica, social, cultural e política que demonstram as diferenças nas relações de poder que no caso da sociedade brasileira, é marcada por uma forte desigualdade social. Os autores vão mais diante e afirmam que uma educação que contemple essas discussões deverá considerar, os grupos sociais que se fazem presente na sociedade brasileira, como os

negros, indígenas, quilombolas, os diferentes povos do campo, entre outros, assegurando que estejam protegidos e que tenham acesso aos direitos humanos (Abreu; Cordiolli, 2005).

Essas demandas influenciam fortemente o trabalho docente, que por sua vez remete a uma formação de professores que privilegie os debates no interior da sala de aula. Mas, para que isso ocorra de forma mais apropriada, é necessária uma bagagem teórico-metodológica sobre os temas aqui apresentados. Assim, diante de uma realidade com altas desigualdades no Brasil e marcada por "problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários" (Morin, 2000, p. 36), é preciso que a escola por meio de seus professores e alunos, criem estratégias eficazes de intervenção na realidade imediata. Isso tudo demanda conhecimento, saberes e competências no campo da diversidade cultural. É o que demonstrou a narrativa das participantes sobre a construção de um planejamento docente coletivo, via currículo oculto, para o trabalho com diversidade cultural, a diferença e o multiculturalismo presente na escola ribeirinha.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário da educação na Amazônia Paraense se caracteriza pela inter-relação entre as escolas urbanas e a realidade da educação no campo. Este estudo destaca a escolarização do povo ribeirinho, que, em uma análise mais aprofundada, pode ser reconhecida como um patrimônio cultural a ser preservado e valorizado como fundamental para a educação nacional. Os governantes devem proporcionar aos profissionais da educação o reconhecimento dos diferentes modos de ser e viver no país, assim como proteger a cultura, a diversidade, a identidade e o sincretismo social do Brasil.

Diante das observações realizadas sobre o tema, os resultados das entrevistas indicam que a diversidade cultural é abordada pelos participantes a partir das seguintes linhas de ação: a) com base no respeito às diferenças; b) na valorização das práticas sociais dos moradores das ilhas; c) na prática docente enraizada na vivência com a comunidade local; d) no acolhimento da história oral

dos alunos e da comunidade, para perpetuar a história local; e) no reconhecimento da cultura, identidade e saberes locais como pontos de partida e de chegada para reflexões sobre a diversidade universal.

6. REFERÊNCIAS

Abreu, M.; Cordiolli, M. *Projeto de Lei do Plano Nacional de Educação*. Brasília: MEC, 2005.

Alencar, M. F. S. Educação do Campo e a formação de professores: construção de uma política educacional para o campo brasileiro. *Ci. & Tróp.,* Recife, v.34, n. 2, p.207-226, 2010.

Almeida, E. M. M. Cultura e Identidade dos Ribeirinhos da Ilha dos Carás no Município de Afuá. *Revista Cocar,* Belém: EDUEPA, v.3, n.6, p.31- 41, jul./dez. 2009.

Arroyo, M. G. Políticas de Formação de Educadores(as) do Campo. *Cad. Cedes,* Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007.

Arroyo, M. G.; Fernandes, B. M. *Educação básica e o movimento social do campo.* Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo. Caderno 2. 1999.

Brasil. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.* Brasília, MEC/SEF, 1997.

Brasil. *Referência para uma política nacional de Educação do Campo.* Ministério da Educação – Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. Brasília: DF, 2005.

Cardoso, J. L. C.; Marinho, R. K. L. A escola ribeirinha e a formação de professores: pela sobrevivência da educação nas ilhas de Belém/PA. *ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação,* Marabá-PA, v. 2, n. 1, p. 121-137, jan.-jun. 2020.

Cruz, V.C. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: Trindade Júnior, S. C.; Tavares, M. G. C. (Orgs.). *Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências.* Belém: EDUFPA, 2008. p. 49-69.

Ferreira, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

Fleuri, R. M. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. *Ed. E Soc.* Campinas, vol.27, nº95, p. 495-520, maio/agosto 2006.

Flick, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa.* 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Gomes, N. L. Diversidade étnico-racial: Por um projeto educativo emancipatório. *Retratos da Escola*, v8, n2, 2008.

Gonçalves, C. W. P. *Amazônia, Amazônias.* 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

Hage, S. M. Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. *Em Aberto,* Brasília, v. 24, n. 85, p. 97-113, abr. 2011.

Loureiro, J. J. P. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário.* São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

Maia. M. E. A. S, Caldeira, A. M. S, Tosta S. de F. P. A produção da diferença e da aprendizagem em sala de aula. *Contrapontos,* vol. 8, n.1, p,11-26, Itajaí, jan/abril 2008.

Meirelles Filho, J. *Belém Ribeirinha – marco contextual*. 2014. Instituto PEABIRU, disponível em: <www.peabiru.org.br> acessado em: 05 mar. 2022.

Morin, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro.* São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2000.

Motta, L. G. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

Pojo, E. C.; Vilhena, M. N. A Educação do Campo no contexto das ilhas belenenses: práticas e concepções educativas. *Revista Maré:* Ed. nº1, 2016.

VOZES E ESCRITURAS NA AMAZÔNIA: O LEGADO DE DULCINÉIA PARAENSE PARA A LITERATURA[1]

VOICES AND SCRIPTURES IN THE AMAZON: THE LEGACY OF DULCINÉIA PARAENSE FOR LITERATURE

VOCES Y ESCRITURAS EN LA AMAZONÍA: EL LEGADO DE DULCINÉIA PARAENSE PARA LA LITERATURA

Luci Mary Corrêa Lopes[2]

Resumo: Este artigo analisa de forma breve a vida e obra de Dulcinéia Paraense, destacando sua contribuição para a representação da identidade feminina e a resistência cultural na região. A pesquisa investiga como, diante do silenciamento e marginalização impostos pelas estruturas patriarcais, a poetisa utilizou sua escrita para desafiar as normas sociais e culturais, promovendo a valorização das vozes femininas. Com uma abordagem multidisciplinar que integra análise literária e estudos culturais, o estudo explora o impacto do contexto histórico e social sobre a produção literária de Dulcinéia e avalia o potencial educativo de sua poesia para a inclusão das mulheres amazônicas no cenário literário. A análise revela que sua obra, ao longo de mais de 70 anos, construiu uma representação complexa e inovadora da condição feminina, transcendendo os limites simbólicos e reafirmando a relevância da literatura produzida na Amazônia.

Palavras-chave: Dulcinéia Paraense; Identidade Feminina; Amazônia; Silenciamento; Legado Literário.

Abstract: This article briefly analyzes the life and work of Dulcinéia Paraense, highlighting her contribution to the representation of female identity and cultural resistance in the region. The research investigates how, faced with the silencing and marginalization imposed by patriarchal structures, the poet used her writing to challenge social and cultural norms, promoting the appreciation of female voices. With a multidisciplinary approach that integrates literary analysis and

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho vozes e escrituras na Amazônia: conexões entre educação e comunicação do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Possui graduação em Psicologia pela Universidade da Amazônia (1994), graduação em Letras - Inglês pela Universidade Federal de Rondônia (2017), graduação em Letras - Português pela Universidade Federal de Rondônia (2022), graduação em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (2020) e mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (2022). Atualmente é especialista em educação – Orientadora Educacional da Prefeitura Municipal de Porto Velho - SEMED. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: aquisição em oralidade, linguagem e escrita através da literatura, literatura indígena, aprendizagem. E-mail: lucimaryc@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3688-447X.

cultural studies, the study explores the impact of the historical and social context on Dulcinéia's literary production and evaluates the educational potential of her poetry for the inclusion of Amazonian women in the literary scene. The analysis reveals that her work, over more than 70 years, built a complex and innovative representation of the female condition, transcending symbolic limits and reaffirming the relevance of literature produced in the Amazon.

Keywords: Dulcinéia Paraense; Feminine Identity; Amazon; Silencing; Literary Legacy.

Resumen: Este artículo analiza brevemente la vida y obra de Dulcinéia Paraense, destacando su contribución a la representación de la identidad femenina y la resistencia cultural en la región. La investigación indaga cómo, ante el silenciamiento y la marginación impuestos por las estructuras patriarcales, la poeta utilizó su escritura para desafiar las normas sociales y culturales, promoviendo la valoración de las voces femeninas. Con un enfoque multidisciplinario que integra análisis literario y estudios culturales, el estudio explora el impacto del contexto histórico y social en la producción literaria de Dulcinéia y evalúa el potencial educativo de su poesía para la inclusión de las mujeres amazónicas en la escena literaria. El análisis revela que su obra, a lo largo de más de 70 años, construyó una representación compleja e innovadora de la condición femenina, trascendiendo límites simbólicos y reafirmando la relevancia de la literatura producida en la Amazonía.

Palabras clave: Dulcinéia Paraense; Identidad femenina; Amazonas; Silenciar; Legado literario.

1. INTRODUÇÃO

O tema central deste estudo, focado na análise da obra *A Flor Da Pele* (2011), de Dulcinéia Paraense, envolve uma reflexão sobre a interseção entre literatura, gênero e identidade cultural na Amazônia. A obra de Dulcinéia, pouco explorada pela crítica acadêmica, oferece uma rica tapeçaria de experiências femininas que dialogam com o contexto sociocultural amazônico.

Este diálogo é particularmente significativo, pois a Amazônia, apesar de sua vasta biodiversidade e riqueza cultural, tem sido historicamente marginalizada tanto no cenário nacional quanto no literário. Através de sua poesia, Dulcinéia Paraense não apenas dá voz a uma região e a uma identidade feminina específica, mas também questiona e subverte as normas estabelecidas, desafiando o status quo literário.

O silenciamento de Dulcinéia Paraense pode ser entendido dentro do quadro mais amplo de exclusão das mulheres na literatura, uma exclusão que não se limita ao campo literário, mas que se insere em um contexto de desigualdades sociais e culturais. A marginalização das vozes femininas, especialmente em regiões periféricas como a Amazônia, reflete um processo histórico de dominação patriarcal que permeia a produção e a circulação de bens culturais.

Neste sentido, a obra de Dulcinéia Paraense emerge como um ato de resistência cultural e literária. Seus poemas, ao abordar temas como a resiliência, a identidade feminina e a relação com a natureza, revelam uma escrita que desafia as limitações impostas pelo patriarcado e pela marginalização regional. Além disso, sua poesia carrega uma forte dimensão educativa, promovendo a inclusão e a valorização das mulheres amazônicas no meio literário.

Dado o contexto de silenciamento e marginalização das vozes femininas na literatura amazônica, a pesquisa se debruça sobre a seguinte questão central: Como a obra de Dulcinéia Paraense contribui para a representação da identidade feminina e para a resistência cultural na Amazônia, considerando o contexto histórico e social que a influenciou e os desafios impostos por sua marginalização literária?

Este problema de pesquisa busca investigar como Dulcinéia Paraense utilizou sua poesia para resistir ao silenciamento imposto pela sociedade patriarcal e pelas barreiras culturais que restringiam a voz feminina na Amazônia. A pesquisa também visa entender de que maneira sua obra contribui para a inclusão das mulheres no cenário cultural e literário da região.

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre o legado de Dulcinéia Paraense para a literatura amazônica, além de apresentar como esse legado valoriza a voz feminina mesmo em meio ao silenciamento vivenciado pela poeta. Ao analisar o silenciamento e a representação da identidade feminina na obra de Paraense, este estudo busca promover reflexões sobre a importância da inclusão de mulheres amazônicas no meio literário.

A relevância deste estudo reside na necessidade de resgatar e valorizar a obra de Dulcinéia Paraense, cujo trabalho oferece uma rica contribuição para a literatura amazônica e brasileira, mas que tem sido historicamente negligenciado. Ao analisar a forma como Dulcinéia utiliza sua poesia para representar e resistir à marginalização das mulheres na Amazônia, este estudo não só preenche uma lacuna na crítica literária, mas também contribui para a construção de uma narrativa literária mais inclusiva e representativa. A pesquisa é fundamentada em uma análise crítica que busca compreender as complexas interações entre identidade, gênero e cultura na obra de Dulcinéia, oferecendo uma perspectiva inovadora sobre a importância de sua voz poética no cenário contemporâneo.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem multidisciplinar, integrando análise literária e estudos culturais. A pesquisa esta ancorada na análise poética, de modo que são analisados alguns elementos simbólicos, estéticos e estruturais dos poemas, porém a maior ênfase é dada a construção do eu lírico feminino e suas características semânticas e imagéticas.

Atrelado aos estudos poéticos realizou-se também uma análise pautada nos estudos culturais, pois compreendemos que a abordagem dos elementos culturais, históricos e sociais, permitem uma análise mais abrangente das representações da identidade feminina. A poesia não é apenas um produto literário, mas uma expressão cultural que dialoga com os valores e as dinâmicas sociais de sua época (Candido, 1965). Deste modo, para refletir sobre as questões de identidade, gênero e cultura usamos os estudos de Stuart Hall (2003); Gayatri Chakravorty Spivak (2010) e Simone de Beauvoir (2014).

1.1 Silenciamento, Gênero e a Marginalização das Vozes Femininas na Amazônia

Dulcinéia Paraense nasceu em 2 de janeiro de 1918 em Belém, Pará, uma região profundamente marcada pela riqueza cultural e pela diversidade étnica. A Amazônia, durante o início do século XX, vivia um período de transição social e econômica. O ciclo da borracha, que havia trazido

prosperidade à região, começou a declinar na década de 1910, levando a uma crise econômica que afetou profundamente a sociedade amazônica. Esse contexto de mudanças econômicas e sociais influenciou de maneira significativa a vida e a obra de Dulcinéia Paraense, cuja poesia reflete as complexidades e desafios enfrentados pela população amazônica.

A Amazônia, conhecida por sua vasta biodiversidade e riqueza cultural, também enfrenta uma série de desafios sociais e políticos. Durante a vida de Dulcinéia Paraense, a região foi palco de diversas transformações, tanto no âmbito político quanto no cultural. A poeta viveu durante períodos de significativas mudanças políticas no Brasil, incluindo a Era Vargas (1930-1945), a Ditadura Militar (1964-1985) e a redemocratização do país. Esses eventos políticos impactaram diretamente a vida das pessoas na Amazônia, influenciando temas como a luta pela terra, direitos indígenas e questões ambientais, que são frequentemente refletidos na literatura da região.

A obra de Dulcinéia Paraense é permeada por uma profunda conexão com a cultura e a natureza amazônicas. Seus poemas frequentemente exploram a relação entre o ser humano e o meio ambiente, utilizando a rica fauna e flora da Amazônia como metáforas para emoções e estados de espírito. A crítica literária destaca a presença de tendências simbolistas em seus poemas, como o uso de palavras ligadas ao místico e ao litúrgico, metáforas e sinestesia (Costa, 2019). Essa abordagem reflete uma busca por uma dimensão espiritual que transcende a realidade cotidiana, uma característica que pode ser ligada às influências culturais e religiosas da região.

Dulcinéia Paraense também enfrentou e retratou em seus poemas a condição feminina em um contexto de forte patriarcado. Em uma sociedade marcada por normas tradicionais de gênero, a voz poética de Paraense emerge como um grito de resistência e empoderamento feminino. Sua poesia destaca a resiliência e a força das mulheres amazônicas, abordando temas como a solidão, o amor, a maternidade e a busca por identidade. Essa abordagem desafiadora pode ser vista como uma resposta às restrições sociais impostas às mulheres de sua época.

Os poemas de Dulcinéia Paraense, foram marcados por um processo de silenciamento que reflete as desigualdades de gênero presentes na sociedade. O estudo de Costa et al. (2021) revela que, apesar de sua ativa participação no cenário literário paraense, contribuindo para revistas e suplementos literários, Dulcinéia foi, durante décadas, invisibilizada na historiografia literária, uma realidade enfrentada por muitas mulheres na Amazônia e além.

O contexto patriarcal e as normas sociais restritivas desempenharam um papel crucial na marginalização de sua obra, que só veio a receber maior reconhecimento após a publicação de seu primeiro livro aos 93 anos. Constata-se que atualmente há apenas uma pesquisa acadêmica (artigo) exclusiva sobre os poemas dessa autora, e há outros dois trabalhos cujos poemas da autora são mencionados e analisados em conjunto com outros poetas.

Este silenciamento não é apenas uma ausência de voz, mas um reflexo das forças sociais que moldaram a exclusão das mulheres das narrativas dominantes. A autora foi, em grande parte, excluída do cânone literário brasileiro, que historicamente privilegiou produções masculinas. O estudo conduzido por Andréa Rodrigues Leitão e Antônio Máximo Ferraz (2018) salienta que a escrita de Dulcinéia não só expressa uma resistência contra essas normas, mas também incorpora traços característicos da escrita feminina, como a introspecção, a confessionalidade e o erotismo afetuoso, que desafiam diretamente os papéis de gênero impostos.

A análise do silenciamento da obra de Dulcinéia Paraense está intrinsecamente ligada a uma reflexão mais ampla sobre o papel das mulheres na literatura, especialmente em contextos periféricos como a Amazônia. Historicamente, a literatura foi dominada por uma perspectiva masculina, que relegou as produções femininas a um segundo plano. Michelle Perrot (2007) argumenta que "as mulheres foram, e ainda são, silenciadas, seja na arte, na literatura e até mesmo na vida pessoal", o que resulta em uma invisibilidade que perpetua desigualdades de gênero e marginaliza as vozes femininas na história literária.

Esse processo de silenciamento também é abordado por Costa (2021), que discute como Dulcinéia Paraense, apesar de sua ativa participação no

cenário intelectual paraense, foi invisibilizada por um sistema literário que privilegiava as produções masculinas. Costa (2021, p. 4) aponta que "as publicações esparsas e a falta de interesse editorial são marcas da invisibilidade que perdurou até a primeira metade do século XXI", evidenciando o impacto do isolamento geográfico e político da Amazônia na circulação e reconhecimento da obra de Dulcinéia.

Spivak (2010) acrescenta uma camada teórica essencial ao discutir a subalternidade, questionando se o "subalterno pode falar" em um sistema que silencia vozes periféricas e subjugadas. No contexto de Paraense, essa questão se torna ainda mais relevante, considerando que sua obra não apenas enfrentou as barreiras impostas pelo patriarcado, mas também o isolamento cultural da Amazônia, que contribuiu para a sua marginalização dentro do cânone literário brasileiro.

Spivak (2010) sugere que as vozes subalternas são frequentemente representadas através de uma lente que as distorce, o que torna ainda mais crucial o ato de resgatar e valorizar essas vozes em suas próprias condições. A obra de Dulcinéia, portanto, não é apenas um testemunho de resistência, mas também um desafio ao silenciamento imposto pela hegemonia cultural.

Paraense utilizou sua poesia como um meio de expressar a complexidade da identidade feminina em uma sociedade que limitava severamente as formas de expressão das mulheres. Virginia Woolf, em *Um Teto Todo Seu* (2012), explora a ideia de que as mulheres foram historicamente desencorajadas de escrever, destacando que "as mulheres tinham de ser puras, gentis, subservientes, e nunca deveriam deixar transparecer suas opiniões próprias" (Woolf, 2012, p. 24). Dulcinéia, contudo, subverteu essas expectativas através de uma escrita que explora o erotismo, a solidão, e a introspecção, desafiando as normas sociais da época e oferecendo uma nova perspectiva sobre a experiência feminina.

Woolf (2012), reflete sobre as barreiras enfrentadas pelas mulheres na literatura, destacando a figura do "Anjo do Lar", que ela descreve como "uma figura representativa da mulher domesticada, de corpo disciplinado pela sociedade patriarcal” (Woolf, 2012, p. 37). Woolf sugere que, para escrever

livremente, as mulheres precisavam "matar esse fantasma", superando os padrões de comportamento que restringiam sua voz criativa. Esse conceito pode ser visto na obra de Dulcinéia Paraense, que, através de sua poesia, desafia as normas e expectativas sociais, criando uma voz única que rompe com as limitações impostas às mulheres de sua época.

Michelle Perrot (2007) também reflete sobre o papel subversivo da escrita feminina, argumentando que a "escrita das mulheres é muitas vezes um espaço de resistência, onde elas podem expressar suas experiências, memórias e emoções, muitas vezes reprimidas pelo patriarcado" (Perrot, 2007, p. 41). A obra de Dulcinéia, com sua rica tapeçaria de imagens poéticas e simbolismo, serve como um exemplo claro dessa resistência, ao abordar temas que eram considerados inapropriados para mulheres em sua época, como o erotismo e a liberdade de amar.

O reconhecimento tardio da obra de Dulcinéia Paraense levanta questões importantes sobre como a história literária é escrita e quem decide quais vozes são incluídas ou excluídas do cânone literário. Costa (2021) destaca que a publicação de seu primeiro livro apenas aos 93 anos "sustenta a tese de ocultamento da memória sobre a escritora", mostrando como o processo de silenciamento impactou sua recepção crítica e o reconhecimento de sua obra.

1.2 Identidade Amazônica e Resiliência Feminina: Uma Análise da Poesia de Dulcinéa Paraense

A poesia de Dulcinéa Paraense oferece uma janela para o entendimento da identidade feminina e da resiliência cultural na Amazônia. Em seus versos, Paraense tece uma narrativa rica que captura a complexidade da experiência feminina, imbuída de uma conexão profunda com a natureza e a cultura da região amazônica. Este tópico explora como a identidade feminina é construída e representada na obra de Dulcinéa Paraense, utilizando teorias literárias de Stuart Hall e Simone de Beauvoir como base teórica. A análise foca em

diversos poemas de Paraense, que destacam seus temas centrais e estilos poéticos.

A identidade feminina na literatura é um campo vasto e multifacetado, influenciado por diversos fatores culturais, sociais e históricos. Stuart Hall, um renomado teórico cultural, argumenta que a identidade não é uma entidade fixa, mas um processo em constante evolução. Ele afirma que "a identidade não é como uma rocha sólida, mas como uma produção que está sempre em andamento, sempre em processo" (Hall, 1990, p. 54). Esta perspectiva sugere que a identidade é moldada por experiências, relações e contextos sociais.

Simone de Beauvoir, uma das figuras centrais do feminismo, oferece uma visão crítica sobre a construção da identidade feminina. Em sua obra seminal *O Segundo Sexo* (2014), Beauvoir argumenta que "não se nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 2014, p. 301), destacando que a identidade feminina é uma construção social. Segundo Beauvoir, a mulher é muitas vezes definida em relação ao homem, e esta definição imposta limita a verdadeira expressão da identidade feminina.

A poesia de Dulcinéa Paraense é marcada pela exploração profunda da identidade feminina, utilizando metáforas ricas e imagens vívidas para capturar a essência da experiência feminina na Amazônia. No poema "Acalanto para o Homem Amado", Paraense utiliza imagens de conforto e cuidado para explorar a intimidade e a ternura nas relações humanas. O poema começa com um convite ao descanso: "À hora em que chegares / depõe em meu regaço o peso de teu dia / e espera junto a mim pelo conforto / que a noite há de trazer" (Paraense, 2011, p. 21). Aqui, a voz feminina oferece um refúgio, um espaço de acolhimento e segurança. A imagem das "mãos que fazem penumbra nos teus olhos" e a "cantiga que envolve" evocam um sentimento de proteção e cuidado maternal, ressaltando a força e a resiliência da mulher como guardiã do conforto emocional.

Em "Suavidade", Paraense aborda a complexidade do amor e a inatingível suavidade da experiência amorosa. Ela escreve: "É indecifrável esta suavidade. / Poder ser todo o tempo a inatingida / aquela que ficou na tua vida / mais na tua alma e menos em ti mesmo" (Paraense, 2011, p. 43). O poema

explora a dualidade entre o atingível e o inatingível, destacando a profundidade das emoções envolvidas nas relações amorosas. A mulher, nesse contexto, é retratada como um ser misterioso e inatingível, cuja essência permanece na alma do amado, mesmo que ele nunca possa possuí-la completamente.

O poema "Viagem" utiliza a metáfora de uma jornada para explorar a experiência humana. Paraense escreve: "As mãos / são asas cansadas / de tantos voos sem rumo. / Os pés / são mágoas na estrada – / não deixam sêmen nem flor" (Paraense, 2011, p. 11). A jornada aqui descrita é árdua e repleta de desafios, simbolizando a luta contínua e a resiliência necessárias para enfrentar as adversidades da vida. A imagem das "mãos como asas cansadas" e dos "pés como mágoas" transmite um sentimento de exaustão e perseverança, refletindo a resistência emocional e física da mulher diante das dificuldades.

Nos versos do poema "Cântico dos Cânticos", Paraense cria uma complexa representação da identidade feminina através de uma série de metáforas naturais e simbólicas. Ela escreve: "O meu amado é triste como um lírio. / Sou o jardim fechado onde ele vai se desfolhar. / O meu amado é esguio como um longo suspiro. / É meu o peito onde ele vai se agasalhar" (Paraense, 2011, p. 32). Aqui, a mulher é retratada como um jardim fechado, um espaço de acolhimento e renascimento. A metáfora da "serpente que tem mil cabeças" simboliza a adaptabilidade e a astúcia da mulher, enquanto a constante renovação do amor destaca sua resiliência emocional.

No poema "Ressurreição", Paraense aborda temas de transformação e renascimento. Ela escreve: "Entre os cílios o orvalho. / E a criança que fomos / ressuscita / na que somos" (Paraense, 2011, p. 08). Este poema destaca a continuidade da identidade ao longo do tempo, sugerindo que a essência da pessoa, mesmo que transformada pelas experiências, permanece presente. A imagem do orvalho entre os cílios simboliza a delicadeza e a persistência da vida, enquanto a ressureição da criança interior reflete a resiliência e a capacidade de renovação da mulher.

Stuart Hall (1990) argumenta que a identidade é um processo dinâmico e em constante evolução, moldado por contextos sociais e experiências

pessoais. Esta perspectiva é evidente na obra de Paraense, onde a identidade feminina é retratada como fluida e multifacetada. A metáfora da serpente com mil cabeças em "Cântico dos Cânticos" exemplifica essa fluidez e adaptabilidade, sugerindo que a identidade feminina é capaz de se transformar e se renovar continuamente.

Simone de Beauvoir (2014), por outro lado, destaca que a identidade feminina é uma construção social, frequentemente definida em relação ao homem. Em "Acalanto para o Homem Amado", Paraense desafia essa noção ao retratar a mulher como a guardiã do conforto emocional e da resiliência, subvertendo a ideia de dependência feminina. A voz feminina no poema oferece proteção e cuidado, mas também mantém uma identidade forte e independente.

A profunda conexão de Paraense com a Amazônia é uma característica central de sua obra. Seus poemas frequentemente utilizam a natureza amazônica como metáfora para explorar temas de identidade e resiliência. Em "Viagem", a imagem das mãos como asas cansadas e dos pés como mágoas na estrada reflete a exaustão e a perseverança necessárias para sobreviver na floresta amazônica. Essa conexão íntima com a natureza não apenas enriquece sua poesia, mas também destaca a interdependência entre o homem e o meio ambiente na Amazônia.

A análise da poesia de Dulcinéa Paraense através das lentes das teorias de identidade de Stuart Hall e Simone de Beauvoir revela a riqueza e a complexidade da representação da identidade feminina e da resiliência cultural na Amazônia. Seus poemas capturam a essência da experiência feminina, utilizando metáforas ricas e imagens vívidas para explorar temas de amor, solidão, resiliência e conexão com a natureza. Ao desafiar as normas sociais e celebrar a força e a adaptabilidade da mulher, Paraense oferece uma visão única e valiosa da identidade feminina na literatura amazônica.

Conclusão

Constatou-se mediante a pesquisa que ao longo de mais de 70 anos, os poemas de Dulcinéa Paraense cobrem diversas fases de sua vida, revelando

um percurso histórico marcado por resistência e inovação. Sua poesia transcende os limites do simbolismo, incorporando elementos neosimbolistas, modernos e renovados. O erotismo presente em seus versos destaca Paraense como uma escritora à frente de seu tempo, celebrando o amor de maneira delicada e enigmática (Leitão; Ferraz, 2018).

Os resultados mostram que Dulcinéa Paraense, por meio de sua poesia, tece um intricado panorama de emoções, reflexões e observações sobre a vida, o amor e a condição humana. Seus poemas exploram temas como a efemeridade do tempo, a profundidade das emoções humanas, a solidão, o mistério da existência e a conexão intrínseca com a natureza, todos entrelaçados com a realidade amazônica.

Em resumo, ao investigar as poesias de Dulcinéia Paraense, este estudo busca não apenas compreender, mas também valorizar a voz poética de Paraense e seu impacto na representação da mulher na literatura brasileira. Ao destacar a importância de sua obra, esperamos inspirar futuras pesquisas e discussões sobre a representação da mulher e da cultura na literatura amazônica, promovendo uma visão mais inclusiva e diversificada da produção literária nacional.

A revalorização da obra de Dulcinéia Paraense não é apenas um ato de justiça histórica, mas também um passo crucial na construção de uma literatura mais inclusiva e representativa. Sua poesia, ao mesmo tempo profundamente pessoal e universal, oferece uma perspectiva única sobre a condição humana, enriquecida pela especificidade cultural e natural da Amazônia. Este legado é particularmente relevante no contexto contemporâneo, onde as questões de gênero e identidade continuam a ser temas centrais no discurso literário e cultural.

Incluir e reconhecer as contribuições das mulheres na literatura é essencial para criar um panorama literário mais completo e diversificado. A obra de Dulcinéia Paraense nos lembra que a exclusão das vozes femininas não é apenas uma perda para a história literária, mas também para a compreensão mais ampla da experiência humana. Suas poesias, que abordam temas como a resiliência, o amor, e a relação intrínseca entre o ser humano e a

natureza, enriquecem a literatura brasileira ao introduzir perspectivas que foram historicamente marginalizadas.

O estudo da obra de Dulcinéia Paraense, portanto, não deve ser visto apenas como uma recuperação histórica, mas como uma parte vital da evolução contínua da literatura brasileira. Ao explorar e valorizar essas vozes, podemos não apenas compreender melhor o passado, mas também construir um futuro literário mais inclusivo, onde todas as experiências humanas, independentemente de gênero, sejam reconhecidas e celebradas.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora. Nacional, 1965.

COSTA, Gabriela Caroline Raudenkolb da. **Silenciamento e traços de escrita feminina em Dulcinéa Paraense.** Tomé-Açu, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

HALL, Stuart. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: SOLIK, L. (Org.) **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Trad. Adelaine LaGuardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO no Brasil, 1990, p. 151-186.

LEITÃO, Andréa Rodrigues; FERRAZ, Antônio Máximo. **Cópula Ritual:** A sexualidade transfigurada na poesia de Dulcinéa Paraense e Olga Savary. Travessias, v. 6, n. 2. 2018.

PARAENSE, Dulcinéa. **Dulcinéa Paraense:** A flor da pele. Organizadora Lilia Silvestre Chaves. Belém: SECULT, 2011.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu.** São Paulo: Tordesilhas, 2012.

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA
CONFLUÊNCIAS 2024

ST6
AMAZÔNIA E SUAS TEMPORALIDADES: NARRATIVIZAÇÃO SOCIOCULTURAL DA REGIÃO COMO UM DEVIR SER

Coordenadores:
Profª Drª Ivana Oliveira.
Prof Dr Nathan Nguangu Kabuenge.
Luna Carvalho de Lucena (Doutoranda – PPGCLC)

Resumo: Considerando as narrativas como forma de comunicação no contexto de agenciamento dos fatos para significar e dar sentidos aos acontecimentos do/no mundo, o ST recebeu contribuições que fizeram interface entre a comunicação e estudos de narrativa em suas diversas formas e formatos e que trouxeram discussões interdisciplinares tensionando o lugar e papel da Amazônia ontem, hoje e amanhã nos debates sobre as mudanças climáticas e o futuro da humanidade.

CAPES
PPGCLC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA
UNAMA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA EXCELÊNCIA POR NATUREZA 50 anos

CONEXÕES E CONTRASTES ENTRE A ACADEMIA DO PEIXE FRITO E O MOVIMENTO DO HIP-HOP EM BELÉM

Connections and contrast Between The Fried Fish Academy and the Hip-Hop movement in Belém

Conexiones y contraste entre la Academia del Pescado Frito y el Movimiento Hip-Hop en Belén

Andressa D'Angellis Silva Santos[1]
Talita de Oliveira Mendes[2]
Marcos Valério Reis[3]

Resumo: Este trabalho discute a Academia do Peixe Frito, grupo que deixou um legado crucial para novas formas de produzir e difundir conhecimento além dos moldes tradicionais. Foi estabelecido um diálogo entre a Academia e a cultura do Hip-Hop, caracterizada por sua diversidade e resistência. A conexão entre os dois grupos se dá pelo marcador social de marginalidade enfrentado pela APF e pelo Hip-Hop, além da atuação em locais públicos. Os resultados destacam a ampliação da produção de conhecimento sobre a Academia do Peixe Frito e o Hip-Hop, e a inclusão de vozes periféricas no meio acadêmico, social e cultural na Amazônia, entendendo como estes falam de si mesmos dentro de suas autenticidades e formas de ser e existir no mundo. Isso contribui para uma nova historiografia, descentralizada dos eixos privilegiados

[1] Graduação em História pela Universidade da Amazônia-UNAMA (2020), Pós-graduação em Amazônia, História, Espaço e Cultura pela FIBRA (2023), Pós graduanda em Educação para as Relações Etnicorraciais pelo IFPA campus Belém, email: andressadangel@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0003-8910-303X.

[2] Licenciada em História pelo Centro Universitário FIBRA (2022), Pós-graduada em Amazônia, História, Espaço e Cultura pela FIBRA (2023) e Mestranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia na Universidade Federal do Pará (2024), email: talitamenndes12@gmail.com. ORCID: 0009-0001-9444-3085.

[3] Graduação em Letras (2006), Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários (2008), Pós-graduação em Docência do Ensino Superior e Inclusão (Em andamento (2024), Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (2012), doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura (2020). Pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2022), email: marcosvalerioreis@gmail.com. ORCID: 0000-0001-9172-5581.

sobrepostos à região Norte. Também é importante ressaltar o protagonismo de pesquisas feitas por mulheres.

Palavras-chave: Academia do Peixe Frito; Hip-Hop; Amazônia; Belém; Cultura.

Abstract: This paper discusses the Academia do Peixe Frito, a group that has left a crucial legacy for new ways of producing and disseminating knowledge beyond the traditional molds. A dialogue was established between the Academy and Hip-Hop culture, characterized by its diversity and resistance. The connection between the two groups is due to the social marker of marginality faced by APF and Hip-Hop, as well as their work in public places. The results highlight the expansion of the production of knowledge about the Academia do Peixe Frito and Hip-Hop, and the inclusion of peripheral voices in the academic, social and cultural environment in the Amazon, understanding how they speak of themselves within their authenticities and ways of being and existing in the world. This contributes to a new historiography, decentralized from the privileged axes superimposed on the Northern region. It is also important to highlight the leading role played by women in research.

Keywords: Fried Fish Academy; Hip-Hop; Amazon; Belém; Culture.

Resumen: Este artículo analiza la Academia do Peixe Frito, un grupo que ha dejado un legado crucial para las nuevas formas de producir y difundir el conocimiento más allá de los moldes tradicionales. Se estableció un diálogo entre la Academia y la cultura Hip-Hop, caracterizada por su diversidad y resistencia. La conexión entre ambos grupos se debe al marcador social de marginación al que se enfrentan APF y Hip-Hop, así como a su trabajo en lugares públicos. Los resultados destacan la expansión de la producción de conocimiento sobre la Academia do Peixe Frito y el Hip-Hop, y la inclusión de voces periféricas en el medio académico, social y cultural en la Amazonia, entendiendo cómo hablan de sí mismos dentro de sus autenticidades y formas

de ser y existir en el mundo. Esto contribuye a una nueva historiografía, descentrada de los ejes privilegiados superpuestos en la región Norte. También es importante destacar el protagonismo de las investigaciones realizadas por mujeres.

Palavras chave: Academia del Pescado Frito; Hip-Hop; Amazon; Belém; Cultura.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, propomos uma análise comparativa entre dois movimentos artísticos que emergiram em Belém do Pará nas últimas décadas: a Academia do Peixe Frito e o Hip Hop. A Academia do Peixe Frito foi um coletivo de multi artistas que interagiam com as áreas da história, antropologia, ciências sociais, música e principalmente a política, tendo como foco o contexto social da Amazônia. O Hip Hop é uma expressão musical e cultural que surgiu nos Estados Unidos com raízes jamaicanas e se espalhou pelo mundo, incorporando as características e as demandas de cada localidade. Em Belém, o Hip Hop se manifesta principalmente através do rap, do break e do graffiti, sendo uma forma de resistência e de afirmação da identidade dos jovens periféricos. Buscamos mostrar as semelhanças e as diferenças entre esses dois movimentos, destacando suas contribuições para a arte amazônica e para a sociedade em geral.

Será possível verificar que a memória dos membros da APF segue viva e latente em Belém no sentido de que diariamente os atuantes do Hip-Hop transitam pelos bairros que os artistas da APF frequentavam e que nas produções, há as urgências, revoltas e alegrias que dialogam entre as gerações. Um dos motivos que gera maior aproximação entre os grupos se dá porque ambos emergem da periferia e têm entre seus participantes pessoas que resistem à marginalização social sistêmica. O trabalho também surge num momento em que discussões acerca da região amazônica e nossos recursos estão cada vez mais latentes na iminência da realização da COP30. Pretendemos reforçar que esse debate precisa ser feito com nossas vozes

amazônidas em evidência a fim de não cairmos em mais um momento de invisibilidade de nossas vivências.

2. TRAJETÓRIA HISTÓRICA E SOCIAL DA ACADEMIA DO PEIXE FRITO

A Academia do Peixe Frito foi um grupo composto por poetas, escritores, professores e pesquisadores tais como, Bruno de Menezes, Abguar Bastos, De Campos Ribeiro, Jaques Flores e Dalcídio Jurandir. Dentre as atividades realizadas por seus membros estava o debate acerca do cenário político amazônico belenense, escrita de textos para revistas, poemas, livros e outros, conforme aponta Reis (2020, p. 127) “Procuraram subverter o que estava instituído pela elite paraense, trazendo ao centro das discussões, os modos, a vivência e a representação dos marginalizados pelo sistema”. A trajetória histórica e social dos acadêmicos do Peixe Frito foi construída na metade do século XI, em meio a Belle-Époque, projeto próspero que da elite paraense que visava trazer à tona o espírito europeu juntamente com as luzes da civilização que por vários séculos foi considerada como modelo civilizatório. Assim, podemos apontar que a Belle-Époque norteou a criação de novas práticas e estruturas de uma elite que comprou as idéias ocidentais e mudou seus hábitos e até as fachadas de suas casas almejando o estilo europeizante, acerca do conceito Aníbal Quijano pontua:

> “O eurocentrismo faz parte da colonialidade das relações de poder. Bloqueia a capacidade de autoprodução e autoexpressão cultural, já que pressiona para a imitação e a reprodução. Nas produções do conhecimento, impele para uma perspectiva reducionista, na qual são separados faculdades e modos de experiência e de conhecimento, na realidade exercidos conjuntamente, e faz ver, isolados entre si, elementos da realidade que não existem separadamente. Impede reconhecer não só como necessária, mas como legítima a diversidade, porque só a admite como justificativa da desigualdade”. (QUIJANO, 1992, p. 74)

Assim, é possível mencionar que o “novo estilo de vida” da elite paraense levava beneficiava apenas uma parte da população, e neste cenário as desigualdades de classe tornaram-se mais latentes, ocasionando em uma

separação baseada no higienismo onde as pessoas pobres foram colocadas “à margem da sociedade” subsistindo em condições precárias.

Sobre as políticas higienistas, Gonçalves (2022) pontua que no momento da Belle Époque houveram grandes aumentos de estratificações sociais, pois levava-se em consideração o padrão estético que pautasse o embelezamento da cidade. Com base nisto, foi criada uma política que tinha como objetivo estabelecer o controle de casas nas áreas verdes de Belém, e estas deveriam seguir o plano estético estabelecido da nova ordem social. É de se imaginar que essa política não favoreceu todos os grupos sociais, principalmente, as minorias que não tinham condições de arcar com as demandas inseridas pela reforma urbana do século XIX. O resultado disto, foi que as famílias mais pobres precisaram se deslocar para as “áreas periféricas” para que não “atrapalhasse” as vias e a estética que se buscava ter baseado no novo estilo de vida da elite paraense.

Importante pontuar que as políticas higienistas foram, segundo Júnior (2008), um “movimento” que tinha várias nuances e complexidades. O autor destaca que a frente ampla tinha vários posicionamentos políticos de direita e esquerda, e os métodos de intervenção eram diversos que iam desde a democratização da saúde até esterilização e segregação. Ainda com base no pensamento do autor, o mesmo percebe o movimento como social e amplo, mas que não era comum que os participantes fizessem passeatas, estes tinham outras formas de pressionar e faziam através dos Congressos de Eugenia e Higiene. Desta maneira, a APF surge como forma de resistência e seus integrantes buscavam fazer uma literatura pautada na justiça social e que apontasse as necessidades de uma classe considerada subalternizada mesmo estando inseridos numa sociedade que mostrava grande desenvolvimento urbano, mas com completo descaso com os mais pobres. Engajados nas lutas sociais, os acadêmicos do Peixe Frito eram as vozes de protagonismo, combate das injustiças, desejo de romper com o tradicionalismo europeu e a vontade de trazer a conscientização coletiva. Desta forma, as revistas paraenses que circulavam no Pará foram essenciais, especialmente por serem

iniciativas individuais e por dar espaço para que o grupo protagonizasse a sua luta. Coelho (2003, p. 32) chama atenção pela forma heroica que o grupo se consagrou na literatura já que os literatos não tinham nenhum tipo de auxílio financeiro governamental lutando contra todos os tipos de dificuldades possíveis. As dificuldades não eram somente para se consagrar a literatura do Norte, mas era também para se manter o sustento de suas famílias.

2.1 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE DOS ACADÊMICOS DO PEIXE FRITO

A feira do Ver-o-Peso era um dos espaços mais frequentados por estes intelectuais, e neste lugar muito se discutiu e depois se produziu sobre como o comércio e as relações feitas neste espaço foram importantes para milhares de famílias da metade do século XIX, e também para as famílias do grupo. A sensibilidade de Bruno é tamanha quando aponta que a feira era um lugar de trocas e que o processo de conscientização da colonização vivida em Belém no cenário da Belle Époque poderia ser plural, original e acima de tudo popular.

Além do Ver-o-Peso, Costa et al (2016, p.16) destaca que os literatos adoravam o Mercado de Ferro, o City Hall, a garagem náutica do Clube do Remo e os bares paraenses. A relação com a cidade era crucial para o grupo, pois explorar o espaço inspirou a escrita. O vagar pela cidade era proposital e coletivo, sem pompas ou lugares pré-estabelecidos, diferente dos grupos elitizados que se reuniam em locais requintados como o Grande Hotel e o Cine Olympia. Na época, havia grande fluxo migratório e turístico na Amazônia.

Deste modo, é através desse movimento de conscientização por meio da literatura que foi encontrada uma forma de ouvir as vozes emudecidas e seus protestos contra a hegemonia burguesa e canônica vigente no período da Belle-Époque. Por isto, não se pode deixar de mencionar a importância que a Academia do Peixe Frito teve para resistir através das letras contra o colonialismo vigente no período mencionado.

3. O MOVIMENTO HIP-HOP E SUAS ORIGENS MUNDIAIS

O Hip Hop é uma união de cinco elementos que dialogam de forma interseccional, esses elementos são o Grafitti (expressão através da pintura), Breaking (dança), Rap e/ou Rep (Ritmo e poesia), MC (mestre de cerimônia) e o Conhecimento. Quanto às primeiras organizações do Hip-Hop, o grande ponto de expansão do movimento de forma expressiva é notório nos eventos ocorridos no Bronx, EUA no século XX, acerca deste momento inicial, Eryck Batalha pontua:

> "O hip hop é um movimento que nasce em um cenário sociopolítico conturbado e tremendamente desigual, nos guetos estadunidenses onde a violência, a pobreza e a insegurança são reforçadas por um discurso de ódio que tem como bases o medo do outro, o racismo e a discriminação social". (BATALHA, 2019, p. 76)

O movimento tem grande influência da cultura jamaicana através da figura do DJ Koorl Herc, considerado o pai do Hip-Hop que introduziu a cultura dos soundsystem através de suas festas ocorridas organizadas em parceria com sua irmã Cindy Campbell, onde aconteciam discotecagens de vinis, e por meio destas Herc fazia mixagens e reproduções dos discos de funk, especialmente de James Brown. A festa contava com danças coreografadas e, muitas faziam alusões a movimentos dos combatentes do Vietnã e assim iniciou os primeiros passos do Breaking. Durante estas festas ocorreu o encontro do DJ Herc e Afrika Bambaataa. Bambaataa é considerado o padrinho do Hip-Hop e a troca de vivências entre os dois possibilitou a criação e expansão do que hoje conhecemos como Hip-Hop, Bambaataa foi o idealizador da organização Zulu Nation que pregava as ideias de união e amor com pilares pautados nos elementos do Hip-Hop.

O movimento nasceu no momento de intensa violência especialmente no bairro do Bronx, território que era área de moradia de pessoas negras, imigrantes latinos e de outras etnias e tais populações em sua maioria estavam em situação de vulnerabilidade econômica e social, o que facilitava a movimentação de criminalidade, seja por comércio de substâncias, assaltos ou brigas de gangues. Por tal motivo a propagação do movimento foi crucial para conciliação, ainda que parcial, de brigas de gangues, configurando um

movimento efetivamente político. Hoje na cultura pop temos diversas produções que reforçam as pontuações aqui feitas, entre elas a série “The Get Down” da Netflix que foi inspirada da trilogia de quadrinhos “Hip Hop Genealogia”.

3.1 O Hip-Hop no Brasil

Em meados da década de 80 surgiram as primeiras expressões culturais do Hip-Hop no território brasileiro que tem maiores evidências midiáticas são as do estado de São Paulo. Os relatos dos integrantes de diferentes etárias do movimento, produções acadêmicas e jornalísticas apontam como locais de reuniões iniciais para apreciação do gênero a Galeria 24 e a Estação São Bento, as atividades variam entre a escuta de músicas que estavam em evidência no cenário mundial nos rádios box, batalhas de breaking e apresentação de DJ 's. Frisamos aqui que nos mesmos anos ocorreram diversas atividades do Hip-Hop em diferentes estados brasileiros que contribuíram grandemente para a trajetória do movimento, tais como o Nordeste e Norte. Entre os nomes pioneiros do movimento em sentido nacional temos Nelson Triunfo e Thaíde, o grupo Racionais MC 's que foram responsáveis por uma das maiores revoluções na área musical e social pelo Hip-Hop. Similar ao início do movimento em solos estrangeiros, no Brasil o Hip-Hop também teve suas raízes fundadas nas áreas periféricas, com letras que denunciavam a repressão policial, abandono social e demais vulnerabilidades.

Em Belém o movimento Hip-Hop surgiu entre a década de 80 e 90 e igualmente aos demais territórios enfrentou diversas situações de repressões por parte da polícia, entre os primeiros atuantes estava o elemento do breaking, Elton Silva elenca características do cenário do ano de 1990:

> O hip hop atraía cada vez mais os jovens das baixadas, principalmente da Terra Firme, onde se encontravam os seus precursores em Belém. No início da década de 1990, promoveram-se reuniões visando divulgar o hip hop na periferia enquanto uma alternativa contra a violência contra a criminalidade que se territorializa nestes espaços devido às

> desigualdades e à segregação inerentes ao crescimento da cidade." (SILVA, p. 11, 2009).

Hoje o movimento Hip-Hop segue ativo de forma expressiva nas periferias belenenses, havendo diversas atividades envolvendo seus elementos. As denúncias de misoginia, lgbtfobia, racismo e demais pautas foram nas rodas culturais.

4 APROXIMAÇÃO ENTRE A ACADEMIA DO PEIXE FRITO COM O MOVIMENTO HIP-HOP

Ao pensar sobre as aproximações referentes aos movimentos da Academia do Peixe Frito e do Hip-Hop na região amazônica é preciso ter em mente que a marginalização, o preconceito e o lugar de subalternização são destinados aos grupos considerados minoritários que buscam resistir diante das mazelas sociais nas quais foram submetidos, e por isto, encontraram nas letras, na arte, na música, formas de expressar e tecer seus protestos. A história não nos deixa mentir. Não é à toa que os acadêmicos do Peixe Frito foram considerados "vândalos do apocalipse" como já citado acima, por irem de contra ao sistema estabelecido em Belém do século XIX. E também não é vão que o movimento do Hip Hop é sinônimo de resistência que busca ecoar as urgências das periferias através de diversas expressões artísticas.

Dito isto, um dos pontos principais que caracterizam as aproximações dos dois grupos citados acima, é que os mesmos escolheram lançar mão através das expressões que a cultura possibilita. E cabe refletir e chamar atenção que cultura jamais foi monopólio da academia, mas é de todo aquele que se propõe ocupar este espaço de produção e fazer acontecer. O Hip Hop é um dos maiores exemplos de uma expressão independente que surge nas ruas, e que também produz cultura, tal como os acadêmicos do Peixe Frito. Rocha et al (2001, p.10) salienta que a cultura do Hip Hop rejeita a sedução do "ouro de tolo" e busca realizar eventos e estudos, produzindo artes que busquem interferir e reivindicar políticas públicas, propondo resistência, independência, autenticidade e atitude. As autoras também destacam que o Hip Hop é regado desde o princípio por gotas de sangue, suor e lágrimas, e

cabe destacar que através do movimento é possível apontar a possibilidade de construções de identidades e de uma conscientização feita através da coletividade, a fim proporcionar os meios de desenvolvimento para a auto estima, novas perspectivas de vida, representatividade e altivez de fazer arte através de si mesmos de acordo com os seus símbolos e referenciais.

Outro ponto que denota as aproximações dos grupos em questão, é sobre o lugar que os mesmos ocupam dentro do contexto social. E neste ponto é importante refletir sobre segregação, racismos e relações sociais. Ribeiro (2019) aponta que os movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, o racismo, por tanto, é segundo a autora, um sistema de opressão que nega direitos, e não é um simples ato da vontade de um indivíduo. Ribeiro (2019) fomenta a reflexão: “Como enfrentar um monstro tão grande? Afinal, reconhecer as estruturas do racismo pode ser paralisante”. Vale salientar que os atravessamentos sociais são determinantes para o prestígio que se tem, principalmente, no que tange às formas de expressões culturais de cada grupo ou movimento que escolhe expressar. Isto fica explicitado nos dois movimentos em questão, já que é possível apontar enormes proximidades. Tanto a APF como o Movimento do Hip Hop, são compostos por grupos majoritariamente protagonizadas por pessoas pretas, periféricas, com dificuldades financeiras oriundas de um sistema que não os acolhe, e que buscam combater estigmas, preconceitos, exclusões e afins, através da conscientização, da disseminação do conhecimento e da resistência através das artes em suas diversas expressões.

Quanto aos espaços físicos de ambos os grupos há também aproximações, a começar pelo Ver-O-Peso, a referência mais notória quanto a local de sociabilidades dos peixefreireanos, sendo este nos dias atuais, local onde há atividade da “Batalha do Ver-O-Peso”. Ainda nestas proximidades há a realização da Batalha da República, que possui como local principal os coretos presentes em toda a extensão da Praça da República, o que nos leva a refletir sobre as novas formas de uso de espaços demasiadamente elitizados. Entre as ligações entre passado e futuro com os acadêmicos do peixe frito e Hip-Hop

temos o local de realização da Batalha do Crematório, que ocorre na praça Dalcídio Jurandir que recebeu nome em homenagem ao notório escritor e tal criação do espaço está no mesmo local onde funcionou o antigo crematório.

As conexões aparecem também em músicas, batalhas de rima e poesias, abordando urgências sociais e políticas, no entanto, é necessário também falar sobre os hábitos de lazer e prazer do cotidiano. A seguir evidenciaremos as aproximações entre "Poesia engarrafada" recitada nas rodas culturais e a poesia Cachaça de Bruno de Menezes:

"A fome te consome

Eles manipulam teu foco

Encho meu copo quando meu peito tá seco

Quando transborda eu encho do mesmo jeito (...)

(...) Com certos desesperos

Tipo os irmãos que morreram

Ou melhor, se matam"

Poesia Engarrafada, 2023.

Bruno de Menezes evidencia em sua poesia os poderes analgésicos e curativos da Cachaça, que para muitos indivíduos, especialmente os que sofreram os males da escravidão era uma das substancias de refúgio e meio a tantas dores físicas e mentais:

"Cachaça é tua vida,

tua festa teu mundo,

saúde remédio até valentia.

Coleira de ferro, bacalhau, palmatória,

tu nada sentias, sentias tomando da "pura".

Cachaça, 2005.

Podemos observar as proximidades entre o Manifesto à Geração que Surge de Abguar Bastos e o duelo de MC 's ocorrido na Batalha da República

entre Tony MC vs. Louva-a-deus MC. Abguar explicita o sentimento de defesa e orgulho da região nortista e tece críticas ao separatismo realizado pela região sul em relação ao Norte, é evidente a disparidade denunciada pelo autor entre as regiões e o descontentamento do mesmo:

"O Sul, propositadamente, se esquece de nós.

A literatura equatorial é uma história de mitologia que se anda a contar nos corredores da Academia Brasileira.

O Norte tem poder, tem força, tem filhos guerreiros e filhos altruístas!

O Norte tem os seus gênios, os seus estetas, os seus cientistas, os seus filósofos!

O Norte é dinâmica! É temperamento! É vibração! É intelectualidade!

Ergamo-nos!"

Manifesto à Geração Que Surge, 1923.

A seguir, na fala de Louva-a-deus MC, arte educador e trabalhador dos coletivos da Região Metropolitana de Belém temos a denúncia do apagamento político da Revolução da Cabanagem, exploração dos recursos naturais da Amazônia com a construção de usinas hidrelétricas que geram em degradação ambiental e mazelas sociais para o Norte:

" (...) Repito: mataram a Cabanagem e adivinha o que perdoaram? Só a farroupilha, entendeu?!(...)

Só perdoaram a farroupilha porque, desde o começo parceiro perdoam o sul

É o que acontece, mas pensar nessas paradas mano só me causa estresse

Até porque eu tô rimando e faço a poesia e do sul ainda roubam nossa energia"

Louva-a-deus MC, 2023.

Os trechos mostram que as denúncias feitas por Abguar seguem atuais na realidade amazônica e hoje as formas de protestos assumem novas perspectivas e urgências, mas os desconfortos em comum dialogam entre as gerações e vão para além da área literária e jornalística. É possível inferir que há similaridade entre as urgências da APF e os elementos do Hip-Hop e que há plena possibilidade de aproximar nas rodas culturais os nomes dos vândalos

do apocalipse a fim de fortalecer ainda mais as formas de resistências sociais no Hip-Hop. Tanto no Hip-Hop quanto na APF é possível verificar também a ausência do acesso ao meio acadêmico, ocasionados sejam por amparo familiar, necessidade de assumir responsabilidades quanto à paternidade e suprimento das necessidades financeiras para com a casa.

Quanto às diferenças entre os grupos podemos enfatizar a ausência de pessoas LGBTQIAP+ na APF, o que é compreensível dada a época e possíveis maiores marginalizações e violências destes corpos. Também é possível verificar a ausência de protagonistas mulheres, o que no Hip-Hop é notório desde seu surgimento. Evidentemente tais apontamentos não tem pretensão de anular a relevância da atuação da APF na Amazônia e cenário nacional e estas na verdade foram observadas no intuito de reforçar que os valores políticos e sociais defendidos pelos mesmos continuam hoje entre nós e com cada vez mais vozes ecoando em diferentes ambientes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção desta pesquisa tivemos o cuidado em olhar para os atuantes da Academia do Peixe Frito e do Hip-Hop de Belém com o devido carinho e cuidado para falar de suas narrativas, visto que o pretendido aqui não foi “dar voz” a estas pessoas, pois, os mesmos têm suas vozes devidamente ecoadas e com potências próprias. Entendemos que é primordial ampliar o debate sobre os intelectuais da APF, grupo que defendeu a produção cultural, acadêmica e política que existe na Amazônia e a partir do ponto que passamos a socializar seus legados estamos fortalecendo a memórias destas pessoas que por décadas foram marginalizadas na região belenense.

Neste trabalho, buscamos mostrar como o movimento Hip-Hop belenense e a APF compartilham experiências de marginalização social e cultural, impostas por um sistema que exclui aqueles que não seguem os padrões dominantes. Para isso, analisamos como o passado histórico e as condições atuais de vida desses grupos se relacionam e se expressam em suas produções artísticas e atuações nos espaços de Belém. Também

exploramos como o debate sobre a identidade afro-amazônica se manifesta nas rodas de Hip-Hop, resgatando os legados da APF.

Observamos também as diferenças entre os grupos, especialmente no que se refere às questões de gênero e diversidade, que não eram centrais nas discussões nas décadas anteriores de atividade da APF. Consideramos também como esses grupos reivindicam hoje seu espaço de direito na sociedade, enfrentando diversas formas de violência e discriminação hoje no movimento Hip-Hop. Buscamos compreender as particularidades geracionais dos grupos de mulheres e população LGBTQIAP+ que hoje possuem uma capacidade ampliar as reivindicações acerca da região amazônica que foram amplamente defendidas pelos membros da APF. No sentido de não prosseguir com a exclusão dos artistas da cultura Hip-Hop, optamos por elencar as produções e devida identificação destes agentes no corpo do texto a nas referências que nortearam esta pesquisa.

A fim de contribuir para uma nova forma de protagonismo acadêmico, social e cultural na Amazônia, entendemos que ao falarmos sobre estes grupos que têm suas devidas autenticidades é uma forma de fazer parte dessa nova historiografia que não focaliza no eixo sul e sudeste que durante décadas é posto em sobreposição a região Norte. Entendemos que é cada vez mais latente assumir o compromisso de pautarmos nossas demandas e pegar para nós amazônidas a centralidade dos debates ocorridos aqui, especialmente em tempos de urgências climáticas.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Eryck de Jesus Furtado. Espaço público e movimento hip hop : Batalhas de MCs, identidade, sociabilidade e cidadania em Belém, Pará. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

BREAKING, School of. Disponível em: https://abrir.link/AnsIE. Acesso em: 03 dez. 2024.

DORNELAS, Luana. Como foi o surgimento da cultura hip-hop no Brasil. Red Bull, 17 fev. 2021. Disponível em: https://encurtador.com.br/AkVAZ. Acesso em: 03 dez. 2024.

GOMES, Flávia Goodwin. Ritmo e Poesia nos Duelos da Vida: Levante Denunciante, Ritmo Dançante e Educação Participante: Improvisações Etnográficas acerca da cultura Hip Hop e da Performance do Duelo de Mc's. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

JÚNIOR, Edivaldo Góis. "Movimento Higienista" na história da vida privada no Brasil: do homogêneo ao heterogêneo. ConSCIENTIAE Saúde. Rev Cient., UNINOVE, São Paulo, v. 1, p. 47-52, 2008.

MENEZES, Bruno de. Batuque. 7° ed. Belém: [s.n], 2005.

NUNES, Paulo. et al. Um olho no peixe frito e outro na…Coletânea de artigos sobre a Academia do Peixe Frito. Belém: Folheando, 2020.

QUIJANO, Anibal. Notas sobre a questão da identidade e nação no Peru. Dossiê América Latina. Dossiê da América Latina, Estudos Avançados, 6 (16), 1992.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, José Guilherme de Campos. Cais de Pirilampos. Belém: Editora Grafisa, 1983.

REIS, Marcos Valério Lima. Abguar Bastos, Amazônia e renovação modernista: romances e manifestos. 2020. Tese (Doutorado em em Comunicação, Linguagens e Cultura.) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2009.

REPÚBLICA, Batalha da. Tony X Louva a deus / Primeira fase/ BDR 07/05/2023. YouTube, 8 de jun. 2023. 7min30s. Disponível em: https://abrir.link/zwezu. Acesso em: 03 dez. 2024.

SILVA, Elton Carlos Garcez da. Territórios urbanos: o movimento hip hop e a dinâmica da cidade de Belém, Pará. Belém, Paper do NAEA 228, 2009.

VERBO, Yuri. Poesia engarrafada. Fonte oral, Belém, 2023.

O DESENVOLVIMENTO URBANO E APAGAMENTO CULTURAL AMAZÔNICO[1]

URBAN DEVELOPMENT AND AMAZONIAN CULTURAL ERASURE

DESARROLLO URBANO Y BORRADO CULTURAL AMAZÓNICO

Adrielle Silva Pinheiro[2]
Antônio Darlan de Oliveira Holanda[3]
Gisele Regina Corrêa dos Santos[4]

Resumo: Este artigo aborda o contínuo silenciamento dos povos nativos da Amazônia, um processo iniciado com a chegada dos primeiros europeus e intensificado pela construção da Transamazônica. Esse silenciamento favoreceu a hegemonia da cultura brasileira em detrimento dos costumes e valores nativos. A pesquisa utiliza análises bibliográficas para discutir os impactos culturais e geográficos do desenvolvimento urbano e tecnológico na região. A perspectiva semioantropológica de Verón (2019) é empregada para examinar como signos e símbolos representam os povos indígenas e constroem identidades sociais carregadas de significados ideológicos. A análise dos discursos sobre a Amazônia revela estereótipos que perpetuam a visão de uma natureza intocada e de povos indígenas como obstáculos ao progresso. Desde a colonização, a mídia idealiza a Amazônia, ignorando a participação dos habitantes locais. As políticas de integração nacional, especialmente durante o regime militar, alteraram a demografia e a paisagem cultural da região, promovendo uma ideologia religiosa que desvaloriza as culturas nativas. O desenvolvimento urbano trouxe a perda de terras tradicionais, deslocamento forçado e desintegração das comunidades indígenas, além de degradação ambiental. Recentemente, avanços em políticas públicas visam reconhecer e valorizar as culturas indígenas, enquanto movimentos de resistência buscam promover a autodeterminação e fortalecer a identidade cultural. O artigo conclui destacando a necessidade de uma educação intercultural e de políticas

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST6: amazônia e suas temporalidades: narrativização sociocultural da região como um devir ser do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura Universidade da Amazônia do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA - PPGCLC). Av. Alcindo Cacela, 287, Bloco E, 3º andar, Umarizal, Belém - PA, CEP: 66060-902. E-mail:adriellesp84@gmail.com

[3] Mestrando em Comunicação, Linguagens e Cultura Universidade da Amazônia do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA - PPGCLC). Av. Alcindo Cacela, 287, Bloco E, 3º andar, Umarizal, Belém - PA, CEP: 66060-902. E-mail: darlansmg@hotmail.com

[4] Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura Universidade da Amazônia do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA - PPGCLC). Av. Alcindo Cacela, 287, Bloco E, 3º andar, Umarizal, Belém - PA, CEP: 66060-902. E-mail: gisele.santoscorrea@gmail.com

públicas inclusivas para promover um desenvolvimento sustentável e justo, reconhecendo o valor das culturas indígenas e garantindo seus direitos.

Palavras-chave: Silenciamento; povos nativos; Amazônia; desenvolvimento urbano.

Abstract: This article addresses the ongoing silencing of the native peoples of the Amazon, a process that began with the arrival of the first Europeans and intensified with the construction of the Trans-Amazonian Highway. This silencing favored the hegemony of Brazilian culture to the detriment of native customs and values. The research uses bibliographical analyses to discuss the cultural and geographical impacts of urban and technological development in the region. Verón's (2019) semioanthropological perspective is employed to examine how signs and symbols represent indigenous peoples and construct social identities loaded with ideological meanings. The analysis of discourses on the Amazon reveals stereotypes that perpetuate the vision of an untouched nature and indigenous peoples as obstacles to progress. Since colonization, the media has idealized the Amazon, ignoring the participation of local inhabitants. National integration policies, especially during the military regime, altered the region's demographics and cultural landscape, promoting a religious ideology that devalued native cultures. Urban development has led to the loss of traditional lands, forced displacement and disintegration of indigenous communities, and environmental degradation. Recently, advances in public policies have sought to recognize and value indigenous cultures, while resistance movements have sought to promote self-determination and strengthen cultural identity. The article concludes by highlighting the need for intercultural education and inclusive public policies to promote sustainable and fair development, recognizing the value of indigenous cultures and guaranteeing their rights.

Keywords: Silencing; native peoples; Amazon; urban development.

Resumen: Este artículo aborda el continuo silenciamiento de los pueblos originarios de la Amazonía, proceso que comenzó con la llegada de los primeros europeos y se intensificó con la construcción de la Transamazónica. Este silenciamiento favoreció la hegemonía de la cultura brasileña en detrimento de las costumbres y valores nativos. La investigación utiliza análisis bibliográficos para discutir los impactos culturales y geográficos del desarrollo urbano y tecnológico en la región. Se utiliza la perspectiva semiantropológica de Verón (2019) para examinar cómo los signos y símbolos representan a los pueblos indígenas y construyen identidades sociales cargadas de significados ideológicos. El análisis de los discursos sobre la Amazonia revela estereotipos que perpetúan la visión de una naturaleza intacta y de los pueblos indígenas como obstáculos al progreso. Desde la colonización, los medios de comunicación han idealizado la Amazonía, ignorando la participación de los habitantes locales. Las políticas de integración nacional, especialmente durante el régimen militar, alteraron el panorama demográfico y cultural de la región, promoviendo una ideología religiosa que devaluó las culturas nativas. El desarrollo urbano ha traído la pérdida de tierras tradicionales, desplazamientos forzados y desintegración de comunidades indígenas, además de la degradación ambiental. Recientemente, los avances en las políticas públicas apuntan a reconocer y valorar las culturas indígenas, mientras que los movimientos de resistencia buscan promover la autodeterminación y

fortalecer la identidad cultural. El artículo concluye resaltando la necesidad de educación intercultural y políticas públicas inclusivas para promover un desarrollo sostenible y justo, reconociendo el valor de las culturas indígenas y garantizando sus derechos.

Palabras clave: Silenciamiento; pueblos originarios; Amazonas; desarrollo Urbano.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata do silenciamento dos povos nativos da Amazônia como um fenômeno contínuo desde a chegada dos primeiros europeus. Revivido com a construção da estrada Transamazônica, esse processo anulou costumes, valores e culturas nativas em favor de uma cultura dominante. O artigo enfatiza os impactos atuais desse silenciamento, exacerbados pelo desenvolvimento urbano e a globalização. A pesquisa foi desenvolvida por meio de análises bibliográficas sobre a cultura dos povos amazônidas e os impactos culturais e geográficos do desenvolvimento urbano e tecnológico na região.

A perspectiva semioantropológica de Verón (2019) nos permite analisar como os signos e símbolos utilizados para representar os povos indígenas são carregados de significados ideológicos e contribuem para a construção de identidades sociais. Tal observação acerca da Amazônia revela a presença de estereótipos e representações que reforçam a ideia de uma natureza intocada e de povos indígenas como obstáculos ao desenvolvimento.

Desde a chegada dos europeus, a imagem do indígena amazônico tem sido distorcida e prejudicada por preconceitos. Ugarte (2009) destaca que os cronistas europeus relataram a figura dos nativos de forma pejorativa. Durante a colonização, o silenciamento continuou com a construção da Transamazônica, ignorando a presença dos povos nativos.

Silva (2023) observa que a mídia idealiza a Amazônia como intocada, ignorando a participação dos habitantes locais. Logo, reforça uma perspectiva estereotipada, não levando em consideração as múltiplas interações entre os povos amazônicos. A partir de tal visão da mídia, contribui-se para a invisibilidade de tais comunidades e desafios enfrentados por tais.

Logo, conforme Chaves (2016) versa que a Amazônia deve ser vista como uma totalidade complexa, envolvendo dimensões naturais, políticas e socioculturais. A compreensão da Amazônia como uma unidade complexa exige um reconhecimento das inter-relações entre os diversos fatores que moldam a vida na região, incluindo a interação entre os seres humanos e o meio ambiente, as dinâmicas políticas que afetam a governança local, e as ricas tradições culturais que permeiam a vida cotidiana das comunidades

2. IMPACTOS DO DESENVOLVIMENTO URBANO NA CULTURA AMAZÔNICA: HISTÓRICO DE DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento urbano na Amazônia tem suas raízes nas políticas de integração nacional promovidas durante o regime militar brasileiro, com a construção da Transamazônica sendo um dos projetos mais emblemáticos. A promessa de progresso e modernidade atraiu migrantes de diversas partes do Brasil, alterando significativamente a demografia e a paisagem cultural da região.

Da mesma forma que ocorria anteriormente, a imposição de uma ideologia religiosa foi feita, se antes os indígenas precisam ser catequizados para se tornarem pessoas, agora os nativos precisam seguir a fé cristã para se tornarem pessoas de bem para lutarem pelo desenvolvimento e progresso da região. Os discursos de que o progresso enfim chegara à região eram fomentados nos documentários transmitidos pelo Governo Federal. Um Documentário da Agência Nacional e especial o de nº 14, de 1971 citado por Nequete, 2021, que afirmava que a terra outrora povoada pelos sacis, Iaras e cobras grandes seria substituída por uma nova magia, a do desenvolvimento. Outro ponto do documentário reafirma o que foi dito, além disso, afirma a presença de Deus no coração da referida região reafirmando uma nova forma de catequização dos habitantes daquela região.

> A imensidão amazônica induz o homem a pensar no seu grande destino, a estrada que leva ao céu deve ser uma imensa e vasta transamazônica rasgada por Deus no coração dos homens que sabem sacrificar-se pelo progresso da humanidade. Deus está no coração da Amazônia. Amazônia, ontem, página de folclore, hoje, rumo e destinação dos brasileiros que dissipam a assombração do inferno verde com a disciplina do trabalho e preparam o amanhã com a

> fecunda semente da educação. (Documentário Agência Nacional, nº14, 1971).

Uma grande semelhança entre os documentários apresentados pelo governo com os relatos feitos pelos primeiros europeus que por aqui passaram era que em ambos a floresta amazônica era caracterizada como despovoada, ou seja, uma região que, mesmo habitada por nativos, não era apresentada como tal. Na atualidade esse pensamento ainda permeia nosso pensamento sobre a nossa percepção de estar inserido dentro do bioma amazônico é proveniente dos meios de comunicação, pois apresentam a Amazônia como uma grandiosa mata intocável e distante da realidade dessas pessoas, podemos constatar isso com o excerto abaixo:

> Desse modo, idealizavam uma natureza paradisíaca e intocada, mencionando a fauna e flora de outros lugares, e anulando a participação e vivência do homem amazônida, tornando-o invisível diante da sua vivência na região. Segundo os autores, a mídia coopera para propagação de informações que se afastam da realidade amazônica, pois abonam ênfase, para exuberância dos aspectos naturais que a região dispõe, porquanto não é resumida apenas à floresta e à biodiversidade. (SILVA, 2023, pag. 03)

Para Silva, 2023, algumas pessoas idealizam a Amazônia, vendo-a como uma natureza intocada e paradisíaca. Ao fazer isso, eles mencionam a fauna e a flora de diferentes lugares e ignoram ou tornam invisível a participação e a vivência dos habitantes locais da Amazônia Dessa forma, os habitantes locais acabam se tornando invisíveis em relação à sua própria vida, como seus hábitos alimentares, sua língua, seus rituais religiosos dentre outros.

A chegada de migrantes e a expansão urbana resultaram na perda de terras tradicionais, deslocamento forçado e desintegração de comunidades indígenas. A imposição de uma cultura dominante levou à marginalização das práticas culturais e conhecimentos tradicionais dos povos nativos. A urbanização desordenada e a exploração dos recursos naturais causaram degradação ambiental, afetando os modos de vida tradicionais. A mineração, desmatamento e construção de infraestruturas têm impactos diretos sobre a biodiversidade e a sustentabilidade das comunidades locais.

A mídia tem um papel crucial na construção de narrativas sobre a Amazônia. Muitas vezes, a região é retratada de forma estereotipada ou romantizada, ignorando

a complexidade e a riqueza cultural dos povos nativos. Essa representação distorcida contribui para a invisibilidade cultural e o silenciamento das vozes indígenas.

O sistema educacional brasileiro, especialmente nas regiões urbanas da Amazônia, frequentemente negligencia a história e cultura dos povos indígenas. O currículo escolar raramente inclui conteúdos que valorizem as contribuições culturais e os conhecimentos tradicionais dessas comunidades.

Houve avanços em políticas públicas destinadas a reconhecer e valorizar as culturas indígenas. Iniciativas como a implementação de escolas indígenas bilíngues e programas de proteção de terras tradicionais são passos importantes para reverter a invisibilidade cultural. As comunidades indígenas têm se organizado para reivindicar seus direitos e preservar suas culturas. Movimentos de resistência, liderados por organizações indígenas, buscam promover a autodeterminação e fortalecer a identidade cultural.

3. A TRANSAMAZÔNICA E SEUS IMPACTOS

A midiatização, conceituada por Hjarvard (2012), é um processo fundamental para entender a construção das identidades e a produção de significados na sociedade contemporânea. Na Amazônia, a mídia desempenha um papel crucial na construção de narrativas sobre os povos indígenas, muitas vezes estereotipadas e reducionistas. A representação midiática dos indígenas como "nobres selvagens" ou "bárbaros" contribui para a invisibilização de suas lutas e a justificação de políticas de exclusão.

A construção da Transamazônica nos anos 1970 teve como objetivo integrar a região amazônica ao restante do país. No entanto, o projeto desconsiderou a presença e os direitos das populações indígenas, resultando em conflitos e desastres ambientais. A Transamazônica trouxe profundas mudanças para as comunidades indígenas, incluindo deslocamento forçado e destruição de territórios sagrados. Além disso, a estrada facilitou a entrada de madeireiros e mineradores ilegais, intensificando os conflitos e a degradação ambiental.

A construção de grandes hidrelétricas na Amazônia, como a de Belo Monte, exemplifica os impactos do desenvolvimento sobre os povos indígenas. O alagamento

de vastas áreas de floresta e a reconfiguração dos rios alteraram drasticamente os modos de vida tradicionais, afetando a pesca, a agricultura e a espiritualidade dessas comunidades. Além disso, a construção dessas obras frequentemente envolve o deslocamento forçado de populações indígenas, intensificando os conflitos por terra e recursos naturais.

A expansão da mineração na Amazônia, especialmente a mineração de ouro, tem gerado graves impactos socioambientais para os povos indígenas. O uso de mercúrio na extração de ouro contamina os rios e os alimentos, causando graves problemas de saúde. Além disso, a invasão de terras indígenas por garimpeiros têm levado à violência, à destruição de roças e à perda de territórios ancestrais.

A região amazônica, com sua notável biodiversidade e vastas extensões de floresta tropical, desempenha um papel fundamental na manutenção do equilíbrio ecológico global. Ao longo do tempo, tem sido alvo de projetos variados, abrangendo desde a exploração de seus recursos naturais até iniciativas específicas à conservação de recursos ambientais, ao desenvolvimento sustentável e à proteção dos direitos indígenas.

Neste contexto, destaca-se o controverso projeto da mineradora Belo Sun, programado para ser implantado no Senador José Porfírio, com a concessão de licença prévia em 2014. Especialistas, entretanto, expressam preocupações quanto aos potenciais danos irreparáveis ao meio ambiente e impactos negativos a comunidades indígenas na região do Xingu.

Segundo informações oficiais divulgadas pela Belo Sun, os estudos que respaldam as previsões do projeto foram finalizados em 2015, obtendo a licença de instalação para o projeto mineral da Volta Grande em fevereiro de 2017. No site oficial, a empresa alega que conta com uma vasta reserva mineral, apresentando um enorme potencial de crescimento.

Ao que se observa, no Brasil, o plano governamental, possui com uma lógica os grandes projetos como válvulas de desenvolvimento regional, devendo, de certo modo, funcionarem como elementos desencadeadores de inovações de atitudes que promovam o desenvolvimento dos lugares (Vainer e Araújo, 1992). No entanto, acabam invisibilizando as populações que serão afetadas.

Conforme Chaves (2018) há também incertezas relacionadas ao projeto de extração de ouro da Belo Sun, especialmente no que diz respeito aos efeitos

sinérgicos entre os dois empreendimentos. Além das questões sobre quem será afetado, quais serão os direitos das famílias envolvidas, e quem terá direito ao processo de realocação, entre outras dúvidas.

A mídia também contribui para a propagação dessa visão distorcida da Amazônia, como supracitada, ela tende a enfatizar demais os aspectos naturais e exuberantes da região, como a floresta e a biodiversidade, e acaba não mostrando que a Amazônia é muito mais do que isso, que ela não é apenas floresta e biodiversidade, há também uma rica diversidade cultural e humana.

Esta desvalorização da vida cotidiana e cultural da região se manifesta também nas instituições escolares. Nos currículos escolares, as culturas de outras regiões ou países são frequentemente destacadas mais do que a cultura local. Isso faz com que a cultura regional seja secundária, ou seja, colocada em segundo plano. Uma das consequências desse fato é que as identidades culturais dos grupos sociais da região acabam passando por um processo intenso de descaracterização e negação. Isso significa que os elementos culturais que definem esses grupos são enfraquecidos ou ignorados, e as pessoas podem começar a perder o senso de identidade cultural ou a valorizar mais o que vem de fora do que seu próprio estilo de vida, podendo levar à perda de sua identidade. Infelizmente, a tecnologia e as mídias, dentro deste mundo capitalista, levam as pessoas a “desejar” produtos ou estilos de vida diferente da que elas vivem. Amoras, 2006, destaca esta circunstância quando afirma que:

> [...] a desvalorização cotidiana da cultura regional, manifesta-se também nas instituições escolares através de seus currículos, que destacam outras culturas, secundarizando a própria cultura regional. Uma das consequências desse fato que estamos a destacar é que as identidades culturais de grupos sociais da região passam por um intenso processo de descaracterização e negação [...] (ROCHA; AMORAS, 2006, p. 146)

Acredita-se que a Amazônia não deve ser visualizada apenas sob uma perspectiva limitada, seja física, natural ou humana. Esta visualização deve ser compreendida através das relações sociais estabelecidas dos seres humanos, tanto entre si quanto com a natureza. Isso significa que esta interação dos seres humanos com o meio ambiente e entre eles próprios é fundamental para entender a complexidade da Amazônia. Desta forma, essa abordagem permite uma percepção mais holística, permitindo a interdependência entre o ambiente natural e as dinâmicas

sociais e culturais que moldam e são moldadas pela Amazônia. Como diz Chaves, 2016:

> Assim, a Amazônia não pode ser vista, somente, como ambiente físico, natural ou humano, pois se constitui em uma totalidade complexa que envolve as dimensões naturais, política, ideológica e sociocultural, sob o estabelecimento de relações sociais dos homens, entre si, e com a natureza. (LIRA; CHAVES, 2016, p. 67).

Ao abordar esta temática, faz-se necessário destacar a ausência ou a insuficiência de políticas públicas voltadas para a afirmação e valorização das culturas de cada região, povos ou etnias**.** Historicamente, as políticas públicas no Brasil têm sido desenhadas de maneira a privilegiar certos grupos sociais, geralmente aqueles que detêm maior poder econômico e político. Como resultado, populações marginalizadas como indígenas, negros e caboclos frequentemente não são contempladas de forma adequada. Essa exclusão pode ocorrer por vários motivos, incluindo preconceitos históricos e falta de representatividade nos processos de tomada de decisão. As comunidades indígenas, negras e caboclas frequentemente enfrentam estereótipos negativos que se perpetuam através de gerações.

Os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas representam um acúmulo de saberes sobre a natureza, a saúde, a agricultura e a organização social. A valorização desses saberes é fundamental para a construção de um futuro mais sustentável e equitativo. No entanto, esses conhecimentos têm sido sistematicamente desvalorizados e negligenciados pelas instituições dominantes. A educação intercultural pode contribuir para a valorização desses saberes e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Como consequência dessa invisibilidade, tem-se, além da perda de identidade cultural, como já mencionada, a desigualdade socioeconômica, a desapropriação de terras, tema este muito destacado pela mídia e o reforço de preconceitos. Acrescenta-se a estas consequências no que se refere a desapropriação de terras, um aumento significativo na destruição da floresta e de sua biodiversidade. Esta invisibilidade é alentada também, por narrativas que subestimam a importância e a contribuição dessas comunidades para a sociedade e a cultura brasileira. Loureiro, 2002, já destacava essas implicações, como se observa no texto abaixo,

> Como consequência deste e de outros pressupostos e preconceitos do gênero, índios, negros e caboclos se tornaram "invisíveis" no conjunto das políticas públicas(...). Por fim, os índios e caboclos, depois de perdidas a identidade e o modo de vida tradicional, acabam eles próprios a vender suas terras e suas matas, reforçando o preconceito já estabelecido contra eles. (LOUREIRO, 2002, p.109)

Convém destacar que nos últimos anos, têm sido feitos esforços para reverter essa invisibilidade por meio de políticas de ação afirmativa e programas específicos voltados para essas comunidades. Como exemplo, pode-se citar a educação através de programas de inclusão nas universidades, como as cotas para estudantes negros e indígenas, isso têm aumentado a participação dessas populações no ensino superior. Há também um grande esforço que se observa atualmente na demarcação de terras**.** Esta demarcação e a proteção legal das terras indígenas são medidas essenciais para garantir a sobrevivência física e cultural dessas comunidades. Cabe destacar aqui o papel que o governo tem para garantir essa demarcação, faz-se necessário assegurar os direitos territoriais destes povos, protegendo suas terras contra invasões e exploração ilegal. Além disso, o governo tem a responsabilidade de promover o diálogo e a parceria com as comunidades indígenas, respeitando sua autonomia e tradições.

O fortalecimento cultural é uma outra ação afirmativa em que, através de iniciativas que promovem a valorização das culturas indígenas, negras e caboclas auxiliam na preservação e revitalização dessas identidades culturais. Como se percebe, existem esforços e avanços, porém, muitos desafios ainda persistem. A abordagem destas questões exige um compromisso sério com a justiça social e o reconhecimento dos direitos históricos e culturais dessas populações. Políticas inclusivas e participativas, bem como a educação e conscientização pública, são essenciais para combater a invisibilidade e promover uma sociedade mais equitativa. Trata-se de um processo contínuo que exige a colaboração de todos os setores da sociedade.

Apesar de todo esse apagamento ou tentativa de apagamento ocorrido através dos séculos de história do Brasil acerca do modo de vida dessas identidades culturais, religiosas, sociais, dentre outros aspectos, existe também um forte movimento de resistência e resiliência dessas comunidades. Organizações não-governamentais, movimentos sociais e as próprias comunidades têm trabalhado para promover direitos, preservação cultural e melhores condições de vida. Destaca-se que as

populações da Amazônia, possuem um vasto e valioso capital de conhecimentos acumulados ao longo de gerações. Estes saberes abrangem diversas áreas, como medicina tradicional, manejo sustentável dos recursos naturais, agricultura, pesca, cultura, espiritualidade e organização social. Como afirma Porto, 2010,

> [...] as populações dessas diferentes Amazônias têm um capital de conhecimentos, não ser demarcado e isolado de seus países, seja como um museu, seja como uma reserva de natureza ou de cultura. [...] que essas populações são portadoras de um acervo de conhecimento que é o trunfo para o diálogo com o mundo e deve ser a base de qualquer proposta de desenvolvimento [...] oferecendo-lhes condições de fazer melhor o que já sabem, além de buscar novos caminhos a partir da experiência acumulada. (Porto-Gonçalves, 2010, p. 10)

Para o autor é fundamental que essas populações não sejam "museificadas", ou seja, não sejam tratadas como peças de museu isoladas da modernidade e de seus países, elas precisam ser vistas como comunidades vivas, dinâmicas e que têm o direito de se desenvolver economicamente e socialmente sem perder sua identidade. Reconhecer e valorizar esses conhecimentos é essencial para o desenvolvimento sustentável e para a preservação cultural e ambiental da região. Sabe-se que os desafios são grandes e tem todo um caminho a percorrer. Faz-se necessário, além da implementação de políticas públicas, o reconhecimento legal do conhecimento desses povos, assim como a inclusão das populações tradicionais nos processos de formulação de políticas públicas além da demarcação de terras e a garantia dos direitos territoriais são essenciais para a preservação das culturas e para o uso sustentável dos recursos naturais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O silenciamento ocorrido desde o início do contato com outros povos até a atualidade, é um problema que ainda reflete na autoidentificação do ser como um ser amazônida. Para muitos, o termo sequer existia, ou então se tem uma consciência muito vaga do termo. Um fator que contribuiu para isso foi o da supressão da história local em vantagem da história nacional para que se tivesse a ideia de nação unida, onde uma série de valores, costumes e cultura foram impostas a uma população que já possuía suas crenças, costumes e valores bem definidos.

A invisibilidade social e política das populações indígenas, negras e caboclas é uma questão complexa e multifacetada. Para enfrentar esses desafios, um dos caminhos é buscar desenvolver uma educação intercultural, destacando-se como essencial para que os jovens dessas comunidades valorizem seu patrimônio cultural ao mesmo tempo em que são capacitados para interagir e competir no mundo moderno. É necessário desenvolver políticas que respeitem e integrem os conhecimentos tradicionais e que fortaleçam a autonomia das populações locais além de promover a participação ativa dessas comunidades em projetos de desenvolvimento e conservação. Ao reconhecer e apoiar o papel vital dos conhecimentos tradicionais das populações amazônicas, é possível promover um desenvolvimento que seja ao mesmo tempo sustentável e justo, reconhecendo o valor intrínseco dessas culturas e seu direito de existir e prosperar no mundo moderno.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Maria Janete Cesário. O SILENCIAMENTO DO ÍNDIO NAS NARRATIVAS SOBRE A AMAZÔNIA. Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 6, número 1, edição de julho de 2017. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1106. Acesso em: 03 de dezembro de 2023

Chaves, Kena Azevedo (2018a). Agora o rio vive seco: populações tradicionais, exceção e espoliação em face da instalação de grandes projetos na Volta Grande do Xingu. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, UNESP – Rio Claro cultural. MATRIZES, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v5i2p53-91.
Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/ 82928.
Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/3832
Acesso em: 5 ago. 2024

GONÇALVES, C.W.P - Amazônia, Amazônias. 3. Ed – São Paulo: Contexto, 2010, p. 178

HJARVARD, S. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e LIRA, T. M; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016.

LOUREIRO, V. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. Estudos Avançados 16 (45), 2002.

NEQUETE, Julia Boor. Otimismo e silenciamento: a Transamazônica e a integração nacional através da propaganda oficial da ditadura civil-militar nos documentários da Agência Nacional (1964-1979). Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Brasília-DF | n. 38 | p. 32-49 | jan./jun. 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/37184. Acesso em: 04 de dezembro de 2023.

ORLANDI, Eni P. Terra à Vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo, Cortez; Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

ROCHA, G. O. R.; AMORAS, I. C. R. O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia. Terra Livre, v.1, n. 26, 2006.

SILVA, Úrsula Rodrigues da. LIRA, Jhonata Rodrigo Oliveira. A utilização dos contos amazônicos de Inglês de Souza e suas contribuições para as aulas de Estudos Amazônicos e Geografia. XV ENANPEGE. 2023

UGARTE, Auxiliomar Silva. Sertões de bárbaros. Valer: Manaus, 2009.

VERÓN, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. MATRIZES, *[S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982- 8160.v8i1p13-19.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NOS JORNAIS DE BELÉM DO PARÁ: REPRESENTAÇÃO, CULTURA E DISCURSO[1]

AUTISM SPECTRUM DISORDER IN THE NEWSPAPERS OF BELÉM DO PARÁ: REPRESENTATION, CULTURE AND DISCOURSE

EL TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN LOS PERIÓDICOS DE BELÉM DO PARÁ: REPRESENTACIÓN, CULTURA Y DISCURSO

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira[2]
Luna Carvalho de Lucena[3]

Resumo: O Transtorno de Espectro Autista (TEA) tem uma história complexa e controversa desde sua descrição inicial por Leo Kanner e Hans Asperger na década de 1940. Com o interesse acadêmico pelo autismo crescendo com os estudos da deficiência e o conceito de Neurodiversidade, as questões de representação e identidade de indivíduos no espectro autista tomaram centralidade em pesquisas científicas sobre o assunto, especialmente nas disciplinas de psicologia e sociologia. Por isso, a pesquisa busca analisar como se dá a representação do TEA em portais de notícias de jornais de Belém do Pará, tendo como metodologia a Análise de Conteúdo de Bardin, a partir da coleta de notícias, e a Análise Crítica do Discurso de Fairclough com apoio do arcabouço conceitual do circuito da cultura e das perguntas básicas do jornalismo. Como considerações finais provisórias, observamos variações relevantes nas temáticas associadas ao TEA em 174 notícias, assim como nas maneiras de descrever o TEA e os indivíduos no espectro autista.

Palavras-chave: Transtorno de Espectro Autista; Circuito da Cultura; Representação; Análise Crítica do Discurso; Jornalismo.

Abstract: The Autism Spectrum Disorder (ASD) has a complex and controversial history since its initial description by Leo Kanner and Hans Asperger in the 1940s. With academic interest in autism growing through disability studies and the concept of Neurodiversity, issues of representation and identity of individuals on the autism spectrum have taken centrality in scientific research on the subject, especially in the fields of psychology and sociology. Therefore, the research aims

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho 6 - Amazônia e suas temporalidades: narrativização sociocultural da região como um devir ser do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). *Email:* ivana.professora@gmail.com.

[3] Graduada pelo Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). *E-mail:* luna.lucena2@gmail.com.

to analyze the representation of ASD in the newspapers O Liberal and Diário do Pará, using Bardin's Content Analysis methodology, based on the collection of news articles, and Fairclough's Critical Discourse Analysis with support from the conceptual framework of the circuit of culture. As provisional final considerations, we observed relevant variations in the themes associated with Autism Spectrum Disorder (ASD) in 174 news articles, as well as in the ways of describing ASD and individuals on the autism spectrum.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Culture Circuit; Representation; Critical Discourse Analysis; Journalism.

Resumen: El Trastorno del Espectro Autista (TEA) tiene una historia compleja y controvertida desde su descripción inicial por Leo Kanner y Hans Asperger en la década de 1940. Con el interés académico en el autismo creciendo a través de los estudios de discapacidad y el concepto de Neurodiversidad, las cuestiones de representación e identidad de los individuos en el espectro autista han tomado centralidad en la investigación científica sobre el tema, especialmente en las disciplinas de psicología y sociología. Por ello, la investigación busca analizar la representación del TEA en los periódicos O Liberal y Diário do Pará, utilizando la metodología de Análisis de Contenido de Bardin, basada en la recopilación de noticias, y el Análisis Crítico del Discurso de Fairclough con el apoyo del marco conceptual del circuito de la cultura. Como consideraciones finales provisionales, observamos variaciones relevantes en las temáticas asociadas al Trastorno del Espectro Autista (TEA) en 174 noticias, así como en las formas de describir el TEA y las personas en el espectro autista.

Palavras clave: Trastorno del Espectro Autista; Circuito de la Cultura; Representación; Análisis Crítico del Discurso; Periodismo.

1. INTRODUÇÃO

Tendo uma história complexa de critérios diagnósticos e de representações, o Transtorno de Espectro Autista, ou TEA ainda é considerado um diagnóstico controverso, e o foi desde sua primeira aparição, quando descrito pelos psiquiatras Leo Kanner e Hans Asperger na década de 1940 (Volkmar, Wiesner, 2018; Castela, 2013; Onzi, Gomes, 2015). Já apresentado enquanto diverso a partir destas conceituações, certas características comuns entre as duas seguem sendo traços centrais no diagnóstico de TEA, como dificuldades na comunicação social e padrões de atividade repetitivos, sendo as mudanças diagnósticas parte do quadro que compõe suas representações, além de outras fontes como as mídias e instituições sociais. Desde a concepção do diagnóstico,

novas questões sobre o TEA foram levantadas, ressaltando a necessidade da pesquisa sobre o tema no âmbito das ciências sociais, dentre elas, questões relativas à representação dos indivíduos no espectro autista.

Representar é compartilhar sentido através de um meio, transcrevendo uma ideia em linguagem. A representação, que inclui os processos de espalhamento e transformações desta ideia em uma sociedade, é essencial à compreensão mútua dos seres humanos, criando espaços-comuns na conceituação das coisas, experiências e indivíduos (HALL, 2016).

Quando representamos seres humanos e grupos sociais em específico, no entanto, nos aproximamos de processos tangenciais como, por exemplo, o desenvolvimento de suas identidades, e a regulação de sua conduta, mediando sua capacidade de se expressar, agir no mundo e conquistar espaços sociais. É nesta interseção do "Circuito da Cultura" (Hall, 2016) entre os conceitos de cultura, representação, identidade e formas de produção e consumo de sentidos que encontramos conflitos entre formas normativas e mesmo reducionistas de definir certos grupos sociais em relação a outros, e processos e práticas desses próprios grupos sociais que buscam uma capacidade de se autodefinir, ou fazer parte das construções representativas e discursivas sobre si, e é neste espaço que encontramos nosso problema de pesquisa: como se dá a representação do TEA em portais de notícias de jornais de Belém do Pará?

A pesquisa tem como objetivo central analisar como se dá a representação do TEA em portais de notícias de jornais de Belém do Pará, ambos publicados e sediados na cidade de Belém, e como objetivos específicos: analisar os interdiscursos associados ao TEA nos jornais e definir suas diferenças e similaridades. Estando localizada em um campo interdisciplinar, a pesquisa tem relevância teórica e social devido à atualidade da temática e da importância teórica na compreensão representativa e discursiva do transtorno, que influencia a formação de estigmas e molda a ação social (Hall, 2016).

Para isso, coletamos notícias nos portais on-line dos jornais O Liberal e Diário do Pará que contenham os códigos "TEA", "autismo" ou "autista", com apoio da Análise de Conteúdo, e analisar o discurso presente nas notícias sobre o TEA no que tange a representação de indivíduos autistas e suas experiências,

com apoio da Análise Crítica do Discurso (Fairclough; Melo, 2012) e do Circuito da Cultura (Hall, 2016), assim como dos conceitos de cultura e representação (Hall, 2005; 2016).

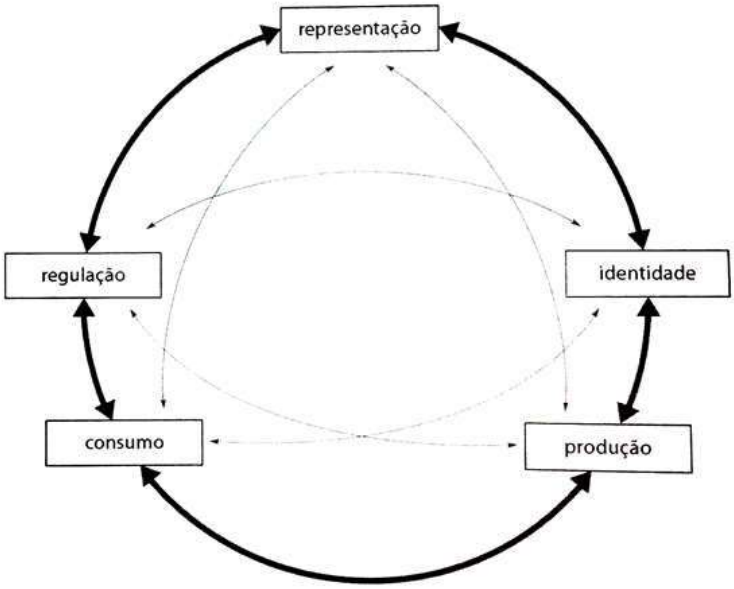
2. POR ONDE CIRCULA A CULTURA: REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E JORNALISMO

A partir do conceito de “circuito da cultura” de Hall (2016), o estabelecimento de uma cultura prevê um "compartilhamento de significados", uma troca de sentidos que media interpretações e expressões comuns ao grupo, compartilhadas desde a construção da linguagem em si. Para o autor, as sociedades e grupos sociais formam e transformam o significado na ação linguística e comunicacional: “a questão do sentido relaciona-se a todos os diferentes momentos ou práticas em nosso ‘circuito cultural’ — na construção da identidade e na demarcação das diferenças, na produção e no consumo, bem como na regulação da conduta social” (Hall, 2016, p. 22).

A cultura, adicionalmente, construída a partir dos sentidos compartilhados, também solidifica crenças, valores, sentimentos, emoções e um senso de pertencimento (Hall, 2005). No entanto, com a solidificação e normatização destes sentidos, a fim de se estabelecer uma inteligibilidade mútua dentro de uma sociedade, resulta-se em concepções específicas de mundo, as “representações”.

Neste artigo, buscamos analisar o objeto de estudo a partir destas construções compartilhadas de significado, as representações. Para isto, analisamos o discurso dentro dos “eixos” que compõem o circuito da cultura, que são aspectos por onde a construção de significado - e consumo destes significados - passeiam, de forma inseparável e constante: “representação”, “identidade”, “produção”, “consumo” e “regulação” (Figura 1).

Figura 1 - O Circuito da Cultura



Fonte: Hall (2016).

O conceito de “representação”, desde que foi concebido por Durkheim dentro de um contexto sociológico (Oliveira, 2012), presume a existência de uma coletividade na produção de sentido. As construções de significado, como mencionado anteriormente, formam “sistemas simbólicos”, mapas de sentidos diversos que estruturam o entendimento das coisas. Dentro da conceituação de Hall (2016), estes processos são naturais da linguagem para a compreensão mútua: “nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos - as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que dela criamos [...], os valores que nela embutimos” (Hall, 2016, p. 21).

No entanto, o autor reconhece que este processo tem como resultado, frequentemente, formações redutivas daquilo que buscam representar - como através de arquétipos e estereótipos de grupos sociais, por exemplo. Hall (2005) adiciona que o processo de representação está associado por um processo discursivo que naturaliza certas crenças e valores, ou seja, invisibilizam seu caráter construído e reforçam sua inerência, o que solidifica estas imagens representativas redutivas (ou arquetípicas, estereotipadas) enquanto essenciais ao objeto que se observa materialmente. Em outras palavras, as representações são compreensões do mundo, enquanto os discursos estruturam como

significamos o mundo, mas este processo resulta na simplificação deste mundo e na promoção de uma naturalidade ou inerência desta simplicidade, reforçando valores e crenças.

A identidade, com a introdução destes processos de significação coletivos, se torna dual, entre a concepção do "eu" e do "outro" - do "eu" que sou para mim mesmo, e do "outro" que sou quando inserido na sociedade. Para Hall (2005, p. 11) o sujeito sociológico "é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem", tendo uma identidade múltipla e fragmentada na contemporaneidade, constantemente reconstruída a partir da representação de quem somos, inseridos nos sistemas culturais que nos rodeiam, sendo que a representação está presente em todos os processos do circuito da cultura (Hall, 2005; 2016).

Além disso, a identidade também se posiciona dentro de outra dualidade: do "eu" que faço parte de minha comunidade, e do "outro" que difere daquilo que sou. Hall (2016) explica que o estabelecimento social do que se é depende de processos representativos de diferenciação - ou seja, de estabelecer o que não se é: "As oposições binárias são cruciais para toda classificação porque é preciso estabelecer uma diferença clara entre as coisas a fim de classificá-las" (Hall, 2016, p. 156).

Se estes processos inicialmente auxiliam no reconhecimento de um pertencimento e de uma diversidade, também reduzem sua complexidade, e frequentemente as estabelecem em relações binárias de um pólo dominante, e outro subordinado, assim como dentro de sistemas de desigualdade e exclusão, que posicionam os indivíduos em níveis de superioridade-inferioridade, assim como de inclusão-exclusão (Santos, 1999).

Se tratando dos conceitos de "produção", "consumo" e "regulação", nos propomos a estudar especificamente o jornalismo on-line, tendo suas formas singulares de produção que mediam seu consumo e compartilhamento de sentidos.

De acordo com Costa (2009), desde seu surgimento na Roma da Idade Clássica, e na China Medieval, as características principais do que constitui um "jornal" se mantêm: apresentar notícias recentes de maneira periódica. Podemos

estabelecer, portanto, que sua forma de produção é caracterizada principalmente por sua atualidade e frequência. A compreensão do jornalista e do jornalismo sofreu transformações históricas, retendo ainda este princípio.

Ao contrário da história clássica - contínua e cuidadosamente narrada em sucessão, Peucer (*apud* Costa, 2009) explica que a história, através dos relatos jornalísticos, ganha um caráter expositivo e que preza a rapidez da produção ao detalhamento dos fatos, e afirma que é de responsabilidade do jornalista selecionar os fatos relevantes e censurar notícias tendenciosas, que expunham a vida privada das oligarquias ou que prejudiquem os bons costumes. Peucer, de acordo com Costa (2009, p. 37), lança as bases das perguntas básicas do jornalismo: convencionando as perguntas básicas do jornalismo: “o quê, quem, quando, onde e por quê”.

O jornalista é construído como um imparcial observador dos fatos que, no máximo, podem se ver tendenciosos ou incompletos, o que é atribuído à má conduta ou incapacidade individual, uma representação e discurso bem estabelecidos mesmo séculos depois, com a Revolução Liberal no século XIX reafirmando a impessoalidade jornalística (Silva, 2005). Apesar de estarem presentes várias transformações, principalmente desde a popularização da *World Wide Web* nos anos 1990 com o jornalismo on-line, com um aceleramento na necessidade de atualização tecnológica e social que acompanhou a conexão constante (Pereira; Jorge, 2009), a imagem do jornalista enquanto observador passivo persistiu.

Esta ocultação da voz do jornalista, no entanto, é transpassada por intersubjetividades que, dentro do discurso jornalístico, afirmam-se enquanto objetivas. De acordo com Fairclough (2001; 2012), há uma interdiscursividade presente em todas as formas de comunicação, ou seja, ela é “constitutiva”. Se tratam de várias crenças, valores e emoções que, enquanto “suposições de verdade objetiva”, se materializam desde na escolha das palavras, à escolha dos temas que serão abordados, dos entrevistados, da voz passiva ou ativa, da disposição imagética das notícias etc.

Estes discursos, dentro de sua ação estruturante, enquanto ordenação social das diferenças de construção de sentido na sociedade, geram ordens de

discurso, que normatizam certas noções e crenças na sociedade, influenciando as práticas sociais (Fairclough, 2012), o que está intimamente ligado ao processo de "regulação" do Circuito da Cultura, ou seja, à influência destes discursos normativos na ação social, como forma de controle.

Hall (2005) define o discurso enquanto um sistema de representações, associando proximamente as duas noções, o que interpretamos aqui como o processo de concepção de significados compartilhados por meio de imagens e linguagem (representação), e o processo de sistematização e estruturação destas representações no ato comunicacional (discurso).

3. METODOLOGIA

Tendo como norte nosso objetivo de pesquisa, que é "analisar como se dá a representação do TEA em portais de notícias de jornais de Belém do Pará", e os objetivos específicos, "analisar os interdiscursos associados ao TEA nos jornais" e "definir suas diferenças e similaridades", selecionamos dois jornais paraenses, tendo como principal critério a sua popularidade, sendo os mais acessados no estado em 2023[4]: "O Liberal" e "Diário do Pará".

O primeiro passo foi se utilizar da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), ou AC. A AC abarca diversos instrumentos metodológicos que podem ser utilizados de maneira variada e interdisciplinar a fim de coletar e organizar uma quantidade elevada de conteúdos, recomendando-se ferramentas específicas dependendo do material pesquisado.

Coletamos notícias nas plataformas online/portais de notícias dos jornais O Liberal e Diário do Pará que continham os códigos "TEA", "autismo" ou "autista". Utilizamos o *plugin* (adição de *software*) de navegador *Web Scraper*[5], compatível com o navegador *Microsoft Edge*, para customizar uma ferramenta de raspagem (extração automática de material disponível on-line) a fim de coletar

[4] SOUZA, Rodrigo. Ranking: 10 sites de notícias mais acessados de Belém. Belém Negócios. Disponível em: https://www.belemnegocios.com/post/ranking-10-sites-de-noticias-mais-acessados-de-belem. Acesso em 20 ago. 2024.
[5] Web Scraper. Disponível em: https://webscraper.io/. Acesso em 21 ago. 2024.

e auxiliar na organização em planilha dos dados coletados, que são, em ordem: “Nome”, “Data”, “Conteúdo” e “Link”. “Nome” se refere ao nome da matéria, “Data” à sua data de veiculação/postagem, “Conteúdo” ao corpo do texto referente à matéria e o “Link” da página onde se encontra a matéria. Depois, as organizamos de acordo com suas seções temáticas, e buscamos palavras e aglomerações de palavras que se repetem com frequência, com apoio da ferramenta disponível on-line *WordCounter*[6].

Após a coleta e organização do material, a próxima etapa foi analisar o discurso presente nas notícias sobre o TEA no que tange a representação de indivíduos autistas e suas experiências, especialmente no que diz respeito à sua capacidade de se representar/auto definir, com apoio da Análise Crítica do Discurso (Fairclough; Melo, 2012), do arcabouço conceitual do Circuito da Cultura (Hall, 2016), que foram selecionados por apresentarem uma compatibilidade no que diz respeito às interações entre as dinâmicas representativas e discursivas, assim como suas relações com a produção, consumo, regulação (ou ordenação) social e na interação entre a representação e a identidade, como ambas se constroem na enunciação do discurso jornalístico.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma teoria ou perspectiva teórica sobre os discursos através da análise da língua, dialogando com diversos métodos e teorias a fim de se analisar os conteúdos discursivos e ideológicos na vida social. O modelo analítico de Fairclough (2001; 2012), chamado modelo tridimensional, compreende as práticas discursivas, textuais e sociais. Enquanto a análise textual inclui o vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, a análise discursivas lida com as atividades cognitivas que contextualizam o texto (relativa à produção e consumo), assim como em sua intertextualidade. Por fim, a análise social se trata dos aspectos ideológicos do discurso (relativa à regulação).

Sendo relevantes tanto as associações temáticas que são produzidas ao redor da temática do TEA, quanto como ele é definido, quanto como o indivíduo

[6] Word Counter. Disponível em: https://wordcounter.net/. Acesso em 28 ago. 2024.

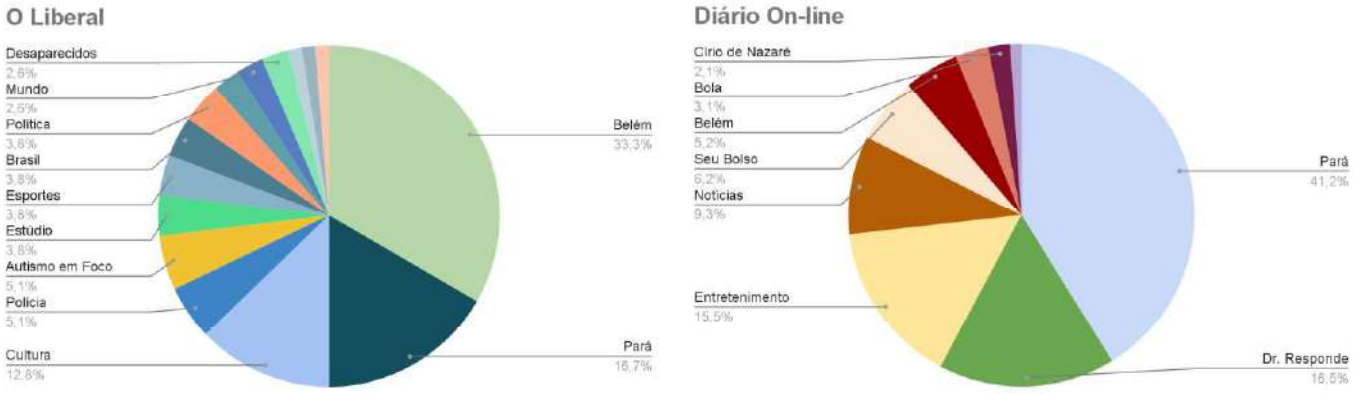
no espectro autista é representado - em especial como é nomeado e descrito, quanto qual a localidade na qual a notícia ocorre, são respostas para as perguntas básicas do jornalismo: “o quê, quem, quando, onde e por quê”, estando intimamente ligadas às ordens discursivas produzidas no jornalismo. Por isso, nos guiaremos por elas para realizar a análise discursiva.

4. ANÁLISE

4.1 Resultados da Análise de Conteúdo

Tendo um total de 174 notícias entre julho de 2023 e julho de 2024 que mencionam os termos “autismo”, “TEA” ou “autista”, os portais de notícias “O Liberal” e “Diário On-line” (do jornal Diário do Pará) publicaram conteúdos relativamente diversos sobre o tema. As 77 notícias de “O Liberal” representaram 44,25% do total e foram divididas em 15 seções temáticas (Figura 2), enquanto as 97 notícias do “Diário On-line” (DOL) representaram 55,74% do total e foram divididas em 9 seções temáticas (Figura 3), sendo as respectivas categorias “Belém” e “Pará” as mais populares de cada portal.

Figuras 2 e 3 - Seções temáticas



Fonte: Elaboração própria (2024).

Os resultados da análise das seções temáticas auxiliaram na análise dos subcapítulos “O quê” (o que é o TEA), sendo relevantes para encontrar as associações conceituais - representativas e discursivas - ao redor do TEA, assim como o “Onde” (onde se passa a notícia) e o “Por quê” (o que motiva a discussão do tema).

Além disso, o mapeamento de palavras e conjuntos de palavras que se repetem com mais frequência nas notícias auxiliou na análise dos subcapítulos “O quê” - definindo como o TEA é apresentado, “Quem” - como o indivíduo no espectro autista é descrito e “Por quê” - junto ao apanhado das seções temáticas, pôde revelar aspectos da justificativa implícita ou explícita para a discussão da temática. Devido à grande quantidade de palavras e conjuntos de palavras encontrados (foram incluídos os 50 mais frequentes na análise de cada portal, contando apenas substantivos e verbos), incluímos apenas as seis mais frequentes (Quadro 1).

Quadro 1 - Palavras e conjuntos de palavras mais frequentes

O Liberal				Diário On-line			
Autismo	389	Pessoas autismo	191	Pessoas	270	Espectro autista	95
Pessoas	300	Espectro autista	132	Autismo	267	Transtorno espectro	91
Autista	206	Transtorno espectro	123	TEA	171	Pessoa(s) deficiência	79
TEA	189	Pessoa deficiência	70	Saúde	151	Pessoa(s) autismo	72
Anos	155	Autista TEA	65	Nazaré	144	Guarda Nazaré	68
Espectro	147	Pessoa transtorno	61	Autista	142	Pessoa(s) TEA	58
Transtorno	138	Autismo Belém	51	Anos	141	Círio Nazaré	42

Fonte: Elaboração própria (2024).

Por último, todas as postagens foram categorizadas por mês de publicação, para avaliarmos o “Quando” - não apenas referente à data, mas aos eventos, datas comemorativas, dentre outros contextos cronológicos nos quais as notícias foram veiculadas, também adentrando a análise do subcapítulo “Por quê”.

Foi observado que, em ambos os portais de notícias, a maior quantidade de publicações aconteceram no mês de abril, quando ocorre o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, no dia 2. No entanto, os outros meses apresentaram variações não-lineares (Quadro 2).

Quadro 2 - Notícias publicadas por mês

Meses	O Liberal	Diário On-line
Janeiro	4	2
Fevereiro	2	4
Março	4	5
Abril	21	21
Maio	6	10
Junho	10	8
Julho	10	13
Agosto	4	13
Setembro	7	9
Outubro	7	3
Novembro	1	4
Dezembro	1	5

Fonte: Elaboração própria (2024).

Os resultados da Análise de Conteúdo foram analisados nos próximos subcapítulos, em conjunto com a análise crítica do discurso (Fairclough; Melo, 2012), no entanto, o conteúdo em si das matérias e das interfaces dos portais também foi levado em conta, podendo confirmar, detalhar ou contradizer estas primeiras observações.

4.2 “O quê”

Neste subcapítulo, temos como objetivo debater a pergunta: “O que é o TEA, de acordo com a representação nos portais on-line?” A primeira observação relevante está nas palavras utilizadas para descrever o TEA, que fizeram parte da coleta das palavras mais frequentes, o que demonstrou uma necessidade de se analisar também as interfaces dos portais on-line para contextualizar sua utilização.

Dentre as palavras coletadas, “Autismo” foi o substantivo mais frequente em “O Liberal”, e o segundo mais frequente em “Diário On-line”, enquanto “TEA” foi, respectivamente, o quarto, e terceiro mais frequente, sendo os dois termos mais utilizados por ambos os jornais para definir o diagnóstico em si (outros incluem “transtorno”, “Transtorno de Espectro Autista”, “deficiência”, entre outros).

Nos campos da psiquiatria e psicologia, o termo “Autismo” se tornou desatualizado quando foi substituído por Transtorno de Espectro Autista (TEA) no último Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V, 2013), produzido pela Associação Americana de Psiquiatria, e uma referência internacional. Desde sua publicação, o TEA é entendido como um espectro de variados sintomas e formas de apresentação dos mesmos, buscando representar e nomear a diversidade que é característica da condição e evitando reforçar arquétipos do senso comum, como, por exemplo, a caracterização do TEA enquanto um transtorno masculinizado, fruto de sua construção histórica que excluiu ou subrepresentou indivíduos do gênero feminino (Frazier *et al.*, 2014; Bargiela; Steward; Mandy, 2016). Por isso, caracterizar-se a condição de uma forma ou de outra aproxima interdiscursos e representações específicas deste ou daquele termo.

Sendo a definição mais frequente, a palavra “Autismo” foi não apenas utilizada mais vezes nas notícias nas quais ambos os termos estavam presentes, mas foi utilizada em mais notícias (por número de notícias vs número de palavras), além de ter sido utilizada mais vezes de maneira exclusiva. Para reforçar seu uso, há uma seção temática específica para notícias sobre o TEA em “O Liberal”, chamada “Autismo em foco”, e uma coluna escrita pela advogada, professora e gestora do Grupo Mundo Azul, Flávia Marçal, com o nome "Autismo".

Sua preferência pode estar associada à sua popularidade no vocabulário informal, resultando em um maior reconhecimento e alcance nos arcabouços pessoais dos leitores dos portais. Por outro lado, o interesse acadêmico pelo conceito de “Autismo” dentro de uma proposta social e identitária cresceu com a introdução dos estudos da deficiência nas décadas de 1970 e 80, e da introdução

do conceito de “Neurodiversidade” nos anos 1990 pela socióloga e antropóloga no espectro autista Judy Singer (Franco, 2013; Singer, 2019), uma compreensão da diversidade neurológica/cognitiva enquanto natural ao ser humano e que deve ser respeitada e mantida, inspirando uma nova construção representativa do termo “autismo” enquanto uma identidade a ser abraçada, uma autodeclaração ao invés de imposição externa (Ortega, 2009).

A representação do TEA, portanto, nos portais de notícias on-line, é transpassada por discursos biomédicos do TEA enquanto diagnóstico e discursos pessoais e intimistas que apresentam um “autismo” que é condição de vida/experiência do indivíduo ou sua família. No entanto, é notável que esta última representação (condição de vida) é mais comum em “O Liberal”, sendo “autista” o terceiro termo mais frequente (sendo o sexto em “DOL”), e a palavra “autismo” vir acompanhada da preposição “com” 187 vezes (em comparação com 72 vezes em “DOL”). Mesmo com a predominância de notícias de cunho descritivo - como para apresentar uma iniciativa pública, comemoração ou resultados de políticas públicas -, diversas apresentam uma linguagem que atribui este nível maior de pessoalidade, ou mesmo relatos de familiares, profissionais ou indivíduos com a condição, o que foi encontrado em ambos os portais.

A perspectiva social e discursos próximos ao da “neurodiversidade” (encontrada 3 vezes) estiveram presentes através de ênfases na ideia de diversidade (16 vezes) e no combate à discriminação (15 vezes) - proporcionalmente, mais frequentes em “O Liberal”. O discurso ao redor dos termos, neste portal específico, se aproxima mais dos discursos identitários do “autismo” enquanto particularidade e não apenas deficiência:

> Mais do que uma condição, o autismo representa um conjunto de características que influenciam a forma como as pessoas percebem e interagem com o mundo. Longe de ser uma limitação, o TEA também pode ser fonte de diversas habilidades e talentos (O Liberal, 18 jun. 2024)[7].

[7]Dia do Orgulho Autista: conheça 11 famosos diagnosticados com autismo. O Liberal. Disponível em: https://www.oliberal.com/cultura/dia-do-orgulho-autista-conheca-11-famosos-diagnosticados-com-autismo-1.826840. Acesso em 28 ago. 2024.

Este discurso se viu ausente no “DOL” dentro do recorte cronológico. As descrições biomédicas da condição estiveram presentes em ambos, no entanto, mesmo que proporcionalmente similares, esteve destacada mais vezes no “Diário”, sendo que 16 das notícias fazem parte da seção “Dr. Responde”, e a palavra “Saúde” esteve presente 151 vezes, a quarta palavra mais frequente, em comparação com 75 vezes em “O Liberal”, 22ª palavra mais frequente. A presença maior do discurso biomédico no “DOL” (mesmo que, ressaltando, esteja presente em ambos) apresenta uma conexão interdiscursiva comum com a ênfase nas descapacidades, através de uma historicidade por trás do diagnóstico e de suas representações.

De acordo com Diniz, Barbosa e Santos (2009), a finalidade médica, com o crescimento do racionalismo, era a cura, a recuperação do corpo “verdadeiro”, de um paradigma de saúde. Na segunda metade do séc XX, surgiram novos movimentos sociais - como os estudos sociais da deficiência e as lutas antimanicomiais - que propunham um modelo social da deficiência, apontando a inerência da desvantagem ao corpo deficiente e a subsequente estigmatização destes enquanto insuficiências da representação biomédica (Pereira, 2008; Monteiro; Ribeiro, 2018).

Por fim, observamos uma representação do TEA carregada de discursos que o personificam, trazendo as “pessoas” (segunda ou primeira palavra mais frequente) no espectro enquanto ênfase afetiva das notícias. Por outro lado, esta personificação se apresenta de maneira bastante diversa, o que nos leva ao debate de “Quem” está sendo representado.

4.3 “Quem”

Este subcapítulo tem como objetivo o debate ao redor da pergunta “Quem é o indivíduo no espectro autista nas notícias coletadas?”.

4.4 “Onde”

“Onde se passam as notícias, considerando o alcance dos jornais?”

4.5 “Quando”

“Quando se escolhe noticiar sobre o TEA?”

4.2 “Por quê”

“O que motiva a escolha de noticiar sobre o assunto?”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise está em andamento.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

CASTELA, Catarina Andrade. *Representações sociais e atitudes face ao autismo.* Faro, Portugal: Universidade do Algarve, 2013.

COSTA, Caio Túlio. Jornalismo como representação da representação: implicações éticas no campo da produção da informação. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 23, p. 29-41, jun. 2009.

DINIZ, Debora; BARBOSA, Lívia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. *Revista Internacional de Direitos Humanos*, v. 6, p. 64-77, 2009.

DSM-V. *Manual estatístico de transtornos mentais.* American Psychiatric Association, 2013.

DU GAY, Paul. Introduction. *In:* DU GAY, Paul; HALL, Stuart; JANES, Linda; MACKAY, Hugh; NEGUS, Keith. *Doing cultural studies*: the story of the Sony walkman. London: Sage, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman; MELO, Iran. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. *Linha D’Água*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307-329, dez. 2012.

FRANCO, José Luiz de Andrade. O conceito de biodiversidade e a história da biologia da conservação: da preservação da wilderness à conservação da biodiversidade. *História*, São Paulo, v. 32, p. 21-48, 2013.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.* 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HALL, Stuart. *Cultura e representação.* Rio de Janeiro: PUC, 2016.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista na sala de aula. *Revista on-line de Política e Gestão Educacional*, v. 22, n. 2, p. 905-919, 2018.

ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Roberta. *Transtorno do Espectro Autista:* a importância do diagnóstico e reabilitação. In: Revista Caderno Pedagógico, v. 12, n. 3, 2015.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, p. 67-77, 2009.

PEREIRA, Ana Maria Baila Albergaria. *Viagem ao interior da sombra:* deficiência, doença crónica e invisibilidade numa sociedade capacitista. 2008. 256f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Mestrado e Doutoramento "Pós-Colonialismos e Cidadania Global", Faculdade de Economia, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra.

PEREIRA, Fábio Henrique; JORGE, Thaís Mendonça. Jornalismo on-line no brasil: reflexões em direção ao perfil de um profissional multimídia. *In:* IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, 9., 2009, Curitiba.

SANTOS, Boaventura Santos. Reinventar a democracia. *In:* A. Heller (org.). *A crise dos paradigmas em Ciências Sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. p. 33-75.

SILVA, Marconi Oliveira da. Jornalismo e representação do mundo. *Comunicação e Informação*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 19-25, jan./jun. 2005.

SINGER, Judy. *What is neurodiversity?*. 2019. Disponível em: https://neurodiversity2.blogspot.com/p/what.html. Acesso em: 11 nov. 2021.

VOLKMAR, Fred R.; WIESNER, Lisa A. *Autismo:* guia essencial para compreensão e tratamento. Artmed Editora, 2018.

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA
CONFLUÊNCIAS 2024

ST7
AMAZÔNIAS: (DIS)SIMULAÇÕES, (DES)LEITURAS E (DES)ENREDOS ENTRE LITERATURA, IMAGEM E ARTES VISUAIS

Coordenadores:
Prof. Dr. Mariano Klautau.
Prof. Dr. Paulo Nunes.

Resumo: Este ST buscou refletir sobre diferentes modos de representação da Amazônia, em suas pluridimensões geopoéticas, desejando fomentar debates com possibilidades de atualizar o fazer artístico na região, considerando a diversidade dos seus biomas e suas dimensões espaço-temporais como territórios de linguagem.

CAPES
PPGCLC PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA
UNAMA UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA EXCELÊNCIA POR NATUREZA 50 anos

A ALEGORIA DO URUBU EM *CASTANHA DO PARÁ* [1]

THE VULTURE ALLEGORY IN *CASTANHA DO PARÁ*

LA ALEGORÍA DEL BUITRE EN *CASTANHA DO PARÁ*

Ellen Aline da Silva de Sousa[2]
Marina Ramos Neves de Castro[3]

Resumo: Este estudo se propõe a compreender a imagem do urubu em *Castanha do Pará*, com o objetivo de explorar a alegoria do urubu no quadrinho. A narrativa de Gidalti Moura Júnior acompanha o cotidiano de Castanha, um menino com cabeça de urubu que vive nos arredores do Ver-o-Peso, em Belém do Pará. Com base na análise de Walter Benjamin (1984) e Castro (2011), visamos compreender a representação do urubu como uma alegoria, superando a interpretação limitada de sua marginalidade e vulnerabilidade. O procedimento metodológico é dividido em três etapas principais: o primeiro, no qual Castanha utiliza a imaginação para escapar da realidade; o segundo, quando furta os feirantes do Ver-o-Peso; e o terceiro, quando se transfigura na própria ave. Dessa forma, entendemos que a alegoria do urubu é interpretada como uma forma de resistência e autoafirmação do personagem, que busca se afirmar em meio a contextos adversos.

Palavras-chave: Urubu; Quadrinho; Alegoria.

Abstract: This study sets out to understand the image of the vulture in Castanha do Pará, with the aim of exploring the allegory of the vulture in the comic. Gidalti Moura Júnior's narrative follows the daily life of Castanha, a boy with the head of a vulture who lives on the outskirts of Ver-o-Peso, in Belém of Pará. Based on the analysis of Walter Benjamin (1984) and Castro (2011), we aim to understand the representation of the vulture as an allegory, overcoming the limited interpretation of its marginality and vulnerability. The methodological procedure is divided into three main stages: the first, in which Castanha uses his imagination to escape reality; the second, when he steals from the market traders at Ver-o-Peso; and the third, when he transfigures himself into the bird itself. In this way, we understand that the allegory of the vulture is interpreted as a form of

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho AMAZÔNIAS: (DIS)SIMULAÇÕES, (DES)LEITURAS E (DES)ENREDOS ENTRE LITERATURA, IMAGEM E ARTES VISUAIS do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutoranda em Comunicação, Cultura e Amazônia, no PPGCOM/UFPA, integrante do grupo de pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas – SISA. E-mail: ellen.sousa@ilc.ufpa.br e ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7890-8121.

[3] Doutora em Antropologia (UFPA), professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (UFPA). Coordenadora do grupo de pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas – SISA. E-mail: mrndecastro@gmail.com e ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3065-270X.

resistance and self-affirmation for the character, who seeks to assert himself in the midst of adverse contexts.

Keywords: Vulture; Comic; Allegory.

Resumen: Este estudio se propone comprender la imagen del buitre en Castanha do Pará, con el objetivo de explorar la alegoría del buitre en el cómic. La narrativa de Gidalti Moura Júnior sigue el día a día de Castanha, un niño con cabeza de buitre que vive en el barrio de Ver-o-Peso, en Belém do Pará. A partir de los análisis de Walter Benjamin (1984) y Castro (2011), pretendemos entender la representación del buitre como una alegoría, superando la interpretación limitada de su marginalidad y vulnerabilidad. El procedimiento metodológico se divide en tres etapas principales: la primera, en la que Castanha utiliza su imaginación para escapar de la realidad; la segunda, cuando roba a los comerciantes del mercado de Ver-o-Peso; y la tercera, cuando se transfigura en el propio pájaro. De este modo, entendemos que la alegoría del buitre se interpreta como una forma de resistencia y autoafirmación del personaje, que busca afirmarse en medio de contextos adversos.

Palavras clave: Buitre; Cómic; Alegoría.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo explorar a alegoria do urubu no quadrinho *Castanha do Pará* (2018), de Gidalti Moura Júnior. A narrativa, ambientada nos anos 1990, acompanha o cotidiano de Castanha, um menino com cabeça de urubu que vive nos arredores do Ver-o-Peso, em Belém do Pará. A partir da análise proposta por Walter Benjamin (1984), buscamos compreender a imagem do urubu dentro da categoria da alegoria, superando a interpretação limitada à marginalidade e vulnerabilidade. Nesse sentido, a alegoria do urubu é interpretada como uma forma de resistência e autoafirmação do personagem, que busca se afirmar em meio a contextos adversos.

Castanha do Pará é uma história em quadrinhos que teve sua primeira publicação em 2016 custeada por uma campanha no Catarse[4]. No ano de 2018 foi publicada pela Editora Sesi e, em 2023, pela Brasa Editora; além disso, em 2021 teve sua versão em espanhol lançada pela Planeta Cómic (*Nuez de Brasil*);

[4] Plataforma de financiamento coletivo. Disponível em: https://www.catarse.me/castanha. Acesso em: 13 jan. 2024.

já em 2022, foi disponibilizada a sua versão em inglês no Kindle Edition[5] (*Brazil Nut*). Ressalta-se que, em 2017, esse quadrinho foi o primeiro a ganhar o Prêmio Jabuti numa categoria específica para a nona arte, a HQ. Diante desse cenário, percebemos a relevância de *Castanha do Pará* no âmbito nacional, bem como sua projeção em outros países.

O quadrinho em questão foi inspirado no conto *Adolescendo Solar* (2009), de autoria do professor e escritor paraense Luizan Pinheiro[6], obra que foi publicado em 2009, em uma única tiragem pela editora Cromos[7]. O conto retrata um menino chamado Casqueta, de quinze anos, que vive em condição de rua e que também usa como morada a feira do Ver-o-Peso. Diferentemente de outras narrativas, o menino deste conto não possui características animais, como uma cabeça de urubu; suas descrições físicas se limitam à sua magreza, destacando sua condição vulnerável.

Castanha do Pará é a obra de estreia de Gidalti Moura Júnior[8], que, posteriormente, publicou *Brega Story* (2021) e um capítulo, intitulado *Adocica*, no primeiro volume da coleção *Música Popular em Quadrinhos (MPQ)*, em 2023, publicada pela Brasa Editora. A narrativa de *Castanha do Pará* se debruça sobre o cotidiano de Castanha, um menino com fisionomia de urubu, que foge de casa e vai para as ruas do Ver-o-Peso, onde passa a sobreviver de furtos e trabalhos informais, como o de engraxate e vendedor ambulante. A história expõe a trajetória do menino-urubu marcada por diversas formas de violências enquanto tenta sobreviver na capital paraense.

Considerando esse contexto, o presente estudo apresenta-se como uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, que interpreta a alegoria do urubu em três momentos principais na HQ que acontecem na feira do Ver-o-Peso: ao brincar sozinho sob a chuva; quando furta os feirantes; e no final da história, quando Castanha se transforma em urubu por completo. Através do

[5] Leitor de livros digitais da Amazon. Disponível em: https://a.co/d/fRLrFxW. Acesso em: 24 jul. 2024.
[6] Professor Adjunto da Faculdade de Artes Visuais, do Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará (FAV/ICA/UFPA).
[7] Localizada na cidade de Belém/Pa, edita livros em poucas tiragens.
[8] Graduado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Pará, e em Publicidade e Propaganda pela Universidade da Amazônia, também é mestre em Artes pela UFPA.

personagem, procuramos compreender o modo de vida, a forma de sobrevivência e a liberdade do urubu.

O aporte metodológico baseia-se no conceito de alegoria, entendida como um processo de ressignificação, no qual "a coisa se transforma em algo diferente; através dela, o alegorista fala de outra coisa, convertendo-a na chave de um saber oculto" (BENJAMIN, 1984, p. 205-206). A partir dessa perspectiva, propomos compreender a alegoria a partir de um novo sentido, permitindo superar a associação entre o urubu e a marginalidade e, consequentemente, estendendo essa ressignificação ao próprio personagem, o menino-urubu.

2. Referencial teórico-metodológico

A interpretação da alegoria do urubu atravessa o arco do personagem Castanha em três momentos principais: o primeiro, quando usa a imaginação para escapar da realidade; o segundo, quando furta os feirantes do Ver-o-Peso; e, o terceiro, quando se transfigura em urubu. A partir desse procedimento metodológico, procuramos compreender o seu modo de vida, as estratégias de sobrevivência e a liberdade da ave por meio do menino-urubu.

Para isso, entendemos que o conceito de alegoria é entendido “como, verdadeiramente, um procedimento global de leitura, de representação e de interpretação do real – como diz Benjamin, como uma ‘figura do pensamento’.” (CASTRO, 2011, p. 248). Para tornar-se em alegoria, o objeto é ressignificado considerando o processo histórico que construiu a sua significação, “a coisa se transforma em algo de diferente, através da coisa, o alegorista fala de algo diferente, ela se converte na chave de um saber oculto” (BENJAMIN, 1984, p. 205-206). Autor e leitor, portanto, podem conceder um novo sentido ao fenômeno interpretado.

É justamente a partir dessa perspectiva que nos propomos a usar a alegoria, uma vez que, assim, poderemos compreender o percurso do personagem na história em quadrinhos para além dos estigmas que, comumente, são associados ao urubu e à pessoa em situação de rua, elementos que se fundem no personagem Castanha.

A construção de sentido alegórico surge de uma interpretação, visto que "cada relação pode significar qualquer outra" (BENJAMIN, 1984, p. 197). Como é uma construção subjetiva, uma vez que o objeto não possui um significado próprio, ele é recontextualizado pelo autor ou leitor, que lhe atribui um sentido que não é original, mas arbitrário, pois "[...] só dispõe de uma significação, a que lhe é atribuída pelo alegorista" (BENJAMIN, 1984, p. 205). Nesse sentido, a alegoria tende a ser efêmera, já que seu sentido é constantemente renovado (CASTRO, 2011), ou seja, o fenômeno é reinterpretado ao longo do tempo. Desse modo, é possível observar os diferentes sentidos atribuídos à imagem do urubu, o que também permite novos olhares sobre a ave.

3. Concepções sobre o Urubu

A figura do urubu em Belém do Pará é documentada em registros de viagens que datam desde o século XIX, como o do naturalista britânico Alfred Russel Wallace em 1848, que, ao chegar a Belém, logo notou a presença do animal: "Daí a pouco, num céu sem nuvens, surgia o sol, e avistamos, então, cercada de densa floresta, a cidade do Pará [...]. Urubus voavam lá no alto, ou, então, indolentemente, caminhavam na praia" (WALLACE, 2004, p. 36).

A ave também está presente nas obras do italiano Joseph Léon Righini[9], *Panorama do Pará em doze vistas*, de 1867. Nelas, "o urubu aparece sobrevoando o céu, assim compondo uma paisagem urbana junto com os casarões, vegetações e escravos realizando suas tarefas" (ROSÁRIO; CORDOVIL, 2019, p. 659). Durante esse período, o urubu desempenhou um importante papel na manutenção da limpeza, inclusive "desde a década de 50 do século XIX existia legislação no Pará que protegia os urubus" (ROSÁRIO; CORDOVIL, 2019, p. 668). Essa função do animal também é destacada por Dahl (1896), que registrou o urubu junto ao ambiente urbano de Belém:

> O abutre preto, o varredor das ruas do Pará, vive na verdade em numero avultadissimo na cidade. Vê-se, ou descrevendo bellos circulos lá nas alturas, ou sentados nas cumieiras com azas

[9] Foi pintor, desenhista e fotógrafo. Residiu no Maranhão e no Pará por volta de 1856. Disponível em: https://www.cma.ufpa.br/galeriarighini.html. Acesso em: 14 abr. 2024.

> cahidas, ou ocupado nos seus affazeres no meio da rua. Não é arisco, tão pouco, que quasi se deixa tocar. Explica-se isto pelo facto, de ser prohibido com multa alta, matar este rapineiro util dentro da cidade (DAHL, 1896, p. 359).

Há, portanto, nesse período, uma preocupação em manter o animal vivo, tendo em vista a sua importância para a manutenção da cidade, incumbido da função de "varredor" para mantê-la limpa. Porém, foi a partir do século XX que esse animal passou a ser combatido por estar associado à propagação de doenças, o que contribuiu para a estigmatização do urubu.

Há, ainda, na publicação do Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, de 1896, indícios de um olhar particular sobre esta ave em Belém, apresentado pelo então diretor do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, Emílio Goeldi que, em "Observações críticas do tradutor", afirma: "Publiquei recentemente n'um periodico ornithologico da Suissa, detalhada resenha do nosso *Urubú*, talvez a mais completa que sobre este assumpto existe. E' redigida em língua allemã" (GOELDI, 1896, p. 372). A nota chama a atenção pelo modo como se dirige à ave, demonstrando uma proximidade ao se referir como "nosso". Apesar de ter sido escrita durante sua estadia em Belém – de 1894 a 1907; não podemos afirmar que ele estava se referindo somente a Belém ou a todas as cidades da região por onde passou. No entanto, trata-se do urubu, pois se refere a ele em seu bando como "negra junta de hygiene":

> Não ha em todas as cidades um menino, por mais segregado que ande da convivencia com a natureza, que ainda não haja observado aquella negra junta de hygiene, quer nos tectos das casas proximas dos matadouros, onde, encarreirados, ou estão fazendo a digestão, ou de azas meio-abertas apanham ora o calor do sol, ora as gottas brandas da chuva, quer lá fóra a beira mar, á cata de Mariscos, Carangueijos, Peixes podres e quaesquer outras das muitas substancias organicas atiradas pela arrebentação (GOELDI, 1894, p. 41).

Contudo, é importante salientar que os estudiosos referenciados acima, consideram o urubu como um animal urbano, que vive entre as pessoas, fazendo parte do cotidiano da cidade, sem, inicialmente, causar qualquer tipo de repulsa aos transeuntes, como passará a ser visto posteriormente em razão da condição

de ser um animal de rua, que fica à espera das vísceras de peixes descartadas ao ar livre na Pedra do Peixe, localizada no Ver-o-Peso (SILVEIRA; SILVA, 2017), o que pode contribuir para a sua estigmatização, “a pobre e desprezada ave, talvez por vestir-se da negrura do luto fechado [...], seja compreendido como ave maldita” (TUPIASSÚ, 2016, p. 38).

A rejeição à ave, também pode ser atribuída ao fato de não se tratar de um animal doméstico, ou um bicho gracioso que desperte a simpatia, porém, ainda que o urubu esteja associado ao desprezo, “Que Ver-O-Peso será o Ver-O-Peso sem a bulha dos urubus cuja ânsia é unicamente devorar as entranhas malcheirosas e desprezíveis do peixe?” (TUPIASSÚ, 2016, p. 38). Por sua vez, o Ver-o-Peso passa a ser representado como o local onde os urubus ganham destaque como seres urbanos à margem da sociedade, tal como o lixo e as carcaças que lá são depositadas – resultado da feira a céu aberto – que atrai e alimenta os urubus.

Pensamos que a alegoria do urubu no quadrinho pode remeter para além dos estigmas relacionados ao animal em si, processo que também ocorre na música de Dona Onete, *No meio do Pitiú*, que trata o urubu com simpatia e proximidade, evocando explicitamente a malandragem na ave. Portanto, podemos ressignificar sua representação a partir dos papéis que desempenha nas narrativas.

4. Resultados parciais

Em *Castanha do Pará*, as ocorrências de violência doméstica são frequentes, o que contribuiu para que Castanha abandonasse sua casa e permanecesse, predominantemente, no Ver-o-Peso como pessoa em situação de rua. A perda dos pais foi um dos fatores determinantes para essa separação, uma vez que sua mãe fugiu de casa após assassinar o padrasto do menino. O momento em que Castanha recebe essa notícia é importante por representar um rompimento com o vínculo familiar (Imagem 1).

Imagem 1 – "Vai tudo ficar bem!"



Fonte: Moura Junior, 2018, p. 54

A imagem mostra, em uma página completa e em quadros sequenciados, urubus se misturando como em redemoinhos, fazendo referência à revoada de urubus que se mescla com o desespero de Castanha. Essa revoada que, no conhecimento popular, anuncia chuva, mau tempo, relaciona-se com as emoções do personagem que o direcionam para o Ver-o-Peso, no último quadro.

A tempestade tende a causar medo pelas trovoadas, relâmpagos e outros fenômenos consequentes, muito semelhante aos sentimentos conturbados do personagem-título diante da perda recente, enquanto os que presenciam esse momento dizem a ele que vai ficar tudo bem. É como se ali, de fato, se zoomorfizasse em urubu, além de estabelecer o elo com o Ver-o-Peso, local em

que comumente os urubus são vistos e retratados na literatura, nos quadrinhos, em fotografias e em outras expressões artísticas.

Nas imagens seguintes da narrativa, quando Castanha já está no Ver-o-Peso e brinca sob a chuva, há uma contraposição entre a vida adulta e a do menino-urubu, que, apesar de estar em uma condição marginal, pode brincar e escapar das dificuldades enfrentadas. Mesmo que momentaneamente, os problemas se diluem com a água. Enquanto isso, os adultos parecem ocupados com suas tarefas diárias (Imagem 2).

Imagem 2 – "Menino parece que nem sente as dificuldades da vida."



Fonte: Moura Junior, 2018, p. 55

Com o banho de chuva[10], a imaginação de Castanha renasce e o permite escapar da realidade violenta, pois "se os adultos negam aos pequenos seres o reconhecimento social, estes aproveitam seus tempos de liberdade para inventar jogos lúdicos e criativos que transcendem o mundo opressor dos maiores" (SOUZA, 2015, p. 82). Assim, a imaginação é uma forma de fugir das dificuldades enfrentadas. É o momento em que podemos perceber o menino-urubu como qualquer outro indivíduo, desejoso de sonhar e almejar uma outra vida.

[10] A tradicional chuva da tarde na cidade de Belém faz parte do cotidiano dos moradores, o que a torna significativa para essa região.

Desse modo, a imagem do urubu representa a liberdade do menino em ter momentos de ociosidade – diferente dos demais, que não conseguem escapar das forças sociais que os enquadram dentro de uma realidade dura e sem perspectivas, pois estão limitados a um modo de vida específico –, que ousa driblar às vicissitudes de pobreza e marginalidade de seu dia a dia.

Para sobreviver, o menino-urubu trabalha de diversas formas, recorrendo também ao furto nas bancas do Ver-o-Peso. Por isso, é comum o personagem ser narrado fugindo de policiais ou feirantes, característica que o torna ágil e esperto no quadrinho (Imagem 3). Dessa forma, Castanha possui traços do arquétipo do malandro pela versatilidade com que consegue lidar nas ruas, "[...] aventureiro, astucioso [...] cuja malandragem visa quase sempre ao proveito ou a um problema concreto, lesando frequentemente terceiros na sua solução" (CANDIDO, 1993, p. 26). Essa representação também está na canção de Dona Onete, quando menciona o ser amado em: "Tô com saudade da minha branca", e do lugar em que se aventura, exercendo a sua malandragem: "Do Ver-o-Peso, da sacanagem/ Lá eu sou pop star/ No meio da malandragem[11]". Buscando beneficiar apenas a si próprio, o malandro seria o sujeito capaz de lidar com as situações mais difíceis (DAMATTA, 1986).

Imagem 3 – "Pega ladrão!"



Fonte: Moura Junior, 2018, p. 50

[11] Trecho da letra *No Meio do Pitiú*. Composição e interpretação: Dona Onete. Disponível em: https://www.letras.mus.br/dona-onete/no-meio-do-pitiu/. Acesso em: 09 jul. 2024.

Nos quadros, vemos Castanha fugindo pela feira, onde a presença de urubus e mercadorias, como frutas e peixes, se destaca. Conforme o menino salta sobre elas, os produtos são arremessados para o alto, intensificando a movimentação caótica da cena. Entendemos que essa também seria uma forma de Castanha exercer a sua malandragem e, com isso, superar a aparente passividade do personagem, ou seja, ele usa a malandragem para se faze existir num contexto que o oprime.

Através da alegoria, a malandragem do personagem é compreendida como um modo de vida que surge da necessidade de se impor no meio urbano, através da linguagem, da forma de se vestir, de conseguir comida e, sobretudo, de saber enfrentar os indivíduos que o marginaliza. Nesse sentido, como um pícaro[12], "[...] a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa" (CANDIDO, 1993, p. 22). Castanha, portanto, é um personagem urbano, contraditório, que vive em uma dualidade de caráter, "se lança na aventura do mundo, comete erros, cai, ergue-se novamente, busca incessantemente, aventura-se no bem e no mal" (MOTTA, 2011, p. 200).

Essa dualidade se torna mais emblemática, ao passo que está relacionada à sujeira e restos de alimento, também está relacionada à astúcia e perspicácia (CASCUDO, 1999), o que facilita a sua circulação na feira à espera dos descartes. Outro momento em que a alegoria do urubu pode ultrapassar a concepção de vulnerabilidade do personagem, é quando se transfigura em urubu por completo (Imagem 4).

[12] Personagem-tipo da literatura espanhola dos séculos XVI e XVII.

Imagem 4 – "É melhor que ela não exista!"



Fonte: Moura Junior, 2018, p. 75

A cena de transformação do personagem ocorre em quatro momentos, após colidir em um ônibus. Na imagem, há três quadros de anexação[13] que mostram a simultaneidade dos acontecimentos (POSTEMA, 2018), através do motorista que observa o voo do urubu. Notamos também, a fala da narradora presente nas cenas, principalmente nas imagens 2 e 4, nelas são perceptíveis discursos que marginalizam Castanha, pois o vê como um problema tanto para ela quanto para outros indivíduos, visão essa que se aproxima à imagem do urubu como um ser repulsivo.

Embora a imagem do Urubu esteja ligada a uma condição marginal, é possível perceber como o menino-urubu reage e se impõe a esses contextos adversos. Podemos compreender a alegoria do urubu a partir da persistência do personagem que, apesar de estar em um cenário que o oprime e o nega, ele permanece vivo, mesmo que em outro corpo, uma vez que, após a

[13] Quadros sobrepostos ao quadro maior.

transformação, ele segue sua trajetória como uma ave, expressando a liberdade do animal.

4. Considerações finais

Através dos recortes apresentados, podemos interpretar a imagem do urubu como imagem de liberdade e transgressão. No quadrinho, embora o personagem enfrente problemas ligados à fome e às diversas formas de violências, Castanha encontra meios que o possibilite sobreviver na feira, como através da imaginação, dos furtos e da transformação em ave. Nesses três momentos, o menino-urubu reage à realidade que enfrenta, visto que, embora seja rejeitado por diversas instâncias, ele se sobrepõe à vulnerabilidade e usa a sua realidade como arma para sobreviver.

Embora o urubu seja, à primeira vista, associado à marginalidade, sua imagem é ressignificada no quadrinho. Segundo Postema (2018), "o fato de que os objetos e personagens nas imagens dos quadrinhos são, em algum nível, representativos não os anula em sua significação de outras maneiras" (p. 53). Isso sugere que, mesmo carregando conotações negativas, como a marginalidade, a alegoria do urubu pode ser reinterpretada em um contexto mais amplo. Nesse sentido, o menino-urubu transcende sua condição inicial, tornando-se um símbolo de resistência e coragem frente a situações hostis, violentas e repressivas. Essa ressignificação permite enxergar o personagem não apenas como um reflexo da vulnerabilidade, mas como um agente capaz de subverter a ordem opressiva que o cerca.

5. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Origem do drama do barroco alemão. Tradução, apresentação e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CASTRO, Fábio Fonseca de. Entre o mito e a fronteira. Belém: Labor Editorial, 2011.

CASCUDO, Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 10 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

DAHL, Fr. A Fauna do Pará. Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia: Belém, p. 357-375, 1896.

DAMATTA, Roberto. O que faz o brasil, Brasil?. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

GOELDI, Emílio A. As aves do Brasil: Monographias Brasileiras II, primeira parte. Rio de Janeiro: Alves & Cia., 1894.

GOELDI, Emílio A. Observações criticas do traductor. In: DAHL, Fr. A Fauna do Pará. Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia: Belém, 1896.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A narrativa mediada e a permanência da tradição: percurso de um anti-herói brasileiro. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 38, p. 185–212, 2011. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9782. Acesso em: 28 fev. 2024.

MOURA JUNIOR, Gidalti Oliveira. Castanha do Pará. São Paulo: SESI, 2018.

POSTEMA, Barbara. Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos. Tradução de Gisele Rocha. São Paulo: Peirópolis, 2018.

ROSÁRIO, Talita A.; CORDOVIL, Wendell P. M. Dos que visitam aos que habitam: a representação dos urubus na Amazônia do século XIX. In: GUIMARÃES, A. M. S.; CORDOVIL, W. P. M. (org.). II Simpósio Online de História dos Ananins: Ensino, Pesquisa, Extensão. Ananindeua [PA]: Editora Cordovil E-books, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1XZL1Z7k1J32QqysDg3pys1-k2uQYSHyw/view. Acesso em: 11 maio 2024.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da.; SILVA, Matheus Henrique Pereira da. Urubus-de-cabeça-preta (Coragypsatratus), garças-brancas-grandes (ardea alba) e peixeiros na pedra do peixe: experiências conviviais interespecíficas na cidade. Iluminuras, Porto Alegre, v. 18, n. 45, p. 432-450, ago./dez, 2017.

SOUZA, Licia Soares de. Infância e errância: imagens da criança abandonada na ficção brasileira. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 46, p. 79-103, jul./dez, 2015.

TUPIASSÚ, Amarílis. Escritores da Amazônia e de outros nortes: uma leitora inquieta. Belém: Secult, 2016.

WALLACE, Alfred Russel. Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Brasília: Senado Federal, 2004.

A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA: REPRESENTAÇÕES E DISCUSSÕES NAS OBRAS DE MARISE MAUÉS E DIAS JR. [1]

ARTISTIC PRODUCTION IN THE CONTEMPORARY AMAZON: REPRESENTATIONS AND DISCUSSIONS OF THE WORKS OF MARISE MAUÉS AND DIAS JR.

PRODUCCIÓN ARTÍSTICA EN LA AMAZONÍA CONTEMPORÁNEA: REPRESENTACIONES Y DISCUSIONES DE LAS OBRAS DE MARISE MAUÉS Y DIAS JR.

Leonardo José Góes Oliveira[2]

RESUMO

A arte produzida na Amazônia mostra tensões entre o sustentável e o insustentável, por conta de sua situação geopolítica, periférica ao eixo cultural-econômico do país. (Costa, 2014). O presente trabalho propõe a reflexão sobre a produção artística contemporânea na Amazônia, de artistas visuais representativos da região como Marise Maués e Dias Junior, no qual seu objeto é investigar a produção artística da Amazônia suas formas de representações e quais discussões. Em seu córpus de análise serão analisadas duas obras de cada artista, ambos de Abaetetuba- Pará, e assim levando a sociedades conhecer a produção do interior do estado e sua relevância no cenário contemporâneo da região amazônica, que estará nos olhos do planeta em 2025 na COP 30 em Belém-PA. Os referencias são, Orlandi (2001;2005), Moscovici (2013), Gomes (2021) Villalta (2020) e Costa (2014).

Palavras-Chave: Produção Artística, Amazônia, Representações, Arte Comteporânea.

ABSTRACT

The art produced in the Amazon shows tensions between the sustainable and the unsustainable, due to its geopolitical situation, peripheral to the country's

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Amazônias: (Dis) Simulações, (Des) Leituras e (Des) Enredos entre Leituras e (Des) Enredos entre Literatura, Imagem e Artes Visuais do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). leonardooliveiraarquitetura@gmail.com.ORCID:https://orcid.org/0
0000002-2116-553

cultural-economic axis (Costa, 2014). This work proposes a reflection on contemporary artistic production in the Amazon, by visual artists who are representative of the region, such as Marise Maués and Dias Junior, in which its object is to investigate artistic production in the Amazon, its forms of representation and what discussions there are. Two works by each artist, both from Abaetetuba- Pará, will be analyzed in its corpus of analysis, thus making societies aware of the production of the interior of the state and its relevance in the contemporary scenario of the Amazon region, which will be in the eyes of the planet in 2025 at COP 30 in Belém-PA. The references are , Orlandi (2001;2005), Moscovici (2013) , Gomes (2021) Villalta (2020) and Costa (2014).

Keywords: Artistic Production, Amazon, Representations, Contemporary **Art.**

RESUMEN

El arte producido en la Amazonia muestra tensiones entre lo sostenible y lo insostenible, debido a su situación geopolítica, periférica al eje cultural-económico del país (Costa, 2014). Este trabajo propone una reflexión sobre la producción artística contemporánea en la Amazonía, a cargo de artistas visuales representativos de la región, como Marise Maués y Dias Junior, en la que su objeto es investigar la producción artística en la Amazonía, sus formas de representación y qué discusiones hay. Dos obras de cada artista, ambos de Abaetetuba- Pará, serán analizadas en su corpus de análisis, sensibilizando así a las sociedades sobre la producción del interior del estado y su relevancia en el escenario contemporáneo de la región amazónica, que estará en los ojos del planeta en 2025 en la COP 30 en Belém-PA. Las referencias son , Orlandi (2001;2005), Moscovici (2013) , Gomes (2021) Villalta (2020) y Costa (2014).

Palabras clave: Producción artística, Amazonia, Representaciones, Arte contemporáneo.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Costa (2014) a noção do que seria a Amazônia tem partida de um conjunto complexo de ecossistemas, formando o bioma que é reconhecido como a floresta tropical de maior biodiversidade do planeta. É importante considerar que esta passa por construções discursivas, vezes contrárias e justapostas, algumas das quais foram pesquisadas por Ana Pizarro (2012). Também Francisco Foot Hardman (2009) estudou as construções discursivas da Amazônia por meio de suas representações na literatura moderna.

Ainda de acordo com Costa (2014), com base na autora Marisa Morkazel (2006) relata que a arte produzida na Amazônia mostra tensões entre o

sustentável e o insustentável, por conta de sua situação geopolítica, periférica ao eixo cultural-econômico do país (Costa, 2014).

Segundo Villalta (2020) é necessário aprender sobre os diferentes sentidos da estética e da imagem para os povos amazônicos para estabelecer as relações necessárias ao estudo da arte feita na região, já que ela não se apresenta em objetos de adorno, ou para a fruição estética ou ainda para compor as coleções de arte dos museus. Antes talvez, seja conveniente pensá-la como um cosmo política e não uma força independente da vida cotidiana (Villalta,2020).

Diante disso, de acordo com Lemos & Baptaglin (2023), entender as expressões artísticas amazônicas no ensino das artes que possibilitem a criação de caminhos para educar, ser, estar, valorizar e viver na Amazônia e toda complexidade vivenciada na região para a educação e arte e para a formação humana no território.

Lemos & Baptaglin (2023) entendem ainda que para a compreensão do que é a Amazônia brasileira, seus povos e as relações que são estabelecidas, tem a intenção nesta perspectiva de revelar suas particularidades, contudo, dentro de uma perspectiva geral das decisões que causam impactos sociais e econômicos e movem o mundo (Lemos & Baptaglin, 2023).

Desta forma o artigo fala dos artistas Dias Júnior e Marise Maués, com suas representações em suas obras, em grandes exposições como a do Arte Pará e Diário Contemporâneo, em que Marise foi vencedora em 2015. As obras dos artistas estiveram expostas em espaços museológicos como a Casas das Onze Janelas no Museu de Arte Contemporânea em Belém-Pará, locais que fortalecem a divulgação da produção cultural feita na Amazônia.

A importância desta pesquisa é também poder trabalhar em áreas diversas da formação propondo discussões sobre o tema como forma interdisciplinar de investigação entre as áreas de Artes Visuais, Cultura, Tecnologia e Sociedade.

Os motivos de escolha dos artistas são por ambos serem de Abaetetuba-Pará, e assim levando a sociedades conhecer a produção do interior do estado e sua relevância no cenário contemporâneo da região, valorizando o fazer

artístico da região que estará em novembro de 2025 nos olhos do planeta na Conferências das Partes (COP) na cidade de Belém- Pará, que deve ser pensado quem são estes protagonistas e suas representatividades.

2. METODOLOGIA

A proposta metodológica de análise é classificada como Análise do Discurso de Orlandi (2001; 2015), em que defende o discurso como uma produção de sentidos dentro de um determinado contexto social, histórico e em certas condições de produção. Em seu livro, a autora afirma que a AD trabalha "refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua" (Orlandi, 2015, p.11). Desta forma, com essa afirmação, a discussão está voltada para bases da própria AD, tornando-se essenciais para a compreensão das alternativas pelas quais a ideologia se faz presente na prática discursiva: a linguística, o marxismo e a psicanálise (Orlandi, 2015).

Como forma de compreensão, a partir da Análise do Discurso (AD), fundamentada em Orlandi (2001; 2015), há como base e a clareza que as análises das obras de Marise Maués e Dias Jr., no qual o percurso de análise é tecido por uma teia de experiências, de apagamentos, de gritos, de ideologias e de outros fatores no qual vão determinar na construção de nossas identidades, como povo nortista na Amazônia,

O texto apresenta uma abordagem qualitativa, em que segundo Denzin e Lincoln (2006), possui uma proposta interpretativa do mundo. Isto significa que os seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles oferecem (Denzin & Lincoln, 2006).

A pesquisa é bibliográfica, quando buscamos um diálogo teórico reflexivo com autores que discutem a temática proposta do artigo, procurando compreender a relação entre os artistas e suas produções mais relevantes e sua conexão com Amazônia e a produção cultural. Estas fontes de aprofundamento no discursão científica são essências para assegurar as considerações acerca do estudo. (Sampiere; Collado; Lucio, 2013).

O objeto deste estudo é investigar a produção artística da Amazônia suas formas de representações e quais discussões estas podem trazer para o cenário atual da arte na cidade de Belém-Pará. Investigando as subjetividades dos artistas e elencando as mais relevantes do repertório destes.

Os trabalhos escolhidos como corpus de análise deste estudo deste texto são respectivamente umas duas obras de Marise Maués “O corpo que habita a floresta (ou a floresta como parte constitutiva do corpo)” de 2016 e “Dibubuismo” de 2020 de seu trabalho de dissertação, já de Dias Jr. as obras são escolhidas também duas para análise estas sendo “Garis” e “Eu sou a Plebe” de 2023.

3. A PRODUÇÃO ARTISTICA EM BELÉM- PA : A PRODUÇÃO DO ARTE PARÁ EM 2022.

Quando se fala em produção visual na Amazônia, existem inúmeras facetas do movimento que estão presentes, em que a cidade de Belém-Pará é um grande representante no cenário artístico do norte do país. De acordo com Fletcher (2019), o caso do Arte Pará, fundado pela fundação Rômulo Maiorana do grupo O Liberal, este é um salão paraense e localizado no grupo do que convenhamos chamar de contemporâneo, esta sempre no cotidiano anual da cidade.

Fletcher (2019), ainda relata que mesmo a pequena mais presente quantidade de pesquisas acadêmicas, o Arte Pará (Figura 1) é um marcador para as experiências visuais feitas e apresentadas institucionalmente em Belém, com espaço na mídia e referencial para artistas e curadores, não só locais, mas também recebendo artistas do Brasil inteiro para expor seus trabalhos. Desta forma, pode se considerar que o evento é formado dentre seus muitos aspectos de maneira inaugural, como um verdadeiro campo fecundo para investigações e análises em torno de suas narrativas/negociações conceituais e curatoriais, tecidas e cada nuance apresentada pelos seus artistas, por meio de agenciamentos transculturais, em uma metrópole como Belém e, por extensão, em circuitos da região amazônica.

Figura 1 - Cartaz do catálogo de 40 anos em 2022, do Arte Pará em Belém-PA.

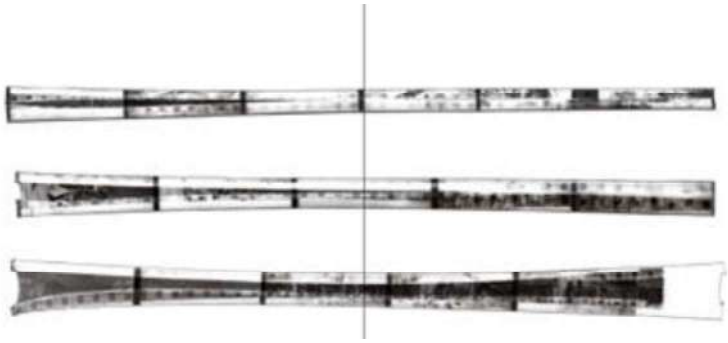


Fonte: Catálogo ARTE PARÁ, 2022.

Na edição de 40 anos, do Arte Pará, que foi realizada no Museu de Arte Contemporânea na Casa das Onze Janelas em Belém, contou com uma comemoração, com vários artistas do Brasil em uma mostra nacional como podemos citar: Alexandre Ignácio Alves, Bianca Turner, João Angeline, Paul Setúbal, Coletivo Coletores, Pavuna Kid, Rafael Martins Moreira, Pedro Carneiro, Paula Sampaio e dentre outros.

Diante desses artistas visuais, a paraense Paula Sampaio – artista premiada - se destaca nesta edição uma foto instalação em sua obra “sob a pele os ossos da memória” (Figura 2) e (Figura 3) com fotografias que remetem, a trinta e dois anos de documentação fotográfica na Amazônia (1990-2022), com imagens-histórias de e José, Domingas, Severino. O material é feito nas margens das rodovias Transamazônica e Belém-Brasília, tatuados em negativos fotográficos, feitos de materiais orgânicos.

Figura 2 -“sob a pele, ossos da memória”, de Paula Sampaio (1990-2022).



Fonte: Catálogo ARTE PARÁ, 2022.

Figura 2 - “sob a pele, ossos da memória”, de Paula Sampaio (1990-2022).



Fonte: Catálogo ARTE PARÁ, 2022.

Outra artista paraense que se destaca nesta exposição é a artista pintora, pesquisadora perfomer trans, nascida em Belém do Pará, Rafael Matheus Moreira , em que em suas obras retrata trabalhos poéticos a partir de suas próprias vivências e reflexões. A sua pesquisa aprofunda o atrito entre os corpos LGBTQIAP+ com os padrões hegemônicos, que abordam identidade e suas relações históricas e sociais, onde corpos e rostos são símbolos centrais. A obra na exposição do Arte Pará foi ‘incantarias ídilicas’ com fotografia e vídeos performance orientados (Figura 3)

Figura 3 - 'Incantarias Ílidicas' de Rafael Martins.



Fonte: Catalógo ARTE PARÁ, 2022.

Nestes exemplos, é importante observar que a amostra mostrou várias facetas entre pinturas, fotografias e vídeo performance, mostrando como o Arte-Pará engloba diversos tipos de instalação em suas exposições.

Além disso vários outros lugares da cidade fomentam essa grande gama de artistas como em exposições itinerantes e até fixas, em espaços culturais como MABE (Museu de Arte de Belém), o Museu de Arte Sacra, Museu de Arte da Unama e o recente Centro Cultural Bienal das Amazônias inaugurado em 2024, que contou com instalação neste ano da paraense Paula Sampaio.

3.1 **Marise Maués: a obra suas representações e o discurso.**

Marise Maués é uma artista visual natural de Abaetetuba-Pará, formada em artes visuais pela Universidade da Amazônia no ano de 2013, tem forte presença em seu trabalho em exposições do Diário Comteporêaneo, sendo um dos cernes deste trabalho, apresenta sua temática envolvendo a Amazônia com fotografias e vídeo performance em várias de suas produções, em que ela se intitula performer pesquisadora.

Além disso, tem como foco as representações que suas obras causam, uma delas resultantes em sua dissertação de mestrado, é a obra "Dibubúismo: por rios antes não navegados" (Figura 4) que explora segundo seu trabalho remete a prática segundo Paes Loureiro, representa seguir boiando no rio, ser levado pela correnteza, rio abaixo, rio acima e sob o majestoso império das marés (Gomes, 2021).

Ainda de acordo com Gomes (2021), o trabalho uma questão social, principalmente os povos indígenas, com suas crenças, saberes e sabedoria, além disso, a migração de venezuelanos da etnia Warao é retratada, estes que deslocaram para o Brasil em decorrência da crise política, econômica e humanitária enfrentada pela Venezuela na última década. Que inclusive migraram também para Belém, no centro comercial da cidade (Gomes, 2021).

Diante disso, podemos observar que Maués apresenta um discurso em buscar quem são as faces daquele povo, quem eles representam, quais etnias pertencem? Quais pertencimentos eles têm de seu povo? Algo bastante discutido, quando falamos em povos indígenas que seja em migração, ou no avanço de obras que ameaçam sua existência, e permanência de seu local de origem, desta forma pensamos, como estamos tratando os nossos povos indígenas? Fica o questionamento.

Além disso, Maués relata sua própria infância e juventude em sua obra , mostrando o cotidiano ribeirinho no qual era sua forma de viver a Amazônia, além de suas performances mostrando esse cotidiano na cidade de Belém e interior (Figura 5)

Ainda de acordo com Gomes (2021), o trabalho uma questão social, principalmente os povos indígenas, com suas crenças, saberes e sabedoria, além disso, a migração de venezuelanos da etnia Warao é retratada, estes que deslocaram para o Brasil em decorrência da crise política, econômica e humanitária enfrentada pela Venezuela na última década. Que inclusive migraram também para Belém, no centro comercial da cidade (Gomes, 2021).

Diante disso, podemos observar que Maués apresenta um discurso em buscar quem são as faces daquele povo, quem eles representam, quais etnias pertencem? Quais pertencimentos eles têm de seu povo? Algo bastante discutido, quando falamos em povos indígenas que seja em migração, ou no avanço de obras que ameaçam sua existência, e permanência de seu local de origem, desta forma pensamos, como estamos tratando os nossos povos indígenas? Fica o questionamento.

Figura 4 - Uma de suas performances "Sonhei que dibubuiava com corpos, eram mulheres guerreiras".



Fonte: Gomes, 2021.

Além disso, Maués relata sua própia infância e juventude em sua obra , mostrando o cotidiano ribeirinho no qual era sua forma de viver a Amazônia, alé de suas performances mostrando esse cotidiano na cidade de Belém e interior (Figura 8)

Figura 5: Uma de suas performances "Sonhei que dibubuiava com corpos, eram mulheres guerreiras".



Fonte: Gomes, 2021.

Desta forma, podemos entender o sentido "dibubuiar' em passagem do tempo, em caminho e ao longo tempo, porém seu sentido também pode ser subjetivo a quem vive e está na Amazônia, subjetivo ao próprio ser e seu contato com a natureza. Ou seja envolvo a seu próprio se e existência, ai pensamos quantas vezes o "dibubuismo" esteve na nossa vida? Fica a reflexão.

Outra obra sua foi premiada no Diário comteporâneo de 2016, esta “O corpo que habita a floresta” (Figura 6), que complementa muito, a relação corpo e natureza como falado anteriormente na relação Amazônia e o ser. Maués desde que se mudou da ilha em que nasceu para a porção mais urbanizada de Abaetetuba, Marise Maués viveria sua principal mudança como fragmento de memória, contentamento do reencontro e reflexão do seu corpo “atual” – em dois trabalhos feitos na mesma região, o Nóstos e o Loes.

Em que a artista comenta “A árvore representa o meu corpo que está sofrendo a intempérie. É o meu corpo que está lá”. (Diário Contemporâneo, 2016).

Figura 6 - Loes de Marise Maués, em “o corpo que habita a floresta”.



Fonte: Gomes, 2021.

Diante disso, podemos observar o corpo para Maués como parte da natureza, como algo que dever protegido e tem movimento assim como em “Dibubúismo” a artista mostrou.

3.2 **Dias Jr. e suas obras: representações e discursos.**

Dias Jr. é é um artista visual natural de Abaetetuba-Pará, participante do projeto Arte Pará. Em seu trabalho ele relata suas experiências pessoais de um jovem negro que saiu do interior para estudar artes na periferia de Belém-Pará. Suas pesquisas envolvem o retrato de trabalhadores, jovens negros, a crítica da

violência policial, o povo amazônico e pessoas que estão à margem da sociedade.

Em um dos seus notáveis trabalhos mostra em “Eu sou a Plebe” (Figura 7) mostra o cotidiano do povo das periferias, as margens da sociedade, que tem problemas como acesso à saúde e educação de qualidade, além de condições de vida difíceis em áreas degradadas, sua obra trás reflexões sobre desigualdade social no Brasil e especialmente no Norte em Belém-Pará.

Este discurso imposto em frases como “Eu sou a Plebe” mostra justamente a posição social que as pessoas tem numa sociedade desigual, levando para o urbanismo, são áreas muitas vezes sem saneamento e condições de se viver.

Figura 7 - “Eu sou ralé” da série “Eu sou a Plebe” de Dias Jr.

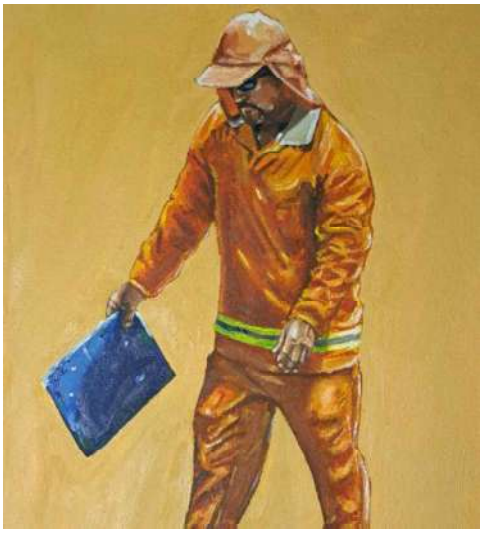


Fonte: O Liberal, 2023.

Esta obra esteve exposta com outras de seis artistas da Amazônia em São Paulo em 2023 na Feira de Artes e Rotas Brasileiras. E que podemos levar as reflexões, como o Brasil e o Norte podem ser menos desiguais?

Outra obra importante é da série “Garis” (Figura 8) que retrata especialmente o cotidiano dos trabalhadores, estes muitas vezes invisíveis diante dos olhos da sociedade e importante para ordenamento sanitário de onde vivem.

Figura 8 - "Garis" de Dias Jr.



Fonte: Dias Jr, Site Oficial, 2023.

4. COP DA AMAZÔNIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO CENÁRIO ARTÍSTICO DE BELÉM.

Em novembro de 2025, os olhos do mundo se voltarão para Belém, capital da Amazônia na Conferência das Partes (COP), a COP 30 (Figura 9), desta forma é importante que a voz para os povos da Amazônia seja ouvidas, assim como discutidos e trabalhos de Marise Maués e Dias Jr, entre tradições amazônicas, e desigualdade sociais de migrantes e habitantes da cidade, mostra que há muito o que avançar.

Diante do apresentado, podemos perceber que o cenário artístico da cidade de Belém na Amazônia é bastante amplo, mas para que permaneça assim, espaços adequados devem ser feitos e divulgados ainda mais, como a proposta inaugurada da Bienal das Amazônias e o futuro Museu das Amazônias.

Desta forma, como podemos ainda dar mais voz aos povos da Amazônia, e sermos representados? Como podemos deixar de ser invisíveis para o mundo diante desta oportunidade? Fica a reflexão.

Figura 9 - Banner da COP 30 no Pará.



Fonte: Governo do Pará, 2024.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no trabalho, podemos analisar que os discursos e representações apresentam discussões acima da Amazônia, seja no seu cotidiano ribeirinho ou na cidade e suas desigualdades expostos pelos artistas Marise Maués e Dias Jr. As representações demostram a conexão da natureza e o ser humano por Maúes e as visões de um jovem saindo do interior, ambos de Abaetetuba-Pará, pois o mesmo concentra grande presença de ribeirinhos e da forte presença local.

Tanto Dias Jr e Marise Maués, apresentam similaridades, pois relata em seus trabalhos suas experiências pessoais e suas relações com o meio na Amazônia. Diante disso podemos entender como nós como povos amazônicos, nos vemos, somos vistos e queremos ser vistos no cenário global com a COP 30. Como lutar contra as desigualdades socio ambientais e da preservação tanto na Amazônia? Esta é a grande reflexão para a produção de arte na amazônica.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO DIAS JR. disponível em: https://bitlybr.com/jSz. Acesso em 26 ago. 2024.

ARTE PARÁ. Disponível em: https://projetoartepara.com.br/. Acesso em 26 ago. 2024.

COSTA, Gil Vieira. Estética assombrada: um olhar sobre a produção artística contemporânea na Amazônia brasileira. Pós . **Revista do Progama Pós Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.** Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 117 - 130, mai. 2014.

GOMES, Marise Maués. "Dibubuísmo por Rios Antes Não Navegados: Narrativas de uma perfomer pesquisadora". **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestrado em Artes. Belém-Pará, 2021.

LEMOS, Dalila Marques; BAPTAGLIN, Leila Adriana. "Protagonismo das Expressões Artísticas Amazônicas no ensino de artes na/para educação básica": quando o seu ouvir, ver e fazer (in)surge" **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 13, p. 01 - 25, e023053, 2023

DIÁRIO COMTEPORÂNEO, disponível em: https://bitlybr.com/RRg. Acesso em 26 ago. 2024.

DENZIN, Norman K. & LINCOLN, Yvona S. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teoria e Abordagens. 2° ed. **Editora Penso**. 432p.Porto Alegre.2006

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: Investigação e Psicologia Social. 11 ed. São Paulo: **Editora Vozes**, 2013.

O LIBERAL. disponível em: https://bitlybr.com/Ueq. Acesso em 26 ago. 2024.

ORLANDI, Eni Pucielli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 3 ed. São Paulo: **Editora Pontes**, 2001.

ORLANDI, Eni Pucinelli. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. São Paulo: **Editora Pontes**, 2005.

SAMPIERE, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María Del Pilar Baptista. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. Metodologia de Pesquisa. 5 ed. Porto Alegre: **Editora Penso**, 2013.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão e ZOUAIN, Deborah Moraes. Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VILLALTA, Daniella. Arte amazônica, cosmologia e ação política. **Arte e Ensaios,** Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 40, p. 123-139, jul./dez. 2020. ISSN-2448-3338. DOI: https://doi.org/10.37235/ae.n40.9. Disponível em:<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae> Acesso em: 18 jun. 2024.

ARTIVISMO: A EVOLUÇÃO DA ARTE COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E POLÍTICA[1]

ARTIVISM: THE EVOLUTION OF ART AS A TOOL FOR SOCIO-ENVIRONMENTAL AND POLITICAL TRANSFORMATION

ARTIVISMO: LA EVOLUCIÓN DEL ARTE COMO HERRAMIENTA DE TRANSFORMACIÓN SOCIOAMBIENTAL Y POLÍTICA

Ana Luiza Cavallare Ferreira[2]
Vera Maria Segurado Pimentel[3]

Resumo: Este artigo explora o conceito de Artivismo, destacando sua evolução histórica e seu impacto em movimentos sociais e políticos, com foco em expressões no Brasil e no mundo. O objetivo é analisar como a arte tem sido utilizada como ferramenta de engajamento social, mobilização e resistência, especialmente em contextos de repressão e censura. A metodologia inclui uma revisão bibliográfica e a análise de casos emblemáticos, como o Dadaísmo, o Muralismo Mexicano, a Tropicália e a Arte Postal. O principal resultado alcançado é a identificação do Artivismo como uma forma de ativismo que, ao longo do tempo, tem se mostrado eficaz na ampliação de debates públicos e na promoção de mudanças sociais, adaptando-se constantemente às novas realidades sociais e tecnológicas.

Palavras-chave: Artivismo; Engajamento Social; Movimentos Artísticos; Resistência Cultural; Mudança Social.

Abstract: This article explores the concept of Artivism, highlighting its historical evolution and impact on social and political movements, focusing on expressions in Brazil and around the world. The objective is to analyze how art has been used as a tool for social engagement, mobilization, and resistance, especially in contexts of repression and censorship. The methodology includes a literature review and the analysis of emblematic cases such as Dadaism, Mexican Muralism, Tropicália, and Mail Art. The main result achieved is the identification of Artivism as a form of activism

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST7 do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Graduada em Comunicação Social: Habilitação em Multimídia pelo IESAM/ESTÁCIO (2014) e Licenciatura em Artes Visuais pela UNAMA (2023). Editora no Coletivo Açaí Pesado (2024). E-mail: cavallare@outlook.com. LATTES: https://lattes.cnpq.br/7390245170679253

[3] Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA - 2022), Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA - 2012), Especialista em Linguística Aplicada ao ensino do Inglês (UNAMA - 2002), graduada em Letras - Habilitação em Inglês (UNAMA, 2002) , graduada em Educação Artística (UFPA - 1985), graduada em Português e Inglês 2a licenciatura EAD (FAETI, 2022). Atualmente é professor adjunto I da Universidade da Amazônia, Professor em EAD de Letras Português e Inglês (Uninassau), em processo de aposentadoria da Secretaria de Educação do Estado do Pará. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em História da Arte, em Comunicação, Língua Inglesa e Portuguesa em Leitura e Produção de texto, Inglês Instrumental, Tradução e versão do inglês, Metodologia Científica, tutora em EAD e revisora de textos. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1482-9680. E-mail: pimentel_106@hotmail.com.

that, over time, has proven effective in expanding public debates and promoting social change, constantly adapting to new social and technological realities.

Keywords: Artivism; Social Engagement; Artistic Movements; Cultural Resistance; Social Change.

Resumen: Este artículo explora el concepto de Artivismo, destacando su evolución histórica y su impacto en los movimientos sociales y políticos, con un enfoque en las expresiones en Brasil y en el mundo. El objetivo es analizar cómo el arte ha sido utilizado como una herramienta de compromiso social, movilización y resistencia, especialmente en contextos de represión y censura. La metodología incluye una revisión bibliográfica y el análisis de casos emblemáticos como el Dadaísmo, el Muralismo Mexicano, la Tropicália y el Arte Postal. El principal resultado alcanzado es la identificación del Artivismo como una forma de activismo que, a lo largo del tiempo, ha demostrado ser eficaz en la ampliación de los debates públicos y la promoción de cambios sociales, adaptándose constantemente a las nuevas realidades sociales y tecnológicas.

Palavras clave: Artivismo; Compromiso Social; Movimientos Artísticos; Resistencia Cultural; Cambio Social.

1. INTRODUÇÃO

A relação entre arte e ativismo é estreita e muitas vezes intrincada. A arte pode ser uma forma poderosa de ativismo porque possui capacidade de criar uma conexão emocional entre o espectador, a mensagem que o artista está tentando transmitir e sua realidade. A arte pode inspirar empatia, compaixão, raiva, ou qualquer outra emoção que ajuda a criar uma mudança positiva, segundo Duncombe e Lambert (2021, p. 6) “a arte nos dá a visão; o ativismo nos ajuda a fazer o caminho”.

Inserido nesse contexto, a *Internet* pode ser considerada a maior catalizadora e percussora de movimentos sociais e ambientais, pois segundo Pailhahual, Garces e Veldebenito (2019), com a abundância de meios de comunicação e acesso à informação, ativistas estão usando plataformas digitais para espalhar mensagens sociais críticas. A arte atua como um elemento catalisador, que amplia o espaço para esses discursos na *internet*.

Diante de um mundo globalizado, o Artivismo tem desempenhado um papel importante na sensibilização das pessoas sobre as questões socioambientais e políticas. Vários projetos artísticos e ativistas têm chamado a atenção para a devastação ambiental, os direitos indígenas, identidade de gênero e a força transformadora que o trabalho em coletivo cria. Esses projetos têm sido fundamentais

na criação de um diálogo público sobre identidade de gênero, feminismo, autoconhecimento e no engajamento das comunidades na luta pela preservação socioambiental. Duncombe e Lambert relatam que:

> Se os fatos devem ser ouvidos e atendidos, eles precisam ser transformados em histórias envolventes e imagens atraentes que capturam a atenção das pessoas e ressoam com as formas que fazem sentido de seu mundo. O mundo hoje está repleto de desigualdade econômica, injustiça racial, homofobia, sexismo, ódio, fanatismo de todos os tipos e somos ameaçados pelo jogo final: catástrofe ambiental. (DUNCOMBE; LAMBERT, 2021, p.6)

Tendo em vista o futuro da humanidade moldado pelas mudanças climáticas, torna-se necessário (re)pensar o papel do Artivismo na sociedade, pois ele tem a capacidade de tornar visível e acessível aquilo que os que estão em poder tentam ocultar.

2. ORIGEM

A cronologia do Artivismo apresentada neste trabalho reflete uma leitura curatorial da autora. Esta seleção não pretende ser definitiva, mas sim representar uma perspectiva particular sobre a evolução do Artivismo. A escolha destes movimentos e artistas específicos visa ilustrar a diversidade e a riqueza das expressões artísticas que têm contribuído para a história do ativismo artístico, destacando como cada um deles representa um aspecto significativo dessa trajetória pois estes utilizam a arte como uma forma de questionar a sociedade e suas convenções.

2.1. Dadaísmo e Surrealismo

O movimento Dadaísta emerge como uma resposta à Primeira Guerra Mundial. Ao unir artistas e ativistas que buscavam por refúgio, o movimento caracterizou-se por sua natureza anti-racionalista e de protesto. Fundado em Zurique, na Suíça, em 1916, foi um movimento essencialmente internacional que buscou questionar a arte e seu contexto histórico, através da ironia e do rompimento com modelos tradicionais (STANGOS, 1991).

André Breton selou o destino do Dadaísmo em 1921, ao organizar eventos que deslegitimaram o movimento, como o julgamento simulado de Maurice Barrès, uma figura pública francesa. A divisão entre os dadaístas ficou evidente quando

Tristan Tzara se recusou a participar de forma séria, minando a iniciativa organizada por Breton, que atuava como "juiz" do evento. O julgamento, que foi apresentado como parte de uma campanha fictícia de "terrorismo" contra notáveis franceses, careceu de humor e, de fato, estabeleceu as bases para o surgimento do surrealismo. (STANGOS, 1991)

Enquanto o Dadaísmo caracterizava-se por seu anarquismo e natureza contestadora, o Surrealismo buscava acessar o inconsciente e os sonhos para criar uma realidade paralela repleta de imagens fantásticas e expressões espontâneas. Este movimento não só herdou a aversão do Dadaísmo à burguesia, mantendo um ataque teórico às formas tradicionais de arte, mas também viu muitos artistas dadaístas, como Arp, Ernst e Man Ray, migrarem para o Surrealismo, destacando a similaridade nas atitudes de ambos os movimentos em relação à arte e à vida. A principal distinção entre os dois movimentos reside no fato de que o Surrealismo era mais teórico, formulando princípios e diretrizes que contrastavam com o anarquismo intrínseco ao Dadaísmo. (STANGOS, 1991)

2.2. Muralismo Mexicano

Conforme abordado por Traspadini (2019), o Muralismo Mexicano surgiu na década de 1920 como uma poderosa forma de expressão artística em resposta à turbulência social e política que se seguiu à Revolução Mexicana de 1910. Sob a liderança de José Vasconcelos Calderon, Secretário da Educação à época, foi iniciado um projeto ambicioso para criar murais que documentassem a rica história e cultura do México. Estes murais, que eram tanto decorativos quanto didáticos e políticos, visavam fortalecer a identidade nacional e o sentimento de pertencimento entre os mexicanos. (TRASPADINI, 2019)

Artistas como Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros e José Clemente Orozco, conhecidos como "os três grandes" do Muralismo Mexicano, utilizaram esta forma de arte para desafiar as normas sociais e políticas, explorando temas como a exploração dos trabalhadores e o imperialismo. Os murais, estrategicamente posicionados em locais públicos, serviam como uma forma de comunicação direta com um público amplo e diversificado, incentivando a reflexão e o debate sobre desigualdades sociais e injustiças. Este movimento exemplifica o conceito de Artivismo, que utiliza a arte

como manifestação estética e como um meio para promover mudanças sociais positivas. (TRASPADINI, 2019)

2.3. *Guerrilha Girls*

Desde 1985, o coletivo feminista *Guerrilla Girls* vem questionando as desigualdades de gênero nas artes com sua pergunta icônica: "As mulheres precisam estar nuas para entrar no museu?". Essa indagação critica tanto a escassa representação de artistas mulheres em acervos museológicos quanto a prevalência de nus femininos, muitas vezes criados por homens. Utilizando máscaras de gorila para manter o anonimato e enfocar suas mensagens, as *Guerrilla Girls* combinam fatos, humor e uma estética visual de impacto, para expor preconceitos de gênero e étnicos, além de corrupção nas artes e na política. (PEDROSA; BECHELANY, 2017)

No Brasil, uma retrospectiva no Museu de Arte de São Paulo em 2017, destacou 116 trabalhos do grupo, ampliou a visibilidade das questões de gênero na esfera artística nacional, desafiando a noção histórica e falaciosa de inferioridade artística feminina, um resquício de exclusões socioculturais que relegavam as mulheres ao espaço doméstico. (PEDROSA; BECHELANY, 2017)

2.4. Roberto González Flores

Roberto Gonzaléz Flores (2008), contribuiu significativamente para a discussão sobre o Artivismo. Ele apresentou uma dissertação à Universidade do Sul da Califórnia em 2008, que se concentrou no aprendizado em rede transnacional informal, especificamente o aprendizado que ocorreu e ainda está ocorrendo entre artistas Chicanos de Los Angeles e os Zapatistas de Chiapas, México.

Flores (2008) explorou como esses grupos usaram a arte como uma forma de expressão política e social. Ele argumentou que esse tipo de aprendizado ocorre quando as pessoas tentam conscientemente aprender com suas experiências, envolvendo reflexão e discussão individual ou em grupo.

No verão de 1997, González reuniu 30 artistas chicanos do leste de Los Angeles em Oventic, uma aldeia em Chiapas, México, para se encontrarem com os zapatistas, rebeldes indígenas que se levantaram três anos antes para rejeitar as

políticas de globalização corporativa que ameaçavam seu modo de vida. Eles dialogaram sobre política, estratégia e fizeram arte juntos (FLORES, 2008).

A ideia de arte como processo em vez de produto - uma ferramenta na construção da comunidade, organização política e libertação - foi reveladora para muitos artistas (FLORES, 2008). Esse encontro entre mais de 120 jovens artistas baseados em Los Angeles e várias centenas de representantes zapatistas possivelmente é um dos intercâmbios e diálogos iniciais mais importantes para a evolução do termo Artivismo.

3. ARTIVISMO NO BRASIL

No contexto da ditadura militar brasileira, que teve início em 1964, a esfera artística não foi poupada da vigilância estatal e da censura. Em um evento emblemático ocorrido em uma tarde de maio de 1969, forças militares irromperam nas instalações do Museu de Arte Moderna (MAM) no Rio de Janeiro, com o intuito de obstruir a inauguração da VI Bienal de Jovens em Paris. Esta exposição estava fadada a exibir obras de artistas brasileiros notáveis da época, como o então emergente Antonio Manuel, cujo corpus artístico posterior seria reiteradamente objeto de censura. (CARNEIRO, 2018)

Posteriormente, sua obra foi fortemente impactada pelo clima de repressão que se instaurou após a promulgação do Ato Institucional Número 5 (AI-5) em 1968 por Artur da Costa e Silva, então Presidente da República. Este ato suspendeu direitos políticos e legalizou práticas estatais de repressão e censura, constituiu um divisor de águas, marcando o período mais violento da ditadura e provocando rupturas significativas na produção cultural do Brasil em múltiplas esferas, incluindo cinema, música, teatro e artes visuais. (CARNEIRO, 2018)

3.1. Tropicália e Arte Postal

O movimento Tropicália constitui um marco de resistência e renovação cultural. Sob a liderança de figuras como Caetano Veloso, Rita Lee, Gal Costa e Gilberto Gil, o movimento articulou uma resposta criativa e subversiva à realidade do país, empregando a música e outras expressões artísticas para driblar a censura e expor injustiças sociais e políticas. (SILVA, s.d.).

O Tropicalismo marcou um período de experimentação e fusão de influências culturais, desde o rock anglo-saxão até ritmos regionais brasileiros. Preso pela ditadura militar em 1968 e exilado na Inglaterra em 1969, Gil expandiu sua carreira para além das fronteiras brasileiras. Sua carreira política incluiu um mandato como vereador em Salvador em 1988 e o cargo de Ministro da Cultura entre 2003 e 2008, onde implementou políticas de inclusão e diversidade cultural. (FRAZÃO, 2021).

Originada nos anos 1960, a Arte Postal emerge como uma forma radical de arte e comunicação. Este formato desafiou os domínios convencionais de exposição e as restrições geográficas e tem sua raiz nas correspondências trocadas entre artistas durante o período de censura da Ditadura Militar, tornando-se um importante canal de expressão. Paulo Bruscky, artista Nordestino, organizou em 1975 a 1ª Exposição Internacional de Arte Postal, que foi fechada pela censura do regime. (ALENCAR, s.d.)

Com o declínio da correspondência tradicional e o advento de novas mídias, é crucial questionar o legado e a transformação da Arte Postal. Nos anos 1980, o movimento perdeu força, particularmente entre artistas que o utilizavam como forma de protesto. No entanto, a Arte Postal reinventou-se na era digital pois a *internet*, com sua capacidade de alcance global, tornou-se um veículo potente para a sua evolução, permitindo novas formas de experimentação e engajamento. (ALENCAR, s.d.)

4. POÉTICAS ARTIVISTAS CONTEMPORÂNEAS

Duncombe e Lambert (2021) afirmam que a história, como fonte de aprendizado, pode soar clichê, contudo, é inegável que ela carrega um fundamento verdadeiro. Uma importante lição que a história nos oferece é a constatação de que o ativismo através da arte não é um fenômeno recente.

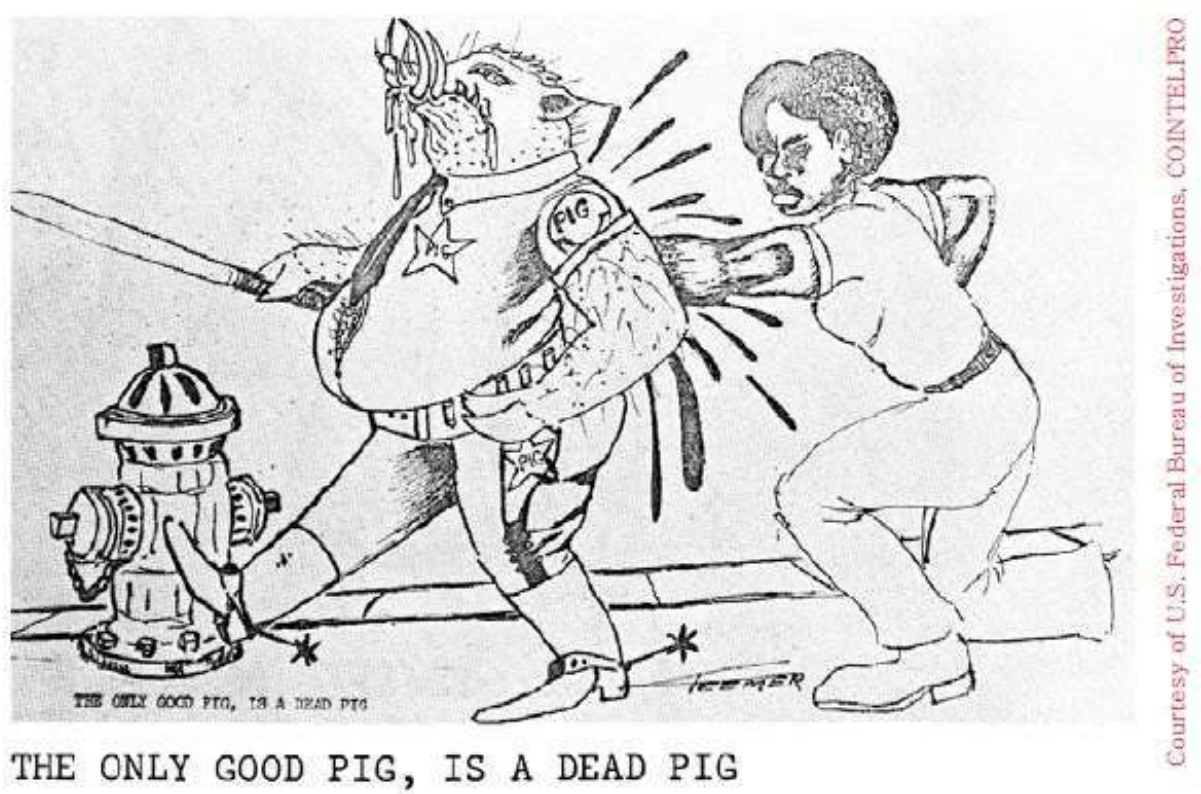
> Dado o mundo hiper estetizado, obcecado pelo espetáculo e mediado pelas massas de hoje, faz sentido que formas artísticas de ativismo estejam atualmente a ser adotadas por um número crescente de ativistas. Mas os ativistas ao longo da história usaram a criatividade e a cultura para travar as suas lutas pela mudança social. E com os ativistas e organizadores que vieram antes de nós podemos aprender princípios de ativismo artístico a utilizar hoje. (DUNCOMBE; LAMBERT, 2021, p.86)

O movimento pelos direitos civis foi uma época crucial para a aprendizagem sobre o impacto da imagem e da performance no ativismo, influenciando diretamente

movimentos subsequentes como o *Black Power* e o Partido dos Panteras Negras. Eles se tornaram um símbolo de *coolnest* e rebeldia, influenciando vários outros grupos ativistas. A importância do estilo e da apresentação em público se refletia na forma como os ativistas se vestiam, transmitindo mensagens poderosas que iam além das palavras. (DUNCOMBE; LAMBERT, 2021)

O artivismo dos Panteras Negras e outros grupos, destacou-se por usar o humor como uma ferramenta. O humor não só facilita a comunicação de mensagens sérias de forma mais acessível, mas também cria conexões e é uma potente arma política. No entanto, a militância associada a esses grupos também foi interpretada de maneira negativa pela maioria branca, sendo percebida como ameaçadora, o que levou a uma resposta violenta por parte das autoridades, como evidenciado pelo programa COINTELPRO do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) (DUNCOMBE; LAMBERT, 2021)

Figura 1 – O único porto bom, é o porco morto. Literatura de ódio manipulada pelo programa COINTELPRO do FBI.



THE ONLY GOOD PIG, IS A DEAD PIG

Fonte: DUNCOMBE; LAMBERT, 2021, p. 114.

Essa era do ativismo ressalta a complexidade e o poder dos símbolos. Símbolos podem ser interpretados de maneiras diversas e são frequentemente

manipulados por opositores para desviar sua mensagem original. O caso dos Panteras Negras, que tiveram que balancear a imagem de militância com iniciativas comunitárias positivas, é um exemplo da natureza escorregadia dos símbolos e da necessidade de estar ciente de suas diversas interpretações e usos. (DUNCOMBE; LAMBERT, 2021)

O feminismo também tem sido um movimento multifacetado, desempenhando um papel crucial na transformação do status político, jurídico e social das mulheres em várias partes do mundo. O princípio de apropriação criativa foi fundamental, pois souberam utilizar símbolos culturais dominantes para legitimar suas agendas. O movimento expandiu as fronteiras do político, questionando a separação entre o público e o privado e declarando que "o pessoal é político", trazendo uma gama mais ampla de vozes e experiências, incluindo as de mulheres negras, da classe trabalhadora e lésbicas. (DUNCOMBE; LAMBERT, 2021)

4.1. Rafael Bqueer

Rafael Bqueer é uma artista que se estende por diversas plataformas, incluindo fotografia, vídeo e performance. Dedica-se a explorar as repercussões do colonialismo e da globalização, utilizando ícones da cultura popular para refletir sobre as complexidades sociais, raciais e políticas presentes no Brasil. A obra de Bqueer é uma investigação crítica sobre o racismo, trazendo à tona suas vivências com os desfiles de escolas de samba, a arte drag e a cultura popular das periferias. Questiona os símbolos de poder eurocêntricos e chama atenção para a falta de representatividade das narrativas afro-brasileiras e da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Interssexo, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e mais (LGBTQIAPN+) na arte-educação e nas instituições artísticas. (BQUEER, s.d.)

Bqueer é um exemplo vívido de como o artivismo pode funcionar como uma ferramenta pedagógica de impacto. Ao incorporar referências históricas e políticas em sua performance “Alice e o Chá Através do Espelho”, proporciona um rico material para discussão em sala de aula. Esta abordagem estimula a reflexão sobre temas como marginalização, racismo e o pensamento conservador, utilizando a arte como um meio para explorar e questionar as estruturas de poder. Sua ênfase na importância de discutir a diversidade de identidades nas Amazônias, bem como de resgatar e ouvir

as experiências de artistas negros e indígenas, reforça a necessidade de um currículo escolar mais inclusivo e representativo.

A maneira como Bqueer aborda gênero, sexualidade, afrofuturismo e interseccionalidade em suas performances oferece aos estudantes uma oportunidade única de "ler" e interpretar a arte como atos de coragem e posicionamento contraestruturas opressivas, ressaltando-a como uma esfera de reflexão e confronto social.

5. GRUPOS CONTEMPORÂNEOS

5.1. Centro de Ativismo Artístico

Desde sua fundação em 2009, o Centro de Ativismo Artístico (C4AA) tem desempenhado um papel importante na integração das artes no ativismo, fornecendo ferramentas e treinamento para artistas e ativistas que buscam promover mudanças sociais efetivas. Identificando uma lacuna na habilidade prática dos artistas para implementar suas visões, e a repetição de táticas por ativistas que muitas vezes resultavam em frustração e estagnação. O C4AA tem trabalhado para combinar o melhor da arte e do ativismo, isso inclui a criação de teorias, currículos e programas que ajudam artistas e ativistas a entender e aplicar eficazmente as metodologias de ativismo artístico (C4AA, 2024).

Além de sua função educativa, o centro também atua como consultor para organizações artísticas e de justiça social, ajudando-as a desenvolver estratégias criativas de longo prazo. Com mais de uma década de experiência, já ajudou a capacitar mais de 1.500 indivíduos globalmente, abordando uma variedade de questões sociais em colaboração com grupos como *Greenpeace* e *Open Society Foundations*, produzindo recursos como um banco de dados de estudos de caso, podcasts, *webinars* e publicações. (C4AA, 2024)

Essas iniciativas são parte de um esforço contínuo para tornar o ativismo artístico mais acessível, divertido e eficaz, reforçando seu papel como uma prática vital na luta por justiça social e mudança.

5.2. Prêmio Megafone de Ativismo

O Prêmio Megafone de Ativismo é uma iniciativa da Coalizão Megafone que inclui entidades como Pimp My Carroça, Instituto Socioambiental (ISA), WWF Brasil, entre outras, busca ampliar a visibilidade de ações ativistas e promover o ativismo como uma ferramenta de transformação social.

A premiação visa encorajar a participação de novos agentes no ativismo, com um foco especial em jovens e mulheres, para enfrentar a crise climática e outras causas sociais pertinentes. O prêmio abrange diversas categorias como Ação Direta, Arte de Rua, Cartaz em Manifestação, Cidadão Indignado, Documentário, Fotografia, Jovem Ativista, e Marcha ou Manifestação de Rua, cada uma reconhecendo diferentes formas de engajamento ativista que ocorreram no Brasil em 2023. (MEGAFONE, 2024)

A iniciativa demonstra um compromisso com a promoção de mudanças sociais e ambientais positivas, celebrando e incentivando os esforços de ativistas que contribuem para uma sociedade mais justa e sustentável.

6. CONCLUSÃO

A investigação sobre o Artivismo ao longo da história sugere que a arte desempenha um papel significativo nas dinâmicas sociais e políticas, atuando como um reflexo do mundo contemporâneo e como um agente de transformação. Movimentos como o Dadaísmo, o Muralismo Mexicano, e grupos contemporâneos ilustram como a arte pode questionar normas sociais e estimular a reflexão crítica.

No contexto brasileiro, o Artivismo emergiu com força durante a ditadura militar, quando artistas utilizaram suas obras para resistir à censura e promover debates sobre liberdade e direitos humanos. Movimentos como a Tropicália e a Arte Postal mostram como a arte pode ser uma resposta criativa e subversiva frente à repressão.

Com o advento das plataformas digitais, as manifestações artísticas e ativistas ampliam o alcance de questões como justiça social, equidade de gênero e preocupações ambientais. O estudo de iniciativas como o C4AA e o Prêmio Megafone de Ativismo sugere que a interseção entre arte e ativismo continua a ser relevante e em busca por mudanças sociais.

Assim, o Artivismo pode ser interpretado como uma forma de engajamento social, que evolui em resposta às demandas contemporâneas, inspirando novas gerações de ativistas e artistas a utilizar a arte como um meio para mobilizar e conscientizar o público, promovendo, dessa maneira, um diálogo constante sobre as questões mais urgentes da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Valéria Peixoto de. Arte postal - Correspondência com valor artístico. UOL Educação, sem ano. Disponível em: http://bit.ly/3MoIHXb. Acesso em: 04 dez. 2024.

BQUEER, Rafael. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo, 2023. Disponível em: https://bit.ly/49kfDKW. Acesso em: 04 dez. 2024.

CARNEIRO, Júlia D. 50 anos do AI-5: artistas censurados contam como a repressão influenciou suas obras. BBC News Brasil no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: https://bbc.in/4dJflic . Acesso em: 04 dez. 2024.

DUNCOMBE, Steve; LAMBERT, Steve. The Art Of Activism: Your All-Purpose Guide to Making the Impossible Possible. 1. ed. New York: OR Books, 2021.

FLORES, Roberto Gonzaléz. Chicano Artists and Zapatistas Walk Together Asking, Listening, Learning: Part 1. In Motion Magazine, Los Angeles, California. 2008. Disponível em: https://bit.ly/4cPPEeD. Acesso em: 04 dez. 2024

FLORES, Roberto Gonzaléz. Chicano Artists and Zapatistas Walk Together Asking, Listening, Learning: Part 2. In Motion Magazine, Los Angeles, California. 2008. Disponível em: https://bit.ly/3MtqvM8. Acesso em: 04 dez. 2024

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Gilberto Gil. Ebiografia. 2024. Disponível em: https://bit.ly/4e6cwaA. Acesso em: 04 dez. 2023.

GIFALLI, Ronaldo. Arte postal no Brasil: comunicação criativa e sua atualização nas redes sociais. Revista Multiplicidade, [S. l.], v. 1, n. 1, 2018. DOI: 10.59237/multipli.v1i1.33. Disponível em: https://bit.ly/3X9ZDpi. Acesso em: 04 dez. 2024.

O QUE FAZEMOS. Centro de Ativismo Artístico. Nova York, 2024. Disponível em: https://bit.ly/4igd5Bz . Acesso em: 04 dez. 2024.

PACHECO-PAILAHUAL, Stefanie; ARMIROLA-GARCES, Ledy; NITRIHUAL VALDEBENITO, Luis. Kimeltuwe: una estrategia educativa de artivismo digital. Arte, Individuo y Sociedad. Madrid. 2019. v. 31, n. 2, p. 293-309, 3 nov. 2019. DOI https://doi.org/10.5209/ARIS.59167. Disponível em: https://bit.ly/3ZGDoda. Acesso em: 04 dez. 2024.

PRÊMIO MEGAFONE ATIVISMO. Megafone Ativismo. 2024. Disponível em: https://bit.ly/4e6cjnO. Acesso em: 04 dez. 2024.

PEDROSA, Adriano; BECHELANY, Camila. GUERRILHA GIRLS: GRÁFICA, 1985-2017. MASP, São Paulo. 2017. Disponível em: https://bit.ly/3X5BwYU. Acesso em: 04 dez. 2024.

SILVA, Daniel Neves. Tropicalismo. Brasil Escola. Disponível em: https://bit.ly/3Z0OucV. Acesso em: 04 dez. 2024.

STANGOS, Nikos. Conceitos da Arte Moderna. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1991.

TRASPADINI, Roberta Sperandio. América Latina no século XX: revoluções, muralismos, imperialismo e dependência. Revista Katálysis. Santa Catarina, Florianópolis. v. 22, n. 3, p. 566–576, 2019. Disponível em: https://bit.ly/3XpAKaj. Acesso em: 04 dez. 2024.

UM OLHAR EM EIMAR TAVARES, COMUNICAÇÃO E IMAGEM COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA"[1]

A LOOK AT EIMAR TAVARES: COMMUNICATION AND IMAGE AS AN INSTRUMENT OF RESISTANCE

UNA MIRADA A EIMAR TAVARES: COMUNICACIÓN E IMAGEN COMO INSTRUMENTO DE RESISTENCIA

William Silva de Araujo[2]
Paulo Jorge Martins Nunes[3]
Natália Cristina dos Santos Silva da Costa [4]

Resumo: Este artigo analisa as capas de "Um Assobio no Escuro", de Eimar Tavares, sob a lente da semiótica, buscando compreender como as imagens contribuem para a construção de sentidos e a interação com o leitor. A pesquisa, fundamentada em Norval Baitello Junior e Eliseo Verón, investiga a importância da imagem na mediação comunicacional e resistência cultural em Belém do Pará no século XX. Tavares, com seu pseudônimo Raimundo da Corea, inovou ao utilizar a poesia como ferramenta de crítica social e cultural, contrastando com a hegemonia visual do século XX. As capas de "Um Assobio no Escuro" são analisadas como um espaço de resistência e diálogo com a cultura visual dominante, explorando a interseção entre a imagem e a escrita como formas de expressão e contestação.

Palavras-chave: Eimar Tavares; Comunicação Visual; Análise Semiótica; Resistência Cultural.

Abstract: This article analyzes the covers of "Um Assobio no Escuro" (A Whistle in the Dark), by Eimar Tavares, through the lens of semiotics, seeking to understand how images contribute to the construction of meaning and interaction with the reader. The research, based on Norval Baitello Junior and Eliseo Verón, investigates the importance of images in communication mediation and cultural resistance in Belém do Pará in the 20th century. Tavares, under the pseudonym Raimundo da Corea, innovated by using poetry as a tool for social and cultural criticism, contrasting with the visual hegemony of the 20th century. The covers of "Um Assobio no Escuro" are analyzed as a space of resistance and dialogue with

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST7: AMAZÔNIAS: (DIS)SIMULAÇÕES, (DES)LEITURAS E (DES)ENREDOS ENTRE LITERATURA, IMAGEM E ARTES VISUAIS do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Graduado em Letras-UFPA. Especialista em Metodologia de Ensino de Literatura -FAVENI. Mestrando em Comunicação, Linguagem e Cultura – UNAMA E-mail: wsilvaa63@gmail.com ORCID: 0000-0002-0345-0678. Bolsista PROSUP/CAPES.

[3] Doutor em Letras (PPGL-PUC-MG). Docente da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA).. ORCID: 0000-0001-7238-702X. E-mail: pontedogalo3@gmail.com

[4] Graduada em Letras - UNIP. Especialista em Língua Inglesa e suas Literaturas - FIBRA. Mestranda em Comunicação Linguagem e Cultura - UNAMA. E-mail: nataliabaiorin@gmail.com ORCID: 0009-0003-2595-0336. Bolsista PROSUP/CAPES.

the dominant visual culture, exploring the intersection between image and writing as forms of expression and contestation.

Keywords: Eimar Tavares; Visual Communication; Semiotic Analysis; Cultural Resistance.

Resumen: Este artículo analiza las portadas de "Um Assobio no Escuro", de Eimar Tavares, bajo la lente de la semiótica, buscando comprender cómo las imágenes contribuyen a la construcción de significados y la interacción con el lector. La investigación, basada en Norval Baitello Junior y Eliseo Verón, investiga la importancia de las imágenes en la mediación comunicacional y la resistencia cultural en Belém do Pará en el siglo XX. Tavares, bajo el seudónimo Raimundo da Corea, innovó al utilizar la poesía como herramienta de crítica social y cultural, contrastando con la hegemonía visual del siglo XX. Las portadas de "Um Assobio no Escuro" se analizan como un espacio de resistencia y diálogo con la cultura visual dominante, explorando la intersección entre la imagen y la escritura como formas de expresión y contestación.

Palavras clave: Eimar Tavares; Comunicación Visual; Análisis Semiótico; Resistencia Cultural.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar a partir das capas do livro Um Assobio no Escuro como a comunicação e a imagem foram utilizadas por Eimar Tavares como ferramentas de expressão e resistência dentro do contexto social e cultural de Belém do Pará durante a primeira metade do século XX. O foco recai sobre como Tavares, sob o pseudônimo de Raimundo da Corea, utilizou a imagem não apenas como forma de arte, mas como poderoso instrumento de resistência cultural e expressão de identidade. A relação entre comunicação e imagem é uma área de estudo que tem crescente relevância na contemporaneidade, especialmente com o avanço das mídias visuais e digitais.

No contexto da comunicação visual, a imagem não apenas complementa o texto, mas frequentemente assume um papel central na construção de sentidos e na mediação de significados. Eimar Tavares, um autor até então obscurecido, traz à tona narrativas que desafiam as normas e tradições literárias, oferecendo uma perspectiva única sobre a cultura e identidade brasileira. Desse modo, o presente trabalho possui como justificativa a importância de resgatar vozes

literárias historicamente marginalizadas, contribuindo assim para uma compreensão mais abrangente e da literatura brasileira de expressão amazônica.

A escolha de "Um Assobio no Escuro" de Eimar Tavares como objeto de estudo deve- se à riqueza de suas capas em termos de diversidade visual e potencial simbólico. Assim, ao investigar essas capas, o artigo pretende não apenas desvelar as camadas de significação presentes, mas também discutir a importância da imagem na comunicação contemporânea e sua capacidade de mediar experiências e interpretações.

EIMAR TAVARES, IMAGEM COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA

Eimar César Tavares nasceu em Bragança no dia 12 de maio de 1909 e faleceu em Belém no dia 26 de julho de 1987, na CTI de um hospital. Estudou no instituto Lauro Sodré, formando-se em tipografia, profissão onde fez amizade com escritores, jornalistas e poetas, entre estes Acy Araújo e Rodrigues Pinagé. Eimar auto intitulava-se um “serviçal das letras”. Tal denominação, para nós problemática, reflete a baixa estimativa que o autor tinha de si mesmo, fruto das marcas deixadas pelo preconceito racial e pela necessidade de ocultar sua verdadeira origem.

Apesar de seu talento e de sua contribuição significativa para a literatura de expressão amazônica, Eimar nunca se libertou completamente do peso imposto pela sociedade em relação à sua identidade. No entanto, a sua obra é um testemunho vivo da sua luta contra as adversidades, e a sua escrita é um reflexo da sua busca por facilidade e reconhecimento numa sociedade que muitas vezes o marginalizou e o obscureceu. Como enfatiza (Trindade, 2023, p 20):

Eimar, por meio de Raimundo da Corea, apresenta-se não só como um grande cronista, mas um grande inovador na arte de escrever crônicas, uma vez que seu olhar sobre a realidade que o circundava, era expresso em versos. Versejou com maestria sobre os fatos que o causavam espanto, admiração,

repulsa, indignação, alegria... por meio de ironia fina, crítica burlesca e sagacidade poética.

Segundo Trindade (2023), a utilização da poesia interconectada com a crônica é uma das características marcantes nas obras de Eimar, e Raimundo da Corea (pseudônimo), personifica essa habilidade de forma magistral. Ao transfigurar sua percepção da realidade em versos, não somente inovando no gênero, mas também demonstra sua sensibilidade e perspicácia como escritor. Baitello Junior (2015), argumenta que estamos acostumados com o excesso de imagens e à visualidade exuberante que caracterizou progressivamente o século XX, moldado pelas máquinas de reprodução, conservação, projeção e transmissão.

Conforme o autor Baitello Junior (2015), as camadas mais profundas da história da imagem e seus usos permanecem no esquecimento devido ao entretenimento visual que permeia todos os espaços sejam eles públicos e privados, em busca de capturar nosso olhar. Logo, este fenômeno criou uma hegemonia dos media visuais sobre a escrita silenciosa e vagarosa e até mesmo sobre os media de audição pura, também desenvolvidos no século passado.

Ainda em consonância com o autor Baitello Junior (2015), observa-se que espaços dedicados às imagens, como museus, exposições, galerias e templos, passam a ser vistos como depósitos de tempos remotos, repositórios de objetos incompreensíveis e de uma lógica enigmática. Esta transformação revela uma mudança profunda na forma como as imagens são percebidas e valorizadas na contemporaneidade. Desse modo, tais observações trazem à tona a importância de refletir sobre a hegemonia das imagens e a forma com o entretenimento visual tem moldado nossa percepção e interação com o mundo. Neste viés, a ocupação visual, presente em todos os aspectos da vida moderna, levanta questões sobre o impacto disso na nossa capacidade de atenção e memória.

Partindo de tais observações a visualidade, Eimar demonstra uma sagacidade notável ao expressar sentimentos e reflexões através da ironia, da crítica burlesca e da poesia. Esta habilidade revela não apenas um grande cronista, mas um verdadeiro artista das palavras, capaz de encantar e provocar seus leitores. Vale ressaltar também suas habilidades com ilustrações e figuras

feitas à mão, como podemos observar nas capas de seu único livro publicado em vida, “Um Assobio no Escuro”.

Na obra “Um Assobio no Escuro”, apresenta 18 poemas, com datas de publicações ainda, de certo modo, não cronologicamente organizados. No entanto, publicados no intervalo de 1940 e 1984, apresentam diversos temas entres eles: o destaque aos artistas locais e nacionais; a singularidade humana; a busca por identificar o som na escuridão; festejo da Marujada dentre outros temas. Desse modo, se mostra um autor antenado com as questões do seu temp.

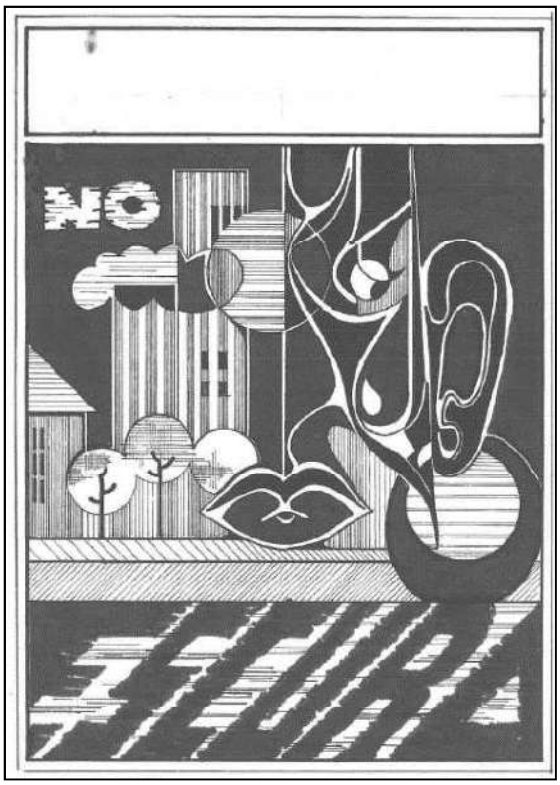
A combinação dessas habilidades literárias e artísticas reflete a profundidade e a versatilidade de Eimar, destacando-o como um pensador crítico e criativo. Seu trabalho nos convida a considerar não apenas o impacto das imagens e do entretenimento visual, mas também a importância de preservar e valorizar formas mais lentas e contemplativas de comunicação e expressão.
Como observamos a seguir as capas de Um Assobio no Escuro:

Figura 1 – Capa 01.



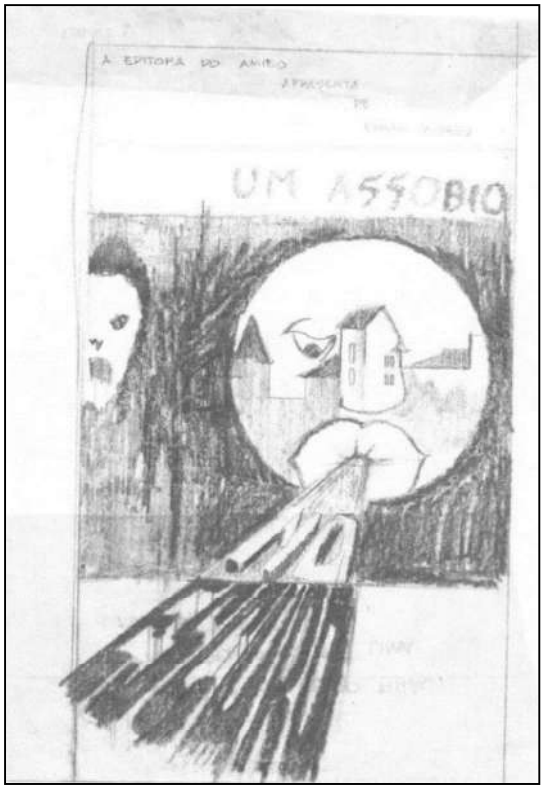
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Figura 2- Capa 02.



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Figura 3 – Capa 03



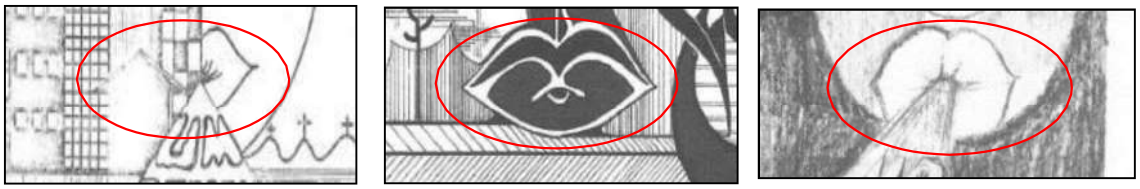
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Conforme observa Baitello Junior (2019), a característica primordial a ser destacada é a hegemonia quase absoluta do visual. De acordo com o autor, a visualidade possui um grande domínio de captura de nossas atenções, sendo o nosso principal sentido de alerta. Neste viés, ressalta o psicanalista Aaron Bodenheimer, que denomina essa força de “Den Blick fangen” (Aprisionar o olhar). Em comparação, nem os ambientes estéticos, nem os ambientes de culto e muito menos os ambientes do mito foram tão hegemonicamente visuais como o tempo presente. Portanto, é evidente que a imagem midiática não apenas amplia a presença visual em nossa sociedade, mas também molda comportamentos e experiências de maneiras sem precedentes, exigindo uma observação cuidadosa de seu impacto e das dinâmicas de interação com o público.

Desse modo, observar a representação visual nas capas de revista torna-se pertinente, especialmente quando se trata de autores que foram obscurecidos

pela sociedade devido à sua cor. Este tópico se propõe a analisar as três capas da revista, destacando as semelhanças e as diferenças na maneira como sua imagem é apresentada. A repetição do desenho de uma boca carnuda, característica frequentemente associada a pessoas negras, será o ponto de partida para nossa análise. Segue os recortes, respectivamente das capas, ver figuras 01;02;03:

Recorte da Figura 01. **Recorte da Figura 02.** **Recorte da Figura 03.**



Fonte: Edição dos Autores

Neste primeiro momento, podemos perceber que as três capas compartilham alguns elementos visuais em comum: o desenho de uma boca carnuda. Este elemento é uma representação significativa que nos permite explorar como a identidade racial do autor é construída e percebida. No entanto, a maneira como a boca é apresentada varia em cada capa, sugerindo diferentes níveis de visibilidade e invisibilidade do autor.

Na primeira capa (ver recorte da figura 01), a boca carnuda está parcialmente escondida e com uma tonalidade mais clara. Esta representação pode simbolizar a marginalização do autor e uma tentativa de ocultar sua identidade étnico-racial. A ocultação da boca sugere que a voz e a identidade do autor estão sendo obscurecidas ou desvalorizadas. A escolha de esconder parcialmente a boca indica uma tentativa de minimizar a presença do autor, refletindo uma narrativa de marginalização e invisibilidade.

A tonalidade mais clara da boca, em contraste com o restante da imagem, pode ser interpretada como um esforço de "branquear" a identidade do autor. Esta estratégia visual reforça a ideia de que a negritude do autor é algo a ser escondido ou suavizado para se adequar a certas expectativas sociais ou editoriais. Ao ocultar um dos traços mais distintivos da identidade racial do autor,

a capa parece sugerir que sua negritude é algo a ser disfarçado, destacando a luta contínua contra a invisibilidade imposta por normas raciais hegemônicas. Além disso, a boca parcialmente escondida pode ser vista como uma metáfora para a silenciamento das vozes negras na literatura e na sociedade em geral. Essa imagem evoca a experiência de muitos autores negros cujas contribuições são frequentemente ignoradas ou minimizadas. A capa, portanto, não apenas reflete a experiência pessoal do autor, mas também uma condição mais ampla de marginalização enfrentada por escritores negros em um contexto histórico e cultural.

Na segunda capa (ver recorte da figura 02), a boca carnuda está pintada de preto, não mais escondida como na capa anterior. Logo, em contraponto a anterior, pode ser interpretada como uma forma de reforçar a identidade racial do autor, um reconhecimento de sua identidade, mas também pode ser vista como um estereótipo visual. Esta representação destaca a cor da pele de maneira quase caricatural, o que pode ser uma forma de demonstrar explicitamente que se trata de um autor negro. A exibição da boca de forma tão marcada pode tanto reafirmar a identidade racial do autor quanto sublinhar a estereotipação visual que recai sobre ele. Neste viés, em consonância com Baittelo Junior (2014) símbolos são grandes sínteses sociais, resultantes da elaboração de grandes complexos de imagens e vivências de todos os tipos.

A pintura da boca em um tom preto profundo enfatiza a negritude do autor, sugerindo uma aceitação ou até uma celebração de sua identidade racial. No entanto, ao fazê-lo de maneira tão exagerada, a imagem corre o risco de cair em estereótipos, transformando a característica racial em um elemento gráfico quase caricatural. Isso pode ser interpretado como uma forma de hipervisibilidade que, embora reconheça a presença do autor negro, também o reduz a um conjunto de características físicas estereotipadas, desconsiderando a complexidade de sua identidade e obra.

Essa representação também pode ser vista como uma tentativa de chocar ou atrair a atenção do público, utilizando a negritude do autor como um ponto focal. A escolha de pintar a boca completamente de preto pode ser entendida como uma estratégia editorial para destacar a diferença racial do autor de

maneira ostensiva, o que pode ser tanto empoderador quanto problemático. Empoderador, na medida em que afirma a presença negra em um espaço geralmente dominado por brancos; problemático, porque simplifica e exotiza a identidade do autor, perpetuando imagens unidimensionais dos indivíduos negros.

Na terceira capa (ver recorte da figura 03), a boca carnuda está aberta, como se o autor estivesse falando. Esta representação sugere uma afirmação da voz e da presença do autor. A boca aberta indica que o autor está se expressando, rompendo o silêncio imposto pelas outras representações. É um sinal de resistência e de reivindicação de seu espaço e identidade. A imagem de uma boca em ação simboliza a luta do autor para ser ouvido e reconhecido, contrastando fortemente com as representações anteriores de ocultação e estereotipação.

A boca aberta pode ser interpretada como uma metáfora para a liberação da voz do autor negro, que está finalmente sendo ouvida com esta obra. Esta imagem contrasta com a boca escondida e a boca pintada de preto, sugerindo uma evolução na representação do autor. Enquanto as capas anteriores enfatizam a ocultação e a hipervisibilidade estereotipada, a terceira capa celebra a expressão ativa e a resistência. A boca aberta não apenas desafia as tentativas de silenciamento, mas também afirma a agência e a presença do autor no espaço literário e público.

Além disso, a boca em ação pode simbolizar a luta contínua dos autores negros para reivindicar sua narrativa e desafiar os estereótipos que lhes são impostos. Esta capa pode ser vista como um ato de resistência contra a marginalização, destaca a importância da voz negra na literatura. Ao representar o autor como alguém que está ativamente falando, a capa reconhece sua contribuição significativa e desafia as noções de invisibilidade que marcam sua vida e obra.

As capas das revistas, ao enfatizarem a boca carnuda do autor, revelam como sua identidade racial é central na construção de sua imagem pública. A variação na apresentação da boca reflete diferentes atitudes e abordagens em relação à sua raça e reconhecimento. A ocultação, a exageração e a expressão

ativa da boca mostram como o autor negro navega entre a invisibilidade e a hipervisibilidade. Esta análise visual permite compreender como as representações gráficas podem tanto reforçar quanto desafiar as narrativas de identidade racial.

Cada uma dessas representações visuais oferece uma perspectiva única sobre a maneira como o autor negro é percebido e apresentado ao público. A primeira capa destaca a marginalização e a tentativa de ocultação, refletindo uma narrativa de silenciamento. A segunda capa, com sua representação hipervisível e estereotipada, sugere um reconhecimento superficial que não vai além da cor da pele do autor. A terceira capa, por sua vez, celebra a expressão ativa e a resistência, apresentando o autor como uma figura que está rompendo com as limitações impostas pelas representações anteriores.

Ao analisar essas capas, fica claro que a identidade racial do autor não é apenas um aspecto incidental, mas um elemento central que influencia como ele é visto e interpretado. As capas das revistas não apenas refletem, mas também moldam a percepção pública do autor, influenciando a maneira como sua obra é recebida e valorizada. Esta análise destaca a importância de examinar criticamente as representações visuais na mídia, especialmente no que diz respeito a autores de grupos marginalizados, para compreender melhor as dinâmicas de poder e reconhecimento que operam no campo literário

Em relação as imagens contidas na obra de Tavares, Um Assobio no Escuro, como imagem central temos uma figura em silhueta assobiando no meio de uma floresta escura, a silhueta e a floresta são signos que denotam um ambiente escuro e misterioso, conotando perigo ou segredo. O uso de luz e sombra pode sugerir a presença do desconhecido ou o suspense. A capa reflete a prática social de usar imagens sombrias para comunicar suspense e mistério. A escolha de representar o personagem como uma silhueta pode indicar anonimato e universalidade, sugerindo o mistério.

Portanto, é evidente que a imagem midiática não apenas amplia a presença visual em nossa sociedade, mas também molda comportamentos e experiências de maneiras sem precedentes, exigindo uma observação cuidadosa de seu impacto e das dinâmicas de interação com o público. Neste

viés, Sturken e Cartwright (2001) destacam que os significados das imagens são construídos não apenas pelos seus elementos intrínsecos, mas também pelo modo como são consumidos, vistos e interpretados. Dessa forma, os significados das imagens/capas podem ser continuamente recriados ou modificados conforme são visualizadas, sendo influenciados pelo contexto sócio histórico tanto do produtor quanto do espectador.

Desse modo, conforme o conceito desenvolvido por Verón (2014), o de "semiose social", que se refere ao processo contínuo e dinâmico de produção de sentidos na sociedade. Para o autor, as práticas sociais são impregnadas de processos semióticos, e a imagem é uma forma significativa de construção de sentido dentro deste contexto. Ele argumenta que a semiose não é apenas um fenômeno linguístico, mas envolve todas as formas de expressão, incluindo imagens, sons e gestos.

Ainda em consonância com Verón (2014) o autor trata as imagens como textos que podem ser lidos e interpretados. Ele aplicava métodos semióticos para analisar como as imagens comunicam significados, considerando elementos como composição, cor, forma e contexto cultural. Essa abordagem permite desvendar as camadas de significado que uma imagem pode conter e como essas camadas são percebidas pelo público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eimar Tavares é uma figura central na literatura paraense do século XX, destacando-se como escritor, artista gráfico e jornalista. Sua obra é um testemunho de sua luta contra as adversidades sociais, refletindo as complexidades de uma vida marcada pelo preconceito racial e pela exclusão. Tavares, autointitulado "serviçal das letras", enfrentou dificuldades impostas por uma sociedade que marginalizava sua identidade, mas encontrou na escrita uma forma de resistência e expressão, deixando um legado significativo na literatura de expressão amazônica.

Seu percurso é emblemático da perseverança e criatividade frente às dificuldades. Tavares utilizou suas habilidades literárias e artísticas não apenas para se afirmar em um ambiente hostil, mas também para dar voz aos marginalizados e obscurecidos. Através de seus escritos e arte, ele contribuiu para a formação de uma identidade cultural amazônica mais rica.

A importância de Eimar Tavares na literatura paraense é inquestionável. Sua capacidade de transformar suas experiências pessoais de discriminação e exclusão em uma narrativa poderosa de resistência. Sua trajetória é uma prova de que a arte e a literatura podem ser ferramentas poderosas na luta pela justiça social e pela afirmação de identidades marginalizadas.

REFERÊNCIAS

Baitello Junior, Norval. (2012). **O pensamento sentado: Sobre glúteos, cadeiras e imagens**. Editora Unisinos.

Baitello Junior, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura**. [Livro eletrônico] São Paulo: Paulus, 2014.

Baitello, N. (2019). **Existências penduradas: Selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens**. Editora Unisinos.

Barros, C.; Tavares, F. P. (Organizadores). **Eimar Tavares: Antologia poética e poetas da Belém Nova.** Belém, PA: Editora Publica Dalcídio Jurandir, 2023.

Sturken, M., & Cartwright, L. (2001). **Practices of Looking: An Introduction to Visual Culture**. Oxford University Press.

Verón, Eliseo. **Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências.** Matrizes, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-191. jan./jun. 2014.

ENTRE O REAL E O SOBRENATURAL: ANÁLISE DO CONTO A PROCISSÃO DAS ALMAS.[1]

BETWEEN THE REAL AND THE SUPERNATURAL: ANALYSIS OF THE TALE PROCESSION OF SOULS.

ENTRE LO REAL Y LO SOBRENATURAL: ANÁLISIS DEL CUENTO PROCESIÓN DE ALMAS.

Claudio Guedes de Souza[2]

Rafaella Contente Pereira da Costa[3]

Resumo

A literatura oral é de grande importância na cultura brasileira, especialmente na região da Amazônia, preservando e transmitindo tradições que definem a identidade regional. A oralidade e a poética estão intrinsecamente ligadas na cultura popular, sendo essenciais para a coesão social e a preservação cultural. Este artigo explora a importância das narrativas orais e das poéticas da oralidade, destacando a dinamicidade e simbologia da cultura popular. A pesquisa documental realizada permitiu uma análise aprofundada das tradições orais amazônicas, ressaltando a relevância de valorizar e promover o reconhecimento da rica herança cultural da Amazônia. Ao destacar a interação entre o real e o sobrenatural no conto A Procissão das Almas de Walcyr Monteiro, este estudo reforça a necessidade de preservar e respeitar as tradições e crenças locais, promovendo uma maior apreciação da cultura regional.

Palavras-Chave: Amazônia, oralidade, cultura popular, conto e preservação cultural.

Abstract

Oral literature is of great importance in Brazilian culture, especially in the Amazon region, preserving and transmitting traditions that define regional identity. Orality and poetics are intrinsically linked in popular culture, being essential for social cohesion and cultural preservation. This article explores the importance of oral narratives and the poetics of orality, highlighting the dynamism and symbolism of popular culture. The documentary research carried out allowed an in-depth analysis of Amazonian oral traditions, highlighting the relevance of valuing and promoting recognition of the rich cultural heritage of the Amazon. By highlighting the interaction between the real and the supernatural in the story A Procissão das Almas by Walcyr Monteiro, this study reinforces the need to preserve and respect local traditions and beliefs, promoting a greater appreciation of regional culture.

Keywords: Amazon, orality, popular culture, short stories and cultural preservation.

---

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST7: AMAZÔNIAS: (DIS)SIMULAÇÕES, (DES)LEITURAS E (DES)ENREDOS ENTRE LITERATURA, IMAGEM E ARTES VISUAIS do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Graduando do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA). guedes.uepa@gmail.com

[3] Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará. Docente da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). rafaellacontente@gmail.com

Resumen

La literatura oral es de gran importancia en la cultura brasileña, especialmente en la región amazónica, preservando y transmitiendo tradiciones que definen la identidad regional. La oralidad y la poética están intrínsecamente ligadas en la cultura popular, siendo esenciales para la cohesión social y la preservación cultural. Este artículo explora la importancia de las narrativas orales y la poética de la oralidad, destacando el dinamismo y el simbolismo de la cultura popular. La investigación documental realizada permitió profundizar en el análisis de las tradiciones orales amazónicas, resaltando la relevancia de valorar y promover el reconocimiento del rico patrimonio cultural de la Amazonía. Al resaltar la interacción entre lo real y lo sobrenatural en el cuento A Procissão das Almas de Walcyr Monteiro, este estudio refuerza la necesidad de preservar y respetar las tradiciones y creencias locales, promoviendo una mayor apreciación de la cultura regional.

Palavras Clave: Amazonía, oralidad, cultura popular, cuento y preservación cultural.

INTRODUÇÃO

A literatura oral desempenha um papel essencial na cultura brasileira, particularmente na vibrante e diversificada cultura da Amazônia. As narrativas e o ato de narrar constituem um inventário vital das manifestações cotidianas, preservando e transmitindo tradições que definem a identidade regional.

Oralidade e poética são conceitos profundamente interligados na cultura popular. Entende-se que a oralidade, ou a maneira como nos comunicamos falando, não se resume apenas às palavras que usamos. Uma vez que envolve como falamos, com entonação e ritmo, além de incluir as expressões faciais e os gestos que usamos enquanto falamos. É uma forma dinâmica de transmissão de conhecimento, memórias e valores, crucial para a coesão social e a preservação cultural. A poética, por sua vez, refere-se às formas artísticas e estéticas dessas narrativas orais, enfatizando a beleza e a expressividade dos relatos.

As abordagens contemporâneas demonstram que a cultura popular não é uma forma de saber estanque e compartimentada, mas sim um conjunto de representações simbólicas dinâmicas. Em sociedades estratificadas, essa cultura caracteriza uma camada da população que não tem acesso pleno à cultura erudita. A escolha deste tema reflete o interesse em aprofundar o conhecimento sobre as crenças e tradições amazônicas, além de valorizar as poéticas da oralidade. É essencial que essas histórias não fiquem restritas ao

passado, mas sejam transmitidas de geração em geração, mantendo viva a herança cultural e crendices da Amazônia.

O presente estudo se propõe a analisar o conto A Procissão das Almas, presente no livro Visagens e Assombrações de Belém de Walcyr Monteiro, escritor amazônida. A obra explora as crenças em visagens e assombrações que permeiam a cidade de Belém.

A religiosidade popular, com suas crenças e rituais ancestrais, ainda exerce forte influência na vida das pessoas. As histórias de assombrações, as lendas e a fé em entidades sobrenaturais estão muito presentes no imaginário popular, especialmente nas camadas mais pobres da sociedade.

Vale ressaltar que estudos focados nas crendices e nas manifestações folclóricas da região amazônica são de extrema importância. Eles não apenas preservam o patrimônio imaterial, mas também oferecem uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais que moldam a identidade da região. A análise de A Procissão das Almas contribui para esse objetivo, revelando como as narrativas orais refletem e influenciam as crenças e práticas sociais em Belém e nas áreas circunvizinhas. Compreender essas histórias é fundamental para manter vivas as tradições e fortalecer a identidade cultural da Amazônia, evidenciando a relevância contínua das poéticas da oralidade em nosso tempo.

Compreender e valorizar as poéticas da oralidade é, portanto, essencial para assegurar a continuidade e a vitalidade da cultura amazônica, mantendo vivo um patrimônio imaterial que define e enriquece a identidade regional.

MEMÓRIA, IDENTIDADE E A NARRATIVA DA AMAZÔNIA.

A narrativa é um dispositivo que orienta e dá significado às ações e atos dos seres humanos envolvidos em uma experiência comunicacional específica. Ela organiza o estar junto, identifica-o, explica seu mundo e constrói sua memória coletiva por meio de experiências vividas e transmitidas de geração em

geração. De acordo com BERGER E LUCKMANN (2000, p.35) "a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente."

Para BENJAMIN (1994), embora a narrativa seja universal, a forma e o jeito de narrar variam de acordo com quem narra, de onde e de quando se narra. Essas particularidades são evidentes nos rituais que tornam a narração possível. Afirma-se que o ato de narrar é o que sempre uniu os homens. Nesse modo, no início, não era a palavra escrita que predominava, mas sim o gesto, a expressão facial e corporal, o tato, a visão e o olfato, que criavam a relação intercomunicativa.

Desde os primórdios da humanidade, quando os primeiros seres humanos conseguiram articular elementos naturais de seus corpos, como gritos, gestos, grunhidos e expressões faciais, a comunicação humana nasceu. Essa comunicação atendia inicialmente às necessidades básicas de sobrevivência, mas evoluiu para se tornar uma ferramenta fundamental para a subsistência das sociedades humanas. A ação comunicativa é crucial para manter a base da interação social.

De acordo com HALBWACHS (2013)

> Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (p. 39)

Compreende-se que a narrativa serve como uma síntese que tende à reflexão, onde uma experiência fatal toma contornos dramáticos, tornando-se uma narrativa exemplar. Diante disso, percebe-se que o conhecimento é sempre produzido por meio da interação e comunicação, emergindo do mundo onde as pessoas se encontram e interagem. A representação social é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas, configurando-se como uma representação de algo ou alguém.

A narrativa que hoje é ouvida já foi transformada e segue se transformando graças a essa interação. Segundo BOSI (1994, p.55) “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Assim, para o autor, não se pode trazer retratos objetivos e claros de tempos remotos, pois o contexto social não é mais o mesmo.

As narrativas estão presentes em todas as linguagens e se espalham pelo corpo, pelas ruas da cidade, seja pela fotografia ou por meio da arte e até mesmo os meios de comunicação. Os seres humanos estão inseridos em sistemas narrativos mesmo antes de nascerem, por exemplo, ao escolherem nosso nome, nossos pais e familiares já nos instalam como personagens da grande narrativa que é a vida.

Portanto, a narrativa é um elemento essencial na construção da identidade e da memória coletiva das sociedades humanas. Nas poéticas amazônicas, essa narrativa ganha uma dimensão especial ao incorporar a regionalidade e as tradições locais. A riqueza da literatura amazônica está na forma como ela usa a oralidade e os diferentes estilos de contar histórias.

Diante disto, entende-se que formas de narração se ajustam à cultura e ao ambiente da região, transmitindo não só conhecimento e experiências, como também uma ligação com a natureza e um sentido espiritual. As narrativas amazônicas são essenciais para manter a coesão social e cultural, refletindo a universalidade da adaptação narrativa ao mesmo tempo em que celebram a singularidade das vozes e das histórias da Amazônia.

As poéticas da oralidade, da narrativa e das crenças amazônicas se ligam como fios de um tecido, originando a identidade de um povo. Por meio dessas manifestações, podemos compreender a profunda conexão que os amazônidas têm com sua história, sua cultura e sua terra, como um convite para celebrar a diversidade, a riqueza e a magia que definem essa região única e fascinante.

Ao longo do tempo, as crenças e superstições da Amazônia foram moldadas pelas experiências das pessoas. Essas narrativas vão além de apenas

entreter; elas nos ligam com a memória cultural da região. Essas histórias, geram sentimentos que nos conduzem para uma época em que a tradição oral unia pessoas e reforçava a identidade da região.

A seguir, será analisado o conto Procissão das Almas de Monteiro, presente no livro Visagens e Assombrações de Belém. Vale destacar que Walcyr Monteiro é autor paraense, conhecido por sua habilidade em capturar o imaginário popular por meio de histórias de assombrações e lendas urbanas. Walcyr Monteiro, imerge em suas obras narrativas folclóricas da região, apresentando ao leitor um mundo repleto de mistérios e sobrenatural. Suas obras são um reflexo de sua paixão pela cultura amazônica e pelo misticismo que permeia o cotidiano ou no das pessoas que habitam essa área tão rica em tradições.

Visagens e Assombrações de Belém proporciona a reflexão sobre a importância das histórias e crenças populares na construção da identidade cultural de uma comunidade. A comunicação, seja ela verbal ou não verbal, desempenha um papel crucial na transmissão dessas narrativas de geração em geração, preservando e perpetuando o patrimônio imaterial de um povo.

O conto A Procissão das almas está inserido nas crendices e religiosidade da Amazônia, explorando as crenças e superstições que permeiam a cultura paraense. A narrativa, rica em detalhes e atmosfera, nos conduz por meio de uma jornada que mistura o real e o sobrenatural, oferecendo uma visão fascinante sobre as tradições e o imaginário popular de Belém.

METODOLOGIA

O presente estudo tem como objetivo analisar o conto e ressaltar a importância das poéticas da oralidade e da narração, bem como valorizar a cultura, crenças e costumes da Amazônia. Para atingir esse objetivo, foi utilizada uma metodologia baseada em pesquisa documental e bibliográfica.

A pesquisa documental e bibliográfica envolveu a coleta e análise de materiais escritos, incluindo contos do autor e literaturas secundárias sobre a

Amazônia. Esses materiais foram selecionados a partir de critérios específicos, visando abranger uma ampla representação da cultura e das tradições da região. A análise foi conduzida de forma a identificar elementos-chave das poéticas da oralidade e da narração, bem como aspectos culturais, crenças e costumes locais.

A análise dos dados coletados foi realizada com base em abordagens qualitativas, privilegiando a interpretação dos significados e simbologias presentes nos contos e narrativas. Para MINAYO (2002) a importância dessa abordagem ocorre no nível da subjetividade explorada, permitindo, portanto, um entendimento mais profundo das poéticas da oralidade e da narração, destacando a forma como essas práticas contribuem para a preservação e transmissão da cultura amazônica.

Acredita-se que os resultados dessa pesquisa contribuirão significativamente para a valorização da cultura amazônica e para o reforço da importância das poéticas da oralidade. Ao destacar a relevância das narrativas orais e das tradições culturais da região, o estudo visa promover um maior reconhecimento e apreciação da rica herança cultural da Amazônia.

ANÁLISE DO CONTO PROCISSÃO DAS ALMAS DE WALCYR MONTEIRO.

Para analisar o conto A Procissão das Almas de Walcyr Monteiro, é importante compreender o contexto histórico e sociocultural em que a obra foi escrita. O conto, publicado em 1962, nos leva para o Brasil da década de 60, período marcado por profundas transformações sociais, políticas e culturais.

É importante destacar também que a religiosidade popular, com suas crenças e rituais ancestrais, ainda tinha forte influência na vida das pessoas. De modo que, as histórias de assombrações, lendas folclóricas e a fé em entidades sobrenaturais eram muito presentes no imaginário popular, especialmente nas camadas mais pobres da sociedade.

A Procissão das Almas é um conto que mescla elementos do sobrenatural com a sabedoria popular. Ressalta-se que a convivência entre os sujeitos da

Amazônia com visagens, mitos e lendas é ocorrência cotidiana nas narrativas orais. GALLO (1981, p.38) usou a expressão “espírito brincalhão e anedótico” para explicar essa convivência comum com visagens para moradores dessa região. Para o autor, essas narrativas estão sempre relacionadas a um espaço importante para a cidade, reforçando os aspectos de identidade.

Carmelina, é apresentada como uma figura conhecida em seu bairro por sua curiosidade excessiva e tendência a se intrometer na vida alheia. A descrição detalhada de seu comportamento e a interação com seu cachorro, Rex, estabelecem o cenário para o desenvolvimento da trama. A caracterização de Carmelina como a quem se fazem restrições nas rodas sociais cria uma expectativa sobre as possíveis consequências de seu comportamento. Sua indiscrição a leva a um encontro aterrador com uma procissão de almas penadas.

A narrativa desenvolve-se a partir da curiosidade de Carmelina e culmina com uma lição sobrenatural sobre as consequências de sua atitude intrometida. A personagem principal é forçada a enfrentar as repercussões de seu comportamento, resultando em uma experiência transformadora e aterrorizante.

É importante contextualizar a obra dentro da rica tradição cultural e folclórica da Amazônia. O autor incorpora crenças populares e superstições locais para construir uma narrativa que não só entretém, mas também preserva e valoriza o patrimônio cultural da região. A figura da procissão de almas é um elemento comum no folclore brasileiro, especialmente no Norte, onde as tradições orais e as histórias de assombrações são frequentemente usadas para transmitir lições morais e culturais.

A inquietação de Rex e os estranhos sons que Carmelina ouve na noite instigam sua curiosidade. Mesmo consciente dos conselhos dos antigos, ela não resiste à tentação de espiar o que está acontecendo. Este momento marca o ponto de virada na narrativa, onde o natural se encontra com o sobrenatural. A descrição da procissão das almas, com suas características nebulosas e sombrias, cria uma atmosfera de suspense e mistério. O clímax é atingido

quando Carmelina, petrificada, interage com um dos espíritos, recebendo uma vela que se transforma em um osso humano. A cena ocorre durante a noite, no escuro, e o medo da escuridão, segundo FARES (2015), revela os perigos subjetivos, produzidos pela imaginação e pelo imaginário popular, como é o caso da personagem.

A narrativa de Walcyr Monteiro ressalta a importância da sabedoria popular e das advertências dos mais velhos. A transformação de Carmelina, de uma mulher bisbilhoteira para alguém que reconhece os perigos de sua curiosidade descontrolada, serve como um poderoso lembrete das consequências de desrespeitar os limites e as tradições culturais. Segundo COSTA (2021, p. 33) os saberes são "construídos discursivamente como práticas de linguagem, a memória e o imaginário são organizados em forma de discurso, seja ele oral ou escrito, e são colocados à prova em qualquer oportunidade no dia a dia da comunidade". Assim, o clímax leva a uma memória de sabedoria popular.

A conclusão do conto sugere que a introspecção e o respeito pelas práticas e crenças culturais podem levar a uma vida mais equilibrada e consciente, havendo uma resolução que combina elementos de redenção e aprendizado. Carmelina segue as instruções dos frades capuchinhos, o que lhe permite corrigir seu erro e evitar consequências mais graves. A mensagem final da mulher da procissão reforça a moral da história: a necessidade de introspecção e de respeitar a vida e as escolhas dos outros. Este encerramento não apenas resolve a trama, mas também reafirma a importância das lições transmitidas através das poéticas da oralidade.

Por meio da trajetória de Carmelina, o autor destaca a importância da sabedoria popular e das poéticas da oralidade. O conto serve como um veículo para a valorização da cultura amazônica, reforçando a relevância de preservar e respeitar as tradições e crenças locais. Ao final, somos lembrados de que a curiosidade, quando descontrolada e desrespeitosa, pode levar a consequências inesperadas e profundas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível compreender a profundidade e a riqueza das narrativas orais amazônicas e sua importância na preservação da cultura regional. A análise do conto A Procissão das Almas de Walcyr Monteiro, destacou como a literatura pode servir como um veículo poderoso para transmitir crenças, valores e tradições culturais.

A oralidade, com suas expressões poéticas, revela-se não apenas como uma forma de comunicação, mas como um elemento vital na construção da identidade e memória coletiva das comunidades amazônicas. A narrativa oral carrega consigo a sabedoria popular, as lições morais e os ensinamentos que são passados de geração em geração, mantendo viva a herança cultural da região.

Por meio das histórias de assombrações e das crenças populares, somos convidados a explorar um universo onde o real e o sobrenatural se entrelaçam, refletindo as complexas dinâmicas sociais e culturais que moldam a Amazônia. A personagem Carmelina, com sua jornada de curiosidade e transformação, ilustra as consequências de desrespeitar as tradições e a sabedoria dos mais velhos, reforçando a necessidade de introspecção e respeito pelas práticas culturais.

Este estudo reafirma a importância de valorizar e preservar as narrativas orais como um patrimônio imaterial inestimável. As poéticas da oralidade não só enriquecem a identidade regional, mas também fortalecem a coesão social, mantendo vivas as histórias e os conhecimentos que definem a Amazônia.

Portanto, é de uma importância que essas narrativas continuem a ser transmitidas e celebradas, garantindo que as futuras gerações possam também se conectar com suas raízes culturais. A preservação das poéticas da oralidade é essencial para manter a vitalidade da cultura amazônica, assegurando que a riqueza e a magia dessa região única continuem a inspirar e fascinar a todos nós.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O NARRADOR:** CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE NIKOLAI LESKOV. MAGIA E TÉCNICA,ARTE E POLÍTICA: ENSAIOS SOBRE A LITERATURA E A HISTÓRIA DA CULTURA. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BOSI, Ecléa. MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇA DE VELHOS. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COSTA, Rafaella Contente Pereira da. **NARRATIVAS DE BRAGANÇA NAS VOZES DO RÁDIO.** TESE DE DOUTORADO. Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

FARES, Josebel Akel. **UM MEMORIAL DAS MATINTAS AMAZÔNICAS**. Belém: Fundação Cultural do Pará, 2015.

GALLO, Giovanni. **MARAJÓ: A DITADURA DA ÁGUA**. 2 ed. Santa Cruz do Arari: Nosso Museu, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A MEMÓRIA COLETIVA**. São Paulo**,** Editora: Centauro, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **PESQUISA SOCIAL:**teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MONTEIRO, Walcyr. **VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES DE BELÉM.** 6 ed. Belém: Cromos Editora, 2012.

CORPOS EXPRESSIVOS: NARRATIVAS VISUAIS ENTRE AS OBRAS DE WILLEM DE KOONING E DINA DE OLIVEIRA[1]

EXPRESSIVE BODIES: VISUAL NARRATIVES BETWEEN THE WORKS OF WILLEM DE KOONING AND DINA DE OLIVEIRA

CUERPOS EXPRESIVOS: NARRATIVAS VISUALES ENTRE LAS OBRAS DE WILLEM DE KOONING Y DINA DE OLIVEIRA

Yasmin Gomes[2]

Resumo: O presente artigo propõe um contexto breve do que foi o movimento Expressionista Abstrato Americano iniciado durante a década de 1940, com foco na obra *"Woman I"* do artista Willem de Kooning realizada durante os anos de 1950 a 1952. Posteriormente, realiza-se uma análise por meio da obra "Sem título" produzida em 1983 pela artista paraense Dina de Oliveira, como forma de inserir o cenário Paraense e suas práticas artísticas no panorama global. Tem-se como metodologia principal, a análise das obras de ambos os artistas, assim como identificar semelhanças narrativas e/ou visuais que possam vinculá-los aos conceitos oriundos do movimento expressionista. Para tal, assume-se metodologia bibliográfica e qualitativa para coleta de dados teóricos por meio de publicações, assim como documental para análise das obras já existentes. Como perspectiva, considera-se um reflexo das prováveis aspirações de alguns artistas locais, por intermédio de artistas internacionais e as novas tendências em foco.

Palavras-chave: Arte Contemporânea Paraense; Expressionismo Abstrato Americano; Willem De Kooning; Dina de Oliveira; Pintura.

Abstract: This article provides a brief context of the American Abstract Expressionist movement that began in the 1940s, focusing on the work "Woman I" by the artist Willem de Kooning, produced between 1950 and 1952. Subsequently, an analysis is carried out using the work "Untitled" produced in 1951 by the artist Dina de Oliveira from Pará, as a way of inserting the Pará scene and its artistic practices into the global panorama. The main methodology used is the analysis of the works of both artists, as well as identifying narrative and/or visual similarities that may link them to concepts originating from the expressionist movement. To this end, a bibliographic and qualitative methodology is adopted to collect theoretical data through publications, as well as documentary

[1] Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho "ST7 - AMAZÔNIAS: (DIS)SIMULAÇÕES, (DES)LEITURAS E (DES)ENREDOS ENTRE LITERATURA, IMAGEM E ARTES VISUAIS" do XI Confluências - Congresso Anual de Comunicação, Linguagens e Cultura da/na Amazônia, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 17 a 20 de setembro de 2024.

[2] Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA) e Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA). Especialista em História da Arte (Faculdade Multivix), Licenciada em Artes Visuais (UNAMA). Curadora e pesquisadora.
E-mail: yasmincg@yahoo.com.br, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9549-6787

methodology to analyze existing works. As a perspective, a reflection of the probable aspirations of some local artists is considered, through international artists and the new trends in focus.

Keywords: Contemporary Art of Pará; American Abstract Expressionism; Willem De Kooning; Dina de Oliveira; Painting.

Resumen: Este artículo propone un breve contexto del movimiento expresionista abstracto estadounidense iniciado durante la década de 1940, centrándose en la obra “Mujer I” del artista Willem de Kooning realizada entre 1950 y 1952. Posteriormente, se realiza un análisis a través de la obra “Sin título” producida. en 1951 por la artista parense Dina de Oliveira, como una forma de insertar el escenario parense y sus prácticas artísticas en el panorama global. La principal metodología es el análisis de las obras de ambos artistas, así como identificar similitudes narrativas y/o visuales que puedan vincularlas con conceptos provenientes del movimiento expresionista. Para ello se adopta una metodología bibliográfica y cualitativa de recogida de datos teóricos a través de publicaciones, así como datos documentales para el análisis de trabajos existentes. Como perspectiva, se considera un reflejo de las probables aspiraciones de algunos artistas locales, a través de artistas internacionales y las nuevas tendencias en foco.

Palavras clave: Arte Contemporáneo de Pará; Expresionismo Abstracto Americano; Willem De Kooning; Dina de Oliveira; Cuadro.

1. EXPRESSIONISMO ABSTRATO AMERICANO: UMA INTRODUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, com os Estados Unidos no auge de seu poder social e econômico, iniciou-se a busca por uma formação e solidificação de uma arte inteiramente americana, na qual pudesse expressar todo o seu espírito jovem e livre, assim como, seu estilo de vida (Argan, 1992, p. 525). Deste modo, durante as décadas de 1940 e 1950, surge por meio de um grupo de artistas estadunidenses e residentes, um movimento artístico na qual foram destaque da época, ficando conhecido como Expressionismo Abstrato Americano.

Da mesma forma que os expressionistas alemães, estes jovens sentiam a necessidade de uma arte significativa que pudesse transmitir as emoções interiores do homem, além de explorar cada etapa do processo de produção e seus aspectos pictóricos como cores, gestos e formas, como mecanismo principal para enfrentar um mundo absurdo e irracional (Dempsey, 1991, p. 188).

A solidificação do expressionismo abstrato foi exaltada pela crítica americana com grande contentamento, referindo suas obras expressivas ao espírito jovial, moderno e impulsivo da vida americana, assim como o seu ideal de liberdade excessivamente disseminado no pós-guerra.

Apesar de seus elementos abstratos, dos gestos expansivos e descontraídos, a nova pintura foi recebida com aclamação pelo público e instituições por suas poéticas afirmativas do chauvinismo americano daquele momento, relacionando-as com trinchas carregadas de matéria em pinceladas amplas e cores orquestrais (Lopes, 2012), tornando-se o primeiro movimento artístico inteiramente norte-americano a ter impacto internacional (Hodge, 2019, p. 33).

2. WILLEM DE KOONING: UM JOVEM EXPRESSIONISTA

Para os artistas do expressionismo abstrato americano, foi-se necessário eliminar em suas obras, temas que pudessem ser figurativos e/ou polêmicos, pois para eles, estes elementos são considerados dispersivos, além de extraviar a carga explosiva da ação pictórica (Argan, 1992). Um desses artistas foi Willem De Kooning (1904-1997), ao propor a substituição de um expressionismo figurativo por um “expressionismo abstrato”.

Ainda que nascido na Holanda, De Kooning (Figura 1) mudou-se para a cidade de Nova York, nos Estados Unidos em 1926, aos 22 anos, onde a partir de 1936, passou a dedicar-se exclusivamente à pintura. Sua formação artística diversificada, lhe permitiu ser um pintor eclético, podendo ser facilmente influenciado por outros elementos estéticos vindos de outros movimentos, como o Cubismo perceptível em suas pinturas (Hess, 2010).

Com a chegada da década de 1950, De Kooning assume uma linguagem ainda mais pessoal e complexa para questionar os componentes extraídos do cotidiano, resultando em uma desfragmentação e afastamento dos signos da realidade. Ainda assim, segundo o autor Gonçalves Leite (2013), suas obras não teriam significados específicos, “embora sob a origem de uma matriz realista, as formas são reinventadas e possuem significado por si só” (Leite, 2013, p.16).

Figura 1- Jovem Willem De Kooning entre suas pinturas (1946)



Fonte: Arquivo Smithsonian American Art Museum

Portanto, De Kooning passa a desenvolver sua própria versão da realidade, dissolvendo ou abstraindo elementos do cotidiano e de suas memórias, tornando-as por vezes, mais reconhecíveis ou mais abstratas (Leite, 2013, p.15). De Kooning apropria-se de vigorosas pinceladas para abstrair estes elementos, como é percebido pela crítica de arte Ana Avelar (2012), além disso, suas pinceladas seguem diferentes direções, registrando o gesto determinado do pintor, além de diversas camadas de tinta sobrepostas a qual são aplicadas, raspadas e refeitas, como se a obra ainda estivesse em processo (Avelar, 2012, p. 205).

2.1 **Análise de obra: *Woman I* (1950-1952) de Willem De Kooning**

Apesar da ausência de significados específicos nas obras do artista, sua pintura de caráter abstrato é dotada de diversos elementos estruturais como linhas, planos, texturas e cores, o que segundo o autor Leite (2011), “possuem qualidades perceptivas e emocionais, cada uma com seu peso e suas implicações que devem ser analisadas, a fim de proporcionar sua definição e

descrição, mesmo que o artista utilize várias linguagens em um único trabalho" (Leite, 2011, p.57).

Em concordância com o autor e partindo do pressuposto da formalidade abstrata apropriada por De Kooning, ainda assim, nota-se nas obras do artista um pendular entre a abstração e a figura humana, como é o caso de *Woman I* (1950-1952) (Figura 2), uma das pinturas mais conhecidas do artista e uma das primeiras de uma série de experimentos desenvolvidos por ele entre as décadas de 1940 e 1950, e que sofrem alterações ao longo dos anos.

Figura 2- Woman I (1950-1952) de Willem De Kooning. Óleo sobre tela de 192,8 x 147,3 cm



Fonte: Acervo The Metropolitan Museum of Art

É difícil imaginar que uma das pinturas mais conhecidas do artista, mal tenha saído do seu ateliê. De Kooning que frequentemente compunha suas obras diretamente na tela, já havia desistido de prosseguir com a mesma durante o processo de esboço até receber em seu ateliê, no ano de 1952, a visita do renomado historiador da arte Meyer Schapiro (1904-1996) que incentivou-o a retomar à obra (Hess, 2010).

Apesar do sucesso de *Woman I*, nem todos os espectadores e críticos de arte daquele período, estiveram a favor da obra, seja por apresentar elementos que permeavam-se entre a figura e a completa abstração, seja pela imagem aparentemente negativa apresentada na obra, o que para a autora Hess (2010), seria uma "superfície de projeção da agressão masculina" (Hess, 2010, p.56).

De certo modo, compreende-se a desaprovação da crítica ao referir-se a pintura como um meio-termo entre a figura e a abstração, visto que, naquele período, o expressionismo abstrato americano estava em foco como principal movimento artístico, em especial por sua característica inteiramente abstrata. Em contraste, há certa sagacidade do artista a fundir-se entre estes elementos, visto que, a abstração não é um desligamento total da realidade, mas uma interpretação da mesma, podendo alcançar o universo subjetivo do artista, como já estudado pelo crítico e filósofo John Dewey (2010).

As cores frias da pintura, sorrateiramente surpreendidas por tons mais quentes, podem, de fato, desencadear certa negatividade e/ou desconforto, que fundem-se com pinceladas raivosas e texturas grotescas, como se tivessem sido produzidas com brutalidade. A figura deformada[3] característica do movimento expressionista, também chama a atenção por seus olhos grandes, dentes alargados e seios à mostra, evidenciando um corpo despido indelicadamente. Entretanto, a obra chama a atenção por sua gestualidade voraz, que parece roubar a cena ainda que presente em segundo plano, da mesma forma, que somos apresentados a um pequeno gotejamento ao lado direito, rastro de um pincel carregado de tinta, ou mesmo de um *dripping*[4] particular do movimento expressionista abstrato americano.

[3] Segundo o autor Norbert Wolf (2010), os dogmas da arte expressionista, além de adotar uma subjetividade extrema, também faz-se a partir do desejo de libertação através das cores violentas e da simplicidade das formas. Assim, o exagero deformante torna-se o equivalente da impregnação do material pelo espírito. Essas características são encontradas em pesados contrastes, em formas agudas e nos traços muito marcados, manifestando uma estética da brutalidade e fealdade como mote para o afastamento das belas artes (Wolf, p. 152, 2010).

[4] Técnica artística desenvolvida por Jackson Pollock (1912-1956) ao gotejar e respingar tintas diretamente na tela disposta ao chão. O artista pinta caminhando ao redor da tela, ou sobre ela, para sentir-se dentro da obra. Desse modo, o ato de pintar torna-se o centro da criação, valorizando-se principalmente o movimento do corpo (Paes de Paula, 2016).

3. O RETORNO DA PINTURA: UMA NOVA GERAÇÃO

Com o final dos anos sessenta e início dos anos setenta, as vanguardas artísticas entram em crise por meio do esgotamento de inovação constante, perdendo o sentido de novidade na arte e surgindo a percepção de que, a renovação contínua, não necessariamente implicasse em progresso artístico e cultural, apesar de que também, existam fatores sócio-políticos e econômicos externos que contribuíram ativamente para a suposta crise. Este momento ficou conhecido como Pós Moderno (Araujo, 2001).

Já para o crítico de arte italiano Achille Bonito Oliva (1982 *apud* Reis, 2023, p.26), as produções pós modernas se caracterizam em torno do prazer como qualidade fundamental na realização e apreciação da obra de arte, o que segundo ele, havia sido deixado de lado com o alto comprometimento com a história exercido pelo modernismo.

Estas manifestações que fundamentam-se entre os elos modernos e contemporâneos, iriam reafirmar-se por meio das ressonâncias do celebrado retorno a pintura na década de 1980, marcado por seus ecos oriundos das novas versões do expressionismo, entre elas, a Transvanguarda Italiana e o Neoexpressionismo Alemão (Eiró, Filho, Veiga, 2002). No Brasil, esta tendência ficou conhecida como Geração 80, tornando-se especialmente popular nos eixos Rio-São Paulo, mas também, em outras localidades brasileiras como na região Norte, em Belém, contagiando uma nova geração de artistas na qual renderam-se aos prazeres da pintura, seja no processo artístico artístico, seja nas conversas sobre arte.

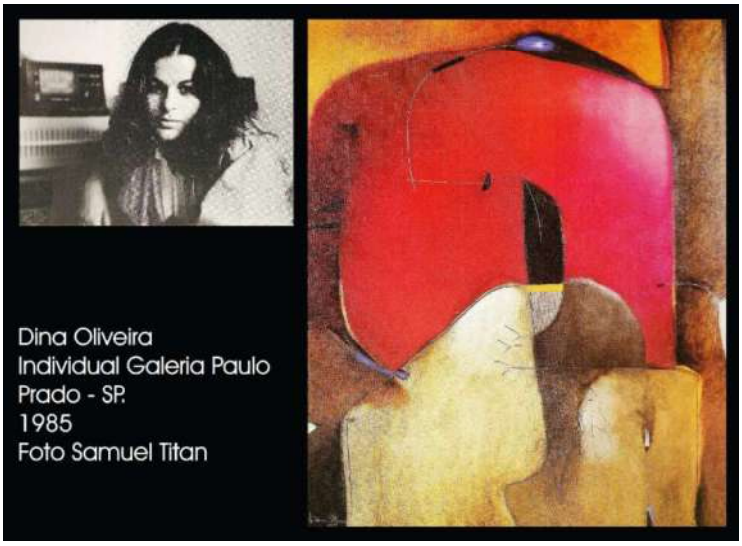
4. DINA DE OLIVEIRA: REFLEXO DE UMA GERAÇÃO

Nascida em Belém e mergulhada por vivências que iniciam-se no curso de Arquitetura da Universidade Federal do Pará (FAU/UFPA), Dina de Oliveira (1951) (Figura 3) é um reflexo de uma geração[5] que formou-se em arquitetura

[5]Entre esta geração de artistas vindos do curso de arquitetura da Universidade Federal do Pará: Emmanuel Nassar, Luiz Braga, Osmar Pinheiro Júnior, Ronaldo Moraes Rêgo, Henrique Penna e Neder Charone.

mas que direcionou sua carreira, especialmente, para o desenho e pintura. Este percurso foi muito comum entre os artistas do início da década de 1980, visto que, ainda não existiam cursos universitários inteiramente voltados para as artes visuais, tendo o curso de arquitetura da UFPA, o mais aproximado para quem desejasse estudar desenho e pintura (Medeiros, 2012, p.1901).

Figura 3- Dina de Oliveira para sua individual na Galeria Paulo Prado em São Paulo (1985)



Fonte: Laboratório Virtual da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (FAU/UFPA)

Ainda assim, sua trajetória como artista visual começou cedo ao expor pela primeira vez em 1965, no Salão de Artes Plásticas da UFPA. Já em 1968, recebeu o Prêmio Caju de Prata no 1º Simpósio da Juventude Amazônica, dando início a diversos prêmios e participações em inúmeros salões de arte entre Belém, São Paulo e outros.

Além de seu repertório artístico fundamentado pela arquitetura e artes visuais, Dina também teve contato com renomados mestres como Benedito Nunes (1929-2011) e seu padrinho Ruy Meira (1921-1995), o que talvez, possa ter contribuído para a continuidade de sua formação acadêmica como mestra em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo (USP) e mais tarde, como professora da Universidade Federal do Pará (UFPA).

4.1 **Análise de obra: Sem título (1951) de Dina de Oliveira**

Como já mencionado anteriormente, a década de 1980 impulsionou novas reflexões e manifestações artísticas por meio das tendências de retorno à pintura e Transvanguarda Italiana. O mesmo ocorreu no cenário artístico contemporâneo paraense por meio de diversos artistas desta geração, entre eles, Dina de Oliveira que, ao produzir a obra Sem título (1983) (Figura 4), conseguiu transparecer um reflexo claro deste emblemático parâmetro da Transvanguarda.

Figura 4- Sem título (1983) de Dina de Oliveira. Óleo sobre tela de 93 x 73 cm



Fonte: Acervo do Museu da Universidade Federal do Pará

O nu feminino chama a atenção por seu aspecto moderno, quase cubista e de sombreado acentuado. Entretanto, o corpo apresenta-se em deformidade, com olhos tortos e braços longos aparentemente torcidos, como se estivesse em mutação. Dado o marco temporal, o trabalho torna-se um interessante reflexo das manifestações contemporâneas, assim como, das possíveis tensões entre as produções neoexpressionistas, haja vista as novas e possíveis reflexões por

meio da figura, rompendo definitivamente com a ideia de representação do real, para uma representação subjetiva (Puls, 1998).

É pertinente salientar, que assim como De Kooning, Dina também permeia entre a figuração e a completa abstração. De modo geral, as obras de Dina apresentam-se esteticamente como abstrações, entretanto, ao debruçar-se na produção de Sem Título, podemos notar elementos diversos vindos da história da arte, como o expressionismo dado o seu aspecto grotesco, melancólico e dilacerado, até um cubismo por suas formas geométricas, pontiagudas e tonalidades sóbrias. Ao contrário de De Kooning, que apesar de conter as mesmas características de vanguarda em *Woman I*, prefere assumir cores mais quentes e contrastantes, assim como sua textura mais espessa e desigual, em contraponto à textura mais uniforme de Dina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das poéticas de De Kooning, e as representações de Dina de Oliveira, podemos ressaltar que ainda que uma obra apresente-se de forma abstrata, não podemos afirmar que não haja menções ao mundo real, podendo ser uma possível tensão entre a figuração e a subjetividade. O momento de produção de ambos os trabalhos também é interessante, pois marcam dois panoramas temporais que entrelaçam-se, estes: o expressionismo abstrato americano em 1950 e a transvanguarda em 1980.

Ao identificar elementos vindos das vanguardas artísticas na obra de Dina de Oliveira, podemos considerá-la um reflexo das produções internacionais, assim como, a inserção da arte contemporânea paraense como parte da Geração 80, enfatizando os discursos que vão muito além dos eixos Rio-São Paulo.

Finalmente, apesar de características estéticas muito similares e de movimentos que se cruzam ao passar das décadas, as obras assumem poéticas únicas que vão muito além das relações entre expressionismo e transvanguarda, englobando consigo, aspectos particulares de cada região e de cada vivência subjetiva.

REFERÊNCIAS

ANFAM, David. **Expressionismo Abstrato**. 1ª Edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ARAUJO, M. DE. **Breve paralelo entre arte moderna e arte pós-moderna**. Educação, p. 19–26, 2001.

ARGAN, G. C. **Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DE AVELAR FERNANDES, Ana Candida Franceschini. **Por uma arte brasileira: modernismo, barroco e abstração expressiva na crítica de Lourival Gomes Machado.** 2012.

DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos**. tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010

EIRÓ, Jorge Leal; KLAUTAU FILHO, Mariano; VEIGA, Luiz. **CONTEMPORÂNEOS MODERNOS, MODERNOS CONTEMPORÂNEOS. VOL I. (Des)figurações**. [Folder]. Belém, 2022.

HESS, Barbara. Uma busca constante do próprio ser. In: **Arte Moderna**. Taschen, 2010.

HODGE, Susie. **Breve história da arte moderna: um guia de bolso para os principais movimentos, obras, temas e técnicas**. São Paulo: Editorial Gustavo Gilli, 2019.

LEITE, LCFG. **Experiência expressiva: reflexões sobre a pintura de Willem de Kooning e Jorge Guinle Filho, contextos e linguagens**. 2013.

LEITE, Luiz Carlos. **PINTURA ABSTRATA INFORMAL: POÉTICA E LINGUAGEM EM WILLEM DE KOONING**. Revista do Colóquio, v. 1, n.1, p.52–62. 2011.

LOPES, Almerinda. **O discurso crítico e a Abstração Informal: da contradição à revisão de conceitos**. Visualidades, v. 10, n. 1, 2012.

MEDEIROS, Afonso. **80/90 do 20: AS ENCRUZILHADAS HISTÓRICO GEOGRÁFICAS DE UMA GERAÇÃO**. 11º Encontro da ANPAP . 2012.

PULS, Maurício. **O significado da pintura abstrata**. São Paulo: Perspectiva, 1998

REIS, RONALDO. **Da crítica de arte na imprensa brasileira: revendo e atualizando a arte e a crítica nos anos 1980**. Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas - ISSN 1981-061X, v. 28, n. 2, p. 20–43, 2023.

WOLF, Norbert. Um Rolo de Carne Alemão Metafísico. In: **Arte Moderna**. Taschen, 2010.

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA

CONFLUÊNCIAS 2024

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

CAPES

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

UNAMA
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA
EXCELÊNCIA POR NATUREZA
50 anos

Programação geral

17 a 20 de setembro

Terça-feira (17/09)

Tarde

Credenciamento

Horário: 14h às 18h30

Local: Galeria de Artes Graça Landeira (UNAMA Alcindo Cacela)

Simpósios Temáticos (STs)

ST1: INTERSEÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO AMAZÔNICO

Coordenação:

Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro

Profª. Drª. Rosângela Araújo Darwich

Doutorando Luis Fernando Ribeiro Almeida

Sala: D301 – Bloco E, 3º Andar (UNAMA Alcindo Cacela)

Horário: 14h às 18h

O PAPAGAIO E NEGO TINTA

Ana Cláudia de Almeida Monteiro

José Guilherme de Oliveira Castro

A SELVA DESCONSTRUÍDA: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES AMAZÔNICAS NA OBRA DE FERREIRA DE CASTRO

Ingrid Nascimento Batista

Cleuma Roberta de Souza Marinho

José Adnilton Oliveira Ferreira

VIDAS PERIFÉRICAS: REGISTRO FOTOGRÁFICO AMAZÔNICO DE BRUNO CARACHESTI
Ana Clara Solon Rufino
Rosângela Araújo Darwich

PATRIARCALISMO EM "A HORA E VEZ" DE AUGUSTO MATRAGA
Luciléa dos Santos Albuquerque Baltazar
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda
Douglas Junio Fernandes Assumpção

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: CIÊNCIA OU FICÇÃO?
Paulo Uiris da Silva Gomes

ST3: NARRATIVAS, CIDADES E TECNOLOGIAS: UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA
Coordenação:
Profª. Drª. Maíra Evangelista de Sousa
Profª. Drª. Marcia Nunes
Doutorando Lucas Porto

Sala: D303 – Bloco E, 3º Anda (UNAMA Alcindo Cacela)
Horário: 14h às 18h

BELÉM NO CONTEXTO DAS CIDADES INTELIGENTES E MOBILIDADE URBANA
Edson Silva de Aquino Júnior
Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes
Amanda Roberta Botelho Menezes

CIDADES FLUTUANTES NA AMAZÔNIA: COISA DO PASSADO? OU A SOLUÇÃO PARA O FUTURO?
Ana Maria Schuch Araújo
Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes
Daiane Regina Valentini

A CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA PARA A SEGURANÇA PÚBLICA NA AMAZÔNIA
Juliana Salame de Lima Torres
Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

INFLUENCIADORES DIGITAIS: A REALIDADE INDÍGENA NARRADA NO INSTAGRAM DE NICE TUPINAMBÁ
Lucas Matheus Santos Porto

◆ Noite

Cerimônia de abertura

Profª. Drª. Maria Betânia Fidalgo Arroyo (Reitora da UNAMA)
Profª. Drª. Ana Maria Vasconcellos (Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da UNAMA)
Prof. Me. Éden Fernando Ferreira (Pró-Reitor de Ensino da UNAMA)
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros (Coordenador do PPGCLC/UNAMA)

Horário: 19h
Local: Auditório D200 (Unama Alcindo Cacela)

Conferência 1: "Amazônia Epistêmica: contranarrativas indígenas para um futuro ancestral"

Prof. Dr. André Demarchi (PPGCULT/UFT)
Mediação: Profª. Drª. Ivana Oliveira (PPGCLC/UNAMA)

Horário: 19h20
Local: Auditório D200 (UNAMA Alcindo Cacela)

Quarta-feira (18/09)

◆ Manhã

Seminário PDPG/CAPES Amazônia Legal: "Visões da Amazônia – pesquisas em diálogo

Amanda Botelho (Doutoranda PPGCLC/UNAMA)
Luna de Lucena (Doutoranda PPGCLC/UNAMA)
Walquíria de Almeida (Doutoranda PPGCLC/UNAMA)
Nathan Kabuenge (Pós-doutorando PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Edgar Chagas (Coordenador do Projeto - PPGCLC/UNAMA)
Lançamento de livros de discentes e egressos do PPGCLC/UNAMA

Horário: 9h às 12h
Local: Sala E402 (Unama Alcindo Cacela)

Tarde

Simpósios Temáticos (STs)

ST2: DIVERSIDADE E INCLUSÃO EDUCACIONAL E CORRELATAS EM SABERES E PRÁTICAS DE PROTAGONISMO AMAZÔNIDA
Coordenação:
Profª. Drª. Ana D'Arc Martins
Profª. Drª. Maria Betânia Fidalgo Arroyo
Doutoranda Cleuma Marinho

Sala: D301 – Bloco E, 3º Andar (UNAMA Alcindo Cacela)
Horário: 14h às 17h

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA AMAZÔNIA. DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES NA BUSCA PELA SEGUNDA CHANCE EDUCACIONAL
Ricardo Ribeiro
Jaqueline Bandeira

A EDUCAÇÃO INDÍGENA INTERCULTURAL PARA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA
Ingrid Nascimento Batista
Cleuma Roberta de Souza Marinho
José Adnilton Oliveira Ferreira

EDUCAÇÃO RIBEIRINHA: DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E CONTEXTUALIZADA
Raimunda Gomes Maciel
Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo
Ana D'Arc Martins de Azevedo

EXPERIÊNCIAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO DO CAMPO, UM REVELAR DE AÇÕES PARA A EFETIVA INCLUSÃO ESCOLAR
Dilma Terezinha da Silva Barreto
Maria Rosa da Luz Lopes da Conceição

ST6: AMAZÔNIA E SUAS TEMPORALIDADES: NARRATIVIZAÇÃO SOCIOCULTURAL DA REGIÃO COMO UM DEVIR SER

Coordenação:

Profª. Drª. Ivana Oliveira
Prof. Dr. Nathan Kabuenge
Doutoranda Luna Carvalho de Lucena

Sala: D303 – Bloco E, 3º Andar (UNAMA Alcindo Cacela)
Horário: 14h às 17h

CONEXÕES E CONTRASTES ENTRE A ACADEMIA DO PEIXE FRITO E O MOVIMENTO DO HIP-HOP EM BELÉM
Andressa D'Angellis Silva Santos
Talita de Oliveira Mendes
Marcos Valério Reis

O DESENVOLVIMENTO URBANO E APAGAMENTO CULTURAL AMAZÔNICO
Adrielle Silva Pinheiro
Antônio Darlan de O. Holanda
Gisele Regina Corrêa dos Santos

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NOS JORNAIS DE BELÉM DO PARÁ: REPRESENTAÇÃO, CULTURA E DISCURSO
Luna Carvalho de Lucena
Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira

<u>Lançamento de livro</u>: "Maria, Maria(s): Autoetnografia de uma mulher na gestão e na mudança da cultura organizacional"

Autora: Profª. Drª. Maria Betânia Fidalgo Arroyo (Reitora da Unama e docente do PPGCLC/UNAMA).

Horário: 17h
Local: Foyer do auditório David Mufarrej (UNAMA Alcindo Cacela)

Quinta-feira (19/09)

Tarde

Simpósios Temáticos (STs)

ST1: INTERSEÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO AMAZÔNICO
Coordenação:
Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro
Profª. Drª. Rosângela Araújo Darwich
Doutorando Luis Fernando Ribeiro Almeida

Sala: D303 – Bloco E, 3º Andar (UNAMA Alcindo Cacela)
Horário: 14h às 18h

GRUPO VIVENCIAL NA ESCOLA: ENCONTROS, TROCAS E REFLEXÕES
Jefferson Luis da Silva Cardoso
Rosângela Araújo Darwich

MINDFULNESS E LEITURA PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA EXPERIÊNCIA TERAPÊUTICA
Thainá Guimarães Durães Souza
Rosângela Araújo Darwich

EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA: DIFERENTES SENTIDOS DO CONHECIMENTO
Matheus Reichelt Flores
Rosângela Araújo Darwich

RESILIÊNCIA E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA REGIÃO AMAZÔNICA
Marlene Silva de Moura
Rosângela Araújo Darwich

ST2: DIVERSIDADE E INCLUSÃO EDUCACIONAL E CORRELATAS EM SABERES E PRÁTICAS DE PROTAGONISMO AMAZÔNIDA

Coordenação:

Profª. Drª. Ana D'Arc Martins
Profª. Drª. Maria Betânia Fidalgo Arroyo
Doutoranda Cleuma Marinho

Sala: D301 – Bloco E, 3º Andar (UNAMA Alcindo Cacela)
Horário: 14h às 18h

ENSINO COLABORATIVO: INCLUSÃO DOS ALUNOS COM AUTISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS
Maria Rosa da Luz Lopes da Conceição
Dilma Terezinha da Silva Barreto

AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO ESTRUTURADO NA PRÁTICA DOCENTE NA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA
Cristina Picanço de Sousa Corrêa

DISLEXIA: FORMAÇÃO PARA FAMÍLIA E DESAFIOS ENFRENTADOS
Walquíria Marcelina de Almeida
Alzira Maria Mendes Ferreira Passos
Rosangela Araújo Darwich

POLÍTICAS DE INCLUSÃO PARA REDE REGULAR DE ENSINO EM MACAPÁ-AP: FORMAÇÃO DOCENTE
Maria Rosa da Luz Lopes da Conceição
Ronaldo Manassés Rodrigues Campos

Noite

Conferência 2: "Império, crise global e a alternativa amazônica"

Prof. Dr. Romero Ximenes (IFCH/UFPA)
Mediação: Prof. Dr. Edgar Chagas (PPGCLC/UNAMA)

Horário: 19h
Local: Auditório D200 (UNAMA Alcindo Cacela)

Sexta-feira (20/09)

Manhã

Mesa-Redonda "Expressões Amazônicas"

"Expressões das juventudes amazônidas" - com Profª. Me. Amanda Modesto.
"Festas de aparelhagem e suas práticas de consumo" - com Prof. Dr. Hans Costa.
"Belém dos rios: por que ainda não a conhecemos?" - com Jornalista Alan Bordallo.

Horário: 9h às 11h
Local: Auditório David Mufarrej (UNAMA Alcindo Cacela)

Tarde

Simpósios Temáticos (STs)

ST4: EXPRESSÕES DA DIVERSIDADE CULTURAL AMAZÔNICA E RESISTÊNCIA ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS
Coordenação:
Prof. Dr. Thiago Almeida Barros
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior
Doutoranda Lícia Mara Oliveira

ST5: VOZES E ESCRITURAS NA AMAZÔNIA: CONEXÕES ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
Coordenação:
Profª. Drª. Maria do Céu Santos
Prof. Dr. Douglas Fernandes
Doutorando André Cunha

Sala: D303 – Bloco E, 3º Andar (UNAMA Alcindo Cacela)
Horário: 14h às 18h

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO A EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA
Adrielle Silva Pinheiro

MEU PARÁ DO CURIMBÓ RITMADO AO ERUDITO CARIMBOLESCO DE SERGUEI FIRSANOV
Natália Cristina dos Santos Silva da Costa
Eduardo Soares Neves de Oliveira

DIVERSIDADE CULTURAL NAS VOZES DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS RIBEIRINHAS DE BELÉM/PA
Jefferson Luis da Silva Cardoso
Rosângela Araújo Darwich

VOZES E ESCRITURAS NA AMAZÔNIA: O LEGADO DE DULCINÉIA PARAENSE PARA A LITERATURA
Luci Mary Corrêa Lopes

ST7: AMAZÔNIAS: (DIS)SIMULAÇÕES, (DES)LEITURAS E (DES)ENREDOS ENTRE LITERATURA, IMAGEM E ARTES VISUAIS
Coordenação:
Prof. Dr. Mariano Klautau
Prof. Dr. Paulo Nunes

Sala: D301 – Bloco E, 3º Andar (UNAMA Alcindo Cacela)
Horário: 14h às 18h

ENTRE O REAL E O SOBRENATURAL: ANÁLISE DO CONTO PROCISSÃO DAS ALMAS
Claudio Guedes de Souza
Rafaella Contente Pereira da Costa

A ALEGORIA DO URUBU EM CASTANHA DO PARÁ
Ellen Aline da Silva de Sousa
Marina Ramos Neves de Castro

A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DA AMAZÔNIA CONTEMPORÂNEA: REPRESENTAÇÕES E DISCUSSÕES NAS OBRAS DE MARISE MAUÉS E DIAS JR.
Leonardo José Góes Oliveira

UM OLHAR EM EIMAR TAVARES, COMUNICAÇÃO E IMAGEM COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA
William Silva de Araújo
Natália Cristina dos Santos Silva da Costa

ARTIVISMO: A EVOLUÇÃO DA ARTE COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E POLÍTICA
Ana Luiza Cavallare Ferreira
Vera Maria Segurado Pimentel

CORPOS EXPRESSIVOS: NARRATIVAS VISUAIS ENTRE AS OBRAS DE WILLEM DE KOONING E DINA DE OLIVEIRA
Yasmin Gomes

CONGRESSO ANUAL DE COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA DA/NA AMAZÔNIA

CONFLUÊNCIAS 2024

ISBN: 978-65-01-32318-3

CAPES

PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

UNAMA
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA
EXCELÊNCIA POR NATUREZA
50 anos